

7-5
ANUÁRIO

DA

FACULDADE DE FILOSOFIA
CIÊNCIAS E LETRAS

(Universidade de São Paulo)

1951



SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

1953

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR

Prof. Dr. Ernesto de Moraes Leme

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

DIRETOR

Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

VICE-DIRETOR

Prof. Dr. Paulo Sawaya

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Profs. Drs. Eduardo d'Oliveira França, Aroldo de Azevedo, Fernando de Azevedo, Mário Pereira de Souza Lima, Paulo Sawaya e Viktor Leinz.



SECRETÁRIO

Odilon Nogueira de Matos



Enderêço: Rua Maria Antônia, 294 — Caixa Postal, 8.105
São Paulo - Brasil

ANUÁRIO

da

FACULDADE de FILOSOFIA
CIÊNCIAS e LETRAS

1951.



ANUÁRIO

DA

FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS

(Universidade de São Paulo)

1951



SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

1952



APRESENTAÇÃO

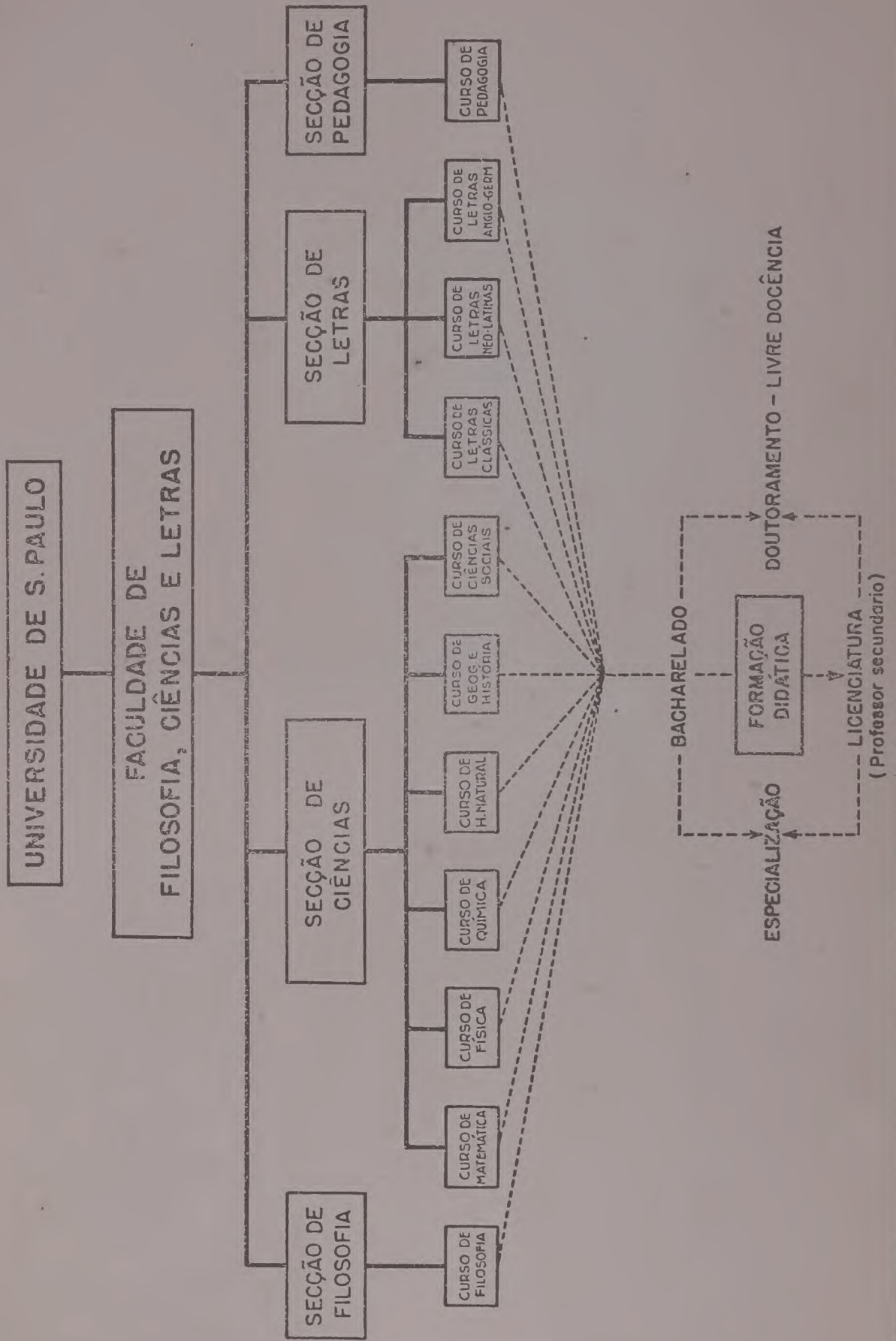
Cumprindo determinação do Exmo. Sr. Diretor, Prof. E. Simões de Paula, a Secção de Publicações tem a satisfação de apresentar o Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, relativo ao ano de 1951, dando prosseguimento com êste volume, ao seu programa de atualização das publicações informativas desta Instituição.

Idealizado e realizado como o Anuário de 1950, num plano inteiramente diverso do que foi seguido pela Faculdade nas publicações congêneres, relativas aos seus primeiros anos de vida, o volume ora publicado procurou atingir o mesmo objetivo do Anuário anterior: retratar, de maneira simples, porém exata, as atividades da Faculdade.

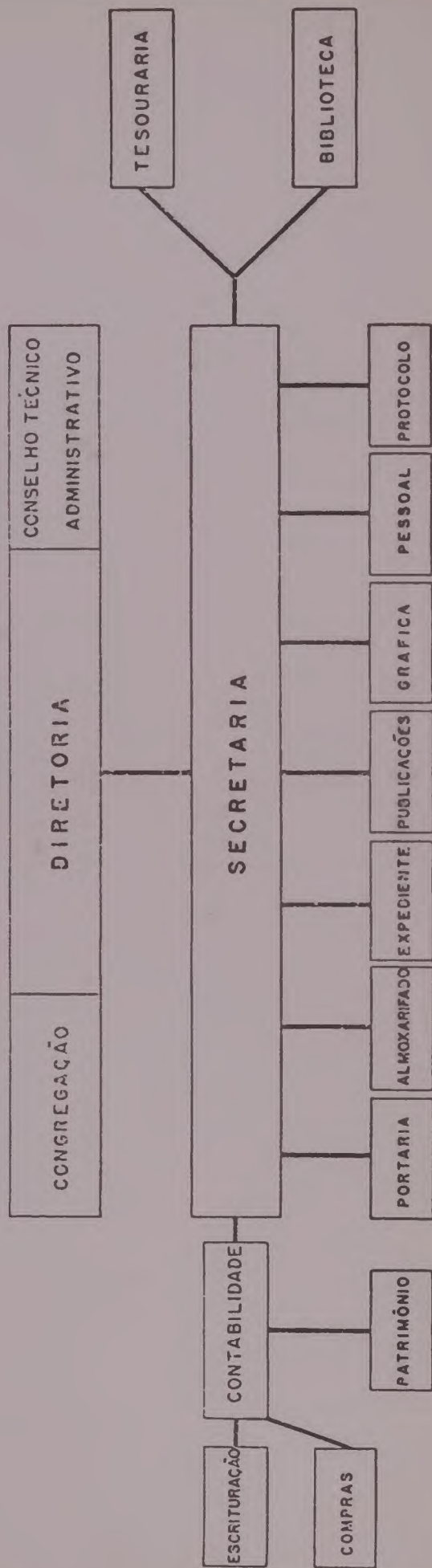
Ao Sr. Diretor e ao Sr. Secretário, a Secção de Publicações sente-se no dever de testemunhar o seu agradecimento, pelo apôio, compreensão e colaboração, que a ela dispensaram, e sem o que não teria sido possível prosseguir em trabalho desta natureza. Agradece, também, aos Srs. Professôres, Assistentes e Auxiliares de Ensino, as informações prestadas para a parte mais importante do Anuário — as atividades das Cadeiras e Departamentos — na qual vão transcritos os relatórios enviados. Agradece, ainda, a tôdas as Secções Administrativas da Faculdade, que facilitaram a coleta de dados indispensáveis à elaboração dêste Anuário.



ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
ADMINISTRAÇÃO



I - Secções e Cursos



I. SECÇÃO DE FILOSOFIA

Curso de Filosofia

Filosofia (Introdução à Filosofia, Filosofia Geral, Lógica,
Ética e Estética)

História da Filosofia

Psicologia

Sociologia

II. SECÇÃO DE CIÊNCIAS

1. Curso de Matemática

Álgebra (topologia plana)

Análise Matemática

Análise Superior

Cálculo Vetorial

Complementos de Geometria

Complementos de Matemática

Crítica dos Princípios

Física Geral e Experimental

Física Teórica e Matemática

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva

Geometria Superior

Mecânica Racional e Celeste

2. Curso de Física

Análise Matemática

Cálculo Vetorial

Complementos de Geometria

Física Geral e Experimental

Física Superior

Física Teórica e Matemática

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva

Mecânica Analítica

Mecânica Racional e Celeste

3. Curso de Química

Complementos de Matemática

Física Geral e Experimental

Físico-química

Mineralogia

Química Analítica Qualitativa e Quantitativa

Química Geral e Inorgânica

Química Orgânica e Biológica
Química Superior

4. Curso de História Natural

Biologia Geral
Botânica
Física Geral e Experimental
Fisiologia Geral e Animal
Geologia e Paleontologia
Mineralogia e Petrografia
Química
Zoologia

5. Curso de Geografia e História

Antropologia
Elementos de Cartografia
Elementos de Geologia
Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani
Geografia do Brasil
Geografia Física
Geografia Humana
História da Civilização Antiga e Medieval
História da Civilização Moderna e Contemporânea
História da Civilização Americana
História da Civilização Brasileira

6. Curso de Ciências Sociais

Antropologia
Complementos de Matemática
Economia Política e História das Doutrinas Econômicas
Ética
Etnografia
Estatística Geral e Aplicada
Geografia Humana
História da Filosofia
Política
Psicologia Social
Sociologia

III. SECÇÃO DE LETRAS

1. Curso de Letras Clássicas

Filologia e Língua Portuguesa
Filologia Românica

Glotologia Clássica
História Greco-romana
Língua e Literatura Grega
Língua e Literatura Latina
Literatura Brasileira
Literatura Portuguêsa

2. Curso de Letras Neolatinas

Filologia e Língua Portuguêsa
Filologia Românica
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana
Língua e Literatura Francesa
Língua e Literatura Italiana
Língua e Literatura Latina
Literatura Brasileira
Literatura Portuguêsa

3. Curso de Letras Anglo-germânicas

Filologia Germânica
Filologia e Língua Portuguêsa
História da Civilização Medieval
Língua Inglêsa e Literatura Inglêsa e Anglo-americana
Língua e Literatura Alemã
Língua e Literatura Latina

IV. SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Curso de Pedagogia

Administração Escolar e Educação Comparada
Complementos de Matemática
Estatística
Fundamentos Biológicos da Educação
Higiene Escolar
História da Filosofia
História e Filosofia da Educação
Pedagogia
Psicologia Educacional
Sociologia



II - Corpo Docente



PROFESSÔRES

- ABRAHÃO DE MORAES — Licenciado em Ciências Físicas e Matemáticas; Livre-docente da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo — Prof. substituto de Mecânica Racional e Mecânica Celeste.
- ALFRED BONZON — Licenciado em Letras; Bacharel em Teologia; Diploma de Estudos Superiores de Letras; “Agrége” de Letras — Prof. contratado de Língua e Literatura Francesa.
- ALFREDO ELLIS JÚNIOR — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Brasileira.
- ALUÍSIO DE FARIA COIMBRA — Licenciado em Letras Clássicas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado de Língua e Literatura Grega.
- ANDRÉ DREYFUS — Doutor em Medicina — Prof. catedrático de Biologia Geral.
- ANNITA DE CASTILHO E MARCONDES CABRAL — Licenciada em Filosofia e em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais; Doutora em Filosofia — Prof. interina de Psicologia.
- AROLDO DE AZEVEDO — Licenciado em Geografia e História; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de Geografia do Brasil.
- ARY FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. catedrático de Geografia Humana.
- ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Americana.
- BENEDITO CASTRUCCI — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva.
- CÂNDIDO LIMA DA SILVA DIAS — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências — Prof. catedrático de Complementos de Geometria e Geometria Superior.

CHARLES MORAZE' — Licenciado em Letras; "Agrégé" de História — Prof. contratado de Política.

DAVID BOHM — Professor associado da Universidade de Princeton — Prof. contratado de Física Teórica e Matemática.

EDISON FARAH — Licenciado em Ciências Matemáticas; Doutor em Ciências — Prof. interinc de Análise Superior.

EDUARDO ALCÂNTARA DE OLIVEIRA — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Estatística (1.^a cadeira).

EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

EGON SCHADEN — Licenciado em Filosofia; Doutor em Ciências — Prof. substituto de Antropologia.

ÉMILE G. LÉONARD — Doutor em Letras; Prof. da "École des Hautes Études" — Prof. contratado de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

EMÍLIO WILLEMS — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Antropologia.

ERNESTO MARCUS — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Zoologia.

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval.

FÉLIX RAWITSCHER — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Botânica.

FERNANDO DE AZEVEDO — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Curso superior de Línguas e Literaturas Clássicas — Prof. catedrático de Sociologia (2.^a cadeira).

FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA — Licenciado em Ciências Matemáticas — Prof. catedrático de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.

FIDELINO DE FIGUEIREDO — Diploma de Estudos Superiores de Letras — Prof. contratado de Literatura Portuguêsa.

FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO — Doutor em Filosofia e Bacharel em Direito Canônico e Teologia — Prof. catedrático de Filologia e Língua Portuguêsa.

GILLES GASTON GRANGER — Licenciado em Filosofia; Diploma de Estudos Superiores de Filosofia; “Agrége” de Filosofia — Prof. contratado de Lógica e Estética.

HANS STAMMREICH — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Física Superior.

HEINRICH HAUPTMANN — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Química Orgânica e Biológica.

HEINRICH RHEINBOLDT — Doutor em Filosofia — Prof. contratado de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica.

ÍTALO BETTARELLO — Licenciado em Línguas Estrangeiras; Doutor em Letras — Prof. contratado de Língua e Literatura Italiana.

JOÃO CRUZ COSTA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia — Prof. interino de Filosofia.

JOÃO DIAS DA SILVEIRA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. catedrático de Geografia Física.

JOHN FRANCIS TUOHY — Prof. contratado de Língua Inglêsa e Literatura Inglêsa e Anglo-americana.

JOSE' QUERINO RIBEIRO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Administração Escolar e Educação Comparada.

LAERTE RAMOS DE CARVALHO — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia — Prof. interino de História e Filosofia da Educação.

LÍVIO TEIXEIRA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia; Bacharel em Teologia e em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino de História da Filosofia.

LUÍS AMADOR SÁNCHEZ — Bacharel em Direito — Prof. contratado de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana.

MARCELLO DAMY DE SOUZA SANTOS — Licenciado em Ciências Físicas — Prof. contratado de Física Geral e Experimental.

MARIO PEREIRA DE SOUZA LIMA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de Literatura Brasileira.

MÁRIO SCHENBERG — Licenciado em Ciências Físicas; Engenheiro civil — Prof. catedrático de Mecânica Racional e Mecânica Celeste (em licença).

MÍLTON DA SILVA RODRIGUES — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Estatística (2.^a cadeira).

NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER — Professôra normalista; Diploma de especialização em Psicologia Educacional — Prof. catedrática de Psicologia Educacional.

OMAR CATUNDA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Análise Matemática.

ONOFRE DE ARRUDA PENTEADO JÚNIOR — Professor normalista — Prof. catedrático de Didática Geral e Especial.

OSCAR SALA — Licenciado em Física — Prof. contratado de Física Nuclear.

PAUL HUGON — Doutor em Direito — Prof. contratado de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

PAULO SAWAYA — Doutor em Medicina — Prof. catedrático de Fisiologia Geral e Animal. — Livre-docente de Zoologia.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado de Língua e Literatura Alemã.

PIERRE HAWELKA — Licenciado em Letras; “Agrégé” de Letras — Prof. auxiliar de Língua e Literatura Francesa.

PLÍNIO AYROSA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.

ROGER BASTIDE — Licenciado em Filosofia; “Agrégé” de Filosofia — Prof. contratado de Sociologia (1.^a cadeira).

ROLDÃO LOPES DE BARROS — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História e Filosofia da Educação.

REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA — Engenheiro civil — Prof. catedrático de Mineralogia e Petrografia.

SIMÃO MATHIAS — Licenciado em Ciências Químicas; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Físico-química.

THEODORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Bacharel em Teologia — Prof. catedrático de Filologia Românica.

URBANO CANUTO SOARES — Doutor em Letras — Prof. contratado de Língua e Literatura Latina.

VIKTOR LEINZ — Doutor em Filosofia — Prof. catedrático de Geologia e Paleontologia.

*

LIVRES-DOCENTES

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA — de Literatura Brasileira.

ANTÔNIO SALLES CAMPOS — de Literatura Brasileira.

ANTÔNIO SOARES AMÓRA — de Literatura Portuguêsa.

CRODOWALDO PAVAN — de Biologia Geral.

DIRCEU LINO DE MATTOS — de Geografia Humana.

DORA CALDEIRA DE BARROS — de Metodologia do Ensino Secundário.

DORIVAL TEIXEIRA VIEIRA — de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

EMÍLIO WILLEMS — de Sociologia.

JAMIL ALMANSUR HADDAD — de Literatura Brasileira.

JOSÉ OSWALD DE SOUZA ANDRADE — de Literatura Brasileira.

JOSÉ DE SÁ NUNES — de Filologia e Língua Portuguêsa.

JOSUÉ CAMARGO MENDES — de Geologia e Paleontologia.

LOURIVAL GOMES MACHADO — de Política.

MANOEL CERQUEIRA LEITE — de Literatura Brasileira.

MÁRIO GUIMARÃES FERRI — de Botânica.

ODILON ARAUJO GRELLET — de História da Civilização Americana.

PAULO SAWAYA — de Zoologia.

PEDRO MOACYR CAMPOS — de História da Civilização Antiga e Medieval.

*

ASSISTENTES

AMÉLIA AMERICANO DOMINGUES DE CASTRO — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Pedagogia — Ass. de Didática Geral e Especial.

- ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente e Ass. de Literatura Portuguesa.
- ANTÔNIO BRITO CUNHA — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Ass. de Biologia Geral.
- ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA — Licenciado em Ciências Sociais; Livre-docente de Literatura Brasileira — Ass. de Sociologia (2.^a cadeira).
- ARMANDO TONIOLI — Licenciado em Letras Clássicas — Ass. de Língua e Literatura Latina.
- ARRIGÓ L. ANGELINI — Licenciado em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.
- AYLTHON BRANDÃO JOLY — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Botânica.
- CARLA INAMA — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Língua e Literatura Italiana.
- CARLOS CORRÊA MASCARO — Licenciado em Ciências Sociais — Ass. de Administração Escolar e Educação Comparada.
- CARLOS DRUMOND — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Ass. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.
- CAROLINA MARTUSCELLI — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Psicologia.
- CHAIM SAMUEL HÖNIG — Licenciado em Matemática — Ass. de Geometria Superior.
- CRODOWALDO PAVAN — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Biologia Geral — Ass. de Biologia Geral.
- DINORAH DA SILVEIRA CAMPOS PECORARO — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Filologia e Língua Portuguesa.
- DIVA DINIZ CORRÊA — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Zoologia.
- DOMINGOS VALENTE — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.
- ELINA DE OLIVEIRA SANTOS — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Ass. de Geografia Física.

- ELLY SILVA — Licenciado em Física — Ass. de Física Geral e Experimental.
- ELZA FURTADO GOMIDE — Licenciada em Matemática; Doutora em Ciências — Ass. de Análise Matemática.
- ENNIO SANDOVAL PEIXOTO — Licenciado em Letras Neolatinas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Ass. de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.
- ERASMO GARCIA MENDES — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.
- ERNESTO GIESBRECHT — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Ass. de Química Geral e Inorgânica.
- EURICO DE CARVALHO FILHO — Licenciado em Química — Ass. de Físico-química.
- FLORESTAN FERNANDES — Licenciado em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Ass. de Sociologia (2.^a cadeira).
- GERALDO DOS SANTOS LIMA FILHO — Licenciado em Matemática — Ass. de Estatística (1.^a cadeira) e de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva.
- GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA — Licenciada em Ciências Sociais; Doutora em Ciências — Ass. de Sociologia (1.^a cadeira).
- GIOCONDA MUSSOLINI — Licenciada em Ciências Sociais e Políticas; Mestra em Ciências Sociais — Ass. de Antropologia.
- HÉLIO SCHLITTLER SILVA — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.
- HYGINO ALIANDRO — Licenciado em Línguas Estrangeiras; Doutor em Letras — Ass. de Língua Inglêsa e Literatura Inglêsa e Anglo-americana.
- ISAAC NICOLAU SALUM — Licenciado em Letras Clássicas e em Línguas Estrangeiras; Bacharel em Teologia — Ass. de Filologia Românica.
- JAYME TIOMNO — Licenciado em Física; “Master of Arts” — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.
- JOÃO BATISTA CASTANHO — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências — Ass. de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.
- JOÃO CUNHA ANDRADE — Licenciado em Filosofia — Ass. de História da Filosofia.

- JOSE' ADERALDO CASTELLO — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras — Ass. de Literatura Brasileira.
- JOSE' FRANCISCO CAMARGO — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.
- JOSE' GOLDENBERG — Licenciado em Física — Ass. de Física Geral e Experimental.
- JOSÉ LAZZARINI JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas — Ass. de Língua e Literatura Grega.
- JOSE' MOACYR VIANNA COUTINHO — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Ass. de Mineralogia e Petrografia.
- JOSE' RIBEIRO DE ARAUJO FILHO — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Ass. de Geografia do Brasil.
- JOSE' SEVERO DE CAMARGO PEREIRA — Licenciado em Pedagogia; Doutor em Pedagogia — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).
- JOSUÉ CAMARGO MENDES — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências; Livre-docente e Ass. de Geologia e Paleontologia.
- LEO BORGES VIEIRA — Licenciado em Física — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.
- LINDO FAVA — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).
- LINNEU DE CAMARGO SCHÜTZER — Licenciado em Filosofia — Ass. de Filosofia.
- LOURIVAL GOMES MACHADO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Política; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Ass. de Política.
- LUCY LACERDA NAZÁRIO — Licenciada em Ciências Químicas; Doutora em Ciências — Ass. de Química Orgânica e Biológica.
- LUCY RIBEIRO DE MOURA — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana.
- LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências — Ass. de Geometria Superior.
- MADELEINE PERRIER — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — Ass. de Química Geral e Inorgânica.
- MAFALDA P. ZEMELLA — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Ass. de História da Civilização Brasileira.

- MANUEL NUNES DIAS — Licenciado em Geografia e História — Ass. de História da Civilização Moderna e Contemporânea.
- MARCELO DE MOURA CAMPOS — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Ass. de Química Orgânica e Biológica.
- MARIA DOLORES PEREZ GONZALEZ — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — Ass. de Fisiologia Geral e Animal.
- MARIA DULCE NOGUEIRA GARCEZ — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.
- MARIA JOSÉ DE BARROS FORNARI AGUIRRE — Licenciada em Pedagogia; Doutora em Pedagogia — Ass. de Psicologia Educacional.
- MARIA JOSÉ GARCIA — Licenciada em Pedagogia — Ass. de Administração Escolar e Educação Comparada.
- MÁRIO GUIMARÃES FERRI — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências; Livre-docente e Ass. de Botânica.
- MARLYSE MEYER — Licenciada em Letras Neolatinas — Ass. de Língua e Literatura Francesa.
- MARTA VANNUCCI — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Zoologia.
- MERCEDES RACHID — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Botânica.
- MICHEL P. SAWAYA — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Zoologia.
- NAGIB FERES — Licenciado em Ciências Sociais — Ass. de Estatística (1.^a cadeira).
- NATHALIA VOINOFF — Licenciada em Filosofia — Ass. de Psicologia.
- OSWALDO SALA — Licenciado em Física — Ass. de Física Superior.
- PASCHOAL ERNESTO SENISE — Licenciado em Ciências Químicas; Doutor em Ciências — Ass. de Química Geral e Inorgânica.
- PAULO LEAL FERREIRA — Licenciado em Física — Ass. de Física Teórica e Matemática.
- PAULO SARAIVA DE TOLEDO — Licenciado em Física — Ass. de Física Teórica e Matemática.
- PEDRO MOACYR CAMPOS — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Livre-docente e Ass. de História da Civilização Antiga e Medieval.

RAFAEL GRISI — Licenciado em Filosofia — Ass. de Didática Geral e Especial.

RÔMULO RIBEIRO PIERONI — Licenciado em Ciências Físicas; Doutor em Medicina — Ass. de Física Geral e Experimental.

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS — Licenciado em Filosofia — Ass. de História e Filosofia da Educação.

ROSINA DE BARROS — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Ass. de Biologia Geral.

ROZENDO SAMPAIO GARCIA — Licenciado em Geografia e História — Ass. de História da Civilização Americana.

RUY OZORIO DE FREITAS — Licenciado em Geografia e História e em História Natural; Doutor em Ciências — Ass. de Geologia e Paleontologia.

RUY RIBEIRO FRANCO — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Mineralogia e Petrografia.

SÉRGIO ESTANISLAU DO AMARAL — Licenciado em História Natural — Ass. de Geologia e Paleontologia.

SÍLVIA B. F. DIRICKSON — Licenciada em Letras Anglo-germânicas; Doutora em Letras — Ass. de Língua e Literatura Alemã.

WALTER CAMARGO SCHÜTZER — Licenciado em Física; Doutor em Ciências — Ass. de Mecânica Racional e Celeste.

WILLIAM GERSON ROLIM DE CAMARGO — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Ass. de Mineralogia e Petrografia.

*

ASSISTENTES EFETIVOS DO ANTIGO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, TRANSFERIDOS PARA A FACULDADE

BEATRIZ DE FREITAS WEY — Professôra normalista — Ass. de Psicologia Educacional.

EULÁLIA ALVES DE SIQUEIRA — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Psicologia Educacional.

JOSEPHINA TALMADGE — Professôra normalista — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

JUDITH HALLIER — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

MARIA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA DIAS BAPTISTA — Professora normalista — Ass. de Estatística (2.^a cadeira).

MARIA DA PENHA POMPEU DE TOLEDO — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Ass. de Psicologia.

NILONTINA GONÇALVES — Professora normalista — Ass. de Psicologia Educacional.

ZENITH MENDES DA SILVEIRA — Licenciada em Ciências Sociais — Ass. de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

*

AUXILIARES DE ENSINO

AIDA COSTA — Licenciada em Letras Clássicas — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.

ALDO JANOTTI — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de História da Civilização Antiga e Medieval.

ANDREA WATAGHIN — Licenciado em Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.

ANTONIETA BRUNO — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Fisiologia Geral e Animal.

ANTÔNIO ROCHA PENTEADO — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia do Brasil.

ARISTÓTELES ORSINI — Doutor em Medicina; Professor catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Univ. de São Paulo — Aux. de Ens. de Física Geral e Experimental.

AZIZ NACIB AB' SÁBER — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia Física.

BERENICE CORRÊA GONÇALVES — Licenciada em Física e em Matemática — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.

BERTA LANGE DE MORRETES — Licenciada em Ciências Naturais; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Botânica.

BLANKA WLADISLAW — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Química Orgânica e Biológica.

- DEUSDÁ MAGALHÃES MOTA — Licenciado em Geografia e História — Aux. de Ens. de História da Civilização Americana.
- EDMUNDO FERRAZ NONATO — Licenciado em História Natural — Aux. de Ens. de Biologia Geral.
- EDNA CHAGAS CRUZ — Licenciada em Letras Anglo-germânicas — Aux. de Ens. designada para a Secção de Publicações.
- ELISA DO NASCIMENTO PEREIRA — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Biologia Geral.
- GEORGE SCHWACHHEIN — Licenciado em Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.
- GILDA MARIA REALE — Licenciada em Letras Clássicas — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Grega.
- HANS ALBERT MEYER — Curso livre de Física — Aux. de Ens. de Física Teórica e Matemática.
- HEBE ROLIM DE CAMARGO — Licenciada em Pedagogia — Aux. de Ens. de Psicologia Educacional.
- HILDA PENTEADO DE BARROS — Cursos livres de Letras Clássicas e Línguas Estrangeiras — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Grega.
- JOÃO ERNESTO DE SOUZA CAMPOS — Licenciado em Ciências Naturais — Aux. de Ens. de Mineralogia e Petrografia.
- JOÃO SOUKUP — Cartógrafo — Aux. de Ens. de Geografia Física, encarregado do curso de Cartografia.
- JÜRN JACOB PHILIPSON — Licenciado em Letras Neolatinas — Aux. de Ens. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.
- LUIZ ROBERTO MORAES PITOMBO — Licenciado em Química — Aux. de Ens. de Química Geral e Inorgânica.
- MANOEL CERQUEIRA LEITE — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente de Literatura Brasileira — Aux. de Ens. designado para a Secção de Publicações.
- MARCO ANTÔNIO CECCHINI — Licenciado em Química — Aux. de Ens. de Química Geral e Inorgânica.

MARIA DE LOURDES JOYCE — Licenciada em Geografia e História — Aux. de Ens. de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani.

MARIA DE LOURDES DE SOUZA RADESCA — Licenciada em Geografia e História — Aux. de Ens. de Geografia Física.

MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MACHADO — Diploma do curso de aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Aux. de Ens. de Administração Escolar e Educação Comparada.

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ — Licenciada em Ciências Sociais — Aux. de Ens. de Sociologia (1.^a cadeira).

MYRIAM ELLIS — Licenciada em Letras Neolatinas — Aux. de Ens. de História da Civilização Brasileira.

NICE LECOCQ MÜLLER — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Aux. de Ens. de Geografia Humana.

PAULA BEIGUELMANN — Licenciada em Ciências Sociais — Aux. de Ens. de Política.

RAIL GEBARA — Licenciada em História Natural — Aux. de Ens. de Didática Geral e Especial.

RENATO SILVEIRA MENDES — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Aux. de Ens. de Geografia Humana.

SEGISMUNDO SPINA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras — Aux. de Ens. de Literatura Portuguêsa.

SÔNIA ORIETA HEINRICH — Licenciada em Letras Anglo-germânicas — Aux. de Ens. de Língua e Literatura Alemã.



III - Abertura dos Cursos



A cerimônia da abertura dos Cursos de 1951 realizou-se em sessão solene da Congregação, no dia 3 de março, quando tomou posse do cargo de professor catedrático da XXIII Cadeira (Geografia Física), o Dr. João Dias da Silveira, que foi saudado pelo Prof. Aroldo de Azevedo. Coube ao Dr. João Dias da Silveira, como professor catedrático mais recente, proferir a aula inaugural.

SAUDAÇÃO DO PROF. AROLDO DE AZEVEDO AO DR. JOÃO
DIAS DA SILVEIRA AO SER ÊSTE RECEBIDO PELA
CONGREGAÇÃO, EM SESSÃO SOLENE DE 3-3-1951

Exmo. Sr. Diretor.
Senhores Professôres.
Senhores Alunos.

Foi há quase dezesseis anos, em julho ou agôsto de 1935 — não posso precisar com exatidão a data — em uma das salas do antigo Instituto de Higiene, por volta das 21 horas, algumas pessoas estavam reunidas sob a presidência do Prof. Pierre Monbeig. O grupo era reduzido, mas muito seleta: lá se viam, entre outros, Luís Flôres de Moraes Rego, Caio Prado Júnior, Rubens Borba de Moraes, Geraldo de Paula Sousa, Agenor Machado, Antônio Carlos Couto de Barros, Edi Crissiuma, Astrogildo Rodrigues de Melo e . . . V. Excia., Sr. Prof. Dr. João Dias da Silveira. Tratava-se de uma das reuniões quinzenais da recém-fundada Associação dos Geógrafos Brasileiros, que o dinamismo contagiante do Prof. Pierre Deffontaines organizara, antes de deixar esta Faculdade. Numa dessas noites frias e estreladas do inverno paulista, foi que, pela primeira vez, tive o prazer de apertar a mão de V. Excia.

Por essa época, era o homenageado de hoje um dos mais ativos alunos da Secção de Geografia e História, em nossa Faculdade, e iniciava a carreira a que deu suas preferências. Coube-me, assim, a ventura de assistir à alvorada de sua vida como geógrafo. E o destino que parece haver-nos ligado naquele apêrto de mão, verificado em 1935, propiciou-me a satisfação de acompanhar, bem de perto, as diversas etapas de sua vitoriosa carreira, até o momento culminante da conquista da cátedra. Recebemos juntos — Dias da Silveira, já feito assistente, eu como simples aluno — os ensinamentos inesquecíveis daquele que o Congresso Internacional de Geografia, há dois anos reunido em Lisboa, proclamou "the leading geographer of the World, le doyen des géographes du Monde entier": o Prof. Emanuel de Martonne. Tivemos o privilégio de conviver, durante longos e proveitosos anos, com a brilhante inteligência do Prof. Pierre Monbeig. E o contacto entre nós ambos passou a ser diu-

turno, quando tive a felicidade de ingressar no Departamento de Geografia, em cujo âmbito se patenteou a identidade de nossos pontos de vista quanto ao ensino e à pesquisa, em busca dos mesmos ideais.

Desta maneira, sinto-me inteiramente à vontade para julgar a personalidade do Prof. Dias da Silveira; e posso proclamar, com perfeito conhecimento de causa, a sua incansável dedicação ao magistério e a sua particular capacidade de observação e de interpretação, em trabalhos de campo. À frente da cátedra de Geografia Física, desde 1939, soube sempre manter o ensino em nível condizente com o ininterrupto desenvolvimento desse complexo setor da ciência geográfica. Como pesquisador, realizou observações de muita valia em duas áreas completamente diferentes de nosso Estado: na região da Mantiqueira, onde estudou e discutiu as origens das Agulhas Negras e onde realizou, através de sua tese de doutoramento, um importante estudo regional a respeito dos contrafortes ocidentais, localizados em território paulista e sul-mineiro; na Baixada do Ribeira, onde feriu com perspicácia, em sua tese de concurso, os aspectos fundamentais do quadro natural dessa área de nosso litoral, sem haver esquecido o homem que ali vive.

Como professor e como geógrafo, pode o Prof. Dias da Silveira orgulhar-se da posição que ocupa neste instante, dentro do panorama universitário e científico do país. Quem hoje polariza nossas atenções não é apenas o titular efetivo da Cadeira de Geografia Física, posição que obteve através de um dos mais rigorosos concursos já levados a efeito dentro desta Faculdade; é também, no momento, o Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, posto para o qual acaba de ser escolhido pelo voto da maioria dos geógrafos mais qualificados de todo o país, reunidos em assembléia memorável na cidade de Nova Friburgo.

Tudo isso constitui motivo de sincero júbilo para seus amigos e companheiros do Departamento de Geografia e, estou certo, para toda a Congregação, de que nos honramos de fazer parte.

Ao deixar esta tribuna, a fim de que V. Excia., Sr. Prof. João Dias da Silveira, possa proferir sua aula inaugural, cumpro o grato dever de, em nome dessa Congregação, felicitá-lo muito cordialmente pela vitória recentemente obtida, que o manteve em caráter efetivo em nosso corpo docente, formulando os mais ardentes votos no sentido de que prossiga em sua brilhante carreira universitária, pelo bem da cultura brasileira, para honra desta Faculdade e para maior glória da "escola" paulista de geografia, cujo renome já começa a ultrapassar as nossas fronteiras e de que é V. Excia. um dos mais fortes esteios.

AULA INAUGURAL DO PROF. DR. JOÃO DIAS DA SILVEIRA

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DA GEOGRAFIA TROPICAL

Palavras iniciais — Em palestra breve e singela, não poderia pretender, nesta solenidade, discutir e esclarecer problemas complexos, com análises demoradas, colocado dentro de todo o rigor do método da ciência a que me dedico — a Geografia. Move-me, neste momento, tão somente o desejo de, expondo uma situação, indicar a importância da mesma e tentar oferecer planos de trabalho para a enfrentar.

Muitos geógrafos, das mais variadas origens e escolas, têm, no momento atual, suas vistas voltadas para as terras situadas nas baixas latitudes. Inúmeros pesquisadores das questões geográficas e de outras ciências, que nos fornecem dados e diretrizes, têm mesmo percorrido muitas dessas áreas em expedições científicas. É que elas, cobrindo área calculada grosseiramente em 35 milhões de km²., continuam a constituir campo novo, com imensas possibilidades científicas. Não só a extensão da área, maior do que um quarto das terras emersas, mas, principalmente, a novidade dos problemas, requerendo adaptações e mesmo criações nas técnicas de observação, desperta o interesse dos pesquisadores ávidos de originalidade.

Por outro lado, a interpretação do conteúdo geográfico enquadrado nas regiões entre trópicos, é indispensável para que possa evoluir a compreensão do todo constituído por nosso planeta, para que se alcance o objetivo visado pela geografia geral.

A par com tão destacados interesses científicos existem, ainda, em torno de tais regiões, preocupações imediatamente relacionadas com as necessidades materiais do homem, pois sendo as terras de baixa latitude, em suas maiores porções, escassamente povoadas, atraem a atenção dos homens que se comprimem fora dela. No momento atual, até mesmo organizações internacionais procuram a maneira racional de as ocupar e explorar, visando com isso alargar as posses dos homens. Nada, entretanto, poderá ser feito, nesse sentido, sem que a natureza que caracteriza tais quadros seja revelada, sem que suas possibilidades, quer em função da economia existente, quer em função de novas bases e atividades, possam ser conhecidas.

Nós, os brasileiros, temos, a respeito dos estudos que são feitos em torno desse tema, como é natural, particular interesse, pois, embora variem as concepções mantidas acerca dos quadros tropicais, mais de 2/3 do nosso território costumam ser considerados como deles fazendo parte. Para Pierre Gourou, por exemplo, 13.000.000 de Km² da América do

Sul estão dentro dessa categoria. Demangeon e seus colaboradores elevam esta cifra para 15.000.000.

Ora, considerando a atitude cética com que as terras tropicais são vistas por muitos, a situação do território brasileiro poderia causar-nos inquietação. Convém, exatamente por isso, indagar e discutir, desde logo, o conceito e as características do chamado quadro tropical. Que é, enfim, uma paisagem tropical? Como se caracteriza geográficamente?

O problema da conceituação da paisagem tropical — Poderíamos, para estabelecer tal definição, divagar, evoluindo desde as mais remotas concepções que, observando a variação na inclinação nos raios solares, justificavam a distinção de uma zona tórrida, até às modernas tendências manifestadas nos últimos trabalhos de Emmanuel De Martonne. Este autor, apoiado em descrições de ambientes naturais, procura considerar nova maneira para distinguir no globo as áreas geográficas. Assim, em conferência realizada em 1943, em Barcelona, e em artigo publicado em janeiro de 1946, nos "Annales de Géographie", o mestre francês, nosso guia nos primeiros anos desta Faculdade, chega a esboçar novo quadro de classificação para as áreas geográficas, em substituição à velha técnica da distinção dos continentes. E, em sua tentativa para estabelecer o que chama *geografia zonal*, a região entre os trópicos aparece como a melhor individualizada.

Infelizmente, porém, sua concepção sobre o todo paisagístico que representaria o quadro tropical, merece reparos. Como em tôdas as demais concepções, fatos observados regionalmente e que, pelo menos por ora, não podem ser apresentados sequer como constantes, para a maioria das regiões de baixas latitudes, são reduzidos a esquemas e valem como verdadeiras sínteses da natureza da "zona tropical".

Na verdade, os critérios em geral seguidos para classificar a paisagem dita "tropical", são, lógicamente falando, subjetivos e, por isso mesmo, arbitrários, e as classificações deles resultantes são apenas sistemas sem nenhum valor objetivo, isto é, sem se ajustarem às condições reais.

Critérios naturais e objetivos de classificação, capazes de fornecer rigoroso método, não foram ainda, ao que sabemos, encontrados. Índices empíricos, obtidos em outras áreas, não podem ser tidos como tal, principalmente porque as relações observadas e que permitiram erigi-los, não foram experimentadas em nossas latitudes. Isotermas ou isoietas, regimes de caráter climáticos, por exemplo, tomados experimentalmente para distinguir quadros naturais em áreas determinadas, podem ser completamente destituídos de valor, quando aplicados em outras.

Não existe, por outro lado, nenhuma série de experimentações, suficientemente variadas, para determinação de tais elementos em baixas latitudes, muito embora apareçam, nos autores mais em voga, diversos critérios para caracterizar e definir o quadro natural, até certo ponto tido como monótono, encontrado nas terras entre os trópicos.

A paisagem tropical e o clima — O caráter climático é sempre oferecido como absolutamente original. Já os antigos, como dissemos, ba-

seados em esquemas teóricos, afirmavam a constância de altas temperaturas nas áreas de baixas latitudes, como consequência da pequena inclinação nos raios solares. Ainda agora, apoiados em cartas isotérmicas que representam *temperaturas* reduzidas ao nível dos mares, muitos autores continuam a afirmar, aproximadamente, a mesma coisa, esquecendo ou desprezando o fato de tais cartas serem ideais, uma vez que, na realidade, — e o geógrafo deve ter a preocupação da realidade — grandes porções das terras entre os trópicos são regiões elevadas, constituídas por extensos planaltos e montanhas. Nem se têm tomado, na devida conta, os esclarecimentos sobre anomalias e perturbações térmicas que ocorrem na atmosfera em função de sua dinâmica. Estas nossas últimas observações, capazes de impedir generalizações, por isso mesmo invalidam totalmente o quadro teórico que se criara e que, na verdade, coincide apenas com algumas observações regionais.

Elevados *índices pluviométricos* observados em regiões da Ásia das Monções e nas costas orientais dos continentes do hemisfério sul, consequência de mecanismos regionais, serviram de base para se acreditar na alta pluviosidade em tôdas as áreas continentais entre os trópicos. O conhecimento de regiões no interior dos continentes, porém, vem limitar tal crença. Regimes pluviométricos e totais de chuvas muito diversos podem ser citados.

Dêsse modo, o conceito de região quente e úmida, como definição das áreas tropicais, não pode ser mantido, sem grande redução nessas mesmas áreas. À luz de muitas monografias, à luz de nossa experiência e debaixo da crítica analítica sobre as técnicas usadas para as erigir, tais características não podem ser tidas como constantes.

Depois dos trabalhos de Tisserand de Bort e de Van Beber, marcos iniciais nos estudos das *massas de ar*, firmou-se a noção de que a existência de duas áreas anticiclônicas, localizadas nas latitudes subtropicais, protegia e isolava a área tropical, garantindo-lhe, dêsse modo, um regime particular na dinâmica atmosférica. Mas os estudos da climatologia a três dimensões prosseguiram e, já no comêço do século XX, Angot sugeria a explicação das dissimetrias climáticas observadas entre as bordas dos continentes de baixas latitudes, como consequência da falta de continuidade nas áreas anticiclônicas subtropicais. A inversão de tal dissimetria na Austrália e na Insulíndia exigia, porém, o reconhecimento de regimes especiais para essas áreas. Os estudos levados a efeito pela escola escandinava, orientados por Bjerknes e aplicados no Atlântico norte principalmente, vieram mostrar serem muito complexos os deslocamentos das frentes das massas de ar, bem como apresentar novas restrições ao isolamento atmosférico para as áreas tropicais. Finalmente, as interpretações mais recentes, com progresso acentuado em função do importante material de observação fornecido pela aviação, no decorrer do último conflito mundial, indicam grandes alterações para os esquemas até aqui aceitos. Na verdade, as especulações de Elliot, na Índia, e as de Stund, na Austrália, já mostravam, para essas áreas, restrições àquêles esquemas. Nos últimos trabalhos a respeito, como pode ser verificada nos dos climatologistas americanos, novos esquemas estão sendo tentados, mas o isolamento das áreas

tropicais perde intensidade; e, exatamente em função de tudo isso, De Martonne, em seu mais recente livro, datado de 1947, chega à conclusão de que o antigo esquema simplista de alíseos e contra-alíseos, para explicar a dinâmica atmosférica nas áreas entre os trópicos, não pode ser integralmente mantido.

Ora, os deslocamentos das massas de ar, que já se conhecem nas baixas latitudes, processam-se em condições muito diversas de uma para outra área. As baixas temperaturas e a aridez que caracterizam as bordas ocidentais da América do Sul e da África, bem como os altos índices pluviométricos e as elevadas temperaturas, próprias das bordas orientais desses mesmos continentes, criando, como dissemos, uma dissimetria climática, que pode também ser observada em Madagascar, encontram, no conhecimento do deslocamento das massas de ar, novas técnicas de interpretação. A dissimetria australiana, justamente oposta às verificadas na América e na África, também pode ser compreendida com a invocação desse mesmo conhecimento.

Se analisarmos, no entanto, a marcha das frentes frias e quentes, geradoras dos diversos tipos de tempo, na África e na América do Sul, seremos levados a reconhecer profundas diferenciações climáticas entre esses dois continentes. Na verdade, o avanço da frente fria, que alcança até mesmo o coração da América do Sul, produzindo a "friagem" dos homens da Amazônia, é fenômeno desconhecido no continente africano. As quedas térmicas relativamente bruscas, a nebulosidade, etc., observáveis na parte ocidental de Marrocos, são ocorrências litorâneas, geradas pela influência da Corrente das Canárias, mas que, já pela intensidade, já pela grande limitação, não podem ser comparadas aos fenômenos registrados na América do Sul. A Insulíndia, a Malásia, a Índia e o norte da Austrália oferecem, por sua vez, mecanismos e tipos de climas que, distintos entre si, são também, como é sabido, desconhecidos na América do Sul e na África.

Isso tudo dentro dos grandes quadros climáticos, orientados pelos movimentos gerais da atmosfera. Se descessemos aos fatores locais, multiplicar-se-iam os quadros climáticos. Como, portanto, generalizar? Onde, diante de tudo o que as observações já nos revelam, a possibilidade de encontrarmos quadro climático capaz de definir e delimitar a chamada região tropical?

Evidentemente, já pelos mecanismos, já pelos tipos de tempo consequentes, nas regiões de baixas latitudes, o desdobramento dos quadros climáticos se impõe, pois são altamente diferenciados. Clima quente e úmido, em nossas latitudes, não define coisa alguma. Talvez possam essas condições impressionar os homens de outras latitudes, que têm critérios de classificação presos às suas áreas; mas pouco significam para nós, que aqui vivemos e pesquisamos.

Os solos e a paisagem tropical — Depois de longo período, em que a exuberância das terras tropicais foi tida como certa, graças à pobreza nas técnicas de observação, os pedólogos e outros cientistas passaram a afirmar a extrema pobreza dos solos tropicais e a considerá-los como pouco

resistentes à exploração agrícola, em consequência da rapidez de sua degradação.

Não tardou que tal fato se transformasse, no entender de muitos autores, em um característico das áreas ditas tropicais e que a afirmação fosse generalizada, sem demonstração, para tôdas as áreas, muito embora a noção tivesse surgido apenas de alguns estudos regionais. De fato, se é exato que as terras lateríticas de Madagascar e de outros pontos podem ser assim vistas, não é menos exato não ter sido a *lateritização* encontrada em muitas outras áreas entre os trópicos e não é menos exato ainda serem a erosão e a degradação dos solos agrícolas um fenômeno universal. Não negamos a rapidez da lixiviação de muitos solos tropicais; contestamos, todavia, o valor científico das generalizações e o critério que procura erigir a degradação edáfica como elemento caracterizador das áreas de baixa latitude. Que diriam, os que seguem essa técnica, do “podzol” das médias e altas latitudes, do “szik” dos húngaros, dos “salonacks” analisados por Glinka em vastas áreas do sul da Rússia, desde que, em todos êsses tipos, ocorre também a rápida formação de arenito ferruginoso, que os tornam impróprios para a exploração agrícola. A grande variedade de termos regionais designadores dêsses arenitos — “herdpan”, “alios”, “ortstein”, “szikfok”, etc. bem demonstra sua universalidade.

A paisagem tropical e a ocupação do solo — A crença na uniformidade climática e na pobreza dos solos tropicais levou alguns autores a afirmar ser a *agricultura itinerante* uma imposição do meio e, como tal, elemento natural do quadro tropical. Ora, se tal conceito resulta de um esquema teórico, que não pode ser generalizado por tôdas as regiões tropicais e que nem mesmo lhe é exclusivo, não pode êle ser mantido como elemento de definição do quadro tropical em geral. Diremos mais ter sido a agricultura itinerante baseada no fogo, comum outrora na área mediterrânea, como já o demonstraram diversos pesquisadores. Com essas mesmas características, pode ainda hoje ser encontrada na Córsega, como lembra Pierre Gourou. Agriculturas itinerantes, por outro lado, surgem nas terras pobres do Canadá, nas “medcharas” da Rússia ocidental, bem como nas clareiras abertas na Taiga siberiana. Poder-se-ia dizer, talvez, que nesses últimos casos ela oferece outras técnicas e rotinas, mas tal objeção não pode causar espécie se tivermos em conta os diferentes fatores históricos e sociais que exercem pressão sôbre os homens praticantes de tal atividade.

Bem analisadas, as agriculturas itinerantes em áreas de baixa latitude são, tão somente, resultantes de estádios culturais. Numerosos trechos dessas áreas, onde outrora a agricultura itinerante constituiu a única forma de exploração, são hoje campos de agricultura de plantação e, mesmo, de agricultura intensiva. Bastou, muitas vezes, para a alteração, a mudança do colono ou a abertura de boas vias de comunicação. Todos sabemos que o próprio Planalto Paulista poderia, com inúmeros exemplos, apoiar a afirmação.

As baixas *densidades demográficas*, muitas vezes apontadas como traço característico de áreas tropicais e consequência da agricultura iti-

nerante, não merecem, pelo que acabamos de expor, maiores considerações. São, agricultura itinerante e baixas densidades, situações que resultam de contingências sociais, econômicas e históricas e, por isso mesmo, não podem servir como elemento de distinção permanente para uma geografia zonal.

Os característicos geomorfológicos e a paisagem tropical — Mas, em nossa posição de professor de Geografia Física, não podemos esquecer, ainda, outro elemento apontado como próprio de nossas latitudes — o geomorfológico.

De Martonne, recentemente, procurou ver, nas áreas tropicais, características estruturais capazes de as definir. Outros autores têm encontrado idêntica possibilidade nos detalhes das formas topográficas. Para o mestre da Sorbonne, os imensos planaltos sedimentares, limitados por desenvolvidas linhas de "cuestas", e os escudos cristalinos constituem estruturas que, pelo seu desenvolvimento, não encontram paralelo fora das áreas tropicais. Infelizmente, porém, o grande geógrafo tomou como termo de comparação a Europa ocidental e central. Temos a impressão de que a caracterização tentada perderia seu valor se a comparação fôsse feita com a América do Norte, a Europa oriental e o norte da Ásia, como resulta dos estudos comparativos feitos por Fourmarier. Mesmo a disposição ao longo dos paralelos, própria das linhas do relêvo europeu, em oposição às da África do Sul e da América do Sul, que o mesmo autor apresenta, não parece ser capaz de definir os nossos quadros. Toda a África saariana e sudanesa possui seu relêvo orientado como a Europa. Na África equatorial, o eixo Guiné-Etiópia segue também tal direção e a América do Norte não pode ser tida, nessa questão, como semelhante à Europa. A observação, em suma, nos parece insuficiente e a comparação muito restrita para permitir generalizações.

Os modernos estudos da geomorfologia de detalhes, altamente preocupados com a influência climática, têm procurado ver em determinados pormenores topográficos o resultado do chamado clima tropical. Convenhamos que algumas formas de relêvo, bem como certos aspectos da dinâmica dos agentes de esculturação possuem, em áreas climáticas particulares nas baixas latitudes, aspectos especiais. A êsse respeito, e dentro dessas condições, não negamos o valor das observações de Branner, De Martonne, Baulig, Birot e muitos outros. Todavia, as observações desse tipo, como particularmente as de Birot, prendem-se a quadros individualizados, quer sob o ponto de vista climático, quer ainda petrográfico; e, desse modo, não podem servir como bases para generalizações, muito menos para caracterizar tôdas as áreas compreendidas entre os trópicos.

As regiões tropicais e os complexos patogênicos. — Somando todos os elementos que acabamos de indicar e que pretendemos haver contraditado criou-se uma descrição teórica da paisagem tropical. A êsse ambiente natural já de per si desagradável, muitos reúnem ainda todo um rosário de condições patogênicas. A paisagem tropical aparece, muitas vezes, como o grande centro de moléstias graves, de endemias perigosas.

Veladamente, em alguns autores, claramente em outros, as terras de baixas latitudes surgem como ambientes desagradáveis, tão desagradáveis mesmo, que, no entender de Pierre Gourou, admira que a humanidade tropical maleitosa, incapaz física e psiquicamente, tenha conseguido subsistir e prosperar.

A hostilidade do ambiente, em nossas terras, para os homens da raça branca é, no entanto, apenas um preconceito injustificável, pois resulta de concepções apoiadas em generalizações apressadas. Não conhecemos demonstrações científicas que o autorizem; muito pelo contrário, as experiências holandesas realizadas nas Índias Neerlandesas e expostas por W. T. Vogel no “Convegno de Scienze Moral e Storiche”, realizado em 1930 pela Fundação Alessandro Volta, chegam a conclusões opostas e permitem afirmar que “os litorais tropicais, onde os alíseos sopram todo o ano, não parecem apresentar nenhum obstáculo contra o estabelecimento permanente mesmo de raças norte-européias”.

Originalidade da paisagem tropical e necessidade de pesquisas bem orientadas. — Mas, com esta exposição, não queremos negar a existência de quadros naturais específicos nas baixas latitudes. Muito pelo contrário, estamos convencidos de que o ambiente que aqui existe e nos cerca possui destacada originalidade. Não aceitamos, todavia, por enquanto, os critérios tomados para os definir, pelos sistemas atuais. Tão convictos estamos da originalidade de nossas paisagens, que acreditamos mesmo ser ela a causa de muitos fracassos nas tentativas de colonização. Isso porque as técnicas européias não podem a nosso ver, sem revisão ou adaptações, sem acréscimo ou supressões, produzir resultados em muitos de nossos quadros. O menosprêzo ou o desconhecimento dêsse princípio tem levado a lamentáveis desastres. Convém, entretanto, insistir que são, quase sempre, a falta de técnicas ajustadas, a ausência de organização inteligente, e, principalmente, a atitude do colono, fruto de sua ambição por um enriquecimento rápido, mas ao mesmo tempo desleixada para com o patrimônio natural, as causas mais comuns dos insucessos experimentados, nas tentativas feitas em baixas latitudes para fixar e fazer prosperar a sociedade humana.

E é desta afirmação que queremos partir para nossa conclusão.

Qual o comportamento a seguir pelos homens desejosos de colonizar e valorizar as terras de baixa latitude? Só podemos aconselhar a *pesquisa*. A pesquisa cuidadosa, a pesquisa demorada, que venha revelar as exatas características da natureza nas terras entre os trópicos.

Os quadros naturais, existentes em tais terras, precisam ser conhecidos, para que dêles possam ser retirados os elementos úteis à subsistência e progresso da espécie humana.

Por ora, porém, o trabalho tem de ser exclusivamente de análise. Análises de quadros bem individualizados. Análises que atinjam profundidade, análises que busquem as relações espontâneas entre os elementos naturais. Bem sabemos que tal trabalho pede tempo e dedicação. Não poderá ser feito com hora marcada, em rápidas viagens de alguns dias, nem servir para satisfazer às ambições daqueles que dese-

jam, pelo volume mal arranjado de suas publicações, ganhar popularidade, sem que sua obra tenha, cientificamente, conteúdo sério e respeitável.

O trabalho do geógrafo, pela própria natureza de sua ciência, ciência de relações, exige meditação prolongada. Ao geógrafo não se pode pedir que produza enxurradas de monografias e de observações, principalmente aqui onde êle tem de sanar lacunas de vários tipos, enfrentar condições naturais e humanas, muitas vêzes difíceis, para produzir dentro do rigor de seu método e de seu objetivo, enfim para ser honesto. Por outro lado, torna-se urgente selecionarem-se e aparelharem-se grupos de pesquisadores. Conseguirem-se métodos de trabalho e desenvolverem-se planos de ação. E' necessário, para isso, que nossos governos, que nossas autoridades se convençam da utilidade da Geografia, do auxílio que essa ciência pode e deve fornecer à administração, principalmente num país de características desconhecidas, pois é verdade, que fala por si mesma, ser muito difícil, se não impossível, dirigir e fazer prosperar uma propriedade, quando não se sabe o que em seu interior ela encerra. O geógrafo precisa estar presente em tôdas as missões de reconhecimento e de planejamento. Nem tem, nas sociedades evoluidas, outro objetivo a preparação dos técnicos em Geografia.

Não é possível continuarmos a perder as oportunidades oferecidas nos trabalhos de levantamento de qualquer tipo, para fazermos progredir o reconhecimento geográfico de nosso território. Os departamentos oficiais, que se entregam à pesquisa da natureza e da sociedade, devem compreender que, abrindo suas portas ao geógrafo, darão maior amplitude aos seus estudos, pois usarão elemento preparado para a observação, ao mesmo tempo que colaborarão para o progresso do conhecimento da área que possuímos. Mas todo o desenvolver dêsse trabalho requer uma sistematização. Eis a obra que cabe ao labor universitário e, se me permitirem, como professor desta Casa, a que proponho para a Universidade de São Paulo.

A tarefa reservada ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. — Que o Departamento de Geografia desta Faculdade, contando com os elementos materiais indispensáveis, seja o ponto de partida e de convergência de uma escola de geógrafos tropicalistas, que seria a primeira no Mundo e para desenvolvimento da qual contaríamos com a excepcional vantagem que nos fornece nossa posição geográfica. Que aqui se reunam e que daqui partam homens de boa vontade para pesquisar, em trabalhos de análises cuidadosas, as particularidades de nossas paisagens. Não percamos tempo com sínteses inoportunas, com discussão de conceitos sem verificação, com classificações duvidosas, por falta de material apropriado. Os trabalhos de gabinete, por enquanto, não devem permanecer na ordem de nossas cogitações. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, apoiando o desenvolver desta diretriz, estou certo, se imporá ao respeito do mundo intelectual, porque, cientificamente, mereceremos consideração, na medida em que nossos trabalhos se apresentarem como originais produções, obtidas em contacto com o terreno.

Tal norma de ação ainda mais nos satisfaz: porque estaremos auxiliando, de maneira concreta e eficiente, o progresso das ciências geográficas, ainda tão pobres em verdadeiras análises sôbre terras do tipo das nossas; porque estaremos procurando ajudar a humanidade, com os conhecimentos e esclarecimentos que daremos para a utilização de grande parte das terras do nosso planeta; porque, cuidando do nosso território, não só contribuiremos para solucionar nossos problemas, mas, principalmente, porque estaremos justificando, e é urgente fazê-lo, perante o Mundo, a posse desta imensa gleba, que representa $1/17$ das terras emersas, quando mal reunimos $1/45$ da humanidade.



IV - Encerramento dos Cursos



No ano letivo de 1951, concluíram o Curso na Faculdade, 9 bacharéis e 115 licenciados.

RELAÇÃO DOS DIPLOMADOS

BACHARÉIS

Curso de Química

Alcídio Abrão
Constancia Pagano
Ernesto Leo Mehlich
Gerson Rodrigues
Nicola Petragani

Curso de Ciências Sociais

Altair da Silva Macuco

Curso de Letras Neolatinas

Marilda Gouvêa Martins

Curso de Letras Anglo-Germânicas

Nelly Requejo Hernandez

Curso de Pedagogia

Zulmira Vallim

LICENCIADOS

Curso de Filosofia

Adolpho Martinelli
Albertino Piason
Beatriz Alexandrina Pires de Moura
Leticia Folgori Carboni

Curso de Matemática

Antonio Morales

Curso de Física

Abraham Hirsz Zimmermann
Klaus Stefan Tausk

Curso de Química

Armando Butrico
Astrea Mennucci Giesbrecht

Blanka Wladislaw
Egle Amore Cecchini
Fajga Ruchla Mandelbaum
Lelia Mennucci
Luiz Roberto Morais Pitombo
Marco Antonio Guglielmo Cecchini
Mário Pena Rocha
Nivea de Barros Waak
Roza Davidson Kupperman
Zuleika Broniscer
Werner Germano Callenkamp
Wolfgang Ferdinand Walter

Curso de História Natural

Ana Amélia Ancona Lopez
Antonia Ribeiro Franco
Claudio Gilberto Fröhlich
Eudoxia Maria de Oliveira Pinto
Helena Villaça
Liliana Forneris
Neuza Guerreiro

Curso de Geografia e História

Alicia Massad
Beatriz Rodrigues Lessa
Dyrceu Teixeira
Elza Mendonça Carozza
Emilia Costa Nogueira
Francisca Marinho Nunes
Francisco Ambrosio de Miranda
Helena Mendes de Castro
James Noronha de Souza
João Baptista de Macedo
Maria Cecília França
Maria das Dores Lopes
Mariam Abu-Jamra
Marina Dias de Carvalho
Myriam Ellis
Waldemar Panades

Curso de Ciências Sociais

Alvaro Marchi
Américo Marques Bronze
Glete Alcantara
Lolio Lourenço de Oliveira
Renato Jardim Moreira

Curso de Letras Clássicas

Geraldo Tabarani dos Santos
Maria Aparecida Genovezi

Maria Luiza Fernandez
 Miguel Salles
 Norma Di Grado
 Oclecio Renato Rogano

Curso de Letras Neolatinas

Alice Trindade Pereira
 Aracy Micucci
 Carmela Barbagallo
 Carmen Therezinha dos Santos
 Celia Pereira Aranha Ricardo
 Clara Martins Laginha Reinez
 Decia Livia Teixeira
 Esther Guimarães Proença
 Eunice Navajas
 Francisco Daniel Trivinho
 Ieda Santos Barcelos
 Jessy Cassiano Cabral
 Maria Aparecida Coudry
 Maria Cândida Rezende
 Maria Dulce Cas'elli de Almeida
 Maria Helena Costa
 Maria Isabel Alves Ferreira
 Maria José Duarte
 Maria de Lourdes Bernardes da Silva
 Maria de Lourdes Rodrigues
 Maria Luiza Medeiros Pereira de Souza
 Maria Martins Laginha Reines
 Mercedes Passarelli
 Nícia Maria Machado
 Nilza Antunes de Lemos
 Nilza Pereira da Silva
 Olga Pigosso
 Paulo Monte Serrat Filho
 Perola de Carvalho
 Salimi Kfourri
 Suaad Saad
 Thereza Maria Rangel Pestana
 Uydad Nassar
 Vera Braga Franco
 Yvone de Felice Gonçalves
 Zaé Mariano Carvalho do Nascimento Júnior
 Wilma Silveira de Assis

Curso de Letras Anglo-germânicas

Adelia Purgato Carelli
 Ana Walderez Ayres Neves de Alencar
 Anna Thereza Birkholz Corrêa
 Carmen Helene Hildegard Hölck
 Clara Fuchs
 Francisca Depari
 Irene De Mori
 Lucy de Souza Gitahy Teixeira

Lys Casale de Arruda
Maria Aparecida Semeghini
Maria de Lourdes Gomes
Nara Monte
Nilza Norma Brandão
Perola Rodrigues Camargo
Wildo João Pinheiro

Curso de Pedagogia

Abigail Alvarenga
Aurora Celli
Fernanda Maria Sacramento Perpetuo
Helly Grillo
Trene Cerqueira Cesar
Myriam Bruck Lacerda
Wladimir Rehder
Wladimir Rehder

O encerramento do ano escolar só se realizou em fevereiro de 1952, em virtude do movimento grevista, desencadeado, aliás, em tôdas as Faculdades de Filosofia do país, em sinal de protesto contra o projeto de lei n. 23/51, que, se aprovado pelo govêrno da República, representaria o maior atentado contra os direitos dos licenciados. Felizmente, foi o projeto em aprêço vetado pelo Senhor Presidente da República e assim puderam os alunos retornar às atividades escolares, realizando-se a segunda prova parcial e os exames finais, por autorização expressa do Ministério da Educação, no mês de fevereiro. Dessa maneira a cerimônia de colação de grau realizou-se a 21 de fevereiro de 1952, no Teatro Municipal, tendo como paraninfo o Prof. Eurípedes Simões de Paula, Diretor da Faculdade, e, como orador da turma, o licenciado Renato Jardim Moreira, do Curso de Ciências Sociais.

DISCURSO DO PARANINFO, PROF. DR. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA.

Antes de iniciar êste nosso discurso de paraninfo, pedimos vênia aos presentes para lembrar aquêle que, se fôsse ainda vivo, sem dúvida estaria aqui conosco: referimo-nos ao professor André Dreyfus, falecido no sábado último. Era êle um dos professôres que estava sempre presente nas horas de alegria e de amargura dos alunos da Faculdade, principalmente nas colações de grau, com a sua medalha da Legião de Honra ao peito, sempre vivo e atento ao que achasse de errado nos discursos proferidos. Se êle hoje estivesse aqui, estas minhas palavras seriam talvez criticadas.

André Dreyfus, desde o início da Faculdade, e principalmente após o seu concurso, depois que a sua Cadeira recebeu o regime de tempo

integral, dedicou tóda a sua vida ao laboratório de Biologia, fazendo pesquisa, criando escola, impulsionando os seus jovens assistentes, conseguindo-lhes bôlsas de estudo no estrangeiro, em laboratórios mais dotados do que os nossos, dirigindo suas teses de doutoramento e de livre-docência, convidando grandes professôres visitantes, que deram brilho e realce às pesquisas do seu laboratório, para trabalharem conosco e para maior glória da nossa Escola.

Além de ser um pesquisador e impulsionador de pesquisas de primeira ordem, André Dreyfus aliava a essa qualidade uma outra, a de ser um excelente expositor e transmissor de conhecimentos. Além disso, foi um administrador. Foi membro de diversas comissões do Conselho-Técnico-Administrativo e diretor da Faculdade. Quando da sua Diretoria, tivemos a honra de servir no Conselho-Técnico-Administrativo e se nem sempre o acompanhamos nas suas decisões, reconhecemos, porém, que, nos seus atos, sempre houve desinterêsse e, principalmente, a preocupação constante de bem servir a Faculdade. A sua morte foi uma grande perda para a nossa Escola. Por êste motivo de luto, a nossa oração de paraninfo será breve e terá como inspiração o sentido de combate que sempre norteou a vida do nosso colega desaparecido.

I

Senhores licenciados!

Que as nossas primeiras palavras diretamente a vós dirigidas sejam as de grande e profundo agradecimento pela lembrança que tivestes em indicar o nosso nome por ocasião da eleição do paraninfo da turma de 1951. No nosso modo de entender, não existe recompensa maior para um professor que a de ver seus alunos reconhecerem que o esforço por êle despendido não foi em vão, que êle cumpriu o seu dever para com o corpo discente.

Mas a primeira dificuldade logo surgiu na nossa mente. Que dizer a licenciados oriundos de onze cursos diferentes: Filosofia, Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas e Pedagogia? No entanto, o denominador comum de todos os nossos estudantes é o problema do licenciado e o que fazer com o diploma tão arduamente conquistado na Faculdade. Foi êsse o tema por nós escolhido para o discurso de paraninfo desta turma de licenciados.

Não pretendemos trazer novidade alguma sôbre o assunto, mas apenas apresentar o problema visto por um licenciado da primeira turma desta Faculdade, a de 1936.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi criada em 25 de janeiro de 1934, durante o govêrno de Armando de Sales Oliveira, na mesma ocasião da criação da Universidade de São Paulo. Veio preencher uma lacuna incompreensível no ensino superior do Brasil, quando

as repúblicas hispânicas da América, de há muito já possuíam Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. É verdade que a Faculdade de Filosofia de São Bento já conta 40 anos de vida, mas teve uma existência atribulada e quase sempre se manteve adstrita ao campo da Filosofia. Em 1932, sentindo a sua necessidade, um grupo de intelectuais paulistas, chefiados por Alcântara Machado, fundou a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia. Isso indicava que o papel desempenhado pelas nossas tradicionais escolas superiores, Direito, Politécnica, Medicina, já não era suficiente. Êstes Institutos de ensino superior tinham e têm outra finalidade: a de preparar profissionais eficientes para as carreiras chamadas liberais. O problema do levantamento do nível do ensino secundário e o da ciência pura reclamavam outro remédio: daí a criação da nossa Faculdade. Um exemplo disso está na pessoa de quem vos fala. Saindo do Ginásio do Estado, ingressamos na Faculdade de Direito, por ser a única existente que condizia com o nosso pendor intelectual, mas assim que foi criada a nossa Faculdade, corremos em busca da matrícula na nova Escola. Não fomos o primeiro, pois essa honra cabe ao nosso colega Cruz Costa. Perdemos a corrida...

A Universidade e a Faculdade saíram das lutas de 1932, e nasceram segundo as declarações do Dr. Júlio de Mesquita Filho ao I Congresso de ex-Alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, realizado em julho de 1950 — principalmente devido ao desfêcho da nossa Revolução. São Paulo iria agora disputar a primasia no campo intelectual, já que no terreno político parecia que perdera a hegemonia. Nasceu, assim, a nossa Faculdade, num ambiente de luta e de incompreensão e, nele, infelizmente, ainda nos mantemos.

Outro motivo de incompreensão, em relação à nossa Faculdade, foi o fato de ter o govêrno de Armando de Sales Oliveira enviado o saudoso professor Teodoro Ramos, nosso primeiro diretor, à Europa, em busca de professôres para as disciplinas em que, entre nós, não havia especialistas à altura de uma Faculdade de nível superior. Tivemos, então, um movimento de repulsa pela Faculdade. Muitos autodidatas se insurgiram contra ela, sentindo-se prejudicados. Um dêles propunha-se apenas para professor de *Literatura Mundial*... Como êsse, muitos, e alguns ainda aparecem na Diretoria da Faculdade, dispostos a lecionar quatro, cinco, seis disciplinas diferentes: são especialistas "polivalentes". Isso mostra que, apesar de 18 anos de vida da nossa Faculdade, ela não conseguiu ainda ser compreendida mesmo por parte dos nossos intelectuais.

Lançando lenha na fogueira, o nosso paraninfo de 1936, o Dr. Júlio de Mesquita Filho — um dos que, em companhia de Fernando de Azevedo, Teodoro Ramos e outros, lutaram pela fundação da nossa Universidade — proferiu um discurso contendo algumas verdades amargas, um pouco prematuras, talvez, para serem ditas... A coragem e o desassombro do nosso patrono causou grande repercussão e deu origem a grandes lutas para a nossa Faculdade. E nessa luta está ela ainda hoje empenhada...

Depois disso, fomos expulsos pelos estudantes da Faculdade de Medicina, fato que revelou ser o espírito universitário pura fantasia. Da Politécnica, precisamos retirar-nos também. Isso que, naquela ocasião, recebemos tão mal, foi um bem: tivemos de procurar casa própria. Aí começou uma verdadeira *via crucis* para a Faculdade. Mudamos as Letras para a Alameda Gleite (depois de passarmos por um casarão situado no local onde está hoje a Biblioteca Municipal) e de lá saímos, para dar lugar aos laboratórios de Ciências Naturais, rumando, em seguida, para o 3.º andar do Instituto de Educação Caetano de Campos, onde permanecemos por mais de 10 anos. Os cursos de Física e Matemática espalharam-se também: cada um foi instalado em casas completamente inadequadas para o ensino. A Faculdade desagregara-se, mas continuava coesa e unida, pelo espírito comum de luta de professores e alunos.

A reação da Faculdade foi diferente: trabalhamos. As nossas Cadeiras, os nossos Departamentos, os nossos Laboratórios começaram a fazer pesquisas, a produzir ciência pura, a formar professores para o ensino secundário. E as publicações começaram a surgir, não só em forma de *Boletins*, mas também em artigos e comunicações nas revistas especializadas e Institutos científicos do país e do estrangeiro. Começou-se a falar do nosso labor e, a nosso ver, talvez tenhamos contribuído por emulação, para o alevantamento da cultura científica, que se nota atualmente em São Paulo, onde diversos setores da cultura humana vegetavam e onde o aparecimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras completou as deficiências. A prova está no florescimento, não só dos nossos *Boletins*, como também no aparecimento de diversas revistas especializadas na Faculdade, sem falar nas associações científicas que nasceram dos nossos Departamentos.

Essa luta foi longa. Estivemos ameaçados de fechamento, por governantes que nada entendiam da necessidade de pesquisa, nem da formação de um professorado de curso médio de nível universitário. Se escapamos do perigo do fechamento, não nos libertamos ainda, porém, da incompreensão.

E aí está a Faculdade. Dezoito anos de vida e de lutas incessantes. Temos instalações próprias, que apesar de acanhadas e pedindo ampliações, comportam o milheiro de alunos que tivemos em 1951 e que neste ano ainda serão mais numerosos. Instalações novas começam a se erguer na Cidade Universitária. Já possuímos lá os nossos laboratórios de Física Nuclear e logo terão início as obras planejadas para abrigar os laboratórios do curso de História Natural. Com o apôio do Excelentíssimo Sr. Governador do Estado, o Prof. Dr. Lucas Nogueira Garcez — um dos ex-alunos desta Faculdade — a Comissão da Cidade Universitária tudo vem fazendo para que em 1954, por ocasião do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, possamos ter lá, em pleno funcionamento, grande parte dos nossos cursos. O ideal seria que tôda a Faculdade lá estivesse, e o Magnífico Reitor da Universidade tudo fará, estamos certos, para que isso seja possível. Com condução farta, restaurante e dormitórios para alunos, habitações para professores e funcionários, a Faculdade iniciará uma nova etapa do seu desenvolvimento.

Assim é a Faculdade: a sua história explica muitas das atuais lutas em que estamos envolvidos.

II

Senhores licenciados:

Acabais de sair de uma das mais justas greves de que temos notícia. Referimo-nos ao movimento oriundo do famigerado projeto 23/51 que, a nosso ver, é uma tentativa de sufocamento das Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do país. Grupos interessados em ingressar no magistério secundário e normal, sem passar pelas duras provas do chamado “exame de suficiência”, conseguiram de legisladores mal-avisados a proposição de uma lei que, se fôsse efetivada, tiraria uma das finalidades da nossa Faculdade — e no momento a mais necessária — isto é, a formação de um professorado de curso médio de nível universitário. Como sabemos, o projeto de lei era desnecessário, pois há o “exame de suficiência”, que tanto espanto e horror causa aos autodidatas.

Essa luta, pelo ensino secundário, não nos causa assombro, pois, apesar de jovem ainda, recordamo-nos da luta que sustentaram os professores normalistas, contra os chamados *professores leigos*, no interior de São Paulo. Hoje, os normalistas ganharam a luta, predominam no ensino primário do Estado. Nós temos tido e teremos, pelos mesmos motivos, muitos anos de luta. Não desanimeis; pelo contrário, cerrai fileiras em torno da Faculdade e unidos encaminhem-nos para a luta, que será árdua, mas que fatalmente haveremos de vencer, quer queiram ou não, os que se obstinam, por motivos diversos, em não compreender-nos. Só pelo número conseguiremos isso, pois já se diplomaram por esta Faculdade cêrca de 2.000 licenciados, sem contar os oriundos das Faculdades Católicas, que são também numerosos. Venceremos os “coronelões” e os diretórios políticos que fazem questão de que os seus afilhados preencham as cadeiras dos Ginásios oficiais recém-criados. Nós, licenciados, pedimos apenas concursso de títulos e provas, e os lugares serão preenchidos por aquêles que mais valor tiverem.

III

Senhores licenciados:

Não julgueis que as dificuldades existem apenas no ensino secundário. Existem também no ensino superior. Veja-se o caso, por exemplo, do concurso da Cadeira de Filosofia da nossa Faculdade. Há três longos anos tudo fazemos para que êle possa ser realizado.

A Universidade de São Paulo, nascida em 1934, congregou os antigos institutos do ensino superior já existentes e criou outros, entre os quais a nossa Faculdade. Os seus estatutos foram elaborados nos moldes das velhas tradições existentes. Foi, inegavelmente, um progresso. Mas houve evolução. Dezoito anos já são decorridos e, em algumas partes, o velho Estatuto de 1934 está obsoleto e isso é reconhecido pelo próprio Conselho Universitário, órgão supremo da Universidade. Uma das

partes já ultrapassadas é precisamente aquela que se refere aos concursos. É necessária uma reforma e também uma paridade entre as diversas Faculdades. Algumas aceitam portadores de diplomas em que a disciplina em concurso é ministrada. Outras exigem, além disso, diplomas específicos. A nosso ver isso é injusto. Na realidade, temos um conglomerado de Faculdades e não uma verdadeira Universidade, regida por normas gerais, comuns a todos os Institutos.

Entretanto, lei é lei. E o Colendo Conselho Universitário, como foi noticiado pela imprensa, acolheu o pedido de dois recorrentes, afastados do concurso por não terem em seu diploma a disciplina de Filosofia. Alegam os recorrentes que são possuidores da Cadeira de Filosofia do Direito — e um dêles nem a fêz, como foi abundantemente provado pelos representantes da Faculdade — e que essa disciplina lhes dá a mesma formação que a de Filosofia, ministrada na nossa Escola. Basta atentar para a simples comparação dos programas e da duração do curso (um ano na Faculdade de Direito e quatro na nossa Escola) e também para o fato de que, naquela Escola, a disciplina de Filosofia do Direito é dirigida no sentido da formação de profissionais da Ciência do Direito. Se os que sabem parte podem fazer concurso onde se ensina o todo, os que sabem o todo deveriam poder prestar concurso onde se ensina a parte. Mas a Lógica só existe nos livros de Filosofia. Evidentemente a Congregação da nossa Escola recorreu dessa decisão a quem de direito.

Queremos um tratamento idêntico para quem possua verdadeira formação científica, literária, histórica e filosófica, e desde que os outros Institutos da Universidade aceitem os nossos licenciados, teremos imenso prazer em abrir-lhes lugar nos nossos concursos. As bancas examinadoras é que aferirão do conhecimento dos candidatos. Isso é Universidade

Apesar de amargurados, não perdemos ainda as esperanças. A Lei de Diretrizes e Bases vai ser discutida no Congresso Nacional e o Colendo Conselho Universitário tomou, na sua última sessão, uma medida acertada: pediu ao Magnífico Reitor que convocasse uma reunião de todos os Reitores e Diretores de escolas isoladas do Brasil. Será, então, possível debater-se o problema da Universidade, incipiente ainda entre nós, e, só depois, é que poderemos possuir uma Universidade à altura do progresso vertiginoso de Piratininga.

IV

Senhores licenciados:

Perdoai a nossa veemência e o calor das nossas palavras. Somos assim, o nosso temperamento é êste. Sob êste aspecto, temos alguma semelhança com o nosso pranteado Dreyfus. Se disse duras verdades, foi porque achamos que elas deviam ser ditas. Talvez tenha sido por isto mesmo que fomos escolhidos para paraninfo, pois já me conheceis. Não desanimeis. Ao contrário: aprestai as armas, e lançai-vos à luta, para a conquista das cadeiras do ensino secundário, para a pesquisa pura nos laboratórios, nas bibliotecas e nos arquivos. Ajudai-nos a acabar

com o conceito de que o licenciado é um universitário de “segunda classe”, ajudai-nos a combater pela equiparação total do título de licenciado ao das demais profissões liberais. Ide, sede felizes e que Deus vos acompanhe em vossa vida que, embora laboriosa, é para os que verdadeiramente amam a ciência, cheia também de alegrias.

DISCURSO DO ORADOR DA TURMA, LIC. RENATO JARDIM MOREIRA

São conhecidos os motivos pelos quais, somente agora se realiza a colocação de grau dos licenciandos de 1951, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Os alunos das Faculdades de Filosofia abandonaram os trabalhos escolares, em sinal de protesto pela apresentação de um projeto de lei que desmantelaria a nossa incipiente organização educacional e, os então licenciandos, conscientes de suas responsabilidades de futuros educadores, não fugiram, com graves riscos para a vida profissional futura, à obrigação de solidariedade para com seus colegas, participando desse movimento.

Altamente significativo, portanto, que apenas agora se realize esta cerimônia. É uma testemunha e uma advertência de que a nossa geração é intransigente, de uma intransigência agressiva, quando grupos menos avisados, insuflados por baixos interesses, procuram desarticular setores da sociedade cuja organização ainda está longe de corresponder às reais necessidades sociais.

É por acreditarmos na dignidade da função que iremos preencher na sociedade que, só hoje, recebemos o título de licenciados. Nada nos poderia ser mais honroso.

Esta cerimônia soleniza a nossa passagem da condição de aluno para a de professor. Os que receberam conhecimentos se obrigam, deste momento em diante, a transmití-los e renová-los.

Este processo preservador do patrimônio cultural dos povos realiza-se desde que o desenvolvimento técnico e a complicação da vida social não mais permitiram que o simples convívio de adultos e jovens se encarregasse da sobrevivência das construções do homem à época que as criou. Surgiu, então, a necessidade de uma instituição especial que exercesse essa função — é o nascimento da Escola.

No mundo moderno, a tarefa da Escola é bem mais complexa do que pode parecer, numa análise superficial. Realmente, se a técnica refinada de nossa civilização aproxima os homens, ao torná-los cada vez mais dependentes uns dos outros, ao mesmo tempo os afasta, ao possibilitar e incrementar o seccionamento da sociedade em grupos com ideologias em choque e em luta para se imporem umas às outras. A estreita interdependência dos homens resultou num crucial desejo de democracia que levou de roldão o ideal de realização individual do passado, substituindo-o por uma valorização do próximo. A existência de diferentes concepções do mundo deu origem, graças às técnicas de manipu-

lação da opinião pública, às recentes experiências de regimes de força, quando um grupo conseguiu impor sua concepção aos demais.

A educação, — no passado realizada pela família e completada pela escola, onde eram fornecidos os conhecimentos técnicos necessários para viver no mundo dos negócios — assume novas formas, ganhando a escola papel de extraordinária importância: fornecer ao homem as armas necessárias para situar-se num mundo onde está sujeito à influência das mais diversas ideologias, ensiná-lo a agir só depois de uma deliberação tomada com o conhecimento pleno da situação em que se encontra. Assim, a escola estará preparando homens capazes de tomar decisões de acordo com seus reais interesses e ideais e contribuindo para a formação das condições necessárias para que a vida em sociedade se desenvolva em bases racionais. Só assim aparecerão, no sentido do estabelecimento do equilíbrio social em nossa sociedade, condições diferentes do conformismo ou da dominação dos grupos economicamente mais poderosos.

A Faculdade de Filosofia originou-se da compreensão dessa realidade. De fato, estava presente ao espírito de seus fundadores a necessidade imperiosa de se organizar um Instituto para formar professores e pesquisadores capazes de satisfazer às exigências da vida moderna, por intermédio de uma formação universitária especializada. Visando, com o contrato de professores estrangeiros, pôr termo ao regime das improvisações docentes, renovar e atualizar nossas práticas educacionais.

Uma série de fatores, decorrentes de nossa formação histórico-social, tem contribuído para que o seu êxito não seja completo. A mentalidade personalista da família patriarcal, onde se via antes o interesse da parentela que o da comunidade, e o espírito de “luta pela vida” dos imigrantes, onde a vitória se expressa pelo acúmulo de fortuna, encontram terreno propício para se imporem como fins decisivos da ação humana, neste momento de intensa industrialização e conseqüente concentração, nas cidades, de grandes contingentes de população provenientes das mais diversas condições sociais. De fato, neste meio social novo, onde se chocam valores de diferentes origens, sem que nenhum apresente o caráter de incontestável, os homens se voltam para os que lhes parecem mais concretos e lhes possam dar benefícios imediatos, apresentando-se-lhes, como fins legítimos da ação humana, a “conquista de posições” e o “acúmulo de fortuna”. Compreende-se, assim, o aplauso que vemos constantemente concedido a homens que, em outras circunstâncias, seriam isolados, por perigosos ao convívio social.

Na vida intelectual, a influência desses elementos de nossa formação se faz sentir, pelo primado que aí representa a conquista de posições, em oposição ao espírito de trabalho abnegado e sem recompensas imediatistas. Na vida universitária, expressam-se na corrida para as cátedras e demais posições de relêvo, por todos os meios possíveis, sem consideração do único fator que deve ser decisivo — uma produção intelectual honesta. Quando não é a política influenciando diretamente na organização dos quadros docentes e administrativos da Universidade, é o compadrismo — de profundas raízes no nosso passado — que decide

concursos para cátedras e indicações para os cargos de confiança. Em consequência desta situação, verdadeiras vocações são perdidas, pois, desiludidas, voltam suas atenções para outros ramos de atividade, quando não se entregam às mesmas práticas, quer por representarem um caminho mais fácil para vencer, quer para se preservarem, intuito dificilmente provável.

A situação esboçada torna compreensível a existência de cursos de baixo nível e o conseqüente pouco interêsse em segui-los, a pouca frequência e a predominância do *espertismo*, sobre o trabalho escrupuloso e consciente, que se deve esperar de um candidato a um título universitário. Não é apenas a Universidade a responsável por esta situação: — os que chegam às suas portas já foram vítimas de uma escola primária e secundária eivada de falhas. São os políticos os principais responsáveis por isto, quando intervêm no sistema escolar, seja por meio de leis, seja por meio de sua influência pessoal, sempre para servir aos interêsses particulares de seus eleitores. Considerem-se, ainda, as deficiências de ordem material, e ter-se-á um quadro completo do ensino primário e secundário e de quanto está longe de satisfazer às nossas necessidades, no terreno educacional.

Mas, Senhores, se a situação esboçada se deve a condições peculiares, presentes em nossa formação histórico-social, aí se engendram também os elementos para sua superação. Vivemos em uma época na qual um povo não pode permanecer enclausurado: o extraordinário desenvolvimento técnico dêste século produziu não só uma intensificação nas relações comerciais, mas, também, um ativo intercâmbio intelectual entre os povos, quebrando as barreiras, antes muito rígidas do nacionalismo. O conhecimento de diferentes soluções e de sua respectiva eficácia, no tratamento de problemas comuns, impôs a aceitação das mais felizes, sem considerações de suas origens. Foram os organizadores da Universidade de São Paulo, na década de 30, que sentiram a relevância e compreenderam o significado dêste fato, fundando a Faculdade de Filosofia e iniciando a política de contratar professores estrangeiros. Combatidos e incompreendidos pelo autodata nacionalista, êsses homens não se intimidaram — levaram avante a tarefa que se impuseram. Hoje, podem orgulhar-se da obra realizada. O grupo de moços formados no convívio dos mestres estrangeiros, sem os prejuízos de nossa vida intelectual passada, conscientes das funções do trabalho intelectual na vida moderna, das suas obrigações e deveres, acima de possíveis vantagens, é um índice de quanto foi útil a presença dêsses professores entre nós, e sábia a orientação que os trouxe. Urge, entretanto, para evitar a extinção dêsse surto vivificador, por assim dizer, a efetivação de algumas outras medidas: além da manutenção das diretrizes de contratar professores estrangeiros, a construção da cidade universitária, de modo a criar condições de trabalho condígnas para a docência e a pesquisa; o estabelecimento da carreira universitária, de modo a tornar possível o seu acesso, apenas a pessoas com formação especializada; a transformação das verbas gastas com os cursos noturnos em bôlsas de estudo, e a abertura de perspectivas econômicas melhores, aos que pretendem dedi-

car-se, quer ao magistério, quer à pesquisa. No plano do ensino secundário e primário, o influxo de professores com formação universitária especializada e a continuação da sadia orientação de realizar concursos para o preenchimento de cadeiras, criticável sob alguns aspectos, mas a única compatível com a realidade brasileira — concorrerão para se conseguir o ajustamento do sistema educacional às nossas necessidades. Finalmente, para coroar de êxito tôda esta renovação, faz-se mister, como condição necessária, a separação total entre as instituições educacionais e as instituições políticas.

Permiti-me, Senhoras e Senhores, sejam minhas últimas palavras, dirigidas ao professor Eurípedes Simões de Paula, nosso paraninfo. Professor Eurípedes, ao lado de invejáveis qualidades pessoais, Vossa Excelência é um dos mais dignos representantes daquele grupo de moços formados no convívio dos mestres estrangeiros, livre dos prejuízos de nossa vida intelectual passada. Para Vossa Excelência, a apresentação de um trabalho não representa a conquista de mais um degrau, na direção de uma cátedra que, atingida, será uma posição de onde se distribuem favores e se atendem pedidos, em razão de relações pessoais e políticas. Pelo contrário, para Vossa Excelência, uma cátedra é uma posição de responsabilidade que, para ser mantida dignamente, requer um esforço maior que o desenvolvido anteriormente e obriga a uma disposição de luta, para a conquista de melhores condições de ensino e de pesquisa. Se, escolhendo Vossa Excelência como paraninfo dêste ato, nós homenageamos também o grupo de moços em que depositamos tantas esperanças e o professor estrangeiro, em cujo convívio Vossa Excelência se formou, nós — isto é o mais importante e representativo — tomamos sua conduta como um exemplo a seguir. Sob êste aspecto, a sua escôlha é um indício seguro de que em pouco tempo estarão ultrapassados aquêles ideais de brilhantismo superficial, exigidos de nosso intelectual no passado, pela implantação do ideal de trabalho honesto, sem esmorecimentos e muitas vêzes obscuro, mas o único realmente fecundo. Estaremos, assim, caminhando numa trilha que nos levará à formação de professores e pesquisadores capazes de exercer a função de que falávamos no início — a formação de mentalidades conscientes do mundo que nos cerca, a fim de que as decisões de cada um sejam tomadas de acôrdo com seus reais interêsses e ideais — condição fundamental para que os homens se libertem do conformismo ou da dominação das classes economicamente mais poderosas, e se tornem, êles mesmos, os fatôres decisivos, na escôlha e manutenção da ordem social.



V - Movimento Escolar



CONCURSO DE HABILITAÇÃO

INSCRITOS

<i>Curso</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total</i>
Filosofia	25	23	48
Matemática	27	15	42
Física	13	5	18
Química	10	9	19
História Natural	17	24	41
Geografia e História	22	36	58
Ciências Sociais	13	14	27
Letras Clássicas	29	15	44
Letras Neolatinas	19	41	60
Letras Anglo-germânicas	6	35	41
Pedagogia	27	73	100
TOTAL	208	290	498

APROVADOS

<i>Curso</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total</i>
Filosofia	10	12	22
Matemática	12	3	15
Física	4	2	6
Química	2	4	6
História Natural	10	13	23
Geografia e História	9	16	25
Ciências Sociais	8	14	22
Letras Clássicas	19	7	26
Letras Neolatinas	6	23	29
Letras Anglo-germânicas	5	17	22
Pedagogia	7	28	35
TOTAL	92	139	231

ALUNOS MATRICULADOS

O número de matrículas da Faculdade, no ano de 1951, elevou-se a 943, o que a colocou em 2.º lugar no total geral da Universidade de São Paulo. No quadro abaixo foi feita a discriminação dos dois sexos pelos diversos Cursos.

Filosofia:

	Masc.	Fem.	Total
1.º ano:	19	14	33
2.º ano:	10	7	17
3.º ano:	7	6	13
4.º ano e Especialização	5	2	7
Especialização	1	3	4
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	42	32	74

Matemática:

1.º ano:	19	4	23
2.º ano	11	3	14
3.º ano	2	—	2
4.º ano e Especialização	2	—	2
Especialização	1	2	3
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	35	9	44

Física:

1.º ano	12	2	14
2.º ano	11	3	14
3.º ano	7	—	7
4.º ano e Especialização	2	—	2
Especialização	2	—	2
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	34	5	39

Química:

1.º ano	3	6	9
2.º ano	8	7	15
3.º ano	5	6	11
4.º ano e Especialização	10	11	21
Especialização	2	—	2
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	28	30	58

História Natural:

	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total</i>
1.º ano	16	16	32
2.º ano	5	14	19
3.º ano	2	6	8
4.º ano e Especialização	1	6	7
Especialização	3	—	3
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	27	42	69

Geografia e História:

1.º ano	14	18	32
2.º ano	12	32	44
3.º ano	3	13	16
4.º ano e Especialização	5	11	16
Especialização	4	12	16
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	38	86	124

Ciências Sociais:

1.º ano	12	17	29
2.º ano	4	1	5
3.º ano	3	6	9
4.º ano e Especialização	3	1	4
Especialização	3	10	13
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	25	35	60

Letras Clássicas:

1.º ano	19	6	25
2.º ano	15	10	25
3.º ano	11	4	15
4.º ano e Especialização	5	4	9
Especialização	7	9	16
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	57	33	90

Letras Neolatinas:

	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total</i>
1.º ano	7	22	29
2.º ano	4	18	22
3.º ano	8	24	32
4.º ano e Especialização	3	38	41
Especialização	1	12	13
Total	23	114	137

Letras Anglo-germânicas:

1.º ano	8	18	26
2.º ano	6	25	31
3.º ano	3	28	31
4.º ano e Especialização	2	13	15
Especialização	2	11	13
Total	21	95	116

Pedagogia:

1.º ano	10	31	41
2.º ano	8	31	39
3.º ano	1	14	15
4.º ano e Especialização	1	12	13
Especialização	3	21	24
Total	23	109	132

Portadores de diploma do Antigo
Instituto de Educação

—	8	8
---	---	---

Portadores do certificado de Cambridge

5	4	9
---	---	---

<i>N.º de matrículas:</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total geral</i>
	326	529	943

CURSOS NOTURNOS

Em cumprimento à lei n.º 622, de 4 de janeiro de 1950, que regulamenta o disposto no artigo 23 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual, funcionaram, durante o ano de 1951, os Cursos Noturnos da Faculdade de Filosofia, cujo Regulamento foi baixado com o Decreto n.º 20.810, de 3 de outubro de 1951. Esse Regulamento, elaborado pelo Conselho Técnico-Administrativo e aprovado pela Congregação, foi transcrito no Anuário de 1950 (pags. 86-89).

Foram os seguintes os Cursos ministrados em 1951, no período noturno: Filosofia (1.º ano), Matemática (1.º ano), Geografia e História (1.º e 2.º anos), Ciências Sociais (1.º ano), Letras Clássicas (1.º ano), Letras Neolatinas (1.º ano), Letras Anglo-germânicas (1.º ano) e Pedagogia (1.º ano).

COMISSIONAMENTOS

Nos termos da lei 504, de 10 de novembro de 1949, foram comissionados no ano de 1951, junto a esta Faculdade, para cursarem a Seção de Pedagogia, os seguintes professores primários:

- 1) Alice Pedro — Escola Mista do Bairro São João do Marinheiro (Cardoso) — Ato de 9-5-51.
- 2) Ana Alice Brandão de Figueiredo — Escola Mista do Bairro das Abelhas (Cedral) — Ato de 23-4-51.
- 3) Bassa Lerner — Escola Mista da Fazenda Santa Isabel (Pirangi) — Ato de 24-4-51.
- 4) Beatriz Machado Sayeg — Escola Mista da Fazenda Promissão (Catanduva) — Ato de 9-4-51.
- 5) Celeste Monaco Prado — Escola Mista do Bairro de Serrinha (Pernópolis) — Ato de 30-5-51.
- 6) Celia Rodrigues Pereira — Grupo Escolar Vaz Caminha (Iguape) — Ato de 11-6-51.
- 7) Celia Teixeira — Grupo Escolar Senador Flaquer (São Caetano do Sul) — Ato de 26-3-51.
- 8) Claudio Magnani — Grupo Escolar de Presidente Epitácio (Presidente Epitácio) — Ato de 12-3-51.
- 9) Elza dos Reis Sampaio Nardelli — Grupo Escolar Raul Fonseca (Capital) — Ato de 20-6-51.
- 10) Estevam Souza Barros — Escola Masculina da Barra do Chapéu (Apiáí) — Ato de 10-5-51.
- 11) Hilda de Almeida Guedes — Grupo Escolar Augusto de Carvalho (Capivari) — Ato de 9-5-51.
- 12) Irene Cerqueira Cesar — Grupo Escolar Expedicionário Brasileiro (Capital) — Ato de 2-4-51.
- 13) Iria de Almeida Castilho — Grupo Escolar de Sabino (Lins) — Ato de 24-4-51.

- 14) Joana Mader Elazari — Grupo Escolar de Vila Palmares (Santo André) — Ato de 30-5-51.
- 15) José Ferdinando Ré — Escola Mista de Teçaindá (Martinópolis) — Ato de 20-4-51.
- 16) Judith Cossermeli — Grupo Escolar Raul Fonseca (Capital) — Ato de 22-2-51.
- 17) Margarida Maria de Souza Campos — Grupo Escolar Santo Antônio (Presidente Bernardes) — Ato de 2-5-51.
- 18) Maria Amelia Campos Neto — Escola Mista do Bairro da Pedreira (Santo André) — Ato de 18-4-51.
- 19) Maria Aparecida Santarém — Grupo Escolar de Vila Santa Adelaide (São Bernardo do Campo) — Ato de 17-4-51.
- 20) Maria Aparecida Figueira de Melo — Grupo Escolar Antônio de Alcântara Machado (Capital) — Ato de 10-5-51.
- 21) Maria Helena Contreiras de Figueiredo Steiner — Grupo Escolar de Pereiras (Pereiras) — Ato de 24-4-51.
- 22) Maria de Lourdes Parente Costa — Escola Mista de Teçaindá (Martinópolis) — Ato de 26-3-51.
- 23) Maria de Lourdes Ribeiro Galvão — Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza (São Caetano do Sul) — Ato de 17-5-51.
- 24) Romeu de Moraes Almeida — Grupo Escolar Santo Antônio (Presidente Bernardes) — Ato de 22-10-51.

VI - Conselho Técnico-Administrativo e Congregação



Ao iniciar-se o ano de 1951, o Conselho Técnico-Administrativo, órgão deliberativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, compunha-se dos seguintes Catedráticos: — Alfredo Ellis Júnior, Aroldo de Azevedo, Fernando de Azevedo, Francisco da Silveira Bueno, Paulo Sawaya e Viktor Leinz. Terminado o mandato do Prof. Silveira Bueno, foi nomeado para a sua vaga, por ato de 19 de novembro de 1951, o Prof. Mário Pereira de Sousa Lima. Na mesma ocasião, foi reeleito o Prof. Viktor Leinz.

Foram abordados, nas vinte e oito reuniões realizadas durante o ano, problemas de ordem didática e administrativa, todos do mais alto interesse para a Faculdade.

*

A Congregação, órgão superior na direção didática e administrativa da Faculdade, é constituída pelos Professores e por representantes dos Livres-docentes e dos Assistentes.

Representou os livres-docentes, de janeiro a outubro de 1951, o Prof. Antônio Augusto Soares Amóra, e, de outubro em diante, o Prof. Mário Guimarães Ferri. Em outubro, também, passou a representar os Assistentes o Prof. Michel Pedro Sawaya, em substituição ao Prof. Florestan Fernandes, eleito no ano anterior.

A Congregação reuniu-se, durante o ano letivo de 1951, catorze vezes, tôdas para discussão de problemas de grande importância. Além destas reuniões, ordinárias e extraordinárias, houve sessões especiais de Concurso para a Cátedra e para a Livre-docência, e sessões solenes por motivos diversos, como a de abertura dos Cursos, a 3 de março, em que foi empossado, no cargo de Professor Catedrático, o Prof. João Dias da Silveira; a que se realizou, conjuntamente com a Assembléia Universitária, para a outorga do título de doutor "honoris causa", ao Prof. Roger Bastide; e as que se realizaram em homenagem aos professores falecidos durante o ano: — Prof. Aluizio de Faria Coimbra, Prof. Roldão Lopes de Barros e Prof. Otoniel Mota. A sessão solene de encerramento dos Cursos de 1951, só pôde ser realizada em fevereiro de 1952, em virtude do movimento grevista desencadeado, aliás, em tôdas as Faculdades de Filosofia do país, em sinal de protesto contra o projeto de lei n.º 23/51, que concedia o direito de magistério a todos os portadores de diploma do curso superior.

Cumprê ressaltar, além dos diversos atos e resoluções, que são devidamente considerados nos diversos itens dêste Anuário, como medidas de caráter mais geral, a aprovação dos seguintes projetos e propostas: — criação de um Curso de Letras Orientais; criação de um Centro Internacional de Estudos Urbanos; e regulamentação das normas a serem

adotadas, nos contratos de professores estrangeiros, e de medidas que visem à incentivação dos trabalhos de pesquisa.

Por proposta do Prof. Heinrich Hauptmann, na última sessão ordinária deste ano, a Congregação testemunhou seus agradecimentos aos Professores Theodureto de Arruda Souto, Paulo Guimarães Fonseca, e aos seus Assistentes, pela colaboração prestada ao Departamento de Química, ministrando cursos de especialização aos alunos desse Departamento.

*

CURSO DE LETRAS ORIENTAIS

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras vem mantendo, desde 1944, Cursos de Árabe e de Hebraico, com o caráter de cursos livres, regidos respectivamente pelos Professores Miguel Nimer e Fritz Pinkuss. Embora o Curso de Árabe tenha sido extinto, o de Hebraico continua, até hoje, sob a regência do mesmo Professor.

O ante-projeto de Curso de Letras Orientais, aprovado pela Congregação, é resultado de sugestões apresentadas pelo Prof. Pinkuss e pelo Conselho Técnico-Administrativo, principalmente pelo Prof. Silveira Bueno, que, na ocasião, integrava esse órgão. Aprovado pelo C.T.A., em sessão realizada a 18 de maio de 1951, e pela Congregação a 31 do mesmo mês e ano, foi encaminhado ao Conselho Universitário e à Assembléia Legislativa, para aprovação final e a fim de transformar-se em Lei.

Os estudos que serão desenvolvidos no Curso de Letras Orientais, são de grande importância, não só por sua íntima conexão com a História, a Geografia, a Arqueologia, a Língua, como pela grande influência histórica da civilização árabe e da cultura hebraica, sobre a nossa.

É o seguinte o ante-projeto, aprovado pela Congregação da Faculdade:

ANTE-PROJETO DE LEI

Cria na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, um Curso de Letras Orientais.

Art. 1. Além dos Cursos referidos no Capítulo III do Decreto-lei n.º 12.511, de 21 de janeiro de 1942, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ministrará um Curso de Letras Orientais.

Art. 2. O Curso de Letras Orientais, criado pela presente Lei, terá a duração de três anos e a seguinte seriação:

- 1.^a Série — 1. Língua Árabe
2. Língua Hebraica

3. História da Antiguidade Oriental
4. Arqueologia Bíblica e Árabe.

- 2.^a Série —
1. Língua Árabe
 2. Literatura Árabe
 3. Língua Hebraica
 4. Literatura Hebraica.
 5. História da Filosofia Oriental.

3.^a Série — Esta série terá caráter flexível e poderá ser ministrada dentro das seguintes modalidades:

- A —
1. Língua Árabe
 2. Literatura Árabe
 3. Língua Hebraica
 4. Literatura Hebraica.

- B —
1. Língua Árabe
 2. Literatura Árabe
 3. História da Civilização Árabe
 4. Filologia Portuguêsa.

- C —
1. Língua Hebraica
 2. Literatura Hebraica
 3. História do Povo de Israel
 4. Filologia Portuguêsa.

Art. 3. Além do currículo constante do artigo anterior, os interessados poderão cursar, facultativamente, durante as três séries do curso, a Cadeira de Língua e Literatura Grega.

Art. 4. O concurso de habilitação, para a matrícula no Curso de Letras Orientais, constará de exame nas seguintes matérias:

1. Língua Portuguêsa
2. Língua Francesa, Inglesa, Alemã, Espanhola ou Italiana.
3. História da Civilização
4. História da Filosofia.

Art. 5. Ministrarão as matérias constantes do Curso de Letras Orientais:

- a) — os titulares das Cátedras de História da Civilização Antiga e Medieval, História da Civilização Moderna e Contemporânea, História da Filosofia e Filologia e Língua Portuguêsa;
- b) — os Professores especialmente contratados, nos termos da legislação em vigor, quando se tratar de Língua e Literatura Árabe, Língua e Literatura Hebraica, História do Povo de Israel e Arqueologia.

Art. 6. Consignar-se-á, no orçamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a verba para atender às despesas com a manutenção do Curso ora criado, no exercício de 1952.

Art. 7. A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

*

PROJETO DE UM CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS

O fenômeno de urbanização se acentua no Estado de São Paulo, onde constitui uma série de experiências verdadeiramente única no mundo. Seu estudo pode trazer as melhores contribuições à compreensão dos fenômenos da evolução humana, à interpretação dos fatos do passado e à orientação futura da evolução moderna.

Ora, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que conseguiu, com esforço louvável, equipar seu ensino, que dispõe de pessoal bastante numeroso em relação ao número de alunos, deve agora tomar consciência do papel que lhe cabe, no campo da pesquisa científica, notadamente no domínio das ciências humanas, ao qual nenhum outro país até agora conseguiu dar uma contribuição verdadeiramente decisiva. Situada no centro da maior experiência de crescimento urbano ocidental dos tempos modernos, a Faculdade de São Paulo pode pretender abrir novos rumos para êsses estudos que, empreendidos sistematicamente, orientariam o desenvolvimento administrativo, político, cultural, do Estado inteiro e prestariam, assim, serviço por serviço.

A evolução recente da industrialização propõe problemas de urbanização pelo mundo inteiro, até em regiões afastadas das civilizações tradicionais. Também a essas regiões a experiência paulista poderia ser proveitosa.

Finalmente, se neste Centro de Estudos, a Faculdade atribuir um lugar adequado para os problemas de Educação, trará uma contribuição eficaz aos esforços empreendidos, no plano internacional, para elevar o nível cultural das massas urbanas.

O sucesso de um Centro de Estudos assim constituído teria uma irradiação considerável e viria colocar a Faculdade de São Paulo no plano internacional, que deve procurar, com tôdas as suas forças, atingir.

O Centro deve ser concebido de maneira ampla, na sua organização, isto é, tomando consciência dos problemas não só da cidade de São Paulo e dos centros urbanos do Estado de São Paulo, mas também dos problemas gerais propostos pela urbanização no mundo todo. A Faculdade, já muito absorvida por seus próprios problemas, encontrará, sem dúvida, no início, dificuldades para abranger o conjunto de documentação e de métodos empregados com sucessos diversos.

A prudência aconselha, pois, a começar com estudos de caráter local, para se estender pouco a pouco a estudos de caráter geral. Nessa

ampliação residirá o interesse da obra a que se vai votar, e que deve merecer um auxílio substancial de organismos internacionais como a UNESCO, ou de utilidade internacional, como as grandes Fundações Americanas.

Na primeira fase do seu trabalho, o Centro de Estudos poderá prender-se a um objetivo preciso, o do desenvolvimento da cidade de São Paulo, que se prepara para festejar o quarto centenário de sua fundação. Mas, ao mesmo tempo, dará ao estudo um caráter bastante aberto para que nele se entrem facilmente tarefas mais amplas, aproveitando os métodos já elaborados.

De acordo com estes princípios gerais o Centro de Estudos Urbanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo poderia propor-se o programa seguinte:

I — *Estudo sistemático de São Paulo*

Trabalho de base geográfica; o local deve, logo de início, ser objeto de um estudo geográfico detalhado, que leve em conta todos os trabalhos preparatórios dos engenheiros na edificação da cidade. A esse estudo do terreno dever-se-á acrescentar outro, amplo, da situação, marcando as vias naturais que convergem para a Capital e as influências gerais do clima.

Antes mesmo de terminada a representação detalhada dos fenômenos físicos, seria bom executar mapas do povoamento humano, marcando as densidades e os movimentos de população em São Paulo e cidades satélites, cujo ritmo vital se ligue ao ritmo da capital.

Os estudos demográficos aprofundados se apoiariam em largas sondagens históricas, dando lugar ao levantamento sistemático de todos os arquivos capazes de esclarecer os movimentos de população convergentes ou divergentes da Capital.

A análise dos movimentos de população conduzirá à observação dos caminhos de circulação da riqueza, dos centros de atração e repulsão, dos locais privilegiados de acumulação, das velocidades de circulação, ligadas, seja a fenômenos locais ou nacionais, seja a fenômenos gerais de economia mundial. A relação destes diversos fatores constituirá um dos estudos mais delicados e também mais fecundos.

Sem que se espere a terminação do ciclo de estudos de geografia econômica e humana, abordar-se-ia, por inquéritos sistematicamente conduzidos, o problema da formação de uma opinião pública e de toda uma gama de opiniões variáveis, segundo as zonas urbanas e as classes sociais, procurando distinguir, principalmente, os fatores de cristalização dessas diversas opiniões, na medida do possível; levando-se em conta as dificuldades encontradas, mesmo nos Estados Unidos, com os métodos por questionários preparados previamente, desenvolver-se-á largamente a entrevista livre.

Examinada, assim, toda a arquitetura social, começar-se-á, com precaução, a análise dos fenômenos complexos de enriquecimento de classes, de famílias ou de indivíduos, ligando-os ao estudo da jurisprudência, do sistema legislativo e do papel da administração.

Não se pode conceber esta parte pròpriamente política sem o apôio de um grande esforço de informação histórica, que parece vir relativamente tarde na enumeração geral dos problemas a estudar; todavia, a tarefa de documentação histórica, que se impõe, deve ser empreendida desde agora, com a maior urgência, pois, de tôdas as fontes de informação indispensáveis ao bom andamento da obra, esta é, indiscutivelmente, a que trará as dificuldades de maior vulto ao trabalho do Centro.

Por fim, como conclusão a êste conjunto de estudos, o Centro poderá, eventualmente, entregar-se a outros de urbanismo, procurando reagrupar os pensamentos expressos ou latentes que presidiram à edificação da cidade e de seus bairros e os resultados humanos que dela foram, de fato, a consequência.

II — *Estudos de outros exemplos característicos*

À medida que os colaboradores do Centro avançarem no estudo das questões pròpriamente ditas, encontrarão problemas de observação e de interpretação, que serão resolvidos mais fàcilmente se os mesmos colaboradores tiverem já travado conhecimento com outros centros urbanos, uns mais antigos, outros mais recentes. A ecologia americana poderá ser de utilidade. E também os estudos de história urbana da Europa.

Mas o Centro não lucrará menos, se procurar explicação para o aparecimento rápido e recente de cidades novas, com o sacrifício da floresta paulista, estudando seus êxitos e seus insucessos. Será por êsse lado que o Centro se tornará capaz de trazer soluções a problemas de história urbana, até hoje insolúveis, quando se trata de civilizações muito antigas.

III — *Estudos urbanos comparados*

Até agora, encaramos o trabalho do Centro tendo em vista o desenvolvimento de São Paulo; seria, porém, interessante também do ponto de vista da pesquisa pura, e para que o trabalho tivesse maior alcance internacional, comparar a evolução de São Paulo com a de outras cidades, de caráter radicalmente diferente.

Ê tarefa melindrosa e que poderá ter, como conclusão, a classificação de tipos de cidade, até hoje só tentada tomando-se em consideração caracteres secundários, o que explica serem pouco valiosos os resultados obtidos.

Para apresentar um caráter de novidade que a faça abandonar os "impasses" em que se manteve até hoje, a classificação das civilizações urbanas deverá apelar amplamente para a análise do desenvolvimento das riquezas urbanas, da circulação de valôres, da criação de ideologias e, finalmente, dos sistemas jurídicos, êstes encarados ao mesmo tempo através da teoria da lei e através das modalidades de sua aplicação.

Ê o terceiro grande estudo, que será a melhor justificação do esforço levado a efeito pela Faculdade, no seu intuito de afastar os métodos das ciências humanas das pequenas experiências fragmentárias até hoje

tentadas e que, reconhece-se unânimemente, não tiveram a eficácia que exigia o progresso paralelo das ciências físicas.

Tendo, assim, definido os três grandes objetivos de estudo do Centro, para os quais tôda a ambição é pouca, resta dizer que, no escalonamento dos trabalhos, a cautela é a melhor conselheira, pois nada serviria apressá-los excessivamente, a expensas de sua solidez e profundidade.

IV — *Programa inicial*

Os dois primeiros anos seriam, pois, anos de trabalho prévio principalmente, com o seguinte programa restrito:

1. Preparação de um atlas geral de São Paulo, do local da cidade e sua situação; far-se-á a coleção sistemática dos mapas já existentes e, para os novos, de comêço se empreenderiam aquêles cujos documentos já estivessem à mão; será também levado a efeito o levantamento da tarefa a empreender, para que êsse atlas seja o mais completo e perfeito (trabalhos a serem iniciados em abril de 1952).

2. Criação de um “bureau” de documentação, reunindo todos os dados úteis para atlas análogos de cidades cujo estudo pode esclarecer o desenvolvimento de São Paulo. Êste “bureau” de documentação deveria entrar imediatamente em relações com todos os centros que tratem dos mesmos problemas, no mundo inteiro. Para facilitar comunicações postais, estaria localizado numa cidade européia, embora dependendo de São Paulo (a partir de abril de 1952).

3. Inventário geral dos arquivos públicos e privados, úteis à História de São Paulo (julho de 1952).

4. Inquérito sistemático e limitado, para uma primeira sondagem de problemas de psicologia coletiva, de economia urbana, de constituição e de aplicação de sistemas jurídicos e administrativos, começando por questões escolhidas arbitrariamente; o trabalho deve ser efetuado em São Paulo ou nas proximidades de São Paulo (a partir de agôsto de 1952 e continuados em 1953).

V — *Publicações*

Realizadas as três tarefas acima, elas permitiriam a publicação, em 1954, por ocasião do 4.º centenário de São Paulo, de três trabalhos parciais de interêsse fundamental:

1. Um atlas ilustrado e comentado de São Paulo e sua região;
2. Um inventário geral dos centros de documentação de estudos urbanos; êste inventário comportaria duas partes, uma local, relativa à história de São Paulo, outra internacional, indicando bibliotecas, arquivos, fichários que possam ser utilizados;
3. Um livro de método sociológico, indicando, por meio de exemplos práticos, os processos empregados e suas possibilidades de aplicação posterior.

Além dessas três publicações, o esforço realizado permitiria levantar um plano geral de envergadura mais vasta, que abrisse caminho para tarefas futuras que, se bem realizadas, redundarão em proveito e renome para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

VI — Organização

Trataremos, por enquanto, apenas do trabalho parcial que deve ter lugar nos anos de 1952-1953 e 1954. Deve-se, é claro, apelar para uma grande cooperação de tôdas as disciplinas.

I — DIREÇÃO

A direção do Centro comportaria, por conseguinte, dois órgãos diretores distintos:

- A — Comissão Executiva, composta de três elementos que representem os Departamentos de Geografia, de História e de Sociologia e Antropologia;
- B — Conselho de Orientação, composto de personalidades brasileiras, ou estrangeiras, designadas pela Comissão Executiva, e escolhidas por sua competência científica e técnica; e de personalidades brasileiras ou estrangeiras, capazes de fornecer ao Centro, ou meios de informação, ou meios de execução.

II — EXECUÇÃO

A execução material do trabalho teria como base quatro organismos essenciais:

- A — Um Secretariado, assegurando a ligação com todos os organismos cuja colaboração seja considerada útil, que seria encarregado do trabalho material e da gestão do Centro;
- B — Um “Atelier” de cartografia, reunindo a documentação, sistematizando-a, para apresentá-la sob a forma de elementos suficientemente precisos, que permitam a constituição de mapas destinados à publicação;
- C — Um “Bureau” de documentação, que assegure um trabalho de correspondência internacional e de fichário;
- D — Um “Atelier” de inquéritos que, primeiramente, colecionaria tudo o que já foi feito localmente e que organizaria equipes para a busca dos novos documentos necessários.

III — PESSOAL NECESSÁRIO

O Centro necessitaria do seguinte corpo de auxiliares:

A — Para colaborar na orientação, além de alguns Professôres da Faculdade e de algumas personalidades paulistas:

- a — uma personalidade que esteja a par dos problemas gerais, referentes à colaboração das três disciplinas interessadas;
- b — um Professor especialista na questão de documentação histórica;
- c — um Professor a par dos trabalhos internacionais de sociologia urbana; e
- d — um técnico de cartografia urbana.

B — Para colaborar na execução:

- a — um secretário (a partir de setembro de 1952);
- b — um correspondente, encarregado das relações com o estrangeiro (o mais cedo possível — sem dúvida, a cargo da UNESCO, a partir de 1953); e
- c — equipes de pesquisadores, destinados a executar uma tarefa determinada, num total de 7.000 horas de trabalho para o primeiro ano.

C — *Bolsistas*

O Centro será uma ótima oportunidade, oferecida a bolsistas da Faculdade, para prosseguimento de seus estudos, colaborando útilmente, ao mesmo tempo, com os trabalhos daquele.

De início, prevê-se que prestariam serviços cinco bolsistas, das seguintes especializações:

- 1 geógrafo,
- 1 ou 2 historiadores,
- 1 sociólogo e
- 1 estatístico.

*

RESOLUÇÃO SÔBRE NORMAS A SEREM ADOTADAS, QUANTO AOS PROFESSÔRES ESTRANGEIROS E AO INTERCÂMBIO CULTURAL

Em sessão realizada a 6 de agosto de 1951, a Congregação aprovou, com emenda, uma resolução do Conselho Técnico-Administrativo, relativo à colaboração de Professôres estrangeiros e ao intercâmbio cultural entre a Faculdade e as instituições congêneres, nacionais e estrangeiras. É a seguinte a Resolução aprovada:

“O Conselho Técnico-Administrativo, tendo em vista o que lhe representou o Prof. Charles Morazé, especialmente sôbre as ciências humanas, e considerando a necessidade de reexaminar o problema da colaboração

dos professôres estrangeiros e do intercâmbio cultural entre esta Faculdade e as instituições congêneres, nacionais e estrangeiras, e de estabelecer medidas apropriadas para assegurar um caráter permanente, em tôdas as Cadeiras, aos trabalhos originais de pesquisa, já incorporados, em muitas delas, às suas atividades normais,

R E S O L V E

I) — Considerar e distinguir a colaboração que possam trazer à Faculdade professôres e pesquisadores estrangeiros, em três categorias:

a) — a de Professôres Visitantes, que serão escolhidos e convidados, pelo prazo de três a oito meses ou de um a dois semestres letivos, entre professôres eminentes, que possam dar cursos especiais e de conferências, por proposta devidamente justificada de Cadeira ou Departamento;

b) — a de Professôres Contratados, escolhidos de preferência entre professôres jovens, de notáveis qualidades, para darem, pelo prazo de um a três anos, cursos normais, com exercício em Cadeiras ainda não providas, ou cursos especiais e paralelos aos normais, junto a Cadeiras providas em caráter efetivo ou interino, por iniciativa, no primeiro caso, do Conselho Técnico-Administrativo, e, no segundo, de Cadeira ou Departamento; .

c) — a de Investigadores ou Técnicos de Pesquisa, de altas qualidades, que serão contratados pelo prazo de um a dois anos, por proposta devidamente justificada, de Cadeira ou Departamento, para o fim de auxiliar o Catedrático, no emprêgo de métodos de trabalho que, em outros países, estejam sendo utilizados com sucesso; de aplicá-los a problemas brasileiros, adaptando-os e completando-os com novos métodos; e de proporcionar aos alunos a oportunidade de executar trabalhos práticos.

II) — Adotar o princípio de que o convite a um Professor estrangeiro pode ser renovado, desde que, no período anterior tenha exercido com a maior eficiência e de modo notável as atividades de ensino, ou tenha iniciado pesquisas que estejam ainda em curso, e resultem ou possam resultar em publicações originais.

- III) — Autorizar o Snr. Diretor a tomar tôdas as providências administrativas, orçamentárias e técnicas, ao seu alcance e em colaboração com Cadeiras e Departamentos, para incentivar e desenvolver trabalhos originais de pesquisa, assegurar aos esforços da Faculdade, no domínio da investigação, um carácter permanente, e permitir a Cadeiras e Departamentos dedicar-se a tarefas de grande fôlego, apoiadas em organizações duráveis.
- IV) — Mandar estudar, por Professôres ou Comissão de Professôres, para adoptá-las e fazê-las cumprir, se aprovadas pela Congregação, as medidas mais adequadas ou os meios mais eficazes para que a Faculdade possa estabelecer e manter contactos estreitos com organismos de pesquisa de outros países, seja directamente pelos Departamentos, nos domínios de suas especialidades, seja pela própria Faculdade, através de professôres ou escritórios correspondentes, em grandes centros culturais da Europa e dos Estados Unidos.
- V) — Favorecer e incentivar, por todos os meios ao alcance da Faculdade, trocas de estudantes, entre esta e as instituições congêneres, no estrangeiro, mediante bôlsas de estudo, concedidas pela Universidade de São Paulo, ou por emprêsas ou instituições particulares, a estudantes da Faculdade, para aperfeiçoarem e especializarem seus conhecimentos no estrangeiro; e entendimentos com Faculdades de outros países, para enviarem, com bôlsas de estudo que lhes sejam concedidas pelos respectivos governos, estudantes interessados em cursos, trabalhos e pesquisas em São Paulo.
- VI) — Apoiar e fazer executar tôdas as medidas que tenham por fim difundir, no País e no Estrangeiro, publicações da Faculdade, e iniciar negociações e estabelecer acordos com organizações culturais ou editoriais, no Estrangeiro, prevendo traduções recíprocas, de obras de Professôres estrangeiros para o Português e de trabalhos de Professôres da Faculdade para outras línguas, e publicações, em comum, de trabalhos originais empreendidos coletivamente.



VII - Concursos



A conquista da autonomia da Faculdade, pelo provimento efetivo de suas Cadeiras, tem constituído uma constante preocupação da atual Diretoria. O problema foi delineado pelo Prof. Simões de Paula, em seu discurso de posse, ao indicar, como um dos ítems de seu programa, “abrir concurso para as cátedras que, por suas instalações e realizações, possam ser providas definitivamente, sem que, com isso, dispensemos a colaboração dos professôres estrangeiros, que tão úteis serviços têm prestado à Faculdade, e que serão ainda indispensáveis por muitos anos. Sòmente assim, conseguiremos completar o número suficiente de professôres catedráticos para a obtenção da completa autonomia da nossa Escola, dentro do regime estabelecido em lei, para o govêrno da Universidade de São Paulo”.

Com a realização do concurso para a Cadeira de Geografia Física, em fins de 1950, elevou-se a 21 o número de professôres catedráticos, bastante longe, ainda, dos dois terços exigidos para a completa autonomia da Faculdade. A existência de diversas Cadeiras nas condições a que se referiu o Prof. Simões de Paula, foi um incentivo à execução de seu programa e, assim, no primeiro semestre de 1951 foram abertas as inscrições aos concursos para provimento de seis Cadeiras, a saber: — Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, Geometria Superior, Crítica dos Princípios e Complementos da Matemática, Geografia Humana, Filologia Românica e História da Civilização Moderna e Contemporânea.

Destas Cadeiras, algumas (como as três de Matemática) vinham sendo regidas, há mais de dez anos, pelos mesmos professôres, na categoria de interinos ou contratados, tempo mais que suficiente para pôr à prova a eficiência do ensino nelas ministrado, bem como a capacidade didática e cultural de seus titulares; outra, a de Filologia Românica, estava já provida, interinamente, por um livre-docente; finalmente, quanto às outras duas, regidas durante muitos anos por professôres franceses, e não sendo mais possível, nos últimos tempos, contar com a permanência de professôres contratados nas condições que podiam interessar à Faculdade, nenhuma outra solução havia, senão a abertura de concurso, aliada à circunstância de que vinham, interinamente, sendo regidas por licenciados e doutores na especialidade, com currículos à altura das responsabilidades que poderiam advir da investidura efetiva numa cátedra.

Infelizmente, transcorreu todo o ano de 1951 sem que se resolvesse o caso do concurso para a Cadeira de Filosofia, longamente noticiado no Anuário anterior, continuando o processo em suspenso e a Cadeira, sob regência interina.

CONCURSO DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Entre 19 e 22 de novembro de 1951, processaram-se os trabalhos do concurso para provimento da Cátedra de História da Civilização Moderna e Contemporânea.

Apresentou-se como candidato o Prof. Dr. Eduardo d'Oliveira Franca, que já vinha ocupando aquela Cadeira, em caráter interino.

A Banca Examinadora ficou constituída pelos seguintes Professores: — Eurípedes Simões de Paula e Astrogildo Rodrigues de Melo, indicados pela Congregação e Sérgio Buarque de Holanda, Jaime Coelho e Eremildo Luís Viana, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo.

A Prova Escrita

No dia 19 de novembro, às 14 horas e 20 minutos, teve início a prova escrita, que se prolongou até às 20 horas e 20.

A Banca Examinadora, presidida pelo Prof. Simões de Paula, organizou a seguinte relação de pontos:

- 1 — As grandes descobertas geográficas e o Mediterrâneo.
- 2 — A crise econômica do século XVI e as origens do capitalismo moderno.
- 3 — A Reforma Protestante: — suas causas e desenvolvimento.
- 4 — A Holanda e a cultura holandesa, na época do Renascimento.
- 5 — O absolutismo na Inglaterra, na época dos Stuarts.
- 6 — A época de Pedro, o Grande e as reformas na Rússia.
- 7 — Mazzarino e a sociedade francesa do seu tempo.
- 8 — O "Risorgimento" e a política de Cavour.
- 9 — O Imperialismo colonial no século XIX.
- 10 — O despotismo esclarecido e a política de reformas no século XVIII.
- 11 — As classes sociais e as origens da Revolução Francesa.
- 12 — A revolução industrial.
- 13 — O bloqueio continental.
- 14 — A Santa Aliança e a política européia de 1815 a 1831.
- 15 — A "Tríplice Aliança" e a "Entente Cordiale".
- 16 — A Inglaterra na primeira metade do século XIX e as reformas.
- 17 — As classes operárias e as reivindicações sociais.
- 18 — O imperialismo nipônico e a guerra russo-japonesa.
- 19 — Bismarck e a hegemonia alemã.
- 20 — A decadência do Império Otomano e as origens das nações balcânicas.

Sorteado o ponto, coube ao candidato discorrer sobre "A Reforma protestante: — suas causas e desenvolvimento".

O julgamento dos Títulos

No mesmo dia em que se realizou a prova escrita, a Comissão Examinadora procedeu ao exame dos títulos do candidato.

A Defesa de Tese

No dia 20 de novembro, no salão nobre da Faculdade, realizou-se a sessão pública e solene de defesa da tese “Portugal na época da Restauração”, apresentada pelo Dr. Eduardo d’Oliveira França. Aberta a sessão pelo Presidente, foi dada a palavra ao primeiro argüidor, Prof. Jaime Coelho. Argüiram, a seguir, os Profs. Sérgio Buarque de Holanda, Eremildo Viana, Astrogildo Rodrigues de Melo e Eurípedes Simões de Paula. Após as cinco horas regulamentares de debates, a Banca Examinadora passou à atribuição das notas.

A Prova Didática e o Encerramento do Concurso

Às 20 horas do dia 21 de novembro, presentes os Snrs. Membros da Comissão Examinadora, realizou-se o sorteio do ponto da prova didática. Para esta prova foi organizada a seguinte relação de pontos:

- 1 — A Santa Sé e o renascimento do século XVI.
- 2 — A influência de Erasmo no humanismo.
- 3 — Os reis católicos e a unificação da Espanha.
- 4 — O desenvolvimento da burguesia, no século XVI.
- 5 — Colbert e o mercantilismo.
- 6 — A liberdade dos mares e a guerra de corso no século XVII.
- 7 — A Inglaterra sob o reinado de Isabel.
- 8 — Richelieu e a luta contra a nobreza.
- 9 — A rivalidade franco-britânica na África do Norte durante o século XIX.
- 10 — Frederico II e o despotismo esclarecido.
- 11 — A antigo regime na época de Luís XVI.
- 12 — Leão XIII e a Igreja de seu tempo.
- 13 — A burguesia francesa e o golpe do Brumário.
- 14 — A política imperial de Bismarck.
- 15 — As origens da revolução de 1848 na França.
- 16 — As transformações da Rússia, de Alexandre II até a guerra com o Japão.
- 17 — Cavour: — o homem, as idéias, a obra.
- 18 — A China e a penetração ocidental do século XIX até 1911.
- 19 — A sociedade inglesa na época vitoriana.
- 20 — A “Entente Cordiale”.

A 22 de novembro, às 20 horas, no salão nobre da Faculdade, realizou-se a sessão pública e solene da prova didática. O candidato dissertou sobre o tema “*A Entente Cordiale*”, sorteado no dia anterior.

A seguir, procedeu-se à leitura da prova escrita, realizada a 19 de novembro, para atribuição de notas, na forma regulamentar, passando-se, depois, ao julgamento final.

À vista das notas atribuídas, foi o Dr. Eduardo d'Oliveira França considerado aprovado, nos termos do Regimento de Concurso.

Ainda a 22 de novembro, reunida a Congregação da Faculdade, para votar o parecer da Comissão Examinadora, verificou-se que êste foi unânimemente aprovado, passando, pois, o Prof. Dr. Eduardo d'Oliveira França a Professor (em caráter efetivo) da Cadeira XXVII — História da Civilização Moderna e Contemporânea. Tal decisão foi homologada pelo Governo do Estado, por Decreto de 19 de dezembro de 1951.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais dêste concurso, foram indicados, nos termos da lei federal 851, os seguintes professores: Afonso d'Escragnoille Taunay, Alice P. Canabrava, Américo de Moura, Antônio Cesarino Júnior, Aureliano Leite, Carlos da Silveira, Francisco Isoldi, Fritz Ackermann, Fritz Pinkuss, G. D. Leoni, J. F. de Almeida Prado, J. P. Leite Cordeiro, Murilo Mendes, Odilon Araujo Grellet, Raul de Andrada e Silva, Tito Lívio Ferreira, Thomaz Oscar Marcondes de Sousa.

*

A Tese

Da tese apresentada pelo Dr. Eduardo d'Oliveira França, "Portugal na época da Restauração", transcrevem-se, a seguir, trechos do prefácio e o índice, que esclarecem o assunto estudado pelo Autor:

"Tese: uma idéia e um método a serviço da idéia. Para nós foi: a idéia de um método. Representa êste trabalho apenas uma experiência metodológica. Mais um ensaio do pensamento que pesquisa original. A procura de um caminho.

.

Saímos à pesquisa com uma idéia geral: história, ciência do homem. A compreensão do homem através das idades, eis o que busca o historiador. Elegemos um homem para estudar: o português do século XVII. Sim, porque estudá-lo seria antever o próprio homem brasileiro ancorado na Metrópole. Encontrar o brasileiro na linha de suas indagações há de ser um programa para o historiador no Brasil. Surpreendê-lo enquanto ainda é português, para sentir melhor a transmutação sofrida, depois que emigrou para emergir americano. Poder entender, numa democracia século-vinte, o barroquismo residual que existe nesse nosso excelentíssimo senhor ou nesse burocratismo incurável das administrações, ou na desproporcional importância que atribuímos ao vestuário.

.

Quando empreendemos a pesquisa, de início levávamos a idéia de inquirir as relações da economia colonial com a Restauração de 1640 e vice-versa. História econômica que está na moda. Recolhemos dados:

fatos econômicos. Mas faltava o homem. Êle o ponto de partida e não a economia do tempo. Não fôra o açúcar brasileiro disputado pelo holandês, que deflagrara a insurreição bragantina. Nem a diminuição da prata hespanhola. Nem a perda do comércio das especiarias. Fôra o homem que se inquietava com a situação do açúcar, da prata, das especiarias, mas que também vivia nos seus solares provinciais ou quintas dos arredores de Lisboa, que lia Camões e Fernão Lopes, que passeava de coche, que indagava se D. Sebastião ia voltar. Foi o homem que fêz a revolução; não foram as alterações dos interesses econômicos. Êsse homem tinha, sim, certa vida econômica, como também tinha uma vida social, política, intelectual, sentimental. Era aqui traficante de escravos, ali soldado da Índia, além parasita da côrte.

Era preciso buscar, portanto, o homem da época do barroco. A insurreição de 1640 seria como que uma projeção espectroscópica para análise. Um momento de desequilíbrio em que o homem se traía.”

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: *Um século barroco*

Cap. I — O estudo de uma época

- a. Um século mal estudado
- b. Um século mal compreendido

Cap. II — Retrato de um século

- a. Século de projeção da cultura européia
- b. Século de hegemonia ibérica
- c. Século de procura de ordem

Cap. III — Diagnóstico de um século: um século barroco

- a. Civilização teatral
- b. Civilização de inquietação
- c. Civilização de heroísmo

Cap. IV — O homem barroco: o “hidalgo” de Espanha

- a. Uma oposição: o barroco e o neoclássico
- b. O “hidalgo” e a “hidalgua”

SEGUNDA PARTE: *O homem da restauração*

Introdução

Cap. I — A nostalgia da côrte

Cap. II — Uma côrte de aldeia: a dos Braganças

Cap. III — Uma atitude de fuga

Cap. IV — O desgosto do tempo

Cap. V — A frustração da carreira

Cap. VI — O homem barroco português

- a. O herói frustrado
- b. O herói artificial
- c. O herói melancólico

TERCEIRA PARTE: *Ideais e posições na Revolução de 1640*

Cap. I — A ideologia da Revolução

- a. O profetismo
- b. O sebastianismo
- c. O bandarrismo
- d. O messianismo brigantino

Cap. II — As idéias políticas da Restauração

- a. O problema da legitimidade do poder
- b. A ruptura do pacto

Cap. III — O povo e a Restauração

- a. As insurreições que o povo fêz
- b. Por que o povo se rebela
- c. A ausência do povo em 1640

Cap. IV — A burguesia e o Império

- a. Os cristãos-novos e a insurreição bragantina
- b. A prata e as especiarias
- c. A busca da prata

Cap. V — A decepção da burguesia

- a. A crise do comércio colonial
- b. Burguesia e Restauração
- c. A hesitação dos letrados

Cap. VI — O Atlântico e a Restauração

- a. O tráfico africano
- b. O comércio do açúcar
- c. A concorrência holandesa

Conclusões

Bibliografia

CONCURSOS DE GEOMETRIA ANALÍTICA, PROJETIVA E DESCRITIVA, COMPLEMENTOS DE GEOMETRIA E GEOMETRIA SUPERIOR, E CRÍTICA DOS PRINCÍPIOS E COMPLEMENTOS DE MATEMÁTICA

No dia 20 de novembro de 1951, às 13 horas, numa das salas do Departamento de Matemática, tiveram inicio os trabalhos dos Concursos para provimento efetivo das Cadeiras acima nomeadas.

Constituíam a Comissão Examinadora os Professôres Milton da Silva Rodrigues e Omar Catunda, indicados pela Congregação e Edmundo Meneses Dantas, Cristovão Colombo dos Santos e Ari Tithbol Nunes, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo.

Foram os seguintes os candidatos inscritos: Prof. Benedito Castrucci, para a Cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva; Prof. Cândido Lima da Silva Dias, para a de Complementos de Geometria e Geometria Superior; Prof. Fernando Furquim de Almeida, para a de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática. Êstes três professôres já exerciam, interinamente, a regência das Cadeiras para as quais concorreram.

Os trabalhos foram abertos pelo Diretor da Faculdade, tendo como Presidente, o Prof. Milton da Silva Rodrigues.

As provas escritas e o julgamento dos títulos

Para as provas escritas, realizadas a 20 de novembro, a Comissão Examinadora elaborou as seguintes listas de pontos:

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva: 1) — Aplicações lineares de um módulo em outro. 2) — Espaços vectoriais. Espaços de dimensão finita. 3) — Álgebra; estudo geral; álgebra de Grassmann. 4) — Redução de uma transformação linear. Forma canônica de uma matriz. 5) — Ortogonalidade. Formas quadráticas ortogonais e hermitianas. 6) — Estudo das curvas reversas pelo triedro móvel. 7) — Curvatura das curvas sôbre uma superficie. Curvatura principal e média. 8) — Complexos lineares. 9) — Estudo topológico das variedades de duas dimensões. 10) — Cadeias num complexo. Grupos de homologia. 11) — Aproximação simplicial. Teoremas de invariança. 12) — Grupo fundamental. Noções sôbre grupos de homotopia. 13) — Teorema do ponto fixo de Brower.

Complementos de Geometria e Geometria Superior: 1) — Propriedades essenciais das curvas planas. 2) — Estudo da hélice cilíndrica e dos helicóides. 3) — Superficies de translação e de rotação. 4) — Superficies regradas. 5) — Teorema de Desargues e sua importância nos fundamentos da Geometria. 6) — Proposição de Staudt e teorema fundamental. 7) — Estudo da involução e noção sôbre a introdução dos imaginários na geometria de Staudt. 8) — Polaridade plana e no espaço. 9) — O sistema de retas do espaço. Coordenadas plückerianas e quádrlica de Klein. 10) — Projeção estereográfica.

Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática: 1) — Sistemas de equações lineares homogêneas e não homogêneas. 2) — Teorema fundamental da Álgebra. 3) — Funções simétricas das raízes de uma equação algébrica. 4) — Equações algébricas resolúveis por meio de radicais. 5) — Propriedades gerais das congruências. Congruências do primeiro grau. 6) — Congruências binômias. 7) — Resíduos quadráticos. Lei de reciprocidade. 8) — Formas quadráticas. 9) — Equivalência no espaço; teorema de Dehn. 10) — Estudo elementar das geometrias de Lobatchefski e de Riemann. 11) — Construções geométricas.

A seguir, foram admitidos, no recinto dos Concursos, os candidatos inscritos, em Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, em Complementos de Geometria e Geometria Superior e em Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática, que respectivamente redigiram as suas provas, sobre os pontos sorteados no momento: — “Proposição de Staudt e teorema fundamental”; “Álgebra, estudo geral; álgebra de Grassmann” e “Propriedades gerais das congruências; congruências do primeiro grau”.

Nesse mesmo dia, a Comissão Examinadora procedeu ao exame e juízo dos títulos dos três candidatos.

A leitura das provas escritas efetuou-se a 21 de novembro, às 15 horas, no salão nobre da Faculdade, em sessão pública, presidida pelo Diretor.

As provas didáticas

Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva: Às 16 horas do dia 21 de novembro, realizou-se o sorteio do ponto da prova didática, para a qual a Comissão Examinadora organizou a seguinte lista de pontos: 1) — Propriedades essenciais das curvas planas. 2) — Transformação de coordenadas no espaço. Fórmulas de Euler. 3) — Estudo da hélice cilíndrica e dos helicóides. 4) — Superfícies de translação e superfícies de rotação. 5) — Superfícies regradas. 6) Configurações. Teorema de Desargues. 7) — Razão anarmônica. 8) — Involução. 9) — Polaridade plana e no espaço. 10) — Estudo das cônicas. Projetividade entre cônicas. Equações reduzidas. 11) — Estudo das quádricas. Equações reduzidas. 12) — Coordenadas plückerianas de retas do espaço. 13) — Projeção estereográfica. Aplicação da esfera no plano. 14) — Distância de um ponto a uma reta. Distância de duas retas. 15) — Sistemas usuais de coordenadas no espaço. 16) — Estudo da circunferência. 17) — Representação do cilindro, cone e esfera. 18) — Problemas gráficos e métricos na projeção cotada. 19) — Projetividade real nas formas uni-dimensionais. 20) — Noção sobre a classificação das homografias.

No dia 22 de novembro, às 16 horas, no salão nobre da Faculdade, teve lugar a sessão pública e solene da prova didática. Então, o can-

didato inscrito dissertou sobre o ponto sorteado anteriormente: — “Estudo das quádricas. Equações reduzidas”.

Complementos de Geometria e Geometria Superior — Foi a seguinte a lista de pontos, organizada para a prova didática desta Cadeira: 1) — Módulos e espaços vectoriais. Conceitos fundamentais. 2) — Aplicações lineares de um módulo em outro. 3) — Espaços vectoriais. Espaços de dimensão finita. 4) — Dualidade. 5) — Matrizes e equações lineares. 6) — Redução de uma transformação linear. Forma canônica de uma matriz. 7) — Ortogonalidade. 8) — Formas quadráticas ortogonais e hermitianas. 9) — Estudo das curvas reversas pelo triedro móvel. 10) — Coordenadas curvilíneas sobre uma superfície. Curvatura das curvas sobre uma superfície. 11) — Curvatura principal e média em uma superfície. Linhas de curvatura e linhas assintóticas. 12) — Complexos lineares. Definições gerais. 13) — Classificação topológica das variedades de duas dimensões. 14) — Simplexos e complexos de dimensão p . Conceitos fundamentais. 15) — Cadeias num complexo. Grupos de homologia. 16) — Invariância topológica dos grupos de homologia. Transformação em cadeia. 17) — Aproximação simplicial. Teorema de Lefschetz. 18) — Grupo fundamental. 19) — Conceito de grupos de homotopia. Propriedades fundamentais. 20) — Teorema do ponto fixo de Brower e conseqüências.

Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática: Para esta Cadeira, organizou-se a seguinte lista de pontos: 1) — Espaço afim a n dimensões. Dependência e independência de vectores. 2) — Sistemas de equações lineares e homogêneas. 3) — Determinantes e suas propriedades. 4) — Teoria da divisibilidade de polinômios. 5) — Teorema fundamental da Álgebra e conseqüências. 6) — Funções simétricas das raízes de uma equação algébrica. 7) — Transformações das equações. 8) — Equações do terceiro e quarto grau. 9) — Números primos. 10) — Congruências binômias. 11) — Resíduos quadráticos. Lei da reciprocidade. 12) — Formas quadráticas. 13) — Noções sobre corpos quadráticos. 14) — Postulado das paralelas. Formas equivalentes. 15) — Equivalência das figuras planas. Áreas. 16) — Equivalência no espaço. Teorema de Dehn. 17) — Teorema de Desargues. Teorema de Hesseberg. 18) — Postulados da continuidade. 19) — Estudo elementar das geometrias de Lobatchefski e de Riemann. 20) — Construções geométricas.

Às 16 horas do dia 23 de novembro, reuniu-se a Comissão Examinadora dos Concursos, para a realização das provas didáticas de Complementos de Geometria e Geometria Superior e de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática. Em primeiro lugar, dissertou o prof. Cândido Lima da Silva Dias, candidato à primeira das Cadeiras nomeadas, sobre o tema anteriormente sorteado: — “Matrizes e equações lineares”. A seguir, o Prof. Fernando Furquim de Almeida, candidato à segunda das Cadeiras, sobre o ponto também anteriormente sorteado: — “Números primos”.

As defesas de tese

A 24 de novembro, às 8 horas, realizou-se a sessão pública e solene de defesa da tese “Espaços vectoriais topológicos e sua aplicação nos espaços funcionais analíticos”, apresentada pelo prof. Cândido Lima da Silva Dias, no Concurso de Complementos de Geometria e Geometria Superior. Abertos os trabalhos, foi dada a palavra ao primeiro arguidor, Prof. Cristovão Colombo dos Santos, que, antes de iniciar o trabalho, dirigiu algumas palavras de saudação à Faculdade, a que respondeu, agradecendo, o Diretor, Prof. E. Simões de Paula.

Às 14 horas do mesmo dia, efetuou-se a defesa da tese apresentada ao Concurso de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, pelo Prof. Benedito Castrucci, intitulada “Fundamentos da Geometria Projetiva Finita N-Dimensional”.

A 26 de novembro, às 8 horas, teve lugar a defesa da tese “Fundamentos da Geometria absoluta no plano”, apresentada pelo Prof. Fernando Furquim de Almeida, candidato ao concurso de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.

Estas três defesas de tese realizaram-se no salão nobre da Faculdade. Foram tôdas presididas pelo Diretor, Prof. Eurípedes Simões de Paula. Os membros da Comissão Julgadora arguíram na seguinte ordem: Prof. Cristovão Colombo dos Santos, Prof. Edmundo Meneses Dantas, Prof. Ari Nunes Tithbol, Prof. Omar Catunda e Prof. Milton da Silva Rodrigues.

O julgamento final ,

No dia 26 de novembro, realizou-se a sessão pública e solene do julgamento dos três Concursos. Sob a presidência do Diretor da Faculdade, com a presença dos membros da Comissão Examinadora e dos três candidatos, leram-se as notas atribuídas às provas. À vista dos resultados, verificou-se que todos os candidatos haviam sido aprovados. Neste mesmo dia, os Pareceres Finais da Comissão Examinadora foram submetidos à votação dos Professôres da Faculdade, reunidos em Congregação, e aprovados unânimemente. Por Decreto de 19 de dezembro de 1951, o Govêrno do Estado homologou a decisão da Faculdade, nomeando, em caráter efetivo, o Prof. Benedito Castrucci, para a Cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva; o Prof. Cândido Lima da Silva Dias, para a de Complementos de Geometria e Geometria Superior, e o Prof. Fernando Furquim de Almeida, para a de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais dêstes concursos, foram indicados, nos têrmo da lei federal 851 os seguintes professôres: Abrahão de Moraes, Alípio Leme de Oliveira, Antônio Carlos Cardoso, Antônio Ponzio Ippolito, Clodomiro Furquim de Almeida, Eurico Cerrutti, Homero Barbosa, Luís Cintra do Prado, Paulo Correia de Brito, Paulo Guimarães Fonseca, Paulo Ribeiro de Arruda, Pedro Egídio de Carvalho, Renato Fonseca Ribeiro, Roberto Fernandes Moreira, Telêmaco H. de

Macedo van Langendonck, Teodoreto de Arruda Souto, Américo da Graça Martins, Cândido Gonçalves Gomide, José Figueiredo Ferraz, José Otávio Monteiro de Camargo, Lauro Monteiro da Cruz, Luís Arthaut Berthet, Luís de Freitas Bueno.

*

A tese do Prof. Benedito Castrucci: — “Fundamentos da Geometria “Projetiva Finita N-Dimensional”.

Resumo

O A. expõe, nesta tese, os tópicos fundamentais da Geometria Projetiva Finita N-dimensional.

No § 2.º, o A. caracteriza como espaço projetivo o espaço introduzido no § 1.º, mostrando que satisfaz aos postulados de Veblen.

A seguir, o método empregado por O. Schreier und E. Sperner, no livro “Einführung in die Analytische Geometrie e Algebra” de associar um espaço vectorial ao projetivo, no corpo real, é utilizado para um corpo finito de característica p .

No § 3.º, o teorema 2, que é fundamental nesse processo, pois caracteriza a unicidade do espaço vectorial associado ao projetivo, é original do A.

Considerações sobre os teoremas de Desargues e de Pappus são feitas no § 8.º, bem como calculados os números de configurações relativas àquelas proposições, com um resultado interessante em que o A. mostra não haver essas configurações no corpo primo de característica 2.

No capítulo II, o A. estuda as colineações, colhendo resultados novos, que constituem a parte mais importante da tese.

No § 1.º, o A. estende o teorema de Darboux, relativo ao corpo real, para o caso do corpo de característica $p \neq 2$, sob a forma:

Tôda correspondência biunívoca, entre retas ou na mesma reta, sobre um corpo de característica $p \neq 2$, que conserva o conjunto harmônico, é uma colineação.

Os teoremas de Staudt e o fundamental são examinados, no caso do corpo primo de característica 2, ficando verificada a particularidade de haver uma condição a menos, conforme os enunciados:

Teorema de Staudt. Se numa homografia do PN sobre K com $q = p^n = 2$, houver $N + 1$ pontos linearmente independentes unidos, todos os demais serão unidos.

Teorema fundamental. Dados $N + 1$ pares de pontos linearmente independentes de um PN e fixado um automorfismo σ do corpo primo K de característica 2, existe uma e uma só colineação que faz corresponder os $N + 1$ pares de pontos numa ordem determinada.

A seguir, o A. calcula o número total de homografias e de colineações por um caminho geométrico, em vez do processo usual da Álgebra.

No § 3.º, o A. ataca o problema mais difícil, relativo ao assunto da tese, que é a classificação das homografias, questão que para $p \neq 0$ difere totalmente no método de estudo do caso $p = 0$, por causa das propriedades relativas às derivações sobre um corpo finito.

Este problema foi completamente resolvido, no caso do corpo primo de característica 2, por M. Steck, em 1938, somente no caso do plano.

Somente em 1947, Chung Tao Yang, em seu trabalho "Projective Collineations in a Finite Projective Plane", publicado no Mathematical Institute National University of Chekiang — Hongchow-China, generaliza completamente o trabalho de Steck para o plano, no caso de característica p qualquer.

O A., nesta tese, examinando o caso do espaço N -dimensional, dá contribuição nova, generalizando diversos resultados de Yang, para o espaço N -dimensional e colocando o problema das homografias sem pontos unidos, na dependência do cálculo do número de elementos que anulam um certo determinante.

Os resultados principais do A. são as fórmulas da pg. 63 e os teoremas 3, 4, e 5.

Na questão das homografias involutórias, assunto desenvolvido por B. Segre em "Lezioni di Geometria Moderna", 1948, o A. obtém as fórmulas originais das pg. 75 (23), pg. 77 (24-errata) e pg. 79 (30-errata).

Além desses resultados novos do capítulo II, as demonstrações dos teoremas conhecidos, em geral, são inteiramente pessoais do A.

*

A tese do Prof. Cândido Lima da Silva Dias: — "Espaços vectoriais topológicos e sua aplicação nos espaços funcionais analíticos".

Resumo

O objetivo desta tese é a apresentação de resultados obtidos pelo autor, na teoria dos espaços funcionais analíticos, pela aplicação da teoria moderna dos espaços vectoriais topológicos.

A teoria dos funcionais analíticos, magnífica criação do matemático Luigi Fantappiè, apresenta um aspecto singular que talvez possa ser descrito, dizendo-se que, para servir de base à teoria, falta-lhe a identificação de um espaço topológico com estrutura bem definida e simples. É verdade que, desde 1940, Fantappiè mostrou como é possível introduzir uma estrutura de espaço T_0 (na nomenclatura de Alexandroff-Hopf) no conjunto das funções localmente analíticas. Entretanto, esta teoria é por demais geral para que dela se possa efetivamente servir; por outro lado, o que, em primeira linha interessa, é uma estrutura de espaço vectorial topológico, para fundamentar a teoria dos funcionais analíticos lineares. Este estudo é desenvolvido por Fantappiè, a partir dos conceitos de região funcional linear e linha analítica.

O segundo destes conceitos pode ser substituído pelo de sucessão uniformemente convergente de funções analíticas, num oportuno conjunto aberto, que se adapta melhor aos métodos da Topologia Geral. Esta modificação foi sugerida por Cacciopoli em 1931, desenvolvida pelo autor em sua tese de doutoramento (1942) e também por J. Sebastião e Silva (1946). Quando ao primeiro conceito mencionado, convém

destacar explicitamente que uma região funcional linear não é um espaço vectorial e, neste sentido, foi um avanço significativo a sua substituição pelo conceito de função analítica ligada a um conjunto, feita por J. Sebastião e Silva (1950). A totalidade das funções analíticas ligadas a um conjunto, confunde-se com o espaço vectorial $[F]$ como é exposto nesta tese. O conceito de espaço $[F]$ apresentou-se independentemente ao autor desta tese e cumpre observar que a mesma noção aparece, com objetivo diferente, num trabalho de L. Nachbin (1947). Restava, então, a introdução de estrutura de espaço vectorial topológico e, mais particularmente, de espaço localmente convexo no espaço vectorial $[F]$. Para as soluções deste problema foi decisivo o estudo que o autor fez da memória de G. W. Mackey: "On convex topological linear spaces". Neste trabalho, Mackey estuda e resolve a seguinte questão: determinar as topologias localmente convexas sobre um espaço E , compatíveis com uma parte do seu dual algébrico, isto é, aquelas topologias, em relação às quais, os funcionais lineares dados são contínuos. O principal resultado desta tese provém da aplicação destes teoremas, precisados por Arens, ao caso do espaço $[F]$. Neste estudo, apresenta-se necessariamente a consideração simultânea do espaço $[O]$, que se identifica com o espaço vectorial constituído pelos funcionais analíticos lineares e, deste modo, introduz-se a noção de dualidade na teoria de Fantappiè. Uma das conseqüências mais importantes é a identificação da topologia forte sobre o espaço $[O]$, como topologia de espaço de Montel e a topologia de espaço dual, com a mesma propriedade de Montel, sobre o espaço $[F]$. No estudo das propriedades do espaço $[O]$, como espaço de Fréchet e do seu dual, o autor utilizou abundantemente resultados contidos numa recente e profunda memória de Jean Dieudonné e Laurent Schwartz: "La dualité dans les espaces $[F]$ et $[LF]$ ".

O autor julga, neste ponto, ser conveniente destacar que o problema da introdução de uma estrutura localmente convexa sobre o espaço $[F]$ é resolvido nesta tese (§2 do Capítulo II) independentemente da consideração do espaço dual $[O]$, utilizando-se a noção de espaço envoltório de espaços localmente convexos, recentemente introduzida por Köthe; entretanto, o verdadeiro aspecto da questão se revela dentro do ponto de vista focalizado nos períodos anteriores. Além disso, este espaço envoltório se identifica com o dual forte de $[O]$.

Outra conseqüência deste estudo é a de ter mostrado a relação íntima entre os funcionais analíticos de Fantappiè e os funcionais contínuos sobre $[O]$, $[O]$ com a topologia da convergência uniforme sobre os seus compactos, que aparece pela primeira vez, neste trabalho.

Resolveu o A. também uma questão apresentada por J. Sebastião e Silva, e relativa à possibilidade da introdução de uma topologia de Banach no espaço $[F]$, que é aqui respondida pela negativa.

No apêndice I, aplicou o A. rapidamente a teoria desenvolvida no Capítulo II, na demonstração do teorema clássico de Runge, que assim se apresenta sobre seu verdadeiro aspecto geométrico. Esta aplicação já havia sido tentada por Cacciopoli, em trabalho citado na bibliogra-

fia; entretanto, a ausência de uma teoria de espaço vectorial localmente convexo sobre $[O]$ e $[F]$ tornam aquêlê trabalho rigoroso e prematuro.

O autor da presente tese, depois de redigir a maior parte da mesma, tomou conhecimento do último trabalho de J. Sebastião e Silva: *Sobre a Topologia dos Espaços Funcionais Analíticos*, que se ocupa também com o mesmo problema. A solução apresentada na pg. 55 e seguintes da referida memória não define o espaço $[F]$ como espaço vectorial topológico e se ocupa somente com o espaço $[F]$. Além disso, no resumo em língua francesa, com que finaliza aquêlê trabalho, referindo-se precisamente à topologia sobre o espaço $[F]$, assim se exprime: "Mais nous ne l'avons pas fait, comme nous l'avons déjà dit, parce que la famille des ensembles fermés dans $F [C]$ n'a pas donné prise à nos raisonnements. Toutefois, il n'est pas exclu qu'on réussisse à définir de façon convenable dans l'ensemble $F [C]$, une topologie qui le rende un espace pseudo-normable ou même un espace de Banach (avec les opérations vectorielles déjà définies). La question reste donc cuverte dans cette direction". O capítulo segundo desta tese responde completamente a esta questão, como já tivemos ocasião de observar, e *mostra também como a teoria dos funcionais analíticos se entrosa com a análise funcional moderna*. Devido à limitação de tempo não nos foi possível tratar das aplicações contínuas de um espaço $[O]$ em outro espaço $[O_1]$ e o problema dual, assim como a aplicação da teoria ao estudo das funções médio-periódicas (ver L. Schwartz, I).

O objetivo do Capítulo I é expor o mais brevemente possível, todas as noções e teoremas sobre espaços vectoriais topológicos indispensáveis ao entendimento do que se segue. Procurou-se dar maior destaque àquelas partes, como por exemplo, à referente à dualidade e ao teorema de Mackey, que são essenciais ao desenvolvimento do segundo capítulo; entretanto, as numerosas citações, permitirão reconstruir as demonstrações com todo detalhe.

*

A Tese do Prof. Fernando Furquim de Almeida: "Fundamentos da Geometria Absoluta no plano".

Resumo

Uma das primeiras e mais importantes questões a respeito da "Geometria Elementar", após a descoberta das geometrias não euclidianas, foi a de saber quais as proposições em cuja demonstração se fazia necessário o uso de postulados de continuidade.

Na exposição contida nos famosos "Grundlagen der Geometrie", Hilbert, tomando como noções primitivas, as de *ponto, reta e plano*, estabeleceu os cinco grupos de postulados de pertinência, ordem, congruência, paralelismo e continuidade, e construiu, axiomáticamente, a partir dêsses postulados, a geometria euclideana. Mostrou, então, que os postulados de continuidade não são necessários às demonstrações dos teoremas que exigem, de um modo geral, o emprêgo de limites, como os

da equivalência de poliedros, do cálculo do comprimento da circunferência, da área do círculo, das áreas e dos volumes dos corpos redondos.

Com o êxito obtido, foi levado Hilbert ao estudo do problema correspondente na geometria de Lobatchefsky, a qual, como se sabe, difere da euclidiana, unicamente pelo postulado das paralelas, de modo que os grupos de postulados da pertinência, ordem, congruência e continuidade são conservados.

O grupo da continuidade é formado pelos postulados de Arquimedes e da completabilidade linear. Nos "Grundlagen der Geometrie", Hilbert não conseguiu evitar o postulado de Arquimedes, na demonstração do segundo teorema de Legendre, a saber: "A soma dos ângulos de um triângulo não pode ser maior do que dois retos". Foi por essa razão que, entre seus célebres problemas propostos no Congresso de Paris, em 1900, Hilbert incluiu o da construção de uma geometria não arquimediana, na qual, êsse teorema não seja verificado. Essa geometria foi obtida por Max Dehn, ficando assim definitivamente estabelecida a necessidade do postulado de Arquimedes, na demonstração do segundo teorema de Legendre. Decorre dêsse fato, a impossibilidade de se demonstrar, sem êsse postulado, que a soma dos ângulos de um triângulo, na geometria de Lobatschefsky, é menor do que dois retos.

Mesmo assim, o problema continuava a ter sentido, para a parte relativa à completabilidade linear, e, ainda, bastante complexo. As paralelas, de Labatschefsky, a uma reta dada, r , por um ponto dado. A , eram definidas como as retas de feixe A , que separam as retas que encontram r , das que não a encontram, e, nas demonstrações da existência de uma perpendicular comum a duas retas não secantes, utilizava-se, sempre, da continuidade. Modificando, convenientemente, o postulado das paralelas, Hilbert conseguiu, também, evitar a completabilidade linear nessa geometria, em tôdas as questões que não envolvem o emprego de limites.

O conjunto dos postulados de pertinência, ordem, congruência e continuidade e as conseqüências dêles decorrentes constituem o que J. Bolyai denominava "Geometria Absoluta". Algumas proposições da geometria euclidiana não envolvem o conceito de paralelas, nem no enunciado, nem na demonstração. Outras, envolvendo, embora, a noção de paralelas, podem ser modificadas, de modo a se transformarem em teoremas da geometria absoluta. São exemplos do primeiro tipo, os teoremas relativos à pertinência, ordem e congruência estudados por Hilbert, nos "Grundlagen der Geometrie". Pertence ao segundo tipo o teorema de Desargues: "Dados dois triângulos ABC e $A'B'C'$, se as retas AA' , BB' , e CC' passam por um ponto O e se AB e $A'B'$ têm uma perpendicular comum que passa por O , assim como BC e $B'C'$, então, AC e $A'C'$ têm, também, uma perpendicular comum, que passa por O ", enunciado êste absolutamente equivalente à forma euclidiana do mesmo teorema: "Dados dois triângulos ABC e $A'B'C'$, se as retas AA' , BB' e CC' passam por um ponto O e se $AB // A'B'$ e $BC // B'C'$ // $BC // A'C'$."

Nesta tese, desenvolveu o A. a geometria absoluta no plano, até a demonstração dos teoremas de Desargues e Pascal. Pelos resultados dos

trabalhos de Hilbert, que acima, foram enunciados, a completabilidade linear pode ser abandonada no estudo de muitas questões, entre as quais, somente o segundo teorema de Legendre exige o postulado de Arquimedes. Como não foi êle abordado pelo A., foi abandonado completamente o grupo da continuidade e estudado a geometria absoluta que pode ser construída exclusivamente com os postulados de pertinência, ordem e congruência, até a demonstração dos teoremas de Pascal e Desargues, com o auxílio do produto de ângulo por segmento, introduzido por Hilbert nos "Grundlagen".

*

* *

CONCURSO DE FILOGIA ROMÂNICA

No dia 26 de novembro, às 13 horas, na sala da Diretoria da Faculdade, iniciaram-se os trabalhos do Concurso para provimento efetivo da Cadeira XXXVII-Filologia Românica.

Constituíram a Comissão Julgadora os Professôres Mário Pereira de Sousa Lima e Francisco da Silveira Bueno, indicados pela Congregação; e Américo Brasiliense Antunes de Moura, Ernesto de Faria e Serafim da Silva Neto, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo. Serviu, como Presidente da Comissão Julgadora, o Prof. Francisco da Silveira Bueno.

Apresentou-se, como candidato, o Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior, que já vinha regendo a Cadeira, em caráter interino.

A Prova Escrita

Para esta prova foi elaborada a seguinte relação de pontos:

- 1 — Influência das consoantes palatais na evolução do vocalismo românico.
- 2 — Influência das consoantes nasais na evolução do vocalismo românico.
- 3 — A palatização das oclusivas latinas na línguas românicas.
- 4 — A evolução do n latino no domínio galo-românico.
- 5 — A ação dos substratos na formação dos idiomas galo-românicos.
- 6 — Os caracteres diferenciais do português e do espanhol e causas da separação lingüística entre Espanha e Portugal.
- 7 — A expansão do castelhano na Península Ibérica.
- 8 — A flexão verbal do infinito.
- 9 — A posição do catalão nos grupos lingüísticos daquém e da-lém Pirineus.
- 10 — Causas das perdas e dos ganhos territoriais lingüísticos da România.
- 11 — O fenômeno fonético do n e do j em castelhano.
- 12 — A evolução do número na România.
- 13 — A Geografia Lingüística e a Filologia Românica.

- 14 — Aspectos conservadores e inovadores da Lusitânia e as suas possíveis causas.
- 15 — Relações entre a duração e o timbre no vocalismo latino.
- 16 — Formação da voz passiva e reflexa.
- 17 — A negação nas línguas românicas.
- 18 — A impessoalização verbal.
- 19 — A formação do pretérito.
- 20 — A sonorização e a síncope das intervocálicas e os estratos indo-europeus na Hispânia.

O ponto sorteado foi o de número 12: “A evolução do número na România”. A prova iniciou-se às 14 horas, terminando às 20.

O Julgamento dos Títulos

A Comissão Julgadora, no mesmo dia da prova escrita, procedeu, na forma regulamentar, ao exame e julgamento dos títulos apresentados pelo candidato.

A Defesa de Tese

No dia 27 de novembro, às 13 horas, no salão nobre da Faculdade, realizou-se a sessão pública e solene da defesa da tese “O latim vulgar”, apresentada pelo candidato. Sob a presidência do Diretor da Faculdade, Prof. E. Simões de Paula, foram iniciados os trabalhos, que se prolongaram até às 19 horas.

A Prova Didática

A 28 de novembro, às 20 horas, reuniu-se a Comissão Julgadora, para o sorteio do ponto da prova didática, para a qual foi organizada a seguinte relação:

- 1 — Flexão de gênero.
- 2 — Voz passiva e reflexa.
- 3 — Flexão do infinito.
- 4 — Causas da dialeção do latim na România.
- 5 — Causas da separação do espanhol do português.
- 6 — A Geografia Lingüística e a Filologia Românica.
- 7 — A formação do pretérito.
- 8 — A expansão do castelhano na Península Ibérica.
- 9 — A impessoalização verbal.
- 10 — Influência das consoantes palatais na evolução do vocalismo românico.
- 11 — A palatização das oclusivas latinas nas línguas românicas.
- 12 — A sonorização e a síncope das intervocálicas e os estratos indo-europeus na Hispânia.

- 13 — Histórico da Filologia Românica.
- 14 — Perdas do verbo no latim vulgar.
- 15 — A frase no latim vulgar.
- 16 — Caracteres distintivos do ibero-romance.
- 17 — Caracteres distintivos do galo-romance.
- 18 — Idem do ítalo-romance.
- 19 — A conjugação no italiano.
- 20 — O emprêgo do condicional.

Sorteado o ponto, verificou-se que o candidato deveria discorrer, no dia seguinte, sôbre o de número 16: "Caracteres distintivos do ibero-romance".

No dia 29 de novembro, às 20 horas, realizou-se, no salão nobre da Faculdade, a prova didática.

A Leitura da Prova Escrita e o Julgamento Final

Finda a prova didática, passou-se à leitura da prova escrita, realizada no dia 26. Logo em seguida, a Comissão Julgadora procedeu ao julgamento final do Concurso. De acôrdo com o Parecer da Comissão Julgadora, foi aprovado e indicado para a regência efetiva da Cadeira, o livre-docente Dr. Theodoro Henrique Maurer Júnior. Submetido à apreciação da Congregação da Faculdade, foi tal parecer aprovado unânimemente e a decisão homologada pelo Govêrno do Estado, por Decreto de 14 de janeiro de 1952.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais dêste concurso, foram indicados, nos têrmos da lei federal 851 os seguintes professôres: Adelino da Silva Azevedo, Alberto de Mesquita Camargo, Alexandre Correia, Ari B. Ferreira, Antoinette Terraguzzo, Carlos Alberto Nunes, Émile Schostal, Ferrucio Rubiani, G. D. Leoni, George Raeders, Higino Aliandro, José Aderaldo Castelo, José dos Santos Rodrigues, Maria José de Moraes, Sebastião Soares de Faria, Idel Becker, Maria de Lourdes de Paula Martins, Paul Silvestre, Pierre Hawelka, Raul Briquet, J. Soares de Melo.

*

A Tese

A tese apresentada pelo Próf. Maurer Júnior é um substancioso estudo crítico sôbre o latim vulgar, compreendendo duas partes: a) — o latim vulgar, seu caráter popular e suas relações com o latim clássico; b) — sùmula gramatical do latim vulgar. A primeira parte consta dos seguintes capitulos: I. As fontes do latim vulgar; II. Latim clássico e latim vulgar (noções gerais); III. A antiguidade do latim vulgar; IV. O latim vulgar é popular; V. O latim clássico e o latim falado da aristocracia romana; VI. Homogeneidade e variabilidade do latim vulgar. Na segunda parte, o A. trata dos seguintes tópicos: Fonética (vogais, consoantes, acentuação); Morfologia (substantivos, adjetivos, pronomes determinativos, verbos e palavras invariáveis); Sintaxe (emprêgo das

categorias, sintaxe da frase, sintaxe do período); Léxico (vocabulário vulgar, composição e derivação).

Os trechos seguintes, transcritos do prefácio da tese, esclarecem ainda mais o trabalho realizado pelo autor:

“Embora o latim vulgar seja objeto de estudo dos romanistas, desde Frederico Diez, há lugar para novas investigações neste terreno. Reina ainda muita incerteza a respeito das relações dêste latim com o dos textos literários e a respeito da classe social onde aquêle se constituiu. Muitos, reagindo contra o caráter popular que se lhe atribuiu outrora, tendem a confundí-lo com o latim falado em geral. Com isto são obrigados a considerar o latim literário um produto quase inteiramente artificial, elaborado sôbre moldes gregos, desconhecendo as raízes dêste no solo rico de uma latinidade genuína, conquanto mais aristocrática e conservadora do que aquela que se reflete na linguagem popular.

Por outro lado, ainda não se deu a importância devida à reconstrução do latim vulgar pela concordância do rumeno com as línguas românicas ocidentais. Dada a significação primacial do isolamento de dois ou mais dialetos de origem comum para o estudo da sua unidade lingüística inicial, o rumeno merece um lugar todo especial no estudo dêste latim. Cremos que se tem confiado demais no material fornecido pelas grandes línguas culturais do Ocidente para êste trabalho reconstrutivo. Ora, nesta vasta região — e isto mesmo nos dialetos menores — a influência culta continuou a manifestar-se pelo latim eclesiástico e medieval, alterando, muitas vêzes, desde os documentos românicos mais antigos que possuímos, a fisionomia primitiva do romance popular.

A tarefa de reconstruir o latim vulgar pode parecer relativamente simples em virtude da existência de documentos antigos, como inscrições, textos de cunho popular, observações de gramáticos, etc., mas infelizmente nenhuma destas fontes nos dá o latim falado nas classes mais populares de Roma ou das províncias. Por esta razão o material que elas nos proporcionam, quando usado sem uma rigorosa crítica à luz dos resultados do estudo comparativo — com inclusão do rumeno, quanto possível — leva, não raro, a conclusões errôneas, que falseiam a imagem real que procuramos obter.

Não desconhecemos as deficiências do trabalho apresentado. E' preciso, porém, levar em conta a dolorosa escassez de recursos bibliográficos com que ainda lutamos, sobretudo no que diz respeito a obras mais antigas neste ramo. Além disto, somos obrigados a expor os resultados freqüentemente provisórios de alguns anos de investigação em um campo que exigiria ainda longo tempo para se firmarem conclusões mais ou menos definitivas. Isto explicará a hesitação com que se apresentam certas soluções, além de lapsos que esperamos o tempo e a colaboração da crítica judiciosa concorrerão para sanar. Cremos, contudo, que nas linhas gerais dêste trabalho deve estar a solução do intrincado problema do latim vulgar, um dos mais interessantes e fundamentais para os estudos românicos”.

CONCURSO DE GEOGRAFIA HUMANA

Os trabalhos do Concurso para provimento da Cadeira de Geografia Humana processaram-se de 28 de novembro a 7 de dezembro de 1951.

Inscreveram-se, como candidatos, o Prof. Ary França, que já regia, em caráter interino, a mesma Cadeira da Faculdade, e o Prof. Dirceu Lino de Matos.

Constituíram a Comissão Julgadora os seguintes Professôres: Aroldo de Azevedo e João Dias da Silveira, indicados pela Congregação, e Francis Ruellan, José Veríssimo da Costa Pereira e Fernando Flávio Marques de Almeida, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo.

Serviu, como Presidente, o Prof. Aroldo de Azevedo.

O Julgamento dos Títulos

No dia 28 de novembro de 1951, numa das salas do Departamento de Geografia da Faculdade, a Comissão Julgadora, após o exame dos títulos dos dois candidatos inscritos, procedeu ao julgamento dos mesmos, na forma regulamentar.

A Prova Escrita

No dia 1.º de dezembro de 1951, ainda numa das salas do mesmo Departamento, realizou-se a prova escrita do Concurso, para a qual se organizou a seguinte relação de pontos:

- 1 — O aspecto geográfico da colonização européia, na Africa tropical úmida.
- 2 — A ocupação do solo, nas bacias hulhíferas da Europa centro-ocidental e da América do Norte.
- 3 — O papel da exploração do petróleo, na transformação da paisagem e sua repercussão nas formas de ocupação do solo.
- 4 — Condições geográficas do aproveitamento industrial da hulha branca, nas regiões alpestres.
- 5 — Relações entre a distribuição geográfica das jazidas de minério de ferro e a localização dos grandes centros de indústria siderúrgica.
- 6 — Condições geográficas e técnicas do comércio internacional do algodão.
- 7 — Estudo comparativo de gêneros de vida ligados à agricultura itinerante, nas regiões tropicais.
- 8 — Estudo comparativo de gêneros de vida pastoris, nas regiões áridas, frias e quentes.
- 9 — Gêneros de vida ligados à coleta, nas regiões temperadas.
- 10 — O papel dos canais de Suez e do Panamá, na circulação geral do Atlântico.

- 11 — Conseqüências geográficas da construção de vias férreas, nas regiões de colonização recente.
- 12 — O “habitat” geral, nas regiões montanhosas.
- 13 — O papel do sítio urbano, na evolução das cidades, com exemplos característicos.
- 14 — A agricultura tropical e o problema da conservação do solo.
- 15 — Características das zonas pioneiras, nas regiões tropicais.
- 16 — Influência do clima, na distribuição do homem, em regiões de grande altitude.
- 17 — Condições geográficas da malária e sua repercussão no povoamento.
- 18 — O problema da alimentação nas regiões áridas.
- 19 — Aspectos geográficos, nas técnicas de aproveitamento das regiões pantanosas.
- 20 — A luta do homem, contra o meio, dentro do círculo polar ártico.

A prova escrita iniciou-se às 12 horas e 55 minutos e constou de uma dissertação sôbre o ponto sorteado no momento: “Estudo comparativo de gêneros de vida ligados à agricultura itinerante, nas regiões tropicais”.

A Defesa de Tese

A defesa da tese “A Ilha de São Sebastião — estudo de Geografia Humana”, apresentada pelo Prof. Ary França, deu-se no dia 3 de dezembro de 1951, às 12 horas, em sessão pública e solene. Sob a presidência do Diretor da Faculdade, Prof. E. Simões de Paula, foram abertos os trabalhos, sendo dada a palavra ao primeiro argüidor, Prof. José Veríssimo da Costa Pereira. Argüiram, a seguir, os Profs. Fernando Flávio Marques de Almeida, Francis Ruellan, João Dias da Silveira e Aroldo de Azevedo.

Aos 4 de dezembro, também às 12 horas, realizou-se a sessão pública e solene da defesa da tese “Vinhedos e viticultores em São Roque e Jundiá”, do Prof. Dirceu Lino de Matos, funcionando como argüidores os mesmos Professôres supra-mencionados.

A Prova Didática

No dia 5 de dezembro de 1951, às 9 horas, realizou-se o sorteio do ponto da prova didática, para a qual foi organizada a seguinte relação:

- 1 — Características geográficas das regiões de altas densidades demográficas.
- 2 — Aspectos geográficos da imigração japonesa.
- 3 — Distribuição geográfica e características das franjas pioneiras.
- 4 — Aspectos geográficos do comércio da hulha, na Europa.

- 5 — As condições geográficas do mercado de consumo do petróleo e o problema da indústria do petróleo sintético.
- 6 — Condições da utilização da hulha branca, nas zonas rurais.
- 7 — O problema do ferro, nos Estados Unidos.
- 8 — O problema do abastecimento em matéria prima da indústria da lã na Inglaterra.
- 9 — Gêneros de vida, nas regiões desérticas quentes.
- 10 — As grandes rotas marítimas do Atlântico norte e seus característicos.
- 11 — Estudo comparativo da posição e do tráfico dos canais de Suez e Panamá.
- 12 — As vias férreas transcontinentais: — estudo comparativo das condições geográficas.
- 13 — Característicos da paisagem do “Black Country” inglês.
- 14 — A indústria do cobre.
- 15 — O “habitat” rural, nas regiões montanhosas.
- 16 — O papel do sítio urbano, na evolução das cidades.
- 17 — A vida pastoril, na Península Ibérica.
- 18 — A cultura do arroz, no mundo malaio.
- 19 — A agricultura tropical e o problema da conservação do solo.
- 20 — A luta do homem contra o meio, dentro do círculo polar ártico.

Feito o sorteio, verificou-se que os dois candidatos deveriam discorrer sobre “As grandes rotas marítimas do Atlântico norte e seus característicos”.

Às 9 horas do dia 6 de dezembro, realizou-se a sessão pública e solene da prova didática. Sob a presidência do Diretor da Faculdade, foram abertos os trabalhos, discorrendo, em primeiro lugar, sobre o ponto sorteado, o Prof. Ary França.

Finda esta preleção, foi admitido o segundo candidato inscrito, Prof. Dirceu Lino de Matos, que deu a sua aula sobre o mesmo ponto.

A leitura da prova escrita e o julgamento final

No dia 7 de dezembro, às 20 horas, no salão nobre da Faculdade, realizou-se, em sessão pública e solene, a leitura da prova escrita.

A seguir, ainda em sessão pública, a Comissão Examinadora passou à leitura das notas atribuídas às diversas provas. Verificou-se que os dois candidatos foram habilitados. Em primeiro lugar, o Prof. Ary França e, em segundo, o Prof. Dirceu Lino de Matos.

Neste mesmo dia, reuniu-se a Congregação da Faculdade para votar o Parecer Final da Comissão Julgadora do Concurso; êste foi unanimemente aprovado. Tal Parecer indicava, para professor efetivo da XXIV Cadeira, Geografia Humana, o Prof. Ary França, e, para livre-docente da mesma, o Prof. Dirceu Lino de Matos. Esta indicação, aprovada pela Congregação da Faculdade foi homologada pelo Governo do Estado, com a nomeação do Prof. Ary França, por decreto de 14 de janeiro de 1952.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais dêste concurso, foram indicados, nos têrmos da lei federal 851, os seguintes professôres: Alice P. Canabrava, Alípio Leme de Oliveira, Antônio de Paula Assis, Antônio Rocha Penteado, Aziz Nacib Ab' Sáber, Carlos Borges Schmidt, Celestino Bourroul, J. I. Benevides de Resende, J. R. de Araújo Filho, Mário Wagner Vieira da Cunha, Otávio Barbosa, Samuel Pessoa, Teotônio Monteiro de Barros Filho, W. Besnard, Hilton Federici, Joaquim Alfredo Fonseca, J. J. Cardoso de Melo Neto, José Setzer.

*

A Tese do Prof. Ary França:

“A Ilha de São Sebastião — estudo de Geografia Humana”.

A tese apresentada pelo Prof. Ary França é um estudo de Geografia Humana da Ilha de São Sebastião. Nela procurou o A. fixar os aspectos da deficiente e anti-econômica utilização, por meio de técnicas primitivas e não conservadoras, dos recursos naturais da Ilha, parte integrante do escarpado litoral paulista, a leste de Santos, na região de que são os principais centros as cidades de São Sebastião e Ubatuba. O A. limitou suas observações de conjunto a essa região bem definida e destacou a Ilha de São Sebastião (Município de Ilhabela), e, em seguida, uma de suas pequenas unidades locais, a bacia do Perequê.

A preocupação do A., tanto na pesquisa como na elaboração do texto e nas ilustrações, foi o estudo de uma das mais expressivas associações do homem e do meio natural, no ambiente, em grande parte modificado através de continuada atividade humana, das planícies, colinas, morros e encostas florestais montanhosas de nossa orla marítima tropical. Nesse sentido, trouxe valiosa contribuição ao problema da utilização da terra (no seu mais amplo significado) em uma região quente e úmida, questão tratada comumente à base de pré-julgados e de generalizações.

Transcrevem-se, a seguir, as conclusões a que chegou o Prof. Ary França, em seu trabalho:

“Na fachada oceânica da mais rica Unidade da Federação Brasileira, a região de São Sebastião e Ubatuba, cujos traços gerais analisamos inicialmente, ou a Ilha de São Sebastião, que constituiu o principal campo de nossas pesquisas, exibem, nos pequenos quadros locais em que se manifesta intensamente a presença humana, todos os traços de arcaísmo, pobreza e abandono do solo característicos das paisagens rurais de decadência. No conjunto, pequena expressão de vida econômica traz a participação nula dessa área na vida moderna do País.

De um lado, às escarpas montanhosas, onde a exuberância da vida vegetal mantém-se inexpugnável, são importante fator de isolamento; de outro lado, as numerosas pequenas baixadas costeiras, com solos secos, sem jamais lhes faltar um curso d'água, reúnem condições que justificam o fato de abrigarem comumente os agrupamentos do “habitat”

caçara. As encostas amorreadas relativamente baixas, que se interpõem entre os dois domínios, exibem, contudo, os efeitos mais profundos e duradouros da ação do homem. Aqui, tôdas as modificações na paisagem foram feitas com o sacrifício do revestimento florestal e dos solos, agravando-se as suas conseqüências diante do clima chuvoso, de ritmo tropical característico do rebôrdio oriental do planalto atlântico brasileiro.

Pelas manifestações de uma característica associação entre os homens e os recursos do meio tropical, as condições da população e a vida econômica atuais, na Ilha de São Sebastião, semelhantemente ao que ocorre no acidentado litoral de que participa, destacam-se no campo e na pesquisa geográfica. Avulta o interêsse da área estudada, não só pelos fatos resultantes de geral e não conservadora exploração do ambiente, como pelos ensinamentos que a longa degradação dos seus recursos naturais é capaz de sugerir.

Com efeito, nenhuma parte da região revela maior humanização do que a Ilha de S. Sebastião, em conjunto, e a face voltada para o canal que a separa do continente, em particular. Aí as paisagens evidenciam, a partir da linha costeira, até os limites entre o relêvo dos morros com as escarpas das mais altas montanhas do litoral paulista — as dos maciços alcalinos de São Sebastião e da Serraria — os limites máximos atingidos pelas devastações da superfície e, em geral, a maior intensidade no uso dos recursos da terra, por obra de populações rurais relativamente densas.

A acidentada ilha, exibindo importante faixa de degradação, que se amplia na vizinhança de suas minúsculas planícies costeiras povoadas, tem entretanto, um reduzido número de homens, em desproporção com a *humanização destruidora* da sua periferia.

Trata-se de uma população decadente, a que no estado atual, faltam forças próprias para manter ou ampliar a impiedosa conquista sobre os elementos naturais. Estes, aos poucos, estão retomando a posse de importantes porções da superfície insular, particularmente em setores onde a mudança das atividades básicas ou o exôdo de populações fizeram-se sentir.

Apesar do seu escasso contingente humano, a Ilha de São Sebastião pode ser considerada, em face das técnicas de utilização do meio e sistemas de vida tendo por finalidade a subsistência local, como tendo atingido à saturação demográfica. Esta provém menos da falta de espaço, quer nas planícies, quer principalmente no relêvo amorreado, ou de condições para o aumento da produção básica, proveniente da agricultura, do que da exploração abusiva da superfície que se mostrou em condições de abrigar culturas.

Aos caçaras das gerações atuais coube, contudo, participação muito pequena nas transformações das paisagens, embora, como cultivadores e pescadores costeiros, não tenham menores aptidões do que os seus antepassados para a destruição do patrimônio natural, com o uso das mesmas técnicas rotineiras das derrubadas e queimadas para a formação de roças.

Perpetuando aquelas técnicas devastadoras nos solos bastante acidentados e intensamente usados, as populações praianas não cessaram de agravar os problemas da sua subsistência. Os elementos mais ativos da população encontraram no êxodo, seguido de instalação na vida urbana (geralmente em Santos), uma solução para as crescentes dificuldades locais. A partida dos membros mais úteis tornou-se normal nas famílias e estas freqüentemente os acompanharam. Com os sérios desfalques, que transparecem nos recenseamentos dêste século, agravaram-se as relações entre o efetivo humano e os espaços cultivados. Êstes têm diminuído mais rapidamente do que a população, devido à escassez e piora da mão de obra local.

A grande área alterada pela ação do homem é fruto de longo passado agrícola: atingiu os seus limites numa fase de economia comercial, a do café, a que sucedeu uma vida econômica menos ativa, porém fácil, quando a ilha contava com maior população e solos menos fatigados.

Da sucessão sôbre os solos de culturas comerciais com produção abundante, mas precárias e de mediócras lavouras destinadas à subsistência, em fases bem caracterizadas, subsistem os vestígios nas paisagens. A última dessas fases caracterizou-se pela inexistência, ou pequeno interêsse, de produtos de troca e conseqüente estagnação e isolamento, a que se viram forçadas as populações caiçaras. O episódio das *canoas de voga*, associado à ressurreição de velhas lavouras de cana de açúcar e engenhos para a fabricação da aguardente, não significaria mais do que o último esforço local para o reingresso na vida de relações das fases econômicas anteriores.

O isolamento total foi definitivamente encerrado pelo pequeno barco-motor pesqueiro, que intensificaria, de 30 anos para cá, os contactos entre as populações litorâneas; mas provocaria importantes deslocamentos de população, acabando por desencadear a maior evasão do elemento local.

Nem a pesca comercial, hoje em decadência, nem o desenvolvimento de novas funções, — o turismo e o veraneio — revelaram-se criadores de condições estáveis, capazes de reter as populações ou contribuir para elevar o nível de vida dos caiçaras — dois objetivos que será necessário ter em mira em qualquer tentativa de melhoria das condições atuais.

No entanto, tudo parece indicar que a iniciativa de recuperação local e regional não poderá partir senão de fora. A valcrização desta Ilha que se revelou próspera no passado, visando a integrá-la na vida moderna, não poderá deixar de apoiar-se na experiência local e no aproveitamento de vantagens e direitos que possui, como a situação entre os principais portos e os maiores centros urbanos brasileiros, assim como na existência de um efetivo humano que, apesar de se achar desfalcado sèriamente, ainda ocupa intensamente a orla costeira. Impõe-se a recolonização científica, apoiada em novas técnicas, sem o desprezo pelas aptidões reveladas nos pequenos quadros locais.

O praiano, que se adapta a novas situações com facilidade, será um ponto de apôio para o planejamento da recuperação econômica, cuja

execução terá o efeito imediato de estancar a evasão dos mais capazes, ou mesmo ocasionar o retorno dos que não romperam os laços familiares ou afetivos com a “sua” praia. Aos inconvenientes de uma economia primitiva de subsistência, em que as roças temporárias, embora encontrem justificativa, se responsabilizam pelo desgaste da maior parte da superfície cultivável da Ilha, será necessário antepor bases econômicas estáveis e conservadoras dos recursos naturais.

A vocação agrícola dos solos das planícies e encostas amorreadas parece incontestável e não será possível excluí-la, nos quadros de uma nova economia regional.

Com a adoção de novas culturas, cuja escôlha só observações e experiências no terreno e considerações sôbre os mercados poderão aconselhar, julgamos possível e indispensável a reconquista dos solos dos morros, em caráter permanente, com a eliminação dos efeitos do sistema dilapidador que subsiste.

Aos solos fatigados pelo longo exercício de uma atividade esgotante, serão necessários, certamente, corretivos. A falta de uma fonte permanente onde obter a matéria orgânica, além das possibilidades que, por si mesma, poderia acrescentar, poderá conduzir à criação, por exemplo de suínos, como atividade complementar. Por outro lado, a silvicultura racional encontraria campo para exercitar-se sôbre as encostas da Ilha, como do litoral que lhe faz face.

Da pesca comercial, pouco se poderá esperar, para a melhoria das condições de vida dos habitantes locais, diante dos novos processos que a estão libertando de bases em portos locais e já determinaram a sua decadência na Ilha. Nos quadros de uma nova economia, com bases comerciais que se impõem, serão necessários transportes marítimos e terrestres eficientes, adaptados às condições regionais e aos produtos. Neles residirá o aproveitamento de uma das maiores vantagens desta Ilha e fachada litorâneas: a situação geográfica.

Assim, se a Ilha de São Sebastião, ou o litoral em que se acha integrada pelo meio e pelos vínculos humanos, deverão participar da vida e do progresso modernos, ver elevado o nível de vida de seus habitantes, ou possuir uma população muito maior do que a atual, todo o seu sistema de vida deverá ser transformado.”

*

A Tese do Prof. Dirceu Lino de Matos:

“Vinhedos e Viticultores de São Roque e Jundiá”.

Resumo

Ao elaborar esta tese, com que o A. concorreu ao Concurso para provimento da Cadeira de Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi seu propósito mostrar: a) a existência de áreas propícias, dentro da região tropical, ao cultivo da vinha; b) a contribuição do imigrante mediterrâneo, na formação de novas paisagens rurais; c) a capacidade de assimilação de técnicas agrárias, pelo nosso caboclo; d) a natureza dos problemas oferecidos, por uma região agrícola, à geografia agrária.

Para alcançar êsses objetivos essenciais, o A., depois de uma ligeira nota histórica, sôbre a introdução da vinha em S. Paulo, dedica 21 páginas ao estudo do meio físico de S. Roque e Jundiaí, analisando suas condições geológicas, topográficas, edáficas e climáticas, em face do cultivo da videira. Dos problemas do meio natural, o mais grave para a viticultura, segundo o A., é o decorrente do regime das chuvas. Estas, que são de verão, coincidem com o período de maturação e colheita da uva, afetando, assim, sua qualidade e dificultando os trabalhos da vindima. Mostra, também, o A., a estreita relação entre a atual distribuição dos vinhedos e as condições geológicas e topográficas: sob o primeiro aspecto, os vinhedos localizam-se nas áreas granítico-gnáissicas, estando ausentes dos terrenos xistosos, abundantes na região (filitos, quartzitos, etc.). Quanto ao relêvo, a vinha ocupa, normalmente, as encostas médias, a 800-900 ms. acima do nível do mar.

Depois do estudo do meio natural, o A. tece uma série de considerações gerais, sôbre as duas principais áreas vitícolas de S. Paulo, para, em seguida, realizar o estudo da formação e repartição dos vinhedos, em cada uma delas. Nesse estudo, são salientadas as características humanas responsáveis pela diferenciação de técnicas e objetivos econômicos que animam os viticultores são-roquenses e jundiaíenses. Os primeiros, mais preocupados com a produção do vinho, cultivam variedades menos recomendáveis e adotam técnicas pouco convenientes à vinha. Os segundos, em sua maioria, descendentes dos colonos italianos, dedicam-se preferencialmente à produção de uva de mesa. Não obstante constituir a uva niágara a espécie mais difundida entre êstes viticultores, existem inúmeras tentativas de aclimação de espécies mais finas, realizadas pela iniciativa particular.

No estudo das técnicas da vinha, o A. encara a luta mantida pelos viticultores paulistas, contra as adversidades do clima, do solo e das pragas e moléstias que rondam os vinhedos. A luta contra a umidade e as chuvas tem sido desfavorável ao vinhateiro, já porque o período de maturação e colheita corresponde à estação chuvosa, já porque as técnicas rurais adotadas são ainda primitivas e, em grande parte, condicionadas pela situação econômica dessa atividade rural, de origem muito recente e de sucesso ainda não definitivamente assegurado. O empirismo que norteia a luta contra as adversidades climáticas norteia também a luta pela conservação do solo e o combate às pragas e moléstias. Êste último, todavia, tem-se revelado mais eficiente, devido à adopção de instrumentos e produtos químicos de ação enérgica, contra os parasitas inimigos da vinha.

Os três capítulos finais da tese tratam do calendário agrícola do viticultor e das condições sociais e econômicas da viticultura. O ritmo de trabalho na vinha, difere inteiramente do apresentado pela nossa agricultura tradicional. Os períodos de descanso do viticultor são muito reduzidos. De janeiro a março, realiza-se a vindima, período mais ativo do ano. No restante do ano, os trabalhos se resumem nas pulverizações, adubação do solo, estaquia, poda, forração do solo com capins, desbrota, etc. A vinha é exigente em cuidados e o nosso lavrador tem correspon-

dido, satisfatoriamente, a êsse requisito imposto pela planta. Estudando as condições sociais da viticultura, aborda, o A., os problemas do regime da propriedade e do trabalho. Dois tipos de propriedades aparecem na região vitícola: a pequena propriedade (1 a 25 hect.) e a grande propriedade, de origem recente e formada, normalmente, pela aglutinação de pequenos sítios. As grandes propriedades, ligadas a poderosas organizações da indústria do vinho, têm contribuído para o desenvolvimento da vinha vinífera, visto transformarem-se, localmente, em bons mercados consumidores. Consumindo grandes quantidades de uva, na produção de vinhos e vermouths, nenhuma delas produz, em suas próprias fazendas, o suficiente para atender à sua produção industrial. Daí o incremento que elas provocam entre os pequenos sítiantes, os quais cultivam uva para lhes vender. Quanto ao regime de trabalho, o normal, entre os pequenos viticultores, é a exploração pelo proprietário. Há, todavia, especialmente em Jundiaí, os vinhedos arrendados e os vinhedos explorados em meação (meeiros). Nas grandes propriedades vitícolas, a fazenda é administrada por uma pessoa de confiança da firma proprietária, e o trabalho rural é executado por assalariados. Nessas fazendas, é muito rara a adoção do arrendamento ou da meação. Há, finalmente, o “interessado”, que é o indivíduo que trabalha nos vinhedos, à base de um modesto salário, mas com participação nos lucros da produção vitícola.

O capítulo final da tese aborda a situação e os problemas econômicos do viticultor paulista. Para isso, começa por analisar o custo de formação e manutenção de um vinhedo modesto (8.000 pés de uva) para, em seguida, mostrar qual é a compensação financeira que êle obtém do seu trabalho e da inversão do capital. Feita esta análise preliminar, o autor examina então os “handicaps” da economia vitícola: ausência de crédito e de assistência técnico-científica eficiente; ineficiência da carteira de seguro agrícola, contra o granizo e outras adversidades climáticas; concorrência do vinho sul-rio-grandense, no mercado paulista; a ação nefasta dos intermediários, no comércio da uva de mesa.

As conclusões, sobre o tema abordado, tiradas pelo autor, são as seguintes: a paisagem dos vinhedos foi elaborada, graças à conjugação de quatro fatores: 1) geográficos, resultantes das condições de clima e solo da área vitícola; 2) históricos, resultantes de um século de experiências, com inúmeras variedades de videiras; 3) humanos, resultantes da presença do colono mediterrâneo, especialmente o italiano; 4) sociais e econômicos, resultantes da existência da pequena propriedade em S. Roque e da desagregação da fazenda cafeeira em Jundiaí. A estas conclusões, de ordem geral, o autor acrescenta algumas de ordem prática, mostrando a natureza da atividade viti-vinícola, dentro do quadro geral da agricultura paulista, e os seus principais problemas, a que já nos referimos linhas acima.

CONCURSOS DE LIVRE-DOCÊNCIA

De acôrdo com resolução do Conselho Técnico-Administrativo, as inscrições para os concursos de livre-docência são abertas em duas épocas por ano: — na segunda quinzena de março e na segunda quinzena de agosto. Na primeira época de 1951, inscreveram-se os Drs. Mário Guimarães Ferri, para a Cadeira de Botânica, e Crodowaldo Pavan, para a de Biologia Geral.

Para o concurso de Botânica, foi escolhida a seguinte Comissão Julgadora: Prof. Paulo Sawaya, indicado pela Congregação; Profs. F. G. Brieger, Quintino Mingoja e Karl Silberschmidt, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo. Para o de Biologia Geral: Prof. Ernesto Marcus, indicado pela Congregação; Profs. F. G. Brieger, A. Lagden Cavalcanti e Carlos Arnaldo Krug, indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo. Como membros natos, na forma do art. 111 do Regimento de Concurso, os respectivos Professôres titulares: Prof. Félix Rawitscher, de Botânica, e Prof. André Dreyfus, de Biologia Geral.

Para completar a Congregação, nas sessões especiais dêstes concursos, foram indicados, nos têrmos da lei federal 851, os seguintes professores: Abílio Martins de Castro, Agesilau A. Bittancourt, Clemente Pereira, Edgard Barroso do Amaral, Ernesto de Sousa Campos, Eurico Santos Abreu, Franklin de Moura Campos, Henrique Tastaldi, Jaime A. Cavalcanti, Jaime R. Pereira, Luís Carlos Junqueira, Maurício Rocha e Silva, Milton Estanislau do Amaral, Milton de Sousa Piza, Max de Barros Erhardt, Odorico Machado de Sousa, Paulo de Toledo Artigas, Renato Locchi, Richard Wasicky, Zeferino Vaz, Walter Leser e Wilson Hoehne.

Concurso para Livre-docência de Botânica

As provas dêste concurso tiveram início no dia 7 de maio, com a Comissão Julgadora já mencionada, sob a presidência do Prof. Paulo Sawaya. Nesse mesmo dia, enquanto a Comissão procedia ao exame dos títulos do candidato, realizou êste a prova escrita, tendo sido sorteado o seguinte ponto: “A) — Xerofitismo: — conceitos clássicos e modernos; B) — Reprodução sexual dos Basidiomicetos”. No dia 8 teve lugar a prova prática, para a qual foi sorteado o ponto: “A) — Plantas insetívoras; B) — Formação de amido em cloroplastos”. No dia 9, realizou-se, em sessão pública e solene, a defesa da tese apresentada pelo candidato: — “Foto-destruição do fito-hormônio ácido indolil-3-acético por compostos fluorescentes”. Finalmente, no dia 11, também em sessão pública e solene, realizou-se a prova didática, para a qual, com a antecedência regulamentar de 24 horas, foi sorteado o seguinte ponto: — “Transição dos Pteridófitas para os Angiospermas”. Terminada a prova didática, o candidato procedeu à leitura da prova escrita, passando a Comissão, logo em seguida, ao julgamento final do concurso. O parecer da Comissão Julgadora, aprovando o único candidato inscrito — Dr. Mário Guimarães Ferri — e indicando-o à Livre-docência da Cadeira de Botânica, foi aprova-

do pela Congregação Especial, nos termos da lei 851, de 7 de outubro de 1949.

*

A tese apresentada pelo Dr. Mário Guimarães Ferri dedica especial atenção ao problema da foto-destruição do ácido indolil acético por compostos fluorescentes. O interesse que estudos neste campo apresentam para a Fisiologia Vegetal provém do fato de que o ácido indolil acético é, senão o único, pelo menos o mais importante hormônio de crescimento das plantas em geral. Os resultados alcançados em seu trabalho foram assim resumidos pelo próprio autor:

“Sabe-se que compostos fluorescentes são capazes de determinar, foto-quimicamente, alterações de várias substâncias. Conhecem-se, também, muitos efeitos foto-dinâmicos de tais compostos sobre plantas e animais. Até o presente, porém, não foi definido claramente qual o mecanismo de ação dessas substâncias.

Descobriu-se recentemente que a riboflavina (Rbf) é capaz de destruir o fito-hormônio ácido indolil acético (AIA), em presença de luz, mas não no escuro. Já se sabia que eosina determina o mesmo fenômeno.

O presente trabalho mostra que muitos outros compostos são capazes de catalisar a mesma reação. Entre êsses compostos figuram o sulfato de quinina, a esculina e o 2,3,5-trifenil tetrazol.

Tratando-se de substâncias pertencentes a diversos grupos químicos, não parece razoável procurar uma relação entre um certo caráter químico e a capacidade de foto-inativar AIA. Como todos os compostos estudados apresentam em comum a propriedade da fluorescência, é possível que a capacidade de induzir a foto-destruição de AIA seja um atributo geral de tais compostos, sem que, necessariamente, haja uma relação de causa e efeito entre fluorescência e a dita atividade.

E' possível que os efeitos foto-dinâmicos induzidos em plantas com substâncias fluorescentes se exerçam através da inativação de AIA.

Como substâncias fluorescentes ocorrem, em grande número, naturalmente, nas plantas, é possível que muitas delas desempenhem um papel fisiológico em reações de crescimento determinadas pela luz.

Quanto ao mecanismo químico da foto-inativação de AIA, parece tratar-se, em todos os casos, de um processo de oxidação, por transferência de hidrogênio. Em alguns casos esta é favorecida por oxigênio (Rbf), enquanto que em outros é prejudicada (sulfato de quinina). E' possível que neste caso se forme um composto entre oxigênio e quinina, a qual, então, ficaria impedida de funcionar como acceptor de hidrogênio.

À medida que AIA é destruído, decresce o grau de fluorescência da mistura AIA-sulfato de quinina. Não sabemos se isto indica modificação da quinina ou formação de um composto que age como inibidor de sua fluorescência. Exposta à luz a mistura acima, forma-se um precipitado pardo com forte cheiro de fezes que, finalmente, desaparece se a exposição se prolongar. E' possível que na reação se formem primeiro compostos como escatol e indol, por ataque à cadeia lateral do AIA. Haveria, depois, ou ruptura do anel, ou condensação de vários anéis livres de indol.”

Concurso para Livre-docência de Biologia Geral

As provas dêste concurso iniciaram-se no dia 28 de maio, com a Comissão Julgadora já mencionada, sob a presidência do Prof. André Dreyfus. Para a prova escrita, realizada nesse mesmo dia, foi sorteado o ponto: — “Gens e cromosomas balanceados”. A prova prática, realizada no dia 29, constou do seguinte: — 1) — exame de cinco lâminas; 2) — resolução de um problema de genética; 3) — fazer um preparado das glândulas salivares de larva de *Drosophila*. No dia 30, em sessão pública e solene, realizou-se a defesa da tese apresentada pelo candidato, sôbre o tema: — “Alelismo de letais do segundo cromosoma de *Drosophila willistoni*”. Finalmente, no dia 1.º de junho, também em sessão pública e solene, realizou-se a prova didática, para a qual foi sorteado, com a antecedência regulamentar de 24 horas, o seguinte ponto: — “Grupos sanguíneos e fator Rh”. Após a prova didática, fêz o candidato a leitura da prova escrita, passando a Comissão, logo em seguida, ao julgamento final do concurso. O parecer da Comissão Julgadora, aprovando o candidato inscrito — Dr. Crodowaldo Pavan — e indicando-o para a livre-docência da Cadeira de Biologia Geral, foi aprovado pela Congregação Especial, nos termos da lei 851, de 7 de outubro de 1949.

*

A tese apresentada para êste concurso trata principalmente do alelismo de cromosomas e gens letais encontrados em populações naturais de *D. willistoni*, a espécie de *Drosophila* mais comumente encontrada no Brasil. Em trabalho anterior, Pavan, Cordeiro, Dobzhansky, Malogolowikin, Spassky e Wedel, analisando a freqüência de cromosomas que transportavam gens letais em populações naturais de *D. willistoni* de várias partes do Brasil, notavam que essas populações transportavam em seu patrimônio hereditário uma reserva muito grande de gens recessivos. Embora as localidades de onde provieram as amostras tivessem os climas mais variados, a concentração de gens letais e semiletais era praticamente a mesma em tôdas elas, havendo uma pequena possibilidade de a concentração de letais do Norte ser maior que a da região Sul do Brasil.

O trabalho do A., em sua tese, consistiu em tomar 140 letais de várias populações e fazer cruzamentos entre êles para saber a freqüência relativa de cada um dos gens letais, e o tamanho da população geneticamente ativa de algumas localidades. A freqüência relativa de cada gen é dada pela freqüência de alelismo. O tamanho da população geneticamente ativa é dado pela comparação entre a freqüência de alelismo entre gens de populações diferentes. No caso de os indivíduos de uma certa localidade formarem uma pequena comunidade, onde a população atinja o limite (no sentido genético), a oscilação genética vai fazer com que certos gens tenham freqüência relativa muito mais alta e, portanto, alta freqüência de alelismo, quando comparada com a freqüência de alelismo entre gens de populações diferentes. Se, no entanto, as populações, mesmo quando reduzidas (devido às variações das estações do ano), não atingi-

rem o limiar de “populações pequenas”, a frequência de alelismo de gens de uma mesma população não será muito diferente da frequência de alelismo entre gens de populações diferentes, e quando essas frequências forem iguais, as populações de cada localidade serão consideradas como infinitamente grandes, no conceito genético. Neste caso, cada população local deverá ter concentração gênica idêntica à da população total, se outras causas não estiverem em jôgo no processo.

D. willistoni é o primeiro organismo, dentre os analisados, em que a frequência de alelismo entre gens de uma mesma população é igual à frequência de alelismo entre gens letais de populações diferentes. As populações de *D. willistoni*, das localidades estudadas, devem ter populações infinitamente grandes, no sentido genético, e sua evolução deve ser regida por leis diferentes daquelas que regem a evolução das espécies de *Drosophila* até agôra estudadas nesse sentido. Estudos de S. Wright demonstraram que as maiores possibilidades evolutivas são encontradas em organismos que apresentam grandes populações divididas em muitas pequenas populações parcialmente isoladas. As possibilidades evolutivas em pequenas populações são enormes, mas levam, com muita frequência, a formas não adaptadas que são extintas, e as possibilidades de sobrevivência de pequenos grupos que sofrem modificações são muito pequenas, mas quando a população total é formada por um grande número delas, as poucas que se apresentam favorecidas compensam a perda das demais.

Por outro lado, as grandes populações têm evolução lenta, excepto quando há mudança de fôrças seletivas. A taxa de evolução, sendo proporcional à intensidade de seleção, a evolução é essencialmente do tipo seletivo. A evolução, neste caso, é lenta, porque, sendo do tipo essencialmente adaptativo, a seleção natural limita a variabilidade gênica e os tipos de recombinações ficam relativamente reduzidos. Algumas espécies, no entanto, remedeiam êsses inconvenientes apresentando formas polimorfas que aumentam as possibilidades de aparecimento de novos tipos por recombinações gênicas. Dentre essas espécies, *D. willistoni* parece ocupar o ponto máximo, pois, embora formada, de um modo geral, de populações infinitamente grandes, apresenta, por outro lado, o maior polimorfismo gênico e cromosômico até hoje conhecido. Êsse polimorfismo se manifesta sob a forma de inversões cromosômicas e pode manter-se porque a seleção natural favorece o tipo híbrido (combinações de gens heteróticos), que obrigatòriamente produz os tipos puros em cada geração.

Assim, *D. Willistoni*, embora formada, de um modo geral, de populações infinitamente grandes, apresenta possibilidades evolutivas muito amplas, uma vez que se pode utilizar de: a) — uma enorme reserva hereditária representada por gens recessivos; b) — uma também enorme reserva hereditária representada por gens heteróticos; e c) — as novas mutações dominantes ou recessivas que normalmente aparecem na população.

Por ocasião da defesa de tese dêste concurso, encerrando as argüições, o Prof. André Dreyfus proferiu as seguintes palavras, que julgamos oportuno transcrever:

“A minha condição de último examinador, depois que os meus quatro colegas já discutiram longamente a tese de V. S., e ainda o fato de que acompanhei “pari passu” a feitura de seu trabalho, e o de que estou, em princípio, de acôrdo com o que nela se afirma, de algum modo me dispensam da obrigação de fazer-lhe a análise. Por outro lado, os concursos em Cadeiras experimentais, como êsse que estamos realizando, dão em geral às teses um caráter objetivo que dispensa as discussões acadêmicas, tão ao sabor do público sensacionalista. Por outras palavras, as defesas de tese, que eram antigamente como que touradas que muito divertiam o auditório, num tempo em que, no Brasil, as teses, como, por exemplo, as de medicina, em vez de serem trabalhos experimentais, eram observações teóricas baseadas, seja em trabalhos de outros autores, seja mesmo em concepções mais ou menos fantásticas, perderam felizmente êsse caráter, já que, atualmente, estamos diante de pesquisas laboriosas, que só podem ser analisadas e criticadas por quem conheça não só os detalhes do assunto de que se trata, mas tenha realizado pesquisas nesse domínio: condição que dá ao crítico autoridade para falar da matéria em apreço. Como se vê, longe estamos da época em que as teses eram discussões doutrinárias sôbre as quais cada um podia dizer o que lhe aprouvesse. Felizmente, estamos agora diante da experiência que limita, prodigiosamente, mas, ao mesmo tempo, dá um cunho verdadeiramente científico às conclusões a que chegamos.

Prefiro, porisso, dedicar o tempo de que disponho para considerações de outra natureza.

E' sabido que as Cadeiras científicas lecionadas na Faculdade estão sob regime de tempo integral. Isto significa que, tanto ao professor como aos seus assistentes, é vedado terem outras posições remuneradas, isto é, tanto um como os outros devem dedicar-se exclusivamente a um determinado ramo de atividades. Êsse regime, em boa hora iniciado, há cêrca de 35 anos pela Faculdade de Medicina, sob a influência da Fundação Rockefeller, não existe em outros países da Europa e do continente americano. Mas é também verdade que nesses países já se chegou a um tal grau de civilização que não se concebe a existência de um verdadeiro especialista que de fato não se limite à sua especialidade: lá não há diferença entre tempo parcial e integral. Em nosso país, como aliás em tôda a América Latina, só a ação conjugada do analfabetismo mais ou menos generalizado, a pouca densidade da população e, provàvelmente, também, a capacidade de improvisação e mesmo a malandragem, que se costuma chamar, erradamente, de manifestações do espírito latino, é que podem justificar o disparate de um professor que se dedica a várias atividades, sem relação umas com as outras. Por essas diversas razões, entre nós, salvo raras exceções, até há pouco, os detentores de cátedra eram também homens que lecionavam outras cátedras ou mesmo se entregavam a vários misteres sem relação direta com as mesmas. O caso extremo, eu o encontrei na Bahia, onde um professor era a um tempo catedrático de parasitologia na

Faculdade de Medicina, de geologia e paleontologia na Faculdade de Filosofia e radiologista na vida prática. E note-se que isto se passou em 1942. Muito bem, portanto, andou a Fundação Rockefeller exigindo, ao dar um vultoso donativo à Faculdade de Medicina, como condição essencial, que professores e assistentes das cadeiras fundamentais da escola se dedicassem exclusivamente à sua carreira, processo único pelo qual intentaram aquêles filantropos obrigar nossos pesquisadores a se dedicarem a uma só especialidade. Até hoje, que eu saiba, não foi encontrado outro método que dê tão brilhante resultado. A êsse método, generalizado atualmente em tôda a Universidade de São Paulo, devemos a situação ímpar de que essa Universidade goza no país e fora dêle. No entanto, causa admiração que ainda se encontrem jovens formados em várias faculdades que aceitem as limitações impostas pelo tempo integral. Quando, recentemente, visitei a França, diversos professores, com quem conversei, salientaram a dificuldade que atualmente têm no recrutamento de novos pesquisadores. As sucessivas guerras, o empobrecimento geral e várias outras causas como a desmoralização resultante de vários anos de ocupação, explicam que os moços prefiram dedicar-se a fontes onde mais facilmente e mais rapidamente encontrem compensações financeiras, que não podem existir na pesquisa científica. Entre nós, as dificuldades são de outro gênero. Num país novo, pouco habitado, e onde fãcilmente pessoas inteligentes encontram carreiras promissoras e um sucesso material rápido e sem dificuldades, os nossos jovens são solicitados por tôda sorte de atividades, menos pela ciência, que era cultivada como um luxo. Lembro-me, há alguns anos, no Rio de Janeiro, quando assisti a uma defesa de tese de pequeno lastro experimental, de que um examinador elogiou rasgadamente o candidato porque verificou que algumas experiências haviam sido feitas no dia 7 de setembro. Achava êle extraordinário que o doutorando tivesse sacrificado um dia feriado a experiências científicas. Ora, imagino com que cara ficaria êsse examinador se tomasse contacto com alguns dos trabalhos feitos em nossa Faculdade, trabalhos que, como o de V. S., implicaram em pesquisas e experiências durante anos, realizadas sem horário, freqüentemente até altas horas da noite, sem preocupações de domingos ou dias feriados e exigindo excursões longas e fatigantes por todo o Brasil. A conclusão, portanto, que se impõe é a de que, no Brasil, apesar dos elementos contrários, devemos reconhecer que há sempre um número considerável de jovens pesquisadores inteligentes e trabalhadores, que, em meio a grandes sacrifícios, se dedicam a pesquisas científicas, trabalhosas e longas. Notemos que, no Brasil, a profissão de cientista é muito mais árdua do que na Europa ou nos Estados Unidos. Lá existe um grande número de pesquisadores, de sorte que não há lugar para o charlatanismo ou apenas lugar muito escasso. Sabemos que entre nós há ainda muito espaço para os aventureiros de tôda espécie. Por outras palavras, na Europa e nos Estados Unidos um cientista é sempre julgado por seus pares, que lhe atribuem os méritos pela qualidade dos trabalhos apresentados, de sorte que cada especialista é colocado num quadro de referências onde êle sabe que lugar ocupa. Por outro lado, há constantes reuniões científicas, as quais são freqüentadas pelos especialistas que podem

trocar idéias com seus colegas. Infelizmente nada ou muito pouco disso existe entre nós, de sorte que o verdadeiro pesquisador não é compensado de suas obrigações. Falta-lhe êsse estímulo tão importante, representado pela recompensa da posição ocupada no quadro geral dos cientistas. Sabemos, também, que os proventos materiais são muito menores na ciência, e facilmente seriam obtidos em outras atividades.

Espero ter, assim, justificado a razão pela qual aproveito esta oportunidade para cumprimentar não só V. S., como todos os seus colegas da Secção de Ciências e, mais particularmente, de Ciências Naturais, que dedicaram tôda a sua vida, independentemente de horários, à investigação científica.

Passo, agora, a abordar dois assuntos que dizem respeito a V. S. e aos demais assistentes do Departamento. Em primeiro lugar, quero referir-me à obra realizada, entre nós, pelo Prof. Dobzhansky.

Êste ilustre geneticista norte-americano nos visitou, pela primeira vez, em 1943 e, pela segunda, em 1948-49. Sob sua direção, aperfeiçoaram seus conhecimentos de Genética, não só os elementos componentes do laboratório de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, mas ainda vários outros pesquisadores nacionais e estrangeiros. Peço licença para citar aqui o Prof. Cavalcanti, que nos honra, nesta Comissão Examinadora, e que também se beneficiou com uma bolsa de estudo, durante a segunda estadia do Prof. Dobzhansky. Não é o momento de recordar a obra científica que o Prof. Dobzhansky realizou aqui e que, atualmente, está sendo levada a cabo por êle e seus colaboradores. Não será de mais, porém, repetir que essa obra consiste num dos maiores trabalhos de ciência pura até hoje empreendidos no Brasil e, na hora em que V. S. realiza suas provas para livre-docência, penso que é da mais elementar justiça lembrar o nome, para nós tão caro, dêste ilustre professor, atualmente na Oceania mas, de fato, tão presente nesta defesa de tese como se aqui estivesse.

Desejo, finalmente, tratar rapidamente de um assunto extremamente desagradável, que diz respeito aos geneticistas em geral e, portanto, também aos meus assistentes, aos quais, na pessoa de V. S., me dirijo neste momento.

A Genética é uma ciência experimental, baseada em duas leis que foram estabelecidas pelo abade Mendel e, a seguir, completadas por numerosos trabalhos feitos no mundo inteiro e que não iremos recordar, E' interessante assinalar que essa ciência tem um caráter rigorosamente experimental, isto é, que suas conclusões podem ser verificadas a qualquer momento, por investigadores competentes. E' assim, por exemplo, que, no nosso curso de Genética, os alunos têm ocasião de repetir experiências com as quais se provam os fatos fundamentais da hereditariedade e têm ocasião de fazer e examinar preparações citológicas, ou de poder verificar o substrato objetivo daquilo que foi afirmado. Por essa razão, muito justamente, a genética compõe, ao lado da Física e da Química, um grupo de ciências que possuem fundamento experimental, que só se encontra raramente.

Como é sabido, na Rússia Soviética foi decretado que a verdade científica é outra. Aos fundamentos objetivos da Genética se opõem afirmações doutrinárias com as quais aquêles fundamentos estariam em desacôrdo, como se a ciência experimental se devesse dobrar a doutrinas quaisquer. Sob essa base, fecharam-se laboratórios, cientistas foram mandados para campos de concentração e livros-textos adotados pelos alunos foram proibidos. E' claro que se se tivesse demonstrado aquilo que é afirmado pelos *lysenkistas*, seria necessário encontrar uma explicação para êsses novos fatos e também para os fatos positivos da Genética, que não podem ser postos em dúvida. Desprezar êsses últimos é que não é possível. Tôda ciência experimental é, por definição, perceptível e a Genética não escapa, como a Física e a Química, a êsse princípio geral. Muitas cousas ainda estão por ser explicadas e essas explicações obrigarão a retoques em nossas idéias. Devemos, porém, notar que, por um lado, as afirmações feitas por êsses supostos cientistas soviéticos não foram confirmadas no mundo ocidental e que a sua própria confirmação não é possível, porque não conhecemos, com suficiente exatidão, os protocolos das experiências de que se trata, provavelmente dos autores que as fizeram; releva notar, ainda, que experiências análogas foram feitas há mais de um século, com resultados opostos aos que agora nos são alegados. Por outro lado, essa contenda entre a Genética do mundo ocidental e a ignorância completa nesse assunto, observada pelos partidários de Lysenko, ignorância que se opõe aos princípios aos quais devotamos nossas vidas de cientistas, é inadmissível. E' a negação da liberdade de pesquisa, da liberdade de crítica. Afirmamos que tôda conclusão que decorre da experiência deve ser aceita, ainda que esteja contra qualquer doutrina ou princípio, mas desde que seja esteada em fatos experimentais rigorosos. Finalmente, afirmamos a necessidade de libertar a pesquisa do interêsse prático imediato. Muitas das pesquisas que deram os maiores resultados práticos nasceram do trabalho científico desinteressado. Basta citar, como única prova, os trabalhos sôbre geração espontânea feitos por Pasteur e que permitiram o advento da cirurgia.

O que é imperdoável é que, em nome da ciência, políticos decretem que uma certa doutrina é a verdade, que só é permitido ensinar essa doutrina e que os trabalhos, embora com documentação experimental impecável, que demonstram o contrário, devem ser condenados. Êste é um crime para o qual não conhecemos pena que seja suficiente e pelo qual a Rússia, apesar do muito de bom que de lá poderia ter vindo e do idealismo que anima numerosos dentre os comunistas, êste é um crime, repito, pelo qual a Rússia há de pagar caríssimo. Nem o episódio de Galileu, condenado a abjurar uma doutrina repudiada como contrária às escrituras sagradas é um exemplo tão nefasto, porque, no caso de Galileu, tratava-se de saber se a nova doutrina era herética ou ortodoxa e não verdadeira ou falsa. O caso de Lysenko é muito mais grave, porque aqui se trata de escolher entre duas doutrinas e a escolha é feita por razões aparentemente científicas. Então, seria a ciência condenando um

grupo experimental de fatos, porque estariam em desacôrdo com uma certa doutrina política.

Podemos dar muitos exemplos dêste “aspecto” político que a discussão tem tido, de sorte a transformar qualquer comunista num técnico capaz de opinar sôbre questões complicadas de Genética, que evidentemente êle desconhece completamente, como é o caso, por exemplo, de Aragon. Peço licença para dar um outro exemplo dessa mentalidade. Recentemente, no mês passado, um matutino que se publica nesta Capital, num artigo sôbre “Educação e Cultura”, causou-me espanto a seguinte afirmação que só pode encontrar defesa na opinião política que a deve ter ditado. (Trata-se de uma crítica à nossa Secção de Ciências Naturais): — “Temos a impressão, contudo, de que os Departamentos especializados em Ciências Naturais ainda não vêm apresentando suficientes resultados concretos de seus trabalhos. Neles parecem merecer preferência as discussões de ordem puramente teórica e, no que diz respeito à biologia, uma preocupação acentuadamente apologética, a favor de diretrizes influenciadas pelo mendelismo”. Como se vê, o autor, que tem a ousadia de se assinar “Educador”, acha que o ensino de minha Cadeira é acentuadamente apologético e que nós não temos feito trabalhos experimentais e sim discussões teóricas. Ora, pegue-se qualquer manual de Genética e se verá que o que nele se encontra é uma exposição baseada em fatos experimentais rigorosos. Dizer que um tal curso é “apologético” é propositadamente confundir o ensino das ciências exatas como a Mecânica de Galileu, Newton, Einstein, ou a Química ou qualquer outra, com “apologética” de doutrinas religiosas. Essas, por definição, não se baseiam em fatos experimentais. Declarar, por outro lado, que o laboratório de Biologia Geral não tem publicado a não ser trabalhos teóricos, significa que o autor não conhece nada do que se passa no Departamento. Limitando-nos aos trabalhos, a partir de 1946, verificamos que realmente foram publicados 52 trabalhos, dos quais 37 são pesquisas experimentais originais. Essas pesquisas originais puderam, é verdade, ser realizadas não só graças ao esforço do Prof. Dobzhansky, dos estagiários, do pessoal de laboratório, como a vários donativos privados que temos recebido, especialmente da benemérita Fundação Rockefeller, a quem devemos um sem número de auxílios, graças aos quais o Departamento possui uma caminhonete, com a qual muitas excursões foram feitas; possui uma instalação de salas com temperatura constante, para só citar as dádivas mais importantes. É aqui necessário agradecer à pessoa do Dr. Harry Miller Jr., Diretor associado dessa Fundação. Reportando-me apenas a um dos trabalhos publicados no último número de “Genetics”, lembrarei que para a sua feitura foi analisado um número superior a 1.500.000 moscas. É isso que o articulista que se diz “Educador” chama de apologética! Os restantes trabalhos publicados pelo Departamento dizem respeito, entre outros assuntos, a “Contrôle genético das reações bioquímicas”, “Perícia da paternidade à luz da genética”, “Condições para o trabalho científico no Brasil”, “Doenças hereditárias”, “Produção artificial de mutações”, “Introdução ao es-

tudo da *Drosophila*”, “Variabilidade genética e sua importância na Evolução”, “Amas de sangue”, “Raças humanas — Eugenia — Genética”, isto é, questões completamente estranhas àquilo a que o “Educador” chama apologética das diretrizes do mendelismo. Penso poder concluir que um laboratório do qual foram publicados, em revistas especializadas de Genética e Citologia, dos Estados-Unidos, da Inglaterra, Itália e Brasil, 37 trabalhos experimentais, em cinco anos e pouco, não é passível da crítica injusta e ignorante de um “Educador” qualquer, principalmente quando faz uma visível propaganda stalinista.

A verificação de que ainda existe, entre nós, apesar do fanatismo histérico da maioria dos comunistas, pessoas moças que conservam a isenção de espírito necessário para julgar êsse problema e para se dedicarem aos estudos da genética, é uma constatação que faz honra aos que os possuem. Por êste motivo, na pessoa de V.S., cumprimento os meus Assistentes, por saberem reagir como devem a tão monstruosa prova de ação conjugada da ignorância e de pusilanimidade, a serviço do fanatismo político.”

VIII - Doutoramentos



Durante o ano letivo de 1951, realizaram-se nove doutoramentos, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, tendo prestado sua valiosa colaboração, nas Comissões Examinadoras, Professôres de outros institutos universitários e pessoas de reconhecida competência, nos domínios de sua especialidade.

Ao doutoramento, que é um complemento dos cursos da Faculdade, podem candidatar-se os bacharéis e os licenciados por Faculdades de Filosofia. Os Assistentes, de acôrdo como o Regulamento da Faculdade, a êle são obrigados dentro do prazo máximo de três anos, a contar da data de sua nomeação.

A seguir, são relacionados os que se doutoraram em 1951, constando dessa relação a data do doutoramento, a Comissão Examinadora e um resumo da tese apresentada pelo candidato.

*
* *

MAFALDA ZEMELLA

Data: — 12-3-1951.

Tese: — “O abastecimento da Capitania de Minas Gerais, no século XVIII”.

Comissão Examinadora — Profs. Alfredo Ellis Júnior, Eurípedes Simões de Paula, Thomaz Oscar Marcondes de Sousa, J. I. Benevides de Resende e J. P. Leite Cordeiro.

Resumo:

O aparecimento de um núcleo populacional denso, de alto poder aquisitivo, no sertão do Brasil, em consequência da descoberta das minas gerais, provocou no país uma verdadeira efervescência econômica. Nasceram correntes abastecedoras que, partindo das cidades, vilas e sertões do Brasil, convergiram para a região das lavras. Mas não só o comércio brasileiro foi afetado pela necessidade de abastecer as Gerais; também o foram as praças européias, as africanas e as platinas, de tal forma que o problema ultrapassa a órbita da História da Civilização Brasileira, para tornar-se um capítulo da História Geral.

O estudo do abastecimento das minas gerais inicia-se com a descoberta do ouro, que é o fenômeno que explica o aparecimento dos núcleos humanos, nos sertões de além-Mantiqueira. Lançado o grito de descoberta do ouro, na última década do século XVII, volumosas cor-

rentes povoadoras, procedentes das vilas vicentinas, da Bahia, do Rio de Janeiro e de além-mar, precipitaram-se para as Gerais, dando origem aos arraiais que logo mais se transformaram em vilas e depois em cidades.

Tais populações, galvanizadas pela ambição do metal precioso, não se preocupavam com qualquer outra atividade econômica. Assim sendo, todo o abastecimento dependia dos fornecimentos feitos pelas regiões vizinhas. Antes de se regularizarem tais fornecimentos, sofreram as populações mineradoras agudas crises de fome. A carestia teve como consequência a especulação com os gêneros, a alta dos preços, o descontentamento dos povos, as perturbações sociais.

Aos poucos, os fornecimentos de gêneros, utilidades e escravos foram se sistematizando. Abriram-se vias de comunicações, ligando as Gerais com seus mercados fornecedores, como o caminho novo e o caminho do sul. Estabeleceu-se um aparelhamento de transporte, executado pelos tropeiros e apoiado, principalmente, no mar.

As regiões brasileiras, que serviram de retaguarda econômica das minas (Bahia, Rio e S. Paulo) aumentaram ao máximo sua capacidade produtiva, para servir às Gerais. Funcionavam também como zonas de passagem das regiões afastadas da zona aurífera e como entrepostos importadores de artigos europeus e africanos. Dos confins platinos, vinham tropas de mulas, as únicas bêstas que poderiam servir nos carregamentos para as minas, dada a natureza acidentada dos caminhos.

Vendendo para as populações mineradoras, as regiões subsidiárias das minas prosperaram grandemente, aumentando também sua densidade demográfica e desenvolvendo seus núcleos urbanos.

Nas Gerais, os produtos eram vendidos a preços elevados. No início da mineração, pagava-se tudo à vista, a pêsso de ouro. Com o decorrer dos anos os pagamentos passaram a ser feitos a prazo, havendo enorme desenvolvimento do crédito.

Os produtos mais importantes, no comércio com as Gerais, foram: — a carne, o ferro, o escravo, a pinga, e o tabaco. Ao lado dos produtos essenciais, apareceram em profusão os artigos de luxo, as obras de arte, as cousas supérfluas que caracterizaram a apurada civilização material da sociedade mineradora.

O consumo das populações mineradoras variou, em função de quatro fatores: — o número de consumidores, isto é, o povoamento; a sistematização das correntes abastecedoras; a produtividade das minas e o aparecimento de núcleos de produção nas Gerais.

A produtividade das minas teve sua época de fastígio entre 1735 e 1766. A partir desse ano, a produção caiu. Escasseando o metal precioso, os mineradores foram restringindo suas compras e, ao mesmo tempo, foram dedicando-se a outras atividades. Incrementou-se a agricultura, a pecuária e a produção manufatureira, na Capitania das Minas Gerais, enquanto que, paralelamente, decaía o volume dos fornecimentos feitos pelas regiões vizinhas. Ao findar o século XVIII, invertera-se o quadro que prevalecia no início do século: as Minas Gerais começaram a expor-

tar, para as capitanias vizinhas, gado para o corte, toucinho, laticínios, cereais, etc.

O abastecimento das Gerais foi um fenômeno que repercutiu fundamentalmente na estrutura econômica do Brasil, projetando onerosas conseqüências.

Uma grande área do Brasil, desde os sertões do Maranhão e Piauí, até as planícies do Rio Grande do Sul, sofreu uma agitação comercial até então desconhecida. Todos os centros produtores dessa imensa área fizeram refluir para as minas as sobras de sua produção. Mais do que isso: — aumentaram sua capacidade produtiva para abastecer as Gerais. Pela primeira vez, no Brasil, apareceu o comércio interno, interligando as regiões remotas ao centro. A circulação dos produtos originou a abertura de vias de comunicações, ao estabelecimento de um aparelhamento para os transportes.

Cresceu também, o movimento importador, o que determinou o desenvolvimento das cidades portuárias, que serviam de entreposto às minas. Houve um enriquecimento geral das regiões que constituíam a retaguarda econômica da zona aurífera e um aumento da população. Houve expansão do povoamento, em direção à região platina, decorrente da necessidade de muares.

Com a volumosa introdução da mão de obra negra, intensificou-se o comércio com a África, o qual exigiu incremento da indústria da navegação e a ampliação da produção do tabaco e da aguardente, usados no escambo.

Êsses negros, introduzidos em larga escala para os trabalhos da mineração, modificaram profundamente a estrutura social da capitania mineira.

Outra conseqüência do abastecimento das Gerais foi o progresso do Rio de Janeiro, que se tornou sede da Capital do Brasil, em 1763. tecedoras, concorreu para o fortalecimento da unidade nacional.

O comércio com as minas, interessando áreas remotas, originando a abertura de caminhos, determinando a convergência das correntes abas-

*

JOSÉ MOACIR VIANA COUTINHO

Data: 26-3-1951.

Tese: "Petrologia da região de São Roque".

Comissão Examinadora: Profs. Reinaldo Saldanha da Gama, Viktor Leinz, Rui Ribeiro Franco, Otávio Barbosa e Alceu Fábio Barbosa.

Conclusões:

Geologia Geral da Região

A região estudada faz parte da chamada série S. Roque, formada por rochas metamórficas, originalmente sedimentares, de idade pré-cam-

briana. Ocupam grandes áreas de afloramentos, na região, os chamados “granitos Pirituba”, intrusivos nas rochas regionais, de idade considerada pré-devoniana, e posteriores às primeiras.

Tectônica

1) — A rocha “granítica” mostra estruturas planares fluidais, devidas a movimentos fluxionais ascendentes, durante o tempo em que o estado físico do magma era ainda plástico ou semi-plástico. Suas atitudes demonstram contactos discordantes, entre batolito e encaixantes.

Os planos fluxionais parecem formar dobras suaves. Seus eixos coincidem, aproximadamente, com o eixo horizontal do batolito, e, localmente, com as linhas de contacto “granito”-calcáreo (NE).

2) — Faltam evidências macroscópicas de estrutura linear, nas intrusivas.

3) — O preenchimento aplítico e pegmatítico, no batolito, se deu somente ao longo de juntas 70° NE, e mergulhos vertical ou norte; ao passo que, nas encaixantes, se fez segundo as direções de acamamento da rocha.

4) — Existe, no batolito, outros planos de possíveis juntas marginais falhadas. O falhamento parece ter-se efetuado em época muito posterior à consolidação do magma, e talvez seja devido a um dinamismo regional relativamente recente. As rochas encaixantes também mostram efeitos cataclásticos, relacionáveis às mesmas causas.

5) — Os característicos tectônicos da região parecem mostrar uma intrusão discordante do magma. Este, ao introduzir-se, teria deformado um tanto as encaixantes.

6) — Nos estágios finais da formação de sua câmara, o magma teria emitido numerosas apófises e diques, que separaram blocos de encaixante, pelo processo de “piecemeal stoping”.

Petrografia das rochas ígneas

1) — Os plutonitos encontrados na região são típicos adamelitos e granodioritos, segundo a classificação de Johannsen.

2) — A seqüência de cristalização é a seguinte: — magnetita, apatita, epidoto, titanita, hornblenda, biotita, plagioclásio, feldspato potássico e quartzo.

3) — Há casos de alteração metassomática hidrotermal das rochas plutônicas. As modificações mais importantes sofridas por estas, são: cloritização e epidotização dos fêmicos; descalcificação dos plagioclásios e enriquecimento de quartzo.

4) — Em três setores estudados, as rochas mostram sensíveis variações, nas proporções minerais e na basicidade dos plagioclásios.

5) — São comuns, nas bordas batolíticas, ao longo de falhas internas e em corpos intrusivos nas encaixantes, as texturas cataclásticas e miloníticas, causadas por dínamo-metamorfismo.

6) — As diferenciações magmáticas do estágio pegmatítico, incluem: — pegmatito, aplito róseo e aplito roxo turmalinífero. Este último aparenta ser, em parte, posterior aos dois primeiros.

7) — Há vários tipos de rochas milotonizadas, no interior do batolito granítico. O tipo que apresenta efeitos mais intensos de cataclase, é o chamado ultra-milonito, comum na pedreira da E. de F. Sorocabana, formando pseudo-diques, ao longo de falhas.

8) — Observa-se deposição de minerais hidrotermais, ao longo de falhas milotonizadas.

Petrografia dos xenolitos

1) — Em dois xenolitos, encontrados nas bordas batolíticas, foi possível verificar sua origem calcárea.

2) — Para a estabilização física e química de tais inclusões, no interior do magma, houve necessidade de trocas de óxidos. Os xenolitos forneceram ao magma, parte de CaO, a totalidade de CO₂ e possivelmente algum MgO. O magma introduz no xenolito: SiO₂, Al₂O₃, FeO, Fe₂O₃ e Na₂O. A rocha xenolítica se transforma em um agregado granular silicático, onde predomina um clinopiroxênio (diopsídeo) e oligoclásio.

3) — Na borda xenolítica, o diopsídeo passa hornblenda, havendo, na transformação, necessidade de FeO e Fe₂O₃, que o magma fornece.

Evolução petrológica do magma granítico

1) — Os característicos litológicos e as relações com as encaixantes, comprovam a origem magmática do maciço estudado.

2) — A composição mineralógica e química, e suas variações para os diferentes locais estudados, e ainda as evidências fornecidas pelos xenolitos, parecem tornar admissível alguma assimilação de encaixantes calcáreas.

3) — Para explicar o processo de assimilação, admitir-se-ia a hipótese a que Daly denomina: — “magmatic stoping”.

4) — Em épocas bastante afastadas do final da consolidação, depois de pelo menos dois processos cataclásticos, a rocha do maciço sofreu, em alguns locais, uma alteração de natureza hidrotermal.

Metamorfismo

1) — O calcáreo, única rocha estudada petrológicamente, mostra os efeitos de dois tipos de metamorfismo: — o dínamo-termal ou regional, e o de contacto.

2) — O metamorfismo regional evidencia-se pela recristalização, formação de silicatos “stress”, dobramento e empinamento das camadas.

3) — Por suas relações com as rochas argilosas, igualmente metamorizadas dínamo-termalmente, o calcáreo deve ser colocado na “zona da clorita” de Tilley, portanto, a um grau de metamorfismo relativamente baixo. No entanto, observa-se a formação de diopsídio, mineral de grau de metamorfismo mais intenso, mas que acreditamos ser formado ainda durante o metamorfismo regional. Esse mineral estaria em desequilíbrio metamórfico com os minerais restantes da rocha. Julgamos encontrar explicação plausível, para o fenômeno, na composição química inicial dos leitos, ora diopsídicos, e na ausência de “stress” nestes mesmos leitos.

4) — O metamorfismo de contacto se evidencia pela formação de zonas contíguas ao batolito, formadas por “hornfels” calco-silicáticos.

5) — O processo metamórfico de contacto se efetuou, antes por processos aditivos, que por recristalizações recombinaivas, uma vez que os “hornfels”, em três afloramentos estudados, apresentam razoáveis proporções de feldspatos. Fora do contacto, não se observa nem aquêles minerais, nem outros que pudessem explicar sua origem.

6) — A adição de substâncias, por parte do magma, às encaixantes, ainda é sugerida por comparação de análises químicas de rochas situadas sucessivamente mais afastadas do contacto.

7) — A adição de substâncias deve ter-se efetuado por intermédio de soluções residuais magmáticas de composição química aproximadamente pegmatítica, que embeberam e metassomatizaram os calcáreos. Os efeitos se verificam, com maior intensidade, nos “hornfels” de contacto, mas é admissível que as soluções tenham ainda afetado certos leitos originalmente mais quartzosos e mais permeáveis, e um tanto mais afastados da intrusão.

*

LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO

Data: — 19-4-1951.

Tese: — “Sôbre as potências simbólicas de um ideal primo de um anel de polinômios”.

Comissão Examinadora: — Profs. Cândido Lima da Silva Dias, Omar Catunda, Benedito Castrucci, Afonso Penteado de Toledo Piza e Leopoldo Nachbin.

Deixa de figurar aqui o resumo desta tese, pela dificuldade de transcrição dos símbolos matemáticos empregados.

ELINA DE OLIVEIRA SANTOS

Data: — 23-4-1951.

Tese: — “A industrialização de Sorocaba (Bases geográficas)”.

Comissão Examinadora: — Profs. João Dias da Silveira, Viktor Leinz, Aroldo de Azevedo, Eduardo Alcântara de Oliveira e Ari França.

Resumo:

A industrialização, que se processa na região de Sorocaba, baseia-se, direta ou indiretamente, em fatores geográficos peculiares ao seu quadro natural e à sua evolução econômica. Da pesquisa realizada na região de Sorocaba, ressaltamos os seguintes fatos geográficos:

1. A localização do território, numa zona de contacto geológico e topográfico, determinou a existência de duas regiões contíguas e opostas: — o conjunto cristalino, heterogêneo e movimentado (700-1000 m) da parte oriental e a província sedimentar, homogênea e suave (600-650 m) da porção ocidental. A primeira ocupa, aproximadamente, um terço da superfície total e a segunda, os dois terços restantes.

2. O morro de Araçoiaba (850-900 m), dentro da região sedimentar de Sorocaba, é o único acidente de relêvo tipicamente de exceção. Esta pequena elevação, em forma de mesa, popularmente denominada “serra”, resultou duma intrusão alcalina localizada, que perfurou e alteou o tecto das formações sedimentares regionais, conforme se pode deduzir dos trabalhos geológicos e petrográficos existentes.

3. A região de Sorocaba é, geomorfologicamente, um bom exemplo regional dos processos gerais de desnudação periférica, realizados no Brasil Meridional (circundesnudação). Devemos, porém, considerar a intrusão alcalina do morro de Araçoiaba como anormalidade e caso de exceção.

4. Os diversos tipos de drenagem da região refletem, de perto, as determinações estruturais, salvo o caráter nitidamente epigênico do rio Sorocaba, na serra de São Francisco.

5. O clima regional é, segundo a classificação climática do professor De Martonne, quente e úmido, do tipo tropical. Apresenta, entretanto, variedades locais, ligadas estreitamente às condições de altitude, morfologia e natureza do solo.

6. Os solos da região apresentam, de maneira geral, propriedades físico-químicas decorrentes da rocha-matriz. Todos os tipos, entretanto, encontram-se bastante maltratados. São mais extremados os traços de degradação, nos solos arenosos da série Itararé, do que nos solos oriundos das rochas cristalinas. São os solos resultantes da decomposição do granito, os mais aproveitados para agricultura.

7. O quadro geobotânico atual se compõe de diversas associações vegetais secundárias: — capoeira, sapezal, samambaial, campo sujo, cerradinho e descampado. Enquanto o sapezal e samambaial se encon-

tram na parte cristalina, o descampado estende-se pela área sedimentar. Devastação intensa e generalizada domina em tôda a região.

8. A posição geográfica de Sorocaba — zona de contacto geológico e topográfico — favoreceu o aparecimento, fixação e desenvolvimento do núcleo urbano de Sorocaba. Esta posição tornou-se excepcional, como zona de transição entre o sul, sudeste e centro do país, após a descoberta do ouro, no Brasil Central, e a decorrente necessidade de meios de transporte animal. À sua posição geográfica, deve Sorocaba o grande impulso demográfico-econômico, no século passado, e o caráter de cidade-mercado, célebre pelas “feiras de burros”.

9. O declínio do ciclo muar, no último quartel do século XIX, levou a região de Sorocaba a dedicar-se à agricultura. O algodão foi o produto eleito. A paralisação momentânea do mercado estadunidense, pela guerra de Secessão (1861-1865), incentivou o cultivo de algodoads. Êste surto algodoeiro favoreceu, em muito, a germinação de atividades têxteis, em Sorocaba, marcando transição econômica importante, nos destinos da velha feira de burros.

10. A industrialização regional de Sorocaba nasceu com as malogradas tentativas de indústria siderúrgica, nas encostas do morro de Araçoiaba. As feiras criaram, posteriormente, uma indústria rudimentar e doméstica de tecidos, ao lado das indústrias artesanais de couros, próprias das zonas de feira de animais. O surto algodoeiro incrementou a indústria regional de tecidos, e contribuiu para a formação do parque têxtil sorocabano, constituído pela cidade e a vila de Votorantim. A primeira grande guerra (1914-1918) deu novo impulso à evolução industrial de Sorocaba. Nesta fase, ampliaram-se as fábricas têxteis e apareceram novas indústrias, entre as quais merece destaque a indústria metalúrgica. Nas vésperas da segunda grande guerra, e no seu decorrer (1939-1945), a industrialização intensificou-se, desenvolvendo-se, sobremaneira, a indústria de construção, aumentando a exploração de caieiras e olarias, e estabelecendo-se a grande indústria de cimento.

11. A intensificação das atividades industriais, na região de Sorocaba, ocasionou fortes transformações no quadro de suas paisagens, e fêz surgir a *paisagem industrial*. A paisagem rural redefiniu seus traços, em relação à técnica agrícola, e a paisagem urbana ganhou grande expressão, no conjunto regional.

A observação dêste conjunto de fatos levou-nos a concluir que:

I — A industrialização de Sorocaba tem raízes históricas e geográficas. A região, apoiada em algumas atividades tradicionais de caráter industrial, criou seu parque têxtil; valendo-se das vantagens de seu relêvo e hidrografia, intensificou sua industrialização, na base da exploração das riquezas minerais de seu sub-solo e do aproveitamento dos seus cursos d'água, para produção de energia hidro-elétrica, atual fôrça propulsora de suas indústrias.

II — As bases geográficas que garantem, hoje, a vida industrial de Sorocaba, são: — energia elétrica abundante e de fácil obtenção, devido

às particularidades do relêvo e da drenagem; mão-de-obra numerosa e barata, que abandonou as zonas rurais empobrecidas, atraída pelas comodidades reais ou aparentes do centro urbano; tradição de atividades industriais regionais; possibilidade de concentração horizontal e vertical, para algumas emprêsas, devido à coexistência de fontes de energia e de matéria prima mineral, nos terrenos que lhes pertencem e, finalmente, vias de comunicações ferroviárias e rodoviárias regionais, que permitem o abastecimento das emprêsas, em matérias primas necessárias e o escoamento da produção para o centro distribuidor de São Paulo.

*

MARIA JOSÉ DE BARROS FORNARI DE AGUIRRE

Data: 27-4-51.

Tese: "Afeição, cólera e mêdo, entre os adolescentes estudantes da cidade de São Paulo".

Comissão Examinadora: Profs. Noemy da Silveira Rudolfer, Paulo Sawaya, Egon Schaden, Raul Briquet e Amélia Americano Domingues de Castro.

Resumo:

Êste trabalho trata de alguns aspectos da vida emocional (Afeição, Cólera e Mêdo) de adolescentes do curso secundário da cidade de São Paulo. Os dados utilizados neste estudo foram obtidos de questionários aplicados a alunos de ginásio e colégio de ambos os sexos, abrangendo um total de 3.025 indivíduos, do qual se extraiu uma amostra ao acaso, correspondente a vinte por cento da população.

A pesquisa sôbre Afeição revelou que os adolescentes relatam, como objeto principal de amor, os progenitores, afeto êste que existe predominantemente nos primeiros anos de vida. Quando um só progenitor é citado é a mãe a preferida, tanto pelos indivíduos de um como de outro sexo. Quando se trata de afetos de que se viram privados, os adolescentes indicam mais freqüentemente a familiares, destacando-se, aí, irmãs e avós.

Na pesquisa sôbre Cólera, verifica-se que há diferença, entre o que efetivamente causou cólera e o que provàvelmente poderá ser causa de cólera algum dia; o mesmo se aplica aos comportamentos de cólera relatados: — nem tudo o que se fêz, quando encolerizado, é o que se pensa fazer em novas ocasiões de cólera, entre os adolescentes. Na escola, a causa principal de cólera é o fracasso, determinado por notas baixas e reprovação, mais comuns entre os adolescentes do sexo masculino. Quanto aos comportamentos, notam-se diferenças bem grandes entre os sexos, predominando a reação de chorar, quando com raiva, entre as moças e o inibir a reação de cólera, quando se trata dos rapazes.

Na pesquisa sôbre Mêdo, observa-se, também, que é diferente o que realmente já causou mêdo e o que é esperado como causa provável de temor; os comportamentos que se manifestaram efetivamente, apresen-

tam igualmente diversidade em relação aos comportamentos que existem como expectativa apenas. O fracasso, na escola, é uma séria causa de medo para os adolescentes em geral e em particular para os adolescentes do sexo masculino. Há grandes diferenças, entre as manifestações de medo relatadas por jovens de um e outro sexo, sendo rezar ou pedir auxílio o comportamento mais indicado pelas jovens, e prevenir, por controle de causas, as situações atemorizantes, o que mais frequentemente relatam os rapazes.

A idade determina variações, notando-se desenvolvimento em muitos dos aspectos estudados, tanto nas causas como nas reações de cólera e de medo, sendo que existem também grandes diferenças entre ambos os sexos, observados através dos anos de adolescência.

*

JOSÉ FRANCISCO DE CAMARGO

Data: 14-6-1951.

Tese: "O crescimento da população, no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos".

Comissão Examinadora: Profs. Paul Hugon, Eduardo Alcântara de Oliveira, Roger Bastide, Afonso d'Escragnolle Taunay e Theotônio Monteiro de Barros Filho.

Resumo:

Precede o trabalho uma introdução, em que se destacam algumas "Considerações gerais", relativas à apresentação do tema, à delimitação da pesquisa no tempo, no espaço, nas modalidades dos fatos estudados e ao plano adotado. Segue-se uma série de observações sobre o método empregado, referentes à orientação metodológica geral, ao tempo (resenha das estimativas e recenseamentos da população do Brasil e de São Paulo) e ao espaço (divisão do Estado em zonas demográfico-econômicas).

Analisa o autor, na 1.^a parte do trabalho, o crescimento da população, no Estado de São Paulo. Em três capítulos sucessivos, estuda: o desenvolvimento da população paulista, entre 1836 e 1886, salientando a importância da população escrava, na estrutura demográfica da Província de São Paulo; o desenvolvimento *quantitativo* da população paulista, depois de 1886, observando os seus caracteres gerais e a sua distribuição pelas diversas zonas demográfico-econômicas do Estado; o desenvolvimento *qualitativo* da população paulista, depois de 1886, concentrando-se a análise na contribuição da população alienígena (imigrantes e trabalhadores nacionais), ao desenvolvimento demográfico do Estado de São Paulo.

Trata a 2.^a parte dos aspectos econômicos do crescimento da população, no Estado de São Paulo. Ocupa-se o capítulo I do desenvolvimento demográfico-econômico da Província paulista, entre 1836 e 1886, procurando o autor mostrar as relações entre a agricultura e a po-

pulação, especialmente sob o aspecto dos movimentos inter-regionais dessa população, em sua ligação com a penetração e desenvolvimento da cultura cafeeira, com a industrialização e a expansão da rede ferroviária.

No capítulo II, são abordados os aspectos *quantitativos* das relações entre o crescimento da população e o desenvolvimento da economia paulista, depois de 1886, acentuando-se, aí, os traços apenas esboçados no período anterior: — simultaneidade do desenvolvimento demográfico com a marcha da cafeicultura, através das diversas zonas do Estado de São Paulo; com o surto industrial paulista, no século XX; com o avanço dos trilhos das estradas de ferro, pelas zonas pioneiras; e com o desenvolvimento do comércio interno e externo desta unidade da Federação.

O capítulo III mostra os aspectos *qualitativos* das relações entre o crescimento da população e o desenvolvimento da economia paulista, depois de 1886, estabelecendo-se o paralelismo entre a expansão da lavoura cafeeira e o surto migratório, no Estado de São Paulo: — destacam-se, aí, as relações entre as crises por que passou o café, no decurso do século XX, e as oscilações da corrente imigratória; a mão-de-obra estrangeira e a abertura de novas lavouras; a contribuição do trabalhador nacional, na expansão cafeeira do Estado de São Paulo; e, finalmente, o estrangeiro como proprietário agrícola e industrial.

Nas conclusões, condensa o autor as características principais da evolução da população, em suas relações com o desenvolvimento econômico, no Estado de São Paulo, acentuando os traços peculiares a cada período da evolução (1836 a 1886 e depois de 1886) dos dois fenômenos, e chamando a atenção para o papel representado pela cafeicultura paulista, como elemento condicionante das tendências não só passadas, mas também atuais, da população e da economia do Estado de São Paulo.

*

HÉLIO SCHLITTLER SILVA

Data: 22-6-1951.

Tese: "O comércio exterior do Brasil (1822-1918)".

Comissão Examinadora: Profs. Paul Hugon, Roger Bastide, Eduardo Alcântara de Oliveira, Alfredo Ellis Júnior e Rômulo de Almeida.

Conclusões:

1 — *Política aduaneira:* A política aduaneira, no Brasil, caracterizou-se pelo seu objetivo predominantemente fiscal, uma vez que a arrecadação alfandegária constituía a principal fonte da receita pública. A preocupação protecionista, embora crescente, principalmente a partir da proclamação da República, sempre ocupou um lugar secundário na

elaboração da pauta aduaneira. Não se pode afirmar, porém, que a política aduaneira, em nosso país, tenha sido sempre um fator negativo, na evolução da economia nacional, pois a tarifa Murtinho (1900), não obstante sua finalidade fiscal, constituindo-se de direitos elevadíssimos, atenuou a concorrência estrangeira, em vários setores de atividade, sobretudo no campo industrial, contribuindo, decisivamente, para o seu desenvolvimento.

2 — *Composição da exportação e da importação*: A exportação brasileira constituiu-se sempre de gêneros alimentícios e matérias primas, em sua maior parte de origem agrícola, enviados para o exterior em estado bruto ou tendo sofrido um processo muito elementar de transformação. Além disso, esteve, até 1914, altamente concentrada nos oito produtos principais, que representavam cêrca de 95% do valor total da exportação, e principalmente no café, responsável por mais da metade daquele valor. A guerra de 1914-1918, entretanto, ocasionando grandes variações na procura mundial, favoreceu a diversificação da exportação, na qual passou a participar, com proporções apreciáveis, uma série variada de mercadorias, algumas de reduzida expressão comercial, até as vésperas do conflito, outras inteiramente novas, entre elas várias importadas pelo Brasil até 1914.

A importação, constituída em sua maior parte de manufaturas, forneceu ao Brasil, até fins do século passado, quase todos os artigos necessários ao consumo, inclusive gêneros alimentícios que se podiam produzir no País, pois, achando-se a economia nacional altamente orientada para a produção de bens exportáveis, era reduzidíssima a produção de artigos destinados ao mercado interno. Vários fatores contribuíram para essa situação, podendo-se destacar entre êles a falta de uma proteção aduaneira adequada, a precariedade dos transportes internos e a escassez de capitais e de mão-de-obra, que colocavam os produtos nacionais em situação bastante desfavorável, na luta contra a concorrência estrangeira, dentro do próprio mercado interno. Todavia, nas duas primeiras décadas do século XX, a tarifa alfandegária de 1900 e as dificuldades criadas à importação pela 1.^a Guerra Mundial, modificaram aquela situação, enquanto os consideráveis investimentos de capitais estrangeiros no País, entre 1905 e 1913, forneceram os recursos necessários ao equipamento da produção e dos transportes nacionais. Em consequência, desenvolveu-se e diversificou-se a produção agrícola e industrial, principalmente durante a guerra, que passou a atender em escala crescente as necessidades internas de bens de consumo. A composição da importação sofreu então grandes transformações, declinando a importância dos artigos de consumo, enquanto aumentou a dos equipamentos e matérias primas, destinados a fabricar aquêles artigos dentro das fronteiras nacionais.

Entre 1900 e 1918, operaram-se, portanto, grandes transformações na composição do comércio exterior do Brasil, que indicam o início da passagem de uma economia puramente agrícola e quase-monocultora, altamente dependente do comércio internacional, para uma economia in-

dustrial e policultora, tendo em vista também o mercado interno; que indicam, por conseguinte, o início do abandono progressivo do “papel colonial” da economia brasileira, que se intensificaria mais tarde como resultado da depressão econômica mundial de 1929-1933 e da 2.^a Guerra Mundial.

3 — *Distribuição da exportação e da importação*: Especializando-se o Brasil na exportação de artigos primários e destinados, em sua maior parte, ao consumo ou à transformação nos grandes países industriais, onde obtinha em troca o grosso de sua importação, o seu comércio internacional tornou-se fortemente concentrado em um número pequeno de países, notadamente no setor da exportação. Essa situação atenuou-se sensivelmente, porém, entre o primeiro quartel do século XIX e o início da 1.^a Guerra Mundial, à medida que a industrialização da América do Norte e dos países europeus abriu novos mercados e fontes de abastecimento para o Brasil. O fato mais significativo dessa evolução foi o enfraquecimento progressivo da posição da Grã-Bretanha em nosso intercâmbio comercial externo, em proveito, principalmente, dos Estados Unidos, que durante a guerra de 1914-1918 transformaram-se na primeira nação daquele intercâmbio, quer como mercado para os produtos de exportação, quer como fonte de abastecimento de artigos manufaturados, posição que manteria e consolidaria no após-guerra.

A 1.^a Guerra Mundial constituiu, dêsse modo, um fator de grande importância para a aproximação das duas maiores nações americanas, muito contribuindo para acelerar o desenvolvimento do pan-americanismo econômico.

4 — *O balanço de pagamentos*: O balanço de pagamentos internacionais do Brasil apresentou uma tendência persistente para o desequilíbrio. Até 1861, todos os elementos do balanço de rendimentos foram deficitários, e o equilíbrio de nossas contas internacionais esteve na dependência da entrada regular de vultosos capitais estrangeiros. Sempre que esta paralisava ou diminuía o seu ritmo, o que geralmente acontecia em épocas de crises econômicas de anormalidade política ou de inflação, aquêle equilíbrio ficava seriamente comprometido, obrigando o governo brasileiro a recorrer freqüentemente aos empréstimos externos a fim de liquidar os compromissos internacionais do País. A partir de 1862, passamos a contar com saldos elevados no balanço comercial. Estes saldos foram, porém, geralmente insuficientes para cobrir as despesas crescentes com o serviço da dívida externa, os rendimentos de capitais estrangeiros aqui investidos, a remessa de imigrantes, e outros itens do balanço de rendimentos, de modo que êste balanço se manteve deficitário. Além disso, os saldos do balanço comercial reduziam-se acen- tuadamente durante as crises econômicas, quando a exportação — baseada em artigos primários, que estão sujeitos a violentas flutuações de preços, como resultado da inelasticidade de sua oferta e procura — contraía-se intensamente, em consequência da queda da procura estrangeira e da baixa de preços. Retraindo-se, na mesma conjuntura, os investimentos de capitais estrangeiros no País, continuaram a manifestar-se,

cíclicamente, os desequilíbrios do balanço de pagamentos; e, como resultado, o governo brasileiro continuou recorrendo ao empréstimo externo, e, na falta dêste, à suspensão do serviço da dívida externa (1898 e 1914), como meio de regularizar as contas internacionais do País e aliviar a pressão no mercado cambial.

5 — *A taxa do câmbio*: Os freqüentes desequilíbrios do nosso balanço de pagamentos internacionais, tiveram repercussões desastrosas sobre o valor da moeda brasileira, impedindo-a de manter-se em regime de padrão-ouro, e impondo-lhe uma tendência persistente para a desvalorização; a taxa do câmbio, com exceção de alguns períodos de recuperação parcial, entre os quais o mais significativo foi o de 1898-1912, elevou-se sempre, através de amplas flutuações, apresentando no quinquênio de 1915-1919, um aumento de 200% sobre a média do decênio de 1821-1830.

6 — *A aplicação da teoria clássica do comércio internacional ao caso brasileiro*: — A teoria clássica do comércio internacional, baseada no “equilíbrio automático do balanço de pagamentos”, elaborada conforme a experiência dos grandes países industriais, sobretudo a da Inglaterra, e que teve grande aceitação até 1914, mostrou-se insuficiente para explicar os fenômenos do comércio exterior do Brasil até a 1.^a Guerra Mundial. Isso, porque a economia brasileira apresentava condições estruturais especiais, que condicionavam características da procura e da oferta de seus produtos, no mercado mundial, bem como dos demais elementos de seu balanço de pagamentos, incompatíveis com a existência do padrão-ouro e as condições de equilíbrio em que se alicerçava a teoria.

*

FLORESTAN FERNANDES

Data: 3-11-1951.

Tese: “A função social da guerra, na sociedade tupinambá”.

Comissão Examinadora: Profs. Fernando de Azevedo, Plínio Ayrosa, Egon Schaden, Herbert Baldus e Roger Bastide.

Resumo:

Contribuição para o conhecimento da guerra, na sociedade tupinambá.

As condições expostas nesta tese sobre a forma, as condições, as causas e os efeitos sociais da guerra, na sociedade tupinambá, põem em evidência o conjunto total de necessidades sociais que a engendraram, material e anímicamente, às quais ela devia satisfazer, de modo direto ou indireto, inclusive e principalmente aquelas que não caíam no campo de

consciência social dos agentes humanos. Isso permite definir sociologicamente a função latente da guerra nessa sociedade: a ela cabia promover a restauração da integridade do *Nós* coletivo, garantindo a coletividade na posse dos princípios de sua existência (no plano mítico-religioso) e de sua sobrevivência (no plano mágico-religioso e social). Fundamentalmente, a guerra representava, sob o aspecto examinado neste momento, uma reação social e um meio grupal de defesa contra as ameaças à comunhão sagrada e inviolável do *Nós* coletivo, a qual se identificava com o próprio fluxo da corrente de existência social, graças às relações que ela estabelecia entre o *mundo dos mortos* e o *mundo dos vivos*, o tempo mítico-religioso e a continuidade social.

Os resultados das mesmas considerações sugerem que não se devem levar demasiado longe as abstrações operadas por meio dos conceitos de “função manifesta” e “função latente”. Os fenômenos sociais se apresentam à observação, mesmo à indireta, como realidade; isto é, como fatos totais unos e íntegros. Os dois conceitos fornecem perspectivas muito úteis ao conhecimento da guerra tupinambá, mas como instrumentos intelectuais de investigação. Eles facilitam a exploração dos dados de fato, favorecendo o conhecimento analítico dos dois aspectos da guerra, distinguíveis um do outro por artifícios lógicos. Os próprios resultados das descrições e interpretações desenvolvidas patenteiam no entanto, que cada uma das perspectivas não conduz senão ao conhecimento do fenômeno sob um aspecto particular e que as relações e as determinações evidenciadas, focalizadas separadamente por conveniências de método, se confundiam ou se misturavam na realidade. Os efeitos sociais e as funções derivadas referidas explicitamente à função manifesta ou à função latente da guerra se entrecruzavam em diversos sentidos. Doutro lado, ambas as conotações se limitam a traduzir gradações empíricas do mesmo fenômeno, com referência ao grau de consciência social demonstrado pelos agentes humanos.

Daí a conveniência de empreender uma tentativa de globalização dos resultados da análise, com o propósito de chegar a uma definição da “função social da guerra na sociedade tupinambá” e de pôr em relêvo, ainda que sumariamente as interdependências e as correlações funcionais básicas da guerra nessa sociedade. Quanto à primeira questão, o que se viu, a respeito da função da guerra, das duas perspectivas (a sociográfica e a interpretativa), demonstra que as necessidades sociais por ela satisfeitas podem ser reduzidas a uma determinação mais geral. De fato, os efeitos sociais e as funções derivadas polarizados em torno da função manifesta (*consecução da “vingança”*) e da função latente da guerra (*restauração da integridade do “Nós” coletivo*) correspondiam a necessidades sociais que se repetiam, mas que se repetiam com regularidade e de uma maneira dada ou determinada, e cuja satisfação concorria para conservar a estrutura e a organização da sociedade tupinambá.

Isso significa que o equilíbrio social representa a determinação mais geral das necessidades sociais preenchidas pela guerra tupinambá. Desde que se entenda por equilíbrio o estado que se mantém indefinidamente, se não ocorrer nenhuma mudança nas condições de sua manifestação,

é evidente que a guerra atuava como um dos fatores sociais que intervinham na constituição do equilíbrio social, na sociedade tupinambá. A perpetuação das condições de estabilidade, nesta sociedade tribal, dependia estreitamente das conseqüências e efeitos sociais da guerra, os quais repercutiam de forma variada mas intensa, como foi visto, na vida material, moral e mágico-religiosa dos indígenas. A adaptação ao meio natural circundante, a conformação social dos conteúdos e dos processos da vida anímica dos homens (e, em menor escala, das mulheres), o ajustamento dos *socii* uns aos outros e sua distribuição no sistema de posições sociais, a integração da estrutura social e a comunicação com o sagrado criavam situações sociais ou produziam necessidades que implicavam o recurso inevitável à luta a mão armada e à elaboração, para fins sociais conscientes ou inconscientes, de suas conseqüências e efeitos; é presumível que, se ocorresse alguma interferência na regulamentação das situações ou na satisfação das necessidades em questão, pelos meios proporcionados pelas atividades guerreiras ou por suas conseqüências e efeitos, o estado de equilíbrio social seria rompido e as condições tribais de existência social sofreriam uma crise.

A documentação conhecida não contém dados que dêem margem ao estudo de casos negativos, referentes às relações dos Tupinambá com outros povos aborígenes. Por seu intermédio, verifica-se, porém, que a obrigação da "vingança" punha em efervescência sentimentos coletivos muito profundos e intensos para que interferências de qualquer espécie se repetissem com freqüência, se generalizassem ou pudessem ser toleradas. A sociedade se defendia contra os perigos de desintegração dessa ordem, elevando a guerra à esfera das obrigações morais com fundamentos sagrados. Isto comprova que a guerra fazia parte do conjunto de fatores que construíam e mantinham o equilíbrio social, na sociedade tupinambá, sendo ela própria uma expressão da necessidade de impedir que as flutuações do estado de equilíbrio ultrapassassem certos limites. Em suma, a guerra tinha por função, nessa sociedade: *preservar o equilíbrio social e o padrão correspondente de solidariedade social.*

Quanto à segunda questão a exposição das interdependências e das correlações funcionais básicas da guerra, na sociedade tupinambá, aqui se trata de enumerar, somente, os resultados fundamentais, trazidos pela presente investigação. Por razões metodológicas, as interdependências funcionais da guerra com a organização social, a participação da cultura, a organização da personalidade, a concepção do mundo e a unidade social, não foram examinadas senão analiticamente e à medida em que isso se impunha logicamente. O mesmo aconteceu com as correlações funcionais da guerra com a religião e a magia, a moral, o sistema de parentesco, a educação, o sistema político e a economia. É que o método funcionalista, adequadamente aplicado, não comporta a consideração imediata de relações (ou de correlações) que obriguem a abstrair os fenômenos das constelações empíricas em que se dão concretamente à observação e a interpretação. Para chegar-se ao conhecimento dessas relações (ou correlações) quando se opera com o método funcionalista, é preciso manipular os resultados das interpretações empírico-indutivas. Embora

seja legítimo admitir que tais relações (e correlações) “representam factualmente a realidade”, elas “representam a realidade” mas de uma perspectiva intelectualista, através da manipulação de inferências indutivas e de abstrações, como um esforço que é de domínio e de reprodução do concreto pela inteligência. Por isso, devem ser estabelecidas por meio da elaboração de conhecimentos positivos, obtidos analiticamente, sôbre as diferentes determinações concretas dos fenômenos.

Em continuação o A. trata das seguintes correlações: — 1) — Guerra e organização social; 2) — Guerra e participação da cultura; 3) — Guerra e organização da personalidade; 4) — Guerra e concepção do mundo; 5) — Guerra e unidade social; 6) — Guerra, religião e magia; 7) — Guerra e moral; 8) — Guerra e parentesco; 9) — Guerra e educação; 10 — Guerra e sistema político; 11) — Guerra e economia.

2 — *Contribuição para o conhecimento da sociedade tupinambá:*

Está claro que o estudo em profundidade de um fenômeno social abre sempre algumas perspectivas para o conhecimento da sociedade particular em que êle ocorre. Aqui não caberia, porém, um ensaio de enumeração pura e simples dessas perspectivas. Pareceu-me melhor expor abreviadamente as três contribuições positivas mais gerais dêste trabalho, para o conhecimento da sociedade tupinambá.

Quanto à estrutura social e à organização social, o estudo sociológico das repercussões sociais da guerra mostra duas coisas de relativa importância teórica. Primeiro, as condições e fatores estruturais da vida social seriam insuficientes, por si mesmos, para determinar o padrão de constituição interna e o ritmo de funcionamento das sociedades tupinambá. As situações sociais regularmente proporcionadas pela estrutura social implicavam ajustamentos determinados às condições materiais, morais e religiosas de existência social. Mas elas não continham as forças psico-sociais que criavam a necessidade de “viverem juntos” e de “quererem em comum”, as quais impeliam os indivíduos a realizar os ajustamentos sociais esperados. Essas forças se libertavam na esfera de relação com o sagrado e constituíam o fator integrativo básico do sistema organizatório tupinambá, aparecendo como a própria fonte da transformação da coexistência social em uma ordem moral (relações entre a solidariedade social e a interdependência mágico-religiosa). Segundo, a objetivação do carisma representava um dos princípios fundamentais de organização social. As fontes de objetivação do carisma eram duas: o sacrifício humano e o xamanismo. Na primeira delas, investigada nesta monografia, se encontrava o fundamento da diferenciação social, com base na cotidianização do carisma (relações entre o sacrifício humano e a estratificação social) e do exercício da dominação tradicional pelos velhos (gerontocracia).

Quanto à ideologia tupinambá, os resultados da investigação demonstram que a religião e a magia desempenhavam a função de processo de consciência social. As situações reais de vida eram compreendidas

e interpretadas pelos tupinambá em termos mágico-religiosos. Em consequência os interesses sociais se ocultavam atrás de racionalizações mágico-religiosas e as técnicas de tratamento e de resolução dos problemas sociais operavam basicamente através da comunicação com o sobrenatural. A presente análise da guerra na sociedade tupinambá ilustra, de maneira cabal, com referência a um fenômeno concreto, o modo pelo qual a religião e a magia funcionavam como processo de consciência social.

Quanto à correlação dos fatores sociais, a religião e a magia se evidenciam como sendo o fator nuclear ou dominante, no conjunto total de fatores sociais da sociedade tupinambá. Os demais fatores inclusive o parentesco, refletiam extensamente as suas determinações. Isso explica dois fenômenos relevantes para a compreensão dessa sociedade: a) a concentração dos interesses sociais em torno dos valores ligados com a religião e a magia; b) a importância relativa dos diversos fatores sociais, na determinação da estabilidade e da mudança, na sociedade tupinambá.

As atividades mágico-religiosas constituíam a esfera de valores sociais mais desejados e representativos da capacidade de *poder* de indivíduos e de grupos (as parentelas). Por isso, a ela convergiam os impulsos sociais mais profundos de competição por prestígio social (no seio do “nosso grupo”) e de cooperação por autonomia e segurança (nas relações com os grupos hostis).

O fator mágico-religioso, como fator dominante determinava o sentido das interdependências funcionais dos fatores sociais, as quais exprimiam as condições de estabilidade social e as alterações da ordem social. Na verdade, as repercussões das modificações nas condições de existência social no sistema organizatório tribal se subordinavam à sensibilidade da religião e da magia às situações sociais emergentes. Pelo que se pode conhecer interpretativamente, no entanto, havia um contraste entre o sacrifício humano e o xamanismo, do ponto de vista da relação de ambos com a dinâmica social. O sacrifício humano, no plano prático, tinha por função impedir que ocorressem rupturas no ritmo rotineiro de vida social. O xamanismo, porém, combinava a esta uma segunda função: a de submeter a controle social as situações sociais novas que adquiriam para os tupinambá o caráter de problemas sociais. Isso se deve ao fato de que o prestígio do xaman (especificamente, do *pajé-açu*, que tinha poderes para comunicar-se com o além) repousava na sua capacidade de “resolver” em direção prática os problemas sociais por meio do auxílio do sobrenatural. Os textos míticos existentes e as informações dos jesuítas indicam que a função inovadora do xamanismo não se restringia à esfera cerimonial, desenvolvendo-se plenamente em todos os outros setores da sociedade.

3 — *Contribuição geral à teoria sociológica da guerra:*

Esta monografia é, em virtude de sua própria natureza, uma contribuição empírico-indutiva à teoria sociológica da guerra. Pondo de lado

essa circunstância, seria possível apontar, no entanto, certas implicações gerais dessa contribuição, que presumivelmente possuem um interêsse especial diante dos problemas da sociologia da guerra.

A guerra é um fenômeno complexo. Como escreve Davie ela se ramifica por "tôda a estrutura do corpo social". Daí a questão capital do método: qual seria o método de interpretação mais adequado à investigação do fenômeno, em suas manifestações particulares, considerando a necessidade intelectual de conhecê-lo em tôdas as suas ramificações pela estrutura social? A presente monografia sôbre a guerra, na sociedade tupinambá, sugere uma resposta. A escôlha do método funcionalista. De fato, êste método reúne condições muito favoráveis para o ajustamento da inteligência a um fenômeno ao mesmo tempo tão complicado e tão dramático para o homem, qualquer que seja a sociedade ou a época em que o focalizemos. Ele não só permite estabelecer a teia de ramificações que articulam a guerra à sociedade, como ainda facilita a sondagem da importância que elas têm na vida social global. Todavia, o atrativo principal dêsse método consiste nas possibilidades de explicação descritiva e casual do fenômeno e nas perspectivas que êle abre ao emprêgo do método comparativo. Assim, parece fora de dúvida que o método funcionalista se recomenda, de forma particular, nas investigações empírico-indutivas da guerra e que a sua exploração intensiva poderá proporcionar à sociologia um conhecimento mais preciso sôbre a natureza e as causas sociais da guerra.

A guerra é um fenômeno religioso? Os autores que investigaram êsse problema concluíram que sim, em determinadas sociedades. Está certo. Mas a guerra pode ser um fenômeno religioso de diversas maneiras. Na sociedade tupinambá ela não "servia" a religião, simplesmente: antes, fazia parte dela. É do maior interêsse teórico saber como as coisas se passam quando a guerra é, em si mesma, um *instrumentum religionis*. Ela termina onde a vontade dos espíritos cessa, por estarem satisfeitas as suas exigências, ou vai além, transformando-se em uma reação de defesa do sagrado, mas do sagrado imanente ao grupo? Então, como acontecia na sociedade tupinambá, podem não existir estados alternativos de guerra e de paz. Nem a guerra prepara a paz nem a paz antecede à guerra: a *guerra constitui a condição da guerra*. As razões dessa situação, que nada tem de anômala, não se acham na natureza humana e muito menos ainda na degradação do "homem primitivo" pelo canibalismo. Elas se encontram na natureza da guerra como fenômeno mágico-religioso.

Quanto ao emprêgo da fôrça armada, a "guerra primitiva" é uma modalidade da *guerra verdadeira* ou uma versão da *contenda sangrenta* em escala grupal? Tomando-se em consideração as explanações de dois grandes especialistas no assunto, verifica-se que as opiniões não coincidem. Davie sustenta que "a diferença é simplesmente de grau ou de intensidade"; Turney-High defende outro ponto de vista: a *guerra verda-*

deira só existe onde surge a capacidade de “organização militar”, que se caracteriza pela formação do “horizonte militar”, na condução e na realização da guerra. Os resultados dêste trabalho comportam uma retificação ao segundo autor. O conceito de guerra não se aplica sociologicamente com base estrita nos caracteres militares do fenômeno. A importância dêstes caracteres varia, de sociedade para sociedade, sem que isso afete os “elementos constantes” da guerra, enquanto tal. Os tupinambá, como outros “povos primitivos”, praticavam a guerra em uma de suas modalidades culturais. É evidente que, nela, os meios da guerra estavam em proporção natural com os fins sociais a que deviam corresponder e sofriam, em consequência, uma elaboração mágico-religiosa. Contudo a luta a mão armada envolvia um conjunto de *operações militares*, de ataque e de defesa, que tornavam possíveis seja a captura de vítimas, seja a frustração da vontade dos inimigos. Isso confirma a teoria militarista, segundo a qual existem elementos irreduzíveis na guerra, e mostra que para conhecê-los de modo positivo é preciso estender de forma sistemática a investigação sociológica da guerra às suas modalidades entre os “povos primitivos”.

Por fim, há a questão do controle da guerra. Não se pode esperar de um estudo sobre a manifestação da guerra, em uma “sociedade primitiva” desaparecida, qualquer contribuição concreta a respeito. Todavia, êle contém uma sugestão de relativa significação teórica: a idéia do sucedâneo da guerra, sustentada por vários autores no campo das ciências humanas, esbarra com dificuldades sérias. A guerra se ramifica por toda a sociedade, satisfazendo ou contribuindo para satisfazer a diversas necessidades sociais como se depreende do exemplo estudado neste trabalho. Ora as diferentes formulações da idéia do sucedâneo da guerra não tomam na devida conta êsse fato. Duas coisas parecem claras. Primeiro, a seleção do sucedâneo, ainda que realizada artificialmente com a perspectiva de impô-lo sob a forma de “mudança provocada”, deverá ser fatalmente limitada e circunscrita pelas condições materiais, culturais e sociais da guerra. Nesse sentido, a expressão *equivalente da guerra* traduziria uma realidade bem diferente daquela que tem sido prevista pelos estudiosos da matéria. Segundo, mesmo como cuidado de formulação teórica do problema, evidencia-se que qualquer sucedâneo, para preencher as condições práticas da substituição e da mudança provocada, precisaria possuir o caráter de *equivalente total da guerra* (exceptuando-se os seus efeitos destrutivos). Os especialistas perderam isso de vista, recomendando sucedâneos que poderiam corresponder a determinadas necessidades (psicológicas, sociais, morais, econômicas, etc.), preenchidas isoladamente pela guerra. Essa sugestão demonstra que o problema do controle da guerra é essencialmente um problema sociológico. Êle não só pressupõe a compreensão da guerra em termos da totalidade da situação histórico-social considerada, como implicaria, quanto à ação propriamente dita a estratégia de manipulação prática do fenômeno em escala grupal.

LAERTE RAMOS DE CARVALHO

Data: 26-11-1951.

Tese: “A formação filosófica de Farias Brito”.

Comissão Examinadora: Profs. João Cruz Costa, Fernando de Azevedo, Milton da Silva Rodrigues, José Querino Ribeiro e Lívio Teixeira.

SUMÁRIO: — Introdução. Cap. I — O programa de uma Filosofia. Cap. II — Da Psicologia tradicional à nova Psicologia. Cap. III — Poesia científica e poética idealista. Cap. IV — Farias Brito e a crise política de 1892. Cap. V — O “sistema” da *Finalidade do Mundo* em 1895. Conclusão. Apêndices. Bibliografia: I — Obras de Farias Brito. II — Obras sobre Farias Brito. III — Artigos sobre Farias Brito. IV — “Livros fontes” (período de formação). V — Obras gerais.

Conclusão: — O caminho que percorremos, analisando e confrontando textos escritos no período que vai de 1886 a 1895, permitiu-nos a compreensão de um dos episódios mais significativos da vida intelectual brasileira nos últimos anos da monarquia e nos primeiros da República. A evolução intelectual de Farias Brito revelou-se, desta forma, não como um acontecimento isolado, destituído de ligações com o meio em que êle se insere. Os motivos e ideais que através de inúmeras vicissitudes, nortearam o pensamento de Farias Brito, de seus primeiros escritos à concretização do plano da *Finalidade do Mundo*, confundem-se com as aspirações e propósitos dos homens mais ilustres de sua época. O pensamento que nos animou, na elaboração dêste trabalho, foi o de trazer uma pequena contribuição ao estudo de um dos aspectos mais esquecidos da historiografia brasileira. A análise do desenvolvimento de nossa vida intelectual, no seu aspecto filosófico, por prejuízos de diferentes ordens, aos quais se somaram, comumente, os advindos de uma estreita concepção filosófica, até alguns anos atrás, antes dos inúmeros trabalhos realizados pelo professor João Cruz Costa, não mereceu, no conjunto dos estudos e das investigações históricas, a atenção que se fazia necessária e urgente. Em contraste com o número cada vez maior de trabalhos e monografias sociológicas e históricas que revelaram aspectos novos da realidade nacional, a análise das vicissitudes do pensamento filosófico brasileiro se mostrou deficiente, lacunosa e unilateral. De *A Filosofia no Brasil*, de Sílvio Romero, obra publicada em 1878, aos estudos do padre Leonel Franca, nenhum progresso se registrou no sentido de uma compreensão larga e objetiva do pensamento filosófico brasileiro. Os prejuízos decorrentes de uma concepção sectária dos problemas filosóficos, acarretaram, como consequência, nos críticos e historiadores que se ocupavam dêstes estudos, uma atitude curiosa: “sem sondar as raízes históricas” em que se fundamentam as obras de nossos *filosofantes*, para empregar uma expressão do professor Cruz Costa, êstes críticos se colocam em

uma posição sistemática, escolhem um *modelo*, e, dessa posição, dêsse modelo, examinam o valor da obra, a sua originalidade, a sua força criadora. Ora, “valor, originalidade, força criadora, capacidade de penetração nos problemas da filosofia, são qualidades que acompanham todo autêntico filósofo, mas não devem constituir a linha norteadora de uma investigação objetiva da história filosófica nacional”.

Na realização do presente trabalho, seguimos as sugestões e os ensinamentos do professor João Cruz Costa que, quer na cátedra, quer nas suas produções literárias, outra coisa não tem feito senão insistir sobre a necessidade de um amplo levantamento de dados históricos como condição precípua do conhecimento exato e minucioso da realidade espiritual brasileira. Já num ensaio publicado em 1938, êste ilustre professor sugeria, por intermédio de uma singela expressão, todo um amplo programa de trabalho neste sentido: “O estudo da filosofia no Brasil — diríamos com mais exatidão — o estudo do que têm sido as “vicissitudes” das correntes filosóficas européias no Brasil, principalmente naquelas nascidas ou importadas no decorrer do século XIX, que vieram modernizar ou combater a velha escolástica que nos legou a tradição portuguesa, está a exigir um exame mais documentado e mais meditado do que êste. A análise da evolução das *nossas* idéias não poderá ser feita separadamente do exame minucioso das *nossas* transformações histórico-sociais e não deve esquecer um estudo mais cuidado e completo de *nossa* evolução literária”. Esse programa realizou-o o professor Cruz Costa em sucessivos trabalhos, dos quais se destacam *A Filosofia no Brasil*, de 1945, *O Pensamento Brasileiro*, de 1946, e *O Desenvolvimento da Filosofia no Brasil, no Século XIX e a Evolução Histórica Nacional*, ainda inédito.

A formação filosófica de Farias Brito ilustra e patenteia um dos aspectos mais significativos da vida brasileira, no período em que se desenvolve. Não se deu ainda a devida importância aos aspectos ideológicos que influíram, seja de forma acidental, seja de forma essencial, nos acontecimentos sociais, econômicos, políticos, literários e filosóficos da história brasileira, na última metade do século XIX. Elemento de relevante significação para o perfeito entendimento dos fatos que se passaram neste período seria, sem dúvida, a interpretação histórica do itinerário espiritual dos homens que, quer no exercício de funções políticas, quer no domínio da atividade literária, ou de outras atividades, traduziram, com suas ações, gestos que, em grande parte, estão ainda à procura de intérpretes mais esclarecidos. A vida de Farias Brito, ou melhor, o caminho por êle percorrido, lendo e interpretando textos e doutrinas os mais diversos, ilustra sobejamente a necessidade de um amplo levantamento dos fatos e episódios que animaram a vida intelectual brasileira nos fins do século passado.

Não cabe neste trabalho indagar até que ponto as soluções apresentadas pelo pensador patricio traduzem e concretizam as aspirações comuns dos letrados de seu tempo. Aliás da quase maioria dos intelectuais brasileiros é possível dizer-se que as suas preocupações nem sempre exprimiram as reais necessidades do País. Ao lado dos raros intelectuais políticos que tivemos e que levaram para a agitação das câmaras

populares os argumentos, as razões e os ideais cultivados no silêncio dos gabinetes, avultam as figuras daqueles que, nos apertados limites da imprensa provinciana e das revistas de duração efêmera, muitas vezes sem eco e sem repercussão alguma, procuraram trazer algumas luzes à monótona, obscura e contraditória paisagem espiritual brasileira. Farias Brito foi, no período de que nos ocupamos, um desses intelectuais, quase anônimos e que levou os protestos de sua consciência e as reivindicações de sua fé, pelos jornais, pelas revistas e pelas academias de sua província, aos ouvidos nem sempre sensíveis à gama doutrinária de seu pensamento. Releva notar ainda que, no caso de Farias Brito, um outro fator contribuiu decisivamente para que faltassem aos seus críticos e historiadores a percepção clara, autêntica do sentido de sua vida intelectual.

Na contraditória paisagem espiritual brasileira, os acontecimentos históricos abrem muitas vezes novas perspectivas sobre os homens e os fatos pretéritos. Não é de estranhar, portanto, que frequentemente o intelectual viva no Brasil muito mais da glória que lhe atribuíram os pósteros, em função da perspectiva que as novas conjunturas ocasionam, do que dos reais propósitos que lhe nortearam a vida. A visão que hoje se tem do pensamento de Farias Brito, se não é inteiramente exata, é pelo fato de motivos históricos relevantes terem influido de modo a valorizar póstumamente certos aspectos acidentais de sua obra. Tão significativo foi esse esforço de valorização, que uma boa parte dos estudos sobre o pensador cearense foram destinados a corrigir as interpretações sobre este Farias Brito “póstumo”, sem, contudo, atinar com o legítimo sentido de sua evolução intelectual.

Outro objetivo não tivemos, neste trabalho, senão o de “compreender” uma vida. Se algumas vezes a nossa interpretação é falha, omissa ou possivelmente apaixonada, devem-se atribuir estas lacunas aos prejuízos de nossa própria perspectiva e às naturais limitações de nossa inteligência. Nos artigos, ensaios e livros de Farias Brito, a nossa preocupação não foi a de procurar o valor intrínseco ou a originalidade que eles porventura encerrassem. Uma história das idéias no Brasil terá de ser, ainda por algum tempo, dominada pelos cuidados de um amplo e objetivo levantamento dos elementos e fatores ideológicos, tais como se manifestaram e emergiram nos quadros de suas respectivas situações históricas. Impõe-se, portanto, no estudo dos autores brasileiros, não só a mera interpretação livre dos textos literários, mas também, e sobretudo, o confronto destes textos com os “livros-fontes” que lhes serviram de fundamento. A história das idéias tem as suas leis e vicissitudes. E fazer dela simples e natural decorrência das formas de estrutura e de processos sociais determinados, parece-nos, no caso brasileiro, um princípio metodológico desaconselhável. Se não é possível, hoje em dia, fazer-se a história das idéias e das ideologias, sem o conhecimento dos *fatôres existenciais*, extra-teóricos, que numa situação histórico-social “condicionam” o desenvolvimento espiritual, é mister reconhecer que a recíproca implicação destas duas ordens de fatos só pode ser estabelecida “a posteriori”: a não observância desta exigência constituirá, então, grave falha metodológica.

O pensamento de Farias Brito, de 1886 a 1895, se desenvolve no quadro ideológico brasileiro dos últimos anos do Império aos primeiros da República. Os autores lidos e consultados pelo pensador cearense eram os “guias” mentais dos homens de sua geração. O denominador comum ideológico destes homens foram as doutrinas positivista, evolucionista, seja na forma spenceriana, seja na haeckeliana, monista e neo-crítica. O centro irradiador, por excelência, desta filosofia foi Recife e, em particular, a sua academia de direito e o “catalisador” de tôdas estas aspirações, no caso de Farias Brito, foi Tobias Barreto, esta figura singular que provocou nos homens de seu tempo reações desiguais: da admiração fervorosa dos discípulos ao ódio cego e apaixonado dos adversários. Neste contexto cultural, Farias Brito desenvolveu o programa de uma filosofia na qual se refletem ecos e se multiplicam episódios diretamente relacionados com os ideais, fins e propósitos da “escola do Recife”.

A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano, em razão de pressupostos que lhe são essenciais, marca, no conjunto da evolução espiritual de Farias Brito, uma fase característica. O naturalismo filosófico e religioso, o teleologismo, a integração do finalismo e do mecanicismo numa concepção monista, o relativismo no domínio da teoria do conhecimento, todos êstes elementos demonstram, por si sós, sobejamente, os traços característicos da configuração doutrinária que se encontra na obra de 1895. Neste livro, Farias Brito pretendeu apenas completar e ampliar os quadros da filosofia de seu tempo, recuando os limites da problemática filosófica, com o objetivo de nela introduzir a questão moral e religiosa. No último volume da *Finalidade do Mundo, Evolução e Relatividade*, são os fundamentos das filosofias que lhe inspiraram os primeiros trabalhos que ali encontram categóricas contestações. No período compreendido entre a publicação do 1.º volume da *Finalidade do Mundo* e o último, o conceito de teleologia, passa por substancial transformação, por intermédio do reajustamento da filosofia naturalista de 1895 às exigências do spinozismo singularmente interpretado em 1899. Por estas razões, compreendemos *A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*, como um “sistema” característico de ideais e propósitos filosóficos.

Êstes ideais e êstes propósitos foram quase os mesmos de Tobias Barreto: a conciliação da teleologia com o mecanicismo, numa síntese filosófica na qual Lange, Ribot, Stuart Mill, Hamilton, Spencer, Schopenhauer, Buchner e Noiré contribuíram com tudo o que de mais significativo nela existe. Farias Brito foi, todavia, além de Tobias Barreto, pois, enquanto o autor das *Questões Vigentes* se limitou ao domínio do direito, que pretendeu renovar, pela ampla utilização de variadas formas do pensamento filosófico e jurídico “modernos”, o pensador cearense, com maiores ambições, tentou a restauração da metafísica e a criação de uma nova religião. Todavia, ainda quanto a êste aspecto, o pensamento de Farias Brito traduziu as aspirações dos “letrados” de seu tempo e é neste sentido que dêle se pode dizer, com Justiniano Serpa, homem de sua geração, ao fazer-lhe o necrológio na Câmara dos Deputados, em 1917: “foi o filósofo leigo na acepção plena do termo”.

**IX - In Memoriam dos Profs. Aluísio de Faria Coimbra,
Roldão Lopes de Barros e Otoniel Mota**



PROF. ALUÍSIO DE FARIA COIMBRA

Faleceu, a 23 de julho de 1951, no Distrito Federal, onde se achava em visita a pessoas de sua família, o Prof. Aluísio de Faria Coimbra, Professor Contratado da Cadeira de Língua e Literatura Grega, desta Faculdade.

O ilustre Professor nasceu a 22 de maio de 1903, em Recife.

Fêz o curso secundário em Fortaleza, no Ceará, tendo-se formado em Direito, em 1924, pela Faculdade do Recife.

Muito cedo começou a dedicar-se ao magistério e a dar-se aos estudos clássicos; aos 17 anos já publicava artigos sobre Homero nos jornais do Ceará.

Em 1928, entregando em mãos de seus auxiliares o Ginásio que havia fundado, foi ser Promotor Público em Formiga, Minas Gerais, onde, ao lado das atividades jurídicas, continuou a exercer o magistério e a escrever nos jornais da cidade, sobre assuntos humanísticos.

Transferiu-se, a seguir, para São Paulo. Em 1941, é nomeado Professor de Latim do Colégio Universitário da nossa Faculdade, logo depois de se ter formado em Letras Clássicas, com distinção em tôdas as Cadeiras. Em 1942, tornou-se Assistente de Grego do Prof. Vittorio De Falco, e, a seguir, foi contratado para a regência da mesma Cadeira. Nesse ano, ainda, começou a lecionar Literatura Grega, na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".

Publicou várias obras de sua especialidade: *Os elegíacos gregos, Três estudos, Cinco étimos gregos, Formas consonânticas da vogal reduzida* obra que mereceu os maiores aplausos de ilustres filólogos franceses e portugueses.

Por ocasião de seu sepultamento, a 25 de julho, nesta Capital, falaram o Prof. Pedro de Almeida Moura, pela Congregação da Faculdade, pela Reitoria da Universidade e pela Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, e o Assistente José Lazzarini Júnior, da Cadeira de Língua e Literatura Grega. Suas orações foram as seguintes:

DISCURSO DO PROF. PEDRO DE ALMEIDA MOURA

Como numa batalha, em que as mais belas vitórias só florescem à custa do sangue e do alento dos que tombam, nenhuma entidade firma os seus alicerces para o futuro das gerações, sem o sacrifício de vidas preciosas, que vão ficando pelo caminho. Antes que os sinos de altivas catedrais logrem alçar suas vozes triunfais, anunciando a coroação da obra, já não vivem muitos dos primitivos obreiros que firmaram as bases do monumento. Nem há fugir dessa angustiosa contingência. "Na grande

viagem de trânsito dêste a outro mundo” — diz o mestre da língua — “não há possa ou não possa, não há querer ou não querer. A vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E, de um ao outro extremo, vai o caminho, longo ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receoso da hora em que saia, cativo de um e outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre. Não há nada mais trágico do que a fatalidade inexorável dêste destino, cuja rapidez ainda lhe agrava a severidade”.

Sim, argamassa ou cimento algum consegue firmar para a posteridade as criações humanas, senão essa liga que se prepara mediante o pesado e insondável preço de vidas que se sacrificam para que o monumento se erga e não pereça. Através de lutas incessantes, de árduas lutas de obra que se inicia, a nossa Faculdade — caro e saudoso amigo, dileto e valoroso colega! — a nossa Casa mal havia despendido um óbulo dêsse incontrastável tributo. Eis senão quando a estranha visitante alí penetra, para arrancar do nosso convívio um dos primeiros companheiros. E êle, que, despreocupado, mal se demora numa viagem que supunha curta, entra na grande viagem, da qual não há voltar. Morre o batalhador, mas não morre o nome, que perdurará entre as pedras sagradas do monumento *aere perennius*. Ficarás, sim, porque, na verdade, não morreste: foste antes, apenas. Antecipaste, somente, a jornada infinita, que, um a um, haveremos de seguir, quando fôr chegada a hora. Vives e viverás, sempre, na estima e na amizade dos que ficam. A Reitoria da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a que tanto amavas, de que foste preclaro filho espiritual e mestre dos mais cultos, vêm, por meu intermédio — bom amigo e colega — apertar a tua mão, como em despreocupado afastamento. Bem sabemos que, se foste de súbito colhido pelo golpe do tempo, não o foste na compreensão sutil da sabedoria grega, de que eras familiar, daquele saber amável do imortal Homero, que, em versos imperecíveis, já comenta a dolorosa limitação da vida humana, tão semelhante à erva, que cêdo viceja e já de tarde está ressequida e é arrastada pelo vento. Vejo-te ainda, vivo entre nós, folheando os velhos clássicos, aquêles mestres imorredouros da velha Hêlade, onde colheste o mais belo exemplo de atitudes corteses, de amizade discreta e cheia de serenidade.

Vem dizer-te adeus a Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, a que emprestaste o brilho do teu saber, a penetração do teu espírito analista, saber de “experiência feito”, difícil saber que vai buscar nas origens o mistério e a vida das palavras. Com que satisfação sabias ver, o que poucos sabem ver; como era grande o teu entusiasmo de professor, diante de um achado lingüístico e, sôbre tudo, como era vibrante o teu desejo de ver mais largamente amadas, muito mais cultivadas as grandezas das letras gregas. O apuro e o gôsto que dedicavas aos estudos helenísticos era bem o entusiasmo do imperador Juliano, sentindo em pleno coração o crepúsculo e a derrocada final da beleza antiga, ante

a fúria crescente da vulgaridade, que haveria de triunfar, como triunfou, séculos afora. A tua fé no classicismo era, talvez, maior. Era a convicção de um apóstolo do Cristianismo primitivo, que sabia, num saber profundo, intuitivo e divinatório que “a pedra que os edificadores rejeitaram, será posta por cabeça de ângulo”. Sim, um dia, num porvir muito distante, quando já tiver passado o *mare magnum* do mau gosto, da pobreza espiritual e do vazio dêste século. Poucos dias antes de partires, comentávamos juntos o “Prometeu”, de Goethe. Releio agora, em piedoso recolhimento, a teu lado, o estupendo momento, aquêle, precisamente, em que Pandora, cheia de sobressalto, interpela o rebelado, inquirindo: “E além da morte?” Ao que Prometeu responde:

“Quando tudo, ambições, tristezas e alegrias,
Em proceloso embate se hajam extenuado,
Na delícia da lassidão, tudo será refeito.
Tornarás a viver e, em renascendo, rejuvenescerás,
Para, de novo, te encheres de mêdo, de doces esperanças
E de novos desejos!”

Sim, meu amigo, a vida não termina aqui. E a mais bela prova é a de que continuas e continuarás vivendo, mais que em nossa memória, dentro do nosso coração.

Adeus, dileto amigo e colega!

*

DISCURSO DO ASS. JOSÉ LAZZARINI JÚNIOR

Querido Mestre!

Uma inexplicável determinação da Providência veio ferir profundamente o coração dos teus. Deixaste, no seio enlutado da família, a ausência de teu espírito de pai; na alma de teus condiscípulos, a irreparável lacuna do mestre venerável e extremado; dentro e fora da Faculdade, no hemisfério das Letras e do Humanismo militante, o vazio insubstituível de uma grande promessa.

Aqui, bem perto do teu espírito, através destas palavras pálidas e desfiguradoras, está o depoimento da mocidade que tanto te deve; o testemunho de uma geração que passou pelo entusiasmo de teu ofício, que comungou todos os dias com as tuas preleções, que carregou de teus lábios a lição do verdadeiro apóstolo do magistério. Alúisio, tu foste querido, respeitado, admirado por todos aquêles que te conheceram com o coração. Desfigurado, algumas vêzes, por aquêles que não viveram na intimidade de teu espírito, soubeste transsubstanciar a incompreensão dos desafetos, numa reserva de quem perdoa como um sacerdote.

A tua falta não tem reparação. Ficamos orfãos de tua bondade paternal, daquela bizzarria que criava em tórno de ti um halo de fascinação, daquêles encontros agradáveis pelos corredores de nossa Escola, quando as tuas palavras, na despedida, deixavam sempre no coração dos que te queriam o eco de uma expressão de beleza, através do teu impecável sentimento helênico. Eras o tipo apolíneo, na acepção moral do adjeti-

vo: sedento de luz, impecável na dignidade pessoal, vibrante de comovido civismo, épico e solene na linguagem, deitando continuamente, no ccrção de teus discípulos, a semente do otimismo, a segura compreensão da responsabilidade no magistério e o carinho de tua alma boa, cavalheiresca, imaculada.

Por isto, Aluísio, em nome daqueles que militaram como satélites, na Cadeira que regeste, venho consagrar-te, nesta hora derradeira, uma prece comóvida e sincera, penhor de uma geração universitária que te deve tanto; e afirmar, também, que a imagem de tua alma estará continuamente gravada no coração dos que sobrevivem, porque o eco de tuas palavras reboia, perenemente, na memória dos que privaram com o teu espírito.

Deixaste, na terra, espôsa, filhos, discípulos e amigos. Deixaste-nos tão cedo ainda, quando a aurora apenas despontava. Mas não importa! Nos profundos de nossa alma sensibilizada, tua lembrança não se apaga mais!

* * *

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras realizou, a 2 de agosto de 1951, uma sessão solene, em memória do Prof. Aluísio de Faria Coimbra, tendo discorrido sôbre a sua vida e obra, o Prof. Mário Pereira de Sousa Lima.

IN MEMORIAM DO PROF. ALUÍSIO DE FARIA COIMBRA,
PELO PROF. MÁRIO PEREIRA DE SOUSA LIMA

Com a singeleza e a gravidade desta cerimônia que aqui nos reúne, quer a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo render o preito de sua saudade à memória do Professor Aluísio de Faria Coimbra, arrebatada — e tão prematuramente! — ao nosso convívio e à nossa fraternal e afetuosa estima. A êsse sentimento de real amizade e de fundado aprêço e admiração, fêz êle jus, pelos dotes de seu coração e do seu espírito, e pela inteireza e dignidade de sua vida. Aluno desta Casa, e depois seu ilustre Professor, aqui passou treze anos de sua vida, conquistando o respeito geral, a simpatia de quantos o conheceram de mais perto, o acatamento de seus discípulos, de modo que todos se rejubilavam com a ascensão de sua carreira, no magistério das letras clássicas.

I

Para o mundo a um tempo severo e amável do humanismo, para a conquista de seus escondidos tesouros, Aluísio de Faria Coimbra se preparou com tenacidade e dedicação, pois, desde os tempos de estudante ginásial, revelou a sua vocação intelectual e a têmpera clássica do seu espírito. Disso nos dá testemunho um contemporâneo de colégio, hoje distinto professor no Ceará, o Sr. Martins Aguiar, ao escrever, em 1942, em um jornal de Fortaleza: "Aluísio de Faria Coimbra foi o rapaz de

mais talento e de mais cultura que conheci. Terceiranista do Liceu, era um latinista bem orientado, um lingüista incipiente de valor e um apreciável sabedor de humanidades". Assim se expressou o Sr. Martins de Aguiar, ao traçar em palavras entusiásticas o perfil do moço Aluísio. Ainda que quiséssemos levar o calor do julgamento à conta de amizade ou da saudade dos tempos idos, é certo que só um estudante distinto entre os demais deixa de si, de maneira perdurável, essa recordação lisonjeira.

Aluísio Coimbra não a desmentiu depois, antes a confirmou pela vida afóra, legando-nos uma obra ainda fragmentária, mas na qual se acentuava, cada vez mais, uma decidida capacidade de investigação e de análise dos fatos da linguagem. Esta obra revela ainda uma pronunciada tendência, bem orientada, no sentido de ultrapassar a análise de um determinado fato, que lhe feriu a atenção, e de situá-lo no amplo quadro da lingüística geral.

Tive-o como aluno e como colega. Nunca o vi desdizer-se, em seus estudos e trabalhos científicos, da mais rigorosa probidade intelectual, e, em suas relações sociais, da mais refinada polidez. Homem de disciplina interior, nunca perdeu o domínio de si mesmo, o govêrno de seus atos e de suas palavras. Era dos que pensam que a atividade intelectual se entravapela desordem das idéias e dos sentimentos, e vêem, na disciplina interior, a condição primordial da liberdade. Foi esta, segundo me parece, a lição de tôda a sua vida.

II

Nasceu Aluísio Coimbra aos 22 de maio de 1903, no Recife, mas fêz em Fortaleza os seus estudos secundários, e aí se matriculou, em 1921, na Faculdade de Direito. Em 12 de dezembro de 1925, recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, tendo sido orador de sua turma. Ainda estudante, iniciou-se no magistério, lecionando no "Colégio Nogueira", da Capital do Ceará, e fundando o "Instituto Araripe Júnior" que dirigiu, até 1925, em Fortaleza, e até 1927, na cidade de Viçosa, do mesmo Estado. Foi professor de latim, francês e português.

Transferindo-se para o Estado de Minas Gerais, aí exerceu, em 1928 e 1929, a promotoria pública e a judicatura, respectivamente nas comarcas de Peçanha e Formiga. Mas não abandonou o magistério, pois lecionou nas Escolas Normais de uma e outra cidade. Passou-se finalmente de Minas para São Paulo, onde fixou, com ânimo definitivo, o seu domicílio. Trabalhador e competente, continuou aqui a sua carreira de advogado. Associou-se em breve ao escritório do moço jurista que já então era o Dr. Luciano de Campos e aí se manteve até que a Revolução Constitucionalista de 1932 e a conseqüente expatriação do ilustre progenitor dêste, o Sr. Dr. Sílvio de Campos, levaram ambos a encerrar o seu próprio escritório, a fim de assumir a responsabilidade dos múltiplos interesses confiados ao patrocínio dêste último. Pelas obsequiosas informações que me foram prestadas pelo Dr. Luciano de Campos, sei que a colaboração de Aluísio Coimbra era julgada de valor nesse escritório, onde se mantêm as tradições de uma família de juristas e homens de Es-

tado. Em Aluísio Coimbra viam os seu colegas de escritório uma personalidade completa de advogado, e prezavam por isso a sua cooperação. Mas, pergunto eu, de que notas se comporá essa personalidade, êsse tipo modelo de advogado? Não serão, porventura, a inteligência, a cultura, a retidão moral, a dedicação ao trabalho, a honestidade nas consultas, a perspicácia e a quase intuição da incidência da norma jurídica na hipótese concreta? Se assim é, bem compreendo que o nosso saudoso companheiro realizasse esta figura invejável. Pois nesse conjunto de qualidades, a virtude técnica se nutre de uma seiva profunda e largamente humana, sem a qual a missão de advogado degenera numa casuística estreita e retorcida.

Do advogado ao juiz, a transição é natural. “Na missão de advogado”, disse Rui Barbosa, “também se desenvolve uma espécie de magistratura. As duas se entrelaçam, diversas nas funções, mas idênticas no objeto e na resultante: a justiça. Com o advogado, justiça militante. Justiça imperante, no magistrado”. Aluísio Coimbra, como já vimos, exercera a judicatura, antes de vir para São Paulo. Aqui a exerceu de novo, em uma outra esfera, como presidente de uma das “Juntas de Conciliação e Julgamento” da Justiça do Trabalho, onde mais uma vez se revelou o seu espírito de serenidade e equilíbrio.

Em São Paulo, constituiu família, pelo seu felicíssimo consórcio com aquela que lhe foi sempre espôsa dedicada, inspiração e conselho de sua vida.

A carreira jurídica lhe abria, como temos visto, perspectivas favoráveis, no conceituado escritório de que fazia parte. Mas a sedução dos estudos humanísticos era nele poderosa e irresistível, como igualmente o era a vocação do ensino.

Ei-lo matriculado, em princípios de 1938, no *Curso de Letras Clássicas e Português* desta nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cujas aulas freqüentou com assiduidade e entusiasmo, pois aqui encontrava o que havia sido a aspiração de sua inteligência: um centro de estudos gregos e latinos, sob a direção de mestres eminentes: os professores Vittorio De Falco e Urbano Canuto Soares. E aqui se graduou em dezembro de 1940, com distinção em tôdas as Cadeiras. Mas, já em abril dêsse ano de 1940, quando ainda aluno do 3.º ano, por convite da Diretoria da Faculdade, assumira a regência da Cadeira de Latim, no Colégio Universitário, então existente, e, no mês de outubro, passou oficialmente, por ato do Govêrno do Estado, a professor contratado dêsse mesmo curso. No ano de 1941, lecionou Grego, Latim e Lógica, no “Liceu Rio Branco” e no “Curso Bandeirantes”.

A convite do professor Vittorio De Falco, desempenhou o cargo de Assistente da Cadeira de Língua e Literatura Grega, e, com a partida para a Itália dêsse ilustre mestre, em abril de 1942, assumiu a responsabilidade da Cátedra por designação da Faculdade e ato posterior do Govêrno do Estado.

Foi, desde 1942, o titular da Cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade “Sedes Sapientiae” e da Cadeira de Grego do “Colégio das Cônegas Regulares de Santo Agostinho”.

Como seu companheiro nesses dois últimos estabelecimentos de ensino superior e secundário, posso atestar que Aluísio Coimbra, pela sua alta cultura e pelo cumprimento rigoroso do seu dever, honrou a Faculdade de que foi aluno.

Não será possível, na exigüidade desta comemoração — nem estaria em consonância com a sua natureza — proceder a um cuidadoso exame da atividade científica de Aluísio Coimbra. Acresce, ainda, que me falaria, para tanto, a necessária autoridade, visto que os seus trabalhos debatem pontos especializados, para cujo julgamento se exige uma preparação segura. Limitar-me-ei, porisso, a dar, dos problemas tratados e das soluções propostas, um apanhado geral.

Ainda estudante de ginásio, e, em seguida, da Faculdade de Direito do Ceará, o nosso Aluísio freqüentou a imprensa, com uma colaboração de assuntos clássicos: “*Magnae spes*”, sobre a poesia de Vergílio; “*Mouseion*”, sobre o decantismo de Ovídio; “Um atributo da escola clássica”, sobre as repetições em Homero e seus imitadores, são artigos publicados em Fortaleza, nos anos de 1920 e 1921. Mencionarei, entre os artigos mais recentes sobre temas dos estudos clássicos, “*Das Fábulas Esópicas*”, no anuário de 1946, do Centro Acadêmico “*Sedes Sapientiae*”, “*Influência de Petrarca na lírica de Camões*”, em *Assunção*, publicação dos estudantes do “Colégio Assunção”, e uma crítica ao *Logos Heraclítico*, do Prof. Frei Damião Berge, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Nada direi de ensaios ligeiros de ficção, quase todos êles dos dias da juventude, nem de algumas traduções métricas de Anacreonte e Molière, se bem que estas sejam dignas de consideração. Limitar-me-ei ao exame dos trabalhos de maior interêsse filológico e maior responsabilidade de Aluísio Coimbra, excluindo ainda, com verdadeiro pesar, a tradução métrica de “*Os Elegíacos Gregos de Calino a Crates*”, importante obra em que lhe foi dado colaborar, ainda estudante, com o Professor Vittorio De Falco.

III

Se eu tivesse de resumir em uma frase a orientação intelectual e científica de Aluísio de Faria Coimbra, frase que pudesse talvez ser o seu lema e a sua profissão de fé, creio que a encontraria nas palavras com que o grande Antoine Meillet abre o estudo consagrado a “*Renan Linguiste*”: “*Une exégèse précise ne va pas sans une philologie exacte, ni la philologie sans l'étude des langues*”.

O nosso pranteado colega estava convencido desta verdade: não há exegese precisa sem exatidão filológica; não há filologia sem conhecimento rigoroso da língua.

Queria, por isso, em primeiro lugar, estabelecer o texto autêntico, e, através da letra, atingir o espírito. Não compreendia que se dissociassem um e outro; antes queria conciliá-los sem estreiteza de interpretações, mas também sem nenhuma concessão à facilidade e à aventura. Submetia o texto a uma análise cerrada, esmiuçava-o em todos os seus escani-

nhos, ainda com o risco de dar aos seus trabalhos uma aparência de excessiva *secura* e rigidez, e de sentir esvair-se-lhe dos dedos a “mosca azul” que a sua curiosidade aprisionara e buscava decifrar.

Vejamos, de mais perto, alguns desses problemas em que se concentrou a sua atenção e cujo enigma procurou solver com uma tenacidade própria dos verdadeiros pesquisadores. Observemos antes, porém, que, se algumas vezes os temas tratados podem parecer de alcance reduzido ou não merecedores do tempo que o autor lhes consagra, é certo que Aluísio alargava o debate, relacionando o ponto estudado com problemas mais gerais, e isso dá interêsse ao exame, ainda que não aceitemos as suas conclusões. É o que se dá, por exemplo, com as considerações expendidas a respeito de “*Presbita, Diátribe, Frenésis*”, pronúncias essas que êle propugna contra o uso comum de *présbita, diatribe e frenesí*. Aí, ao tratar de *présbita*, estuda o autor a forma *pres* — de um tema da $\sqrt{\text{per}}$, de sentido de anterioridade, precedência; os sufixos latinos — *-ittu, -attu, -ottu* —, que julga representarem a latinização do grego — *itēs, — atēs, — otēs, — otēs*; os sufixos — *acu, — ecu, — icu, — oca, — ucu*.

A propósito de *diátribe*, cuja evolução semântica nos faz acompanhar, examina o valor expressivo das diferenças do vocalismo, nas raízes indo-européias, que, em época mais antiga, deviam bastar para, independentemente de qualquer outro elemento morfológico, caracterizar importantes categorias como o verbo, o agente da ação, o nome da cousa. E exemplifica essas reminiscências da virtude semântica do *Ablaut*, com as oposições gregas do tipo *phérein*, levar x *phóros*, tributo; *dérein*, esfolar x *dorá*, pele; *phérbein*, apascentar x *phorbé*, pasto, vbs. em — e —, nomes em — o —; e em latim, *regere* x *rex*, *legere* x *lex*, vbs. de vogal breve, nomes de vogal longa.

IV

Em “Cinco Étimos Gregos”, estuda-se a origem de *porca*, “peça em que se introduz o parafuso”; *esteira*, “traço do navio na água”; *copo*, “guarda da espada”, “parte que protege a mão”; *gruta* e *automato*. Dos cinco étimos propostos, mencionarei apenas o de *porca*, que Aluísio filia no grego *pórkēs*, ou, designativo do “anel de metal que fixava a ponta à haste da lança”, afastando-se da opinião conhecida, que tem o vocábulo como um derivado do latim *torquere*, “torcer”. Exemplificando com um dístico da *Iliada*, na descrição da armadura de Heitor, Aluísio traduz esplêndidamente:

*Em cima rebrilhava a brônzea ponta
e um arco d'ouro em volta lhe corria,*

correspondendo êste último verso ao grego

nerì dè chryseos thée pórkēs.

Dando notícia desse trabalho, a revista portuguesa *Humanitas* do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dirigida pelo Sr. Prof. Rebêlo Gonçalves, considerou-o “mais

um trabalho do Prof. A. de Faria Coimbra a impô-lo à nossa admiração e aprêço como helenista”. Louva, no autor, “os seus profundos conhecimentos humanísticos” e “o senso crítico que o leva, em busca da verdade, a corrigir sem menosprêzo, a discutir com serenidade e reflexão, a analisar com imparcialidade e a afirmar com justeza e rigor científicos”.

Em “Eros Cerioclepta”, Aluísio, partindo de um texto da edição do Prof. Legrand, baseado, por sua vez, em Willamowitz, diverge, entretanto, em um ponto da sua tradução, quando o poeta grego, depois de dizer que Eros furtava o mel ou os favos de uma colmeia, acrescenta que o resultado dêsse furto foi sair com os dedos picados. “Ce fripon d’Éros”, diz a tradução de Legrand, “volait du miel dans une ruche; une abeille en colère le piqua, et lui blessa le bout de tous les doigts”. O texto grego diz *mélissa*, “abelha”, sem artigo. Considera Aluísio que aí o singular designa gênero ou espécie, devendo traduzir-se, pois, *mélissa*, não “uma abelha”, mas “as abelhas”, tanto mais que o poeta se refere à ponta de “todos os dedos”. “Uma só abelha não podia picar-lhe a extremidade de todos os dedos”. E assim traduz, por sua vez:

*Quando um favo à colmeia Eros roubava,
as abelhas, cruéis, nos dedos todos,
picaram-no.*

Essa interpretação foi bem acolhida pelos competentes. O professor Pierre Chantraine, da Faculdade de Letras de Paris, declarou-a “bien satisfaisante”; o professor Pierre Amandry, da mesma Faculdade, “très convaincante”. Frei Damião Berge manifestou-se no mesmo sentido: “Muito grato pelo exemplar do “Eros Cerioclepta”. Li-o imediatamente e concordo. Parabens pela lucidez e penetração”.

De igual feitio é *Sôbre uma ode anacreontéia*, dado à estampa, em sua revista *Humanitas*, pelo Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e proclamado “contribuição muito valiosa” pelo Prof. Francisco Rebêlo Gonçalves, que o escolheu para abrir com êle o terceiro volume da revista.

Tem por assunto os oito primeiros versos da ode *Eros picado por uma abelha*. Examina, inicialmente, o autor a redação do texto. Evita as formas áticas, “baseado na consideração de que êste odário deriva evidentemente do *kēriokléptēs* do Pseudoteórico”. Conclui que “sendo essa, decerto, a origem do *Eros picado por uma abelha* e se a redação dêle, no único ms. onde subsiste, insere alguns dorismos, é intuitivo que, inicialmente, pelo autor, foi, para tôda a ode empregada a *koinē* literária de Siracusa e que, só por descuido ou ignorância de sucessivos copistas, deixou perder, ora numa, ora noutra palavra, a feição dórica”. O ponto central do estudo é o significado do particípio *petastheís*, entendido como equivalente a *tendo voado*. “Picado pela abelha, Eros não só correu, mas também voou para junto da mãe, a formosa Afrodite”:

dramōn dè kai petastheís
pròs tàn kalàn kythūran

“Depois de empregar a forma participial do aoristo *tréchō*, isto é, *dramōn*, tendo corrido, teria o poeta interposto êsse outro aoristo para aumentar a vivacidade da cena e melhor dizer da precipitação, do susto, da mágoa com que o deus ofendido procura a defesa e o conforto materno”.

Aluísio discorda dessa interpretação. Para êle, *petastheís* foi aqui usado não como aoristo médio de *pétomai*, voar, mas de *petánnymi*, desdobrar, abrir. Quer, pois, dizer que Eros, abriu, estendeu os braços. Falta, é verdade, no texto, o complemento direto, mas, pondera Aluísio, “as formas médias e passivas, de valor reflexivo, não reclamam a expressão do complemento direto, visto como o têm implícito.”

E assim, em conclusão, propõe para aquêles oito versos, uma interpretação nova, traduzindo-os com argúcia e consumada técnica. Passarei a lê-los, para dar-vos a sentir com que fina sensibilidade o nosso pranteado colega vazava, no idioma português, as belezas da poesia grega:

Certa vez, num rosal, Eros incauto,
uma abelha não viu que ali dormia.

Não viu e ei-lo picado.

Num dedinho sentindo-se ferido,

plangentes brados solta

E para a formosíssima Citera

corre, estende-lhe os braços.

“Ai de mim”, diz-lhe, “ó mãe, que estou perdido”...

Mas como já tive ocasião de assinalar, exemplificando com o caso de “Presbita, Diátribe, Frenésis”, Aluísio, ao tratar de um ponto particular e às vêzes minúsculo, ampliava-o consideravelmente, enquadrando-o em um plano de interêsse muito mais geral. Via sempre, na hipótese, a lei, e, no caso individual, as suas múltiplas correlações, que êle acompanhava pacientemente, até reduzi-las à unidade final. Foi o que fez ainda aqui, a propósito de *petastheís* e da raiz *pet*. Terá sido esta raiz uma só nos primórdios do indo-europeu, mas se diferenciou depois em variadas significações. Estas, por sua vez, se agruparam em tórno de quatro acepções principais, a saber: a de procurar (lat. *petere*, gr. *potamós*, scr. *pátati*); a de voar (lat. *propitius*, gr. *pétomai*, scr. *pátram*); a de cair (lat. *pessum*, gr. *píptō*, scr. *pádyate*); e a de abrir, desdobrar (lat. *pateo*, gr. *petánnymi*, zd. *pavana*). Analisa o autor essas diferentes idéias, mostrando como de uma se passa a outra, por uma série de gradações, e, exemplificando com o grego, faz-nos ver como a diversidade dêsses significados se traduz pelas alternâncias de tipo apofônico. “Assim, enquanto *pétomai* e *potamós* exprimem uma oposição assaz frequente de e X o, aquêle para as formas verbais, êste para as formas nominais, *pétomai*, e *pétamai*, presentes de grau pleno, se opõem a acristos de grau zero, *eptómēn*, *eptámēn*, *éptōn*; a idéia de cair se ex-

prime, inversamente, com presentes de grau zero ou de vogal reduzida, *píptō, pítñō, pitnéō*, e aoristos de grau pleno *épeson*, dor. *épeton*.

Trabalho de índole diversa é o que publicou sôbre Luciano, “o *aticista de Samósata*”. Procede nele a uma apuração dos dados biográficos e ao levantamento do estado atual do problema da autenticidade das obras que lhe são atribuídas.

Cético e “pessimista irredutível”, levado a essa doutrina pelo “vazio das glórias humanas”, o grego tratou “com mordacidade igual” todos os sistemas. “Não é, pois, à luz da filosofia que deve ser apreciado.” Nem como moralista. Mas como um “panfletário de gênio, o maior de todos os tempos, mercê do brilho e elegância da sua prosa, agilidade do espírito, penetrante observação e variada cultura”. E, passando mais uma vez do particular para o geral, observa Aluísio: “Possui da classe todos os defeitos e tôdas as virtudes, desde o julgamento sem profundidade até o conceito oportuno e agudo.” Seria difícil, creio eu, caracterizar melhor essa espécie de gente letrada e essa literatura de combate, em que a parcialidade dos juízes e a agilidade dos golpes e espertezas são os ingredientes comuns.

O estudo “Sôbre a Cronologia da Anábese de Ciro e a idade de Xenofonte”, publicado na magnífica *Revista de História*, proficientemente dirigida pelo Professor Eurípedes Simões de Paula, teve, entre os especialistas, uma repercussão de todo favorável. Sôbre êles se manifestaram, em têrmos altamente elogiosos, o professor Francisco Isoldi, insigne sabedor das letras clássicas e históricas, e os professôres de Literatura Grega da Faculdade de Letras de París, R. Flacelière, A. Bataille e Pierre Chantraine.

Estudando, no folheto que intitulou *Três Estudos, o grupo GN na fonética clássica e românica*, a natureza e a evolução dêsse grupo, no som palatal ou molhado, escrito *gn* em francês e italiano, *ñ* em espanhol e *nh*, em português, e firmando-se nas lições anteriores de Niedermann, Millardet e Grammont, insiste Aluísio Coimbra nas conclusões que daí decorrem e se acham mais ou menos obscurecidas em outros autores de maior autoridade. Já se sabia, e o expõe Grammont, com tôda a clareza, que no latim *dignus, lignum*, a letra “g” representava um som pré-palatal. Millardet chamara a atenção para a circunstância de que “em latim as oclusivas se tornaram, em princípio, nasais, quando em contacto com um *n* subsequente, desde a época pré-histórica”. Pronunciava-se *dinnum, linnum*, ainda que escrevendo *dignum, lignum*. Não se deverá pois, fazer “remontar o *n* molhado, proveniente dêsse grupo, a uma evolução direta de *g* para *y*: *gn, yn*.” São palavras de Millardet, que mostra a seguir o mecanismo assimilatório, pelo qual do grupo *nn* resultou o fonema *nh*.

“Quanto à passagem da geminada ao românico *nh* (cf. ptg. *lenha*, it. *degno*, esp. *seña*)”, conclui Aluísio, “a falta de firmeza da articulação pré-palatal gerava, no esforço de pronúncia do duplo *n*, um *yod*, ao qual se deve, concomitantemente, a simplificação e o molhamento.”

Mas, chegado a essa conclusão, não se dá êle por satisfeito, e entra

a examinar, em seguida, dois outros problemas relacionados com o grupo *gn* e de que apenas farei menção: a época de entrada da articulação *g + n* na pronúncia latina post-romana; a diferença fonética existente entre o *n* gutural de *ángelos*, *ánkyra* e o *n* alveolar de *andreia* e *éndōlos*.

V

Dos seus diversos trabalhos, reveladores sempre de uma preparação séria, de um conhecimento real dos problemas tratados, de uma rara capacidade de investigação e de um propósito firme de contribuir para o progresso científico, aquêle a que deu maior extensão e a que se consagrou, talvez, com maior entusiasmo, foi o estudo que intitulou "*Formas consonânticas da vogal reduzida*."

Tratava-se de investigar o "fenômeno que constitui em latim e em grego o surgimento de oclusivas labiais e línguo-dentais (-p-, -b-, -t-, -d-), depois de -m-, -n-, ou -s- e antes de -r- ou -l-, em casos como *templum*, *mesēmbria*, *andrós*, *claustrum*." Aluísio se opõe à explicação até agora aceita que vê em tais casos a epêntese de uma labial ou a formação de uma explosiva, em virtude da desnasalização do -m- precedente. Lança a hipótese de que, antes do -n- e do -l-, deve ter existido um resíduo vocálico de grau flectido ou grau -o-, que constitui a forma reduzida da vogal do morfema seguinte (*er-*, *el-*). Pretende que êsse resíduo vocálico representado por -o- "não podendo definir-se como vogal plena, teve de apoiar-se na catástase do -m- implosivo, adotou a sua articulação e formou com êle o grupo -mm-. Colocado antes de -r- ou de -l-, o segundo -m- se denasalizou para formar o grupo -br- ou -pl-, de oclusiva + líquida, grupo êsse normal como associação de consoantes na fonologia indo-européia".

A hipótese é aventureira e arrojada, e oferece o flanco a graves objeções. Não é, porém, irrefletida ou superficial, e só poderia formulá-la quem tivesse do assunto uma visão ampla e segura. O recenseador da revista portuguesa *Brotéria* aplaudiu-a como explicação "muito mais fundamentada" que a anterior. Para o professor Pierre Chantraine a interpretação é "vraisemblable"; para o Prof. Jean Defradas, "ce travail de phonétique, avec l'ample mise en oeuvre", afigurou-se-lhe "d'une grande richesse et d'une grande précision". O eminente foneticista e etimologista A. Juret discutiu-a em duas longas cartas, da última das quais, repleta de preciosos esclarecimentos e observações, não chegou a ter conhecimento o nosso prezado Aluísio. O sábio Max Niedermann manteve a sua posição anterior, fundamentando-a com serenidade e precisão.

Na primeira de suas cartas, datada de 14 de abril dêste ano, Juret dá logo de início a sua impressão: "J'ai lu tout de suite l'article *Formas consonânticas*, qui rentre dans le cadre de mes études. Il m'a extrêmement intéressé. Vous avez pris le sujet comme il convient, dans sa généralité, tel qu'il se présente dans un grand nombre de langues. Cella est d'excellente méthode. En comparant aux faits les explications four-

nies par divers auteurs et en particulier par moi-même, vous avez eu le sentiment d'une lacune dans l'explication donnée; celle-ci ne dit pas pourquoi, p. ex., -m- de *hēméra* se dedouble en *mb* dans *mes̄mbría*. Vous avez eu raison de chercher une explication de ce dédoublement." E essa expressão "*vous avez raison*" se repete ainda por três vêzes. A segunda carta, datada de 2 de julho, em 8 páginas compactas, se estende na discussão de vários pontos de fonética fisiológica e histórica, principalmente do caso da consoante única intervocálica, exemplificado em *enim*, *pater*, *lacus*, e do caso da quantidade de -o- de *sobrinus*.

VI

Vemos, pois, que a atividade científica de Aluísio Coimbra ia repercutindo nos meios universitários de maior reputação, e, sem alarde e propaganda, o prestígio do seu nome crescia e se firmava. Certamente cairia em erros; mas tenho por seguro que as deficiências e inexactidões dos seus trabalhos, eriçados de dificuldades pela própria natureza dêles, seriam amplamente compensadas, pelo saber, cada vez mais vasto e profundo, das disciplinas de sua especialidade.

A sua aplicação ao estudo era incansável. Tenho em mãos um trabalho seu ainda inédito, "O numeral *uma* e o sufixo *inho*", no qual se confirmam, como não podia deixar de ser, os seus preciosos dotes de investigador.

Professor exímio e rigoroso no cumprimento do seu dever, os seus colegas e os seus alunos o respeitaram com admiração e afeto de amigos. Chefe de família exemplar, espôso e pai amantíssimo, deu, à companhia de suas horas boas e más e aos filhos estremecidos, todos os tesouros do seu amor. Homem de bem e de fé, seguiu os caminhos de Deus, cuja face contemplará por tôda a eternidade.

*

* *

PROF. ROLDÃO LOPES DE BARROS

Faleceu, a 30 de agôsto de 1951, o Prof. Roldão Lopes de Barros, Catedrático de História e Filosofia da Educação, desta Faculdade.

Nascido a 30 de janeiro de 1884, muito jovem ainda, começou a trabalhar no "Correio Paulistano", ao mesmo tempo que se dedicava aos estudos. Coursou, com sacrifício, a Escola Normal, e, depois de formado, passou a trabalhar para a "Tribuna de Santos".

Já no exercício do magistério primário, entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo, distinguindo-se, durante todo o curso, como brilhante aluno.

Ao mesmo tempo, entregava-se à meditação e ao estudo, sem esquecer seus deveres de cidadão, pois participou de vários movimentos políticos. Assim, durante a revolta de 1924, prestou a São Paulo relevantes serviços, fazendo parte da Polícia Municipal, criada para defender a ordem. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, mais uma vez mostrou-se particularmente ativo, colaborando com o M.M.D.C..

Sempre interessado pelos problemas ligados ao ensino, fundou e dirigiu, durante algum tempo, o Liceu Nacional Rio Branco, hoje Colégio Rio Branco. Organizou e dirigiu, também, o Instituto Ana Rosa, desta Capital.

Durante sua longa carreira de Professor, ocupou os seguintes cargos: de Professor de Pedagogia da Escola Normal Caetano de Campos; Professor da Cadeira de Pedagogia e Diretor da Escola Normal Padre Anchieta; Professor de História e Filosofia da Educação, do antigo Instituto de Educação, do qual também foi Vice-diretor.

Ocupava, ao falecer, o cargo de Professor de História e Filosofia da Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

*

Representando a Congregação da Faculdade, o Prof. J. Querino Ribeiro pronunciou a seguinte oração, no ato de sepultamento do ilustre extinto:

ORAÇÃO DO PROF. J. QUERINO RIBEIRO

Tarefa difícil, grave e dolorosa, esta que me foi confiada: falar a tão ilustre e querido morto, em nome da sua Escola e como seu grande amigo e discípulo...

Difícil, porque a trajetória da vida de Roldão Lopes de Barros não foi daquelas de brilho ofuscante e enganador, mas de claridade suave e acolhedora, trajetória que não poderá ser bem analisada nem descrita por ninguém, porque só poderá ser sentida e meditada pelos que, como nós, o conheceram de perto...

Grave, porque esta homenagem não está sendo feita por mim sozinho, mas, em côro emocional e silencioso, por todos nós que estamos sentindo o mesmo profundo pesar, relembRANDO-lhe a grandeza, com o mesmo religioso respeito...

Dolorosa, porque não há dever mais cruel do que êste, de despedir-se de um ente querido, à beira da sua última morada...

Meu querido Mestre...

Meu inesquecível amigo...

Vós, que me destes a honra e a felicidade de privar convosco, durante tantos anos, ensinando-me uma grande lição em cada encontro e dando-me mais amizade em cada olhar, vós que conhecestes tão bem meu sentir e meu pensar, compreendereis ainda, por certo, porque vou ser tão breve. Como os outros colegas, que tiveram a mesma honra e felicidade de serem contados entre os vossos amigos e que aqui estão agora, em silêncio, consternados, eu também vou calar-me para continuar a aprender as lições de vosso exemplo, recordando e meditando a vossa vida de Homem Sábio, de Homem Bom, e, sobretudo, de incomparável Educador...

Que os nossos sentimentos, como o vosso exemplo, sirvam de conforto para a vossa estremecida e desolada Família...

Nosso querido Mestre...
Nosso inesquecível amigo...

Adeus!...

*

Em memória do Prof. Roldão Lopes de Barros, realizou-se, a 28 de setembro de 1951, uma sessão solene da Congregação da Faculdade, ocasião em que falou o Prof. Milton da Silva Rodrigues.

IN MEMORIAM DO PROF. ROLDÃO LOPES DE BARROS,
PELO PROF. MÍLTON DA SILVA RODRIGUES

Conta um apólogo, referido por Anatole France, que, pretendendo um sábio resumir a história da humanidade, para um rei moribundo, lhe pôs, ante os olhos já empanados pela sombra da morte, a seguinte súmula da crônica de seus semelhantes: “Êles nasceram, êles sofreram, êles morreram”. Tão comezinhos são os sucessos das vidas de todos nós, se não fôsse a dor que os santifica e torna a todos, humildes ou exaltados, igualmente merecedores do nosso respeito fraternal! Mas a existência não pode ser concebida, apenas como uma fatalidade que um poder misterioso nos impõe e de que o mesmo, afinal, nos liberta. Há no viver um sentido transitivo; nós vivemos algo e, no perseguir constantemente determinados objetivos é que imprimimos a sucessos, aliás comuns, às vêzes interêsse, às vêzes brilho e, muito poucas vêzes, o cunho que faz de uma existência uma obra-prima exemplar e única em seu gênero.

I

O primeiro dos aspectos da vida de Roldão Lopes de Barros que, ao mesmo tempo, nos chama a atenção e nos impõe o respeito, é, sem dúvida alguma, a extraordinária constância dos objetivos superiores que a nortearam, em meio, freqüentemente, das mais adversas circunstâncias.

Nascido a 30 de janeiro de 1884, muito cêdo a situação financeira periclitante de seus pais o levou a procurar trabalho, antes que terminasse seus estudos. Entrou para o “Correio Paulistano”, escolhendo, assim, essa ocupação de gráfico, que tão próximo coloca a pessoa de seus semelhantes, através da palavra escrita e da qual, talvez por isso, têm surgido tantos verdadeiros valores, em tantos lugares. Contemporaneamente, cursava a velha Escola Normal da Praça e é de supor-se que muitas perplexidades (talvez não as primeiras) o tenham assaltado, então, ao cotejar as descrições do mundo “ad usum delphini”, que a pedagogia artificial da época lhe oferecia nas aulas, com os fatos que cotidianamente tinha ante seus olhos, na vida dura dos seus pobres colegas gráficos. Capaz de progresso êle próprio, porque a natureza fôra com êle generosa, jamais se esqueceu dos humildes, cujos sofrimentos conhecia e partilhara.

Formado professor primário, mas ainda não livre da necessidade, trabalhou na "Tribuna de Santos", somente mais tarde abandonando essa fonte de manutenção; já no exercício do magistério, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou com brilho.

Desde 1911, porém, tivera início a sua carreira. Foi professor da antiga Escola Normal da Praça; professor e diretor da Escola Normal do Braz, hoje Escola Normal Padre Anchieta; fundador e diretor, por algum tempo, do então Liceu Nacional Rio Branco, hoje Colégio Rio Branco; organizador e diretor do Instituto Ana Rosa; em 1931, ao ser fundado o Curso de Aperfeiçoamento do Instituto Pedagógico, em que se transformara a antiga Escola Normal da Praça, deixou Roldão Lopes de Barros a Escola Normal do Braz, para, na nova instituição, vir lecionar a cadeira de História e Filosofia da Educação. Quando, dois anos mais tarde, foi aquele curso extinto e substituído pelo Instituto de Educação, neste último prosseguiu com a mesma cátedra que, em 1938, foi transferida para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde a morte o colheu êste ano. Exerceu, portanto, o magistério, durante quarenta anos ininterruptos.

II

Se, por um lado, esta crônica esquemática da vida de Roldão já basta para revelar que nela houve sempre um fio condutor, a concatenar os seus fatos culminantes, por outro lado, é fato que essa simples enumeração de sucessos a despoja daquilo que ela possui de mais atraente e respeitável. Mas, para felicidade nossa e honra dêle, o romance da vida de Roldão possui encantos que a simples crônica dos fatos de sua existência não pode revelar. Porque a obra máxima de Roldão foi a sua vida; na maneira como êle a viveu, pelos propósitos que nela pôs. Obra que êle criou a cada dia que teve e que êle deu a conhecer, por participação direta, a todos os que tiveram a ventura de o conhecer, amigos, ou simples relações. Todos êstes sabem da inteira e entusiástica dedicação, que punha em cada uma de suas tarefas, transformando, a mais comum e rotineira, num ato criador, em que infundia, a um tempo, inteligência, cultura e sentimento, ou seja, tôda a sua própria pessoa. Êle não foi o artista que exprime, por meio do som, da plástica ou da palavra, um conceito do ideal; nem, tampouco, o tipo de filósofo ou de cientista que faz do abstrato o seu campo de ação. Incapaz, pela sua essencial honestidade, de divorciar o conceito da ação, contagiou-o, um pouco, essa divina loucura dos profetas e dos quixotes, capazes sim, a despeito de tudo e de todos, de viver a vida que êles imaginaram. Muitas de suas atitudes comportaram riscos, mas, por várias vezes, êle os desafiou, sem embargo da profunda consciência que tinha de suas responsabilidades familiares. Tendo tido de lutar intensamente pela vida, suas vicissitudes, em vez de o abaterem, fizeram-no um lutador.

Por isso, não admira que êle impusesse respeito, num mundo em que os próprios bons freqüentemente vivem peados pelo mêdo e pelas hesitações e, talvez por isso, tendem a relegar seus ideais para o plano

do abstrato. Roldão, porém, desconfiava das abstrações muito marcadas e, nas amigáveis brincadeiras que às vezes fazia, por exemplo, com a minha Estatística, eu bem que percebia um fundo de inquietude ante conhecimentos que, infelizmente, acontece de levarem os que os cultivam a erros de perspectiva ou, o que ainda é pior, a um enfraquecimento do interesse humano. Para Roldão, ao contrário, o interesse, o objetivo supremo, era o próprio homem, sobre o qual procurava agir diretamente.

Por isso, não dispensava a proximidade efetiva de seus semelhantes. Já doente e cansado, após quarenta anos de exercício da profissão de professor, declarava-me que faria tudo por não aposentar-se, a fim, acentuava, de não perder êsse contacto direto com as gerações moças e os seus próprios colegas. Viveu com muita intensidade, aproveitando-se da experiência, mercê de sua argúcia, do "esprit de finesse" ao "esprit de géométrie", por se ter convencido da extrema complexidade da alma do nosso próximo, que só uma visão total e auxiliada pela intuição, pode, se não explicar, ao menos fazer presente também à nossa própria personalidade total. Auxiliava-o, nisso, o tipo de sua formação.

Representante de uma espécie que as injunções da vida moderna tendem a eliminar, êle era um grande ledor e ledor de muitos assuntos, de que sua vasta biblioteca particular possuía inúmeros exemplares. Não cometeu, jamais, porém, o feio pecado de ser bibliófilo, apreciando o livro pelo livro. O que êle buscava, no livro, era um acréscimo de contacto com a humanidade. Seus livros podiam não ser bem encadernados, bem arrumados, ou de edições preciosas pela raridade e ilustrações; mas êles contavam todos, por múltiplas formas, os vários aspectos da mesma história, que êle não se fartava de ouvir, pela certeza de sempre encontrar, nela, cousas ainda ignoradas: a história do homem, de tôdas as partes e de todos os tempos.

Seu interesse pelo homem não era, porém, diletante, nem mesmo difuso; era real e preciso. Ao menos nisso, respondendo a êsse imperativo da atualidade, que exige de cada um de nós a definição estreita de um campo de ação, restrito para que seja fecundo, se o interesse de Roldão era o conhecimento mais completo possível da personalidade humana, seu objetivo era contribuir para que cada homem se tornasse capaz de, livremente, construir sua própria felicidade. Convencido da nobreza essencial de nossa espécie, nada o confrangia mais do que as manifestações de dependência e de mêdo; a nada detestava tanto, como a tôda espécie de coação, quer econômica, quer moral. Por isso, reverenciava nos outros aquela qualidade que êle próprio tão bem soube encarnar: a fidelidade constante e desassombrada a um ideal. Êle queria o homem livre, para que livremente fôsse capaz de escolher suas crenças e opiniões, a fim de que, fôsem elas quais fôsem, tivessem a fôrça e a altura que lhes empresta uma adesão deliberada.

Prova-o bem a sua maneira de ser como professor; nessa qualidade, êle procurou muito mais influir sobre a mentalidade de seus alu-

nos, do que simplesmente fornecer-lhes informações, fazendo sempre disto um instrumento para aquilo. Suas aulas, freqüentemente dialogadas, vivas e tão ricas de erudição, como de espírito crítico, inspiravam-se da maiêutica e da ironia socráticas. Lembro-me de que o primeiro curso de História da Educação, feito em São Paulo, e a que tive o prazer de assistir, provocou, em alguém, as seguintes palavras de decepção e crítica superficial: "Mas o Dr. Roldão tornou a Escola Nova muito velha..." De fato, o que Roldão mostrara, fôra que, em todos os tempos, houve espíritos capazes, não só de pôr, no ensino que ministravam, tôda a sua personalidade, mas de interessar-se pela formação da personalidade de seus discípulos; e êsse fato é tão certo como é certo que, também em todos os tempos, a decadência do ensino, tal como a de outras atividades não menos nobres que essa, proveio sempre da degenerescência formalística, que nela introduziram pessoas sem fé. Roldão, como Montaigne, prezava mais as cabeças bem feitas, do que as cabeças recheadas; mais do que isso, não sendo intelectualista, queria cabeças bem feitas a serviço de almas bem feitas também. Assim, interessava-se pela pessoa de seu aluno, que procurava conhecer e ajudar, não apenas em seus assuntos estritamente escolares, mas até nos problemas de sua vida íntima; e foram muitos os que não acharam difícil abrir-se com Mestre Roldão, porque a atitude dêle convidava à confiança.

Nele, nunca existiu essa cisão em uma personalidade pública e outra personalidade íntima, que tanto enfraquece a ambas. Êle captava a confiança dos outros, pela confiança que êle, em primeiro lugar, nos outros depositava, mostrando-se, imediatamente e sem rebuços, como de fato era. Ê infelizmente comum confundir-se simplicidade com naturalidade ou espontaneidade; de fato, em todos os terrenos, o simples é penoso produto de elaboração e requinte, e só em raros gênios artísticos êle é espontâneo. O natural é o complexo.

A personalidade que Roldão oferecia, era complexa; tinha a multiplicidade de facetas que encontramos na maioria dos homens e que, por isso mesmo, cada qual gosta de encontrar em seu próximo, para que nele reconheça um seu semelhante; superior, sim, mas semelhante. Diverso dêsses semi-deuses apolíneos, cujo espírito polarizado só vibra num plano único e para os quais a condição para a eficiência é a distância, a pessoa algo rabelaiseana de Roldão Lopes de Barros era um misto feliz, equilibrado e sublimado, dos traços que costumamos considerar como mais humanos; e, sem embargo do caráter altamente universal de seus interesses, a fórmula daquela mistura era bem latina e bem brasileira, para não dizer, bem paulista.

Nela se encontravam o amor à clareza e à razão, o espírito de crítica desassombrada, a dúvida científica como método, o estilo de leveza, mordacidade e irreverência. Mas essa pessoa não admitiu a primazia da razão, porque ela foi tôda sentimento e sempre julgou seu próximo, muito mais pelas qualidades de seu coração, do que pelas de seu intelecto. Alternadamente pessimista e entusiasta, a força de seus sentimen-

tos era inspiradora de sentimentos fortes. Amando profundamente o que a vida pode oferecer de realmente bom, não temeu a morte. Sem ambições pessoais, nem vaidade, tinha a noção justa de suas próprias capacidades e limitações. Tendo sofrido êle próprio e contemplado fartamente o sofrimento, tinha um senso extremamente melindroso de justiça, de que derivava o seu amor pelos "humilhados e ofendidos".

Por isso tudo, não é de estranhar que tal pessoa exercesse um extraordinário poder de atração e é natural que o desaparecimento dêsse amigo incomparável venha causar uma sensação de vazio confrangedor, especialmente naqueles que, como nós seus colegas, mais aproveitamos de sua companhia. Que a sua memória não se olvide, assim como não pereça o seu espírito; e que dêle, como dos eleitos, possamos dizer, variando o apólogo: êle nasceu, êle sofreu, êle vive.

*

* *

PROF. OTONIEL MOTA

A 14 de abril de 1951, faleceu, em São Paulo, o eminente filólogo Otoniel Mota, antigo Professor de Filologia Portuguesa e de Literatura Luso-Brasileira da nossa Faculdade. Nos funerais do ilustre Professor, esta se fêz representar pelos Profs. Lívio Teixeira e Teodoro Henrique Maurer Júnior. A 14 de setembro, a Congregação promoveu uma sessão solene em memória do saudoso Mestre, falando, nessa ocasião, o Prof. Francisco da Silveira Bueno.

*

Nascido em Pôrto Feliz (Estado de São Paulo), a 16 de abril de 1878, Otoniel Mota realizou os primeiros estudos em sua cidade natal. Transferindo-se para São Paulo, matriculou-se no curso de preparatórios à Faculdade de Direito. Deixou, entretanto, os estudos jurídicos pelos de Teologia, nos quais encontrou a verdadeira vocação. Filiado à Igreja Presbiteriana desde 1895, cursou o Seminário desta Igreja em São Paulo, completando os estudos teológicos em 1900 e recebendo ordens sacras em 1901.

Desde êsse tempo, as atividades de Otoniel Mota dividiram-se entre os dois campos de sua predileção: — a Religião e a Filologia. Servindo a ambas com igual devotamento, alcançando, nos dois, largo renome, em tdo o país e mesmo no estrangeiro.

Em companhia de Eduardo Carlos Pereira e de outros, participou do movimento religioso de 1903, de que resultou a criação da Igreja Presbiteriana Independente, a primeira organização eclesiástica protestante, de caráter nacional, surgida no Brasil. A essa comunidade serviu até 1938 quando, em companhia de outros pastores dissidentes, organizou a Igreja Cristã de São Paulo, de orientação acentuadamente liberal. No exercício do ministério eclesiástico, foi pastor em Santa Cruz do Rio Pardo, em Jaú,

em Campinas e, finalmente, em São Paulo, onde teve a seu cargo, durante muitos anos, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente. Foi, também, Professor da Faculdade de Teologia da Igreja a que pertenceu. Durante mais de meio século, colaborou em quase todos os órgãos da imprensa religiosa protestante do Brasil, particularmente em "O Estandarte", em "A Semana Evangélica", em "O Cooperador Cristão", em "Cristianismo" e nas revistas "A Reforma" (de sua propriedade), "Revista de Cultura Religiosa", "Lucerna" e "Unitas". Grande parte de sua atuação, no campo religioso, foi marcada por uma constante preocupação com obras de beneficência e assistência social.

Como filólogo e professor, teve atuação destacada no magistério secundário e superior, desde 1907, quando foi nomeado Catedrático de Português do então recém-criado Ginásio do Estado de Ribeirão Preto, de onde foi transferido, em 1912, para o de Campinas, em que lecionou até 1925. Foi Professor de Língua e Literatura Grega na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, instituição livre que funcionou nesta Capital, de 1931 a 1934; na Faculdade de Teologia, sempre teve a seu cargo disciplinas relacionadas com a Filologia e a Lingüística, principalmente Grego do Novo Testamento e Arqueologia Bíblica. Criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, foi o seu nome lembrado para a cadeira de Literatura Luso-Brasileira e, posteriormente, para a de Filologia Portuguêsa, Cadeiras que regeu durante os anos de 1935 e 1936.

Exerceu, também, durante algum tempo, o cargo de Diretor da Biblioteca Pública do Estado. Pertenceu à Sociedade de Estudos Filológicos, ao Instituto Histórico de São Paulo e à Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira n.º 17, fundada por Sílvio de Almeida e que tem, como patrono, Júlio Ribeiro.

Deixou Otoniel Mota inúmeras obras, divididas igualmente entre os dois campos de sua predileção e acrescidas, ainda, de ensaios sobre história e de alguns trabalhos de ficção. São estas as suas principais obras:

No domínio da Ficção: — *Selvas e choças* (contos), *Perdeganha* (novela) e *Amor que santifica* (romance).

No domínio da Filologia e da Lingüística: *Lições de Português, O pronome Se, A evolução do gerúndio, O meu idioma, A chave da língua, Seleta Moderna, Os Lusíadas* (edição comentada), *As Geórgicas, de Vergílio* (edição comentada), *O lirismo grego e Horas Filológicas*.

No domínio da Religião: *Anotações ao livro dos Atos dos Apóstolos, Israel, sua terra e seu livro, O Evangelho de S. Mateus* (tradução e comentário), *O adorável bilhete ou a epístola a Filemon, Temas espirituais*, além de numerosos opúsculos de polêmica, alguns dos quais sob o pseudônimo de Frederico Hansen.

No domínio da História: *O caso Anchieta-Bolès e Do rancho ao palácio: evolução da civilização paulista*.

Colaborou, ativamente, em jornais, particularmente em "O Estado

de S. Paulo” e na “Fôlha da Manhã”, em revistas de instituições culturais e na imprensa religiosa.

*

Não nos tendo sido possível obter o texto revisto do discurso pronunciado pelo Prof. Silveira Bueno, na sessão solene com que a Congregação da Faculdade homenageou a memória de Otoniel Mota, julgamos oportuno transcrever o artigo que aquêlê Professor publicou na “Fôlha da Manhã” de 23 de agosto de 1951, e no qual, em rápidas palavras, aprecia a obra do saudoso filólogo:

“Perdeu a filologia portuguêsã o seu maior representante no Brasil. Faleceu, no dia 14 do corrente, após longa enfermidade, o muito ilustre prof. Otoniel Mota. Como exemplo que foi durante a vida, trabalhou quase até os últimos dias da sua existência, tôda eia dedicada ao amor da língua portuguêsã, que foi o segundo evangelho de que se havia feito ministro e grande sacerdote.

A tristeza dêste acontecimento enche de luto não só os âmbitos ainda humildes da filologia no Brasil, mas também todos os vastos limites da filologia românica na Europa e na América. Os seus trabalhos, que mereceram os louvores de Meyer-Lübke, em carta datada de Bonn, eram conhecidos e citados em todos os livros dos modernos estudos desta ciência da linguagem. Por seu intermédio tínhamos um representante de alto valor em todos os debates da história do idioma, homem de reais conhecimentos, de idéias sempre avançadas, de problemas sempre solucionados dentro dos cânones mais seguros, verdadeiro abridor de caminhos e clareiras novas nesta selva ainda pouco trilhada em nossa pátria. Ao lado de João Ribeiro, foi o mais honesto iluminador das mentes e dos corações dedicados ao culto da língua portuguêsã.

Catedrático dos ginásios de Ribeirão Preto e de Campinas, professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da nossa Universidade, escolheu como campo de suas preferências a história, a syntaxe e a etimologia, preparado que estava pelo seu saber de línguas clássicas, mormente o latim e o grego. O seu longo tirocínio de ministro do Evangelho, de exegeta dos textos sagrados, deu-lhe verdadeiro acúmen intelectual, descobrindo maravilhas no romance das palavras que para outros passariam despercebidas.”



X - "Curricula vitae" dos novos professôres



Destina-se esta parte do Anuário ao registro dos currículos dos Professores que, em 1951, se tornaram Catedráticos e dos que, no mesmo ano, foram contratados.

CURRICULA VITAE DOS NOVOS CATEDRÁTICOS

PROFESSOR ARY FRANÇA

Nascido a 30 de março de 1917, em São Luís do Paraitinga (Estado de São Paulo).

Diplomado pela Escola Normal de Piraçununga (1933). Licenciado em Geografia e História, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1938). Doutor em Ciências (1945). Em 1947, como bolsista do governo francês, acompanhou os cursos de Geografia Geral, Humana e Cartografia no "Institut de Géographie" da Universidade de Paris e realizou pesquisas em Climatologia e Ecologia Humana, sob a orientação do Prof. Maximilien Sorre.

Professor no Ginásio Estadual de Pirajuí (1939-1941), no Colégio Universitário, anexo à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1942) e no Colégio Estadual de São Paulo, atual Colégio Presidente Roosevelt (1943). Assistente extra-numerário de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1944 a 1946, e primeiro assistente de 1946 a 1950. Professor interino da mesma Cadeira em 1951, para a qual foi nomeado, em caráter efetivo, em dezembro do mesmo ano, após concurso de títulos e provas.

No magistério particular, lecionou Geografia — no Ginásio Saldanha da Gama; nos Colégios Bandeirantes, Paulistano e Mackenzie; e na Faculdade de Filosofia de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sócio efetivo da Associação dos Geógrafos Brasileiros e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Trabalhos publicados:

Aspectos do povoamento da Noroeste: a região de Pirajuí — *Boletim da Ass. dos Geóg. Bras.*, 3, 49-58. São Paulo, 1943.

As ondas de frio da bacia amazônica — resenha bibliográfica e comentários — *Bol. da Ass. dos Geóg. Bras.*, 4, 105-106. São Paulo, 1944.

Notas sobre a frequência dos ventos na cidade de São Paulo — *Bol. da Ass. dos Geóg. Bras.*, 5, 29-34. São Paulo, 1944.

Notas sobre a geografia da Ilha de São Sebastião — *Bol. da Ass. dos Geóg. Bras.*, 5, 49-59. São Paulo, 1944.

- Programas de Geografia para os colégios — *Bol. da Ass. dos Geógr. Bras.*, 5, 90-94. São Paulo, 1944.
- Estudo sobre o clima da bacia de São Paulo (tese de doutoramento). Boletim n.º LXX — Geografia, n.º 3 — da Faculdade de Filosofia da Univ. de São Paulo. São Paulo, 1946.
- Novas diretrizes em Geografia Humana — *Bol. Paul. de Geogr.*, 5, 3-11. São Paulo, 1950.
- Paisagens do litoral norte de São Paulo — *Bol. Paul. de Geogr.*, 7, 64-73. São Paulo, 1951.

*

PROFESSOR BENEDITO CASTRUCCI

Nascido em São Paulo (Capital), em 8 de julho de 1909.

Diplomado pelo Ginásio do Estado da Capital (1930). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1935). Licenciado em Ciências Matemáticas e em Ciências Físicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939). Doutor em Ciências (1943). De 1940 a 1950, freqüentou os cursos dos Professores G. Mammana (1940), A. Bassi (1940), A. Weil (1945 a 1947), O. Zariski (1945), J. Dieudonné (1946 e 1947) e J. Delsarte (1948 a 1950) sobre os seguintes assuntos: Cálculo das variações, Topologia combinatória, Espaços de Hilbert, Topologia geral, Geometria algébrica, Teoria de Galois e Corpos comutativos, Teoria da distribuição de Schwartz e Cálculo numérico.

Assistente de Geometria Projetiva, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1940 e 1941. Professor interino da referida cadeira, de 1942 a 1951, para a qual foi nomeado, em caráter efetivo, em dezembro de 1951, após concurso de títulos e provas. Professor interino de Geometria Analítica e Projetiva da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, desde 1947. Professor contratado de Geometria da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, desde 1945, e de Complementos de Matemática da Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo, desde 1942.

Pertence às seguintes instituições científicas: Sociedade de Matemática de São Paulo (fundador), Associação dos Amadores de Astronomia (fundador), Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (fundador), Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, "Société de Mathématique de Paris" e "American Mathematical Society".

Trabalhos publicados:

Sobre uma nova definição de cúbica plana (Tese de doutoramento), 1943.

Sobre uma geração de uma curva plana de terceira ordem, segundo o tipo staudtiano — *Anais de Acad. Bras. de Cien.*, t. XV, junho de 1943.

Apostila de Matemática Financeira. São Paulo, 1944.

- Equivalência de polígonos — conferência no Curso de Férias da Universidade de São Paulo, 1947.
- Áreas poligonais. Medida da circunferência. Área do círculo. Ibid. Apostila do Curso de Geometria Projetiva, São Paulo, 1948.
- O ensino da Matemática no curso secundário. Trabalho apresentado ao III Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino, São Paulo, 1948.
- Curso de Geometria Analítica, 2 vs., São Paulo, 1949.
- Considerações sobre o teorema de Euler — *Cultus*, ano II, n.º 5; São Paulo, 1950.
- Matemática, para o curso colegial, 3 vs., em colab.; Editôra do Brasil, São Paulo, 1944-1950.
- Cálculo da ordem do grupo de homografias do espaço N-dimensional sobre um corpo de ordem q-p". *Bol. da Soc. Matem. São Paulo*, 1951.

*

PROFESSOR CÂNDIDO LIMA DA SILVA DIAS

Nascido em Mococa (São Paulo), em 31 de dezembro de 1913.

Diplomado pelo Liceu Franco-brasileiro de São Paulo (1931). Curvou a Escola Politécnica de São Paulo, de 1932 a 1934, recebendo o diploma de Agrimensor. Licenciado em Ciências Matemáticas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1936). Doutor em Ciências (1942). Como bolsista da Fundação Guggenheim, frêquentou, nos Estados-Unidos, em 1948 e 1949, as Universidades de Harvard, Chicago e Princeton, onde assistiu os cursos dos Profs. H. Cartan, A. Weil, Mac Lane, Segal, Santaló, Chern e Steenrod. "Research Fellow in Mathematics", na Univ. de Harvard e "Research Associate", no Departamento de Matemática da Universidade de Chicago.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi professor interino de Análise Superior, em 1942, e de Complementos de Geometria e Geometria Superior, de 1943 a 1951. Após concurso de títulos e provas, foi nomeado, em caráter efetivo, para esta Cadeira.

Professor da Faculdade de Engenharia Industrial de São Paulo.

Pertence às seguintes organizações científicas: — Sociedade de Matemática de São Paulo (fundador), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, "Société Mathématique de France", "American Mathematical Society" e da "American Association for the Advancement of Science".

Trabalhos publicados:

Sobre o conceito de funcional analítico — *Anais da Acad. Bras. de Ciên.*, t. XV, n. 1, 1943.

Sobre a regularidade dos funcionais definidos no campo das funções analíticas (tese de doutoramento); São Paulo, 1942.

- Aplicação da teoria dos funcionais analíticos ao estudo de uma solução de uma equação diferencial infinita — *Anais da Acad. Bras. de Ciên.*; t. XV, n. 3, 1943.
- Equações diferenciais ordinárias (apostila de um curso de Análise Superior); São Paulo, 1943.
- Grupos contínuos de transformações (apostila de um curso de Geometria Superior); São Paulo, 1943.
- Complementos ao trabalho de Cohn-Vossen: *As colineações do espaço projetivo complexo de n dimensões* — *Bol. da Soc. Matem. São Paulo*; v. 3, fasc. 2, 1947.
- Sobre a continuidade dos funcionais analíticos — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*; v. 3, fascs. 1 e 2, 1948.
- Geometria do grupo projetivo sobre a reta — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*.
- Classificação das homografias no S_3 — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*.
- Bibliografia sobre os teoremas de existência e dependência de parâmetros nas equações diferenciais ordinárias — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*,
- Duality in the Theory of Analytic Functionals — *Summa Brasiliensis Mathematicae*.

*

PROFESSOR EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA

Nascido em Queluz (São Paulo), aos 2 de abril de 1915.

Curso secundário no Ginásio Nogueira da Gama, de Guaratinguetá (1931). Curso normal, no Instituto Caetano de Campos (1932). Curso de aperfeiçoamento de professores, no Instituto Caetano de Campos (1934). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1936). Licenciado em Geografia e História, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1937). Curso de Formação de Professores Secundários, na mesma Faculdade (1941). Doutor em Ciências (1945).

Professor de Educação da Escola Normal Padre Anchieta, de 1937 a 1940 e de História da Civilização, no Colégio Universitário, em 1940. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi Assistente da Cadeira de História da Civilização (1939), Professor substituto da Cadeira de História Antiga e Medieval (1943 a 1945), Assistente da Cadeira de História Moderna e Contemporânea (1947 a 1950), Professor interino desta mesma Cadeira em 1951 e, finalmente, seu titular efetivo, após concurso de títulos e provas.

Professor de História do Brasil e da América, na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e de História Antiga e Medieval, na Faculdade de Filosofia Mackenzie.

Pertence às seguintes organizações culturais: Sociedade de Estudos Históricos, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Associação Bra-

sileira de Escritores, Sociedade Paulista de Educação, Sociedade Portuguesa de História da Civilização, Sociedade de Estudos Filológicos e Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Trabalhos publicados:

O poder real em Portugal e as origens do absolutismo — (Tese de doutoramento). Boletim LXVIII da Fac. de Fil. da Univ. de São Paulo, 1946.

A ocupação econômica do Brasil pelos europeus — *Paralelos*, ns. 4 e 5; São Paulo, 1948.

História para a Arte — *Artes Plásticas*, n. 1; São Paulo, 1948.

Conhecimento do presente em História — *Ecos Universitários*, n. 14; São Paulo, 1950.

Paris, cidade do povo — *Ecos Universitários*, n. 16; São Paulo, 1951.

A Teoria Geral da História — *Revista de História*, n. 6; São Paulo, 1951.

Considerações sobre a função cultural da História — *Revista de História*, n. 8; São Paulo, 1951.

Em torno de Luís XIV — *Revista de História*, n. 8; São Paulo, 1951.

O testamento de um historiador: Marc Bloch — *Revista de História*, n. 8; São Paulo, 1951.

*

PROFESSOR FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA

Nascido em São Paulo (Capital), aos 5 de outubro de 1913.

Curso secundário, no Liceu Nacional Rio Branco (1931). Agrimensor, pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1934). Licenciado em Ciências Matemáticas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1936). De 1937 a 1950, frequentou os cursos dos Profs. Fantappiè (Grupos contínuos de transformações e Cálculo Diferencial absoluto), O. Zariski (Teoria dos Ideais e Geometria Algébrica), A. Weil (Formas diferenciais e Espaços de Hilbert), J. Dieudonné (Corpos comutativos e Teoria de Galois) e J. Delsarte (Teoria moderna da Integração).

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, regeu interinamente, de 1937 a 1951, a Cadeira de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática, para a qual foi nomeado em caráter efetivo, em dezembro de 1951, após concurso de títulos e provas.

Professor das Faculdades de Filosofia de S. Bento e “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, desde 1940; e, desde 1946, da Faculdade de Engenharia Industrial, da qual foi diretor em 1947.

Pertence às seguintes entidades culturais: — Sociedade de Matemática de São Paulo (fundador), Sociedade dos Amadores de Astronomia de São Paulo, “Société Mathématique de France” e “American Mathematical Society”.

Trabalhos publicados:

Os fundamentos da geometria de Hilbert e estudo elementar da geometria de Lobatchefsky (Apostila do curso de Crítica dos Princípios; São Paulo, 1943).

Teoria das Congruências (Ibid.).

A equação da divisão da circunferência (Ibid.).

Matemática, para a primeira série colegial (em colab. com Benedito Castrucci, E. Farah e J. B. Castanho). Editôra do Brasil.

Os fundamentos da Geometria — *Anuário da Fac. de Fil. "Sedes Sapientiae"*; São Paulo, 1946.

Sobre uma fórmula de Cipolla — *Summa Brasiliensis Mathematicae*, ano 1, v. 1, 1946.

Uma nova demonstração da lei da reciprocidade quadrática — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*, v. 3, fascs. 1 e 2, 1948.

Os postulados de Thomsen para a geometria elementar e a geometria absoluta de Bachmann — *Bol. da Soc. Matem. de São Paulo*.

*

PROFESSOR THEODORO HENRIQUE MAURER JUNIOR

Nascido em Campinas (São Paulo), aos 14 de maio de 1906.

Após os preparatórios exigidos, matriculou-se no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, em 1925, bacharelando-se em 1928. Licenciou-se em Letras Clássicas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1940. Doutor em Letras (1944). Como bolsista da Fundação Rockefeller, freqüentou, durante um ano, a Universidade de Yale, estudando sânscrito, hitita, fonética e lingüística geral, e trabalhando sob a direção dos eminentes especialistas Professôres Edgerton, Coetze, Bloch e Bloomfield (1945-1946). Durante o verão de 1946, esteve no "Linguistic Institute" promovido pela "Linguistic Society of America", onde assistiu às preleções de lingüística do Prof. E. H. Sturtevant e fêz um curso de eslavo-litúrgico com o Prof. G. L. Trager.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi Assistente adjunto das Cadeiras de Latim e Grego (1940-1942), Assistente da Cadeira de Língua e Literatura Latina (1942-1946), Professor contratado de Filologia Românica (1947-1951), Livre-docente de Filologia Românica e, finalmente, professor catedrático desta Cadeira, após concurso de títulos e provas.

Professor de Língua e Literatura Latina, na Faculdade de Filosofia do Mackenzie, desde 1947, e de Filologia Românica, em 1951.

Pertence à Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo e à "Linguistic Society of America".

Trabalhos publicados:

O caso ablativo: estudo sintático — Tese apresentada ao concurso para a cadeira de Latim do Ginásio do Estado de Campinas. Franca, 1934.

Perto e Varão — *Bol. da Soc. de Est. Filol.*, 1943, p. 70-74.

- A voz médio-passiva e o impessoal no indo-europeu — *Bol. da Soc. de Est. Filol.*, n. 2, 1945, p. 307-319.
- Unity of the Indo-European Ablaut System: the Dissyllabic Roots — *Language*, v. 23, n. 1, p. 1-22, 1947.
- A morfologia e a sintaxe do genitivo latino: estudo histórico — *Bol. LV da Fac. de Fil. Cién. e Let. da Univ. de S. Paulo*, 1948.
- O Catalão, o Ibero-romance e o Provençal — *Filosofia, Ciências e Letras*, n. 12, p. 11-41, 1949.
- A unidade da România Ocidental (Tese para o concurso de livre-docência). *Bol. 126 da Fac. de Fil. Cien. e Let. da Univ. de S. Paulo*, 1951.
- Dois problemas da língua portuguesa: o pronome SE e o infinito pessoal — *Bol. 128 da Fac. de Fil. Cien. e Let. da Univ. de S. Paulo*, 1951.
- O superlativo latino em -issimus: sua identidade original com a forma -rimus e com o superlativo céltico — *Humanitas*, v. III; Lisboa, 1951.
- The Romance Conjugation in -esco (-isco) -ire — *Language*, v. 27, p. 136-145, 1951.

* *
*

CURRICULA VITAE DOS PROFESSÔRES CONTRATADOS EM 1951

PROFESSOR DAVID BOHM

Nascido aos 20 de dezembro de 1917.

"Bachelor of Science" pelo "Pennsylvania State College" (1939).
"Doctor of Philosophy" pela Universidade de California (1943).

"Research Physicist", no "Radiation Laboratory", da Universidade de California (1943-1946), onde trabalhou com o Prof. H. S. W. Massey.
"Research Associate", na Universidade de California, onde trabalhou com o Prof. J. R. Oppenheimer. Professor associado da Universidade de Princeton (1947-1951). Contratado, em 1951, para a Cadeira de Física Teórica e Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, vaga desde 1949, com a retirada do Prof. Gleb Wataghin.

Trabalhos publicados:

Theory of Synchrotron (em col. com L. Foldy) — *Phys. Rev.* 70, 249, 1946.

Relation of Dirac's New Method of Quantization to older Theories — *Phys. Rev.* 70, 795 A, 1946.

On the Neutron-Proton Cross-section (em col. com C. Richman) — *Phys. Rev.* 71, 567, 1947.

- Theory of Synchro-Cyclotron (em col. com L. Foldy) — *Phys. Rev.* 72, 649, 1947.
- The Electron Velocity Distribution in Gaseous Nebulae and Stellar Envelopes (em col. com L. Aller) — *Astrophysical Jour.*, 105, 131, 1947.
- Self Oscillations of a Charged Particle (em col. com M. Weinstein) *Phys. Rev.* 74, 1789, 1948.
- Note on a Theorem of Bloch Concerning Possible Causes on Superconductivity — *Phys. Rev.* 75, 502, 1949.
- Theory of Plasma Oscillations (em col. com E. P. Gross) — *Phys. Rev.* 75, 1864, 1949.
- Covariant Description of Extended Charges (em col. com M. Weinstein e H. Kouts) — *Phys. Rev.* 78, 364 (A), 1950.
- Effects of Plasma Boundaries in Plasma Oscillations (em col. com E. P. Gross) — *Phys. Rev.* 79, 992, 1950.
- Role of Plasma Oscillations in the Description of Electron Interactions (em col. com D. Pines) — *Phys. Rev.* 79, 232 (A), 1950.
- Screening of Inter-Electronic Interactions in a Metal (em col. com D. Pines) — *Phys. Rev.* 80, 903, 1950.
- Collective Description of Electron Interactions — *Phys. Rev.* 1951. Quantum Theory. Prentice Hall, New York, 1951.
- Vários capítulos de um livro sobre descargas gasosas, ed. por Mc Graw Hill, na col. "National Nuclear Energy Series".

*

PROFESSOR PIERRE HAWELKA

Nascido em Mulhouse, em 8 de abril de 1902.

Na Faculdade de Letras de Estrasburgo, recebeu, entre 1927 e 1929, os seguintes títulos: "Licence ès Lettres", Secção de Espanhol, composta de quatro "Certificats d'études supérieures"; "Certificat libre d'études supérieures" de Lingüística Românica, Secção de Francês antigo e Provençal antigo; e "Diplôme d'études supérieures", Secção de Espanhol. Em 1936, na Faculdade de Letras de Lille, foi aprovado no concurso para "Agrégation de grammaire".

No ensino secundário francês, foi professor de Grego, Latim e Francês, no Colégio de Longwy (1930 a 1932), no de Tlemcen (1932 a 1933) e no Lycée de Evreux (1936 a 1939).

Em vista dos resultados que vinha obtendo no ensino das matérias mencionadas, foi convidado a ingressar no quadro dos Professôres de Paris, distinção que recusou por ter coincido com outra oportunidade que se lhe deparou então: a da sua vinda para a América do Sul, a convite da Faculdade de Filosofia e Letras de Tucumán (Argentina), onde permaneceu, de 1939 a 1943, como Professor contratado de Francês e Latim. Em 1943 e 1944, foi Professor dessas matérias no "Collège Fran-

çais" de Buenos Aires. Veio para o Rio de Janeiro, a convite da Embaixada Francesa, exercendo, em 1945, funções de ensino e de direção, no Liceu Franco-brasileiro e no Curso de Aperfeiçoamento para professores brasileiros de francês, funcionando sob os auspícios daquela Embaixada. Em 1946, ministrou, na Faculdade Nacional de Filosofia, um curso de extensão universitária, sobre a Lingüística Francesa.

Contratado, em 1951, como Professor auxiliar da Cadeira de Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.



**XI - Concessão do título de Doutor “Honoris Causa” ao
Prof. Roger Bastide**



Por iniciativa do Departamento de Sociologia e Antropologia, foi apresentada à Congregação da Faculdade uma proposta, no sentido de solicitar-se dos órgãos superiores da Universidade, a concessão do título de Doutor Honoris Causa ao Prof. Roger Bastide, da Primeira Cadeira de Sociologia.

Com esta proposta que, como era de esperar-se, recebeu aprovação unânime da Congregação, quis aquêle Departamento, e, com êle, a própria Faculdade, manifestar o seu reconhecimento, não apenas ao eminente professor que, desde 1938, vem colaborando com a instituição, à frente de uma de suas Cadeiras de Sociologia e nela realizando um trabalho de real valor, no domínio da pesquisa e, na formação e orientação de discípulos, como também ao sociólogo ilustre que, fora do âmbito universitário, tem realizado obra cultural de suma importância, impondo-se à consideração do país como uma das maiores autoridades nos assuntos brasileiros relacionados com a sua especialidade.

Ao vir para o nosso país, em 1938, já era o Prof. Bastide sobejamente conhecido pelos seus trabalhos, particularmente *Les problèmes de la vie mystique* e *Éléments de sociologie religieuse*, ambos publicados na excelente Coleção Armand Colin. O Brasil, país novo, e, como tal, com numerosos problemas de população, todos do mais alto interesse para o sociólogo, constituiu para o Prof. Bastide, nestes catorze anos de permanência no País, um imenso laboratório onde o seu espírito pesquisador pôde sentir-se bem à vontade. De então para cá, todos os campos que poderiam interessar à sua especialidade foram por êle estudados, muitos dos quais como nunca o haviam sido anteriormente. Assim, os problemas de aculturação, de mestiçagem, de influências raciais (com referência ao elemento negro, principalmente), bem como os problemas de estética, de psicologia social, de antropologia cultural e mesmo de crítica literária, forneceram ao eminente professor temas para uma variada e erudita produção cultural, desde artigos em jornais e revistas especializadas, até a publicação de volumes que vieram enriquecer a bibliografia brasileira, no campo das ciências sociais. Entre outros, *Psicanálise do cafuné*, *A poesia negra no Brasil*, *Arte e sociedade*, *Imagens do Nordeste místico* e *Estudos afro-brasileiros* (2 volumes).

Assim, pela obra cultural que realizou no Brasil, dentro e fora da Faculdade a que pertence, e que foi devidamente analisada nos discursos proferidos na cerimônia de outorga do título, e que adiante vão transcritos, fez o Prof. Roger Bastide jus ao mais alto grau honorífico concedido pela Universidade de São Paulo.

É do seguinte teor a proposta apresentada pelo Departamento de Sociologia e Antropologia e aprovada unânimemente pela Congregação, em sessão de 31 de maio de 1951:

“Considerando que o Prof. Roger Bastide, que exerce há mais de dez anos, como professor contratado, o magistério de Sociologia nesta Faculdade, tem prestado os mais relevantes serviços ao ensino superior e, particularmente ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e dos estudos sociológicos, na Universidade de São Paulo:

considerando que o eminente sociólogo francês, em todo êsse período e desde sua investidura no cargo de professor da 1.^a Cadeira de Sociologia, tem servido, com brilho, eficiência e dedicação incomparáveis, à cultura brasileira, não só por suas importantes publicações, em boletins da Faculdade, em revistas científicas e na imprensa, como também pelo grande número de conferências e cursos dados nos principais centros de cultura do país;

considerando que, sôbre estender, além dos muros da Universidade e das fronteiras do Estado, os benefícios de suas atividades culturais e científicas, tem tomado, de preferência, como objeto de seus estudos e de suas pesquisas, assuntos e problemas brasileiros, iniciando as investigações sociológicas, em alguns setores, e dando-lhes, em outros, um impulso vigoroso;

considerando ainda que o insigne professor se impôs, como exemplo, iniciador e guia, ao respeito, à confiança, à amizade e à admiração de professôres e estudantes, pela sua notável competência profissional e científica, pelo alto valor de sua numerosa produção, por sua inteligência compreensiva e humana, por suas nobres qualidades morais e pela amenidade e delicadeza cativantes do seu trato pessoal;

propomos que, em reconhecimento de seus serviços, verdadeiramente notáveis, à cultura nacional, seja conferido pela Universidade de São Paulo ao Prof. Roger Bastide o título de Doutor *honoris causa*, nos têrmos e de acôrdo com o artigo 134 dos Estatutos de Universidade de São Paulo.

São Paulo, 9 de maio de 1951.

(a.) Fernando de Azevedo, Charles Morazé, Egon Schaden, Antônio Cândido de Mello e Sousa, Lourival Gomes Machado, Gilda de Mello e Souza, Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes.”

*

A proposta foi ecaminhada ao Conselho Universitário, que deliberou conceder ao Prof. Roger Bastide essa alta distinção, o que foi feito em sessão solene daquele Conselho, realizada no Salão Nobre de Faculdade de Filosofia, em 7 de novembro de 1951.

Ao conferir ao Prof. Roger Bastide o título em aprêço, o Prof. Antônio Carlos Cardoso, Vice-Reitor da Universidade de São Paulo, proferiu o seguinte discurso:

DISCURSO DO PROF. ANTÔNIO CARLOS CARDOSO

Senhor Professor Doutor Roger Bastide:

O título de doutor “honoris causa” que acabais de receber por proposta da Congregação desta Faculdade e deliberação do Conselho Universitário, constitui o mais eloqüente testemunho de como é julgado o vosso alto mérito e apreciada a vossa brilhante atuação de professor nesta Universidade.

Tal distinção, a mais alta que a Universidade pode conceder, nos termos dos seus estatutos, vos é outorgada em reconhecimento dos relevantes serviços que vindes prestando à instituição, em muitos anos de uma colaboração leal e sincera, pela qual realizais o vosso ideal de dedicação à ciência e ao magistério.

I

Em um de seus diálogos, afirma Cícero que “missão alguma é mais bela e mais nobre que a de ensinar e guiar a mocidade”.

Essa é a missão do mestre. A sua nobreza é transcendente, porque sua ação se exerce sobre o espírito e não sobre a matéria. O seu objetivo é o desenvolvimento da personalidade humana: da criança fazer surgir o adolescente; fazer do moço um homem.

A função social do mestre é civilizar e formar bons cidadãos, conscientes dos seus direitos e deveres cívicos. O mestre é um integrador de valores humanos na coletividade. Daí a importância de sua missão, a sua responsabilidade perante a nação e para com a própria mocidade, sobre a qual repousa o futuro da nação.

O compromisso da docência é grande e nobre, pois é o de dar à juventude as bases de sua ação futura. Por isso é que o trabalho do mestre não representa uma tarefa: é missão de apostolado.

Aquêle que se impõe ou aceita essa missão, o faz porque sente vocação e necessidade de contribuir para o aperfeiçoamento de seu próximo. E porque, num impulso generoso, quer repartir os tesouros da sua inteligência e do seu coração e cooperar para que possa haver um melhor entendimento entre os homens e uma vida mais bela e mais feliz.

E, nesse nobre propósito, o mestre, privilegiadamente, realiza o milagre de poder dar incessantemente, em abundância, sem que fique diminuída a sua riqueza, por ser esta de essência divina, na hierarquia dos valores do espírito sobre os da matéria.

Tal é a lição da sabedoria da Grécia antiga, onde os mestres eram considerados como “formadores de almas”, e que nos é ensinada por um de seus filósofos — Numênio, de Apaméia — nestas palavras de sublime espiritualidade:

“As coisas que, doadas, chegam a quem as recebe, afastando-se do doador, como as riquezas e o dinheiro, essas são coisas mortais e humanas. As divinas são as que, ao serem comunicadas, não passam daqui para ali, mas beneficiam aquêle, sem prejudicar a êste.

Assim é bom o bem; assim é boa a Ciência, que enriquece quem a recebe, sem que fique desapaosado quem a fornece.

Assim tereis visto uma luz, acendida por outra luz, adquirir esplendores sem tirá-los à outra.

Assim é o bem da Ciência, que dada e tomada, fica para quem a dá e existe em quem a recebe.”

II

Bem compreendestes a grandeza e importância da vossa missão de mestre. Pela elevação com que sabeis desempenhá-la, vos afirmastes como expoente da dignidade universitária e vos impusestes à nossa admiração.

Vossa atuação tem sido a do mestre incessantemente apaixonado pelo desejo de superar-se sempre na excelência do seu aperfeiçoamento; a do pesquisador de esclarecida iniciativa e a do guia seguro e prudente.

Assim tendes, com o valor da vossa cultura e a virtude do vosso trabalho, contribuído para o enriquecimento das tradições da instituição a que servis com entusiasmo e idealismo.

Não me aprofundarei na apreciação do valor científico e cultural de vossos trabalhos originais, no setor em que vos especializastes — a Sociologia — e no realce da sua importância sob os seus múltiplos aspectos, filosóficos, religiosos, históricos, psicológicos e literários, que tão alto testemunho são de vossa riqueza intelectual e da vossa capacidade de realização.

A consagração dessa obra e a medida de sua alta valia deverão, por direito, ser feitas por quem tenha igual autoridade. O privilégio de desempenhar essa grata incumbência caberá, por escôlha que não poderia ter sido mais feliz, ao ilustre Professor Fernando de Azevedo, eleito para, nesta cerimônia, expressar-vos as homenagens da Universidade.

Sua palavra, revestida da autoridade de mestre insigne da mesma especialidade, expressão de uma esplendente cultura sociológica e filosófica, na riqueza de seu saber e com o encantamento de um estilo primoroso, nos dará o justo realce ao valor da obra intelectual do ilustre homenageado, nas suas atividades de magistério, de pesquisa e de escritor.

Cumpr-me, entretanto, dizer-vos ainda, Senhor Doutor Roger Bastide, e a vossos ilustres compatriotas, também professores desta Universidade, que vos consideramos como legítimos embaixadores das admiráveis escolas de França, que aqui trazem a própria presença do gênio francês, no esplendor da sua inteligência, na sua aristocracia espiritual, na inspiração do seu pensamento, na universidade de sua cultura e na glória e nobreza de suas tradições.

Atribuimos, assim, a esta cerimônia, um alto sentido de afinidade espiritual e de aproximação de nossas pátrias, através dos vínculos de nossa comum ascendência latina, que se tornam mais íntimos pelo nosso conjunto labor e pelo devotamento ao mesmo ideal de engrandecimento da obra universitária que realizamos.

Manifestando-vos êstes sentimentos de fraternidade espiritual, apresento-vos, Senhor Doutor Roger Bastide, nesta hora feliz e bela, que representa a consagração de vossa brilhante carreira de professor, as homenagens da Universidade de São Paulo.

*

A seguir, falou o Prof. Fernando de Azevedo, em nome da Congregação da Faculdade:

DISCURSO DO PROF. FERNANDO DE AZEVEDO

Para quem conhece, como nós, na intimidade, o Professor Roger Bastide ou com êle conviveu durante anos, num trabalho em comum, não deixa de constituir um certo embaraço o desempenho do gratíssimo encargo que me foi confiado nesta cerimônia, como será, certamente, para o mestre notável, um constrangimento estar presente em assembléia, em que é objeto da atenção e das homenagens de todos. Pela simplicidade de sua vida, calma e arredia, pela doçura de seus costumes, por sua modestia e por essa timidez quase invencível, que o leva a preferir as reuniões de poucos ao encontro com muitos, a naturalidade comunicativa da conversação a tudo que seja solenidade e aparato, o que podia ser, para outros, uma fonte de bem-estar e de íntima satisfação, será, para êle, quase uma violência, pela situação incômoda em que o collocamos, de nos ouvir a nós, pensando em voz alta sôbre sua personalidade eminente e seus grandes merecimentos. Sente-se, por isso, a vontade de começar por lhe pedir desculpas. . . Mas, se é um "castigo" o que lhe infligimos, arrancando-o da solidão e dos estudos, para vir receber as insígnias da mais alta dignidade universitária que se pode conferir a um professor estrangeiro, não é menos certo que êle bem o mereceu, pelos serviços verdadeiramente relevantes que prestou à ciência e à cultura nacional. Não temos nenhuma culpa de se ter êle imposto por tal forma ao respeito e à admiração da Universidade de São Paulo que, por proposta nossa, abraçada por todos, resolveu êste egrégio Conselho conferir-lhe o título de doutor "honoris causa", que, sendo por certo ao seu coração um dos mais agradáveis, entre tantos, conquistados na sua carreira profissional, não honra menos à instituição que lho concedeu. Felizmente, porém, a expansão calorosa de simpatias e a limpidez e a unanimidade de juízos e de sentimentos que emprestam a essa atmosfera, pela qual se irradiam, uma transparência singular, transformaram esta solenidade, pelo só ato de sua presença, numa reunião de família, aconchegada em torno de um de seus membros mais ilustres, para, um dêses colóquios ou seminários, em que é mestre, mas a que comparece desta vez não já

como um orientador, debatedor de idéias ou crítico de teorias, mas para ouvir sem discutir . . .

O professor Roger Bastide, que é um excelente observador e se compraz, voltado para a pesquisa da verdade, na análise objetiva de fatos, é, êle próprio, um “bom assunto”; e tão perto dêle nos sentimos, tão inteirados de suas maneiras de pensar e de agir e participantes de sua vida, que a relação entre o nosso espírito e êsse “objeto” não nos oferece, a nenhum de nós, grandes problemas. Desde 1938, quando foi contratado pela nossa Faculdade para reger uma das Cadeiras de Sociologia, nós o temos tido constantemente sob os olhos, a princípio curiosos e, depois atraídos e edificadas, no trato cotidiano, com uma das mais belas de suas criações artísticas — a de sua própria vida. O que, de fato, se apresenta de mais encantador no mundo, é uma vida retamente modelada de um homem de bem, inspirada por um ideal nobre e generoso e “por essa beleza moral que, nas palavras de Alexis Carrel, aumentando a própria força da inteligência, dá aos que a possuem, como um dom divino, um estranho e inexplicável poder”. Mas essa espécie de vida que não é um “acidente”, mas uma obra de suprema criação, realizou-a o Professor Roger Bastide, pela disciplina ascética com que submeteu o espírito e a ação tanto à realidade das coisas como a êsse sistema de idéias, que é um aspecto importante do “ethos” ou do caráter de cada um e segundo o qual afrontamos a realidade. Êsse homem de pequena estatura, que nos mandou a França, tímido, silencioso e quase arisco, de temperamento igual e trato afável, de olhar vivo e malicioso (êle fala, ri e sorri, afirma ou nega, sobretudo pelos olhos que lhe dominam a expressão), aprendeu a executar as coisas comuns de maneira incomum e a fazer alegremente as coisas sérias, imprimindo a tudo o que toca a marca de sua alta concepção moral de vida. O espírito, para êle, como a Édouard Herriot dizia êsse outro espírito fino e sem maldade, que era seu compatriota Léon Blum, deve ser antes “uma couraça, que resguarda, do que uma espada, que fere”. Alma voltada sôbre si mesma, sem agressividades, inteligência humana e largamente compreensiva, é capaz de se isolar na multidão e participar da vida de um grupo, entrar-lhe na intimidade, sentí-la e vivê-la, sem se deixar dominar por ela e guardando intacta a sua capacidade de observação.

Como em geral os homens que dispõem de qualidades muito superiores, o Professor Bastide não precisou experimentar, para conhecê-los, os inconvenientes de uma vida completamente despojada da solidão, disseminada nos salões, desperdiçada na tagarelice. “Não se vai ao mercado com barras de prata ou de ouro, como lá dizia, com espírito, Chamfort; vai-se com dinheiro e pequenas moedas” . . . Da freqüentação do mundo, que se torna uma tirania, embora habitualmente de bom tom, mas que exclui tôda originalidade, da conversação que tem sua uniformidade como a moda e em que tantos talentos se malbaratam, conseguiu libertar-se, menos pela natureza de sua profissão, intelectual e científica, do que por sua timidez, pelo seu horror ao frívolo e ao banal e por seu amor à solidão e ao trabalho. Falando pouco, gostando mais de

escrever do que de falar, pode-se dizer dêle o que Anatole France dizia do irmãos de Goncourt: "todos os seus sentimentos, tôdas as suas idéias, tôdas as suas sensações rematam em livro. Vivem para escrever." É na pesquisa, no ensino e no livro que êle tira sua grande desforra. Não é que não se anime, às vêzes, na conversação. Mas, se adquire vivacidade e colorido é sempre uma palestra armada para uma "troca de idéias", cujo choque é menos nocivo e freqüentemente mais fecundo, quando se estabelece entre pessoas que têm o mesmo interêsse e os mesmos propósitos, antes a vontade de compreender do que a preocupação de julgar, e que, por isso, não é possível senão num clima de tolerância liberal e de mútua compreensão. Em todo caso, o que surge, nessas reuniões entre mestres e discípulos, entre companheiros de trabalho ou entre especialistas, é antes um dos aspectos do professor, no seu esforço de análise, de crítica e de reflexão. Nesses momentos, mais raros, em que quebra sua habitual reserva, quando se lhe conquistou a confiança e a forma recebeu o espírito que deve penetrá-la, nada é constrangimento, tudo, então, é vida, compreensão, alegria, no ensino, no planejamento de uma pesquisa, ou no debate de idéias, em tôda e qualquer espécie de trabalho ligado, desta ou daquela forma, às suas atividades profissionais ou científicas.

É que o trabalho, para o Professor Bastide, não é esforço para encher o vazio ou cumprir uma missão, não é uma pena ou o inimigo de seu repouso, nem jugo ou fardo, mas o impulso de uma necessidade interior, dádiva de si mesmo, plenitude de vida, uma atividade, enfim, em cujo exercício, enquanto o espírito se aplica e o corpo se fatiga, encontra êle êsse consôlo e prazer que são uma fonte inesgotável de energias. Se é certo que, pela sua própria formação filosófica e moral, não considera o trabalho, que é obra de razão e de vontade, como um fim em si ou um absoluto — e seria mesmo ingênuo admitir que o homem trabalhe como a planta que floresce ou o pássaro que canta — não é menos exato que o que torna a tarefa menos penosa e mais agradável, não é tanto o trabalho em si mesmo, quanto a disposição de espírito que se leva e lhe imprime a marca indelével. A aceitação plena, o bom humor, e o espírito esportivo de quem trabalha, como o Professor Roger Bastide, com a paixão da bela obra, tão bela quanto útil, é que o fazem experimentar a alegria talvez áspera do esforço, a alegria severa do serviço prestado, além de prepará-lo para se dedicar a essa outra, íntima e pacífica, que é a contemplação, e dispô-lo a acolher a mais rara de tôdas — a alegria, recolhida e mais gratuita, que é a da descoberta, a da meditação e a do repouso. Se considerarmos, de fato, que, em 13 anos de permanência no Brasil, o ilustre professor escreveu 11 livros, publicou 84 artigos, em revistas nacionais e estrangeiras, e 436 em jornais, e proferiu 44 conferências sobre Sociologia, Crítica, Arte e Literatura, não só espanta a extraordinária atividade dêsse trabalhador incansável como se chega a ter a impressão de que êle produz livros e ensaios como um macieira produz maçãs... De fato, o Professor Bastide trabalha, sem cansar os outros, e de tal modo, com tanta naturalidade, fecundidade e eficácia, desdobrando-se em viagens e excursões, pesquisas e inquéritos, conferências, estudos e livros,

que se diria ser trabalho para êle, tudo o que não seja escrever e produzir. "Perdoe-me ter custado tanto a responder à sua carta, dizia Paul Vialar a um de seus correspondentes, mas é que só trabalho aos domingos". E acrescentava, como podia acrescentar Roger Bastide "Nos outros dias, eu escrevo".

Nesse trabalho, porém, em que se associa a contemplação à ação e que tem qualquer coisa de monástico (à fôrça talvez de lidar com problemas religiosos...), o que mais profundamente impressiona (se o examinarmos com maior atenção), não é a quantidade mas a qualidade de seus produtos. "Aquêle que será maior dentre vós, reza o Evangelho de São Mateus, será aquêle que serve" (Mateus, XX, 26). E, como ninguém serviu mais do que êle, tanto pelo número como pelo alto nível de suas produções, é certamente, sagrado pelas escrituras, um dos maiores dentre nós. Escritor fecundo, de uma penetração delicada e segura, de macia claridade e de tão simples elegância, realizou, em todos os seus livros científicos ou literários, desde "Les problèmes de la vie mystique" (1931) até "Sociologie et psychanalyse" (1950), desde a "Psicologia do Cafuné" (1941) até os "Estudos afro-brasileiros" (1951), aquela mesma obra de unidade, coerência e limpidez com que construiu sua própria vida, fazendo dela um testemunho de serenidade, compreensão e modestia, que deve servir de lição e exemplo para o mundo universitário. A prática da psicanálise parece ter criado nele, peça por peça, todo um estado psicanalítico: ensinando-lhe que dons grandes demais constituem, às vêzes, uma maldição íntima, ela o persuadiu de que é preciso temê-los... A disciplina que teve o poder de impor à sua vida, impôs, por isso, aos seus estudos, à sua arte, e à sua ciência. Em obra como essa, tão nítida, tão firme e tão agradável quanto substanciosa, nutrida de idéias e de fatos — obra de uma inteligência lúcida, de um tom austero e de um gôsto já vizinho da pureza, o que encontra, aqui, é uma sabedoria doce, maliciosa e sólida, ali, são comentários precisos e lapidares sôbre arte, literatura, e, em seus trabalhos de maior fôlego, são reflexões altamente sugestivas sôbre fatos ou análises finas e penetrantes de teorias. Nada de ênfase, nem de desenvolvimentos ociosos, nem de violências aparentes. Tudo fino, medido e equilibrado, num estilo fluente, natural, que não deixa ao leitor nenhuma parte do trabalho que compete ao autor para se tornar claro e acessível. Se não ama o brilhante e o sonoro, nem os contrastes e os paradoxos, não ama igualmente a secura e a aridez a que poderia levá-lo o rigor de seus métodos, mas contra a qual se imunizou pela sua delicada sensibilidade artística. Não há nada que êle conte ou exponha ou discuta sem alguma emoção. E sua ironia, suave ela mesma, parece brotar de uma simpatia humana conservada secreta no fundo de tôdas as suas críticas e idéias.

Mas o fino e amável escritor, da eminência de cujo talento se tem desdobrado uma série numerosa e brilhante de ensaios, e grande parte de cuja carreira se desenvolveu em São Paulo, em nossa Universidade, é, antes de tudo, como sabeis, um sociólogo e um sociólogo de profissão. Discípulo e amigo de Gaston Richard — o sábio professor da Universi-

dade de Bordeaux, que colaborou com Durkheim e se tornou, depois de 1907 "um ardente adversário das teorias da Escola e chefe de uma das correntes do pensamento sociológico na França, pôde o Professor Roger Bastide, pela sagacidade de seu espírito crítico, equilibrar-se entre os dois movimentos de idéias, extraíndo de cada um os elementos conceituais e metodológicos mais adequados ao seu ponto de vista, para a construção teórica, sólida e harmoniosa, que devia presidir à base e como diretriz de suas investigações científicas. Das influências de Gabriel Tarde e de Gaston Richard, imbuído do criticismo filosófico, guarda êsse interêsse, que até hoje perdura, pela explicação psicológica e por essas análises psico-sociais, que participam a um tempo das duas ciências fronteiriças, e a Émile Durkheim tomou o gôsto pelas explicações morfológicas e estatísticas, a prática dos métodos objetivos e a tendência à delimitação precisa dos campos de pesquisa. O próprio interêsse que dedicou à Sociologia religiosa, contra a qual investia Gaston Richard, considerando-a "la branche maitresse de l'Année Sociologique", e em que se concentrara a sua atenção, de 1931 a 1935, com a publicação de seus primeiros trabalhos, e daí por diante, veio-lhe, como êle mesmo o reconhece, da leitura de Durkheim, do eminente sábio francês que deu forma verdadeiramente científica à Sociologia. Em tôda a sua obra, no domínio de nossa ciência, verifica-se que o Professor Roger Bastide, espírito prudente e seguro, procurou sempre afastar-se da "atmosfera de batalha" em que a Sociologia se debateu, na fase agitada de sua formação, para trabalhar, investigar e construir, serenamente, pertinazmente, nos domínios em que se especializou. Em vez de discutir, pôs mãos à obra e começou a cultivar o seu campo. Rompendo decisivamente contra os que ainda se obstinavam a fazer da Sociologia uma constrangida viagem da ciência, entre os gilvazes de uma face dilacerada pela disputa de escolas e retalhada de duelos, esforçou-se por lhe dar uma fisionomia íntegra e severa, sem passar pela polêmica e pelos debates sôbre velhas questões já ultrapassadas pelo desenvolvimento da Sociologia, em sua forma científica. Jovem cirurgião da Sociologia renovada, ainda no início de sua carreira e a exemplo de outros, acabou, numa operação feliz, por arrancar da Filosofia, a Sociologia, para transportá-la ao terreno das pesquisas de campo e das investigações metòdicamente conduzidas.

Quando, porém, retomou, sob a inspiração da obra de Durkheim, a Sociologia religiosa, não foi, certamente, para repetir as idéias do famoso criador de Escola e estimulador de vocações, mas, para re-examiná-las e submetê-las a uma crítica rigorosa, focalizando o problema religioso de outros ângulos de observação. Tendo reparado que, longe de a religião surgir da exaltação coletiva, como afirmava Durkheim, a exaltação religiosa era, ao contrário, sempre controlada pela sociedade, pôs-se desde logo a estudar o problema das relações entre as estruturas sociais e o mundo dos valores coletivos (em particular do "sagrado"), e já se dispunha a estudar êsse problema, tendo como centro o misticismo cristão do século XII ao século XV, quando Georges Dumas lhe

propôs sua vinda ao Brasil, para professar cursos na Faculdade de Filosofia de São Paulo. Mas êsse convite, que nos deu a honra de aceitar, não iria desviá-lo dos estudos de sua predileção. O Professor Roger Bastide, como êle o confessa, viu, justamente, nessa proposta, a possibilidade de analisar “as relações entre a estrutura social e o misticismo dos negros do candomblé, a passagem da estrutura social africana à estrutura escravagista, e à nova estrutura social depois da Abolição, e a influência dessas modificações de estruturas sôbre os valores místicos do negro brasileiro.” As suas observações e a sua experiência, que o levaram, no campo dos estudos da religião, a não separar os dados da Sociologia dos da Psicologia, o conduziram lógicamente, dentro de sua formação inicial, a êsses “domínios-limites, a essas fronteiras móveis entre as ciências”, entre a Sociologia e a Psicologia, em geral, na França; e, depois de sua vinda ao Brasil, entre a Sociologia e a Psicanálise, entre a Sociologia e a Psiquiatria, entre a Literatura e a Arte, de um lado, e a nossa ciência, de outro. Onde havia de concentrar, e efetivamente concentrou, seus estudos e suas pesquisas, ao longo de sua carreira científica, foi, pois, tanto sôbre as relações entre as estruturas sociais e os valores religiosos, como sôbre essas zonas-limites, zonas flutuantes e fecundas, em que costumam surgir problemas novos no choque e no atrito entre duas ciências, e ainda, em consequência, sôbre a personalidade, centro de convergência do biológico e do social, a ação do grupo sôbre a personalidade normal e, particularmente, sôbre os distúrbios psíquicos, causados pelas desordens sociais ou, por outras palavras, as influências da desorganização social sôbre as perturbações da personalidade.

Tôda a sua obra, de uma lucidez e precisão admiráveis, acusa, como se vê, a evolução de um espírito, voltado continuamente à pesquisa, de uma penetração cada vez mais profunda e de uma melhor explicação da formação, desenvolvimento e crises da personalidade, como dos fatos e problemas religiosos. Nessas análises sugestivas e cheias de observações originais, palpita, à luz de idéias diretrizes e teorias subjacentes, o cuidado constante da objetividade em tôdas as pesquisas que empreendeu, e que, trazendo fatos positivos escrupulosamente observados, opõem, aos conceitos imaginativos e a generalizações apressadas, o testemunho de experiências precisas. Espírito exato e positivo, êle está sempre atento em separar as falsas obscuridades, (evitando, como queria Nietzsche, “turvar as águas para dar a impressão de que são profundas”), como as aparências enganadoras das explicações muito simples e claras de mais. . . Se a René Descartes, senhor du Parron, “ce cavalier français qui partit d’un si bon pas”, como disse Charles Régny, tomou o racionalismo, a dúvida metódica, a nitidez e a clareza, trouxe também, para seus estudos, não a inquietação religiosa de Pascal, mas o sentimento das contradições e o cuidado de eliminá-las, aliando o pensamento cartesiano, que permanecia ainda apologético, ao do pensador angustiado e cético, a quem ficou reservado apanhar e resolver as contradições da vida burguesa e que foi um dos fundadores da Dialética, na Filosofia moderna. Mas,

êsse racionalismo, que está no fundo de sua obra, corrigiu-o e temperou-o o Professor Roger Bastide, como êle mesmo o reconhece, não só nos encontros repetidos com a realidade múltipla e complexa, mas também pelo contacto com a Sociologia norte-americana que teve mais facilidades de estudar no Brasil, e que lhe reforçou "o gôsto pelas pesquisas práticas, pela elaboração das técnicas, e contrabalançou, por essa forma, o racionalismo que é sempre, devido à sua formação filosófica, a tentação de um sociólogo francês." Em seus livros, não só os de Sociologia teórica como nos de Sociologia concreta, êle aplica, por isso, um duplo método — aquêle que se poderia chamar socrático, neste sentido que é um processo de análise e de destruição dialética — e consiste numa crítica das idéias à luz dos fatos, numa definição ou esclarecimento, por via de depuração e eliminação; e o outro, que consiste em uma justificação de suas concepções e de seus pontos de vista pessoais, alargados, completados ou retificados em estudos e investigações anteriores.

Mas êsse sociólogo, que tem o sentido extremamente vivo da "totalidade solidária" ou das íntimas conexões dos fatos sociais e que não só aprendeu a ver, a mais longa aprendizagem de tôdas as artes — mas se dispôs a aplicar seus conhecimentos, sua perspicácia e suas técnicas de observação em pesquisas saturadas de problemas concretos, escolheu, para campo dileto de suas investigações, alguns dos mais interessantes setores de nossa paisagem social. Francês, tornou-se cidadão de uma nova pátria, sem precisar perder a de nascimento, pelos serviços notáveis que prestou ao Brasil, no domínio de sua especialidade, não só cooperando para o desenvolvimento do ensino e dos estudos sociológicos do País, como pela atenção vigilante que deu aos fatos e problemas brasileiros, intensificando e alargando pesquisas, em setores já trabalhados, e anexando ao vasto domínio dos estudos sociológicos, territórios inexplorados. É preciso louvar-lhe o esforço precursor em vários dêsses domínios, a que êle trouxe uma contribuição de primeira ordem, percorrendo, à procura de material, o nosso País, em numerosas viagens e excursões, de Pôrto Alegre a São Luís do Maranhão, e publicando, no Brasil, sôbre assuntos brasileiros, 11 de seus 13 volumes já editados. Os pioneiros da ciência (para empregar a comparação de Turguenieff, citado por Robert Lowie) "começam por aflorar ligeiramente o solo virgem com o alvião e é sômente mais tarde que nele a charrua penetra profundamente." Em uns setores, foi o Prof. Bastide, o alvião que desbravou; em outros, a charrua que revolveu o campo de investigação. Ensinando, viajando e pesquisando, produzindo e escrevendo, sem desfalecimentos e com uma segurança jamais amortecida pelas fadigas, pôde o Professor Bastide colaborar, como poucos, no setor de suas atividades, por transformar a nossa jovem Faculdade não sômente em uma das instituições mais produtivas e eficazes do sistema universitário, mas ainda em um dos maiores senão o maior centro de estudos e pesquisas sociológicas no País. No trabalho a que se consagrou, entre nós, e que se exprime em obras como a "Psicologia do Cafuné" e "Ensaio de Sociologia estética brasi-

leira" (1941), "A poesia afro-brasileira" (1944), "Imagens do Nordeste místico, em branco e preto" (1945), e em "Estudos afro-brasileiros" (1951) observam-se aquela mesma clareza e probidade, aquêles mesmo horror às idéias vagas, às temeridades intelectuais e à improvisação, aquela mesma perspicácia eminente, aquela mesma aspiração sincera para a objetividade e exatidão, que denunciavam, desde os primeiros livros, a grande simplicidade, lucidez, penetração e segurança da marcha do seu espírito e de suas atividades científicas.

Certamente, as direções do pensamento que já tinha definido e assentado na França, êle as continuou no Brasil, mas alargando-as, quer pelo refôrço que trouxeram ao seu gôsto da pesquisa os contactos com a Sociologia norte-americana e suas tendências, tornando-lhe mais lúcido o seu "tour d'horizon", quer pelo estudo dos negros do Brasil, em que encontrou o problema das relações entre as estruturas sociais e os valores religiosos, complicado pelo dos contactos das civilizações. Foi, por isso, levado, segundo seu próprio testemunho, a preocupar-se mais vivamente com o problema da aculturação, que já tinha abordado em França, nos seus estudos sôbre os imigrantes armênios, mas que só no Brasil, diante dos contactos complexos, mais freqüentes e intensos, de raças e culturas, se tornou um dos objetos essenciais de suas preocupações científicas. De fato, foi o Brasil que o conduziu, como êle se compraz em reconhecê-lo, "a complicar o esquema primitivo (influência recíproca entre as estruturas sociais e a religião) e, por conseguinte, a se aprofundar cada vez mais na Sociologia teórica, no estudos dos melhores conceitos para aprender o real, sem nada perder de sua riqueza concreta". Daí, entre outros trabalhos, a sua "Introduction à l'étude des interpénétrations de civilisations", que publicou ainda recentemente (1950), no Centro Internacional de Sociologia, e em que, trazendo contribuição importante ao estudo das relações entre culturas e civilizações, é um convite poderoso para repensar êsses problemas em face e à luz de novas observações, no vasto laboratório dos países americanos. Dispondo, porém, de eficazes instrumentos de pesquisa, de grande erudição sociológica, histórica e artística, como de notável acervo de informação objetiva para abordar outros problemas, não pôde resistir, como confessa, à sedução que sôbre êle exerceu a terra brasileira, mantendo-se o mais possível no quadro de suas pesquisas fundamentais. Não foi, pois, sem prazer para êle e proveito para nós, que se dispôs, por vêzes, e um pouco ao gôsto brasileiro, a "faire l'école buissonnière" e a abordar, sob a sugestão de estímulos de leituras e viagens, outros temas, como o estudo da literatura brasileira, o do barroco colonial e o do folclore, domínios que oferecem ao investigador tanto poder de atração e tantas fontes de encantamento, e nos quais se moveu naturalmente, sem esfôrço, como em elemento próprio.

Professor Roger Bastide:

Por tudo isso, por vossa vida, bela e fecunda, por vossas atividades, no ensino e na pesquisa, e por vossas publicações em que nos agradou sentir sempre tão viva a presença do Brasil, não só como objeto de es-

tudos especiais, como pelo calor do coração, recebeis, hoje, das mãos do sr. Reitor da Universidade de São Paulo, o título de doutor “honoris causa”, que vos conferiu o Conselho Universitário. O que à vossa obra de sociólogo e escritor, tão fortemente marcada por qualidades de primeira ordem, imprime um relêvo singular e lhe deu uma projeção fora do comum, em nossos meios culturais, é, com a vossa capacidade de unir, num só amor, a pátria e a humanidade, as letras e as ciências, a especulação e a pesquisa, a teoria e a prática, êsse sentido profundamente humano, manifesto, ainda, no milagre que realizastes, de criar a emoção, guardando intacta a consciência profissional e de vos manterdes um homem de ciência, no rigor da palavra, mas sempre em estado de graça, pela arte e pela sensibilidade, ou, mais brevemente, pelo espírito de finura. Já o nomeei, só com definí-lo: o espírito da cultura francesa de que sois, entre nós, um dos mais altos representantes, e cuja herança recolhestes, não para conservá-la intacta, como uma tradição ilustre, ameaçada de perecer, numa época de obscuridades, incertezas e negações, mas como uma fôrça viva que, segundo o mostrastes, pode renovar-se, e retemperando-se em outras fontes, é capaz ainda de promover e fecundar uma grande obra de renovação espiritual. Se de vossa vida e de vossos trabalhos jamais se ausentou a terra que vos acolheu, e para a qual sempre tivestes voltados o coração e o pensamento, nunca desertou o espírito de França — espírito de medida, equilíbrio e harmonia, que, na sua humanidade compreensiva, vos concedeu a fortuna de abranger, no mesmo abraço, as duas pátrias, servindo com fidelidade e devoção a ambas as culturas, já tão intimamente ligadas no decurso de nossa história. Permitti-me, pois, que, saudando-vos, em nome da Universidade de São Paulo, nesta assembléia augusta, em que não se projetam sombras de prevenções e malquerenças, mas irradia por tôda a parte a luz viva e quente da simpatia e solidariedade humana, o meu pensamento se transporte à nobre missão francesa, de que fazeis parte, e a que devemos uma colaboração inestimável, e à vossa grande nação, ainda mal curada de suas feridas, mas intacta nas suas fôrças vivas e na sua irradiação intelectual — essa “França civilizadora, por excelência, do mundo moderno, como escreveu o nosso Rui, pátria do gôsto, da beleza, do entusiasmo e da generosidade, mãe espiritual do mundo latino.”

*

Finalmente, o Prof. Roger Bastide agradeceu a alta distinção de que foi alvo, pronunciando a seguinte oração:

DISCURSO DO PROF. ROGER BASTIDE

Para quem quer que seja que se tenha ligado, da mesma forma que eu, não só intelectualmente, mas também afetivamente, ao Brasil e ao Estado de São Paulo; para quem quer que tenha vivido, como eu o tenho, a vida da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, prática-

mente desde seus primeiros passos até a vitória definitiva; para quem quer que tenha procurado dar o melhor de si mesmo, em sua tarefa de professor contratado, a serviço da juventude brasileira, um dia como o de hoje reveste-se de uma importância excepcional: êle consolida, simbolicamente, por intermédio do título de doutor "honoris causa", os laços que me unem a São Paulo e à sua Universidade. Não é também sem emoção que recebo das mãos de nosso eminente Reitor êste sinal de honra, porque êste título é para mim bem mais do que um título honorífico, é um gesto de amizade que me torna membro, para sempre, de uma Universidade que me é cara e, por intermédio dela, é também à própria comunidade brasileira que, a partir de hoje, eu me sinto fraternalmente incorporado.

Permitir-me-eis juntar aos agradecimentos pessoais que vos faço, Senhor Reitor, os agradecimentos que quero endereçar também aos membros do Conselho Universitário, ao Senhor Diretor da Faculdade de Filosofia e a todos os meus colegas de Congregação. Porque o título, que hoje recebo de vossas mãos, tem uma história em todos os lugares onde meu nome foi pronunciado, em função desta distinção; desde o Departamento de Sociologia até vós, foi sempre para cristalizar, em tôrno da Missão Universitária Francesa junto à Faculdade de Filosofia, os mais comovidos testemunhos de uma unânime afeição. A gentileza brasileira é célebre no mundo inteiro, mas nunca se sabe de que requintes ela é capaz e um dêstes requintes de gentileza é justamente ter escolhido, para saudar-me hoje, um dos mais prestigiosos vultos da Sociologia contemporânea, ao mesmo tempo que uma das mais amadas figuras de nossa Universidade, o Professor Fernando de Azevedo, cuja amizade é para mim uma honra. Mas como encontrar a expressão adequada para dizer-lhe aqui de tôda a minha gratidão, pelas palavras que acaba de pronunciar?

Recebendo o título de doutor "honoris causa", não posso deixar de evocar êstes treze últimos anos de minha vida, passados a vosso lado, convosco trabalhando, a participar, tanto dos esforços, quanto das realizações do Departamento de Sociologia. Tivestes a bondade de aludir a meu trabalho; mas como não trabalhar neste ambiente de mútua compreensão, de amistosa cooperação e de entusiasmo pela ciência, ambiente que caracteriza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras? Êste Instituto Universitário é, nesta laboriosa cidade, uma verdadeira cooperativa de produção intelectual, onde o trabalho, mesmo quando aparece, a olhos desprevenidos, como trabalho individual, na realidade é sempre um trabalho coletivo. E isso porque o trabalho alheio nos impele para a frente e, além disso, porque se sabe que cada um, em tôrno de vós, contribui com sua pedra lavrada com paciência e amor, para a edificação da ciência. Como não se sentir, então, orgulhoso de ser um dêstes trabalhadores, solidário com todos os outros, voltado para a mesma tarefa dêles, participando da mesma alegria criadora? Sem dúvida, a ciência exige cada vez mais a especialização. Entretanto, é justamente pelo fato de sermos obrigados a escolher um reduzido

domínio a explorar em um vasto conjunto, que se impõe, da maneira mais urgente, a necessidade do trabalho em cooperação. A Faculdade de Filosofia, permitindo-nos encontrar, ao lado do sociólogo, o geógrafo, o historiador, o filósofo, o biólogo, torna possível êste contínuo intercâmbio de idéias, estas discussões e êstes contactos, nos quais cada um se enriquece com tôda a experiência dos outros. Permitir-me-eis, então — meu caro colega e amigo — transmitir a homenagem que quisesse prestar a meu trabalho, a quem de direito: isto é, a êste clima de liberdade espiritual e de amistosa cooperação que reina em nossa Universidade.

Chamado, em 1938, para ensinar Sociologia nesta Faculdade, por todos fui recebido como um amigo. E, sem dúvida, os deveres do ensino obrigavam-me a dedicar-me, antes de tudo, a meus alunos, mas a amizade que eu encontrara era, para mim, o melhor estímulo para consagrar ao estudo todos os meus lazes, a fim de tornar-me, a vosso lado, um dos trabalhadores da Sociologia Brasileira. Aliás, seria um erro pensar que a pesquisa seja um obstáculo ao ensino: pelo contrário a pesquisa fornece, sem cessar nova seiva aos cursos professados, da mesma forma que o ensino permite dar à pesquisa o aparelhamento conceitual, sem o qual ela não é senão uma vã sociografia. Eu seria, então levado a debruçar-me sôbre as realidades sociais brasileiras, e, assim, ia desvendar-se, diante de mim, o mais sedutor dos mundos, do qual eu devia sentir depressa o feitiço.

Outros falarão, melhor do que eu, do encanto da terra brasileira, do esplendor de seu céu estrelado, da tepidez das noites tropicais, enristecidas pelos lamentos dos violões, do farfalhar como que sagrado das florestas ou da beleza vertical de São Paulo, a cidade das mil metamorfoses. A Sociologia permitiu-me conhecer e amar o povo brasileiro, com o qual vivo em permanente contacto. Povo fraternal, povo cordial, todos o sabem. Mas, o que não se diz com freqüência — porque se confunde poesia com preguiça, sonho com ociosidade, enquanto êles não são senão o adôrno de um repouso justo — povo trabalhador, povo obstinado, povo construtor de sua própria grandeza. Tenho convivido com os negros do nordeste, aquêles que penam nos portos e dançam à noite, nos "candomblés", para os deuses ancestrais, da mesma forma que com os camponeses do sul, unidos aos imigrantes, nas fazendas de café ou de algodão. Sem esquecer os industriais, os intelectuais, os operários e até os mais miseráveis entre os habitantes de São Paulo. Ah! Quando se conhece êste povo do Brasil, como não amá-lo, como não ligar-se a êle? Posso mesmo dizer que se meus livros sôbre o Brasil valem alguma coisa, é na medida em que são um canto de amor à terra e aos homens dêste País.

Mas tenho tentado também, porque o presente se explica pelo passado, e a fim de melhor compreender o Brasil, penetrar na história desta terra e dêste povo. Visitei as igrejas barrocas, com suas riquezas de ouro e de azulejo, ornadas de estátuas preciosas, assim como visitei as igrejas jesuítas do sul, mais modestas, mas nem por isso menos

fascinantes. Mas a igreja não é senão uma cristalização do passado, e o desejo de comunicar-me, mais profundamente, com a alma de vosso País, levou-me a procurar, nos livros, particularmente nos versos dos poetas, um pouco do frêmito desse passado incomparável. Machado de Assis foi, para mim, como um introdutor aos salões do fim do Império, às suas graves futilidades e aos seus graciosos amores. Castro Alves conduziu-me pelos teatros e pelos grupos de estudantes, lutando apaixonadamente pela sua mais querida amante, a liberdade. Sonhei com os arcádicos de Minas, que misturaram as flautas de Teócrito com longos gritos de agonia do difamado Tiradentes. Frequentemente, também, debruçado sobre estas cartas do Brasil, que me proporcionaram tantas imaginárias aventuras, segui com o olhar a marcha destes gigantes de São Paulo, que à procura das pedras verdes, entregaram, finalmente, a Portugal um mundo todo para colonizar e cristianizar. Depositava-se, assim, no fundo de meu ser, graças às leituras ou às viagens, um rico sedimento de pedras preciosas, com o fulgor de pepitas de ouro, o tradicional Brasil dos bandeirantes ou das casas grandes, a fim de que, sobre esta terra espiritual, se pudessem celebrar, no calor de uma festa íntima, os esponsais místicos de um francês com o Brasil.

Se, como vós o dissestes com razão, meu trabalho não se aparta da alegria, é porque esta progressiva descoberta do Brasil, por meio da pesquisa sociológica, oferecendo-me a cada passo belezas novas e novas razões de encanto, esta descoberta permanecerá, para mim, como uma das maiores alegrias da vida.

O passado, entretanto, não deve fazer-nos esquecer o futuro. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi fundada para renovar o ensino secundário no Estado, transformando os antigos métodos de educação, apoiados na memória, para substituí-los por novos métodos que pudessem, antes de tudo, despertar as inteligências e suscitar a curiosidade intelectual da juventude. Ela foi criada, também, para incentivar o gosto da pesquisa científica, objetiva e desinteressada. Ninguém pode duvidar que tenha ela preenchido com êxito esta dupla função, graças ao espírito de trabalho e de sacrifício de todos aqueles que nela ensinam, desde o assistente até o professor catedrático. Eu vos agradeço a boa vontade demonstrada, ao receber-nos, a meus colegas franceses e a mim, em amistosa igualdade, em vosso convívio, para a realização desta grande e nobre missão. Já recebemos a recompensa: a de ver, nos dias que correm, a maior parte de nossos antigos alunos ocupar, em todos os lugares, tanto na administração quanto no ensino, na pesquisa científica como no magistério, alguns dos postos mais elevados, continuando neles o espírito da Faculdade. Posso, aqui, prestar testemunho de que os alunos que se apresentam aos exames vestibulares de nossa Faculdade, desde que tenham acompanhado, nos ginásios, colégios ou escolas normais, os cursos de nossos antigos alunos, revelam tal maturidade de espírito e tais qualidades de método, que fazem a maior das honras aos jovens professores que temos formado, e que, por sua vez, os formaram. Mas, outra

de nossas alegrias, e que não é a menor, é a de receber, de nossos antigos alunos, os livros que êles escreveram após deixar os bancos da Universidade, e que os colocam, desde já, entre a elite intelectual. Nosso maior orgulho é essa juventude, entusiasta e sincera, que fará, no amanhã, a glória de sua Pátria. Nosso maior orgulho é o de sonhar que, por intermédio dessa juventude, seremos também obreiros da grandeza dêste País. Nossos estudantes são mais do que alunos: êles se tornaram nossos amigos, e posso assegurar-lhes que a melhor maneira que têm de agradecer-nos é a de trabalhar, amanhã, por seu apostolado magisterial e por suas obras, para a irradiação intelectual do Brasil no mundo. É-me sobretudo agradável imaginar, para não falar senão do Departamento de Sociologia, que um Florestan Fernandes, um Antônio Cândido, um Egon Schaden, uma Gilda de Melo e Sousa e outros, continuarão o sulco que começamos a cavar e ocuparão, no mundo científico um lugar de honra.

Vós tivestes a boa vontade, meu caro colega e amigo, de associar, não só a missão universitária francesa, mas também meu País, a esta solenidade, pelo que eu vos fico reconhecido. O título de doutor "honoris causa", que acabo de receber, distinguiu um filho de França, sendo assim uma nova manifestação desta amizade que une tradicionalmente nossos dois Países. Certamente, a ciência é internacional, mas os sábios têm uma pátria, isto é, trabalham moldados por um certo espírito. O que faz a força dos laços que ligam o Brasil à França, é o fato de os sábios dêstes dois países não separarem o culto da verdade, da veneração pela fraternidade humana, a pesquisa científica, do sentimento dos valores morais. Uma amizade que repousa sobre semelhantes bases, permite a mais fecunda das cooperações. Acreditai que, na medida do possível, ao regressar para a França, não deixarei de trabalhar, fazendo-me o mensageiro e o propagandista da cultura brasileira entre os franceses.



XII - Atividades das Cadeiras e Departamentos (★)

(*) Esta parte é constituída pelos relatórios enviados pelos Senhores Professôres, que aqui foram transcritos, apenas com as modificações indispensáveis à unidade e disposição regular da matéria.



ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO COMPARADA

Professor: J. Querino Ribeiro.

Assistente: Maria José Garcia.

Assistente Substituto: Carlos Corrêa Mascaro.

Auxiliar de Ensino: Maria de Lourdes Machado.

Auxiliar Técnica: Vera Maria Fontana Beltrão.

*

Cursos

a) três de Administração Escolar, sendo: um para o 2.º ano da Secção de Pedagogia e para os alunos de 4.º ano que, não sendo desta Secção, escolheram a disciplina como uma das matérias subsidiárias; um para o 3.º ano de Pedagogia e um para o 2.º ano do Curso de Especialização em Administração Escolar.

b) dois de Educação Comparada, sendo: — um para o 3.º ano da Secção de Pedagogia e para os alunos de 4.º ano que, não sendo desta Secção, escolheram a disciplina como uma das matérias subsidiárias, e outro para o 2.º ano do Curso de Especialização em Administração Escolar.

c) um de Orientação Educacional, para o 2.º ano do Curso de Especialização em Administração Escolar.

d) um de Legislação Escolar, para o 2.º ano de Pedagogia e para os alunos de 4.º ano que, não sendo desta Secção, escolheram Administração Escolar como uma das disciplinas subsidiárias.

Visitas

Os alunos foram levados a visitar as seguintes instituições: — Colégio Adventista Brasileiro, em Santo Amaro; Assembléia Legislativa do Estado e a administração e instalações da Fábrica de Biscoitos Aimoré.

Biblioteca

A biblioteca especializada da Cadeira possui 187 volumes próprios e 100 volumes da biblioteca particular do Professor, que os pôs à disposição dos alunos, para consulta. Recebe, além de publicações não periódicas do Ministério da Educação, do DASP, do IBGE, da UNESCO e

de vários países, mais as seguintes: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, *Boletim da Comissão Brasileiro-americana de Educação Industrial*, *Documentário do Ensino*, da Editôra do Brasil S. A., *Atualidades Pedagógicas*, da Companhia Editôra Nacional, *Revista de Organização Científica do IDORT*, *Boletim do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda*, *Jus Documentação* do Ministério da Justiça, *Boletim da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e Educação*, órgão do Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

Pesquisas

Em processo de revisão estatística, para redação final: —

- a) — Estudo sôbre o concurso de ingresso no magistério secundário e normal de São Paulo, em 1949.
- b) — Estudo sôbre as matrículas desta Faculdade, de sua fundação a 1951.
- c) — Estudo sôbre as condições gerais dos municípios de São Paulo, como base à distribuição de escolas públicas.

Trabalhos publicados

- J. Querino Ribeiro, “A propósito do problema da remuneração dos professôres dos cursos médios”, *O Estado de São Paulo*, 22 de maio de 1951.
- J. Querino Ribeiro, “Planejamento escolar”, *Revista de Educação*, Departamento de Educação do Estado de São Paulo, junho de 1951.
- J. Querino Ribeiro, “Política e Educação”, palestra pronunciada no Forum de Debates Educacionais e publicada na *Fôlha da Manhã*, 4 de outubro de 1951.
- Carlos Corrêa Mascaro, “Delegacias de ensino”, estudo crítico da divisão administrativa do ensino primário no Estado de São Paulo, publicado em série de artigos no *Jornal de Notícias*, de agosto a novembro de 1951.
- Carlos Corrêa Mascaro, “O Plano Quadriental do Govêrno na Secretaria da Educação”, palestra realizada no Forum de Debates Educacionais e publicado, em resumo, na *Fôlha da Manhã*, de agosto de 1951.

Atividades não docentes e em comissões

Além de diversas incumbências que lhe foram atribuídas pela Diretoria, o Professor da Cadeira desempenhou as seguintes atividades: —

- a) — membro da Comissão Examinadora do Concurso para provimento da Cadeira de Ciência da Administração, da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativa da Universidade de São Paulo;

b) — membro da Comissão Examinadora de doutoramento do Professor Laerte Ramos de Carvalho, em Filosofia.

c) — representou esta Faculdade, com os Professôres Antônio Cândido de Mello e Sousa e Carlos Corrêa Mascaro, no IV Congresso Normalista de Educação Rural, realizado em São Carlos, no mês de outubro;

d) — participou da Comissão que, a pedido do Grêmio de Alunos da Faculdade, estudou o Projeto de Lei n.º 610/51 da Assembléia Legislativa (reforma das escolas normais);

e) — colaborou na fundação e organização do Forum de Debates Educacionais.

O Assistente, na função de assessor-técnico do Gabinete de Assistência Técnica da Assembléia Legislativa, colaborou em estudos para a instrução de projetos de lei, da Comissão de Educação e Cultura.

DIDÁTICA GERAL E ESPECIAL

Professor: Onofre de Arruda Penteado Júnior.

Assistentes: Rafael Grisi, Amélia Americano Franco Domingues de Castro.

Auxiliares de Ensino: Aída Costa, Berenice Correia Gonçalves e Rail Gebara.

*

Pesquisa em andamento

A 2.^a Assistente Dra. Amélia Americano Domingues de Castro continua a colheita de dados para uma pesquisa referente às preferências dos alunos da escola secundária pelas várias matérias de ensino.

Distinções

Por decisão unânime dos sócios do Centro Cultural Boliviano-brasileiro, de La Paz, Bolívia, o Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior (por carta de 27 de abril de 1951, que lhe enviou o Prof. A. Array, presidente) foi nomeado Sócio Honorário daquela instituição cultural.

O 1.^o Assistente da Cadeira, Prof. Rafael Grisi, esteve no Estado do Espírito Santo, onde, a convite do Governo, projetou e realizou a reforma geral do ensino, naquela unidade da República (28-4-51).

O Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior, em "razão de sua reconhecida contribuição em favor das relações inter-culturais", entre o nosso País e a Educação nos Estados Unidos, recebeu convite da Instituição William Head Kilpatrick 80th Birthday Committee, para participar das homenagens a serem prestadas àquêle emérito educador, em New York (30-10-51).

Conferências

O Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior, a convite da Escola Normal Oficial de Pirajuí, pronunciou uma conferência sobre "O adolescente e o govêrno semi-autônomo da escola secundária" (setembro de 1951).

Seminários

Durante o primeiro semestre, aos sábados, das 10 às 12 horas, o Professor da Cadeira realizou palestras, seguidas de debates, sobre "A filosofia idealista da educação e suas relações com o ensino".

Realizaram-se mais os seguintes seminários:

a) “Investigação em Pedagogia”, a cargo das Assistentes Amélia Domingues de Castro, Aída Costa, Rail Gebara e Berenice Gonçalves, em 30 de setembro de 1951.

b) “A investigação em Pedagogia” e “O método histórico em Pedagogia”, a cargo da Assistente Amélia Domingues de Castro, a 22 e 29 de setembro de 1951.

c) “O método experimental em Pedagogia”, a cargo da Assistente Rail Gebara, a 13 de outubro de 1951.

Intercâmbio cultural

O Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior recebeu da “União Pan-americana” (Organização dos Estados Americanos), com sede em Washington, pedido de resposta a inquérito sobre “Filosofia e fins que regem a educação secundária em seu país”, colaboração para o Seminário de Educação Secundária, que se realizará em Washington, em 1952.

Boletins

Foram entregues à casa impressora os originais dos seguintes Boletins:

N.º 1 — “Princípios do método no ensino da História”;

N.º 2 — “A formação do Professor Secundário”.

ECONOMIA POLÍTICA E HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÔMICAS

Professor: — Paul Hugon.

Assistentes: — Hélio Schlittler Silva, José Francisco de Camargo e Zenith Mendes da Silveira.

Auxiliares de Ensino: — Maria Suzana Eliezer de Barros e Letícia Thenn de Barros.

*

Pesquisas e preparação de teses

Prosseguiram as pesquisas e estudos especiais sobre a Economia Brasileira, preparando-se, sob a orientação do Professor da Cadeira, diversas teses de doutoramento e livre-docência:

Zenith Mendes da Silveira, “Origens e características do liberalismo econômico brasileiro”;

Alaíde Taveiros; “Legislação do trabalho no Brasil e conseqüências econômicas”;

Diva Benevides Pinho, “O cooperativismo no Brasil”;

José de Barros Pinto, “A moeda escritural na Economia Brasileira”;

Nuno F. de Figueiredo, “Observações críticas e complementares sobre a teoria do emprêgo e do rendimento”;

José Fernando Martins Bonilha, “Acordos de compensação, no comércio exterior do Brasil”;

Lenita Corrêa Camargo, “O cooperativismo e a formação dos preços”;

José Francisco de Camargo (livre-docência), “O êxodo rural: suas causas e principais conseqüências econômicas (com aplicações ao Brasil e ao Estado de São Paulo)”.

Teses defendidas

Foram as seguintes as teses de doutoramento, defendidas pelos Assistentes da Cadeira: —

José Francisco de Camargo, “Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos”;

Hélio Schlittler Silva, “O comércio exterior do Brasil (1822-1918)”.

Trabalhos publicados

Além de diversos artigos, publicados em jornais e revistas nacionais e estrangeiras, pelo Professor da Cadeira e seus Assistentes, foi feita a 2.^a edição de *O Imposto*, de autoria do Prof. Paul Hugon.

Encontram-se no prelo: — a 4.^a edição da “História das Doutrinas Econômicas” e “Economistas Célebres” (1.^a edição, Fundação Getúlio Vargas), ambos da autoria do Prof. Paul Hugon e “Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos” (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), do Assistente José Francisco de Camargo.

Colaboração com outras instituições

Dando prosseguimento à colaboração com instituições científicas e universidades nacionais e estrangeiras, integrou o Prof. Paul Hugon a delegação representativa do Brasil, no Congresso Internacional de Organização Racional do Trabalho, realizado no mês de julho, em Bruxelas.

Em excursão pela Europa, pronunciou o Professor da Cadeira conferência em diversas universidades.

Atividades dos alunos

Sob a orientação do Assistente, Prof. José Francisco de Camargo, realizaram os alunos do 1.^o ano de Ciências Sociais um inquérito em estabelecimentos industriais da Capital, sobre as principais causas determinantes das migrações da zona rural para os centros industrializados. Tais elementos servirão de subsídio para um estudo relativo ao êxodo rural no Brasil e no Estado de São Paulo.

Prosseguindo no seu programa de visitas a entidades representativas da atividade econômica nacional, foi visitada uma das mais importantes indústrias metalúrgicas com sede nesta Capital. Aí puderam os alunos observar a aplicação dos princípios da produção industrial moderna, num estabelecimento onde a divisão do trabalho e a máquina ocupam lugar de real destaque.

ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

Professor Plínio Marques da Silva Ayrosa.

Assistente: Carlos Drumond.

Auxiliares de Ensino: J. J. Philipson e Maria de Lourdes Joyce.

*

Cursos

Funcionaram regularmente os cursos de Etnografia Geral, Etnografia do Brasil e Tupi-guarani.

Publicações

a) Foram publicados os seguintes Boletins:

Plínio Ayrosa, *Vocabulário Português-brasílico*, segundo manuscritos do Museu Britânico, microfilmados graças à intervenção do British Council do Rio de Janeiro. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 135, Etnografia e Tupi-guarani n.º 21.

Maria de Lourdes Joyce, *Caderno da Doutrina Christã pela Língua dos Manaus*, manuscritos do Museu Britânico. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 136, Etnografia e Tupi-guarani n.º 22.

Está sendo impresso:

Carlos Drumond, *Vocabulário da Língua Brasileira*, manuscritos da Academia das Ciências de Lisbôa, microfilmados graças à gentileza do Prof. Soares Amóra. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 137, Etnografia e Tupi-guarani n.º 23.

b) Em vias de conclusão:

W. H. Hawkins, "Língua dos Uáiuái".

Plínio Ayrosa, "Apontamentos para a Bibliografia da Língua Tupi-guarani", 2.º volume.

Carlos Drumond, "Vocabulário da Língua Brasileira", 2.º volume.

Maria de Lourdes Joyce, "Vocabulário da Língua Brasil"; Ms. inédito.

Plínio Ayrosa, "Poesias tupis", ms. inédito.

Carlos Drumond, "Estudos sobre cerâmica tupi".

c) Iniciados:

"Elucidário geral dos topônimos paulistas".

Estudos de manuscritos tupis-guaranis, provenientes da Academia das Ciências, Biblioteca de Lisboa e do Museu Britânico.

Trabalhos executados com finalidade didática

1. Mapa, a côres, da distribuição dos grupos ameríndios do Brasil.
2. Mapa da localização dos centros de pesquisas arqueológicas do Brasil.
3. Cêrca de duzentas lâminas para projeção em aula, sôbre Etnografia.
4. Gravação, em discos, de cantos tupis, obtidos pelo Prof. Egon Schaden.

Doações

Durante o ano, receberam, o Museu e a Biblioteca, dentre outras, as seguintes doações:

1. Coleção etnográfica dos Bororôs e Caduvêus, organizada pelo Prof. Levy Strauss, doação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
2. Material arqueológico tupi-guarani, também do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
3. Peças avulsas (cachimbo, fragmento raro de tembetá, machado de pedra, etc.) de vários amigos do Museu.
4. Revistas especializadas e obras várias, da Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Paraguai, Perú, Bolívia, África do Sul e de muitos Estados do Brasil.

Aquisições

A Biblioteca foi enriquecida, durante o ano, com a aquisição de inúmeras obras de fundo etnográfico e lingüístico.

Melhoramentos

A Cadeira, durante o ano, completou a instalação de sua câmara-escura para fotografia; adquiriu estantes de aço para a Biblioteca; aumentou, de 32 metros, os mostruários do Museu; completou a desinfecção de tôdas as peças do Museu; completou o fichamento de todo o acervo etnográfico; adquiriu aparelhos para microfilmagem e para cópia de filmes, e reorganizou integralmente o seu arquivo.

Viagens

Duas viagens de pesquisa foram realizadas ao interior e litoral do Estado de São Paulo, para coleta de material.

O Auxiliar de Ensino, Jürn Philipson obteve bôlsa de estudo para aperfeiçoar-se nos Estados Unidos, onde se encontra.

Alunos visitantes

Como alunos visitantes, freqüentaram os cursos desta Cadeira o Dr. W. H. Hawkin e o Sr. Alfonso Trujillo Ferrari, o primeiro, norte-americano e o segundo, bolsista do Perú.

Permutas

O serviço de permutas funcionou, como nos anos anteriores, com grande eficiência. Foram enviados, a todos os grandes centros de estudos etnográficos e lingüísticos do mundo, cêrca de mil exemplares de Boletins publicados pela Cadeira, que continua a receber publicações especializadas de grande valor.

Nota final

Com os trabalhos realizados durante êste ano, podemos afirmar que se encontram rigorosamente em ordem, devidamente fichados e catalogados os serviços de: arquivo de manuscritos inéditos, arquivo de correspondência, arquivo de publicações, arquivo de fotografias e mapas, museu de peças etnográficas e arqueológicas, biblioteca e aparelhagem técnica.

FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA

Professor: — Francisco da Silveira Bueno.

Assistente: — Dinorah Silveira Campos Pecoraro.

Auxiliar de Ensino: — Albertino Piason.

Auxiliar Técnico: — João Lellis Cardoso.

*

Além das atividades rotineiras de aulas e trabalhos de classe, intensificaram-se os esforços para a montagem do Gabinete de Fonética Experimental. Vários aparelhos de gravação e de reprodução do som foram adquiridos, faltando ainda oscilômetros, quimógrafos e aparelhos de medição sonora. Fêz-se a primeira demonstração pública, com grande concorrência de alunos e médicos interessados: — o auxiliar técnico Prof. João Lellis Cardoso, depois de dar a conhecer aos ouvintes o plano geral e os objetivos da fonética experimental, ilustrando a exposição com desenhos e esquemas visuais, projetou um filme científico sobre a audição, esclarecendo o mecanismo da formação da imagem acústica, uma das partes essenciais da palavra. Vários trabalhos de gravação foram executados pelo Gabinete de Fonética, para as demais Cadeiras de língua, especialmente para a de Alemão.

A convite da Secretaria da Educação de Minas Gerais, deu o mesmo Catedrático um curso de férias no Instituto de Educação de Belo Horizonte, destinado exclusivamente aos professôres secundários efetivos.

Por determinação desta Faculdade, encarregou-se a Cadeira de Filologia Portuguesa do curso de férias, oferecido, nesta Capital, aos antigos alunos aqui formados e aos professôres secundários efetivos, do nosso Estado. Foi tomado por tema geral "A moderna estilística".

Presidiu o Catedrático ao concurso de Filologia Românica, a que concorreu o Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior.

Além destas incumbências oficiais e de maior vulto, foram realizadas conferências de divulgação filológica nesta Capital: — "Contribuição do Direito e da Polícia à Língua Portuguesa", na Semana de Polícia da Escola de Estudos Criminais; "A vida curiosa das palavras", no Colégio Estadual da Penha; "Formação Histórica do Vocabulário", no Colégio Arquidiocesano; "A Língua, Vínculo de Nacionalidade", no auditório do Colégio Paulistano. No Interior, proferiu o Catedrático outras palestras, em São José dos Campos, São José do Rio Preto e na Casa de Cultura de Limeira, no Colégio Estadual de Rio Claro e na Associação Universitária de Santos.

No campo editorial, apareceram, em novas reedições, nove obras do Catedrático, entre as quais o "Tratado de Semântica Geral aplicada à Língua Portuguesa do Brasil" e a "Gramática Normativa", curso superior.

Foram terminados os manuscritos da “Gramática arcaica da Língua Portuguêsa”, que constitui o segundo volume dos “Estudos de Filologia Portuguêsa”.

Manteve-se, três vêzes por semana, a secção de consultas do idioma, na “Fôlha da Manhã”, sob a rubrica “Questões de Português”.

FILOLOGIA ROMÂNICA

Professor: Theodoro Henrique Maurer Júnior.

Assistente: Isaac Nicolau Salum.

*

Além dos trabalhos normais da Cadeira, nos cursos do 3.^o e 4.^o ano de Letras Clássicas e Neolatinas, administrados pelo Professor e pelo Assistente, há os seguintes que merecem registro:

1) A realização do Curso de Férias de Francês, que consistiu num resumo histórico sobre a formação da língua francesa e leitura de textos arcaicos. Esse curso foi dado pelo Professor e pelo Assistente da Cadeira.

2) Uma série de preleções, sobre diversos temas de Língua e de Filologia Românica, feita, no 2.^o semestre, pelo Prof. Benvenuto Terracini, Professor da Universidade de Turim (Itália), que honrou a nossa Faculdade com a sua visita.

Concurso para a Cátedra de Filologia Românica.

Em novembro realizou-se o concurso para o provimento efetivo da Cadeira tendo sido o professor Theodoro Henrique Maurer Júnior o único candidato inscrito. Realizadas as provas obteve o título de Professor Catedrático. Foram examinadores neste concurso os Profs. Francisco da Silveira Bueno (Presidente da Comissão Examinadora) e Mário de Sousa Lima, da nossa Faculdade, o Prof. Américo Brasiliense de Moura, da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e os Profs. Ernesto de Faria e Serafim Silva Neto, respectivamente da Faculdade Nacional de Filosofia e da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Trabalhos publicados:

- T. H. Maurer Júnior, *A Unidade da România Ocidental*, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.^o 126; Filologia Românica n.^o 3.
- T. H. Maurer Júnior, *Dois Problemas da Língua Portuguesa — O Infinito Pessoal e o Pronome SE*, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.^o 128, Filologia Românica n.^o 3.
- T. H. Maurer Júnior, "The Romance Conjugation in -esco (-isco) -ire. Its Origin in Vulgar Latin", *Language*, vol. 27, n.^o 2, páginas 136-145.
- T. H. Maurer Júnior, "O superlativo latino em -issimus: sua identidade original com a forma em -rimus e com o superlativo céltico". *Humanitas*, Coimbra, vol. III, páginas 1-8.

FILOSOFIA

Professôres: João Cruz Costa e Gilles Gaston Granger.

Assistentes: Laerte Ramos de Carvalho e Lineu de Camargo Schützer.

Auxiliar de Ensino: Rômulo Fonseca.

*

Biblioteca

A biblioteca foi aumentada de alguns volumes, especialmente de textos clássicos.

Pessoal

O Prof. Laerte Ramos de Carvalho deixou, em fins de 1951, o lugar de Assistente da Cadeira, que ocupou durante vários anos, passando a reger, interinamente, a Cadeira de História e Filosofia da Educação. Para substituí-lo foi indicado o Lic. Lineu de Camargo Schützer, que já prestava, há anos, serviços à Cadeira.

Títulos

O Prof. Cruz Costa foi eleito membro do Conselho Consultivo da Sociedade de Estudos Históricos.

O Prof. Gilles G. Granger foi designado, pelo seu País, para fazer parte da "Recherche Scientifique".

Viagem de estudo

O Prof. Cruz Costa foi oficialmente convidado, em maio de 1951, pela Faculdade de Letras da Universidade de Toulouse, para assistir às homenagens que aquela Universidade prestou à memória de Francisco Sanchez, por ocasião do 4.º centenário do seu nascimento.

A convite da Sociedade de História "Marc Bloch" e da Sociedade de Filosofia de Toulouse, o Prof. Cruz Costa proferiu em Toulouse, em 22 de junho de 1951, uma palestra sôbre o pensamento filosófico no Brasil.

O Prof. Cruz Costa teve, ainda, ocasião de representar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na sessão solene, realizada a 23 de junho de 1951, em Toulouse, em honra de Sanchez.

Aproveitando a sua rápida estada na Europa, o Prof. Cruz Costa visitou as Universidade de Paris e de Coimbra.

Doutoramento

Em fins de 1951, realizou-se um doutoramento na Secção de Filosofia. Defendeu brilhantemente sua tese sobre “A Formação Filosófica de Farias Brito”, o Lic. Laerte Ramos de Carvalho.

Trabalhos

Continuam em andamento vários trabalhos iniciados em 1951: um estudo sobre a história das idéias, no Brasil, na primeira metade do século XX (Prof. Cruz Costa); um estudo sobre Silvestre Pinheiro Ferreira (Profs. Cruz Costa e Lineu de Camargo Schützer); um estudo sobre a Filosofia das Ciências (Prof. Camargo Schützer); um estudo sobre Estética (Prof. Rômulo Fonseca).

O Prof. Gilles Gaston Granger já entregou, para ser publicado, a uma casa editôra de São Paulo, o seu alentado trabalho sobre a Lógica e a Filosofia das Ciências, trabalho traduzido pelo Prof. Lineu de Camargo Schützer.

O Prof. Gilles Granger deu um curso de introdução à Estética, na Escola de Arte Dramática de São Paulo e publicou artigos na revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais — a *Kriterion* — sob o tema: “Le symbole et la connaissance du réel” (números 16 e 17-18, de 1951).

O Prof. Lineu Schützer traduziu, durante êsse ano, o exaustivo trabalho do Prof. Émile G. Léonard “História do Protestantismo do Brasil, estudo de eclesiologia e de História Social” publicado pela *Revista de História*, a partir do 5.º número.

O Prof. Lineu Schützer, designado pelo Senhor Secretário de Estado dos Negócios de Educação, participou, como membro da Banca Examinadora, do concurso para provimento efetivo da cadeira de Sociologia, no Ensino Normal do Estado.

Professor visitante

Foi aprovado o contrato do Prof. Dr. Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, para vir dar cursos, de agosto a outubro de 1952, na Cadeira de Filosofia.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO AMERICANA

Professor: Astrogildo Rodrigues de Mello.

Assistente: Rozendo Sampaio Garcia.

Auxiliar de Ensino: Deusdá Magalhães Motta.

*

A Cadeira de História da Civilização Americana, além de suas atividades normais — ministração de curso regular aos alunos dos 2.º, 3.º e 4.º anos e de Especialização — dedicou-se especialmente à continuação de suas pesquisas nas *Atas do Cabildo do Paraguai*, obra básica em elaboração, sem contar a sua atividade no desenvolvimento da mapoteca e biblioteca da Cadeira.

Foram, em síntese, as seguintes as principais atividades da Cadeira, no decorrer do ano de 1951:

Biblioteca

Novas obras foram incorporadas à Cadeira, no decorrer do ano de 1951, constituindo, algumas, preciosidades bibliográficas que permitirão o desenvolvimento do patrimônio cultural de nossos estudiosos de assuntos americanos, pois os 700 volumes que constituem o acervo da Biblioteca representam já um cabedal digno de menção.

Dentre as principais obras adquiridas durante o ano citado, cumpre destacar pela sua importância, as seguintes:

Schäfer, E., *Indice de la Coleccion de documentos ineditos de Indias*.

Las Casas, B., *Historia de las Indias*.

Adams, J. T., *Album of American History*.

Schäfer, E., *El Consejo Real y Supremo de las Indias*.

Framis, R. M., *Vida de los Navegantes y Conquistadores del siglo XVI*.

Charlevoix, P. F. J., *Historia del Paraguay*.

Mapoteca

Sob a orientação do Catedrático e seu Assistente, e com a colaboração dos alunos, foi possível aumentar o número de mapas especializados para o estudo dos assuntos americanos, elevando-se já a 50 a cifra desses trabalhos, que emprestam valiosa contribuição para as atividades didáticas da Cadeira.

Fontes primárias de estudo

Além das *Atas Capitulares do Cabildo de Assunção* que vêm sendo estudadas e fichadas com a colaboração do Auxiliar da Cadeira, foram envidados esforços para a obtenção de documentos similares já impressos, tais como as preciosas *Atas do Cabildo de Lima*, cuja aquisição se fará no decorrer de 1952.

Espera a Cadeira coordenar os estudos já realizados, para dá-los à luz dentro do mais breve espaço de tempo.

Pesquisas

Empreendeu a Cadeira, durante as férias de verão de 1951, uma pesquisa nos arquivos peruanos sob a responsabilidade do 1.º Assistente, Rozendo Sampaio Garcia, que investigou as condições da mão de obra servil no Perú colonial. O resultado dessas investigações será objeto de publicação.

Colóquios e seminários

Além da orientação dispensada aos alunos nos estudos dos problemas americanos, quer através do Catedrático quer de seu Assistente, cumpre assinalar as pesquisas originais pelos alunos do Curso de Especialização, para a elaboração de teses versando temas americanos.

Trabalhos escolares

De acôrdo com a praxe estabelecida, para harmonia das tarefas escolares dos alunos do 2.º, 3.º e 4.º anos de Geografia e História, foram distribuídos trabalhos de pesquisa de interêsse para todos os setores destas Cadeiras, pelos quais se pudesse avaliar a capacidade intelectual de cada aluno, sem acúmulo de trabalho nem dispersão de atividade.

Atividades culturais

A natureza absorvente dos trabalhos de pesquisa realizados pela Cadeira de História da Civilização Americana não permitiu margem apreciável para outras atividades culturais, cifrando-se o seu esforço na colaboração com instituições de estudos históricos, como a *Revista de História*, a Sociedade de Estudos Históricos e congêneres.

O Professor Astrogildo Rodrigues de Melo, publicou, na *Revista de História*, um trabalho sôbre os "Estudos Históricos no Brasil".

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

Professor: Eurípedes Simões de Paula.

Assistente: Pedro Moacyr Campos.

Auxiliar de Ensino: Aldo Janotti.

*

Atividades da Cadeira

O primeiro fato digno de nota para a Cadeira, em 1951, foi o acréscimo de suas responsabilidades, em virtude do início do funcionamento dos cursos noturnos, nesta Faculdade. Estando o Catedrático, Prof. E. Simões de Paula, sobrecarregado com a Diretoria da Faculdade e com parte das aulas do curso diurno, foram o Livre-docente Dr. Pedro Moacyr Campos e o Auxiliar de Ensino Lic. Aldo Janotti, incumbidos de ministrar as aulas da Cadeira, no período da noite. A criação da Seção de Letras Orientais, em cujo currículo estão previstas aulas de História da Antiguidade Oriental, contribuirá também para aumentar os encargos da Cadeira, dentro da Faculdade.

Dentre as atividades de 1951, destaca-se a publicação regular dos quatro números da *Revista de História*, de que o Prof. E. Simões de Paula é diretor e proprietário. Este periódico, que é o principal órgão de intercâmbio da Cadeira com os centros culturais do País e do Exterior, conta já com cerca de 220 assinantes, o que, entretanto, está ainda longe de ser suficiente para a sua manutenção. Associada à *Revista de História* está uma série de *Cadernos*, dos quais já foram publicados três, todos no ano findo. A Sociedade de Estudos Históricos, fundada em 1950, por um grupo de especialistas, à frente dos quais se encontrava o Prof. Simões de Paula, embora irregularmente, continuou a realizar as suas reuniões em 1951.

Ainda a respeito das atividades da Cadeira, cumpre mencionar o seguinte:

1. O Prof. Simões de Paula participou da comissão de concurso para a Cátedra de História da Civilização Moderna e Contemporânea, e da comissão de concurso de doutoramento da Lic. Mafalda Zemella, Assistente da Cadeira de História da Civilização Brasileira.

2. O Livre-docente e Primeiro Assistente, Dr. Pedro Moacyr Campos, foi designado representante da Faculdade, na comissão de concurso de ingresso no magistério secundário e normal oficial, nas Cadeiras de História Geral e do Brasil, tendo exercido as funções de Presidente da referida comissão.

3. O Lic. Aldo Janotti, Auxiliar de Ensino e Assistente Extra-numerário, desde setembro de 1950, fez a sua inscrição no curso de doutoramento.

Biblioteca

Foram adquiridos, no decorrer de 1951, cerca de duzentos volumes especializados, destacando-se dentre eles, como obras de maior importância, as seguintes: *Dictionnaire d'Archeologie chrétienne et de liturgie*, sob a direção de F. Cabrol e H. Leclerq; *Reallexikon der Vorgeschichte*, sob a direção de Max Ebert.

Títulos e distinções

O Prof. Simões de Paula foi eleito paraninfo pela turma de licenciados de 1951, pronunciando, durante a cerimônia de colação de grau, uma oração em defesa dos direitos dos licenciados.

O Livre-docente Dr. Pedro Moacyr Campos foi distinguido com um convite para visitar o Seminário de História da Universidade de Bonn, tendo seguido para a Europa em dezembro de 1951. Procurando, entretanto, aproveitar o mais possível a sua viagem, no interesse da disciplina a que se dedica, o Dr. Pedro Moacyr dirigiu-se primeiramente à Itália, onde visitou os principais museus e monumentos arqueológicos da cidade de Roma, indo, a seguir, até Pestum, onde teve oportunidade de observar as escavações que, no momento, se realizavam naquela importante estação arqueológica. De volta de Pestum, deteve-se dois dias em Pompéia. Seguindo para a Alemanha, passou por Stuttgart, onde entrou em contacto com importante firma livreira, com o objetivo de estabelecer relações comerciais diretas, visando à aquisição de livros especializados. Na Universidade de Bonn, ficou, durante um mês, freqüentando os cursos de maior interesse e observando o método de ensino, particularmente no Seminário de História, então dirigido pelo Prof. Carl Willemsen. Sua estada na Alemanha encerrou-se com uma visita às cidades de Espira, Worms e Mogúncia, tão importantes para a Idade-Média germânica.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Professor: Alfredo Ellis Júnior.

Assistente: Mafalda Zemella.

Auxiliar de Ensino: Myriam Ellis.

*

Cursos ordinários e de especialização

No decorrer do ano de 1951, a Cadeira de História da Civilização Brasileira ministrou cursos ordinários, diurnos e noturnos, bem como o Curso de Especialização, sendo êste sòmente no período da tarde.

O Prof. Alfredo Ellis Júnior organizou, para os cursos ordinários, matéria de História do Brasil relativa aos séculos XVI e XVII, que foi ministrada aos alunos do 2.º ano do curso ordinário.

A Assistente da Cadeira, Dra. Mafalda P. Zemella, ministrou, aos alunos do 3.º ano do curso ordinário, matéria de História do Brasil relativa ao século XVIII.

Ao Curso de Especialização foi reservado o "Estudo Histórico, Social e Econômico do Café".

Seminários

Além dos cursos ordinários e de Especialização, foram organizados seminários, sob a direção da Assistente da Cadeira, onde, em mesa redonda, os seguintes temas foram debatidos:

1. Os descobrimentos portugueses.
2. A descoberta das minas de ouro nas Gerais.
3. A vinda da família real portuguesa ao Brasil e sua repercussão na Independência.
4. Os meios de transporte, nas minas.
5. A política econômica de D. João VI.

Realizaram-se, ainda, os seguintes seminários de exame de texto:

1. A carta do físico Mestre João e a relação do piloto anônimo.
2. O roteiro de Silva Braga.
3. A carta de Pero Vaz Caminha.
4. Textos vários sòbre a Guerra dos Emboabas.
5. Textos sòbre a Inconfidência Mineira.

Publicações

Durante o ano de 1951, a Cadeira publicou dois Boletins:

Mafalda P. Zemella, *O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 118, História da Civilização Brasileira n.º 12 (Tese de Doutoramento).

Alfredo Ellis Júnior, *O Café e a Paulistânia*. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 141, História da Civilização Brasileira n.º 13.

Biblioteca

Durante o ano de 1951, a Biblioteca da Cadeira enriqueceu-se com a aquisição das seguintes obras:

Ayres de Camargo, *Patriotas Paulistas na Coluna Sul*. São Paulo, Livraria Liberdade, 1925.

Alfredo Ellis Júnior, *Confederação ou Separação*. São Paulo, Edição do Autor, 1942.

V. Coaracy, *O caso de São Paulo*. São Paulo, Liga de Defesa Paulista, 1931.

E. Cruz, *Nos bastidores da Cabanagem*. Para, Edição do Autor, 1942.

Padre Fernão Cardim, *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1939.

Aluísio de Almeida, *Revolução Liberal de 1842*. São Paulo, Livraria José Olímpio, 1944.

Dicionário "Novo Lello Popular". Pôrto, Lello e Irmão, Editôres, 1948.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Professor: Eduardo d'Oliveira França.
Assistente: Manuel Nunes Dias.

*

Pessoal docente

Com a retirada do Prof. Émile - G. Léonard, foi nomeado, interinamente, Professor da Cadeira o Dr. Eduardo d'Oliveira França, até então seu Assistente. A partir de 1.º de agosto de 1951, foi nomeado Assistente o Lic. Manuel Nunes Dias, Professor por concurso, do Colégio Estadual "Regente Feijó", de Itú.

Em novembro de 1951, prestou concurso para a Cadeira o Dr. Eduardo d'Oliveira França, que, assim, se habilitou para o exercício da Cátedra.

Trabalhos escolares

Em regime de tempo parcial, foram ministrados cursos monográficos aos alunos do 2.º 3.º e 4.º anos e de Especialização, sobre os seguintes assuntos:

1. História moderna, para o 2.º e 4.º anos e Especialização:
 - a) "A França na época de Luis XIV", Prof. E. França;
 - b) "A vida econômica na época de Luis XIV", Prof. M. Nunes.
2. História Contemporânea, para o 3.º e 4.º anos e Especialização:
 - a) "A política internacional de 1870 a 1904", Prof. E. França;
 - b) "Os prenúncios da Grande Guerra: 1904-1914", Prof. M. Nunes.

Os trabalhos dos seminários regulares visaram à formação dos futuros professores de ensino médio, através do estudo dos programas de História Moderna e Contemporânea do curso colegial, e o preparo das aulas correspondentes. Depois de pesquisas bibliográficas, preparo e orientação dos planos de aulas, as preleções orais dos alunos eram criticadas e corrigidas pelos Professores.

Os seminários do 4.º ano e Especialização versaram, no primeiro semestre, sobre a técnica da crítica bibliográfica e a elaboração de *comptes rendus*; no segundo semestre, sobre a técnica da utilização de uma correspondência histórica, na elaboração de um trabalho de pesquisa.

Cursos extraordinário

Contou a Cadeira, no ano de 1951, com a honrosa colaboração do Prof. Charles Morazé, Professor da Cadeira de Política desta Faculdade, que ministrou um curso sôbre “A burguesia européia do século XIX”, destinado aos alunos de História Contemporânea.

Biblioteca

Poucas aquisições foram feitas para a biblioteca da Cadeira, no decorrer do ano de 1951. As mais importantes foram:

Lavissee, E., *Histoire de la France depuis les origines jusqu'à la Révolution*. Paris, Hachette, 1905-1911.

Lavissee, E. *Histoire de la France Contemporaine*. Paris, 1920.

Lavissee, E. e A. Rambaud, *Histoire générale du IVe. siècle à nos jours*: Paris, Colin, 1893-1905, 12 volumes.

Caetano de Sousa, C., *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1948-1950, 16 volumes.

A biblioteca é circulante e funciona no horário regular da Cadeira.

Pesquisas e publicações

As pesquisas do Prof. Émile - G. Léonard sôbre o desenvolvimento do protestantismo no Brasil foram publicadas na *Revista de História*.

As pesquisas do Prof. Eduardo d'Oliveira França sôbre a História Portuguesa no século XVII, constituíram objeto de sua tese de concurso que versou sôbre a Restauração Portuguesa.

Presentemente, o Assistente Manuel Nunes Dias realiza investigações sôbre a História Social e Econômica de Portugal, nos séculos XV e XVI.

Foram as seguintes as publicações feitas pelos Professôres da Cadeira:

Léonard, Émile - G. “O protestantismo brasileiro, Estudo de Eclesiologia e de História Social”, *Revista de História*, São Paulo, 1951, n.ºs, 5, 6, 7 e 8.

França, Eduardo d'Oliveira, *Portugal na época da Restauração*. Tese de concurso. São Paulo, 1951.

França, Eduardo d'Oliveira, “A teoria geral da História” (Crítica), *Revista de História*, São Paulo, 1951, n. 6.

França, Eduardo d'Oliveira, “Considerações sôbre a função cultural da História”. (Conferência), *Revista de História*, São Paulo, 1951, n.º 8

França, Eduardo d'Oliveira, “Em tórno de Luíz XIV” (Crítica), *Revista de História*, São Paulo, 1951, n.º 8.

França, Eduardo d'Oliveira, “O testamento de um historiador: Marc Bloch” (Crítica), *Revista de História*, São Paulo, 1951, n.º 8.

Nunes Dias, Manuel, “O ouro brasileiro e a arte portuguesa setecentista”, *Revista de Educação*, São Paulo, Junho de 1951, n.º 59.

Colóquios e seminários

O Prof. Eduardo d'Oliveira França pronunciou uma palestra, a convite do Grêmio da Faculdade de Filosofia, sobre "A função cultural da História". Na Sociedade de Estudos Históricos, em sessão ordinária, apresentou uma apreciação crítica, que foi objeto de debates, sobre a obra de Marc Bloch.

O assistente Manuel Nunes Dias pronunciou, em Guaratinguetá, por solicitação do Departamento de Cultura da Universidade de São Paulo, uma palestra sobre "A Independência", e na Faculdade, para alunos do curso de férias (Pedagogia), outra sobre "O ensino da História".

Títulos e distinções

O Prof. Eduardo d'Oliveira França, em virtude de concurso foi nomeado Professor Catedrático desta Faculdade. Foi ainda eleito vice-presidente da Associação Paulista de Escritores.

O Assistente Manuel Nunes Dias foi convidado para Professor da Escola de Jornalismo "Cásper Líbero" da Universidade Católica de São Paulo — Cadeira de História Antiga e Medieval. Integrou ainda a banca examinadora do Concurso de Ingresso no Magistério Secundário.

Comentário

A experiência escolar do ano findo recomenda ainda as seguintes providências:

1) O curso de licenciatura deve insistir particularmente na formação de professôres para o ensino médio, sem prejuízo da formação científica, mas acentuando-se em especial a conveniência de propiciar aos alunos experiência de caráter didático.

2) No 4.º ano e no Curso de Especialização, quando os alunos já elegeram as Cadeiras de sua preferência e já dispõem de alguma cultura histórica e maior maturidade de espírito, pode-se, então, insistir sobre as técnicas de trabalho destinadas à formação do historiador.

3) Pouca eficiência pode ter o ensino da História destinado à formação científica de historiadores, enquanto não dispuserem as Cadeiras de História de coleções de documentos impressos e de repertórios bibliográficos que permitam aos Professôres dar ao ensino um caráter predominantemente prático.

4) Verifica-se que os alunos, ao ingressarem no 1.º ano, após benevolentes exames de habilitação, não trazem o preparo mínimo necessário. Não podem acompanhar os cursos de caráter monográfico de nível universitário, uma vez que não trazem do curso colegial a visão panorâmica nem da História Geral, nem da História do Brasil. Nem mesmo dominam os conceitos essenciais e a terminologia das matérias que vão estudar. De onde decorre a necessidade de se instituírem cursos supletivos que propiciem êsses conhecimentos gerais.

Convém, portanto, que se desenvolvam os seminários de aula para os alunos das primeiras séries, de técnicas de pesquisa para os da 4.^a série e das séries de Especialização; que se promova a aquisição de coleções de documentos e de publicações que os divulguem; que se estude a forma de suplementar os conhecimentos gerais dos alunos, antes e depois dos exames de habilitação.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Professor: Lívio Teixeira.

Assistente: João Cunha Andrade.

Auxiliar de Ensino: Lineu de Camargo Schützer.

*

Foram os seguintes os trabalhos realizados nesta Cadeira, durante o ano de 1951:

O Prof. Lívio Teixeira deu, no primeiro semestre, um curso sobre Descartes para o 1.º e 2.º anos de Filosofia, e outro sobre Kant, para o 2.º ano (cursos diurnos). No 2.º semestre, continuou as lições sobre Descartes para ambas as turmas, tendo sido as aulas sobre Kant substituídas por um dos cursos dados pelo Prof. Martial Guérout. As aulas para o curso noturno de Filosofia, constante somente do 1.º ano, versaram sobre Descartes.

Tivemos o prazer de receber, no 2.º semestre de 1951, mais uma visita do Prof. Martial Guérout, que, na ocasião, passava da Sorbonne, onde fôra catedrático de História da Filosofia, ao Colégio de França, alto posto para o qual fôra recentemente escolhido.

O Prof. Guérout deu, durante o semestre, duas séries de aulas: uma sobre os Pré-socráticos para o 1.º ano de Filosofia, outro sobre Leibniz, para o 2.º ano. Foi a primeira vez que nesta Faculdade se fez um estudo monográfico sobre esse filósofo.

Aos alunos do 1.º ano de Ciências Sociais e de Pedagogia, sob a direção do 1.º Assistente, foram dados cursos sobre Filosofia Antiga.

No mês de novembro, o Prof. Lívio Teixeira tomou parte na banca perante a qual compareceu o Prof. Laerte Ramos de Carvalho, em seu doutoramento.

No fim do ano, o Prof. Lívio Teixeira ministrou cursos de férias, versando os temas: "A noção de progresso do pensamento" e "Introdução ao estudo da Estética". Na mesma ocasião o Prof. Lineu de Camargo Schützer deu um curso de Lógica.

Durante o ano, o Prof. Lívio Teixeira publicou um trabalho sobre "Nicolau de Cusa: estudo dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento e análise dos livros I e II do *De Docta Ignorantia*", sua tese de doutoramento, apresentada em 1944 (*Revista de História*, São Paulo, números 5 e 6).

HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Professôres: Roldão Lopes de Barros e Laerte Ramos Carvalho.

Assistentes: Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros.

*

Regência da Cadeira

A Cadeira de História e Filosofia da Educação foi regida, até 30 de agosto de 1951, pelo Prof. Roldão Lopes de Barros, falecido nessa data. O Prof. Roldão de Barros foi uma das mais importantes figuras da renovação educacional no Brasil, sendo um dos pioneiros da educação nova. Impôs-se o Prof. Roldão de Barros, desde a criação da Secção de Pedagogia desta Faculdade, entre Professôres e alunos, dando-nos a maior lição que pode dar um homem que se dedica aos problemas pedagógicos: a lição do exemplo. Vida voltada inteiramente à educação e seus problemas, imprimiu sempre ao seu trabalho intelectual a preocupação constante de fazê-lo útil ao País, procurando melhorar e imprimir novos rumos à mentalidade pedagógica brasileira.

Com a perda do Prof. Roldão de Barros, foi nomeado para reger, em caráter interino, a Cadeira de História e Filosofia da Educação o Prof. Laerte Ramos de Carvalho, que era Assistente desta Cadeira. Para êste cargo, foi nomeado o Licenciado Roque Spencer Maciel de Barros.

Biblioteca

A Cadeira dispõe cêrca de trezentas obras, sendo algumas em vários volumes. Cêrca de metade da biblioteca foi comprada e organizada durante o ano de 1951. A orientação da Cadeira, na compra de livros para a biblioteca, é a de adquirir obras de História (tanto coleções, como a "Peuples et Civilisations", "Clio", etc., quanto obras dos historiadores antigos, como Tito Lívio, Tucídides, Heródoto); obras de Filosofia, História da Filosofia, História da Educação; textos de pedagogos ou obras de importância para a História da Educação; obras gerais de Pedagogia.

Doutoramento

O Prof. Laerte Ramos de Carvalho que, quando Assistente da Cadeira de História e Filosofia da Educação, exercia iguais funções na Cadeira

de Filosofia, doutorou-se, com distinção, em novembro, nesta última Cadeira, com a tese “A Formação Filosófica de Farias Brito”.

Pesquisas

O Prof. Laerte Ramos de Carvalho e o Assistente Roque S. Maciel de Barros vêm realizando pesquisas acêrca da História da Educação, no Brasil, que deverão ser divulgadas oportunamente.

Tempo integral

A partir de meados do ano, a Cadeira passou para o regime de tempo integral.

LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

Professor: Pedro de Almeida Moura.

Assistente: Sílvia Barbosa Ferraz Dirickson.

Auxiliar de Ensino: Sônia Orieta Heinrich.

*

Procurando contornar a deficiência que os alunos trazem do curso ginásial, em que não há o ensino de alemão, a Cadeira, a título de experiência, excluiu do programa da 1.^a série o ensino de Literatura, para consagrá-lo inteiramente ao ensino de Língua, a fim de habilitar os alunos para a leitura e interpretação de textos, preparo indispensável ao estudo, nas séries subseqüentes. Tanto quanto foi dado observar, essa alteração de programa está produzindo resultado compensador.

Intensificada a aprendizagem do idioma esuavizado o currículo da 1.^a série, pela exclusão da Literatura, os alunos dispõem de mais tempo para elaborar trabalhos, tirando melhor proveito das aulas. Na 2.^a série, mostram-se mais ou menos habilitados para a leitura de autores, no original.

Filologia Germânica

Continua sendo ensinada, agora no programa da 4.^a série, visando favorecer os alunos que desejam prosseguir o curso, especializando-se em conhecimentos de Língua e Literatura. Como sempre, êste estudo é recebido com geral agrado, conquanto ofereça sérias dificuldades para aquêles que não falam nem traduzem correntemente o idioma. As pesquisas recomendadas em aula são feitas com pontualidade, demonstrando bom aproveitamento.

4.º ano e Especialização

Reafirmando o que foi dito em relatório anterior, a Cadeira, adota o sistema de, em cada comêço de ano letivo, propor aos alunos uma série de autores e de assuntos a serem estudados. A turma escolhe os temas e a matéria é desenvolvida não só com a explicação do Professor, como com a leitura de textos que cada um deve fazer em casa, apresentando conclusões e dúvidas a serem dirimidas. Neste ano foi feita uma análise da obra de Lessing, notadamente do *Laocoonte* e de Schiller, no tocante à sua filosofia, bem como de algumas de suas principais poesias. O resultado foi satisfatório.

Divulgação de cultura universitária

Dando prosseguimento às suas atividades de divulgação cultural universitária para o público em geral, fora da Faculdade, o Professor da Cadeira, sob os auspícios da Sociedade "Pró Arte", em 13, 19 e 27 de abril de 1951, proferiu, em língua alemã, um curso sôbre Literatura Brasileira, destinado à Colônia Alemã desta Capital, desenvolvido no auditório da Biblioteca Municipal, perante uma assistência que se revelava sinceramente interessada em nossos problemas literários, visto que propunha inúmeras objeções na hora dos debates, depois de cada aula.

Excursão cultural

Como trabalho de aproximação cultural, o Curso de Letras Anglo-germânicas, promoveu uma excursão à cidade de Campinas, em visita à Faculdade Católica de Filosofia e ao Seminário Evangélico de Teologia. Compareceram todos os alunos, acompanhados dos respectivos Professôres e Assistentes. Na Faculdade Católica de Filosofia, o Prof. Pedro de Almeida Moura proferiu uma longa conferência sôbre "Crítica Literária", que mereceu elogios da imprensa local. No Seminário Evangélico de Teologia, foi oferecido um lauto almoço aos visitantes. Terminado êste, no auditório do Seminário, o côro orfeônico acadêmico daquele estabelecimento, magnificamente regido pelo Maestro Eliseu Narciso, homenageou os visitantes universitários com excelentes peças de seu repertório. O Magnífico Reitor do Seminário, Rev. Júlio A. Ferreira cumulou os visitantes de gentilezas, fazendo-os acompanhar de ilustres Professôres da casa, Revs. Jorge Goulart e William Kerr, encerrando-se a visita na biblioteca, onde todos permaneceram demoradamente.

Esta visita, logo depois, foi retribuída pelos alunos do Seminário Evangélico de Teologia, que vieram a esta Faculdade acompanhados do Magnífico Reitor, Professôres e Côro, confirmar o intercâmbio cultural. O programa aqui executado foi muito interessante, tendo havido números de música pelo Côro e dois discursos: um do Magnífico Reitor e outro do Diretor desta Faculdade. Foi-lhes oferecido um almoço no SAPS.

Biblioteca da Cadeira

Instalada na sala do Professor, no prédio da Rua Maria Antônia, 258, 2.º andar, já conta com regular quantidade de livros especializados, que servem não só a Professôres e alunos da casa, como também, a interessados que desejam consultá-los no local. Embora as instalações ainda sejam deficientes e muitas as lacunas bibliográficas a serem preenchidas, o que ali existe já representa considerável esforço de realização.

Além das coleções e obras de nomeada, já referidas em relatório anterior, existentes na biblioteca da Carteira, é oportuno citarmos agora

o monumental *Dicionário de Grimm*, justamente afamado nos meios filológicos.

Jacob Grimm, Professor da Universidade de Goettingen, nascido a 4 de janeiro de 1785, em Hanau, a mais destacada cabeça da lingüística alemã, foi, também, o grande propugnador da divulgação da obra dos poetas românticos na Alemanha.

Tendo desenvolvido uma atividade literária assombrosa, publicou estudos vários, pesquisas lingüísticas, críticas literárias, contos, lendas e assuntos mitológicos, debaixo de levantado critério crítico. Colaborou intensamente, em largo espaço de tempo (1786-1859), ao lado de seu irmão, também filólogo, Wilhelm Grimm, principalmente na pesquisa de problemas lingüísticos e folclóricos. Deve-se a essa dupla magnífica de trabalhadores intelectuais, os mundialmente famosos *Contos dos Irmãos Grimm*. Dentre os escritos menores de Jacob Grimm destaca-se a oração comemorativa do centenário do nascimento de Schiller, obra prima da língua alemã.

Jacob Grimm publicou trabalhos filológicos de alta reputação científica, como: *Deutsche Grammatik*, *Deutsche Mythologie*, *Geschichte der Deutschen Sprache*, que constituem sólido corpo de doutrina de cultura lingüística. De extraordinário merecimento é, porém, o monumental dicionário da língua alemã *Deutsches Woerterbuch* de que foi o fundador, trabalho que vem sendo publicado ininterruptamente desde 1854, difícil de ser encontrado em coleção completa. Pois esta obra, de tão alto valor filológico, a Cadeira já a possui, completa, até o momento, tendo custado não pouco trabalho de buscas e de pesquisas. Não obstante, foi possível obtê-la para a Faculdade em condições bem módicas, o que ainda mais engrandece a felicidade da aquisição. Consta de catorze grandes volumes encadernados, alguns com três mil fôlhas, outros para mais de seis mil, além de regular quantidade de fascículos em elaboração, que constituirão, logo mais, dois ou três grandes volumes. É costume dizer-se que êste portentoso repositório de conhecimento lexicográfico contém todos os vocábuos da língua alemã, em grande parte acompanhados de exaustivas elucidacões, tanto assim que a obra é consultada pelos filólogos não só em pesquisas de língua alemã, como nas de filologia em geral.

Seja como fôr, é aquisição bibliográfica que faz honra à nossa Faculdade.

Viagem cultural

Em maio de 1951, a Assistente da Cadeira, Dra. Sílvia Barbosa Ferraz Dirickson, empreendeu, por conta própria, uma viagem de dois meses à França, Alemanha, Itália e Suíça, a fim de entrar em contacto com os centros culturais europeus e pesquisar fontes bibliográficas.

Conquanto o tempo fôsse muito escasso para o fim tão amplo que tinha em mira, conseguiu trazer uma série interessante de informes relativos ao ensino da Língua e Literatura Alemã, livros e material didático e obras de autores modernos alemães.

Visitou, em Paris, na Sorbonne, o Prof. Vermeil; em Hamburgo, o Prof. Grossmann, diretor do Instituto Ibero-Americano; em Munique, os escritores Eugen Roth e Karl von Klinckowstroem. Na Suíça, teve oportunidade de assistir, na Universidade de Zurique, promovida pela "Summer School of European Studies", a uma série de aulas a cargo do Prof. Albert Bettex, nome bastante conhecido e já recomendado a esta Faculdade.

LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA.

Professor: Luís Amador Sánchez.

Assistente: Ênio Sandoval Peixoto.

Auxiliar de Ensino: Lucy Ribeiro de Moura.

*

Cursos diurnos

Durante o ano escolar de 1951, ministraram-se aulas das disciplinas desta Cátedra, catorze semanais em média, colaborando com o Professor um Assistente e um Auxiliar de Ensino durante o primeiro semestre, e atuando o Professor e um Assistente no segundo semestre.

O programa foi dividido em Curso de Língua e Curso de Literatura. Especificamente, para o primeiro deram-se seis aulas semanais e oito para o curso de Literatura, compreendendo-se nesse cômputo o 5.º ano (Especialização) e os exercícios práticos de idioma, em forma de seminários. Seguiu-se o programa determinado previamente pelo Professor e aprovado pela Faculdade. Os alunos realizaram práticas no idioma espanhol, com exercícios de análise, versão, ditado, composição e outros que seguiam as exposições gramaticais, baseadas em textos literários, correspondentes, dentro do possível, às explicações de Literatura, de acordo com o sistema combinado entre o Professor e seus Auxiliares.

Nos cursos de Literatura desenvolveram-se os programas segundo esta síntese:

1.º ano: Esbôço histórico. Idade Média, Latinidade. Poesia épica. Poesia lírica medieval (O Arcipreste, Santillana, Jorge Manrique e outros). Romanceiros. Renascença e Século de Ouro. Humanismo. Poesia do século XVI. Classes de novela.

2.º ano: A "Celestina". A novela de Cavalaria andante. A novela picaresca. A novela pastoril. Cervantes. A Mística.

3.º ano: O Teatro espanhol: o antigo, o de Lope de Rueda, o do século áureo espanhol: Lope, Tirso, Alarcón, Rojas, Guillén, Calderón e outros. Góngora, Quevedo. Século XVIII.

4.º ano: Romantismo espanhol e romantismo hispano-americano: estudo do movimento e seus principais poetas. A novela realista na Espanha. O naturalismo. A Geração de 1898.

Em todos os cursos os alunos desenvolveram, por escrito, temas sobre literatura, destacando-se os estudos e comentários sobre "El Quijo-

te”, sôbre poesia mística, sôbre novela, poesia romântica-espanhola e hispano-americana, e sôbre escritores modernos. Os alunos do 4.º ano trataram êsses temas em exercícios didáticos, explicando oralmente seus trabalhos.

No 5.º ano ou 2.º de Especialização, explicou-se o seguinte programa: Introdução a um estudo sôbre a Espanha monumental e artística. Influências básicas que recebeu a civilização espanhola. Dominação romana. Dominação visigótica. Influência dos hebreus. Influência islâmica.

Os alunos trabalharam sôbre êsses temas, tendo Laura Amélia Alves Vivona apresentado uma tese sôbre a influência árabe. Os demais alunos escolheram determinados pontos do programa e os desenvolveram nos exames de fim de curso.

Cursos noturnos

Ministraram-se quatro aulas semanais, em média, já que também se deram seis quando o exigiu a necessidade de preparação gramatical. Duas aulas foram dedicadas à gramática e duas à literatura. Foi desenvolvido o mesmo programa do curso diurno para o 1.º ano noturno. Os alunos realizaram trabalhos escritos e orais semelhantes aos realizados pelos do curso diurno: exame de textos clássicos e modernos, exercícios de versão, de ditado, de leitura. Estudos, por escrito, de temas escolhidos, tendo-se destacado os realizados sôbre “La Celestina” e sôbre “O humanismo espanhol”. Em literatura, o programa ficou explicado, neste 1.º ano, até a novela picaresca.

Curso de Férias

Esta Cátedra deu um Curso de Férias para Professôres Secundários, a cargo do Prof. Luís Amador Sánchez. Foram ministradas treze aulas — de 22 de janeiro a 2 de fevereiro de 1951 — obedecendo ao programa seguinte que foi explicado em sua totalidade.

- 1 — Perspectiva geográfica e histórica, como introdução à Literatura Espanhola. Quadro geral da Idade Média na Espanha. Poesia épica, lírica e prosa.
- 2 — Síntese do Renascimento e do Século de Ouro espanhol. Poesia do século XVI. Tipos de novela.
- 3 — Tipos de novela (continuação). Cervantes.
- 4 — O grande teatro clássico espanhol. Mestres do drama.
- 5 — A Mística. Góngora e Quevedo.
- 6 — Séculos XVIII e XIX. Romantismo.
- 7 — Romantismo (continuação). Realismo. Galdós.
- 8 — Naturalismo. A Geração de 1898.
- 9 — A Geração de 1898 (continuação). Romancistas. Ensaístas e Filósofos. Teatro.
- 10 — A Literatura Espanhola contemporânea: um resumo.
Exercícios de Língua Castelhana: Versão. Ortologia. Análise literária.

Os professôres alunos realizaram provas escritas de fim de curso, que constaram de teses escolhidas por êles próprios.

Exames de Suficiência

No mês de fevereiro de 1951, realizaram-se nesta Cátedra provas de suficiência para o ensino de Espanhol, examinado-se os três candidatos que se apresentaram.

Dicionário Espanhol-Português

Continua-se trabalhando na preparação de tal obra, com a inevitável lentidão, por ser um trabalho em colaboração com alunos, lentidão que se fêz mais sensível êste ano, em virtude de interrupções, sobretudo no segundo semestre. Não obstante, houve progresso nesse labor, aumentando-se o número de fichas e sistematizando-se os trabalhos, que seguirão, em ritmo mais acelerado, no próximo ano de 1952.

Biblioteca

A Biblioteca da Cadeira de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-americana, registrou êste ano um movimento satisfatório pelo número de consultas por parte dos alunos, como pela entrada de novas obras, cuja relação se apresenta a seguir:

R. Menéndez y Pelayo, *Estudios de crítica histórica y literaria*, 7 tomos.

R. Menéndez y Pelayo, *História da las ideas estéticas de España*, 5 tomos.

R. Menéndez y Palayo, *Los origines le da novela*, 3 tomos.

R. Menéndez Pidal, *História de España*, 3 tomos (os aparecidos até esta data).

R. Menéndez y Pelayo *La epopeya castellana a través de la literatura española*.

R. Menéndez y Pelayo, *Orígenes del español*.

Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Espanhola*, 17.^a edição, 1947.

Lope de Vega, *Obras escogidas*, 2 tomos.

Juan Givanel Mas, *Historia gráfica de Cervantes y del Quijote*.

Guillermo Díaz Plaja (diretor da edição), *Historia general de las Literaturas Hispánicas*.

Jorge Campos, *Historia Universal de la Literatura*.

Jorge Campos, *Antología Hispano-americana*.

Lafuente Ferrari, *Breve historia de la literatura española*.

Jean Babelon, *Cervantes*.

Demetrio Ramos Pérez, *História de la colonizacion española en América*.

Benedito Ramos Pérez, *Peregrinaciones a Santiago de Compostela*, 3 tomos.

S. Ramón y Cajal, *Obras literarias completas*.

V. Blasco Ibañez, *Obras completas*, 3 tomos.

Miguel de Unamuno, *Ensayos*, 3 tomos

Carlos Arniches, *Teatro completo*, 4 tomos.

W. Weisbach, *Reforma religiosa y arte medieval*.

Guías artísticas de España (Valência, Barcelona, Burgos, Madrid e Toledo), 5 tomos.

José Pla, *Guía de Mallorca*.

J. Antonio Gaya Nuño, *El arte español*.

Carlos Soldevilla (diretor da edição), *Bellezas de España*, 1 tomo.

Foram estas as novas e valiosas aquisições desta biblioteca, que vieram juntar-se aos volumes já existentes.

O número de Revistas que se recebem dos centros universitários latino-americanos aumentou destacando-se a coleção da *Revista da Universidade de Buenos Aires*, a *Atenea* do Chile, *Armas y Letras* do México, etc..

Recebem-se também, com regularidade, o *Boletim Internacional* da UNESCO e publicações desta entidade, com sede em Paris.

Publicações

Luis Amador Sánchez: "Os trãnsfugas de Waterloo", *Diário de S. Paulo*, 14-1-51. "André Gide", *Nova Democracia*, revista do Comitê de Cooperação na América Latina, Nova York, julho, 1951. "Azorín", *ibid.*, abril de 1951. "O famoso Stradivarius", *A Tribuna*, Santos, 3-3-51. "Água e filosofia", *ibid.*, 27-4-51. "O Brasil e a UNESCO", *ibid.*, 2-4-51. "Miguel de Unamuno", *ibid.*, 15-7-51. "A cultura contra a guerra", *ibid.*, 14-7-51. "Altamira e sua época", *ibid.*, 19-7-51. "Fidelino de Figueiredo", *ibid.*, 21-7-57. "O espanholismo de Stendhal", *ibid.*, 16-9-51. "A mística mexicana", *ibid.*, 21-10-51. "No V centenário de Isabel a Católica", *ibid.*, 15-11-51. "O orientalismo de Balzac", *ibid.*, 16-12-51. "William Faulkner", *ibid.*, 9-12-51. "Ramón del Valle-Inclán", *ibid.*, 22-12-51. "O P. Luis Coloma", *ibid.*, 29-12-51. "A batalha da educação", *Fôlha da Manhã*, 29-6-51. "Novo diálogo sôbre a Espanha", *ibid.*, 23-8-51. "Homenagem a Balzac", *Diário de S. Paulo*, 25-11-51. "A literatura e o império", *Fôlha da Manhã* 12-12-51. "A condessa de Pardo Bazán", *Diário de S. Paulo*, 28-12-51.

Quando do terceiro centenário do nascimento de Sor. Juana Inés de la Cruz, poetisa mexicana, tôdas as Repúblicas Hispano-americanas renderam-lhe homenagem através dos seus meios culturais, por êste motivo, enviou-se um ensaio sôbre essa figura das letras mexicanas, ao Ministério da Educação do México, como contribuição do Professor da Cátedra de Espanhol desta Faculdade.

Prepara-se a publicação de *Boletins*, que aparecerão a partir do ano de 1952.

LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

Professôres: Alfred Bonzon e Pierre Hawelka.

Assistente: Marlyse M. Meyer.

*

Reestruturação da Cadeira

Desde o mês de agosto de 1949, quando o Professor atualmente na regência da Cadeira de Língua e Literatura Francesa retomou posse desta Cadeira, que deixara em dezembro de 1946, cogitou êle de reorganizar o ensino do Francês, colocando-o em bases duradouras e dando-lhe a maior eficiência possível, sem perder de vista a dupla finalidade que a Faculdade se propõe: — a formação de professôres do ensino secundário e a contribuição às pesquisas científicas desinteressadas. Sob êste duplo aspecto, o ano de 1951 deve ser encarado como um período de transição, mas assinalado por um progresso decisivo: — a nomeação de um Professor Auxiliar, Pierre Hawelka, especialmente encarregado do ensino da língua. Pela criação dêste cargo auxiliar, a obra de reestruturação da Cadeira começada em 1949-50, pela organização de uma Sala de Francês e de um Círculo de Estudos Franceses, colocado sob a direção da nova Assistente, Marlyse M. Meyer — pode ser considerada como levada a bom têrmo.

A Cadeira possui, desde essa época os órgãos indispensáveis ao seu bom funcionamento, com a possível ressalva, porém, de que seria desejável a nomeação de um segundo Assistente, em razão das múltiplas obrigações suplementares impostas à Cadeira (exames vestibulares, exames de suficiência, concursos de ingresso ao magistério secundário e normal, cursos de férias para o aperfeiçoamento dos professôres de francês), incumbências que se fazem mais pesadas, quando coincidem, parcialmente, com o período de férias, única época em que os Professôres de Francês podem retomar, com a França, os contactos imprescindíveis. Se, por outro lado, os Cursos Noturnos, inaugurados em 1951, tomarem maior incremento, a designação de um segundo Assistente tornar-se-á absolutamente indispensável.

Círculo de Estudos Franceses

Desde 1950, existe um Círculo dos alunos de Francês, que funciona sob o patrocínio da Cadeira, gozando, porém, de autonomia. Na falta de outro local, o Professor pôs a sua sala à disposição dêsse Círculo e dos alunos que aí desejassem ler e trabalhar.

As atividades do Círculo, descritas no precedente Anuário, continuaram em 1951. Vários grupos de conversação funcionaram regularmente sob a direção de: — Elza Ribeiro Hawelka, ex-professôra da Associação de Cultura Franco-brasileira do Rio de Janeiro; Hilda Penteado de Barros, ex-aluna da Cadeira de Francês, atualmente Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Grega; Irma Forjas, professôra de Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia do Mackenzie; Maria Cecília Abreu Cursino de Moura, ex-aluna da Cadeira, atualmente professôra de Francês no Instituto de Educação Caetano de Campos. Para fomentar as atividades do Círculo, a Cadeira de Francês dirigiu à Diretoria da Faculdade vários pedidos, dos quais, só alguns puderam ser atendidos; assim, o Círculo disporá de um aparelho de projeção, um “pick-up” e discos — graças aos quais os alunos poderão tomar conhecimento de certos aspectos da vida francesa — bem como de um aparelho gravador de sons, que será valioso auxílio para os exercícios de pronúncia.

Biblioteca

O Professor da Cadeira pôs à disposição dos alunos, na sala de Francês determinados livros de sua propriedade. Uma biblioteca da Cadeira de Francês, porém está em vias de formação. Aos livros existentes no ano passado, vieram acrescentar-se diversas obras doadas pelo Governo Francês, entre as quais convém mencionar: — uma coleção das obras-primas da literatura francesa (os “Petits classiques” da casa Larousse); a “Histoire de la Nation Française”, de Gabriel Hanotaux; a “Géographie Universelle”, de Vidal de la Blache e Emmanuel de Martonne; o “Dictionnaire de l’Ancienne Langue Française”, de F. Godefroy; a “Littérature Française”, de Bédier e Hazard. Importante é a aquisição, feita pela Faculdade, da valiosa e rara coleção completa da “Revue d’histoire littéraire de la France”, instrumento de trabalho indispensável para quem quer que pretenda empreender pesquisas sobre a literatura francesa. Será desejável, ainda, a aquisição das obras completas dos grandes escritores franceses que, pela maior parte, faltam à biblioteca bem como de exemplares das diversas obras citadas nos cursos ministrados. Far-se-á isto, na medida do possível, sendo as compras efetuadas sucessivamente, conforme as exigências do ensino.

Curso de Língua

O motivo principal da criação do cargo de Professor Auxiliar foi a responsabilidade particular da Cadeira de Língua e Literatura Francesa, quanto ao ensino da língua. Este ensino podia ser ministrado conjuntamente com o da literatura, na época em que o número de alunos era ainda reduzido. É preciso considerar, porém, o grande desenvolvimento do Cursos de Letras Neolatinas, a importância que o idioma fran-

cês vai adquirindo, por ser a maioria dos alunos destinada a ensiná-lo nos ginásios e colégios do Estado e, enfim, as dificuldades numerosas que apresenta o estudo da gramática francesa. Há vários anos, todos êsses fatores impuseram à Cadeira a necessidade do ensino lingüístico. Fêz-se então, apêlo ao Prof. Pierre Hawelka, capaz de prestar serviços importantes à Cadeira, em razão da sua competência, como “agrégé de grammaire”, ex-encarregado do ensino de línguas, nos Cursos para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Estraburgo, ex-professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Tucumán (Argentina) e ex-professor de Francês do Centro Francês de Estudos Superiores do Rio de Janeiro e da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Tendo assumido suas funções em 1.º de agosto, acha-se, desde esta data com a responsabilidade do ensino da língua. Êste ensino, que permanece elementar, nas duas primeiras séries, deveria, em princípio, a partir da terceira, e principalmente nos dois anos de Especialização, adquirir um caráter nitidamente científico. Dadas as incumbências atuais dos alunos do Curso de Letras Neolatinas, obrigados, pelos programas, a estudar, simultaneamente, os quatro grandes idiomas românicos, afigura-se-nos particularmente importante que o aluno chegue a ter aquela consciência da língua francesa que lhe permita ver, com clareza — e ensinar depois, por si — o que distingue o Francês das outras línguas neolatinas, notadamente do Português. Estando o ensino orientado neste sentido, pelo Professor Auxiliar, especialista de línguas românicas, deve-se esperar que os estudantes adquiram, do Francês, um conhecimento refletido e sistemático, que possibilite a alguns dentre êles, chegados ao último ano de Especialização, a realização de pesquisas pessoais.

Curso de Literatura

O ensino da *Literatura* consta de cursos e trabalhos práticos. Os cursos de *Literatura*, ministrados em francês, têm como fim não somente proporcionar aos alunos certos conhecimentos literários, como também familiarizá-los com a compreensão do Francês falado. Os trabalhos práticos abrangem exercícios de dissertação francesa e de explicação de textos, cujo objetivo, igualmente duplo, é ensinar aos alunos, ao mesmo tempo que a arte da composição e da explicação literárias, o domínio da língua tanto escrita como falada. Na França, êsses dois exercícios são a própria base dos estudos literários, a tal ponto que com êstes quase se identificam e tendem a excluir as aulas de história literária. Aqui, entretanto, a experiência demonstrou que ambos apresentam para os alunos grandes dificuldades em razão do número insuficiente de leituras pessoais a que podem dedicar-se, bem como da sua falta de prática do Francês falado. Portanto, resolveu-se dar, ao primeiro ano e durante o primeiro semestre, um curso sobre Balzac, focalizando as “*Illusions perdues*”, pondo assim os alunos imediatamente em presença da literatura moderna sob sua forma mais acessível, que é o romance, e tendo-se destarte a esperança de encorajá-los a ler as grandes obras lite-

rárias; durante o segundo semestre, algumas aulas muito gerais sôbre a literatura da idade-média foram destinadas a proporcionar-lhes, não sômente determinadas noções acêrca dos primórdios da literatura francesa, como também a oportunidade de seguir e compreender um curso de história literária ministrado em Francês. Estiveram êsses dois cursos a cargo da Assistente, assim como, no 2.º ano, uma série de aulas sôbre Villon e alguns grandes escritores do século XVI (Rabelais, Ronsard, Du Bellay), estudados essencialmente por meio de explicação de textos.

O Professor da Cadeira ministrou dois cursos principais: — um para alunos do 2.º e 3.º anos, sôbre os grandes escritores do início do século XVII: Malherbe, Descartes, Corneille; outro dado conjuntamente aos alunos do 3.º e 4.º anos, sôbre as origens do romantismo (a inquietação romântica e as influências estrangeiras no século XVIII, Chateaubriand, Mme. de Staël). Êste último, para satisfazer às ambições do programa idealizado, devia ter incluído o romantismo de Baudelaire e mesmo chegado, em conclusão, a dar idéias gerais sôbre a literatura contemporânea; mas para assegurar-lhe o valor de ensino pessoal e evitar que tomasse o aspecto de um “curso de manual”, foi preciso limitá-lo a uma simples introdução ao romantismo. Procurou-se, entretanto, incitar os alunos a que completassem o curso pela leitura dos grandes poetas românticos, sendo-lhes indicado, a êsse respeito, um tema de dissertação. No 4.º ano, além disso, uma hora de trabalhos práticos foi aproveitada para exercícios de dissertação francesa e também para explicações de poemas românticos feitas pelos próprios alunos. Afinal, uma hora semanal foi reservada aos alunos do 2.º ano de Especialização. Essa hora — que será mantida em 1952, visto que doravante a Especialização em Língua e Literatura Francesa comportará obrigatòriamente dois anos — foi criada em 1951 para ex-alunos da Cadeira, já professôres de Francês, que desejavam reiniciar estudos na Faculdade: — o programa foi o do 4.º ano, mas a aula a êles reservada foi consagrada essencialmente a estudos sôbre escritores modernos, indicados pelo Professor (Marcel Proust, Julien Benda).

Doutoramento

O Professor da Cadeira tem-se ocupado em dirigir o trabalho de tese da Assistente Marlyse Meyer. Além disso, entrou em contacto com diversos professôres, licenciados em línguas e literaturas neolatinas, por diferentes Faculdades de Filosofia, e desejosos de apresentar ulteriormente à nossa Faculdade um assunto de literatura francesa, para obtenção do título de doutor.

Colaboração com outras Instituições

Na ocasião da “Exposition Balzacienne” organizada pelo Museu de Arte Moderna, o Professor da Cadeira proferiu uma conferência sôbre “Balzac dans son oeuvre”. Graças à fineza dos Serviços Culturais do Consulado Geral da França em São Paulo, várias fitas francesas (den-

tre as quais uma sôbre “A Vida e a obra de Balzac”) foram exibidas especialmente para os alunos da Faculdade, no salão do Museu de Arte Moderna.

Apostilas

As aulas dadas sôbre o século XVII e as origens do romantismo, acima referidas, foram redigidas pelo Professor, para serem datilografadas e postas à disposição dos alunos na sala de Francês, a fim de lhes facilitar a preparação aos exames.

Viagens de Estudo

Atendendo ao convite do Govêrno Francês, a Assistente da Cadeira, Lic. Marlyse Meyer, partiu em 1.º de novembro para a França, onde prosseguirá seus estudos e continuará trabalhos pessoais, durante o primeiro semestre de 1952. Nas férias, o Prof. Alfred Bonzon passou uma temporada em Paris, trabalhando principalmente nas pesquisas que ora está empreendendo, sôbre a obra de Mallarmé.

Publicações

Serão publicados, em 1952, um Boletim da Cadeira, dedicado ao teatro clássico, bem como, sob forma de artigos, diversos estudos, em preparação, sôbre Balzac e Mallarmé.

LÍNGUA E LITERATURA GREGA

Professôres: Aluísio de Faria Coimbra (1.º semestre) e Theodoro Henrique Maurer Júnior (substituto).

Assistente: José Lazzarini Júnior.

Auxiliares de Ensino: Hilda Penteado de Barros e Gilda Maria Reale.

*

Biblioteca

Apesar da falta de espaço para suas instalações, a Cadeira de Língua e Literatura Grega vem tentando organizar uma biblioteca especializada, no intuito de bem servir aos alunos. Em 1951, dispunha a biblioteca de cento e vinte volumes. Além dos livros adquiridos com a verba do ano, recebeu alguns volumes doados pelo Prof. Aluísio de Faria Coimbra e pela Auxiliar de Ensino, Hilda Penteado de Barros.

Revistas recebidas

Bulletin de L'Association Guillaume Budé.
Revue des Études Grecques.

Ensino

No ano de 1951, foram ministradas, pelos Professôres da Cadeira e seus Auxiliares, dezoito aulas semanais, assim ditribuidas:

Curso diurno

- 1.º ano : Quatro aulas de Morfologia Nominal e Verbal.
Uma aula sôbre Xenofonte, com tradução de breves trechos da *Ciropedia*.
- 2.º ano: Aulas alternadas de verbos em *ômega* e de verbos em *mi*.
Uma aula sôbre Esopo, com tradução de fábulas.
" " de Literatura, sôbre Semônides de Amorgos.
" " " Sintaxe, em conjunto com o 3.º ano.
- 3.º ano. Uma aula de Sintaxe, em conjunto com o 2.º ano.
" " " Literatura sôbre Homero, com tradução do Canto I de *Iliada* e leitura rítmica do Canto I da *Odisséia*.
Uma aula de Literatura sôbre a 5.ª *Olímpica* de Píndaro.
- 4.º ano: Duas aulas sôbre a *Antígona* de Sófocles.
- 5.º ano: Uma aula sôbre a *Apologia* de Platão.

Curso noturno

1.º ano: Quatro aulas sôbre Morfologia Nominal e Verbal.

Durante as férias do 1.º semestre, aos 24 de julho de 1951, faleceu repentinamente no Rio de Janeiro, onde se encontrava em visita a pessoas de sua família, o Prof. Aluísio de Faria Coimbra que, desde março de 1942, se encontrava regendo a Cadeira de Língua e Literatura Grega.

Com o seu desaparecimento perdeu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras um dos seus mais devotados Mestres, e as Letras Clássicas, uma das grandes culturas contemporâneas.

Designado pelo Conselho Técnico-Administrativo, assumiu interinamente a regência da Cadeira — enquanto se entabulavam as negociações para a vinda de um helenista do Exterior — o Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior, Professor de Filologia Românica desta Faculdade.

Na reunião de 6 de dezembro de 1951, o Conselho Técnico-Administrativo elegeu, entre os vários candidatos apresentados, o Prof. Robert Aubreton para, pelo prazo de três anos, ficar à frente da Cadeira de Língua e Literatura Grega.

Trabalhos publicados

Aluísio de Faria Coimbra, *Algumas formas de diferenciação*. São Paulo, Brusco & Cia., 1951.

Hilda Penteado de Barros, "Mireau (Émile) — Les Poèmes Homériques et l'Histoire Grecque. Tome II: L'Iliade, l'Odissée et les rivalités coloniales" (Crítica literária), *Revista de História*, São Paulo, outubro-dezembro de 1951, n. 8, página 462.

Idem, "Necrológio — Professor Aluísio de Faria Coimbra", *Revista de História*, São Paulo, outubro-dezembro de 1951, n.º 8, página 477.

Idem, em 14 de fevereiro de 1951, publicou n' *A Gazeta* uma reportagem sôbre sua viagem de estudos à Grécia, realizada no mês de agosto do ano precedente.

Prêmio Aluísio de Faria Coimbra

Por ocasião do falecimento do saudoso Mestre Aluísio de Faria Coimbra, a Auxiliar de Ensino da Cadeira, Hilda Penteado de Barros, entregou ao Diretor da Faculdade, Prof. Simões de Paula, a importância de três mil cruzeiros para — com o título de "Prêmio Aluísio de Faria Coimbra" — ser entregue ao aluno da 1.ª série de Letras Clássicas que, no decorrer de 1951, mais se distinguisse na Cadeira de Grego.

Terminados o exames de fim de ano, e confrontadas as notas, foi conferido o prêmio ao aluno Flávio Vespasiano di Giorgi que obteve a média 9,50.

A cerimônia da entrega do prêmio realizou-se no Gabinete do Diretor da Faculdade. A ela estiveram presentes, além do aluno mencionado, o Prof. Simões de Paula, o atual Professor da Cadeira, Sr. Robert Aubreton, a Viúva Aluísio de Faria Coimbra com suas filhas Thaís e Cynthia e a Auxiliar de Ensino, Hilda Penteado de Barros.

Usaram da palavra o Prof. Simões de Paula e o Prof. Robert Aubreton. O primeiro enaltecendo a memória do Prof. Aluísio de Faria Coimbra, elogiou também o gesto da Auxiliar da Cadeira e estimulou o aluno Flávio Vespasiano di Giorgi a que prosseguisse no seu amor ao estudo. O Prof. Robert Aubreton teceu idênticas considerações sobre os mesmos pontos, e assim terminou o singelo preito de saudade ao inesquecível Mestre.

LÍNGUA INGLÊSA E LITERATURA INGLÊSA E ANGLO-AMERICANA.

Professor: John Francis Tuohy.

Assistente: Higino Aliandro.

*

Durante o ano letivo de 1951, a Cadeira de Inglês continuou funcionando com grande número de estudantes — aproximadamente 120.

Curso diurno:

1.^a série — Como nos anos anteriores, o programa da 1.^a série consistiu do ensino da Língua, exclusivamente. Além da gramática, que foi revista e estudada, nas questões mais importantes, incluíram-se aulas de leitura e conversação, ministradas pelo Professor e pelo Assistente. Exercícios gramaticais e de redação também fizeram parte deste curso.

2.^a série — Deu-se início ao curso de História da Literatura, desde o período anglo-saxão até a época da Rainha Isabel. Os alunos apresentaram, em face do curso ministrado, ensaios sobre as obras que tiveram de ler. No curso de língua estudaram-se as construções gramaticais mais difíceis. A fim de que os ensaios fossem escritos com certa técnica, foi-lhes ministrado um curso de composição.

3.^a série — Continuou-se o estudo da História da Literatura, que abrangeu os séculos XVII e XVIII. Quanto à língua, estudaram-se os provérbios, sinonímia, expressões idiomáticas, verbos com preposições, etc. Desenvolveu-se, mais ainda, o curso de composição e atenção especial foi dispensada ao curso de crítica e apreciação literária. Os bons resultados deste curso foram comprovados pelos ensaios, que foram apresentados pelos alunos em intervalos regulares.

4.^a série — Um estudo mais pormenorizado de crítica e apreciação literária foi ministrado, especialmente em face do Movimento Literário Romântico. Notas de aproveitamento foram atribuídas aos ensaios críticos apresentados pelos alunos. Ministrou-se um curso de Literatura Anglo-americana, desde os primórdios até o século XIX. Em aditamento aos cursos acima mencionados, tiveram os alunos um Curso de Filologia.

5.^a série — Continuou-se o estudo da História da Literatura Inglesa e da Literatura Anglo-americana, sendo que os autores escolhidos foram estudados individualmente e em profundidade. Por solicitação

dos alunos, realizou-se um curso de língua, que consistiu no estudo de palavras chaves no desenvolvimento do inglês moderno.

Curso noturno

Iniciou-se, êste ano, com a 1.^a série, o Curso Noturno. O programa desenvolvido foi exatamente o mesmo da 1.^a série do Curso Diurno.

Distribuição de Aulas

Até a 4.^a série, o ensino de Língua e Literatura foi feito pelo Prof. J. F. Tuohy e pelo Assistente Higino Aliandro. As aulas de Literatura Anglo-americana foram ministradas pelo Assistente H. Aliandro e os outros cursos da 4.^a e 5.^a série, pelo Prof. J. F. Tuohy. Ambos os Professôres deram 14 aulas semanais.

Biblioteca

Grande número de livros novos foram adquiridos durante êste ano. A nova aquisição representa auxílio inestimável à Cadeira, pois os alunos puderam desenvolver ensaios sôbre as obras dos autores estudados durante o curso.

Conferências

Por solicitação do Grêmio da Faculdade, o Prof. J. F. Tuohy pronunciou uma série de palestras sôbre "A Vida e as Instituições Ingêssas", ilustrada por interessantíssimas projeções.

A convite da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas, o Prof. J. F. Tuohy realizou, ainda uma conferência sôbre "As Irmãs Brontes".

LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

Professor: Ítalo Bonfim Bettarello.

Assistente: Carla Inama.

*

Biblioteca

Com as valiosas doações do Ministério das Relações Exteriores e das Publicações da Universidade de Florença, estas obtidas pelo Professor da Cadeira quando na Itália, a biblioteca se enriqueceu com mais 391 volumes, destacando-se, entre êles a coleção de clássicos da UTET e as obras completas de Carducci e D'Annunzio. Consta atualmente de 841 volumes.

Neste ano, foram iniciadas pela Faculdade as assinaturas das seguintes revistas: *Paragone, Letteratura e Arte, Critica (Quaderni), Fiera Letteraria, Giornale Storico della Letteratura Italiana, Letteratura Moderna, Rivista di Filosofia, Lingua Nostra, L'Italia che scrive, Inventario, Studi Filosofici, Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa.*

Discoteca

Acha-se em organização uma discoteca especializada para aulas práticas de língua e de dialetologia.

Cursos

Além dos cursos gerais de Língua e Literatura, foram realizados, êste ano, um curso monográfico sôbre a "Poesia Moderna na Itália", no 1.º ano, e um curso monográfico, para o 2.º e 3.º anos, sôbre a obra de "Carducci, Pascoli e d'Annunzio".

Para o 4.º ano e Especialização os alunos escolheram, entre os vários temas propostos, como já fizeram os dos anos anteriores, um curso sôbre a "Estética de Croce". Nesse sentido foram realizados trabalhos sôbre os problemas teóricos da estética de Croce e sôbre os problemas por êle levantados nos escritos históricos, críticos e nas monografias sôbre as figuras da Literatura Italiana.

Prof. Edoardo Bizzarri

Infelizmente a Cadeira não pôde contar, êste ano, com a colaboração do Prof. Bizzarri, como vinha acontecendo desde a sua chegada ao Bra-

sil, em 1948. No entanto, está assegurada a sua colaboração no próximo ano, como Professor Auxiliar.

Seminários e colóquios

Foram realizados, êste ano, seminários pelo Professor e pelo Assistente da Cadeira, sôbre os problemas fundamentais do curso e sôbre os problemas da crítica e historiografia literária, assim como vários seminários sôbre problemas filológicos da língua italiana de Dante, durante a permanência do Prof. Terracini.

Trabalhos e pesquisas

São os seguintes os trabalhos e pesquisas realizado pelo Professor da Cadeira:

1. Trabalhos em impressão:
 - a) "Poesia e poética de Vergílio" (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n.º 148, Língua e Literatura Italiana n.º 2).
 - b) "Forma e espírito em Dante e Vergílio".
2. Trabalhos concluídos, aguardando publicação:
 - a) "Lineamenti della poesia contemporanea italiana", tese defendida na Universidade de Turim, a ser publicada em Boletim da Faculdade.
 - b) Estudos dantescos:
 - "Três leitores de Dante"
 - "A Poética, a Poesia e a Língua de Dante"
 - "Dante lido hoje".
 - c) "Novos documentos para uma tese de Poética".
3. Apostila:
 - "Lineamenti di una storia dell'italiano delle origini".
4. Trabalhos em preparação:
 - a) Um estudo sôbre "As variantes do *Giorno* de Parini".
 - b) Um estudo sôbre "A evolução das idéias estéticas de Croce e os problemas da estética atual, na Itália".
 - c) Um Boletim que reunirá os cursos e conferências ministrados na Cadeira, pelos Professôres De Ruggero, Flora, Abbagnano, Lombardi, Terracini, Bizzarri, Valsechi e Bettarello.

Conferências

O Prof. Ítalo Bonfim Bettarello pronunciou as seguintes conferências:

"Formazione della Letteratura Brasileira", no salão nobre da Universidade de Turim, a 16 de março de 1951.

“La Letteratura Moderna in Brasile”, no salão nobre da Universidade de Turim, a 17 de março de 1951.

“Problemi della Letteratura Brasiliana moderna e loro rapporto com la Letteratura Italiana”, na sala de conferências do Centro “Leonardo da Vinci”, em Florença, a 20 de março de 1951.

“Poesia e Poética do Futurismo”, no Centro Acadêmico de Belas Artes, abrindo a Semana Universitária de Arte, a 1.º de outubro de 1951.

Títulos e distinções

O Professor da Cadeira obteve os seguintes títulos e distinções:

1. Convite do Reitor da Universidade de Turim para realizar conferências.

2. Convite do Reitor da Universidade Bocconi, de Milão, para trabalhar com o Prof. Flora.

3. Diploma de Letras do Curso de Verão de 1950, da Universidade para Estrangeiros de Florença.

4. Certificado de conclusão do Curso de Letras da Universidade de Turim, em 1951.

5. Curso de Letras, assistido na Universidade de Perúgia, em 1951.

6. Recebeu, com louvor, o título de Doutor em Letras pela Universidade de Turim, em março de 1951, pela defesa de uma tese sobre “Lineamenti della Poesia Contemporânea (Problemi intorno al 1914)”.

7. Convite do Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Turim, para realizar um curso, em 1952, sobre as relações entre a Literatura Italiana e a Brasileira.

Colaboração com instituições nacionais e estrangeiras

A Cadeira continua em estreita colaboração com o Instituto Cultural Italo-brasileiro, do qual o Professor é um dos diretores. Além disso iniciou a sua colaboração com as Universidades de Turim, Florença e Milão, com o Centro de Estudos para estrangeiros da Universidade de Florença e com a Universidade para Estrangeiros de Perúgia, da qual é representante em São Paulo, e está em entendimentos para criar a Seção de São Paulo do Instituto Nacional de Estudos sobre o Renascimento de Florença.

Professôres visitantes

Êste ano, como Professor Visitante, a Cadeira convidou o ilustre mestre da Universidade de Turim, professor Benvenuto Terracini, que realizou um curso sobre “Uma História da Língua Italiana desde as Origens”.

Aproveitando a sua estada no Brasil, como representante da Bienal de Veneza na I Bienal de São Paulo, foi convidado, também, o crítico e historiador da arte, Dr. Marco Valsecchi, para realizar uma série de conferências sobre “A Arte Italiana Contemporânea”.

Assistente Carla Inama

Nomeada Assistente em 1951, encarregou-se dos cursos de Língua e realizou seminários sôbre conversação e trabalhos de língua viva. Tem em preparação uma tese: "Metastásio e sua influência sôbre os poetas da Arcádia Mineira".

Comentário

Deseja a Cadeira deixar consignado o mais irrestrito aplauso aos quatro itens do *Comentário* da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea, no *Anuário de 1950*.

Na realidade, não pode ser feito um trabalho honesto e de primeira mão, enquanto não forem fornecidos às Cadeiras de Letras um completo material de textos e uma rica filmoteca de documentos, códigos, manuscritos inéditos e livros esgotados, e enviados professores, assistentes e alunos para pesquisarem nas fontes européias ou americanas.

Sugere-se, ainda, sejam organizadas pela Faculdade missões que possam ir às fontes européias, brasileiras ou americanas, formadas de professores de História e de Letras com substanciais meios para conseguirem microfilmes em grande escala. Lembra-se que, neste momento, universidades americanas estão microfilmando tôda a Biblioteca do Vaticano. Se não se pode realizar êsse desideratum em tão larga escala, não faltarão à nossa Universidade meios para microfilmarmos, ao menos, os mais importantes textos inéditos ou esgotados de História e Letras.

LÍNGUA E LITERATURA LATINA

Professor: — Urbano Canuto Soares.

Assistente: — Armando Tonioli.

*

Curso de Língua Latina

No ano letivo de 1951, os autores estudados na Cadeira de Língua e Literatura Latina, foram Catulo e Suetônio, nos cursos regulares; e Ovídio e Vergílio, nos cursos paralelos, regidos pelo Assistente.

Fêz-se a interpretação e o comentário filológico dos textos. O estilo e a métrica foram objeto de minucioso estudo. Êstes aspectos dos programas dos cursos foram tratados em seminários realizados semanalmente, nos quais se insistia também nos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas de fonética, morfologia e sintaxe histórica do latim, ministradas uma vez por semana.

Curso de Literatura Latina

Nos cursos de Literatura Latina, começou-se por uma introdução geral sôbre os primórdios da Literatura Latina, as formas literárias elementares e a influência do helenismo. Foram fixadas as características genéricas e os grandes períodos da história literária de Roma.

Estudou-se a evolução da historiografia e a obra histórica de Suetônio, sob um critério especializado.

Foram ainda tratadas as origens da comédia latina e a sua evolução até Plauto.

Programa do 4.º ano (Especialização)

1. A métrica de Catulo: —

a) Introdução: — o ritmo indo-europeu. A quantidade. O pé e o metro. A métrica grega. Suas origens. Os teóricos da versificação grega.

b) Naturalização dos ritmos gregos em Roma. Catulo e os neotéricos. As espécies métricas usadas por Catulo. Sua história. Particularidades da versificação catuliana. Pesquisas sôbre o texto catuliano, no domínio da rítmica.

2. *Seminários:* —

Realizaram-se seminários e conferências sôbre Catulo, Ovídio e Vergílio.

Glotologia Clássica

Tratou-se, no 3.º ano de Letras Clássicas, da matéria constante do programa estabelecido no início do ano letivo.

Publicações

Foi entregue, para publicação, um Boletim da Cadeira de Língua e Literatura Latina.

LITERATURA BRASILEIRA

Professor: — Mário Pereira de Souza Lima.

Assistente: — José Aderaldo Castello.

*

Cursos

O curso de Literatura Brasileira é ministrado aos alunos de Letras Neolatinas e de Letras Clássicas, do 2.^o ao 5.^o ano, sendo que as aulas do 4.^o e 5.^o anos (Especialização), optativas, são dadas em conjunto.

De acôrdo com a orientação até agora seguida pela Cadeira, o programa é organizado de tal forma que, ao chegar ao 4.^o e 5.^o anos (Especialização), o aluno tenha um conhecimento geral da Literatura Brasileira e, ao mesmo tempo, o conhecimento mais aprofundado de seus principais autores e problemas históricos.

Assim, para o 2.^o ano, além do ponto de Introdução, que consistiu numa visão geral de nossa historiografia literária, programou-se o estudo dos principais aspectos da literatura colonial e da do início da era autonômica, com o romance romântico.

No 3.^o ano, além da poesia romântica, com Gonçalves Dias, e do romance igualmente romântico, com José de Alencar, programou-se o estudo da estética parnasiana e simbolista, e o do romance realista, colocando-se em posição de destaque a figura de Machado de Assis.

Para o 4.^o e 5.^o anos, reservaram-se alguns aspectos do modernismo.

Infelizmente, dadas as interrupções do ano letivo, sobretudo com a greve geral das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, o programa previsto foi em parte sacrificado. Mesmo assim, não se deixou de exigir do aluno a leitura de certas obras fundamentais e a elaboração de trabalhos de aproveitamento, um correspondente ao 1.^o semestre, outro ao 2.^o.

Novas aquisições

Em 1951, a Cadeira de Literatura Brasileira pôde adquirir 237 volumes que, somados com os já existentes em sua pequena biblioteca, atingem o total de 684. São obras literárias — história, crítica, ensaio, ficção e poesia — destinadas à leitura dos alunos.

Comprou um aparelho de microfilmagem, a fim de tornar possível a pesquisa de documentos e manuscritos literários, em arquivos e

bibliotecas do país; finalmente, em complemento ao aparelho citado, fez a compra de um outro, para leitura de microfilmes.

Participação em concurso

O Prof. Mário Pereira de Sousa Lima, como representante da Congregação, tomou parte na Comissão Examinadora do Concurso de Filologia Românica, a que concorreu o Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior.

Viagem de pesquisa

Em dezembro de 1951, o 1.º Assistente, José Aderaldo Castello, foi comissionado para fazer uma viagem de pesquisa em arquivos e bibliotecas de Recife, Salvador e Belo-Horizonte.

LITERATURA PORTUGUÊSA

Professor: — Fidelino de Figueiredo.

Assistente: — Antônio Augusto Soares Amóra.

Auxiliar de Ensino: — Segismundo Spina.

*

Cursos

O curso de Literatura Portuguesa é ministrado aos alunos do 1.º, 2.º e 4.º anos (Especialização) de Letras Clássicas e Letras Neolatinas.

No 1.º ano, o curso teve por objetivo dar aos alunos uma orientação dentro dos modernos estudos da literatura portuguesa. Com êste objetivo, o curso dividiu-se em duas partes: *curso teórico* — exposição do panorama histórico da literatura portuguesa; seus principais aspectos e problemas críticos (esta parte do curso objetivou dar aos alunos uma visão de conjunto da história literária de Portugal, e ainda aproximá-los da moderna problemática da crítica literária portuguesa); exposição sobre a cultura e a literatura medievais: — do trovadorismo a Gil Vicente (aqui o objetivo foi levar os alunos a um estudo, já em profundidade, de uma época histórica); *curso prático* — trabalhos de leitura e crítica (relatórios de leitura): — no primeiro semestre, cantigas trovadorescas; no segundo, peças de Gil Vicente (o curso prático, instituído há anos na Cadeira, objetiva ensinar aos alunos normas de leitura e interpretação crítica. Cada aluno apresenta, semestralmente, um relatório de leitura e interpretação crítica das obras que lhe são indicadas para estudo. Dêsses relatórios tiram-se os elementos para julgar do aproveitamento do aluno e a matéria para o seu exame escrito).

No 2.º ano o curso já pôde tomar, como sempre, um caráter aproximadamente monográfico. Como no 1.º ano, foi dividido em duas partes: *curso teórico* — o Romantismo português, particularmente o romance (estudado em função da obra de Camilo Castelo Branco. Com vistas à compreensão do romance romântico, do romantismo português e do romantismo em geral, foi lido e interpretado pela Cadeira o *Amor de Perdição*); *curso prático* — relatórios de leitura e interpretação crítica de um romance romântico (aqui já se exigiram trabalhos mais definidos, do ponto de vista das normas da interpretação crítica).

No 4.º ano, o curso teve um caráter definidamente monográfico. No *curso teórico* o professor desenvolveu suas idéias sobre “O problema das gerações literárias”. No *curso prático*, cada aluno elaborou um trabalho de interpretação de uma geração literária portuguesa. (Êsse trabalho já teve um caráter de tese).

Trabalhos publicados

Fidelino de Figueiredo, *Um colecionador de angústias*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1951.

Fidelino de Figueiredo, *Estudos de Literatura (Quinta série: 1947-1950)*. São Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, CXXII, Letras n.º 7, 1951.

Fidelino de Figueiredo, *Viagem através da Espanha literária (Apontamentos de 1928)*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, sep., 1951.

Fidelino de Figueiredo, Prefácio e publicação da obra de João Hankiss, *La littérature et la vie (Problématique de la Création Littéraire)*. São Paulo (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, CXXIV, Letras n.º 8, 1951.

Antônio Soares Amóra, *Teoria da literatura*, 2.^a edição, revista e aumentada. São Paulo, Editôra Clássico-científica, 1951.

Fidelino de Figueiredo, "Uma academia paulista do século XVIII (Revelação e estudo de inéditos)", *Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae"*, São Paulo, 1950-1951, páginas 47-60.

Fidelino de Figueiredo, "Parnaso e Polícia (Revelação e estudo de inéditos setecentistas)", *Investigações*, São Paulo, junho de 1951, n.º 30.

Fidelino de Figueiredo, "O diagnóstico precoce e constante no ensino da língua vernácula", *Revista de Educação*, Departamento de Educação do Estado de São Paulo, junho de 1951, vol. XXXVII, n.º 59, páginas 39-42.

Fidelino de Figueiredo, "O ensino da literatura no curso secundário", *Português*, São Paulo, agosto-setembro de 1951, n.º 6.

Segismundo Spina, *Fenômenos formais da poesia primitiva*. São Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, CXXV, Letras n.º 9, 1951.

Atividades extra-curriculares

Fidelino de Figueiredo: — Convidado pela Universidade de Montevideu e pela Universidade de Munique, para ministrar cursos de sua especialidade, deixou, por motivo de saúde, para 1952, os referidos compromissos.

Antônio Soares Amóra: — Presidente da Banca de Português do Concurso de Ingresso no Magistério Secundário e Normal. Aula inaugural dos cursos de férias para professores primários e secundários (ja-

neiro de 1951). Aula inaugural do curso preparatório para ingresso na Escola de Jornalismo Casper Líbero (janeiro de 1951). Conferência sôbre os estudos folclóricos de Sílvio Romero (Auditório da Gazeta, outubro de 1951). Conferência sôbre "O significado histórico do 1.º de Dezembro" (Centro Português, Santos, dezembro de 1951). Convidado pela Universidade de Hamburgo, para ministrar cursos de sua especialidade, partiu para a Alemanha, em missão oficial, em dezembro de 1951.

Segismundo Spina: — Convidado pela Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Universidade Católica de São Paulo, para reger a Cadeira de Língua e Filologia Portuguêsa (agosto de 1951).

PSICOLOGIA

Professôra: — Anita de Castilho e Marcondes Cabral.

Professor Visitante (1.^a semestre): — Frederick-Marie Urban.

1.^o Assistente: — Carolina Martuscelli (ausente), Natália Voinoff (substituta).

Assistente (do antigo Instituto de Educação): — Maria da Penha Pompeu de Toledo.

Assistentes extra-numerários: Dante Moreira Leite e Elza S. Lima Antunha.

*

Em 1951, a Cadeira de Psicologia, além dos cursos já apresentados em 1950 e dedicados a cada uma das quatro séries do Curso de Filosofia, e à 2.^a série do Curso de Ciências Sociais, ofereceu dois cursos novos, ambos a cargo do Prof. Frederick-Marie Urban, Professor Visitante. O Prof. Urban é especialista de renome internacional nos assuntos sobre os quais versaram os seus cursos: 1) "Psicologia Experimental" e 2) "Métodos Estatísticos em Psicologia". Este último foi apresentado sob a forma de curso livre, de aperfeiçoamento, aberto a alunos, ex-alunos e demais interessados.

O curso de Psicologia Experimental foi restrito aos alunos da 3.^a série de Filosofia e de Especialização em Psicologia. Pela primeira vez nesta Cadeira se apresentou um curso em moldes exclusivamente experimentais. A própria realização deste curso tinha os objetivos de uma experimentação pedagógica sobre uma questão que vem interessando de maneira especial esta Cadeira, por lhe parecer de magna importância: "*Em que medida é possível realizar, de maneira adequada, o ensino básico de Psicologia, num contexto de estudos filosóficos?*"

Apesar da falta de instalações, aparelhamento e facilidades correntes em Universidades em que a Psicologia Experimental é reconhecida em seu verdadeiro valor, a dedicação do eminente professor Urban conseguiu suprir muitas das principais deficiências de instrumental. Mas, não obstante a qualidade e a dedicação incontestes de um psicólogo da envergadura e das tradições do Professor Visitante, a tentativa realizada veio corroborar a opinião a que, pelo contacto diário com os problemas do ensino de Psicologia, a Professôra da Cadeira já havia chegado: um curso de Psicologia, experimental no seu espírito e no seu conteúdo, não encontra as condições adequadas numa secção de estudos filosóficos, cujo currículo não lhe oferece as bases necessárias (na forma de conhecimentos seguros de matérias básicas ou instrumentais à experimentação psicológica), nem o indispensável clima científico. Impõe-se, conseqüentemente, a existência de um Curso de Psicologia (autônomo),

em que existam as condições referidas e que possa, além disso, preparar os técnicos em Psicologia que o meio social já reclama.

Biblioteca

A pequena biblioteca da Cadeira se viu aumentada de 64 volumes, contando com um total de 447 obras diferentes.

A Cadeira adquiriu coleções e assinou revistas especializadas. São as seguintes as coleções, completas ou aproximadamente completas de que agora dispõe: 1) *Journal of Experimental Psychology* (1916-1950); 2) *The American Journal of Psychology* (1887-1950); 3) *Psychological Monographs* (1904-1950); 4) *Genetic Psychology Monographs* (1925-1950); 5) *L'Année Psychologique* (....-1950); 6) *Archives de Psychologie* (....-1950); 7) *Acta Psychologica* (....-1950) e, 8) *Psychometrika* (1936-1950).

Além dessas, foram assinadas, em 1951, mais as seguintes: 1) *British Journal of Psychology*, 2) *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 3) *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 4) *The Journal of Social Issues* e 5) *Journal of Social Psychology*.

Este já considerável acervo de revistas requer, para que dêe se possa tirar rendimento que o justifique, uma catalogação e classificação por artigos, o que, por ora, está fora do alcance do diminuto pessoal de que a Cadeira pode, regularmente, dispor.

Laboratório

Não obstante seus reiterados e justificados pedidos, todos aprovados pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade, não conseguiu ainda a Cadeira os funcionários para realizar esta já velha aspiração de seus alunos e professores.

Títulos e Distinções

A professora Anita de Castilho Cabral, a convite, compareceu, como representante da Faculdade, ao XIII Congresso Internacional de Psicologia, reunido em Estocolmo, participando também do IV Congresso Internacional de Psicotécnica, em Gotemburgo. Foi também eleita "fellow" da *American Association for the Advancement of Science*.

A Assistente Carolina Martuscelli recebeu o grau de "Master of Arts" na *Graduate Faculty of Political and Social Science da New School for Social Research*, em Nova Iorque, tendo, depois, seguido cursos na Sorbonne, em Paris, onde também estagiou em institutos especializados em Psicologia, entre outros no Laboratório de Psico-biologia da Criança, da Escola de Altos Estudos.

Publicações

Foram publicados, em pequenas edições mimeografadas, ambos os cursos do Prof. F. M. Urban.

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Professôra: — Noemy da Silveira Rudolfer.

Assistentes: — Arrigo Leonardo Angelini, Maria José de Barros Fornari de Aguirre e Maria Dulce Nogueira Garcez.

Auxiliar de Ensino: — Hebe Rolim de Camargo.

Assistentes Extranumerários (2.º semestre): Cecília Elisa Silva de Olmedo e Joel Martins.

Assistentes sem atribuição de aulas: — Beatriz de Freitas Wey, Eulália Alves de Siqueira e Nilontina Gonçalves Golanda (do antigo Instituto de Educação).

*

Fatos dignos de nota

A Cadeira de Psicologia Educacional desenvolveu normalmente suas atividades durante o ano de 1951, convindo, no entanto, ressaltar alguns acontecimentos:

Janeiro

Foi ministrado, pelo 1.º Assistente, Arrigo Leonardo Angelini, um curso de férias para professôres secundários de Educação, patrocinado pela Secretaria da Educação, em colaboração com a Reitoria da Universidade de São Paulo.

Abril

Iniciaram-se os cursos noturnos, com aulas de Psicologia Educacional, no 1.º ano do Curso de Pedagogia.

Maio

Foi contratada a licenciada Hebe Rolim de Camargo, para prestar serviços técnicos como Auxiliar de Ensino.

Agosto

A Professôra da Cadeira foi autorizada pelo Governador do Estado a prestar serviços junto ao Ministério da Guerra, tendo sido designado o 1.º Assistente, Artigo Leonardo Angelini, para substituí-la durante o seu afastamento.

Foram nomeados os licenciados Cecília Elisa Silva de Olmedo, Hebe Rolim de Camargo e Joel Martins para, pelo prazo de um ano, exercerem o cargo de Assistentes Extranumerários.

Novembro

A Cadeira de Psicologia Educacional passa a regime de tempo integral.

Cursos

Foram realizados, durante o ano de 1951, cursos de Psicologia Educacional:

- na 1.^a, 2.^a e 3.^a séries do Curso de Pedagogia (diurno);
- na 1.^a série do Curso de Pedagogia (noturno);
- no Curso Especial de Didática para os alunos de tôdas as secções matriculados na 4.^a série;
- no Curso de Especialização em Psicologia Educacional, abrangendo a 1.^a e a 2.^a séries.

Distribuição da matéria nos vários cursos

1. *Curso de Pedagogia*: Êste Curso foi realizado concomitantemente para a 1.^a e 2.^a séries, tendo sido desenvolvidos os seguintes assuntos: Psicologia Educacional e História da Psicologia Educacional. Na 3.^a série foi desenvolvido um programa de Psicologia da Aprendizagem.

2. *Curso Especial de Didática*: Considerando que êste Curso se destina a todos os alunos das várias Secções da Faculdade, elementos que apresentam formação e especialização bastante diferenciadas, e atendendo, também, ao fato de que muitos dêles se encaminham para o magistério secundário, procurou-se dar um conteúdo que atendesse a tais condições e interêsses e que permitisse dar também uma orientação psicológica e educacional. Por êsse motivo, foram desenvolvidos cursos de Psicologia da Adolescência e Psicologia da Aprendizagem.

3. *Curso de Especialização em Psicologia Educacional*: Tal como em anos anteriores, êste Curso foi realizado em forma rotativa, abrangendo as seguintes matérias: Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Anormal, Psicologia do Adolescente, Psicologia Diferencial, Psicologia Social e Seminário de Métodos.

Distribuição das aulas

1. *Curso de Pedagogia*: De acôrdo com o Regulamento da Faculdade, foram dadas três aulas semanais para cada uma das três séries dêste Curso, sendo duas de Psicologia Educacional e uma de História da Psicologia Educacional.

2. *Curso Especial de Didática*: As aulas neste Curso foram em número de três semanais: duas de Psicologia da Adolescência e uma de Psicologia da Aprendizagem.

3. *Curso de Especialização em Psicologia Educacional*: Foram dadas duas aulas semanais em cada uma das disciplinas dêste Curso.

Número de alunos

Os alunos matriculados nos cursos em que se estuda Psicologia Educacional estavam, em 1951, assim distribuídos:

Curso de Pedagogia:

1.º ano (diurno e noturno)	39
2.º ano	37
3.º ano	23
<hr/>	
Total	99
Curso Especial de Didática	129
Curso de Especialização em Psicologia Educacional	32
<hr/>	
Total geral	260

Publicações

Arrigo Leonardo Angelini, "Apreciação crítica do connexionismo como teoria da aprendizagem". *Boletim de Psicologia*, órgão da Sociedade de Psicologia de São Paulo, n.º 5, 6 e 7.

Maria José de Barros Fornari de Aguirre, "Afeição, cólera e medo entre adolescentes estudantes da cidade de São Paulo", que constituirá um Boletim da Cadeira (no prelo).

Biblioteca

Número de volumes existentes em 1951: 664.

Começaram a ser recebidas, novamente, êste ano, várias revistas, cujas assinaturas haviam sido interrompidas no ano anterior.

A biblioteca continuou funcionando diàriamente, exceto aos sábados, para consultas, retiradas e devoluções, das 14 às 17 horas.

Títulos

Foi eleito 1.º Secretário da Sociedade de Psicologia de São Paulo, o 1.º Assistente Arrigo Leonardo Angelini, durante o ano social de 1951-52.

Doutorou-se em Pedagogia, em 27 de abril, a 2.ª Assistente, Maria José de Barros Fornari de Aguirre, com a tese: "Afeição, cólera e medo entre adolescentes estudantes da cidade de São Paulo".

Colaboração com outras instituições

Ministério da Guerra: A Professôra da Cadeira fêz um estudo sôbre a fadiga nas escolas de preparação militar. Realizou dois cursos para oficiais, na Diretoria do Ensino do Estado Maior do Exército, sôbre Psicologia Diferencial. Incumbiu-se de quatro conferências sôbre Psicologia da Personalidade, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Tomou parte ativa no 1.º Seminário de Ensino da Diretoria do Ensino, na Academia Militar das Agulhas Negras e fêz parte da comissão designada para os estudos da *definição do critério*.

Sociedade de Pestalozzi do Brasil: A Professôra da Cadeira presidiu à Secção de Psicologia do Seminário reunido por essa Sociedade, em dezembro de 1951.

Ministério da Educação da Bolívia: A Professôra da Cadeira foi convidada pelo Govêrno da Bolívia, em novembro de 1951, para participar, em La Paz, dos trabalhos de reorganização da educação naquele país.

Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Filosofia: A Professôra da Cadeira fêz algumas conferências no Curso de Psicologia da Criança, promovido por essa Associação.

Ministério da Educação e Fundação Getúlio Vargas: A Professôra da Cadeira participou do Curso de Formação de Orientadores, realizado pelo Departamento de Educação Industrial, pela CEBAI e pela Fundação Getúlio Vargas. Incumbiu-se do Curso de Psicologia do Desenvolvimento.

Conservatório Nacional de Música: A Professôra da Cadeira deu um curso sôbre "Psicologia e Arte", de vinte lições, no Conservatório Nacional de Música (julho a novembro de 1951).

Secretaria da Educação: O Assistente Arrigo Leonardo Angelini colaborou com o Serviço de Medidas e Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação, Secção de Psicologia.

Excursões

Em dezembro, o 1.º Assistente, Arrigo Leonardo Angelini, e a Auxiliar de Ensino, Hebe Rolim de Camargo, participaram, como representantes da Cadeira, do IV Congresso Internacional de Higiene Mental, realizado na cidade do México, e em seguida empreenderam viagem de estudos aos Estados Unidos da América do Norte, visitando dez Universidades daquele País.

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA GERAL

Professor: André Dreyfus.

Assistentes: Rosina de Barros, Crodowaldo Pavan e Antônio Brito da Cunha.

Auxiliares de Ensino: Marta Erps Breuer (Técnica), Elisa do Nascimento Pereira Knapp e Edmundo Ferraz Nonato.

*

Cursos

Foram dados em 1951, os cursos normais de que os membros do Departamento estão encarregados, isto é, o de Biologia Geral para o Curso de História Natural, o de Biologia Educacional para o 1.º ano do Curso de Pedagogia (curso diurno e noturno) e o de Higiene para o 2.º de Pedagogia. Foram também dados cursos de especialização para os alunos do 4.º ano de História Natural e para os bolsistas. Os cursos de especialização dados nesse período foram os de "Citogenética e Evolução", pelo Prof. Hampton L. Carson e o de "Genética de Populações e Evolução", pelo Dr. A. Brito da Cunha.

Viagem de estudo

Em março de 1951, regressou dos Estados Unidos o Dr. Antônio Brito da Cunha, que desde 1949 lá se achava fazendo cursos de especialização sobre assuntos relacionados com o estudo da Evolução (genética de populações, taxionomia, paleontologia e biometria) e sobre Taxionomia de Levedos. Os cursos foram feitos na Universidade de Colúmbia, New York, e Universidade de California, Berkeley, e financiados por bôlsa da Fundação Rockefeller. Ao mesmo tempo fêz várias pesquisas cujos resultados são relatados em trabalhos publicados em 1951.

Livre-docência

Em março de 1951, o Dr. Crodowaldo Pavan prestou concurso para livre-docência, tendo sido aprovado com a tese "Alelismo de letais nas populações de *Drosophila willistoni*".

Prof. H. L. Carson

Em julho de 1951, o Departamento recebeu a visita do Prof. Hampton L. Carson, Professor de Zoologia da Washington University, St. Louis,

Estados Unidos. O Prof. Carson que é uma das maiores autoridades em Genética de Populações, veio, contratado pela Universidade de São Paulo, para fazer pesquisas e dar um curso no Departamento. A sua viagem foi financiada pela Fundação Rockefeller. O Prof. Carson permaneceu em São Paulo até o fim do ano. Deu um curso sobre "Citogenética e Evolução" e conseguiu brilhantes resultados em suas pesquisas sobre a evolução de *Drosophila bocainensis*, cujos resultados serão publicados em 1952.

Bolsistas

Durante todo o ano de 1951, estiveram no Departamento dois bolsistas: Prof. Danko Brncic J., da Universidade de Santiago do Chile e Dr. Francisco Mauro Salzano, da Universidade do Rio Grande do Sul. Êstes dois bolsista tomaram parte nos cursos de especialização, estudando o polimorfismo cromosômico de várias espécies brasileiras de *Drosophila*.

Excursões

Em prosseguimento aos estudos realizados pelo Departamento, várias excursões foram feitas para a coleta de material. Além das excursões periódicas a Mogí das Cruzes, Piraçununga e Vila Atiântica, foram feitas excursões aos Estados do Amazonas e Bahía.

Tomaram parte na excursão ao Rio Negro (Amazonas), no mês de outubro, os Profs. H. L. Carson, C. Pavan e A. Brito da Cunha. Foram feitas coletas de *Drosophila*, em várias localidades, às margens do Rio Negro, desde Manaus até a foz do Rio Branco. O sucesso da viagem se deve ao precioso auxilio dos Srs. Governador Dr. Álvaro Maia e Tenente-coronel Carlos de Palma Lima, que ajudaram os excursionistas de tôdas as formas possíveis, enquanto estiveram em Manaus, e à Chefia das Fôrças Aéreas Brasileiras que, com a elevada compreensão que a caracteriza, lhes garantiu o transporte, de São Paulo a Manaus.

A excursão à Bahía foi feita em dezembro, pelos Profs. H. L. Carson e A. Brito da Cunha. As coletas foram realizadas nos arredores de Salvador e de Juazeiro, na zona da caatinga. Em Salvador contaram com a amabilíssima colaboração do Dr. Otávio Mangabeira Filho, diretor da Fundação Gonçalo Moniz, que pôs o seu laboratório e o serviço de transporte do Instituto à disposição dos excursionistas. O Dr. Delair de Albuquerque, embriologista do Museu Nacional, atualmente em Salvador e profundo conhecedor dos insetos dos arredores dessa cidade, muito os ajudou na escôlha dos locais apropriados à coleta de *Drosophila*. Em Juazeiro, tiveram a eficiente e amável colaboração do Dr. José de Carvalho Viana, diretor da Viação Fluvial Bahiana, do Dr. Cristóbal de Oliveira Matos, chefe da secção, em Juazeiro, do Serviço Nacional da Malária, e do Sr. Lindolfo Ferreira Dias, proprietário da Fazenda Gameleira (Salitre), que os hospedaram e auxiliaram em tôdas as oportuniades.

Seja esta uma oportunidade para agradecer a tôdas essas pessoas

que, com tanta amabilidade e compreensão, auxiliaram os excursionistas, que, certamente, sem êsse auxílio, muito pouco teriam alcançado.

Doações

O Departamento recebeu em 1951 Cr\$ 100.000,00 do Conselho Nacional de Pesquisas destinado a compra e instalação de uma autoclave especial.

Graças a essa doação foi possível a execução dos planos de pesquisa do Departamento.

O Departamento profundamente reconhecido agradece aos membros do Conselho a preciosa ajuda.

A Fundação Rockefeller, que desde 1943 vêm auxiliando o Departamento, doou em 1951 uma grande centrífuga, um microscópio de pesquisa e um agitador de culturas, além de drogas e vidraria.

Êsse equipamento se destina aos trabalhos com levedos agora iniciados.

À benemérita instituição os agradecimentos do Departamento.

Biblioteca e Secretaria

Como nos anos anteriores, a Biblioteca do Departamento contou com os eficientes cuidados da bibliotecária, D. Cândida de Paula Sousa. Também, a secretária do Departamento, D. Teresinha de Moraes Ungaretti, auxiliou grandemente o Departamento na parte administrativa e na datilografia de trabalhos.

Trabalhos publicados

Cunha, A. Brito da, *Contribuição para o estudo do polimorfismo*. — Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, CXXXI, Biologia Geral n.º 9, páginas 1-58.

Cunha, A. Brito da, "Modification of the adaptive values of chromosomal types in *Drosophila pseudoobscura* by nutritional variables". *Evolution*, V, 395-404.

Cunha, A. Brito da, Th. Dobzhansky and A. Soccoloff, "Comparative studies of chromosomal polymorphism in populations of tropical *Drosophila*". (Abstract) *Drosophila Information Service*, 25.

Dreyfus, A., E. Nonato, M. E. Breuer e C. Pavan, "Cromosomas politênicos em vários órgãos de *Rhynchosciara angelae* Nonato e Pavan", in *Revista Brasileira de Biologia*, 11 (4), 439-450.

Nonato, E. and C. Pavan, "A new species of *Rhynchosciara Rubsaanen* 1894". *Revista Brasileira de Biologia*, 11 (4), 355-437.

C. Pavan, "A new species of *Rhynchosciara Rubsaanen* 1894". *Revista Brasileira de Biologia*, 11 (4), 355-437.

Pavan, C., "Formação de germens resistentes à Penicilina e a outros agentes quimioterápicos". *Ciência e Cultura*, II, 2, 113-116.

Pavan, C., A. R. Cordeiro, N. P. Dobzhansky, Th. Dobzhansky, C. Magolowikin, B. Spassky and M. Webel, "Concealed variability in Brazilian populations of *Drosophila willistoni*", *Genetics*, 36, 13-30.

DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

Professor: — Félix Rawitscher.

Assistentes: — Mário Guimarães Ferri, Mercedes Rachid e Aylthon Brandão Joly

Auxiliares de Ensino: — Berta Lange de Morretes e Maria Ignez da Rocha e Silva.

*

Atividades curriculares

Ao lado das atividades rotineiras de ensino do curso básico, continuaram, em 1951, a ser ministrados os seguintes cursos de especialização:

- 1) — Economia vegetal — Prof. Félix Rawitscher.
- 2) — Culturas puras de algas, fungos e bactérias — Maria Ignez da Rocha e Silva.
- 3) — Sistemática — Dr. Aylthon Brandão Joly (até junho).
- 4) — Hormônios de crescimento — Dr. Mário Guimarães Ferri.

Êstes cursos (com horário flexível) têm a finalidade de estimular o trabalho independente, do aluno, desenvolvendo o discernimento próprio e criando o hábito do bom uso da biblioteca, do laboratório e de outros recursos.

Atividades extra-curriculares

À Dra. Berta Lange de Morretes foi concedido um afastamento, a fim de substituir, na Escola Superior de Agronomia, em Viçosa, da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, o Professor Catedrático de Botânica, Dr. Paulo Alvim.

O Dr. Aylthon Brandão Joly obteve, da Fundação Rockefeller, uma bolsa de aperfeiçoamento, tendo partido para Ann Arbor, no segundo semestre, a fim de estudar Algas, com o Prof. Taylor, da Universidade de Michigan.

A Dra. Mercedes Rachid regressou de Berkeley, onde esteve trabalhando desde 1949, igualmente com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, aperfeiçoando-se em Nutrição de Plantas, sob a direção do Prof. D. Arnon, da Universidade da Califórnia.

Comissionado pela Universidade de Rosário, encontra-se neste Departamento, como beneficiário de uma bolsa oferecida pela Reitoria da Universidade de São Paulo, o cientista argentino, Dr. Jorge Morello,

que se está aperfeiçoando sob a direção do Prof. Rawitscher, em Ecologia Vegetal.

Em 1.º de novembro, chegou a São Paulo, a convite da nossa Universidade, o Prof. Dr. Kurt Hueck, na qualidade de Professor Visitante, a fim de estudar a vegetação e preparar um mapa fitogeográfico do Brasil.

O Dr. Mário Guimarães Ferri foi reeleito Presidente da Secção de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Botânica e a Dra. Mercedes Rachid foi escolhida como Secretária.

O Conselho Nacional de Pesquisas concedeu ao Prof. Rawitscher uma bolsa de estudos, no valor de Cr\$ 50.000,00, para facilitar as excursões que servem ao estudo da vegetação do Brasil, especialmente das partes central e norte.

Para as mesmas finalidades, o Conselho Nacional de Pesquisas ofereceu a êste Departamento duas Bôlsas, no valor de Cr\$ 3.500,00 mensais cada uma para facilitar o trabalho de Lúcia de Camargo, que vem estudando a ecologia de certas plantas brasileiras. A segunda bolsa foi e está sendo empregada para facilitar os trabalhos de desenhos dos mapas fitogeográficos, que estão em elaboração neste Departamento.

Todos êstes trabalhos servem ao estudo fitogeográfico e ecológico do Brasil e ao mapeamento eventual e estão sendo executados por vários colaboradores, entre os quais merecem especial destaque o Dr. Jorge Morello e o Prof. Kurt Hueck. O Departamento contou também com a valiosa colaboração dos geógrafos Prof. João Dias da Silveira e Dr. Karlheinz Paffen.

Entre as excursões feitas por êste Departamento, destaca-se uma ao norte do Estado, até o Paraná, em companhia do Prof. João Dias da Silveira, Dr. Morello e Dr. Paffen, outra à Bahia, até Paulo Afonso e percorrendo boa parte do Estado da Bahia, para estudo da caatinga, excursão da qual participaram os Profs. Rawitscher, Morello, Hueck e Paffen. Outra grande excursão foi feita pelo Prof. Hueck, para estudo das florestas de Araucárias, no sul do Brasil.

No fim do ano, foi fundado o Comitê de Ecologia Tropical, dentro do quadro da "International Commission for Applied Ecology" da IUBS (International Union of Biological Sciences), do "International Council of Scientific Unions in Cooperation with UNESCO", Comitê que tem sua sede em São Paulo e cujos membros são: — Félix Rawitscher (Chairman); A. Aubréville, París; N. C. W. Beadle, Sidney, Austrália; J. Beard, Trinidad; F. Bharucha, Bombaim, Índia; Takahide Hosokawa, Fukuoka, Japão; Kurt Hueck, Tucumán, Argentina.

Visitas

Durante o ano, o Departamento de Botânica teve a honra de receber a visita de uma comitiva do Conselho Nacional de Pesquisas, chefiada pelo seu Presidente, o Almirante Álvaro Alberto. Também estiveram em visita ao Departamento os seguintes cientistas estrangeiros:

F. L. Breusch, Diretor do II Instituto de Química da Universidade de Estambul, Turquia; Frederick A. Wiggins e James C. Medcalf, do IBEC Research Institute; Harvey P. Newton, da Rutgers University, de New Brunswick.

Colóquios

Em 1951, foram realizados os seguintes colóquios, no Departamento de Botânica: —

Karl Silberschmidt — Efeitos fitotóxicos de inseticidas.

A. Brito da Cunha — Relações entre levedo e drosófilas.

Félix Rawitscher — Aplicação da genética à silvicultura.

Jorge Morello — A vegetação das dunas do interior da Argentina.

Mário Meneghini — Multiplicação de vírus de plantas.

Félix Rawitscher — O fogo, na agricultura pré-histórica européia.

G. Edwards — Aplicação de técnicas microvolumétricas em Botânica.

Trabalhos publicados

Félix Rawitscher, "Novos ensinamentos da Ecologia Tropical", *Ciência e Cultura*, 1951, vol. III, n.º 4.

Félix Rawitscher, "Beitraege zur Frage der natuerlichen Verbreitung tropischer Savannen", *Mitteil. der Geogr. Ges.*, Hamburgo (no prelo).

Mário Guimarães Ferri, "Fluorescence and Photoinactivation of Indoleacetic Acid", *Archives of Biochemistry and Biophysics*, 1951, Vol. 31, n.º 1.

Mário Guimarães Ferri, "Nuevas informaciones sobre la influencia de sustancias de crecimiento en el movimiento de las articulaciones de las hojas primárias de *Phaseolus vulgaris L.*" *Fiton*, 1951, 1 (1).

Mário Guimarães Ferri, "Foto-destruição do Fito-hormônio Ácido Indolil-3-acético por Compostos Fluorescentes". Tese ao concurso de Livre Docência da Cadeira de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.

Mário Guimarães Ferri, "Photoinactivation of the plant hormone indoleacetic acid by florescent substances", *Nature*, Aug. 25, 1951, n.º 4.269.

Livre-docência

Em março de 1951, realizou-se o concurso de livre-docência do Dr. Mário Guimarães Ferri. O candidato apresentou, como tese, o trabalho intitulado "Foto-destruição do Fito-hormônio Ácido Indolil-3-acético por Compostos Fluorescentes". A Comissão Examinadora, composta dos Professôres Paulo Sawaya, Félix Rawitscher, F. G. Brieger, Quintino Mingoya e Karl Silberschmidt, aprovou o candidato.

Reuniões científicas

O Departamento de Botânica participou de quatro reuniões da Sociedade Brasileira de Botânica, Secção de São Paulo, sendo duas na Capital, uma em Campinas e uma em Piracicaba.

Participou, também, da 3.^a Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, na qual o Prof. Félix Rawitscher presidiu o Simpósio de Fitogeografia e Ecologia e o Dr. Mário Guimarães Ferri, a Sessão de Botânica. Nessa reunião, o Prof. Rawitscher fez uma palestra sobre "Florestas de *Araucaria brasiliana*"; o Dr. Mário Guimarães Ferri, outra, sobre "Transpiração de Plantas do Cerrado, em especial das Permanentes" e a Dra. Mercedes Rachid, ainda uma outra, sobre "Transpiração de Plantas do Cerrado, em especial das Efêmeras". O Prof. Rawitscher proferiu ainda uma conferência intitulada "Formação de uma tradição científica". Entre os trabalhos originais, o Dr. Jorge Morello apresentou, em colaboração com o Prof. Félix Rawitscher, "Experiências sobre métodos para medir a transpiração de plantas"; a Dra. Mercedes Rachid comunicou os resultados que obteve, na Universidade da Califórnia, sob a orientação do Prof. D. Arnon, "Sobre o Mecanismo da Fotólise em Vegetais Superiores" e o Dr. Mário Guimarães Ferri apresentou, em colaboração com o Sr. Jordano Maniero, alguns resultados preliminares de suas pesquisas sobre "Influência de Compostos Fluorescentes sobre o crescimento de *Aspergillus*".

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA

I CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Professor: — Eduardo Alcântara de Oliveira.

Assistentes: — Geraldo dos Santos Lima Filho e Nagib Feres.

II CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Professor: — Milton da Silva Rodrigues (Diretor do Departamento).

Assistentes: — Lindo Fava, José Severo de Camargo Pereira.

Assistentes oriundos do antigo Instituto de Educação: — Maria Conceição Almeida Dias Batista, Judith Hallier e Josefina de Sousa Talmadge.

*

I CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Trabalhos realizados

O Prof. Eduardo Alcântara de Oliveira realizou os seguintes trabalhos:

“Apontamentos de Cálculo de Probabilidades” apostila do curso de Cálculo de Probabilidades, ministrado durante o ano de 1951;

“Centros da População do Distrito de São Paulo, em 1940 e 1950”, trabalho aprovado pelo Congresso de Geógrafos Brasileiros, realizado em Campina Grande.

Cursos de Especialização

Além dos cursos normais, foram ministrados os seguintes, dentro das atividades da Cadeira: Prof. Eduardo Alcântara de Oliveira, um curso sobre “Estimação Estatística”; Assistente Geraldo dos Santos Lima Filho, curso sobre Análise Matemática, ambos destinados aos alunos do Curso de Especialização em Estatística Analítica.

Participação em Congressos

O Prof. Eduardo Alcântara de Oliveira participou dos trabalhos preparatórios e da mesa incumbida da apresentação do tema “Aplicações da Psicologia ao Serviço Público”, no II Congresso de Organização Científica, a convite do IDORT.

O Assistente Nagib Lima Feres participou do 7.º Seminário de Estatística, realizado em Piracicaba, em agosto de 1951.

II CADEIRA DE ESTATÍSTICA

Biblioteca

Os livros e revistas da Biblioteca do Departamento de Estatística estão sob a guarda e contrôle da II Cadeira de Estatística, e a ela podem recorrer tanto os alunos da I quanto os da II Cadeira, bem como quaisquer pessoas que tenham necessidade dela. Para êsse fim, a Biblioteca, em 1951, se manteve à disposição dos interessados, pela manhã, das 8 às 11 horas, e à tarde, das 13 às 17 horas, podendo ser retirados livros com prazos de devolução que oscilam entre três e trinta dias.

Aos livros já existentes até 1950, foram acrescentados mais doze, e das revistas, cujas assinaturas são permanentemente mantidas, a Biblioteca recebeu volumes em número de vinte, a saber:

1. *The Annals of Mathematical Statistics* (4 volumes).
2. *Estatística* (2 volumes).
3. *Journal of the American Statistical Association* (4 volumes).
4. *Journal of the Royal Statistical Society, Série A* (3 volumes).
5. *Journal of the Royal Statistical Society, Série B* (1 volume).
6. *Revista Brasileira de Estatística* (2 volumes).
7. *Revue de l'Institut International de Statistique* (1 volume).
8. *The American Statistician* (3 volumes).

Além dessas revistas, a Biblioteca recebeu, por doação, dezenove volumes das seguintes:

1. *Boletim Estatístico do IBGE*.
2. *Bulletin de l'Institut des Sciences Sociales*.
3. *Centro de Estudos Econômicos*.
4. *Giornali degli economisti e annali di economia*.
5. *Population*.
6. *Revista de Administração*.
7. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.

Resumo

	Até 1950	1951	total
Livros	280	12	292
Revistas (volumes)	8	+1,-2	7
Revistas (volumes)	261	38	299
Separatas (número)	410	30	440
Folhetos, anuários	88	22	110

Distinções

Em novembro de 1951, o Prof. Milton da Silva Rodrigues, membro do Instituto Internacional de Estatística, foi convidado, pelo Secretário

Geral da Comissão Organizadora do 27.º Congresso Mundial de Estatística, a realizar-se na Índia, pelo Sr. P. C. Mahalanobis, e pelo Diretor do Escritório Permanente do Instituto Internacional de Estatística, Sr. G. Goudsward, para tomar parte naquele Congresso. A êsse Congresso o Prof. Milton da Silva Rodrigues compareceu como representante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Universidade de São Paulo.

Na mesma época, o Governo Francês, por intermédio de sua Embaixada, convidou o Prof. Milton da Silva Rodrigues para permanecer dois meses em território francês, visando estabelecer maiores relações culturais entre o Brasil e a França, dentro do campo da Estatística.

Cursos realizados

A II Cadeira de Estatística realizou, além dos cursos fundamentais, previstos para o 2.º e 3.º anos do Curso de Pedagogia, com quatro e três aulas semanais, respectivamente, dois outros, o primeiro dos quais de especialização, durante todo o ano, a cargo do Prof. Milton da Silva Rodrigues, sobre "Teoria da Indução Estatística"; o segundo, sobre "Teoria da Seleção de Amostras", pelo assistente Dr. Lindo Fava, no 2.º semestre, com três aulas semanais. Devido ao grande interêsse demonstrado por êste curso e ao inteiro êxito alcançado, vai êle ser novamente incluído entre as atividades da II Cadeira em 1952, durante todo o ano, com duas aulas semanais. Foi também realizado, durante o segundo semestre, no 3.º ano do Curso de Pedagogia, uma série de aulas sobre "Precisão e Validade de Testes", a cargo do Dr. José Severo de Camargo Pereira.

Atividades especiais

1. Auxílio aos alunos no estudo de Estatística: Maria da Conceição Almeida Dias Batista e Judith Hallier.

Das quatro aulas semanais ministradas ao 2.º ano do Curso de Pedagogia, uma é empregada para discussão e realização de trabalhos práticos referentes ao programa de Estatística daquela série. A par dessas aulas, há reuniões, sem tempo limitado e hora marcada, em que os alunos, em grupos ou individualmente, procuram a II Cadeira para se familiarizarem com diversas técnicas de trabalho e uso de máquinas de cálculo.

Além disso, os alunos realizam trabalhos práticos individuais, com dados de observação de que o arquivo da Cadeira dispõe. Durante o ano de 1951, foram pedidos vinte e sete exercícios práticos diferentes a cada aluno.

2. Biblioteca: Josefina de Sousa Talmadge.

Além de atender ao trabalho da Biblioteca (circulação de livros e revistas, catalogação de exemplares novos, providências relativas à conservação de livros e revistas, expedição de correspondência da Biblioteca, etc.) a Assistente encarregada fez entrega à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de um fichário completo de todos os livros, revistas e separatas da Biblioteca da II Cadeira.

3. Cooperação da Cadeira com outras instituições ou pessoas:

Do Dr. José Severo de Camargo Pereira.

a) Com a Secretaria dos Negócios da Fazenda, no planejamento e supervisão dos trabalhos de correção das provas dos Concursos de Fiscal de Rendas, realizados para aquela Secretaria.

b) Com a UNESCO, nos trabalhos estatísticos de uma pesquisa a respeito de "Distância Social" em colaboração com o Dr. Lindo Fava.

c) Com o Dr. Fábio Schmidt Goffi, na orientação da parte estatística de sua tese "Contribuição Experimental para o Estudo das Anastomoses Arteriais Cirúrgicas".

d) Com a Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, na elaboração de uma pesquisa a respeito dos concursos para o Magistério Oficial do Estado (1949).

Do Dr. Lindo Fava:

a) Com a Divisão do Serviço de Tuberculose.

I — no delineamento de uma pesquisa visando à determinação de um coeficiente de morbidade por tuberculose, tendo apresentado sugestões para a estratificação da população e aproveitamento do grupo "sistemáticos".

II — Superintendendo as análises estatísticas dos dados de uma pesquisa sobre a reação tuberculínica nos habitantes do Município de Santa Rita do Passa Quatro.

b) Com o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo, orientando a parte de Análise Estatística dos seguintes trabalhos do seu laboratório: 1) "Do efeito do veneno botrópico sobre o consumo de protrombina"; 2) "Do efeito do veneno botrópico sobre o tempo de coagulação"; 3) "Do efeito do veneno botrópico sobre o *título de protamina*".

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL

Professor: Marcelo Damy de Souza Santos.

Assistentes: Rômulo Ribeiro Pieroni, José Goldemberg e Elly Silva.

Auxiliar de Ensino: Aristóteles Orsini.

FÍSICA SUPERIOR

Professor: Hans Stammreich.

Assistente: Osvaldo Sala.

Auxiliar de Ensino: Roberto Fornéris.

FÍSICA TEÓRICA E MATEMÁTICA

Professor: David Bohm.

Assistentes: Walter Schützer, Paulo Saraiva de Toledo e Paulo Leal Ferreira.

Auxiliares de Ensino: Hans Albert Meyer, Andrea Wataghin e George Schwachheim.

MECÂNICA RACIONAL E MECÂNICA CELESTE

Professor: Mário Schenberg (em licença).

Abraão de Moraes (substituto).

Assistentes: Jayme Tiomno, Paulo Magalhães Macedo.

*

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL

Atividades curriculares

Além das atividades rotineiras de ensino teórico e experimental, do curso básico ministrado aos alunos das secções de Física e Matemática, foram realizados vários seminários especializados sôbre problemas de física clássica e de física nuclear.

Nessas reuniões de Seminário, realizadas em conjunto com as demais cadeiras da secção de Física, foram discutidos trabalhos recentes de investigadores estrangeiros bem como foram apresentadas pesquisas originais realizadas no laboratório da cadeira, instalado na Cidade Universitária.

Atividades da Cadeira

Com a conclusão de uma nova ala do edifício, especialmente destinada á instalação do grupo motor-gerador para excitação do Betatron, foi

possível iniciar em março os ajustes finais dos circuitos eletrônicos de controle. Em fins de abril já foi possível obter-se um feixe de radiação de grande intensidade numa energia de 24 milhões de *volts*. Durante o mês de maio procedeu-se a estudos de fotodesintegração de alguns elementos empregando-se uma energia de 24 milhões de *volts*: nessa ocasião já foi possível obter um feixe de 100 *roentgens* por minuto a um metro de distância do alvo.

Durante os meses de junho e julho foram construídos os circuitos destinados à obtenção de um feixe de raios X de energia variável entre 1 e 27 milhões de *electron-volts*.

Com esse instrumento pôde o Betatron ser empregado nos meses seguintes para um estudo sistemático de várias reações nucleares e para o estudo da distribuição angular da radiação emitida.

Essas pesquisas, apresentadas na III Reunião Annual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que teve lugar em Belo Horizonte entre 5 e 10 de Novembro de 1951, foram as seguintes:

1) Determinação absoluta da atividade beta do ${}_{29}\text{Cu}^{62}$ (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

2) Distribuição angular da radiação de Bremsstrahlung emitida por um Betatron dotado de alvo convencional (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

3) Função de excitação e cálculo da secção de choque para a reação ${}_{29}\text{Cu}^{63} (Y,n) {}_{29}\text{Cu}^{62}$ (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

4) Determinação da meia vida do ${}_{29}\text{Cu}^{62}$ (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

5) Influência do arranjo geométrico na forma das funções de excitação de reações fotonucleares (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

6) Dispositivo eletrônico de controle de energia da radiação emitida pelo Betatron (J. Goldemberg, M. D. S. Santos e E. Silva).

7) Novo método experimental para verificação da lei de Coulomb para substâncias magnéticas (J. Goldemberg).

*

FÍSICA SUPERIOR

Cursos

Cabe a esta Cadeira o ensino dos tópicos básicos da Física Experimental Moderna. O curso é destinado aos alunos do 3.º ano, que terminaram, no 2.º ano, o curso de Física Geral e Experimental. A finalidade do curso é proporcionar os conhecimentos fundamentais sobre a estrutura da matéria.

O curso é dividido em duas séries, administradas paralelamente. Na 1.ª série, é tratada a Física do elétron; na 2.ª série a estrutura atômica e molecular, considerando-se particularmente os espectros do átomo. As duas séries são completadas por aulas de exercícios, seminários e, principalmente, por numerosas aulas de laboratório.

Pesquisas

As pesquisas da Cadeira de Física Superior estudam a espectroscopia molecular, principalmente a espectroscopia Raman.

No laboratório da Cadeira foram desenvolvidos métodos experimentais, para a obtenção de espectros Raman, na região vermelha do espectro, mediante excitação, por irradiação de lâmpadas de hélio, construídas no próprio laboratório.

Esta nova técnica experimental deu, nos anos passados, ensejo à publicação de numerosos trabalhos; pretende-se a continuação desta atividade para estudar-se, ainda, durante alguns anos, problemas neste setor de pesquisa.

Além destes, foram estudados alguns problemas de Física aplicada à Química e às Ciências Naturais, envolvendo métodos óticos utilizados nestas ciências.

Trabalhos

F. W. Eichbaum e H. Stammreich, "Oxidizing agents in Snake Venoms". *Anais da Academia Brasileira de Letras*, 1951, XXIII, 91-99.

R. Wassicky e H. Stammreich, "Um dispositivo para medição e registro da excitação do sistema nervoso de animais". *Anais da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo*, 1951. No prelo.

H. Stammreich, R. Wassicky e Geraldo Ayrosa, "Registro foto-elétrico do movimento de animais de laboratório". *Anais da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo*, 1951. No prelo.

H. Stammreich e Roberto Fornéris, "Das Raman-Spectrum des p-Benzochinons Experiencia" (Basiléia). No prelo.

Três outros trabalhos sôbre a espectroscopia Raman foram terminados e acham-se em via de publicação.

Laboratório

A instalação e o aparelhamento do laboratório da Cadeira correspondem às finalidades mencionadas acima.

Dispõe o laboratório dos instrumentos básicos, para as aulas práticas, e espera-se completar o mesmo, em parte pela construção de novos instrumentos na própria oficina da Cadeira, em vias de instalação.

Com referência aos trabalhos de pesquisa, o laboratório dispõe de dois espectrógrafos modernos, um microfotômetro registrador, três microcomparadores e os demais instrumentos auxiliares. Aguarda-se, para breve, a obtenção de um terceiro espectrógrafo Raman, ultra-luminoso, que solucionará certos problemas, inacessíveis com os instrumentos atuais.

Foi também prevista a aquisição de um grande espectrógrafo, destinado aos trabalhos que exigem um alto poder resolutivo.

Biblioteca

A Cadeira de Física Superior utiliza-se, geralmente, da biblioteca central do Departamento de Física.

Foram adquiridos, entretanto, cêrca de duzentos livros especializados em espectroscopia e ramos afins, que constituem uma biblioteca de consulta diária, situada no prédio onde funciona a Cadeira, à Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 784.

*

FÍSICA TEÓRICA E MATEMÁTICA

A cadeira esteve, êste ano, até outubro de 1951, sob a responsabilidade do Assistente Walter Schützer, quando foi ocupada pelo Prof. David Bohm.

Parte Didática

Os cursos foram distribuídos do seguinte modo:

Curso de Física Teórica (3.º ano):

1.º semestre: — Teoria Cinética dos Gases e Elementos de Mecânica Estatística e Teoria da Radiação do Corpo Negro, por Paulo Saraiva de Toledo.

2.º semestre: — Noções sôbre a Física das Partículas Elementares, Introdução à Mecânica Ondulatória com aplicações simples, por Jayme Tiomno.

Curso de Física Matemática (3.º ano):

1.º semestre: — Equações de Maxwell e Discussão dos Princípios da Relatividade Restrita.

2.º semestre: — Discussão de Fatos Simples da Relatividade Restrita e Teoria da Elasticidade.

Em ambos os semestres, por Walter Schützer.

Curso de Física Teórica (4.º ano):

Análise Tensorial e Teoria da Relatividade Generalizada — por Walter Schützer.

Seminários

A Cadeira de Física Teórica, em colaboração com a de Mecânica Racional, organizou seminários semanais de Física Teórica. Nestes seminários, foram tratados: — a) Teoria da Desintegração Beta e tópicos

de Teoria Clássica e Quântica da Radiação. Colaboraram nestes seminários: — Jayme Tiomno, Walter Schützer, Paulo Leal Ferreira, José Goldemberg, Abraão Zimmerman e Shigueo Watanabe.

Além destes seminários, a Cadeira colaborou com as demais, em Seminários de Revistas, nos quais foram discutidos artigos importantes, publicados em números recentes de revistas de Física. Foram discutidos artigos, tanto teóricos como experimentais, por Professôres, Assistentes e alunos do 3.º e 4.º ano do Departamento de Física.

Comissionamentos

Em setembro de 1951, voltou da Itália, onde esteve comissionado, o Lic. Paulo Leal Ferreira. Lá trabalhou com o Prof. B. Ferretti.

Em novembro, seguiu para a Inglaterra, comissionado pelo Governo de São Paulo, com bolsa da UNESCO, o Lic. Paulo Saraiva de Toledo, que está trabalhando com o Prof. L. Rosenfeld.

Pesquisas

Walter Schützer, em colaboração com Jayme Tiomno, realizou pesquisas sobre a conexão da matriz S com causalidade, para o caso de momentos angulares das partículas serem de ordem qualquer. Os resultados serão em breve publicados.

Trabalhos

Walter Schützer e Jayme Tiomno, "On the Connection of the Scattering and Derivative Matrices with Causality", *Phys. Rev.*, 1951, vol. 83.

David Bohm, "A Causal and Continuous Interpretation of the Quantum Theory" (a sair brevemente em *Nature*).

H. A. Meyer, G. Schwachheim e Andrea Wataghin, "Contribuição ao Estudo dos Enxames Penetrantes", *Anais da Acad. Bras. de Ciências*, 1951, tomo XXIII.

H. A. Meyer, G. Schwachheim e Andrea Wataghin, "On the Absorption of Penetrating Showers", *Phys. Rev.*, 1951, vol. 83, n.º 3.

*

MECÂNICA RACIONAL E MECÂNICA CELESTE

O Professor Mário Schenberg, em licença desde maio de 1950, encontra-se, atualmente, no "Centre de Physique Nucléaire de l'Université Libre de Bruxelles".

Cursos

Além do seu próprio pessoal docente, a Cadeira contou, para o desenvolvimento dos cursos, com a cooperação didática de Paulo Sa-

raiva de Toledo, da Cadeira de Física Teórica, e de Hans Albert Meyer e Andrea Wataghin, da secção de Raios Cósmiticos.

Os cursos foram assim distribuídos:

1. Cálculo Vectorial (1.º ano de Física e Matemática): parte teórica, Paulo Saraiva de Toledo; exercícios, Andrea Wataghin.
2. Cálculo Vectorial (1.º ano do Curso Noturno da Secção de Matemática): Abrahão de Moraes.
3. Mecânica Racional (2.º ano de Física e Matemática): parte teórica, Abrahão de Moraes; exercícios, Hans Albert Meyer.
4. Mecânica Analítica (3.º ano de Física e Matemática): parte teórica e exercícios, Abrahão de Moraes.
5. Mecânica Quântica — Introdução (3.º ano de Física): parte teórica e exercícios, Jayme Tiomno.
6. Mecânica Quântica (4.º ano de Física): parte teórica e exercícios, Jayme Tiomno.

Seminários

A Cadeira de Mecânica Racional, em colaboração com a de Física Teórica, organizou seminários semanais, que trataram da Teoria da Desintegração Beta e de tópicos da Teoria Clássica e Quântica da Radiação. Colaboraram nestes seminários: Jayme Tiomno, Walter Schützer, Paulo Leal Ferreira, José Goldemberg, Abrahão Zimerman e Shiguo Watanabe.

Além destes Seminários, a Cadeira de Mecânica Racional colaborou com as demais, em Seminários de Revistas, nos quais foram discutidos artigos importantes, publicados em números recentes, nas revistas de Física. Foram discutidos artigos tanto teóricos como experimentais por Professôres, Assistentes e Alunos do 3.º e 4.º anos do Departamento de Física.

Trabalho publicado

Walter Schützer e Jayme Tiomno, "On the Connection of the Scattering and Derivative Matrices with Causality". *Phys. Rev.*, vol. 83 (1951).

DEPARTAMENTO DE FISILOGIA GERAL E ANIMAL.

Professor: — Paulo Sawaya (Diretor do Departamento).

Assistentes: — Drs. Erasmo G. Mendes, Domingos Valente e Maria Dolores Pérez-González.

Auxiliares de ensino: — Gertrud Siegel Alterthum, Antonieta Bruno e João Eufrosino.

*

Ensino.

As aulas do curso fundamental restringiram-se à terceira série, ocupando 3 períodos semanais, isto é, duas manhãs e uma tarde, num total de 12 horas por semana. Ministraram-se os cursos de Fisiologia Geral e de Fisiologia Animal (Comparada), êstes últimos precedidos de breve exposição da Anatomia Comparada. As preleções foram acompanhadas de demonstrações devidamente escolhidas de modo a ilustrarem o assunto versado na aula. Seguiram-se os exercícios práticos dos estudantes, para os quais foram dados guias próprios. Êsses exercícios são de 2 categorias: (a) correspondentes às demonstrações feitas durante as preleções, cuja execução é facultativa, (b) experiências simples, escolhidas de modo a poderem ser realizadas nos estabelecimentos de ensino secundários de poucos recursos. Com essa prática, procurou-se dar aos estudantes o necessário adestramento na experimentação fisiológica, desenvolvendo sua habilidade no trato com animais vivos e procurando despertar o interêsse pelas questões fundamentais da Fisiologia. Neste particular, temos verificado que o ensino da Fisiologia Geral juntamente com o da Fisiologia Comparada não rende os resultados almejados, pelo que propomos à Direção da Faculdade a transferência da Fisiologia Geral para a 2.^a série, sem requerer aumento do número de horas semanais em ambos os cursos.

Além do curso fundamental da 3.^a série, foram ministrados os seguintes cursos de especialização: 1) Fisiologia da Reprodução (Prof. Paulo Sawaya); 2) Metabolismo dos Insetos (Dr. George A. Edwards); 3) Recentes Progressos da Fisiologia do Sistema Nervoso (Prof. Paulo Sawaya). Dêsses cursos participaram os alunos: Ana Amélia Ancona Lopez, Antônia Cáfaró, Chaim Grinkraut e Liliana Forneris. A avaliação do aproveitamento e os exames consistiram na feitura de relatórios da matéria ensinada e discussão dos mesmos em seminários especiais. Além disso, êsses estudantes tomaram parte ativa nos seminários efetuados no Departamento durante o ano letivo.

Excursões.

Fizeram-se durante o ano várias excursões, algumas com estudantes adeantados e outras com estagiários. Quase tôdas se relacionaram com a colheita e estudos de animais marinhos, especialmente o *Balanoglossus gigas*, recentemente descoberto no litoral de S. Paulo e agora objeto de investigação intensiva por parte do pessoal do Departamento. As excursões foram chefiadas pelo Diretor do Departamento, a saber:

1) Em janeiro. A Santos, para estudo da ráia elétrica (*Narcine brasiliensis*), com a aluna Liliana Forneris e o sr. João Eufrosino.

2) Em julho. A Campinas, para colheita e estudo da broca do café, com o estagiário-bolsista Dr. George A. Edwards.

3) Em agosto. A Santos, para captura e estudo do *Balanoglossus*, com a participação de Liliana Forneris, Edmundo Ferraz Nonato, João Eufrosino, Ana Amélia Ancona Lopez e dr. J. Moura Gonçalves (do Instituto de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina).

4) Em Setembro A S. Sebastião, para captura e estudo de *Balanoglossus gigas*. Tomaram parte: João de Paiva Carvalho (do Instituto Paulista de Oceanografia), Ana Amélia Ancona Lopez, Liliana Forneris. Nessa excursão capturaram-se exemplares do verme poliqueto gigante do gênero *Eunice*.

5) Em outubro. A Santos, para estudo da circulação do cação-viola e da raia-elétrica (*N. brasiliensis*) e da fisiologia muscular de *Holothuria nigra*. Participaram da excursão: Prof. Ulf S. von Euler, Diretor do Laboratório de Fisiologia do Karolinska Institutet de Estocolmo, Dr. Maurício Rocha e Silva, Diretor do Laboratório de Bioquímica e Farmacologia do Instituto Biológico, Liliana Forneris e Ana Amélia Ancona Lopez.

Seminários.

Os seminários para discussão de trabalhos especiais e relatórios de temas da literatura fisiológica constituem parte integrante do ensino no Departamento. Em 1951, realizaram-se os seguintes:

1) Em janeiro. "Fisiologia Comparada da Neuro-hipófise", Prof. Paulo Sawaya; "Enzima e Substrato", Dr. Erasmo G. Mendes.

2) Em fevereiro. "Respiração dos ovos de insetos", Prof. P. Sawaya; "Metabolismo de ovos de insetos", Dra. M. Dolores Pérez-González.

3) Em março. "Coagulação do sangue de insetos", aluno Chaim Grinkraut e "Hormônios dos insetos", aluna Nícia Wendell.

4) Em maio. "Conceito de paragânglio". Prof. Celestino da Costa da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

4) Em junho. "Teorias sôbre o movimento amebiano", aluna Walburgis Baptistela; "Movimentos rítmicos dos anelídeos", Lélia Hohene.

5) Em agosto. "Excursão ao Nordeste", Prof. Paulo Sawaya; "Lei da Superfície", Dr. George A. Edwards.

6) Em outubro. Juntamente com o Seminário de Química Orgânica e Biológica. "Nor-adrenalina e sua significação na fisiologia animal", Prof. Dr. Ulf S. von Euler, do Karolinska Institutet de Estocolmo.

7) Em dezembro. "Microscopia eletrônica", Dra. Helena Brandão Lopes, do Departamento de Física da Escola Politécnica.

Bolsistas e visitantes.

De junho a dezembro, o Departamento contou com a valiosa colaboração do Dr. George A. Edwards, Professor de Biologia do Medford College de Boston, Mass., Estados Unidos, que aqui estagiou como bolsista da Universidade de S. Paulo. Participou de Seminários e teve a seu cargo parte do curso de especialização. A viagem do Dr. Edwards foi custeada pela Fundação Rockefeller. Em setembro, o Departamento recebeu a visita dos Profs. Drs. René e Sabine Würmser, do Laboratório de Físico-Química Biológica da Sorbonne, Paris; R. Keynes, do Laboratório de Fisiologia da Universidade de Cambridge, Inglaterra; Dr. A. Thomas, da Escola de Veterinária de Paris. Em outubro, o Departamento teve a honra de receber o Prof. Dr. Ulf von Euler, do Karolinska Institutet, Diretor do seu Laboratório de Fisiologia, que veio trabalhar durante algum tempo no Departamento, fazendo pesquisas e demonstração da ação da adrenalina e da nor-adrenalina sobre o coração de vertebrados pecilotérmicos.

Estagiários.

Continua a trabalhar no Departamento, o Dr. Rubens Salomé Pereira, que tem a seu cargo a parte referente à microquímica. Sua valiosa colaboração vem sendo apreciada no conjunto das pesquisas que se efetuam no Departamento, à parte as que dirige pessoalmente. Durante o ano de 1951, além do bolsista da Universidade de S. Paulo, Dr. George A. Edwards, estagiaram no Departamento: o Dr. Warwick Kerr, da Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", durante algum tempo, para a realização de experiências com abelhas do gênero *Melipona* sob a influência de alimentação homogênea; o estudante Humberto Cerruti Jr., que estagiou durante um mês para aprendizagem de técnicas fisiológicas simples; o Dr. Adiel Paes Leme Zamith, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", para estudo da histo-fisiologia do esôfago de alguns vertebrados, assunto que tomou para sua tese de livre-docência.

Simpósio de Fisiologia.

O Departamento de Fisiologia Geral e Animal, juntamente com o Instituto de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina (Prof. Dr. Carlos Chagas Filho), promoveu a realização de um Simpósio de Fisiologia

sob os auspícios do Departamento de Cultura e Ação Social da Universidade de S. Paulo, do Conselho Nacional de Pesquisas e da Academia Brasileira de Ciências. Tomaram parte nesse Simpósio vários cientistas nacionais e estrangeiros. As sessões efetuaram-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, com o seguinte programa:

Em S. Paulo. No dia 4 de setembro. Prof. R. Würmser, "Fotosíntese"; Prof. K. Slotta, "Aspectos bioquímicos da pigmentação"; Dr. R. Keynes, "O papel do sódio na eletrogênese".

No dia 5 de setembro. Dra. Sabine Würmser, "Diferenciação de isohemoaglutininas"; Prof. P. Sawaya, "Mecanismos humorais da descarga elétrica na raia elétrica (*N. brasiliensis*)"; Dr. Maurício Rocha e Silva, "Efeitos nicotínicos da acetilcolina"; Dr. Erasmo G. Mendes, "Hemoglobina nos Invertebrados"; Dr. George A. Edwards, "Consumo de oxigênio pelos insetos em relação com a temperatura".

No Rio de Janeiro. No dia 18 de setembro: Prof. U. S. von Euler, "Nor-adrenalina"; Prof. Lecomte, "Radiação infra-vermelha"; Prof. P. Sawaya, "Novos aspectos do mecanismo da descarga elétrica em *N. brasiliensis*, a raia elétrica do litoral brasileiro".

No dia 19 de setembro: Dr. A. S. Thomas, "Cultura de vírus"; Dr. K. Slotta, "Química da pigmentação"; Dr. A. Couceiro, "Histoquímica dos órgãos elétricos"; Dr. M. Rocha e Silva, "Ação da acetilcolina"; Dr. R. Keynes, "Electrogênese" e Dr. L. Solero, "Dosagem da adrenalina. Excitação periférica".

Cursos Especializados.

Convidados pela Universidade do Recife e pelo Instituto Aggeu Magalhães daquela Capital, o Prof. P. Sawaya e a auxiliar-de-ensino Lic. Antonieta Bruno ministraram respectivamente os cursos de Fisiologia Comparada e Dosagem microquímica dos elementos minerais dos fluidos orgânicos, durante o mês de junho. As preleções realizaram-se diariamente, de 6 a 26 de junho, no Laboratório de Fisiologia da Universidade do Recife, dirigido pelo Prof. Dr. Nelson Chaves, no Instituto Álvaro Osório de Almeida, quanto à Fisiologia Comparada, e no Instituto Aggeu Magalhães, no que se refere ao emprêgo dos métodos microquímicos na dosagem dos elementos minerais.

O programa executado foi o seguinte:

1. Fisiologia neuro-muscular.
2. Fisiologia da respiração.
3. Osmo-regulação nos animais.

As demonstrações versaram sobre: 1. Estrutura das fibras estriadas de vertebrados e de invertebrados; 2. Estrutura das fibras a contração do músculo radial da *Holothuria*; 3. Contração do in-do músculo radial da *Holothuria*; 4. Influência da acetilcolina sobre musculares lisas nos vertebrados e nos invertebrados; 5. Contração do músculo radial da *Holothuria*; 4. Influência da acetilcolina sobre a contração do músculo radial da *Holothuria*; 5. Contração do in-

testino de *Aplysia* sp.; 6. Influência da acetilcolina sobre a contração do intestino de *Aplysia* sp.; 7. Digestão de músculo estriado pelo estômago do Sapo, *Bufo ictericus* e *B. paracnemis*; 8. Contração dos músculos do estômago do sapo, registro gráfico; 9. Demontração da presença de ácido no estômago do rato pelo vermelho congo; 10. Preparação do pulmão do sapo, estudo dos alvéolos pulmonares; 11. Influência das soluções hipertônicas sobre o músculo gastrocnêmio do sapo; 12. Contração do tubo músculo-dermático da minhoca *Pheretima* sp.; 13. Preparação do sistema nervoso da minhoca e suas relações topográficas; 14. Demonstração de fibras gigantes na cadeia nervosa ventral da minhoca; 15. Demonstração de fibras gigantes no conetivo dos gânglios cerebroides de *Aplysia* sp.; 16. Demonstração do aparelho mastigador do estômago de *Aplysia* sp.; 17. Demonstração da contração isométrica do músculo gastrocnêmio do sapo; 18. Demonstração do manejo dos micro-respirômetros de Scholander e Edwards; 19. Demonstração dos movimentos de *Actinia*, registro gráfico; 20. Filme sobre os movimentos do *Metridium*.

Coincidiu a realização desses cursos com a chegada do Dr. George A. Edwards, bolsheiro de nossa Universidade, o qual em colaboração com o Dr. Frederico Simões Barbosa, Diretor do Instituto Aggeu Magalhães e seus auxiliares Drs. Bento Magalhães Neto e James Dobbin Jr., realizaram pesquisas sobre a biologia do *Australorbis glabratus*, o caramujo vetor da esquistossomose, infelizmente muito abundante naquela região.

Aproveitando a estada no Recife, foram feitas 20 excursões às praias do Pina, da Piedade e de Olinda, para colheita e estudo de interessante material zoológico, no qual sobressai o achado do famoso *Fierasfer*, peixe comensal de *Holothuria*, cremos que pela primeira vez encontrado no litoral norte do Brasil. Essas excursões fizeram-se também para obtenção de material para os exercícios práticos dos cursos, tendo a Lic. Antonieta Bruno colhido material de *Aplysia* para a dosagem de elementos minerais. As pesquisas referiam-se a 2 pontos principais: (a) confirmação da reação do músculo radial de *Holothuria nigra* às drogas coli-e-adrenérgicas e reação do trato esofágico de *Aplysia dactylomela* às mesmas drogas. Os resultados desta última pesquisa, efetuada em colaboração com o Prof. Dr. Nelson Chaves e a Dra. Naide Theodosio, foram objeto de uma comunicação à Sociedade de Biologia do Recife, assim como os da investigação sobre o *Australorbis glabratus* pelos Drs. George A. Edwards, F. Simões Barbosa, Bento Magalhães Neto e James Dobbin Jr.

Desses cursos foi feito um relatório apresentado ao Prof. Joaquim Amazonas, Magnífico Reitor da Universidade do Recife, e cópia do mesmo entregue ao Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, digníssimo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. Este relatório acha-se transcrito neste volume, à pp. 382-385.

Apraz-nos anotar que, como resultado da rápida estada no Recife, a Universidade providenciou a aquisição de um terreno na Praia da Pie-

dade para a instalação de uma Estação de Biologia Marinha, a qual deverá entrar em funcionamento, o mais tardar em 1953.

Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência.

Como sócio fundador e presentemente tesoureiro desta Sociedade, o Prof. Paulo Sawaya mantém íntima colaboração entre o pessoal do Departamento e a Diretoria da Sociedade. Em novembro, efetuou-se em Belo Horizonte a 3.^a Reunião Anual da Sociedade, com a participação dos assistentes e estagiários do Departamento. Os títulos das comunicações constam da lista de publicações adiante mencionada. No segundo semestre de 1951, por intermédio do assistente Erasmo G. Mendes e do estagiário-bolsheiro George A. Edwards, o Departamento tomou parte no curso sobre Técnicas Gasométricas dado pela S. B. P. C.

Concursos.

A) Em fevereiro, o Prof. P. Sawaya presidiu a Comissão Examinadora do Concurso para o ingresso no magistério secundário da cadeira de Ciências Naturais. Esta comissão se completou com a participação dos Profs. José Coimbra Duarte e Hélio Ornelas Borges, sendo secretária a Sra. D. Priscila Guimarães. Colaboraram na realização deste concurso o Dr. Domingos Valente, 2.^o assistente, os auxiliares de ensino Elza Farah e João Eufrosino e o contínuo sr. José David da Serra. Inscreveram-se 65 candidatos, sendo aprovados 14. Dêstes, coube o 1.^o lugar à srta. Elza Borges Martins, única ex-aluna licenciada por nossa Faculdade que participou deste concurso.

B) Atendendo ao convite da Diretoria da Faculdade de Medicina, o Prof. P. Sawaya tomou parte na comissão examinadora do concurso de habilitação, tendo a seu cargo o exame de zoologia. O mesmo aconteceu com o concurso de habilitação para a secção de História Natural de nossa Faculdade, e para o exame de suficiência nesta matéria, realizado também em nossa Faculdade. Tomaram parte nestas bancas o Prof. Viktor Leinz e o Dr. Mário Guimarães Ferri.

Comissão de Bolsas da Reitoria.

O Prof. Dr. Paulo Sawaya continuou como membro dessa comissão, tendo a seu cargo o Relatório de 1951, com o qual se admitiram 10 bolsistas para 1952.

Biblioteca. ()*

A biblioteca do Departamento funciona em conjunto com o Departamento de Zoologia. Durante o ano de 1951 fizeram-se numerosas aquisições de livros e revistas. Atualmente, conta a biblioteca com os seguintes periódicos que são recebidos regularmente:

* As revistas marcadas com (*) são assinadas pelos Departamentos de Fisiologia Geral e Animal e de Zoologia.

- * *Biological Abstracts*, Baltimore (Mld.)
- Acta Adriatica, (Split, Jugosl.)
- * Acta Anatomica, (Basel.)
- * Acta Physiologica et Pharmacologica Néerlandica, (Leiden.)
- * Acta Physiologica Scandinavica (Stockholm.)
- * Acta Zoologica, (Stockholm.)
- Acta Zoologica Fennica, (Helsinki.)
- Anais da Academia Brasileira de Ciências, (Rio de Janeiro.)
- Anais da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". (Piracicaba.)
- Analen des Naturhistorischen Museums Wien, (Wien.)
- Annales Academiae Scientiarum Fennicae, Ser. A, IV Biologia, (Helsinki.)
- Annales Historico-Naturales Musei Nationalis Hungarici, Pars Zool., (Budapest.)
- Annales de la Société Royale des Sciences Médicales et Naturelles de Bruxelles.
- Annales de la Société Royale Zoologique Belgique, (Bruxelles.)
- Annales Zoologici (Soc. Zool.-Bot.) Fennicae, "Vanamo", (Helsinki.)
- Annali del Museo Civico di Storia Naturali "Giacomo Doria", (Genova.)
- Annals of the Univ. of Stellenbosch, (Stellenbosch, South Africa.)
- Annual Review of Physiology, (Stanford, Cal.)
- * Archivio Zoologico Italiano, (Torino.)
- Archivum Societatis Zoologicae Botanicae Fennicae "Vanamo", (Helsinki.)
- Arkiv for Zoologi, (Stockholm.)
- Arquivos da Escola Superior Veterinária da Universidade Rural, Minas Gerais, (Belo Horizonte.)
- Arquivos de Higiene da Saude Pública, (São Paulo.)
- Arquivos do Instituto Biológico (São Paulo.)
- Arquivos do Museu Bocage, (Lisboa.)
- Arquivos do Museu Nacional, (Rio de Janeiro.)
- Arquivos de Zoologia do Estado São Paulo, (São Paulo.)
- Tromsøe Museums *Arshefter*, Naturhistorisk Avd., (Tromsøe.)
- Atti della Società Italiana di Scienze Naturali & del Museo Civico di Storia naturali in Milano, (Milano.)
- * Behaviour, (Leiden.)
- Biológica, Trab. del Ist. de Biol. "Juan Noe", Univ. Chile, (Santiago, Chile.)
- Biologie médicale, (Specia, Paris.)
- Boletim Geográfico, (Rio de Janeiro.)
- Boletim de Historia Natural de la Sociedad "Felipe Poey". (La Habana.)
- Boletim do Instituto Paulista de Oceanografia, (São Paulo.)
- Boletim do Museu Nacional, (Rio de Janeiro.)

- Botânica, Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo, (São Paulo.)
- Bulletin of the Bingham Oceanographic Collection, (New Haven,
Conn.)
- * *The Biological Bulletin*, (Lancaster, Pa.)
- Bulletin de l'Institut Océanographique de Monaco, (Monaco.)
- Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, Harvard College,
(Cambridge, Mass.)
- Bulletin du Muséum National d'Histoire Naturelle, (Paris.)
- New York State Museum *Bulletin*, (New York.)
- Bulletin de la Société des Sciences Naturelles du Maroc, (Rabat,
Maroc.)
- Bulletin de la Société des Sciences Naturelles, Tunisie, (Tunis.)
- Bulletin de la Société Zoologique de France, (Paris.)
- Bulletin of the Southern California Academy of Science, (Los An-
geles, Cal.)
- Bulletin Scientific Acad. Rep. Pop. Rom., (Buckaresti.)
- University of Kansas Science *Bulletin*, (Lawrence, Kansas.)
- Chacaras & Quintais, (São Paulo.)
- Doriana, (Genova.)
- * *Ecology*, (Brooklyn/New York.)
- * *Experientia*, (Basel.)
- Fieldiana*, Zoology, (Chicago, Ill.)
- Kungl. Fysiografiska Sällskapetets i Lund *Förhandlingar*, (Lund.)
- Folha Clínica e Biológica, (São Paulo.)
- Fragmenta faunistica, Musei Zoologici Polonici, (Warszawa.)
- Kungl. Svenska Vetenskaps Academiens *Handlingar*, (Stockholm.)
- Natural History*, (New York.)
- * *Hydrobiologia*, (Den Haag.)
- Investigaciones Zoológicas Chilenas, (Santiago/Chile.)
- Investigations of Indiana Lakes & Streams, (Bloomington, Ind.)
- * *Journal of Applied Physiology*, (Washington, D.C.)
- * *Journal of Cellular & Comparative Physiology*, (Philadelphia, Pa.)
- Journal of the Elisha Mitchell Science Society*, (Chapel Hill, N. C.)
- Journal of Entomology & Zoology*, Pomona Coll., (Claremont, Cal.)
- * *The Journal of Experimental Biology*, (London.)
- Journal of the Fisheries Research Board of Canada*, (Canada, Otta-
wa.)
- * *The Japanese Journal of Physiology*, (Nagoya, Jap.)
- * *The Journal of the Linnean Society of London*, (London.)
- * *Journal of Mammalogy*, (Baltimore, Md.)
- Journal of the Marine Biological Association of the United King-
dom*, (Plymouth.)
- * *Journal de Physiologie*, (Paris.)
- Australian Journal of Marine & Freshwater Research*, (Melbourne.)
- The New Zealand Journal of Science*, (Wellington, N. Z.)
- * *Quartely Journal of Experimental Physiology*, (London.)

- * *Quartely Journal of Microscopical Society*, (London.)
- Journal of the Tennessee Academy of Science*, (Nashville.)
- Lloydia*, (Cincinnati, Ohio.)
- Biologiske Meddelelser*, (Kobenhavn.)
- Videnskabelige Meddelelser*, (Kobenhavn.)
- Zoologische Mededeelingen*, (Leiden.)
- Memoranda Societatis pro Fauna et Flora Fennica*, (Helsinki.)
- Memórias & Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra*, (Coimbra.)
- Memórias do Instituto Biologico*, (São Paulo.)
- Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, (Rio de Janeiro.)
- Memorias de la Sociedad Cubana de Historia Natural*, (Habana.)
- Memorie d'ell Istituto Italiano di Idrobiologia "Dott. Marco de Marchi"*, (Milano.)
- Mitteilungen des Hamburgischen Museums & Institutes*, (Hamburg.)
- Ecological Monographs*, (Durham, N.C.)
- The American Midland Naturalist*, (Notre Dame, Ind.)
- Le Naturaliste Canadien*, (Québec.)
- * *Nature*, (London.)
- Paleontologiese Navorsing van die Nasionale Museum* (Bloemfontein, Africa.)
- Notulae Naturae, Ac. Nat. Sci.* (Philadelphia, Pa.)
- American Museum Novitates*, (New York.)
- * *Nucleonics*, (New York.)
- * *Physiologia Comparata et Oecologia*, (Den Haag.)
- Proceedings of the American Philosophical Society*, (Philadelphia, Pa.)
- Proceedings of the California Academy of Science*, (San Francisco, Cal.)
- Proceedings of the West Virginia Academy of Science*, (Morgantown, West Virg.)
- Proceedings of the Zoological Society of London*, (London.)
- Publicazioni del Istituti di Zoologia & Anatomia Comparata, Univ., Padova*, (Padova.)
- University of California Publications in Physiology*, (Berkeley, Cal.)
- University of California Publications in Zoology*, (Berkeley, Cal.)
- Dominion Museum Records in Entomology*, (Wellington, N. Z.)
- Dominin Museum Records in Zoology*, (Wellington, N. Z.)
- Report of the Minister of Agriculture for the Dominion of Canada*, (Ottawa.)
- Report of the Reelfoot Lake Biological Station*, (Nashville, Tenn.)
- Annual Report of the Freshwater Biological Association*, (Ambleside.)
- Annual Report of the Rockefeller Foundation, 1950*, (New York.)
- Special Scientific Report, Fish & Wildlife Service U. St. Dep. of the Interior, Fisheries*, (Washington D. C.)

- Scottish Marine Biological Association, Collected *Reprints*, (Scotland.)
- Revista de la Academia Colombiana de Ciências Exatas, Físicas y Naturales, (Bogotá.)
- Revista de Biología Marina, (Valparaíso, Chile.)
- Revista Brasileira de Geografia, (Rio de Janeiro.)
- Revista Brasileira de Malariologia, (Rio de Janeiro.)
- Revista Brasileira de Medicina, (Rio de Janeiro.)
- Revista de Entomologia, (Rio de Janeiro.)
- Revista Española de Fisiología, (Barcelona.)
- Revista da Faculdade de Ciências de Coimbra, (Coimbra.)
- Revista da Medicina Veterinária y Parasitología, (Caracas, Venezuela.)
- Revista Mexicana de Medicina Veterinária e Zootecnia, (Mexico, D. F.)
- Revista de la Sociedad Malacológica "Carlos de la Torre", (Habana.)
- * *Biological Review of the Cambridge Philosophical Society*, (Cambridge.)
- * *Physiological Reviews*, (Washington, D. C.)
- Revue Canadienne de Biologie*, (Montréal.)
- * *Revue Suisse de Zoologie*, (Genève.)
- Skrifter udg. af Universitetets Zoologiske Mus. København*, (Spolia) (Kobenhavn.)
- Biologiske Skrifter det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab*, (Kbnhavn.)
- * *Studium Generale*, (Berlin.)
- Transactions of the San Diego Society of Natural History*, (San Diego, Cal.)
- Transactions and Proceedings of the Royal Society of New Zealand*, (Dunedin.)
- Travaux de la Section de Pédologie, Soc. Sci. Nat. du Maroc*, (Rabat.)
- Travaux de la Station Maritime de Lisbonne*, (Lisboa.)
- Travaux de l'Institut "Edouard van Beneden", Université de Liège*, (Liège.)
- Treubia*, (Den Haag.)
- Zoologische Verhandelingen*, (Leiden.)
- Vie et Milieu, Bull. de Lab. Arago, Univ. Paris*, (Paris.)
- Zoologiska Bidrag fr. Uppsala*, (Uppsala, Stockholm.)
- * *Zoologischer Anzeiger*, (Leipzig.)
- * *Zeitschrift für Biologie*, (München.)
- * *Physiological Zoology*, (Chicago, Ill.)

Comissão da Biblioteca Central da Faculdade.

Continuou esta comissão a funcionar sob a presidência do Prof. Paulo Sawaya, tendo iniciado a elaboração do catálogo coletivo dos periódicos existentes nas bibliotecas departamentais da Faculdade.

Comissão de Inquérito.

No início de 1951, o Diretor do Departamento, na qualidade de vice-Diretor da Faculdade e de presidente da comissão de inquérito, redigiu o parecer sobre o inquérito solicitado pelos estudantes da Faculdade. Participaram desta comissão os Profs. Milton Rodrigues e João Dias da Silveira.

Auxílios e Subvenções.

Em 1951, o Departamento recebeu os seguintes auxílios e subvenções: 1) da Fundação Rockefeller: U.S. \$ 1.700 (dolares) para equipamento a ser utilizado em pesquisas de microquímica, fisiologia muscular e respiração; 2) da Comissão de Pesquisa da Universidade de S. Paulo: Cr\$ 10.000 para auxílio nas pesquisas sobre *Balanoglossus gigas*; 3) do Conselho Nacional de Pesquisas: Cr\$ 100.000 para aquisição de equipamento para pesquisas no litoral (estudo do *Balanoglossus* e pagamento de bolsas para estudantes adiantados).

Fundação Rockefeller.

Atendendo à solicitação feita por esta Fundação à Reitoria, o sr. Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo houve por bem nomear o Prof. Paulo Sawaya encarregado dos pedidos de auxílio e das especificações junto à Fundação. Nesta tarefa, é coadjuvado pelo assistente Dr. Erasmo G. Mendes e pela auxiliar srta. Elza Farah.

Publicações

Paulo Sawaya, "O Primeiro Centenário do Nascimento de Herman von Ihering (1950-1950)". *Ciência e Cultura*, v. 3, n. 1, pp. 52-61 S. Paulo.

Paulo Sawaya e Erasmo G. Mendes, "Cholinesterase activity of electric organ of *Narcine brasiliensis*" (Ölfers). *Bol. Fac. Fil. Ciênc. e Letr. Univ. S. Paulo, Zoologia* n. 16, pp. 321-327. S. Paulo.

Domingos Valente e Antonieta Brunc, "Conteúdo mineral do sangue de Invertebrados Marinhos". *Ibidem*, pp. 303-319.

Erasmo G. Mendes, M. D. Pérez-González e M. L. Coutinho, "On the function of haemoglobin in *Limnic Oligochaeta*". *Ibidem*, pp. 289-301.

Carlos Nobre Rosa, "Notas sobre o desenvolvimento normal de um Sapo" (*Bufo ictericus* L.) *Ibidem*, pp. 281-288.

Paulo Sawaya, "Cuénot. *Ciência e Cultura*", v. 3, n. 2, pp. 136-137. S. Paulo.

Paulo Sawaya, "Sensibilidade do músculo longitudinal radial de *Holothuria* à acetilcolina (efeito de acetilcolina)". *Ibidem*, n. 1, pp. 41-42.

- Paulo Sawaya, "Sôbre a musculatura de *Balanoglossus gigas* (Enteropneusta) e sua reação às drogas coli-e-adrenérgicas". Comunc. à III Reunião Anual S.B.P.C., Ciência e Cultura, v. 3, n. 4, pp. 286-287.
- Paulo Sawaya, "Animais venenosos". Ibidem, pp. 275-276.
- Paulo Sawaya e Liliana Forneris, "Sôbre as fibras nervosas gigantes de *Balanoglossus gigas* (Enteropneusta)". Ibidem, p. 267.
- Paulo Sawaya e Nelson Chaves, "Sôbre a ação da acetilcolina sôbre o esôfago da *Aplysia*". Ibidem, p. 287.
- Paulo Sawaya e Tagea Kristina S. Bjönberg, "Sôbre a estrutura do "fígado" e as funções "hepáticas" de *Balanoglossus gigas*". Ibidem pp. 270-271.
- Paulo Sawaya, Ana Amélia Ancona Lopes e James E. Dobbin Jr., "Alguns dados sôbre a estrutura de *Australorbis glabratus*". Ibidem, pp. 278-279.
- George A. Edwards e Paulo Sawaya, "Metabolismo respiratório de *Australorbis glabratus*". Ibidem, pp. 312-313.
- Rubens Salomé Pereira, "Método fotométrico para a determinação do ácido oxálico". Ibidem, p. 293.
- Erasmio G. Mendes, "Metabolismo respiratório de Isópodos terrestres". Ibidem, pp. 269-270.
- Carlos Nobre Rosa, "Sôbre o desenvolvimento do sapo *Bufo ictericus* L". Ibidem, p. 267.
- Domingos Valente, "Consumo de oxigênio de ovos fecundados de *Drosophila willistoni*". Ibidem, p. 270.
- George A. Edwards e M. D. Pérez-González, "Metabolismo respiratório da broca do café". Ibidem, pp. 265-266.
- George A. Edwards, Bento Magalhães Neto e James E. Dobbin Jr., "Influência da infestação e de outros fatores sôbre a respiração do caramujo *Australorbis glabratus* (Mollusca, Planorbidae)". Ibidem, pp. 293.
- Adiel Paes Leme Zamith, "Epitélio esofágico da Cascavel". Ibidem, pp. 266-267.
- George A. Edwards, Bento Magalhães Neto e James E. Dobbin Jr., "Influence of infestation and other factors upon the respiration of the snail, *Australorbis glabratus*". Publics. Avulsas Inst. Aggeu Magalhães, v. 1, n. 2, pp. 9-26. Recife.
- Paulo Sawaya, "*Balanoglossus gigas* Fr. Müller rediscovered on the Brazilian Coast". Nature, v. 167, p. 730, London.

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA FÍSICA

Professor: — João Dias da Silveira

Assistente: — Elina de Oliveira Santos.

Auxiliares de Ensino: — Maria de Lourdes Pereira de Sousa Radesca e João Soukup (Cartografia).

Auxiliar Técnico: — Aziz Nacib Ab'Sáber.

GEOGRAFIA HUMANA

Professor: — Ary França.

Auxiliares de Ensino: Nice Lecocq Müller e Renato da Silveira Mendes.

GEOGRAFIA DO BRASIL

Professor: — Aroldo de Azevedo.

Assistente: — José Ribeiro de Araújo Filho.

Auxiliar de Ensino: — Antônio Rocha Penteado.

Auxiliar Técnico: — Ely Goulart Pereira de Araújo.

*

Biblioteca

O Departamento de Geografia possui cerca de três mil volumes, entre livros e publicações avulsas, distribuídos em uma biblioteca geral (que contém as coleções de revistas e as obras de geografia regional) e em três bibliotecas especializadas (correspondentes às três Cadeiras que constituem o Departamento).

Além das obras básicas e das coleções de revistas, já referidas no *Anuário de 1950*, passou o Departamento a contar mais com o *Handbuch der Geographischen Wissenschaft*, em doze volumes, e coleções das seguintes revistas geográficas: *Annales de Géographie* (1891-1947), *Geographical Journal* (1893-1950) e *Geographical Review* (1919-1947).

A consulta às bibliotecas do Departamento pode ser feita, no período diurno, das 12 às 18 horas, excepto aos sábados, quando se faz das 8 às 12 horas, e, no período noturno, das 20 às 22 horas.

Mapoteca

Em armários apropriados, dispõe o Departamento de cerca de dois mil mapas, em que se incluem as melhores cartas nacionais (gerais e

regionais) e coleções de cartas referentes a diversos países, particularmente a França, Itália e Estados Unidos, as mais importantes das quais já foram citadas no *Anuário de 1950*.

Pesquisas e trabalhos de campo

No decorrer do ano de 1951, o Departamento de Geografia fêz concentrar-se a atenção dos alunos sobre a região de Itaquaquecetuba, onde foram realizadas numerosas excursões de natureza didática e de pesquisa. Sob a orientação dos Professores, Assistentes e Auxiliares Técnicos e de Ensino, os alunos do 3.º ano fizeram pesquisas e levantamentos na vila de Itaquaquecetuba, na Estrada de Santa Isabel e na Estrada do Corredor.

Além disso, foram realizadas excursões de estudos à região de Presidente Venceslau e ao sul de Mato Grosso, no mês de setembro, e aos contrafortes ocidentais da Mantiqueira e à "depressão paulista", no mês de novembro.

Por outro lado, continuaram os trabalhos de pesquisas dos membros do Departamento, na região de São Paulo, dentro do plano destinado à elaboração da geografia urbana da metrópole paulista.

Em caráter individual, realizaram pesquisas e observações no campo: — Prof. Ary França, na ilha de São Sebastião; Dra. Nice Lecocq Müller, no vale do Paraíba; Dr. Renato da Silveira Mendes, na região de São Caetano do Sul, Santo André e São Bernardo do Campo; Prof. Aroldo de Azevedo, no Rio Grande do Sul; Antônio Rocha Penteado, na região de Bragança Paulista; e Aziz Nacib Ab'Sáber, na região de São Paulo.

No decorrer do ano, realizaram-se, como nos anos anteriores, aulas de seminário (leitura e interpretação de cartas, interpretação de gráficos, orientação bibliográfica e metodológica), a cargo de cada uma das Cadeiras do Departamento.

Títulos e distinções

Em abril de 1951, defendeu tese e obteve o título de Doutor em Ciências (Geografia) a Sra. D. Elina Oliveira Santos, 1.ª Assistente da Cadeira de Geografia Física. Em dezembro, concorreu à Cátedra de Geografia Humana e obteve o título de Professor Catedrático o Prof. Dr. Ary França, que já era seu titular interino.

Colaboração com outras instituições

Em 1951, continuaram os membros do Departamento a manter uma estreita colaboração com a Associação dos Geógrafos Brasileiros, quer tomando parte nas reuniões bimensais de sua Secção Regional de São Paulo e na VI Assembléia Geral Ordinária, reunida em Nova Friburgo (janeiro de 1951), quer realizando palestras, colaborando no

Boletim Paulista de Geografia e figurando em cargos de sua direção.

Além disso, continuou o Departamento a manter contacto com o Conselho Nacional de Geografia, do Rio de Janeiro.

Por outro lado, especialmente convidado pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Prof. Aroldo de Azevedo tomou parte na Semana de Estudos Geográficos, realizada em Pôrto Alegre (outubro de 1951), quando teve a oportunidade de proferir diversas conferências públicas.

Trabalhos publicados

Ab'Sáber, Aziz Nacib, "Sucessão de quadros paleogeográficos, no Brasil, do triássico ao quaternário", *Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae"*, São Paulo, 1950-51, páginas 61-69.

Ab'Sáber, Aziz Nacib, "Bases geoconômicas da indústria siderúrgica brasileira", *Filosofia, Ciências e Letras*, São Paulo, n.º 12.

Ab'Sáber, Aziz Nacib, "Paisagens rurais do Sudoeste Goiano, entre Itumbiara e Jataí" (em colaboração com Miguel Costa Júnior), *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, março de 1951, n.º 7.

Araújo, E. Goulart Pereira de, "A cidade de Olímpia (Estudo de geografia urbana)", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, outubro de 1951, n.º 9.

Araújo, E. Goulart Pereira, "A Baixada do Rio Itanhaém (Estudo de Geografia Regional)", *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 116, *Geografia* n.º 5, 75 páginas.

Azevedo, Aroldo de, "São Paulo, cidade tentacular", *Paulistânia*, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951, n.º 38.

Azevedo, Aroldo de, "São Luís do Maranhão, cidade marginal", *A Gazeta*, São Paulo, 16 de abril de 1951.

Azevedo, Aroldo de, São Luís do Maranhão (Primeiros estudos). São Paulo, *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 120, *Geografia* n.º 6, 1951.

Azevedo, Aroldo de, "Programa de Geografia para o curso secundário (Da necessidade de sua revisão. Algumas sugestões)" *Atualidades Pedagógicas*, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951, n.º 7.

Azevedo, Aroldo de, "Teresina, capital do Piauí", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, julho de 1951, n.º 8.

Azevedo, Aroldo de, "Salvador et le Reconcavo de Bahia", *Les Cahiers d'Outre-Mer*, Bordeaux, julho-setembro de 1951, n. 15

Azevedo, Aroldo de, *Leituras Geográficas (Geografia Geral)*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1951, tomo I, 72 páginas.

Azevedo, Aroldo de, *Leituras Geográficas (Geografia do Brasil)*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1951, tomo II, 87 páginas.

França, Ary, "Paisagens do litoral norte de São Paulo (Comentários a fotografias aéreas)", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, março de 1951, n.º 7.

França, Ary, *A Ilha de São Sebastião (Estudo de Geografia Humana)*, tese de concurso à Cátedra de Geografia Humana da Facul-

dade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 196 páginas

Müller, N. L., *Sítios e sítiantes no Estado de São Paulo*, São Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n. 132, Geografia n.º 7, 217 páginas, 1951.

Penteado, A. R., "Belém, metrópole da Amazônia", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, outubro de 1951, n.º 9.

Silveira, João Dias da, "Considerações em torno da Geografia Tropical", *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, julho de 1951, n.º 8.

DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

Professor: — Viktor Leinz.

Assistentes: — Josué Camargo Mendes, Rui Osório de Freitas e Sérgio Estanislau do Amaral.

*

Ensino

Além das aulas regulares para as secções básicas de História Natural (Geologia e Paleontologia) e de Geografia e História (Elementos de Geologia), e das aulas dos cursos de aperfeiçoamento, foram ministradas aulas de Geologia para o 1.º ano do Curso Noturno de Geografia e História.

Os alunos tiveram oportunidade de participar não só de pequenas excursões aos arredores da Capital, como de acompanhar os trabalhos de campo do Congresso da Sociedade Brasileira de Geologia, realizado no Estado do Paraná, em meados do segundo semestre.

Assistente

No início do ano, demitiu-se do cargo de Assistente o Dr. Setembrino Petri, por ter aceito um convite do Conselho Nacional do Petróleo para integrar o quadro de geólogos dessa Instituição. Foi, proposto, então, para ocupar o cargo vago, o Licenciado Sérgio Estanislau do Amaral.

Seminário de Aerofotogeologia

Nota especial, sem dúvida, constituiu o seminário de aerofotogeologia, ministrado pelo Professor Visitante John Lyon Rich, da Universidade de Cincinnati, Estados Unidos da América do Norte. O referido seminário teve a duração de cerca de mês e meio, e a êle concorreram não só Professores e Assistentes da Universidade, como geólogos de outras instituições e estudantes. O tema do seminário partiu de uma sugestão do Diretor do Departamento e parece ter logrado êxito, despertando o mais vivo interêsse a aplicabilidade das fotografias aéreas como meio auxiliar das pesquisas geológicas.

Bolsa de estudo

Fêz estágio na Cadeira, êste ano, como bolsista, o Dr. Max Müller, da Universidade de Iena, Alemanha.

Sociedade Brasileira de Geologia

Como é sabido, a Sociedade Brasileira de Geologia, desde a sua criação, tem como sede oficial o Departamento de Geologia, realizando uma reunião mensal a que concorre, também, o corpo discente do Departamento. Durante o ano de 1951, atuou como presidente dessa Sociedade o Prof. Viktor Leinz. Não só os Professôres do Departamento tomaram parte ativa nessas reuniões, como das mesmas participaram os Professôres Rich e Müller, tendo ambos realizado concorridas conferências.

Viagens de pesquisa e participação em congressos

O programa de trabalhos de investigação de campo foi intensivo, durante o ano de 1951. Nesse programa não só se enquadraram as viagens do Diretor do Departamento e dos três Assistentes, como as excursões realizadas pelo Professor Visitante John L. Rich, ao sul do País. Além da verba fornecida pela Faculdade, contou-se, ainda, com subsídios procedentes do Conselho Nacional de Pesquisas.

A viagem de pesquisas do Diretor do Departamento teve por alvo o estudo da geologia da região do Recôncavo, Estado da Bahía. O Assistente Josué Camargo Mendes efetuou duas viagens de estudo: uma ao Estado do Paraná, com o fito de investigar a estratigrafia da Série Passa Dois, daquele Estado, e outra ao Estado do Pará, onde percorreu a faixa de sedimentos carboníferos do vale do rio Tapajós. Nesta excursão contou-se com o auxílio do Conselho Nacional do Petróleo, que, gentilmente, pôs uma lancha à disposição dos excursionistas.

O Assistente Rui Osório de Freitas, que presentemente se dedica ao estudo de sedimentos cretácicos, viajou pelo Interior do Estado de São Paulo e Sul de Minas Gerais, colhendo material petrográfico e executando levantamentos. Realizou, também, o Assistente Sérgio Estanislau do Amaral, uma viagem de estudo ao Estado do Pará, com o fim investigar os testemunhos da sondagem levada a efeito em Limoeiro.

O Professor Rich também teve oportunidade de empreender algumas excursões pelo Sul do País (Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro), cujos resultados serão brevemente publicados.

O corpo docente e parte do discente participaram do Congresso da Sociedade Brasileira de Geologia, que teve por sede o Estado do Paraná.

No término do segundo semestre, como participante da delegação brasileira, o Prof. Viktor Leinz compareceu ao 3.º Congresso Pan-americano de Geologia, reunido no México. Não seria demais encarecer a importância da participação de Professôres da Faculdade em certames desta natureza, em que se congregam especialistas de vários países e onde nascem intercâmbios altamente desejáveis.

Ampliação das instalações do Departamento. Laboratório de Sedimentologia

No ano de 1951, iniciaram-se as obras de ampliação do Departamento, sendo construídas, sôbre a sala de aulas, duas novas salas-laboratórios, com o que se resolveu boa parte do problema de espaço. O salão da biblioteca recebeu armários de aço novos e a sala do fundo, ocupada pelo Assistente Josué Camargo Mendes, foi dotada de um balcão de preparação.

Aparelhos óticos vários foram adquiridos no correr do ano.

Em continuidade ao programa de auxílio prestado pela Fundação Rocckefeller, novos aparelhos se acrescentaram ao Laboratório de Sedimentologia, criado nestes últimos anos. Igualmente, o Conselho Nacional de Pesquisas concedeu os subsídios necessários à aquisição de alguns aparelhos de laboratório e de campo.

O mencionado laboratório trabalhou intensivamente durante o ano, do que resultaram trabalhos de sedimentologia em parte já publicados e outros em fase de ultimação para o prelo, constando, dentre os últimos, pesquisas sôbre minerais pesados. Alguns dêsses estudos foram realizados de acôrdo com um programa de colaboração com o Conselho Nacional do Petróleo.

Biblioteca

Durante o ano de 1951, entrou na biblioteca do Departamento o seguinte material bibliográfico:

152 avulsos (tratados, publicações especiais, separatas)

426 periódicos

23 mapas

Boa parte dos periódicos e avulsos, e a quase totalidade dos mapas foram obtidos, em troca, de instituições nacionais e estrangeiras.

O número de assinaturas de periódicos foi aumentado. Assim também o quadro de intercâmbio ampliou-se, estendendo-se a várias instituições da América Latina, África, etc. A solicitação do Boletim de Geologia tem sido maior, de modo que foi necessário aumentar a sua tiragem.

Publicações

Durante o ano de 1951, foram publicados não só o Boletim n.º 6 de Geologia, como um *Vocabulário Geológico* e artigos vários em revistas especializadas. Os trabalhos, distribuídos por autores, são os seguintes:

V. Leinz, "O distrito cuprífero do Rio Grande do Sul". *Rev. Engenharia, Mineração e Metalurgia*, Rio de Janeiro, janeiro-fevereiro, 1951, v. 15, n.º 89, páginas 209-10, 1 esbôço geológico.

V. Leinz, "O panorama geológico brasileiro dos últimos tempos". *Rev. Engenharia, Mineração e Metalurgia*, Rio de Janeiro, setembro-outubro, 1951, v. 16, n.º 93, páginas 227-29.

- V. Leinz, e J. Camargo Mendes, *Vocabulário Geológico* (com sinonímia em Inglês e Alemão) Fac. de Fil., C. e Letras, Dep. de Geologia, 187 páginas, ilustrações.
- R. O. de Freitas, *Ensaio sobre a tectônica moderna do Brasil*. Bol. da Fac. de Fil., C. e Letras, n.º 130, Geologia n.º 6, 120 páginas, 15 textif., 1 mapa.
- R. O. de Freitas, "Relevos policlínicos na tectônica do Escudo Brasileiro" *Bol. Paul. de Geog.*, São Paulo, março de 1951, n.º 7, páginas 3-19, 3 figuras.
- R. O. de Freitas, "Sobre a origem da bacia de São Paulo". *Bol. Paul. de Geog.*, São Paulo, outubro de 1951, n.º 9, páginas 60-4, 1 figura.
- R. O. de Freitas, "Areias recentes da Praia Grande, S. P." *An. da Acad. Bras. de Ciên.*, Rio de Janeiro, 1951, v. 22, n.º 2, páginas 163-75, 6 figuras.
- R. O. de Freitas, "Areias recentes do Guarujá, S. P.", *An. da Acad. Bras. de Ciên.*, Rio de Janeiro, 1951, v. 23, n.º 2, páginas 117-86, 4 figuras.

Eleição para a Academia Brasileira de Ciências

No ano de 1951, foi eleito membro associado da Academia Brasileira de Ciências o Assistente Josué Camargo Mendes.

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

ANALISE MATEMÁTICA

Professor: Omar Catunda.

Assistente: Elza Furtado Gomide.

ANALISE SUPERIOR

Professor: Edison Farah.

Assistente: Chaim Samuel Hönig.

COMPLEMENTOS DE GEOMETRIA E GEOMETRIA SUPERIOR

Professor: Cândido Lima da Silva Dias.

Assistente: Luís Henrique Jacy Monteiro.

CRÍTICA DOS PRINCÍPIOS E COMPLEMENTOS DE MATEMÁTICA

Professor: Fernando Furquim de Almeida.

Assistente: João Batista Castanho.

GEOMETRIA ANALÍTICA, PROJETIVA E DESCRITIVA

Professor: Benedito Castrucci.

Assistente: Geraldo dos Santos Lima Filho.

*

Atividades didáticas

No ano de 1951, além dos cursos regulares, dados pelos Professores e Assistentes dêste Departamento, temos a assinalar a realização de um curso sôbre "Hipergrupos e Algebras de Lie", ministrado pelo Prof. Jean Delsarte, da Universidade de Nancy, que esteve em São Paulo, de julho a princípios de outubro, como Professor Visitante.

Concursos para as Cátedras

Obtiveram o título de Professor Catedrático, em concursos realizados em novembro, os Professores dêste Departamento:

Fernando Furquim de Almeida, que se apresentou ao concurso para a Cadeira de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática, com a tese: "Fundamentos da Geometria Absoluta no Plano";

Benedito Castrucci, que defendeu a tese: "Fundamentos da Geometria Projetiva Finita N-Dimensional", no concurso para a Cátedra de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva.

Cândido Lima da Silva Dias, que concorreu ao concurso para a Ca-

deira de Complementos de Geometria Superior, com a tese: “Espaços Vetoriais Topológicos e sua Aplicação nos Espaços Funcionais Analíticos”.

Doutoramento

Em abril, o Assistente Luiz Henrique Jacy Monteiro conquistou o título de Doutor, defendendo a tese “Sobre as potências simbólicas de um ideal primo de um anel de polinômios”. Foram examinadores os Professores Omar Catunda, Cândido Lima da Silva Dias, Benedito Gastrucci, Afonso de Toledo Pisa e Leopoldo Nachbin.

Trabalhos Publicados

Fernando Furquim de Almeida, “Lei da reciprocidade quadrática” (nova demonstração da célebre lei de Gauss), *Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo*, vol. 3, fasc. 1.

Fernando Furquim de Almeida, “Os postulados de Thomsen para a geometria elementar e a geometria absoluta”, *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1951.

Elza Furtado Gomide, “Sobre o teorema de Artin-Weil”. *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 4, fasc. 1.

Benedito Castrucci, “Cálculo da ordem do grupo de homografias do espaço N -dimensional sobre um corpo de ordem $q=p^n$ ”, *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 3, fasc. 1.

Benedito Castrucci, “Sobre o método de Denise-Gastão Gomes”, *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 4, fasc. 1.

Cândido Lima da Silva Dias, “Sobre a continuidade dos funcionais analíticos”, *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 3, fasc. 1.

Cândido Lima da Silva Dias, “Bibliografia sobre os teoremas de existência, unicidade e dependência de parâmetros nas equações e sistemas de equações diferenciais ordinárias”, *Bol. Soc. S. Paulo*, vol. 4, fasc.

Edison Farah, “Sobre uma desigualdade para as L -integrais das funções com valores complexos”, *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 3, fasc.

Chaim Samuel Hönig, “Classificação dos grupos aditivos de números racionais”, *Bol. Soc. Mat. S. Paulo*, vol. 3, fasc.

Conferências

Em maio, o Prof. Benedito Castrucci pronunciou uma conferência na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade de Belo Horizonte, sobre “Geometria Projetiva Finita”.

O assistente Chaim Samuel Hönig realizou uma conferência “Sobre topologias semi-regulares e absolutamente fechadas”, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, e outra, na Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, “Sobre grupos totalmente ordenados”.

Distinções

Em agosto, o Prof. Cândido Lima da Silva Dias foi nomeado Diretor do Setor de Pesquisas Matemáticas do Conselho Nacional de Pesquisas. Em dezembro, foi eleito membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

Outras atividades

O Prof. Omar Catunda presidiu a comissão examinadora dos concursos para as Cadeiras de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática, Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, e Complementos de Geometria e Geometria Superior, realizados nesta Faculdade.

O Prof. Benedito Castrucci foi examinador no concurso para Professor de Geometria Descritiva, na Escola Nacional de Minas de Ouro Preto.

O Assistente Geraldo dos Santos Lima Filho trabalhou na elaboração da sua tese para doutoramento.

DEPARTAMENTO DE MINERALOGIA E PETROGRAFIA

Professor: — Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama.

Assistentes: — Rui Ribeiro Franco (Professor interino), William Gerson Rolim de Camargo e Moacyr Viana Coutinho.

Auxiliares de Ensino: — João Ernesto de Sousa Campos e Antônio Morais Rêgo.

*

Em 1951, tiveram prosseguimento normal os trabalhos de ensino e de pesquisas, já delineados anteriormente. Graças à dotação orçamentária de nossa Faculdade, foi adquirida apreciável quantidade de material de pesquisa e didático e consideravelmente ampliada a biblioteca do Departamento, principalmente no que concerne a assinaturas de revistas científicas especializadas.

Teve prosseguimento normal, durante o ano, o intercâmbio científico com outros institutos nacionais e estrangeiros, tendo sido, também, o Departamento visitado por várias pessoas interessadas em conhecer nossa produção mineral.

Foi iniciada e terminada neste ano, pelo pessoal docente do Departamento, a tradução do livro de Mineralogia do Prof. Ettore Onorato, organizador e antigo Diretor do Departamento de Mineralogia. A impressão dessa obra deverá ser feita no próximo ano. Livro escrito com clareza e didática impecáveis, poderá tornar-se, entre nós, um dos melhores livros de texto, em português, sobre a especialidade.

Ampliou-se consideravelmente, no ano de 1951, a coleção de pedras preciosas e semi-preciosas, com numerosas doações de particulares e aquisições com verbas da Faculdade.

A secção de laminação preparou apreciável quantidade de lâminas petrográficas não só para o Departamento, como também para Institutos nacionais e estrangeiros.

Prepararam-se oito coleções de modelos cristalinos (estruturais e cristalográficos), para vários institutos de ensino, incluindo entre eles a Escola Politécnica e o Colégio Presidente Roosevelt, da Capital.

Corpo docente

O Prof. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, Diretor do Departamento, continuou afastado da direção por se achar ainda comissionado junto à Escola Superior de Guerra, na Capital Federal, desde junho de 1950. Durante o ano de 1951, foi distinguido como membro do Comité Nacional da União Internacional de Cristalografia.

O Dr. Rui Ribeiro Franco, 1.º Assistente e Diretor interino do Departamento, esteve à testa das atividades didáticas e de pesquisas. Durante o ano elaborou tese sôbre zeolitas do Brasil Meridional (gênese e paragênese), que será defendida em 1952, em concurso de livre-docência da Cadeira de Mineralogia e Petrografia.

Durante o ano de 1951, publicou e terminou os seguintes trabalhos:

R. R. Franco, "Síntese de Feldspatos". *Academia Brasileira de Ciências*, 1951, vol. 23, n.º 4, páginas 369-376.

R. R. Franco, "Sôbre um novo conoscópio de fácil construção". *Ciência e Cultura* (no prelo).

R. R. Franco, "Zeolitas dos basaltos do Brasil Meridional (Gênese e Paragênese)". Tese concluída em dezembro de 1951 e destinada a concurso de livre-docência da Cadeira de Mineralogia e Petrografia, no primeiro semestre de 1952.

R. R. Franco e F. Schairer, "Liquidus temperatures in mixtures of the feldspars of soda, potash and lime". *Journal of Geology*, 1951, vol. 59, n.º 3, páginas 259-267.

R. R. Franco e H. Hauptmann, "Pesquisas sôbre o sal de Rochelle", *Ciência e Cultura*, 1951, vol. III, n.º 4, páginas 243-248.

R. R. Franco e M. C. Pôrto, "Graftonia de São Luís do Paraitinga" (em elaboração).

Publicou ainda a 5.ª edição do livro *História Natural*, escrito em colaboração com o Prof. Carlos Costa.

Foi distinguido como membro do Comité Nacional da União Internacional de Cristalografia, juntamente com o Prof. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama e com o Prof. Elysiário Távora Filho, da Universidade do Brasil.

Exerceu, durante o ano de 1951, os cargos de secretário da Sociedade Brasileira de Geologia e de Presidente da Associação dos Ex-alunos de História Natural da Faculdade. Nesse mesmo ano, foi eleito correspondente da revista técnico-científica, *Mining World*, editada em São Francisco, Estados Unidos. Continuou como membro da "Geological Society of America".

O Dr. William Gerson Rolim de Camargo, 2.º Assistente, além de continuar seus trabalhos sôbre minerais opacos, terminou os seguintes:

W. G. R. Camargo, "Refração cônica nos cristais biaxiais". *Ciência e Cultura*, 1951, vol. III, n.º 2.

W. G. Camargo, "Índices de refração nos cristais opacos". *Ciência e Cultura* (no prelo).

W. G. Camargo, "Chalcopyrite inclusions in sphalerite". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 147, Mineralogia e Petrografia, n.º 9 (no prelo).

W. G. Camargo e R. R. de Saldanha da Gama, "Sôbre um meteorito de Pará de Minas". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 148, Mineralogia e Petrografia n.º 10 (no prelo).

Realizou ainda os seguintes trabalhos, não publicados:

- “Miller indices in hexagonal system”,
- “As séries de Fourier, na determinação das estruturas cristalinas”,
- “Algumas aplicações do cálculo vectorial em cristalografia geométrica”,
- “Confecção de modelos cristalográficos”,
- “Símbolos de Simetria”,
- “Ângulos entre faces e zonas, no sistema hexagonal”,
- “On the gold ore from Morro Velho, Minas Gerais, Brasil”,
- “Nota sôbre um pegmatito de São João Nepomuceno, Minas Gerais” e
- “Determinação de índices de zona, no sistema hexagonal”.

Foi convidado, em 1951, para membro da “American Association for Advancement of Science” e da “Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência” e indicado para correspondente, na América do Sul, da Revista científica alemã, “Neues Jahrbuch und Zentralblatt v. Mineralogie”, Stuttgart.

Estão em fase de elaboração os seguintes trabalhos:

- “Eixos óticos nos cristais opacos”,
- “Distinção entre cristais uniaxiais e biaxiais em secções paralelas ao eixo ótico”,
- “A fórmula de Gauss da Cristalografia geométrica”, e
- “Sôbre a gênese da jazida de Morro Velho, Minas Gerais”.

O Dr. José Moacyr Viana Coutinho, 3.º Assistente, auxiliou as aulas de Mineralogia e Petrografia do Curso de História Natural. Doutourou-se em Março de 1951, defendendo a tese “Geologia e Petrografia de São Roque — São Paulo”. Foi convidado pelo “U. S. Geological Survey” para um estágio nos Estados Unidos, para onde deverá seguir em princípios de 1952. Terminou um trabalho, em vias de publicação, que terá como título: “Notas sôbre três minerais raros no Brasil”. Atualmente, acha-se empenhado em trabalho que aborda questões relativas à Geologia e Petrologia da região de Pirai, Paraná.

O Lic. Sérgio Estanislau do Amaral, Auxiliar de Ensino, foi convidado para 3.º Assistente do Departamento de Geologia e Paleontologia. Para substituí-lo, a partir de outubro de 1951, foi convidado o Lic. João Ernesto de Sousa Campos.

Bolsistas estagiários

Os alunos Murilo Cabral Pôrto e Francisco K. Takeda, agraciados com bôlsas de estudo oferecidas ao Departamento por particulares, fizeram estágio e prestaram serviços à Cadeira.

Excursões

O Departamento de Mineralogia e Petrografia, representado por seu Diretor interino, Dr. Rui Ribeiro Franco e pelo Assistente, Dr. José Moacyr Viana Coutinho, participou do V Congresso Brasileiro de Geologia, realizado em setembro de 1951, na cidade de Curitiba, Paraná.

Publicações

Foram ultimados os preparativos para a publicação de mais três números de *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, série de Mineralogia, contendo pesquisas originais e que deverão estar concluídos em meados de 1952. São êles: Mineralogia n.º 9, com trabalhos de W. G. R. Camargo, "Chalcopyrite inclusions in sphalerite", executado nos Estados Unidos da América do Norte, e de Loewenstein, "Estudos sôbre as propriedades químicas dos minerais de zircônio da região de Poços de Caldas, Minas Gerais", executado quando o Autor era Assistente Extranumerário do Departamento e apresentado como tese de doutoramento; Mineralogia n.º 10, tese de doutoramento de José Moacyr Viana Coutinho, "Geologia e Petrografia da Região de São Roque, São Paulo" e o trabalho de R. Saldanha e W. G. R. Camargo, "Sôbre um meteorito de Pará de Minas"; e Mineralogia n.º 11, em que deverá ser publicada a tese de livre-docência de Ruí Ribeiro Franco.

DEPARTAMENTO DE QUÍMICA

QUÍMICA GERAL E INORGÂNICA E QUÍMICA ANALÍTICA

Professor: — Heinrich Rheinboldt.

Assistentes: — Pasccal Senise, Ernesto Giesbrecht e Madeleine Perrier.

Auxiliares de Ensino: — Marco Antônio Cecchini, Luís Roberto Moraes Pitombo.

QUÍMICA ORGÂNICA E BIOLÓGICA

Professor: — Heinrich Hauptmann.

Assistentes: — Jandira França Barzaghi, Marcelo Moura Campos e Lucy Lacerda Nazário.

Auxiliar de Ensino: — Blanka Wladislaw.

FÍSICO-QUÍMICA E QUÍMICA SUPERIOR

Professor: — Simão Matias.

Assistente: — Astréia Mennucci Giesbrecht.

*

Instalações

Foram instalados três novos exaustores nas capelas dos laboratórios de pesquisa e, no fim do ano, iniciou-se a pintura total do interior do prédio.

Biblioteca

Na biblioteca, que carece muito de espaço para a colocação conveniente do crescente volume das revistas e obras de consulta, foi colocada uma estante de aço, esperando-se a colocação da segunda, necessária no próximo ano.

Revistas assinadas em 1951:

Journal of the American Chemical Society, vol. 73.

Chemical Abstracts, vol. 45.

Analytical Chemistry, vol. 23.

Industrial and Engineering Chemistry, vol. 43.

Journal of Chemical Education, vol. 28.

Chemical Reviews, vols. 48 e 49.
Journal of Organic Chemistry, vol. 16.
Journal of Chemical Physics, vol. 19.
Journal of Biological Chemistry, vols. 188 a 193.
Journal of Physical and Colloidal Chemistry, vol. 55.
Chemische Berichte, vol. 84.
Justus Liebig's Annalen der Chemie, vols. 571-574.
Chemisches Zentralblatt, vol. 122.
Hoppe Seyler's Zeitschrift für Physiologische Chemie, vol. 287-288.
Zeitschrift für Physikalische Chemie, vol. 197-198.
Zeitschrift für Anorganische u. Allgemeine Chemie, vol. 265-266.
Annales de Chimie, VI-ème Série, vol. 6.
Bulletin de la Société Chimique de France, ano 1951.
Journal of the Chemical Society, ano 1951.
Transactions of the Faraday Society with Discussions, vol. 47.
Annual Reports on the Progress of Chemistry, vol. 47.
Helvetica Chimica Acta, vol. 34.
Analytica Chimica Acta, vol. 5.
Acta Chemica Scandinavica, vol. 5.
Recueil des Travaux Chimiques des Pays-Bas, vol. 70.
Gazzeta Chimica Italiana, vol. 81.
Annual Review of Biochemistry, vol. 20.
Annual Review of Physical Chemistry, vol. 2.

Volumes de revistas adquiridos em 1951, para completar coleções:

Chemical Abstracts, Fourth Decennial Index: Author Index and Subject Index (Vol. 31-40).
Acta Chemica Scandinavica, vol. 1 (1947) a vol. 4 (1950).
Arkiv för Kemi, vol. 1 (1950), vol. 2 (1951).
Anais da Academia Brasileira de Ciências, vol. 12 (1940) a vol. 19 (1947).
Journal of Chemical Physics, vol. 12 (1944), vol. 15 (1947).
Gazzetta Chimica Italiana, vol. 79 (1949), vol. 80 (1950).
Journal of the Chemical Society (London), vol. 24 (1871) a vol. 104 (1913).
Transactions of the Faraday Society, vol. 42 (1946), vol. 43 (1947) e vol. 44 (1948).
Berichte der Deutschen Chemischen Gessellschaft, vol. 45 (1912), vol. 46 (1913) e vol. 47 (1914).

Livros adquiridos em 1951:

Química Orgânica:

Beilstein Handbuch der Organischen Chemie, vols. 11, 12, 13, 14, 15 (2.º suplemento).

- W. Theilheimer, *Synthetic Methods of Organic Chemistry*, vol. II e V.
 Fieser and Fieser, *Natural Products Related to Phenanthrene*.
 Fieser and Fieser, *Organic Chemistry*, ed. 1950.
Organic Syntheses, vol. 30.
Organic Reactions, vol. 6.
Advances in Carbohydrate Chemistry, vol. 5.
 David A. Shirley, *Preparation of Organic Intermediates*.
 Elliot R. Alexander, *Principles of Ionic Organic Reactions*.
 V. Grignard, *Traité de Chimie Organique*, vols. 7, 15, 16, 17 (1.^a parte),
 17 (2.^a parte).
 C. F. H. Allen, *Six Numbered Heterocyclic Nitrogen Compounds with
 Four Condensed Rings*.
 Runge, *Organometallverbindungen*.
 Neave, *The Identification of Organic Compounds*.
 A. Weissberger, *Technique of Organic Chemistry*, vols. 2 e 5.

Físico-Química:

- J. Timmermans, *Physico-Chemical Constants of pure Organic Com-
 pounds*.
 Adalbert Farkas, *Physical Chemistry of Hidrocarbons*, vol. 1.
 W. A. Koehler, *Applications de l'Electrochimie*.
 H. Frohlich, *Theory of Dielectrics*.
Annual Review of Physical Chemistry, vol. 1.
 G. E. Vilar, *Elementos de Atomistica*.
 Reilly and Rae, *Physico-Chemical Methods*.
Tables de Constants et Données Numériques, ns. 1, 9, 11, 12, 13, 14, 16,
 18, 20, 22, 26, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40.
*Tables de Constants et Données Numériques: Données Numériques sur
 l'effet Raman; Pouvoir Rotatoire; Radioactivité Physique Nucléaire*.
 Hildebrand Scott, *The Solubility of Nonelectrolytes*.
 Charles L. Brown, *Basic Thermodynamics*.
 Martin A. Paul, *Principles of Chemical Thermodynamics*.

Química Inorgânica:

- Booth-Martin, *Boron Trifluoride and its Derivatives*.
 J. H. Simons, *Fluorine Chemistry*, vol. 1.
 N. V. Sidgwick, *The Chemical Elements and their Compounds*, vols. 1
 e 2.
 L. F. Audrieth e Betty Ackerson Ogg — *The Chemistry of Hydrazine*.
 J. R. Partington, *A Text Book of Inorganic Chemistry*.
Gmelins Handbuch der Anorganischen Chemie, 8. Auflage-Teil 10 (B)
 — Die Verbindungen des Selens.
 Gerold Schwarzenbach, *Allgemeine und Anorganische Chemie*.
 Eugene Rochow, *An Introduction to the Chemistry of the Silicones*.
 Mellor, *A Comprehensive Treatise on Inorganic and Theoretical Che-
 mistry*; vol. 10 — S, Se; vol. 11 — Te, Cr, Mo, W.

Arkel, *Molecules and Crystals in Inorganic Chemistry*.

R. H. Vallance, D. F. Twiss and A. R. Russel, *Text-Book of Inorganic Chemistry*, vol. 7, 2.^a parte.

Alfred W. Stewart and Cecil L. Wilson, *Recent Advances in Physical and Inorganic Chemistry*.

A. F. Wells, *Structural Inorganic Chemistry*.

Bioquímica:

H. K. Dean, *Utilization of Facts*.

Felix Haurowitz, *Chemistry and Biology of Proteins*.

F. F. Nord, *Advances in Enzymology*, vol. 11.

Hawk, Oser and Summerson, *Practical Physiological Chemistry*

Química Analítica:

Heinrich Biltz e Wilhelm Biltz, *Ausführung Quantitativer Analysen*.

Instituto Adolfo Lutz, *Método de Análises Bromatológicas*, 1.^o vol.: —
"Análises Químicas".

Pierce and Haensch, *Quantitative Analysis*.

Harold J. Fister, *Manual of Standardized Procedures for Spectrophotometric Chemistry*.

História

J. C. Poggendorff, *Biographisch-Literarisches Handwörterbuch*, 1, A-L, (1863); 2, M-Z (1863); 3, A-Z (1898); 4, 1, A-L (1904); 4, 2, M-Z (1904); 5, A-Z (1926); 6, 1, A-E (1936); 6, 2, F-K (1937); 6, 3, L-K (1938); 6, 4, S-Z (1940).

Chymia-Annual Studies in the History of Chemistry vol. I, II, III.

Diversos:

R. R. Hawkins, *Scientific Medical and Technical Books*.

D. Vicente Salvá, *Nuevo Diccionario Frances-Español-Frances*.

Faith, Keyes and Clark, *Industrial Chemicals*.

The Condensed Chemical Dictionary.

Mingoia, *Tecnica Farmaceutica e Medicamenti Galenici*.

The University Record of the University of Florida, Catalog 1951-52.

Paul Freedman, *The Principles of Scientific Research*.

Pieters, *Safety in the Chemical Laboratory*.

*

QUÍMICA GERAL E INORGANICA E QUÍMICA ANALÍTICA

Trabalhos dos Assistentes

O 1.^o Assistente Pascoal Senise, trabalhando, a partir de novembro de 1950, na Universidade de Baton Rouge (Louisiana), esteve ausente

durante todo o ano letivo, tendo seu comissionamento sido prolongado até março de 1952. Suas funções foram desempenhadas pelos demais Assistentes e Auxiliares de Ensino.

O Lic. Marco Antônio Cecchini, já há três anos Auxiliar de Ensino da Cadeira e havendo já terminado a parte experimental de sua tese de doutoramento, foi contemplado com uma bolsa, pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

Tomaram parte em bancas examinadoras de concurso de habilitação, na Faculdade de Medicina de Sorocaba, o Dr. Ernesto Giesbrecht e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o Dr. Marco Antônio Cecchini.

No Curso de Férias para professôres do ensino secundário, as aulas de Química Inorgânica foram dadas pelo 2.º Assistente Dr. Ernesto Giesbrecht. Tomaram parte, na Banca de Exame de Suficiência para professôres secundários de Química, os Assistentes Dr. E. Giesbrecht e Dra. Madeleine Perrier.

Cursos

O curso de *Química Analítica* funcionou em três turmas, compreendendo o curso de Química Analítica Qualitativa três semestres e o de Química Analítica Quantitativa pouco mais de dois semestres. O ensino é de caráter essencialmente individual, consistindo em exercícios diários de laboratório juntamente com colóquios. O horário foi de 23, 33 e 34 horas semanais, respectivamente, para as turmas do 1.º, 2.º e 3.º anos. Acompanhou o ensino do 1.º ano o Lic. Marco Antônio Cecchini; o do 2.º ano, o Lic. Luís Roberto Morais Pitombo e o do 3.º ano, o 2.º Assistente, Dr. Ernesto Giesbrecht. A título de experiência, introduziu-se eficientemente, no ensino do 3.º ano, o sistema de entrega de resultados do trabalho experimental, com prazo determinado. Conseguiu-se, dêste modo, ganhar o tempo necessário para a execução de trabalhos de Química Inorgânica Preparativa, no fim do 3.º ano.

A Química Geral e Inorgânica foi ministrada, para o 1.º e 2.º anos, em conjunto, em seis aulas teóricas e experimentais por semana. Para sanar a deficiência (nos conhecimentos básicos e no cálculo logarítmico) dos novos alunos, introduziu-se, especialmente no 1.º semestre, um seminário especial, ministrado pela Assistente das aulas experimentais, Dra. Madeleine Perrier.

Aos melhores alunos do 2.º e 3.º anos foi dada a oportunidade, durante as férias, de executarem trabalhos auxiliares, no laboratório científico.

Atividade científica

Prosseguiram as pesquisas sôbre compostos de enxofre, selênio e telúrio, executadas com os Assistentes Dr. Ernesto Giesbrecht, Dra. Madeleine Perrier e o Lic. Marco A. Cecchini. O Auxiliar de Ensino Luís

Roberto Moraes Pitombo empenhou-se no trabalho prático de sua tese de doutoramento.

Publicações:

Foi publicado, em 1951, na série de Boletins da Faculdade, o de número CXXIX, Química n.º 3, com o seguinte conteúdo:

H. Rheinboldt, "Introdução", p. 1-7.

H. Rheinboldt, F. Berti, M. Perrier, W. Pregnoatto, G. Cilento e G. Nazário, "Sistemas binários de monoderivados esômeros da naftalena", p. 8-28.

H. Rheinboldt, M. Perrier, E. Giesbrecht, A. Levy, M. A. Cecchini e H. Vieira de Campos, "Inter-substituição isomorfogênea de cloro e bromo em compostos orgânicos", p. 29-45.

H. Rheinboldt e A. Levy, "Sistemas binários de 4-fluoro-anilidas com as cloro-, bromo- e iodoanilidas correspondentes", p. 46-51.

H. Rheinboldt, A. Levy, G. Cilento, M. A. Cecchini e E. Giesbrecht, "Formação de cristais mistos entre compostos aromáticos halogenados e metilados", p. 52-68.

H. Rheinboldt e A. Levy, "Substituição isomorfogênea de hidrogênio pelo flúor em núcleos aromáticos", p. 69-74.

H. Rheinboldt e M. Perrier, "Estudo sistemático sobre a inter-substituição isomorfogênea dos átomos e pseudo-átomos halogêneos na posição 1- da 2, 4-dinitrobenzena", p. 75-97.

H. Rheinboldt e G. Nazário, "A inter-substituição isomorfogênea dos halogêneos e pseudo-halogêneos na posição beta da naftalena", p. 98-109.

H. Rheinboldt e M. Perrier, "Sobre a possibilidade da substituição isomorfa do cianogruppo pelos halogêneos em compostos orgânicos", p. 110-117.

H. Rheinboldt e M. Perrier, "Sistemas binários de haletos orgânicos com os tiocianatos e selenocianatos correspondentes", p. 118-126.

H. Rheinboldt e M. Perrier, "Sistemas binários de 1-ciano-2, 4-dinitrobenzena com os compostos OH, NH₂, CH₃, OCH₃ e H correspondentes", p. 127-129.

H. Rheinboldt e M. Perrier, "Sistemas binários de cianetos orgânicos com os tiocianatos e selenocianatos correspondentes", p. 130-132.

H. Rheinboldt, E. Giesbrecht e S. Mathias, "Sistemas binários de benzoatos e tiobenzoatos alifáticos", p. 133-139.

H. Rheinboldt, F. Berti e G. Cilento, "Sistemas binários de ésteres e tioésteres aromáticos", p. 140-153.

H. Rheinboldt, E. Giesbrecht, "Sistemas binários de benzoato e tiobenzoato com o selenobenzoato de fenilo", p. 154-157.

H. Rheinboldt, F. Berti, G. Cilento, "Sistemas binários de amidas e tioamidas", p. 158-160.

H. Rheinboldt, M. A. Cecchini, W. Pregnoatto e G. Cilento, "Sobre a possibilidade da substituição isomorfogênea de oxigênio ou enxofre

pela imino- ou metilengrupo, como também dos dois últimos, em compostos orgânicos acíclicos”, p. 161-171.

H. Rheinboldt, E. Giesbrecht, M. Perrier, e M. A. Cecchini, “Relações de isomorfia entre substâncias de dupla e diversa inter-substituição isomorfogênea. p. 172-184.

Foram publicados mais os seguintes trabalhos:

H. Rheinboldt, *Chemische Unterrichtsversuche*, 3.^a edição. Dresden, Th. Steinkopff, 1951.

H. Rheinboldt, “O ensino superior da Química”, *Ciência e Cultura*, III, p. 125-128.

P. Senise, “Reactions in the system azide-iodine-thiocyanate”, *J. Phys. Chem.*, 55, p. 1151-70 (1951).

P. Senise, “The catalyzed iodine-azide reaction in micro-analysis. I.”, *Mikrochemie* 36, p. 206-209 (1951).

P. Senise, “The catalyzed iodene-azide reaction in micro-analysis. II.”, *Mikrochemie* 36, p. 210-213 (1951).

À 3.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte (5-10 de novembro), foram apresentadas as seguintes comunicações:

H. Rheinboldt e E. Giesbrecht, “Triselenetos aromáticos”, relatado pelo primeiro. *Ciência e Cultura*, III, p. 268 (1951).

E. Giesbrecht, “Sulfetos de selenenilo aromáticos”. *Ciência e Cultura*, III, p. 268 (1951).

M. Perrier, “Condensação de tiocianatos de selenenilo com fenóis”. *Ciência e Cultura*, III, p. 268 (1951).

M. A. Cecchini, “Compostos de adição de aril-carbinóis com fosfinóxidos e arsinóxidos”. *Ciência e Cultura*, III, p. 269 (1951).

Conferências

O prof. H. Rheinboldt pronunciou, em 18 de outubro, por ocasião do encerramento da Exposição do Livro Alemão, promovida pela Sociedade Goetheana, na Biblioteca Municipal, uma conferência sobre: “O livro e o cientista”. Falou também, no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, sobre a escolha de cientistas e a formação de equipes de pesquisadores.

*

QUÍMICA ORGÂNICA E BIOLÓGICA

Cursos

Além das aulas do curso fundamental, que constam do Regulamento da Faculdade e que, pelo sistema rotativo, foram, em 1951, de Bioquí-

mica, para o 2.º e 3.º ano, a Cadeira de Química Orgânica e Biológica ministra o curso de Química Orgânica Preparativa, no 4.º ano, ano de especialização. Este Curso destina-se ao ensino sistemático das técnicas de Química Preparativa, tanto da Orgânica quanto da Biológica, técnicas exercitadas durante as sínteses, preparações e outras experiências que os alunos executam. O curso ocupa de 20 a 24 horas semanais e está sendo ministrado pelos Assistentes da Cadeira, sob a orientação do Catedrático.

Subvenção

A Cadeira foi contemplada, no ano de 1951, com uma subvenção da Fundação Rockefeller, que possibilitou a compra de um conjunto de aparelhos para experiências sob alta pressão, e juntamente com a Cadeira de Fisiologia Geral e Animal, de um espectro-fotômetro de Beckmann.

Seminários

Em 1951, foram relatados os seguintes assuntos:

120.º seminário, 27 de março: "Explosivos antigos e modernos", Major Geraldo da Rocha Lima.

121.º seminário, 10 de abril: "Influência da tensão molecular nas reações químicas", Dr. G. Cilento.

122.º seminário, 24 de abril: "Sôbre a química do acetileno", Dra. Jandyra França Barzaghi.

123.º seminário, 8 de maio: "Métodos microbiológicos para dosagem de vitaminas", Rebeca de Angelis.

124.º seminário, 22 de maio: "Catepsinas", Dra. Hanna Rotschild.

125.º seminário, 7 de agosto: "Novas pesquisas sôbre a insulina", Eline Santana Prado.

126.º seminário, 21 de agosto: "Bioquímica da oxidação dos ácidos graxos no organismo animal", Prof. F. L. Breusch.

127.º seminário, 11 de setembro: "Vitamina B₁₂", Rainer Fried.

128.º seminário, 25 de setembro: "Descarboxilase do ácido oxalacético", Adolfo M. Rotschild.

129.º seminário, 9 de outubro: "Nova adrenalina e sua significação na fisiologia animal", Prof. U. von Euler.

130.º seminário, 23 de outubro: "Conversão da energia química em mecanismo na célula", Dr. Erasmo G. Mendes.

Participação em Congressos

O titular da Cadeira tomou parte, comissionado pela Universidade de São Paulo, no Simpósio de Química dos Compostos Orgânicos do Enxofre, que se realizou na "Indiana University", em Bloomington, Indiana, de 29 de agosto a 1.º de setembro de 1951, onde percorreu sôbre "A ação de metais Raney sôbre compostos de enxofre". Fêz conferências sôbre o mesmo assunto, a convite da "University of Minnesota",

em Minneapolis, e da "Loyola University", em Chicago. Foi designado para, junto com outros três colegas, representar o Brasil no Conselho da União Internacional de Química, nas reuniões em New York e Washington, em 8 e 15 de setembro, respectivamente. Além disso, foi incumbido de servir como observador do Conselho Nacional de Química, nos dois grandes Congressos Químicos que se realizaram em New York, no 75.º aniversário da "American Chemical Society" e no da União Internacional de Química.

Bolsas de estudo

O Dr. Marcelo de Moura Campos, em agosto, foi comissionado pela Universidade de São Paulo para fazer pesquisas e estudos na Universidade de Minnesota, em Minneapolis, em gozo de uma bolsa concedida pela Fundação Rockefeller.

A dra. Blanka Wladislaw foi contemplada com uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas para poder trabalhar em regime de tempo integral.

O sr. Wolfgang Walter, doutorando da Cadeira, recebeu também uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas.

Colaboração

Continuando a colaboração com a Faculdade, a Escola Politécnica, pelos Professores Teodoreto de Souto e Paulo Guimarães da Fonseca, ministrou o ensino de Química Industrial aos alunos do nosso Curso de Especialização.

Da mesma forma, o Sr. Rainer Fried, doutorando da Cadeira, continuou colaborando com os Professores Franklin de Moura Campos e Alberto Carvalho da Silva.

Licenças

A Dra. Jandyra França Barzagli esteve de licença durante o período de 19 de fevereiro a 19 de maio, tendo solicitado a sua exoneração a 1.º de junho de 1951.

A Dra. Lucy Lacerda Nazário esteve de licença desde 2 de junho de 1951 até o fim do ano.

Trabalhos publicados

Heinrich Hauptmann, "O Prêmio Nobel de 1950". *Bol. da Assoc. Quím.*

Bras., 9, n.º 1 (1951).

Heinrich Hauptmann, "Estudos com Isótopos do Carbono". *Ciência e Cultura*, 3, 15 (1951).

Heinrich Hauptmann, "O papel do ácido cítrico no ciclo de Krebs", *Quím. e Ind.*, n.º 198-199, 17 (1951).

- Heinrich Hauptmann e M. de Moura Campos e L. Lacerda Nazário, "Sôbre enol- e tioenolderivados dos cetoesteróides". *Rev. da Fac. de Ciências de Lisboa*, 2.^a série B, 1, 85 (1951).
- Giuseppe Cilento, "Molecular Compounds of Aminoazo Dyes and Bile Acids", I, *J. Am. Chem. Soc.*, 73, 1355 (1951).
- Giuseppe Cilento, "Comportamento recíproco de alguns cancerígenos e esteróides biliares, II". Trabalho apresentado à 3.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, novembro de 1951.
- Giuseppe Cilento, "Binary Systems between Phenyl Benzoate Derivatives. The formation of Molecular Compounds". *J. Phys. Coll. Chem.*, 55, 716 (1951).
- Giuseppe Cilento, "The boiling points of aromatic Ethil and Chloro Derivatives", *J. Phys. Coll. Chem.*, 55, 1105 (1951).
- Giuseppe Cilento, H. Rheinboldt, F. Berti, M. Perrier, W. Pregnoatto e G. Nazário, "Sistemas binários de monoderivados isómeros da naftalena", *Bol. da Fac. de Fil. Ciên. e Letras*, n.º CXXIX, Quím. n.º 3, 8 (1951).
- Giuseppe Cilento, H. Rheinboldt, A. Levy, M. A. Cecchini e E. Giesbrecht, "Formação de Cristais mistos entre compostos aromáticos halogenados e metilados", *ibid.*, 52 (1951).
- Giuseppe Cilento, H. Rheinboldt e F. Berti, "Sistemas binários de ésteres e tioésteres aromáticos", *ibid.*, 140 (1951).
- Giuseppe Cilento, H. Rheinboldt e F. Berti, "Sistemas binários de amidas e tioamidas", *ibid.*, 158 (1951).
- Giuseppe Cilento, H. Rheinboldt, M. A. Cecchini e W. Pregnoatto, "Sôbre a possibilidade da substituição isomorfogênea de oxigênio ou enxofre pelo imino- ou metilengrupo, como também dos dois últimos, em compostos orgânicos acíclicos", *ibid.*, 161.
- Blanka Wladislaw, "Novas experiências sôbre a reação dos compostos de enxofre com metais de Raney", apresentado na 3.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, em novembro de 1951.
- Wolfgang Walter, "Propriedades de metais de Raney e sua ação sôbre compostos de enxofre", apresentado na 3.^a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte, em novembro de 1951.

*

FÍSICO-QUÍMICA E QUÍMICA SUPERIOR

Bôlsa de Estudo

Foi concedida pela "John Simon Guggenheim Memorial Foundation" uma bôlsa de estudo ao Prof. Simão Mathias (1.º de março de 1951 a 29 de fevereiro de 1952).

Pesquisas

Os trabalhos que vinham sendo realizados nesse laboratório, sobre as relações entre propriedades físicas e estrutura molecular, foram continuados no Departamento de Química da Universidade de Michigan, Estados Unidos.

Conferências

O Prof. Simão Mathias proferiu, em 1951, as seguintes conferências:
“Structural Analogies between an Electron Pair and an Oxide Ion”, em 10 de agosto, no Departamento de Química da Universidade de Michigan;

“Refractivity and Molecular Structure of Organic Sulfur Compounds”, em 16 de novembro, na Universidade de New York.

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

SOCIOLOGIA (I Cadeira)

Professor: — Roger Bastide.

Assistente: — Gilda Rocha de Mello e Sousa.

SOCIOLOGIA (II Cadeira)

Professor: — Fernando de Azevedo (Diretor do Departamento).

Assistentes: — Antônio Cândido de Mello e Sousa e Florestan Fernandes.

POLÍTICA

Professor: — Charles Morazé.

Assistente: — Lourival Gomes Machado.

Auxiliar de Ensino: — Paula Beiguelmann.

ANTROPOLOGIA

Professor: — Emílio Willems.

Assistente: — Egon Schaden.

Auxiliar de Ensino: — Gioconda Mussolini.

*

SOCIOLOGIA (I Cadeira)

Cursos

3.º ano — Patologia social.

4.º ano — Especialização — Métodos e Técnicas da pesquisa sociológica.

Seminários

“Aplicação de algumas técnicas da pesquisa sociológica”, pelo Professor da Cadeira.

“Problemas da Sociologia Estética”, a cargo da Assistente Gilda de Mello e Sousa.

“Problemas de contacto, entre negros e brancos, em São Paulo (técnicas e métodos de investigação)”, a cargo do Prof. Florestan Fernandes, Assistente da II Cadeira de Sociologia, em colaboração com o Prof. Roger Bastide, para o 3.º e 4.º anos.

Trabalhos práticos

Participação da Cadeira, na pesquisa que a UNESCO solicitou aos Profs. Roger Bastide e Florestan Fernandes, sobre as relações sociais na cidade de São Paulo e sobre o preconceito de cor:

- a) Inquérito e observação de massa pelos Alunos.
- b) Histórias de vida de pretos, colhidas pelos Alunos e Assistentes Técnicos.
- c) Inquérito entre os industriais e comerciantes, pelo Aluno Renato Jardim Moreira.
- d) Inquérito dentro das “gafieiras”, pelo Aluno Renato Jardim Moreira.
- e) Estudo ecológico de um bairro de cortiços, pelos Alunos do 4.º ano e Especialização, sob a direção do Professor da Cadeira.
- f) Sondagem de alguns orçamentos de famílias brancas nacionais, brancas imigrantes e negras.
- g) Direção das Mesas Redondas dos Negros Paulistas.

Teses

O Professor da Cadeira está orientando as teses de doutoramento de dois antigos alunos desta Faculdade.

Atividades do Professor

Viagem ao Rio de Janeiro, para estudar as diferenças entre as relações raciais no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Participação no 1.º Congresso Nacional de Folclore, como representante da Reitoria da Universidade de São Paulo, realizado no Rio de Janeiro, onde presidiu a Comissão de Metodologia das Pesquisas Sociais.

Viagem de estudo à Bahia e ao Maranhão: estudo do candomblé, da divinação através dos “cauries” e das “nozes”, do “axêxê” e do tambor de Nina. Os trabalhos realizados serão publicados num próximo *Boletim* e na *Revista do Museu do Ipiranga*.

Participação, na futura publicação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sobre São Paulo.

Conferências realizadas no Museu de Arte de São Paulo, sobre a Psicologia e a Sociologia das Artes Industriais.

Publicações

Além das publicações do Professor (edição árabe dos Elementos de Sociologia Religiosa. Relatório do XXIX Congresso dos Americanistas; edição anotada, em colaboração com Sérgio Milliet, dos Romanes de Voltaire), a Cadeira publicou: o *Boletim CXXI*, Sociologia n.º 2, *Estudos Afro-Brasileiros* (2.ª série): “Os suicídios em São Paulo, se-

gundo a côr” e “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”. Publicou também, em colaboração com o Prof. Florestan Fernandes: *O preconceito de côr em São Paulo*, estudo preliminar à pesquisa da UNESCO.

Títulos honoríficos

O Prof. Roger Bastide foi homenageado pela Universidade de São Paulo, com o título de Doutor Honoris Causa. Foi eleito membro correspondente das seguintes associações: Grêmio Euclides da Cunha, de Ponta Grossa, Estado do Paraná; “Associação Tucumana de Folclore” e “Instituto de Sociografia y Paneacim de Tucumán”, ambas da Argentina.

*

SOCIOLOGIA (II Cadeira)

Cursos

Prof. Fernando de Azevedo.

“Introdução à Sociologia”, 1.º ano de Ciências Sociais (Curso Noturno), duas aulas por semana.

“Fundamentos sociológicos da Educação”, 1.º ano de Pedagogia (Curso Noturno), duas aulas por semana.

“Sociedades rurais e urbanas”, 2.º ano de Ciências Sociais (Curso diurno), duas aulas por semana.

“Estrutura social e Educação”, 2.º ano de Pedagogia (Curso Diurno), duas aulas por semana.

“Teoria dos partidos políticos”, 3.º ano de Ciências Sociais (Curso Diurno), duas aulas por semana.

Prof. Antônio Cândido de Mello e Souza.

“Fundamentos sociológicos da Educação”, 1.º ano de Pedagogia (Curso Diurno), duas horas semanais.

“Fundamentos sociológicos da Educação”, 1.º ano de Pedagogia (Curso Noturno), duas horas semanais, no 1.º semestre.

“A função da escola na aculturação dos alemães no sul do Brasil”, 1.º ano de especialização em Pedagogia e Ciências Sociais, três horas semanais.

Prof. Florestan Fernandes.

“Introdução à Sociologia”, 1.º ano de Ciências Sociais e 2.º ano de Filosofia (êste somente no 1.º semestre).

“Sociologia Geral e Sociologia do Conhecimento, 2.º ano de Filosofia, no 2.º semestre.

*Pesquisas***Prof. Fernando de Azevedo.**

Preparação de uma pesquisa sôbre a cidade de Conceição de Itanhaem, para uma monografia urbana.

Pesquisa bibliográfica para o planejamento e colheita de material para um Dicionário de Sociologia (vocabulário crítico e técnico) — obra a ser feita em colaboração.

Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa.

Pesquisas sôbre o papel da Escola na aculturação dos alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí, associada ao Curso de Especialização e feita com os alunos. Entrevistas e levantamento de documentos em São Paulo; duas estadias no campo de trabalho (principalmente Blumenau) em maio e julho. A pesquisa prosseguirá em 1952.

Prof. Florestan Fernandes.

O preconceito de côr em São Paulo, em colaboração com o Prof. Roger Bastide, trabalho realizado sob o patrocínio da UNESCO e da Universidade de São Paulo.

Continuação de pesquisa anterior, sôbre a aculturação de sírios e libaneses em São Paulo.

Obras publicadas

Fernando de Azevedo, *Princípios de Sociologia*, 5.^a edição. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1951.

Fernando de Azevedo, *Sociologia Educacional*, 2.^a edição. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1951.

A. C. de Mello e Sousa, "The Brazilian family", no livro *Brazil, portrait of half a continent*, editado por Lynn Shith e Morchant. New York, Dryden Press, 1951.

A. C. de Mello e Sousa, "Pontos de partida para o estudo da Educação no meio rural", em colaboração com J. Querino Ribeiro, publicado no livro dêste: *Pequenos estudos de grandes problemas educacionais*.

F. Fernandes, *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, edição mimeografada de 120 exemplares, 600 páginas.

F. Fernandes, *O preconceito racial em São Paulo*, em colaboração com Roger Bastide. Publicações do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, n. 118, 49 páginas.

F. Fernandes, "Amadeu Amaral e o Folclore Brasileiro", in *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CXLIII, 28 páginas.

F. Fernandes, "Contribuição para o estudo de um líder carismático", *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CXXXVIII, 16 páginas e 15 gravuras fora do texto.

Obras em preparo

Fernando de Azevedo, "Na batalha do humanismo e outras conferências".

Fernando de Azevedo, "A Educação e seus problemas", 3.^a edição re-fundida.

*Seminários***Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa.**

1.^o ano de Pedagogia (curso diurno): Leituras e debate, em turma, sobre "Problemas de estrutura e mudança social", usando textos de Radcliffe-Brown, Znanieck, Mac Iver, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Emílio Willems, Florestan Fernandes. De quatro a oito horas por semana.

1.^o ano de Pedagogia (curso noturno): Seminários complementares do Curso dado pelo Professor da Cadeira (2.^o semestre).

Prof. Florestan Fernandes.

3.^o ano de Ciências Sociais, sobre "Economia e Sociedade", de Max Weber.

1.^o ano de Ciências Sociais, (curso noturno): "Problemas gerais da Sociologia".

Conferências

"O homem Euclides da Cunha", conferência pronunciada pelo prof. Fernando de Azevedo, no salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

"O educador e os fatores de alienação do homem no mundo moderno", na Escola Normal Oficial de São José dos Campos, em outubro de 1951 pelo Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa.

"A função da Sociologia", no Centro de Estudos de Catanduva, em outubro de 1951, pelo Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa.

Cursos extra-curriculares

O Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa ministrou os seguintes cursos extra-curriculares:

"a estrutura da escola", seis aulas dadas no Curso de Férias da Faculdade de Filosofia, da Universidade de Minas Gerais, em janeiro de 1951.

"Os néo-clássicos mineiros", curso de seis aulas, no Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em setembro e outubro de 1951.

Doutoramento

O Prof. Florestan Fernandes doutorou-se em Ciências Sociais, nesta Faculdade, a 3 de novembro de 1951, com a apresentação e defesa da tese: "A função social da guerra na sociedade Tupinambá".

*Outras atividades culturais e científicas***Prof. Fernando de Azevedo.**

Participação em reuniões científicas e na direção da Sociedade Brasileira de Sociologia, de que é Presidente.

Participação na direção das atividades da “International Sociological Association”, de que é um dos Vice-Presidentes.

Prof. Antônio Cândido de Mello e Sousa.

Representante da Faculdade, com o Prof. J. Querino Ribeiro, no IV Congresso Normalista de Ensino Rural, em outubro de 1951.

*

POLÍTICA

Cursos

“As correntes de idéias políticas e o nascimento da consciência nacional” (curso teórico), pelo professor Charles Morazé.

Elaboração do material colhido através da Imprensa Nacional, em 1950, referente à campanha eleitoral desse ano (trabalho prático), pelo Prof. Charles Morazé e alunos.

Pesquisas de campo

Viagem a alguns municípios do norte do Estado do Paraná, com o fim de se observar aí a vida local.

*

ANTROPOLOGIA

Corpo docente

Prorrogado por mais um ano o afastamento do Prof. Emílio Willem, a Cadeira de Antropologia continuou sob a regência do Prof. Egon Schaden. As funções de 1.º Assistente estiveram confiadas a Gioconda Mussolini, Auxiliar de Ensino.

Cursos

Durante o ano de 1951, ministraram-se os seguintes cursos:

“Introdução à Antropologia”, para o 1.º ano de Geografia e História e 2.º de Ciências Sociais;

“O estudo antropológico do índio brasileiro”, para o 2.º ano de Ciências Sociais;

“Problemas de aculturação no Brasil Meridional”, para o Curso de Especialização.

As aulas estiveram a cargo do Prof. Egon Schaden, e os seminários correspondentes foram dirigidos pela Assistente Gioconda Mussolini.

Doutoramentos

O Prof. Egon Schaden participou das bancas examinadoras para o doutoramento de Maria José de Barros Fornari de Aguirre, Assistente da Cadeira de Psicologia Educacional; de José Francisco de Camargo, Assistente da Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas (exame de matéria subsidiária); e de Florestan Fernandes, Assistente de Sociologia.

Conferências e cursos extraordinários

A título de colaboração com a II Cadeira de Sociologia, o Prof. Egon Schaden realizou, no mês de janeiro, um curso de férias para professores do ensino secundário e normal do Estado. Em fevereiro, realizou, na Universidade de Minas Gerais, e a convite do Govêrno daquele Estado, um curso de conferências sôbre assuntos educacionais do ponto de vista antropológico. Em maio, pronunciou, a convite da Sociedade Pró Arte, três conferências de extensão universitária, sôbre questões de Antropologia Brasileira.

Pesquisas

Durante o mês de julho, o Prof. Egon Schaden esteve entre os índios Kaiová do sul de Mato-Grosso, prosseguindo em seus estudos sôbre a aculturação dêsses selvícolas. Em colaboração com a II Cadeira de Sociologia, iniciou uma pesquisa sôbre a aculturação dos imigrantes e seus descendentes no Brasil Meridional, trabalho de que participaram ativamente os alunos do Curso de Especialização. A Assistente Gioconda Mussolini prosseguiu na elaboração de sua tese de doutoramento sôbre a Ilha de São Sebastião.

Convite

O Prof. Schaden foi convidado oficialmente para particular do IV Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, a realizar-se em 1952, na cidade de Viena.

Publicações

Egon Schaden, "Brasilianische Voelkerkunde", *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, abril-junho de 1951, páginas 44-54.

Egon Schaden e Gioconda Mussolini, *Povos e Trajes da América Latina*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1951.

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Professor: Ernesto Marcus.

Assistentes: Michel Pedro Sawaya, Diva Diniz Corrêa, Cláudio Gilberto Froehlich.

*

Ensino

Com o sistema rotativo adotado pela Cadeira, coube em 1951, o ensino dos Invertebrados às duas primeiras séries do Curso de História Natural. Como nos anos anteriores, as aulas teóricas e práticas ocuparam as manhãs das segundas e têrças feiras. Os cursos de especialização, ministrados aos dois candidatos inscritos, Eudóxia Maria de Oliveira Pinto e Cláudio Gilberto Froehlich, versaram sôbre Mecânica do Desenvolvimento, Exercícios Faunísticos e Turbelários.

Excursões

Como complementos aos cursos fundamental e especializado, fizeram-se as seguintes excursões, sempre orientadas ou dirigidas pelo corpo docente da Cadeira:

- 1) em abril, à ilha das Palmas, em Santos, para os quartanistas;
- 2) de 29 de agosto a 8 de setembro, a Ubatuba, da qual participaram doze estudantes; as manhãs foram dedicadas à observação dos animais no costão e à colheita; as tardes, aos estudos com o instrumentário transportado para tal fim;
- 3) em 16 de outubro, à ilha das Palmas, para quarenta estudantes das primeiras séries, os quais se familiarizaram com a técnica de pesquisa de animais costeiros;
- 4) várias vêzes, aos arredores de São Paulo, para os participantes do curso de faunística, que coletaram e classificaram material de diversas procedências.

Publicações

Ernesto Marcus, "Turbellaria Brasileiros (9)". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 142, Zoologia n.º 16, páginas 5-216.

Eveline du Bois-Reymond Marcus, "On South American Geoplanids". *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* n.º 142, Zoologia n.º 16, páginas 217-256.

Eveline du Bois - Reymond Marcus, "Two Freshwater Turbellaria from Natal". *Ann. Nat. Mus.*, v. 12, parte 1, p. 73-80.

Eveline du Bois - Reymond Marcus, and Ernst Marcus, "Contributions to the Natural History of Brazilian Turbellaria." *Com. Zool. Mus. Hist. Nat.*, Montevideo, v. 3, n.º 63, p. 1-25.

Diva Diniz Corrêa, "Freshwater Nemertines from the Amazon Region and from South Africa". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 142, Zoologia n.º 16, páginas 257-270.

Michel P. Sawaya, "Achelia besnardi, n. sp. (Pantopoda-Ammotheidae)". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, n.º 142, Zoologia n.º 16, páginas 271-280.

Bolsa de estudo

Foi concedida, pela Universidade de Pádua (Itália), uma bolsa de estudo à Assistente Dra. Diva Diniz Corrêa. Essa bolsa consistirá em um estágio da referida Assistente junto à Estação Zoológica de Nápoles, pelo prazo de seis meses, durante o ano de 1952.

Auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas

A Cadeira recebeu, do Conselho Nacional de Pesquisas, com sede na Capital Federal, a quantia de Cr\$ 100.000,00, destinada, em parte, à remuneração de uma bolsista, D. Eudóxia de Oliveira Pinto e, em parte a excursões zoológicas.

Professor visitante

Em setembro, a Cadeira pleiteou, junto à Direção da Faculdade, a vinda do Prof. Dr. Adolf Remane, da Universidade de Kiel (Alemanha), como Professor Visitante. Obtida a aprovação, foi a proposta remetida à Reitoria, a fim de que o ilustre visitante esteja no Brasil em meados de março do ano de 1952.

Biblioteca

Além de dotada de mais algumas estantes de aço, a Biblioteca Departamental adquiriu cerca de 200 livros novos e revistas, bem como recebeu, por meio do sistema de intercâmbio com outras instituições nacionais e estrangeiras, cerca de 270 separatas. Pormenores sobre o conteúdo dos volumes acrescidos em 1951 constam do relatório da Cadeira de Fisiologia Geral e Animal, uma vez que a Biblioteca é comum a ambas as Cadeiras.



XIII - Congressos Científicos



Durante o ano de 1951 a Faculdade participou de muitos congressos, em que intenso intercâmbio universitário foi desenvolvido pelo seu Corpo Docente e trabalhos de grande interesse foram realizados por suas Cadeiras e Departamentos.

Além dos nove congressos noticiados a seguir, a Faculdade ainda participou de outros conclaves, já mencionados no capítulo sobre as atividades de suas Cadeiras.

SEXTA ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS

Fundada em 1934 pelo Prof. Pierre Deffontaines, contratado para inaugurar os cursos de Geografia da então recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, embora entidade autônoma e com personalidade jurídica própria, viveu sempre intimamente ligada ao Departamento de Geografia da Faculdade. Desde o início, foi das mais intensas a colaboração entre as duas instituições, participando professores, assistentes e muitos licenciados em Geografia, ativamente, dos trabalhos, das pesquisas e da própria administração da Associação que, criada em tão boa hora, veio a ter larga projeção no país e a exercer marcada influência na moderna geografia brasileira.

A partir de 1945, por uma reforma estatutária, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, passou a ter âmbito nacional, com sede em São Paulo e "seções regionais" em outras unidades da Federação. Também a partir dessa data, passou a congregar, anualmente, seus associados em assembleias, onde são discutidos assuntos e realizados trabalhos de real interesse para a Geografia. Como não podia deixar de ser, a participação da Faculdade, pelo seu Departamento de Geografia, nessas assembleias, tem sido das mais eficientes.

Em 1951 a Associação dos Geógrafos Brasileiros fez realizar sua assembleia anual (a sexta, desde 1945), na cidade fluminense de Nova Friburgo, entre os dias 26 de janeiro e 3 de fevereiro. O certame teve por sede o modelar Ginásio de Nova Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas, e produziu excelentes resultados, quer através das pesquisas levadas a efeito, quer através dos trabalhos apresentados e discutidos. A direção dos trabalhos coube ao Prof. Veríssimo da Costa Pereira, então presidente da Associação. Contou o conclave com a colaboração do Dr. Edgard Teixeira Leite, do Conselho Nacional de Economia, do Prof. Jorge Chebataroff, presidente da "Asociación de Geógrafos del Uruguay" e com eficiente concurso de numeroso grupo de sócios efetivos e colaboradores das seções regionais de São Paulo e Rio de Janeiro.

A reunião proporcionou excelente oportunidade para a realização de importantes trabalhos por parte de diversos elementos ligados ao Departamento de Geografia de nossa Faculdade, estreitando assim, cada vez mais, as relações entre essas duas organizações. Estiveram presentes àquela reunião os profs. João Dias da Silveira, Ary França, José Ribeiro de Araújo, Aziz Nacib Ab'Sáber, Ely Goulart Pereira de Araújo, Odilon Nogueira de Matos, o licenciado Pasquale Petrone e as alunas do curso de Geografia e História, Emília Costa Nogueira e Maria Cecília França.

As pesquisas de campo tiveram por objeto o município de Nova Friburgo, que foi estudado em seus aspectos físicos e humanos. Para êsse fim, foram os associados reunidos em dois grupos, por sua vez divididos em "equipes" menores: o primeiro, encarregado da Geografia Física, sob a direção geral do Dr. Sílvio Fróes Abreu, assistido pelos Profs. Lúcio de Castro Soares e Aziz Nacib Ab'Sáber; o segundo, encarregado da Geografia Humana, sob a direção geral do Prof. Ary França, assistido pelos Profs. J. R. de Araújo Filho e Lísia Cavalcanti Bernardes.

A par dêsse trabalho, a Assembléia de Nova Friburgo examinou e discutiu numerosas teses apresentadas, das quais as seguintes foram de autoria de elementos ligados ao Departamento de Geografia da Faculdade: *São Luís do Maranhão: primeiros estudos*, do Prof. Aroldo Azevedo; *Paisagens e problemas da região de Santa Izabel*, do Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber; *A cidade de Olimpia*, da Lic. Ely Goulart Pereira de Araújo; e *Propriedades japonesas na região de Cotia*, das alunas do curso de Geografia, Maria Cecília França e Francisca M. Nunes.

Na última reunião da Assembléia, teve lugar a eleição da diretoria da Associação para o ano social 1951-52, tendo sido escolhidos o Prof. João Dias da Silveira, para Presidente, o Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber, para Secretário, o Prof. Antônio Rocha Penteado, para Tesoureiro, e o Prof. José Veríssimo da Costa Pereira, para Diretor dos "Anais".

*

PRIMEIRO CONGRESSO SUL-AMERICANO DE PETRÓLEO

(Relatório dos Profs. Viktor Leinz e Octavio Barbosa)

O Primeiro Congresso Sul-americano de Petróleo foi organizado pelo Instituto Sul-americano de Petróleo (ISAP), que tem sede em Montevideu, República do Uruguai.

A comissão organizadora foi constituída por engenheiros e professores uruguaios, cabendo a presidência ao eng^o Carlos Vegh Garzon, muito conhecido nos meios petroleiros da America, como organizador da "Administracion Nacional de Combustibles, Alcohol y Portland" (ANCAP) do Uruguai. A secretaria coube ao Prof. German E Villar, da Faculdade de Engenharia de Montevideu. A êstes dois técnicos especialmente, deve-se a excelente organização do congresso, merecendo destaque especial o serviço da secretaria, digno de ser tomado como padrão em outros certames dêste gênero.

O Congresso teve um caráter eminentemente técnico e científico, devendo-se salientar, entretanto, que algumas recomendações aprovadas poderão ter influência futura, na política sul-americana de produção, transporte e distribuição do petróleo.

O Brasil enviou uma delegação de nove (9) representantes, sendo três (3) do Conselho Nacional de Petróleo, um (1) da Escola Nacional de Engenharia, um (1) do Instituto Nacional de Tecnologia, um (1) da Standard Oil do Brasil, um (1) da secção brasileira do ISAP e dois (2), da Universidade de São Paulo. Os dois últimos, Profs. Viktor Leinz e Otacvio Barbosa, signatários dêste relatório, também representaram a Sociedade Brasileira de Geologia.

Além dos 38 representantes do Uruguai, ainda se fizeram representar os seguintes países:

Argentina	26	membros
Bolívia	6	"
Canadá	1	"
Colômbia	2	"
Guatemala	2	"
República Dominicana	1	"
Chile	6	"
Equador	4	"
Estados Unidos	12	"
França	1	"
México	6	"
Panamá	1	"
Perú	4	"
Venezuela	2	"

Para se aquilatar do interêsse do Congresso, observe-se que na lista acima estão representados alguns países que não são sul-americanos.

O Congresso constou de conferências, apresentação e discussão de trabalhos técnico-científicos, uma visita à refinaria de petróleo da ANCAP e reuniões sociais. Um dos seus aspectos dignos de nota foi a profunda cordialidade entre representantes dos diversos países, o que é um índice animador, quando considerado em face da tensa situação internacional dos tempos presentes.

O ato inaugural teve como sede o salão nobre da Universidade do Uruguai, e o final, o majestoso e luxuoso edifício da Câmara dos Representantes. Os congressistas estrangeiros prestaram uma significativa e afetuosa homenagem à memória do grande patriota uruguaio, General Artigas, junto ao imponente monumento da praça da Independência.

As reuniões sociais foram numerosas, e se percebia o grande desêjo do povo uruguaio em agasalhar com simpatia e afabilidade os seus visitantes. Cabe aqui destacar que o Exmo. Sr. Embaixador do Brasil, Dr. Roberto de Macedo Soares, acompanhou com grande interêsse a atividade da delegação brasileira, e a ela ofereceu uma fidalga recepção na Embaixada.

Apreciação de alguns trabalhos apresentados

Os signatários tomaram parte nos trabalhos de duas das três sessões técnico-científicas do Congresso e puderam discutir algumas comunicações de caráter geoquímico e geológico, das quais cabe destacar as seguintes:

1) E. Longobardi (Argentina) — “La Geoquímica del Petroleo, su aplicacion en la Republica Argentina y paises vecinos”.

O autor, que possui grande cultura, nos domínios da química petroleira, historia e sugere o ensino e a aplicação de métodos geoquímicos na pesquisa preliminar do petróleo. Para tanto, águas e gases naturais superficiais devem ser testados, quanto ao seu conteúdo em etana, butana, propana, etc.. A presença destes hidrocarbonatos é reveladora de jazidas oleíferas, em boa parte dos casos. Os métodos geoquímicos não excluem os outros métodos de pesquisa de petróleo.

2) L. R. Buquet (Uruguai) — “La perforacion nº 210”.

A sondagem nº 210 do Instituto Geológico do Uruguai está sendo feita na margem do arroio Arapeí, uns 40 kms. a leste do rio Uruguai, no canto noroeste do país, nas vizinhanças do Brasil, portanto. Como as mesmas formações geológicas dessa região se estendem para o norte, na bacia do rio Paraná, êsse trabalho muito interessa aos geólogos brasileiros. Já atravessaram 540 m. de basalto, 860 m. de “Tucuaembó” (o nosso “Botucatú”) e “Buena Vista” (provavelmente o nosso “Santa Maria”) e 100 m. de “Estrada Nova”. Êstes dados são importantes padrões de comparação para a geologia estratigráfica do Rio Grande do Sul.

3) A. Vergara Bai (Argentina) — “Estudios de los esquistos betuminosos de la region cuyana”.

Os estudos dos xistos oleíferos da Argentina estão agora a cargo dos técnicos e cientistas da Universidade de Cuyo, em Mendoza. Além do interesse imediato que êsse trabalho nos despertava, isto é, o conhecimento dos métodos e técnicas aplicados nessa pesquisa, tínhamos curiosidade em conhecer os dados geológicos da questão, pois que a geologia da área pesquisada, na pré-cordilheira argentina, oferece termos de comparação e correlação com a estratigrafia e a paleogeografia da bacia do rio Paraná. O trabalho apresentado por Bai encarou aspectos geológicos-econômicos, genéticos e analíticos, e pode ser tomado como modelo para as pesquisas no nosso “Iratí”.

4) J. Darrouy (França) — “Aspects of personal training in the service of the petroleum industry”.

A autora é engenheira-química e representou, no Congresso, o Instituto Francês de Petróleo. Êste Instituto, premido pela necessidade de pessoal técnico reclamado pela indústria francesa de petróleo, iniciou, logo após 1945, cursos práticos de ensino especializado. Como o caso francês é muito semelhante ao brasileiro, tivemos interesse em ouvir a exposição de Mlle. Darrouy. Nesses cursos trata-se de: a) formar pessoal novo e b) aperfeiçoar o pessoal já em operação. No primeiro grupo, incluem-se engenheiros de pesquisa, de sondagem, de refinação, de apli-

cação de carburantes, de investigação científica, etc., e mestres-sondadores, contra-mestres e operadores de refinaria. No segundo grupo, incluem-se técnicos diversos em estágio no estrangeiro, e trata-se do contrato de especialistas estrangeiros para ensinar na França, e da concessão de estágios nos laboratórios do Instituto. Como a indústria do petróleo se está desenvolvendo, agora, mais aceleradamente, em nosso país, e já se trata mesmo de organizar um curso de geólogos de petróleo, julgamos conveniente e necessário que o Brasil imite o exemplo da França.

5) J. Munoz Reyes (Bolívia) — “Geologia del Petroleo em Bolivia”.

O autor é chefe da Comissão Mista Brasileiro-boliviana de Petróleo. O seu trabalho interessa sobretudo ao Brasil, não somente do ponto de vista científico, mas também do político-econômico, já que temos com a Bolívia um tratado de exploração e consumo de petróleo boliviano sub-andino. No trabalho de Reyes verifica-se que não houve quase nenhum progresso no conhecimento da geologia sub-andina desde 1937, quando se compôs o Boletim n. 101 do nosso Serviço Geológico Federal. Por outro lado, os bolivianos investigaram e reputam como oleíferos os campos de Cochabamba e de Titicaca, ambos no altiplano. Respondendo a reparos feitos pelos signatários deste relatório, relativos à confusão na nomenclatura das formações geológicas sub-andinas, o Eng^o. Reyes esclareceu que, no momento, se está tratando de sua uniformização. Não seria demais salientar que o progresso da geologia sub-andina influirá, imediatamente, no melhor conhecimento da estratigrafia da região Brasil-Bolívia, de Aquidauana a Santa Cruz de la Sierra.

6) Pedro de Moura (Brasil) — “Geologia do petróleo na Bahía”.

O Eng^o. Moura, chefe dos trabalhos do Conselho Nacional de Petróleo na Bahía, fêz uma excelente “mise au point” dos conhecimentos atuais sobre geologia e a possibilidade produtiva das camadas mesozóicas do Recôncavo. Estratigráficamente, empilham-se aí, quatro formações (Brotas, Santo Amaro, Ilhas e São Sebastião), com cêrca de 5.000 metros de espessura total máxima. As formações produtoras são Brotas e Santo Amaro. Esta última formação parece ser a geradora de óleo. O campo produtor de Dom João amplia-se, e os campos novos, ao norte de Salvador, trouxeram uma onda de otimismo, quanto à capacidade produtora do Recôncavo. A estrutura da fossa (Graben) do Recôncavo resume-se numa sucessão de blocos falhados, sendo de muito menor importância estrutural, os dobramentos, que são locais. A posição das camadas produtoras de óleo depende estreitamente do falhamento. O trabalho de Moura interessou grandemente aos geólogos dos países vizinhos, desejosos de conhecer o caso do petróleo bahiano.

7) S. Fróes de Abreu (Brasil) — “Situação do problema do xisto betuminoso no Brasil”.

O Prof. Fróes de Abreu, conhecido especialista brasileiro em ciência e técnica de combustíveis, atualizou o caso do aproveitamento de nossas reservas de folhelhos pirobetuminosos. Discorreu sobre as possibilidades dos folhelhos terciários do vale do rio Paraíba do Sul, no Estado de São Paulo, e as camadas “Irati”. Salientou a importância do “irati”,

visto que o volume de material a ser aproveitado é colossal (muitos bilhões de metros cúbicos). Não se esqueceu porém, que as dificuldades de extração e refinamento do óleo de xisto são enormes. Neste sentido, informou que, se fôr bem sucedida a nova técnica norte-americana de gaseificação direta de todo o óleo do xisto, seguida de síntese dos gases já sob forma de gasolina, os folhelhos "Iratí" constituirão uma importantíssima fonte de produção de combustíveis líquidos, durante séculos. Despertou desusado interêsse a exposição de Fróes de Abreu, visto que, não só para o Brasil, como para muitos países da América do Sul, o sucesso técnico na exploração de óleo de xisto tem colossal importância econômica.

8) A. Buzzolo e A. C. Reigaráz (Argentina) — "Sobre possible existencia de estruturas anteriores al chubutiano superior en la cuenca del Golfo San Jorge y su importancia pratica".

Os autores são geólogos dos "Yacimientos Petroliferos Fiscales" da República Argentina e trabalham no campo produtor de Comodoro Rivadavia. Demonstraram que a estrutura da bacia do Golfo de São Jorge é uma fossa (Graben) e que a migração do óleo está relacionada com os falhamentos. Enfim, é o mesmo caso do Recôncavo da Bahía. Devido a êste aspecto da questão, o trabalho dos geólogos Buzzolo e Reigaráz interessou muito aos delegados brasileiros, estabelecendo-se intensa discussão em torno do assunto.

Visita ao Instituto Geológico do Uruguai

Os signatários visitaram, de manhã, as instalações do Instituto Geológico do Uruguai, onde foram recebidos pelo diretor, prof. Terra Arocena, e pelo geólogo Nicolás Serra. Foram examinadas as coleções de rochas e fósseis do Museu e debatidas as questões da geologia do "Gondwana" uruguaio e da região terciário-quartenária da Lagoa Mirim. Quanto à geologia do "Gondwana", verificou-se que há necessidade de os geólogos uruguaio reformarem os limites e a nomenclatura de suas formações, em face dos recentes progressos da geologia do Brasil, que lhes serve de padrão, neste particular. Cabe, aqui, reparar que a litologia das camadas "Buena Vista" é muito semelhante à formação Santa Maria, do Rio Grande do Sul. Alto interêsse teve para nós saber que, últimamente, têm sido encontrados fósseis no arenito de Tacuarembó (nome distrital do nosso "Botucatu"). Trata-se de peixes, gasterópodos e lamelibrânquios. Se o peixe ganoide ali encontrado fôr *Semionotus*, precisar-se-á, muito mais, a idade dessa camada.

Debate, no Instituto de Estudos Superiores

A convite do Prof. Jorge Chebataroff, organizaram os signatários, auxiliados por S. Fróes de Abreu, um debate, na séde dêste Instituto. Deram-se aos ouvintes, esclarecimentos sôbre a geologia histórica, a geologia econômica e geomorfologia do Brasil, bem como se discutiu a questão da determinação da idade das rochas, por meio de métodos radioa-

tivos e as possibilidades de existência de petróleo, na região terciário-quartenária das lagoas do norte do Uruguai e do oriente do Estado do Rio Grande do Sul.

São Paulo, 2 de abril de 1951.

as.) Prof. Viktor Leinz, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

as.) Prof. Octavio Barbosa, da Escola Politénica.

*

PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DE ESTUDOS SÔBRE A ARTICULAÇÃO DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR

Com sede no Instituto Tecnológico da Aeronáutica, e sob os auspícios do Ministério da Aeronáutica, realizou-se entre os dias 14 e 21 de junho, em São José dos Campos, a Primeira Conferência Nacional de Estudos sôbre a Articulação do Ensino Médio e Superior, que visou ao estabelecimentos de contacto entre os educadores dedicados ao ensino médio e superior, civil e militar, bem como à elevação do nível do ensino médio. Os temas previstos para o conclave, foram analisados por seis sub-comissões, que chegaram a conclusões, verdadeiramente revolucionárias algumas, quer nos métodos, quer na estrutura básica do ensino médio. A ela acorreram delegações de todo o País. A Faculdade enviou seus representantes, nas figuras dos Srs. Profs. Paulo Saraiva de Toledo e Benedito Castrucci, que participaram, respectivamente, das reuniões sôbre o ensino da Física e da Matemática.

*

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Atendendo a convite do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (comissão da UNESCO no Brasil), foi o Prof. Roger Bastide, da Cadeira de Sociologia (I), desta Faculdade, escolhido para representar a Universidade de São Paulo, no Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore.

Sôbre as atividades desenvolvidas nesse Congresso, apresentou o Prof. Bastide o seguinte relatório:

“Tive a honra de ser escolhido pela Reitoria da Universidade de São Paulo, para ser seu representante no 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 19 de agosto e 3 de setembro de 1951. Fiz, ao mesmo tempo, parte da delegação da Comissão Paulista de Folclore e fui representante de Secção Paulista da Unesco.

O Congresso foi aberto no salão da Biblioteca do Palácio do Itamaratí, sob a alta presidência do Ministro Renato de Almeida. O ambiente dominante foi a seriedade de pesquisas, e as discussões sempre se mantiveram dentro do terreno estritamente científico.

Defendi, no Congresso, uma tese sobre a pesquisa folclórica, conclusão prática de um curso que dei sobre o assunto na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tive o prazer de vê-la aprovada e figurar na carta do folclore brasileiro, a saber:

“Os trabalhos de pesquisa devem ser executados por equipes nas quais se incluam, sempre que possível, técnicas de cinema e de gravação de som, sociólogos, historiadores, geógrafos-cartógrafos, musicólogos, etnógrafos e lingüístas, além dos folcloristas necessários. . .

Tôda pesquisa folclórica deverá ser feita em moldes científicos, obedecendo às normas metodológicas comumente seguidas nas ciências sociais. Para êsse fim, os pesquisadores, além do necessário treino, devem ser instruídos sobre as questões metodológicas e ter, pelo menos, noções de etnografia européia, ameríndia e africana, a fim de que não lhes passem despercebidos aspectos muitas vezes importantes, e para que os dados coletados não sejam invalidados por falhas de métodos e de técnica. . .

A Comissão Nacional de Folclore sugerirá ao Govêrno da República, na forma de julgar mais conveniente, a organização de missões assistenciais, com a finalidade de atuar nos locais das romarias. Essas missões deverão ter a colaboração de vários serviços técnicos do Govêrno, incluindo-se, particularmente, elementos de ação, representativos de: a) grupo sanitário de profilaxia e educação sanitária; b) grupo de educação rural, ajustado às condições de cada romaria; c) grupo de recreação e divulgação cultural, que proporcione aos romeiros, através de filmes, representações teatrais, discos, altos-falantes, etc., oportunidades de recreio e de conhecimento de fatos da vida cultural do País e ainda instruções sobre processos sanitários, higiênicos, educativos, etc.; d) grupo de estudos sociológicos, destinado a estudos e pesquisas sociais; e) grupo folclórico, para estudos e pesquisas folclóricas, e cuja representação caberá à Comissão Nacional de Folclore. . .

A atuação dos elementos integrantes das missões assistenciais visará, precipuamente, à assistência sanitária, educacional e cultural às populações participantes das romarias, procurando fixar, em particular, seus objetivos no seguinte: orientar o homem, no sentido de sua fixação à terra, evitando a emigração; apresentar programas ou atividades que não entrem em choque com o espírito da romaria ou a mentalidade da população; prestigiar as manifestações artísticas autóctones, promovendo exposições de arte popular, festas de música e danças regionais, etc., de maneira a criar, no povo interêsse pela conservação do que lhe é próprio em atividades artísticas; concorrer para a educação e o bom gôsto. . .

A organização das missões assistenciais far-se-á com a colaboração dos Ministérios da Educação e Saúde e da Agricultura, da Legião Brasileira de Assistência, da Sociedade Brasileira de Sociologia e da Comissão Nacional de Folclore, e ainda de serviços técnicos estaduais ou de outros órgãos assistenciais e culturais. Para êsse fim o Govêrno promoverá a organização de uma comissão com representantes dessas entidades, para elaborar e planejar os trabalhos das missões assistenciais. . .

As Comissões Regionais de Folclore deverão organizar, nas faculdades, escolas normais e colégios secundários, centro ou grupos de pesquisa, formados por alunos dos respectivos estabelecimentos, e cujos trabalhos terão a assistência técnica, a orientação da respectiva Comissão.

As Comissões Regionais de Folclore promoverão, a exemplo do que já se vem fazendo em alguns Estados, a designação de delegados seus nos Municípios do Interior, procurando, igualmente, estabelecer o mais íntimo contacto com o professorado primário e secundário das diversas localidades e com os Agentes Municipais de Estatística, como elementos valiosos de informação e de cooperação, quanto às pesquisas e levantamento do folclore regional. . . .”

Fui, também, designado Presidente do 3.º Grupo de Trabalhos sobre Pesquisa Folclórica, que discutiu todos os dias, entre 22 e 27 de agosto, as teses apresentadas sobre o assunto. O 3.º Grupo de Trabalhos teve a honra de receber, entre seus componentes, o ilustre delegado de Portugal ao 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, o Prof. Dias, da cidade do Porto. Terminado o trabalho desse Grupo, passei a integrar o Grupo de Trabalho sobre o Ensino e Folclore. Devo assinalar, também, que, entre as reuniões plenárias, a mais importante foi sobre a conceituação do “fato folclórico”, que deu margem a uma reunião memorável. Os que desejavam fazer da “tradição” o elemento “sine qua non” do “fato folclórico” foram violentamente combatidos pelos que se interessavam mais pelo folclore em nascimento, e davam do folclore uma definição dinâmica, em função da vida. Usei da palavra, para defender o ponto de vista metodológico, contra dois pontos de vista antagônicos: na hora presente, em que o folclore está desaparecendo, em que não existem, no Brasil, associações interessadas nos fatos humanos, tradicionais ou não, é preciso dar uma significação muito estreita ao termo “Folclore”, impedindo pesquisas que talvez não sejam verdadeiramente folcloristas (o orador se mostrou mais favorável à definição do folclore através da tradição), mas que são de grande utilidade como material sociológico, e que não são, atualmente, efetuadas fora das Comissões Estaduais.

Além de estar presente às reuniões de meu Grupo, compareci, em nome da Universidade de São Paulo, às diversas manifestações que marcaram o 1.º Congresso: sessões preparatórias, visita a S. Excia. o Presidente da República, concêrto oferecido pelo Conservatório Brasileiro de Música, demonstrações diversas de folclore, palestras comemorativas dos pioneiros do folclore no Brasil, reuniões sociais, etc..”

as.) Roger Bastide — Prof. da Cadeira de Sociologia (I).

*

**XVI CONGRESSO DA UNIÃO INTERNACIONAL DE QUÍMICA,
CONGRESSO DA “AMERICAN CHEMICAL SOCIETY”,
“CONFERENCE ON ORGANIC SULFUR CHEMISTRY”**

Nestes três certames, realizados entre agosto e setembro nos Estados Unidos, a Universidade de São Paulo fêz-se representar pelo Prof. Hein-

rich Hauptmann, da Cadeira de Química Orgânica e Biológica, do Departamento de Química desta Faculdade.

Êstes três Congressos proporcionaram excelente oportunidade para o desenvolvimento de um intenso intercâmbio universitário com cientistas de outros países e para o contacto com laboratório de química das universidades norte-americanas e com importantes indústrias químicas.

Êste intercâmbio, de tanta importância para o Departamento de Química, foi descrito, com pormenores, no relatório apresentado à Diretoria da Faculdade, pelo Prof. Hauptmann, e que pelo seu interesse, se transcreve a seguir:

“Deixei São Paulo em 23 de agosto, partindo do Rio de Janeiro para Lima, Perú, onde tentei entrar em contacto com os colegas de Química da Universidade de São Marcos, o que não foi possível, por não encontrá-los na Universidade, no sábado, dia em que estive naquela cidade.

De Lima segui para Indianapolis, onde fui hóspede de Eli Lilly & Co., cujos laboratórios científicos e fábrica de insulina visitei demoradamente. Aí, fui convidado a fazer uma exposição dos trabalhos em andamento no laboratório de Química Orgânica e Biológica da nossa Faculdade.

De Indianapolis segui para Bloomington, Indiana, a fim de tomar parte na “Conference on Organic Sulfur Chemistry”. Lá, não somente participei das discussões sobre os diversos trabalhos apresentados, como também fiz uma palestra sobre “A ação dos metais de Raney sobre compostos de enxofre”, assunto que foi e continua sendo ativamente pesquisado no laboratório de Química Orgânica e Biológica desta Faculdade. Tive o grato prazer de ver confirmados, plenamente, pelas animadas discussões que se seguiram à minha conferência, os resultados por nós obtidos e as idéias por mim emitidas. Tudo isto, naturalmente, foi muito estimulante e dos debates resultaram idéias novas para os nossos trabalhos, mas é mister frisar que, também muito proveito tirei das onze outras conferências e respectivas discussões. Todo o certame decorreu num ambiente de extrema cordialidade e grande interesse científico, para o qual muito contribuiu a admirável hospitalidade dos colegas de Bloomington.

De Bloomington dirigi-me a New York, onde os dois grandes Congressos de Química, da “American Chemical Society” e da União Internacional de Química, seriam realizados. Tomei parte em ambos, tendo, no primeiro, assistido às conferências e discussões de interesse para minha especialidade, e, no segundo, apresentado um trabalho sobre “*Interchange reaction of Mercaptals and Mercaptols with Thiols*”. Além disso, por ser um dos quatro delegados do Brasil, no Conselho da União Internacional de Química, fiz parte de tôdas as sessões do mesmo, tanto das de New York como das de Washington, onde o Congresso foi encerrado. Seria muito longo enumerar tôdas as conferências, palestras e relatórios a que assisti. Tantos foram os assuntos interessantes tratados, que, quase sempre, várias conferências eram realizadas na mesma hora, tornando-se impossível assistir à apresentação de todos os trabalhos, que necessitavam de atenção.

Supérfluo seria dizer que, não somente reví muitos amigos, colegas e conhecidos, mas que estabeleci uma série de interessantes contactos novos com pesquisadores que trabalham em assuntos afins aos nossos.

Os certames de New York não tiveram a intimidade da reunião de Bloomington, dado o enorme número de participantes. Cêrca de 20.000 químicos achavam-se reunidos em New York, ao passo que, em Bloomington, o número de participantes do *Simpósium* foi apenas de 125. Digna de nota foi a excelente organização dos dois Congressos de New York, e bastante elevado o nível de grande número dos trabalhos apresentados.

Como já tive ocasião de mencionar, o Congresso da União Internacional de Química se encerrou em Washington, de onde voltei a New York para, em seguida, iniciar uma viagem com o fim de visitar uma série de laboratórios de química. Ao desencumbrir-me desta tarefa, fui grandemente ajudado pelos diversos convites que me foram feitos, após a minha conferência em Bloomington, e nos Congressos de New York.

Desta maneira, fui à Yale University, a convite do Prof. W. Bergman, seguindo depois para Woods Hole, onde visitei o "Marine Biological Laboratory" e as instalações especiais dessa famosa estação. De Woods Hole dirigi-me a Cambridge, com o fim de encontrar-me com os colegas e amigos da Harvard University. De lá, viajei para Ann Arbor, onde tive ocasião de ver o novo laboratório de química, que é um dos mais modernos, com excelentes instalações técnicas. De Ann Arbor fui a Kalamazoo, atendendo, assim, ao convite que me foi feito pelo Dr. Reid. Daí segui para Minneapolis, afim de pronunciar uma conferência sôbre "A reação entre compostos de enxofre e metais de Raney", a convite do Prof. R. T. Arnold. Lá, verifiquei que o Dr. Marcelo de Moura Campos, meu primeiro Assistente, que chegara uns 15 dias antes, já estava bem habituado, em plena atividade.

De Minneapolis me dirigi a Rochester, onde visitei a famosa "Mayo Clinic", e, especialmente, os laboratórios de química, indo depois à Universidade de Wisconsin, em Madison. Aí, não só tive oportunidade de conhecer o "Institute for Cancer Research", um dos centros mais importantes nesta especialidade, como também conversei, sôbre problemas de interesse comum, com o Dr. Charles Heidelberger, e obtive informações diretas do Dr. J. A. Miller, sôbre os seus trabalhos, relacionados com estudos de meu segundo Assistente, Dr. Giuseppe Cilento. Tive o grato prazer de verificar que os trabalhos executados aqui em São Paulo, são altamente apreciados por grandes especialistas. De Madison fui a Chicago, onde, além de renovar os contactos com os colegas da Northwestern University, visitei os laboratórios da Armour Co., e a Loyola University. Nesta, pronunciei uma conferência sôbre o mecanismo da ação do níquel de Raney, sôbre compostos de enxofre. Em todos os lugares em que estive não me limitei somente a visitar os laboratórios, mas aproveitei para aprender as novas técnicas, e tive oportunidade de discutir com colegas uma série de problemas diretamente ligados tanto às pesquisas como ao ensino de Química Orgânica e Biológica, que tem feito grandes

progressos, nos últimos anos, mas que também apresenta grandes problemas.

A 20 de outubro, parti de Chicago, com destino a São Paulo.”

*

QUINTO CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA

Promovido pela Sociedade Brasileira de Geologia, realizou-se na primeira semana de setembro, nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa, Estado do Paraná, o Quinto Congresso Brasileiro de Geologia, de que esta Faculdade participou, através de seus Departamentos de Geologia e Mineralogia.

Do comunicado da Sociedade sobre o Quinto Congresso, extraímos o seguinte relatório:

“Compareceram nada menos de 40 sócios, cerca de 30 estudantes de História Natural, Engenharia de Minas e Geografia, das Universidades de São Paulo, do Brasil, do Distrito Federal e do Paraná e vários professores de entidades localizadas em Curitiba e Ponta Grossa.

A sessão inaugural, realizada na cidade de Curitiba, no anfiteatro do Colégio Estadual dessa cidade, contou com a presença do Exmo. Snr. Governador do Estado do Paraná, Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, que presidiu a solenidade. Falaram, nessa ocasião, o Snr. Frederico Waldemar Lange, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Geologia, que agradeceu a presença das autoridades e saudou os congressistas; o Dr. Othon Henry Leonardos; o Dr. Viktor Leinz, presidente da Sociedade Brasileira de Geologia, que fez um apanhado muito oportuno sobre as atividades geológicas brasileiras, nos últimos anos, e finalmente o Dr. Munhoz da Rocha que, além de saudar os congressistas, ressaltou o papel importante que os geólogos desempenham na vida de uma nação.

As excursões que se seguiram após a instalação do Congresso, as sessões de debates de teses e estudos trouxeram aos congressistas soma valiosa de conhecimentos e amplo material para discussões. Os guias e mapas geológicos confeccionados por Frederico Waldemar Lange e a atenciosa e firme orientação de Reinhard Maak, nas excursões, constituíram o ponto alto do nosso Congresso.

As discussões e debates versaram principalmente sobre as seguintes teses apresentadas:

“*Uma nova Ordem de Trilobites*” — Moacyr do Amaral Lisboa.

“*Depósitos de gipsita da série Araripe*” — Othon Henry Leonardos.

“*Three critical environments of deposition, and characteristics of sediments formed in each of them*” — John L. Rich. Essa tese, apresentada sob forma de conferência pelo seu autor, foi muito apreciada por todos os congressistas, que tiveram oportunidade de entrar em contacto com um dos maiores especialistas mundiais no assunto.

“*Geologia aplicada aos problemas de engenharia civil no Brasil*” — Ernesto Pichler.

“*Diques de arenito em derrames basálticos de Salto Grande*” — Ernesto Pichler.

“*Geologia do Espinhaço*” — Octavio Barbosa.

“*A câmara de Thoma, no estudo de rochas com diatomáceas*” — Jordano Maniero.

“*Fáunula antracólítica superior marinha de Capivari, Estado de São Paulo*” — Josué Camargo Mendes.

“*Ocorrência de Lestodon Trigonidens na Mamalofáunula de Álvaro Machado, Estado de São Paulo*” — Ana Maria Vieira de Carvalho.

As seguintes entidades aderiram ao 5.º Congresso Brasileiro de Geologia, enviando um ou mais representantes: Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, Academia Brasileira de Ciências, Conselho Nacional de Minas e Metalurgia, Conselho Nacional do Petróleo, Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Produção Mineral, Escola Nacional de Agronomia da Universidade Rural, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Distrito Federal, Faculdade Nacional de Filosofia, Museu Nacional, Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo, Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo, Universidade de São Paulo (Escola Politécnica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto de Pesquisas Tecnológicas), Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Paraná, Estrada de Ferro Central do Paraná, Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná, Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas de Curitiba, Instituto de Engenharia do Paraná, Museu Paranaense, Sindicato dos Engenheiros do Paraná, Universidade do Paraná, 2.ª Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico do Exército e 13.º Regimento de Infantaria do Exército.

Durante o Congresso, procedeu-se à eleição da diretoria que dirigirá os destinos da Sociedade Brasileira de Geologia, até o próximo congresso, a ser realizado na cidade de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul. E' a seguinte:

Presidente — Octavio Barbosa.

Vice-presidente — Frederico Waldemar Lange.

Secretário — Rui Ribeiro Franco.

Tesoureiro — Alceu Fábio Barbosa.

Diretor de Publicações — Josué Camargo Mendes.

Conselho Consultivo — Alúisio Licínio Miranda Barbosa, Fernando Flávio Marques de Almeida e Llowelyn Ivor Price.

Por proposta de um grupo de sócios da Sociedade Brasileira de Geologia, foi constituída uma comissão de três membros: Fernando Flávio Marques de Almeida, Josué Camargo Mendes e Nicolino Viola, que procederá a estudos para a redação de um ante-projeto de reforma dos estatutos, que será submetido, posteriormente, à apreciação dos sócios da Sociedade Brasileira de Geologia.

Os representantes da Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto prontificaram-se, após entendimentos com o ex-presidente, Dr. Viktor Leinz, a organizar o núcleo regional de Ouro Preto.

O Congresso contou com todo o apóio moral e material do Govêrno do Paraná.

Digno de nota foi o papel desempenhado pelos estudantes na vida do 5.º Congresso. Foram êles os mais ávidos coletores de minerais, rochas e fósseis, além de crivarem os nossos geólogos com numerosíssimas perguntas. Estabeleceram, ainda, as relações necessárias à vida dos geólogos de amanhã. O exemplo dado pelos estudantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná deverá ser imitado nos próximos Congressos.”

*

QUARTO CONGRESSO NORMALISTA DE EDUCAÇÃO RURAL

Atendendo a convite da Comissão organizadora do certame, a Faculdade, por decisão do Conselho Técnico-Administrativo, fêz-se representar no Quarto Congresso Normalista de Educação Rural, realizado na cidade de São Carlos, de 22 a 28 de outubro, sob o patrocínio da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação.

Estiveram presentes ao certame de São Carlos, cêrca de 100 professôres e 200 professorandos, representando 65 escolas normais oficiais e livres das principais cidades paulistas. Dentre as delegações de outras instituições, figuraram a desta Faculdade, da Faculdade de Higiene, do Instituto de Administração e da Faculdade de Ciências Econômicas, tôdas da Universidade de São Paulo. Compareceram, também, altas autoridades do ensino secundário e profissional, bem como as delegações dos Ministérios da Educação e da Agricultura.

O temário do Congresso abrangeu os seguintes assuntos:

- 1 — Determinação das finalidades da escola primária rural.
- 2 — Estudo da situação atual do ensino primário, na zona rural (observação e crítica).
- 3 — O problema da freqüência e da evasão escolar, no meio rural.
- 4 — O problema da saúde, no meio rural: como a escola poderá contribuir para a sua solução.
- 5 — Importância e possibilidades da prática das “Instituições Escolares”, no meio rural.
- 6 — A família e demais grupos sociais, no meio rural.

A delegação que representou a Faculdade, constituida dos Profs. José Querino Ribeiro, Antônio Cândido de Mello e Sousa e Carlos Corrêa Mascaro, apresentou ao Congresso um trabalho, relacionado com o ítem segundo do temário, intitulado “Contribuição ao ensino rural”, e que foi distinguido com um expressivo voto da Comissão Especial, incumbida de seu exame.

Além disso, os membros da representação participaram dos debates, fazendo, em uma das sessões, explícita declaração de voto, esclare-

cendo aos presentes o pensamento da Faculdade, em relação ao chamado problema do ensino rural.

Durante o Congresso, no qual tomou parte ativa numeroso contingente de antigos alunos, hoje detentores, por concurso, de cátedras em estabelecimentos do interior, estabeleceu-se contacto muito cordial, entre êsses licenciados e a delegação da Faculdade, firmando-se, nessa ocasião, as bases preliminares para o Segundo Congresso de Antigos Alunos, posteriormente realizado em janeiro de 1952.

Aproveitando o ensejo do Congresso, reuniram-se, em São Carlos, os professôres da Sociologia e Educação das escolas normais do Estado, em mesa redonda, sob os auspícios do Forum de Debates Educacionais. O motivo das reuniões foi estudar sugestões para a atualização dos programas de Sociologia e Educação das escolas normais paulistas. Por eleição unânime dos presentes, o Professor Antônio Cândido foi indicado para a presidência das reuniões.

Dos debates sôbre os programas da secção de Educação, também participaram os representantes da Faculdade.

*

TERCEIRO CONGRESSO PAN-AMERICANO DE GEOLOGIA

Entre os dias 28 de outubro e 4 de novembro, realizou-se na cidade do México, o 3.º Congresso Pan-Americano de Geologia, simultaneamente com a 1.ª Convenção Internamericana de Recursos Minerais. Como representante da Faculdade e da Universidade de São Paulo, compareceu ao Congresso o Prof. Viktor Leinz, Diretor do nosso Departamento de Geologia. Julgamos oportuna a transcrição do relatório apresentado à Diretoria da Faculdade, pelo mencionado Professor:

“O Brasil enviou a delegação oficial mais numerosa dos países sul-americanos, com 13 representantes, sendo 6 do Departamento da Produção Mineral, 2 do Conselho Nacional de Pesquisas, 2 do Instituto Geográfico do Estado de São Paulo, 1 da Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, 1 da Indústria Mineira e 1 da Universidade de São Paulo. Além de numerosos representantes e delegados do México e dos Estados Unidos, fizeram-se ainda representar: Argentina, Canadá, Chile, Cuba, Guatemala e Equador. As inscrições atingiram a elevada cifra de 1.000.

O Congresso constou de conferências, apresentação e discussão de trabalhos científicos, visitas às instalações técnico-científicas do México, excursões de estudos e reuniões sociais.

O ato inaugural teve como sede o salão das Belas Artes e se realizou sob a direção do Presidente da República do México, com uma afluência de mais de mil pessoas. Constarão do programa reuniões sociais gerais ou especiais, para os delegados dos diferentes países, oferecidas pela Secretaria da Economia. Cabe aqui destacar que o Senhor Embaixador do Brasil acompanhou, com grande interêsse, a atividade da de-

legação brasileira, oferecendo à mesma uma fidalga recepção na Embaixada.

Durante o Congresso, foram apresentados e discutidos trabalhos de autores de diferentes países. O signatário apresentou o *Vocabulário Geológico*, de sua autoria, em colaboração com Josué Camargo Mendes, editado pela Faculdade. Na reunião geral de encerramento, foi sugerido êste Vocabulário, como primeira base de um vocabulário geológico e mineralógico pan-americano. Foram apresentados quase uma centena de trabalhos científicos, versando assuntos geológicos os mais diversos. Vivo interêsse encontraram os trabalhos sôbre os minerais uraníferos e radio-ativos dos Estados Unidos, do Canadá e do México, divulgando resultados novos dessas áreas e métodos para a sua pesquisa. Diversos trabalhos versaram sôbre a água subterrânea, apresentados pelo México e pelos Estados Unidos, mostrando o perigo que uma tomada descontrolada das águas subterrâneas pode acarretar a essa riqueza freqüentemente ignorada, ou uma infiltração de águas superficiais poluídas.

Convém notar que a cidade de São Paulo está, ao nosso ver, correndo justamente êstes dois perigos, devido à tomada descontrolada de águas subterrâneas, em grande quantidade, pelo processo de cisternas profundas, em vez de apenas por meio de sondagem, método normal em nosso meio.

Outros trabalhos versaram sôbre a geologia aplicada nas pesquisas de campos petrolíferos e a interpretação de sedimentos e sua gênese. Num país eminentemente mineiro, como o México, a maioria dos trabalhos referia-se à geologia das jazidas e seu aproveitamento. Oportunamente, faremos, em revista especializada, uma apreciação dos resultados alcançados pelo Congresso.

Foi visitado o Instituto Geológico da Universidade do México. A viagem aérea demonstrou-se altamente instrutiva, não só do ponto de vista geográfico, como também no sentido geológico. A rota México-Guatemala-Panamá-Perú-São Paulo permite apreciar o gigantesco sistema montanhoso dos Andes, com os seus dobramentos intensos e o seu vulcanismo acentuado. A viagem aérea, já por si, foi de alto proveito para um geólogo, sobretudo porque as condições atmosféricas eram extremamente favoráveis, permitindo a tomada de numerosas fotografias aéreas, utilíssimas para o ensino.

Não é demais insistir que êstes congressos internacionais fornecem, aos participantes, novas idéias e estímulos, permitem entrar em contacto pessoal com numerosos cientistas de diferentes países, favorecendo relações pessoais entre êstes e os cientistas de nossa Universidade.”

*

TERCEIRA REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

A exemplo do que ocorre com inúmeras outras instituições culturais do Brasil, tem sido das mais intensas a colaboração da Faculdade

com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entidade de âmbito nacional, fundada em 1949, com o objetivo de apoiar e estimular o trabalho científico, contando, para isso, com a colaboração de professores e cientistas das mais diversas regiões do País. Anualmente, a Sociedade congrega seus associados para apresentação e discussão de trabalhos, num valioso esforço de aproximação entre os que, no Brasil, militam no desenvolvimento da ciência, em seus mais variados setores.

Assim, as reuniões já promovidas pela Sociedade, em Campinas, em Curitiba e em Belo Horizonte, contaram com a colaboração ativa e eficiente da Faculdade, pelos seus Departamentos de Ciências. Além do comparecimento, em grande número, de Professores e Assistentes, cumpre destacar a apresentação de trabalhos e pesquisas realizados nos diversos laboratórios da Faculdade.

No *Anuario* de 1950 foi dada ampla notícia relativa aos trabalhos apresentados à reunião de Curitiba, em novembro daquele ano. Do mesmo modo, em 1951, a reunião realizada em Belo Horizonte, de 5 a 10 de novembro, constituiu excelente oportunidade para mais uma vez, manifestar-se a atividade científica da Faculdade, através de seus Departamentos de Física, Química, Botânica, Biologia, Zoologia e Fisiologia. Trinta e dois trabalhos foram apresentados por Professores, Assistentes e Estagiários:

1. Jorge Morello e Félix Rawitscher: "Eficiência do método de pesagem rápida, para medir a transpiração de plantas".
2. Mercedes Rachid: "Fotólise de água, por suspensão de cloroplastos de plantas deficientes em certos micro-nutrientes".
3. Mário G. Ferri e Jordano Maniero: "Influência de compostos fluorescentes, sobre o crescimento de *Aspergillus*".
4. George A. Edwards e M. D. Pérez González: "Metabolismo respiratório da broca do café".
5. George A. Edwards e Paulo Sawaya: "Metabolismo respiratório de *Australorbis glabratus*".
6. Adiel Paes Leme Zamith: "Epitélio esfágico da cascavel".
7. Paulo Sawaya e Liliana Forneris: "Sobre as fibras nervosas gigantes de *Balanoglossus gigas* (Enteropneusta)".
8. Paulo Sawaya e Tagea K. Bjornberg: "Sobre a estrutura do fígado e as funções hepáticas de *Balanoglossus gigas*".
9. Paulo Sawaya: "Animais venenosos".
10. Paulo Sawaya, Ana Amélia Ancona López e Jayme Dobbin Jr.: "Alguns dados sobre a estrutura de *Australorbis glabratus*".
11. Paulo Sawaya: "Sobre a musculatura de *Balanoglossus gigas* (Enteropneusta) e sua reação às drogas coli e adrenérgicas".
12. Paulo Sawaya e Néelson Chaves: "Sobre a ação de acetilcolina sobre o esôfago de *Aplysia*".
13. Carlos Nobre Rosa: "Sobre o desenvolvimento do sapo *Bufo ictirecus L.*".

14. Erasmo G. Mendes: "Metabolismo respiratório de Isópodos terrestres".

15. Domingos Valente: "Consumo de oxigênio de ovos fecundados de *Drosophila willistoni*".

16. Antônio Brito da Cunha: "Modificação dos valores adaptativos de tipos cromosômicos de *Drosophila pseudo-obscura* por fatores de nutrição".

17. Newton Freire Maia: "Casamentos consangüíneos em populações brasileiras".

18. Crodowaldo Pavan e M. E. Breuer: "Análise comparativa de cromosomas politênicos de diferentes órgãos de *Rhynchosciara angelae*".

19. Heinrich Rheinboldt e Ernesto Giesbrecht: "Triselenetos aromáticos".

20. Ernesto Giesbrecht: "Sulfetos de selenenilo aromáticos".

21. Madeleine Perrier: "Condensação de tiocianatos de selenenilo com fenóis".

22. Blanka Wladislaw: "Novas experiências sobre a reação dos compostos de enxofre com metais de Raney".

23. Marco A. Cecchini: "Compostos de adição de aril-carbinóis com fosfinóxidos e arsinóxidos".

24. Wolfgang Walter: "Propriedades de metais de Raney e sua ação sobre os compostos orgânicos de enxofre".

25. G. Cilento: "Comportamento recíproco de alguns cancerígenos e esteróides biliares".

26. Adolpho M. Rotschild: "Sobre o mecanismo da descarboxilação enzimática do ácido oxalo-acético".

27. José Goldenberg, Marcelo O. de Sousa Santos e Elly Silva: "Determinação absoluta da atividade beta do Cu^{62} ".

28. José Goldenberg, Marcelo D. Sousa Santos e Elly Silva: "Distribuição angular da radiação de *bremstrahlung* de um betatron com alvo convencional".

29. José Goldenberg, Marcelo D. de Sousa Santos e Elly Silva: "Função de excitação e secção de choque para a reação $\text{Cu}^{63}(\text{gn})\text{Cu}^{62}$ ".

30. José Goldenberg, Marcelo D. de Sousa Santos e Elly Silva: "Meia vida de Cu^{62} ".

31. José Goldenberg, Marcelo D. de Sousa Santos e Elly Silva: "Influência do arranjo geométrico na forma das funções de excitação".

32. José Goldenberg, Marcelo D. de Sousa Santos e Elly Silva: "Disposição de contrôle de energia da radiação emitida pelo Betatron".

XIV - Intercâmbio Cultural



PROFESSÔRES E ASSISTENTES EM MISSÃO CULTURAL

Prosseguindo nas atividades, que há alguns anos o Corpo Docente da Faculdade vem desenvolvendo, no sentido de incrementar o intercâmbio cultural com as demais Instituições Universitárias do País, e com as do Exterior, destacaram-se, durante o ano de 1951, por sua atuação altamente honrosa para a Universidade de São Paulo, os seguintes professores:

PROF.^a NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER

Como já foi noticiado no Anuário de 1950, desde fevereiro desse ano, encontra-se esta Professora na Capital Federal, a convite da Diretoria do Ensino do Ministério da Guerra, para dar cursos de sua especialidade.

Em agosto de 1951 foi autorizada pelo Govêrno do Estado a prestar serviços junto ao referido Ministério.

Durante o ano de 1951, no exercício dessas atividades, fêz um estudo sôbre a fadiga nas escolas de preparação militar; realizou dois cursos para oficiais, na Diretoria do Ensino do Estado Maior do Exército, sôbre Psicologia Educacional e Psicologia Diferencial; incumbiu-se de quatro conferências sôbre Psicologia da Personalidade, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; tomou parte ativa no Primeiro Seminário de Ensino, na Diretoria do Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras, integrando a comissão designada para os estudos da *definição do critério*.

Além destas atividades, colaborou ainda com o Ministério da Educação, com a Fundação Getúlio Vargas, com o Conservatório Nacional de Música, com a Associação dos Antigos Alunos da Faculdade Nacional de Filosofia.

Em novembro de 1951, foi distinguida com um convite do Govêrno da Bolívia, a fim de participar, em La Paz, dos trabalhos da reorganização da educação naquele país.

*

PROF. REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA

Continua, ainda, afastado da direção do Departamento de Mineralogia e Petrografia, por se achar comissionado junto à Escola Superior de Guerra, desde junto de 1950, como adjunto da Divisão de Assuntos Nacionais do Departamento de Estudos do Ministério da Guerra, na Capital Federal.

Durante o ano de 1951 foi distinguido como membro do Comitê Nacional da União Internacional de Cristalografia.

PROF. EMÍLIO WILLEMS

Prolongou-se, por todo o ano de 1951, o comissionamento do Prof. Willems no Instituto de Estudos Brasileiros, mantido pela Vanderbilt University, junto ao seu Departamento de Sociologia e Antropologia, onde, desde 1949, está ministrando cursos de sua especialidade.

Sôbre a natureza e importância de sua atuação nessa Universidade, há uma notícia no Anuário de 1950.

*

PROF. ITALO BETTARELLO

Em 1950 foi o Prof. Bettarello comissionado para uma viagem a Itália, a convite dos Profs. Abbagnano e Flora, das Universidades de Turim e Bocconi, em Milão, tendo permanecido nesse país até meados de 1951.

Sôbre as atividades desenvolvidas durante o período de sua permanência na Itália, enviou o Prof. Bettarello, ao Sr. Diretor da Faculdade, o seguinte relatório:

Cursos

1 — Na Universidade de Turim, freqüentei cursos regulares, participando de seminários e realizando trabalhos com o Prof. Giovanni Getto, sôbre a obra de Tasso e de Dante, assim como sôbre a problemática da crítica e da história literária; com o Prof. Nicola Abbagnano, sôbre a filosofia italiana e os problemas da estética atual, e com o Prof. Benvenuto Terracini, sôbre problemas do valor cultural da linguagem e do desenvolvimento histórico do italiano, entre as línguas românicas.

Ao mesmo tempo, assisti aos cursos do Prof. Piero Pieri sôbre a história da Idade média e do Renascimento.

2 — Na Universidade de Florença, matriculei-me num curso de verão para estrangeiros, recebendo, em seguida, um convite para dar um curso na secção invernal. Nessa Universidade, trabalhei com o Prof. Giuseppe Zamboni, sôbre o Renascimento literário, com o Prof. Roberto Salvini, sôbre o Renascimento artístico; com o Prof. Raffaele Ciampini, sôbre a história política do Renascimento; e com o Prof. Vittore Branca, sôbre Dante. Ao mesmo tempo, estudei a técnica do ensino do italiano, para os vários grupos de estudantes estrangeiros, assistindo às aulas dos professôres Nesti, Passetti e Detti.

3 — Na Universidade de Perúgia, assisti a alguns cursos e conferências, sôbre “il seicento” e “l'Italia moderna e contemporanea”.

Doutoramento

Completei as minhas pesquisas sôbre a poesia italiana moderna e defendi, na Universidade de Turim, perante uma banca formada por onze professôres, sob a presidência do Diretor da Faculdade de Letras, Prof. Augusto Rostagni, e tendo como principais relatores os professôres Giovanni Getto, Nicola Abbagnano e Benvenuto Terracini, uma tese sôbre “Lineamenti de la Poesia Contemporanea (Problemi intorno al

1914)”, considerada “valiosa, pelo preciso e amadurecido conhecimento da cultura e da poesia italiana”, a qual obteve a “lode” por unanimidade.

Pesquisas

1 Trabalhando na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Laurenziana e na Marucelliana de Florença, refiz o caminho dos grandes filólogos da escola de D'Ovidio e de Barbi, num estudo de análise dos vários códices da poesia das origens e dos vários códices dantescos, até a constituição do texto crítico.

2 — Nessa ordem de pesquisas, pude acompanhar e discutir, com o professor Lanfranco Caretti, a “restauração” do texto crítico da obra de Tasso e iniciar trabalhos pessoais para “restaurar” a terceira parte do “Giorno” de Parini, os quais pretendo terminar voltando à Itália, a fim de publicar, em seguida, uma edição crítica de “Giorno”.

3 — Investigando com o Prof. Eugenio Garin, na Biblioteca Nacional de Florença, pude encontrar um interessante diálogo de Marsilio Ficino e um outro de Filelfo, ainda inéditos, que espero publicar em Boletim desta Faculdade, em colaboração com o “Istituto di Studi sul Rinascimento di Firenze”.

4 — Com o Prof. Giuseppe De Robertis, professor de literatura italiana, na moderna Universidade de Florença, fiz trabalhos sobre a literatura contemporânea.

Conferências

Realizei conferências, na Universidade de Turim e no “Leonardo” de Florença, sobre a literatura brasileira, procurando salientar, em constantes comparações com a literatura italiana, as influências que a nossa sofreu e a diversidade de problemas que ambas tiveram de resolver, através dos tempos.

Publicações

Alguns dos meus estudos lá realizados serão publicados pelas revistas: “Letteratura Moderna” de Francesco Flora, “Letteratura Contemporanea” de Alesandro Bonsanti e “Filosofia” de Augusto Guzzo.

Trabalhos em preparação

Como resultado da minha tese e como resultado dos meus trabalhos com o Prof. De Robertis e da minha participação na polêmica da literatura contemporânea italiana, comecei a organizar três antologias (uma sobre a poesia, outra sobre a ficção e a terceira sobre a crítica nestes 50 anos), convidando a participarem dela, com um testemunho pessoal sobre as razões da própria obra, os melhores críticos, artistas e his-

toriadores da Itália. Cada antologia terá uma introdução, uma nota bibliográfica, um testemunho do autor e uma seleção em italiano e português.

Documentário

Realizei, com a colaboração do operador Dr. Mario Fantini, dois documentários cinematográficos coloridos, para fins didáticos: um sobre “A Florença de Dante” e outro sobre o “Renascimento nas Artes”, cujos negativos foram remetidos para Paris, a fim de serem revelados.

Contacto com os Escritores, Críticos e Professores

Procurei conhecer os nomes mais representativos da cultura italiana de hoje e com eles entrar em contacto, desde um Papini, um Montale, até um Bonsanti, um Luzi; de um Enzo Paci até um Croce; de um Giacomo Devoto até um Sapegno.

Doações do Governo Italiano

1 — Obtive do Governo Italiano a doação de 500 volumes para a Cadeira de Língua e Literatura Italiana da Faculdade e a abertura de um crédito de 200.000 liras para compra de novos livros, de acordo com uma lista que enviarei oportunamente à Itália.

2 — Obtive da “Università degli Studi di Firenze” a doação de publicações várias.

Intercâmbio cultural

1 — Interessei o “Gabinetto Scientifico e Letterario Viesseux”, na criação da primeira biblioteca brasileira na Itália; será também iniciada outra na Universidade de Turim.

2 — Estão em andamento negociações que entabulei com as Universidades de Florença, Turim e Milão, para a criação de cursos de literatura brasileira.

3 — Entrando em contacto com Benedetto Croce e com o Prof. Federico Chabod, diretor do “Istituto di Studi Storici di Napoli”, decidiram eles incluir um brasileiro entre os futuros bolsistas do Instituto.

4 — Fui convidado para sócio da “Accademia Nazionale Cherubini di Musica, Lettere, Arti Figurative” de Florença.

5 — Fui convidado para criar, em São Paulo, o “Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento”.

*

PROF. RAFAEL GRISI

A convite do Governo do Estado do Espírito Santo, esteve o Prof. Grisi, desde 28 de abril de 1951, projetando e realizando a reforma geral do ensino, naquela unidade da República.

*

PROF. ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA

Convidado pela Universidade de Hamburgo, para ministrar cursos de sua especialidade, seguiu o Prof. Amóra para a Alemanha, em missão oficial, em 24 de dezembro de 1951, tendo permanecido na Europa cêrca de três meses.

* * *

PROFESSÔRES VISITANTES

Especialmente convidados e contratados como Professôres Visitantes para dar cursos sôbre suas especialidades, ou colaborar nas pesquisas e trabalhos das Cadeiras e Departamentos, estiveram na Faculdade, no decorrer de 1951, os seguintes Professôres: Benvenuto Terracini, Frederick M. Urban, Hampton Carson, Jean Delsarte, John L. Rich, Kurt Hueck, Martial Guérault, Phillip K. Hitti.

PROF. BENVENUTO TERRACINI

Durante sua permanência junto à Cadeira de Língua e Literatura Italiana, ministrou o Prof. Terracini, entre 13 de setembro e 12 de outubro, os seguintes cursos: *História da Língua Italiana*, nas classes de Italiano, e *Problemas do Latim Vulgar*, nas classes de Filologia Românica e de Filologia Portuguêsa.

Nascido em Turim, aos 12 de agosto de 1886, o Prof. Terracini foi Professor das Universidades de Cagliari, Pádua e Milão, ocupando presentemente a Cátedra de Lingüística, na Faculdade de Letras de Turim. Como Professor Visitante lecionou também na Universidade de Tucumán, Argentina. É diretor do "Archivo Glottologico Italiano" e sócio da "Accademia della Scienza" de Turim, e do "Istituto Lombardo di Scienza e Lettere".

Entre seus trabalhos, cumpre destacar:

Su Alcune Congruenze Fonetiche Fra Etrusco e Italico (in *Studi Etruschi*, III, 1929; V, 1931)

Spigolature Liguri (in *Archivio cit.* XX)

Questioni Di Metodo Nella Linguistica Storica (in *Atene e Roma* III, 1921)

Sostrato (in *Scritti in onore di A. Trombetti*, Milano, 1938)

Elementi Evolutivi e La Persona Storica Dell'Individuo Parlante (*Actes du VIe Congrès de Linguistes*, Copenhagen, 1938)

Al Margem de Los Cuentos de Pirandello (in *Insula*, 1943, 1944)

Guida Allo Studio Della Linguistica Storica: (4 vols)

Vol. I — *Perfilho Storico-critico* (Ed. dell'Ateneo, Roma, 1949)

Vol. II — *Teoria e Discussioni* (em preparação)

Vol. III — *Il linguaggio como problema della cultura* (em preparação)

Di Che Cosa Fanno La Storia Gli Storici Del Linguaggio? (in *Archivio cit.* XXVII, XXVIII)

Da apresentação que o Prof. Ítalo Bettarello fez do Prof. Terracini à Congregação da Faculdade, extraímos o seguinte trecho, que ilustra bem a natureza da contribuição trazida pelo insigne mestre aos alunos e professores desta Casa:

“Trouxe o Prof. Terracini, para a Faculdade, as renovações da cultura italiana, operadas no campo da Lingüística, por influência da teoria crociana da indentidade de intuição-expressão, e também os problemas dessa renovação cultural, ora mostrando como a doutrina idealista crociana inseriu-se, gradativamente, no campo dos estudos lingüísticos, ora entrando em polêmica com a mesma. Êste esforço da cultura européia teve entre os seus principais expoentes dois grandes mestres: o alemão Karl Vossler e o austríaco Leo Spitzer. Na Itália, lembramos os nomes de Parodi, Bartoli, Bertoni, Pagliano, Schiaffini e, depois, Devoto, Migliorini, Monteverdi, Terracini que elaboram cada um, particularmente, orientações dentro dos princípios renovados.

Terracini, como diz Devoto, foi aquêle que assimilou dêsse movimento, com a necessária medida e com as limitações inseparáveis de qualquer atividade humana, tudo aquilo que podia ser efetivamente útil no campo da atividade lingüística pròpriamente dita. Para êle a língua é o espêlho e o produto particular de uma cultura, portanto, espêlho das atividades espirituais dos indivíduos que a plasmam, segundo as pessoais exigências expressivas e as necessidades históricas. Em sua mão, os esquemas adquirem uma vitalidade nova, como, por exemplo, no caso do “substrato”, que não é visto mais à maneira positivista, e aparece como fator universal de uma tradição que renasce, assim como a etimologia, livre por fim da mecânica concepção da neo-gramática, é concebida como uma verdadeira história da palavra, e não simplesmente como história física de aproximação das variações entre dois pontos distantes, mas como história espiritual. Reduz-se, assim, a Lingüística histórica (e aqui está a sua grande contribuição) a um problema do valor cultural da linguagem, a uma verdadeira história da cultura.”

*

PROF. FREDERICK MARIE URBAN

Durante os meses de março, abril e maio, desenvolveu êste ilustre Professor, junto à Cadeira de Psicologia, cursos sôbre “Métodos estatísticos em Psicologia”, e “Psicologia Experimental”, que serão editados pela Faculdade, no decorrer de 1952.

Sôbre a importância da colaboração do Prof. Urban, assim se expressou a Dra. Anita de Castilho e Marcondes Cabral, em carta enviada ao Diretor da Faculdade:

“Para êsse fim, dificilmente se poderia encontrar, no cenário psicológico contemporâneo, alguém mais indicado do que o Prof. Urban. Herdeiro da tradição de Wundt, com quem se especializou no famoso laboratório de Leipzig, que deu corpo à Psicologia Experimental, no século passado, o Prof. Urban tem importantes contribuições no campo da psicofísica, havendo ensinado em grandes universidades européias e americanas,

devendo-se destacar o fato de estar, também, integrado em movimentos psicológicos dos mais modernos, quais sejam as correntes de Thrurstone e Clark Hull. O neo-behaviorismo de Hull constitui, a meu ver, a mais séria contribuição à teoria psicológica científica, e é, em nosso meio, precisamente o aspecto menos conhecido da psicologia americana”.

Nasceu o Prof. Urban em 1878, em Brünn, na Áustria. Coursou as Universidades de Viena e Leipzig. Em Viena, estudou Psicologia com F. Jodl, que o aconselhou a especializar-se nessa matéria e a prosseguir nos estudos, com Wundt. Ainda em Viena, doutorou-se em Filosofia.

Deu cursos de Psicologia Experimental, em Harvard, e em 1905 tornou-se membro do Departamento de Psicologia da Universidade de Pennsylvania, onde, além dos cursos que ministrou, dirigiu os trabalhos dos estudantes candidatos ao grau de Doutor em Filosofia.

Lecionou em muitas universidades européias. E' autor de mais de 100 obras, publicadas em inglês, francês, e alemão. Todos os seus trabalhos relacionam-se com a Psicologia Experimental e seus métodos. No seu livro “Cálculo das Probabilidades”, expôs suas idéias sôbre os métodos estatísticos, grandemente empregados pela Psicologia moderna.

PROF. HAMPTON L. CARSON

Professor de Zoologia da Washington University, St. Louis, Estados Unidos da América do Norte, o Dr. Carson é uma das maiores autoridades em Genética de populações.

Veio contratado pela Universidade de São Paulo, para fazer pesquisas e dar um curso no Departamento de Biologia. A sua viagem foi financiada pela Fundação Rockefeller.

O Prof. Carson permaneceu na Faculdade durante o segundo semestre de 1951, quando deu um curso sôbre “Citogenética e Evolução”, para os alunos do Curso de Especialização em Historia Natural. Conseguiu excelentes resultados em suas pesquisas sôbre a evolução de *Drosophila bocainensis*, que serão futuramente publicados.

Dentre os inúmeros trabalhos editados pelo Prof. Carson, podemos destacar:

- 1941 — Linkage, interference and semilethals in the white group of *Habrobracon*.
(The American Naturalist, LXXV: 608-614)
- 1943 — Cytological analysis of natural populations of *Sciara impatiens*.
(Genetics 28: 71-72)
- 1944 — An Analysis of natural chromosome variability in *Sciara impatiens* Johannsen.
(Journal Morph., 75: 1: 11-59)
- 1945 — Delayed Fertilization in a Captive Indigo Snake with Notes on Feeding and Shelding.
(Copeia, n. 4, Dec. 31)
- 1945 — A comparative study of the apical cell of the insect testis.
(Journal Morph. 77: 2, Sept.)

- 1946 — The selective elimination of inversion discentric chromatics during meiosis in the eggs of *Sciara impatiens*.
(Genetics, 31: 95-113)
Carson, H. L. e H. D. Stalker:
- 1946 — Chromosome studies on *Drosophila robusta*.
(Genetics 32-81)
- 1947 — Gens arrangements in natural populations of *Drosophila robusta* Sturtevant.
(Evolution, 1: 3. Sept.)

*

PROF. JEAN DELSARTE

Pela quarta vez, o Departamento de Matemática teve, entre seus colaboradores, o notável matemático francês, Prof. Delsarte, deão da Faculdade de Ciências de Nancy.

Desde 1948 até 1951, êste ilustre Professor vem, anualmente, ministrando cursos no referido Departamento.

No Anuário de 1950, foi publicada uma notícia pormenorizada de suas importantes contribuições, no campo da Matemática.

Como no ano anterior, o Prof. Delsarte desenvolveu em 1951, nos meses de agosto, setembro e outubro, um curso sôbre "Grupos de Lie e funções especiais".

*

PROF. JOHN LYON RICH

Tornando-se, dia a dia, mais importante a aplicação das ciências geológicas à pesquisa do petróleo, pode-se avaliar o grau de utilidade, tanto para a Faculdade, como também para as pesquisas geológicas em geral, da presença, nesta Casa, do Prof. Rich, profundo conhecedor e pesquisador dêsse ramo precioso da Geologia.

Durante sua permanência, no Departamento de Geologia, que se estendeu de julho a outubro de 1951, além de realizar pesquisas em colaboração com os demais Professôres do Departamento, ministrou o Prof. Rich um seminário de aerofotogeologia, com a duração de cêrca de mês e meio.

Nasceu o Prof. Rich, em Hobart, New York, em 1.º de dezembro de 1884.

Formou-se pela Universidade de Cornell, em 1906. Até 1907, foi Assistente de Geologia nessa Universidade. Ph., D. em 1911. Geólogo do Petróleo, de 1919 a 1932. Professor-assistente de Geologia Econômica, em Cincinnati de 1931 a 1932. Professor associado de Geologia, de 1932 a 1938. Professor de Geologia, em 1938. Diretor do Departamento de Geologia e Geografia da Universidade de Cincinnati, desde 1940.

Seus trabalhos relacionam-se, principalmente, com os métodos do aumento da recuperação do petróleo, geologia estrutural, fisiografia, geologia glacial, migração e acumulação do petróleo.

Publicou cerca de 80 trabalhos, dos quais enumeramos os seguintes:

1. Circular structural depressions in central Kansas: *Geol. Soc. America Bull.*, 1930.
2. Function of carrier beds in long distance migration of oil: *Am. Assoc. Petroleum Geologists.*, 1931.
3. Source and date of accumulation of oil in Granite Ridge pools of Kansas and Oklahoma: *Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull.*, 1931.
4. Simple graphical method for determining true dip from two components and for constructing contoured structural maps from dip observations: *Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull.*, 1932.
5. Carrier beds and oil accumulation: *Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull.*, 1932.
6. Life cycle of a mountain system abstracts: *Geol. Soc. America Bull.*, 1932.
7. Evidence of long time interval represented by an unconformity in the Pennsylvanian rocks of Kansas|abstracts|: *Geol. Soc. America Bull.*, 1932.
8. Mid-Pennsylvanian structural disturbances near Baldwin, Kansas and their significance |abstracts|: *Geol. Soc. America Bull.*, 1932.
9. Rock resistance and interfluvial degradation as dominant factors in geomorphology |abstracts|: *Geol. Soc. America Bull.*, 1933.
10. Distribution of oil pools in Kansas in relation to pre-Mississippian structure and areal geology: *Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull.*, 1933.
11. Angular coal fragments as evidence of a long time break in Pennsylvanian sedimentation in eastern Kansas: *Geol. Soc. America Bull.*, 1933.
12. Physiography and structure at Cumberland Gap: *Geol. Soc. America Bull.*, 1933.
13. Problem of the origin, migration, and accumulation of oil: Problems of petroleum geology (Sydney Powers memorial volume): *Am. Assoc. Petroleum Geologists*, 1934.
14. The development of even-crested ridges without peneplanation |abstract|: *Assoc. Am. Geographers Annals*, 1934.
15. Soil mottlings and mounds in northeastern Texas as seen from the air: *Jour. Geography*, 1934.
16. Mechanics of low-angle overthrust faulting as illustrated by Cumberland thrust block, Virginia, Kentucky, and Tennessee: *Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull.*, 1934.
17. Glacial geology of the Catskills: *New York State Mus. Bull.*, 1935.
18. Drainage changes and reexcavated valleys as measures of inter-stream degradation |abstract|: *Geol. Soc. America Proc.*, 1935. *Bull.*, 1935.
19. Origin and evolution of rock and pediments: *Geol. Soc. America Bull.*, 1935.

20. Grafical method for eliminating regional dip: Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull., 1935.
21. Fault-block nature of Kansas structures suggested by elimination of regional dip: Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull., 1935.
22. Questioning too many peneplains |abstract|: Geol. Soc. America Proc., 1936.
23. Graphic method for determining true dip from two components: Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull., 1936.
24. Mining for oil: Mines Mag., 1937.
25. Radioactive heating as a cause of mountain building. |abstract|: Geol. Soc. America Proc., 1937.
26. Shorelines and lenticular sands as factors in oil accumulation: Oxford Univ. Press, 1938.
27. Graben faulting and associated phenomena |abstract|: Oil and Gas Jour., 1938.
28. A mechanism for the initiation of geosynclines and geobasins |abstract|: Geol. Soc. America Proc., 1938.
29. Application of principle of differential settling to tracing of lenticular sand bodies: Am. Assoc. Petroleum Geologists Bull., 1938.
30. Piedmont stream capture as a result of differences in load |abstract|: Geol. Soc. Bull., 1938.
31. A bird's-eye cross section of the central Appalachian Mountains and plateau, Washington to Cincinnati: Geog. Rev., 1939.
32. Recognition and significance of multiple erosion surfaces: Geol. Soc. America Bull., 1938.
33. Identification and interpretation of erosion surfaces in the Allegheny Plateau |abstract|: Geol. Soc. America Bull., 1939.

*

PROF. KURT HUECK

É o Prof. Hueck um dos fitogeógrafos mais conhecidos do mundo, especialmente pelos seus mapas modelares da vegetação da Europa (Alemanha) e da América do Sul (Argentina).

A sua colaboração, no Departamento de Botânica, encaminhando trabalhos novos de mapeamento fitogeográfico do Brasil, é de muita importância para o nosso País, uma vez que ainda não foi feita sua carta fitogeográfica.

Chegou o Prof. Hueck à Faculdade em 1.º de novembro de 1951, na qualidade de Professor Visitante, a fim de estudar a vegetação e preparar um mapa fitogeográfico do Brasil, sendo sua estadia prolongada como Professor Contratado, em 1952, para dar cursos da sua especialidade.

O Prof. Hueck é natural de Berlim, onde nasceu em 16 de janeiro de 1897.

Fêz seus estudos universitários nessa Capital. Êsses estudos compreenderam a Botânica, a Geologia, a Geografia e a Zoologia.

De 1925 a 1945, foi colaborador científico do Ministério Florestal (Reichsforstamt), tendo revisto, para essa Instituição, um mapa fito-sociológico de toda a Alemanha.

Em 1933, foi designado Professor de Botânica da Faculdade de Agronomia da Universidade de Berlim, que deixou temporariamente, em 1938, para voltar em 1945. Regeu as cátedras da Botânica Agrônômica e Botânica Florestal. Ao mesmo tempo, como decano da Faculdade de Ciências Florestais, foi incumbido de restabelecer esta Faculdade, depois da guerra.

Na Academia Técnica (Technische Hochschule, Berlin-Charlottenburg) deu cursos sobre "Fundamentos fito-sociológicos da vida humana".

Em 1948, deixou a Universidade de Berlim, que mais e mais se tornava sujeita à influência soviética, transferindo-se para a Argentina, onde, desde 1949, é Professor Contratado da Universidade Nacional de Tucumán.

Aí, tem estudado a vegetação andina e a de várias outras regiões desse país, e iniciou os trabalhos de um mapa fitogeográfico.

Os trabalhos publicados pelo Prof. Hueck, citados a seguir, tiveram excelente repercussão internacional:

Die Pflanzenwelt der Deutschen Heimat, Band 1: Der Wald, Band 2: Die Moore, Band 3: Küstendünen, Hochgebirgspflanzen. Insgesamt über 1000 Seiten Text und über 1000 Abbildungen mit zahlreichen Karten. 1930-34. Berlin, Bermühler Verlag.

Pflanzengeographie Deutschlands, Berlin 1937, 300 Seiten, 80 Tafeln, zahlreiche Vegetationskarten. Bermühler Verlag.

Die Naturschutzgebiete Preussens. Beitr. z. Naturdenkmalpf., Band 11, Berlin, Bornträger, 1926, 333 Seiten.

Zur Kenntnis der Hochmoore des Thüringer Waldes. Beitr. z. Naturdenkmalpf. Berlin, Bornträger, 1930, 20 Seiten.

Die Vegetationsverhältnisse und die Oberflächengestalt der Oberharzer Hochmoore. Beitr. z. Naturdenkmalpf., Band 12. Berlin 1927, 63 Seiten.

Hueck und Reimers: Vegetationsstudien auf lithauischen und Ostpreussischen Hochmooren. Bayerische Akademie der Wissenschaften, 1929, 84 S.

Vegetationskarte des Endmoränengebiets von Chorin. Neumann-Neudamm, 1931, 104 Seiten.

Vegetationskarte des Lebanehrung in Ostpommern. Neumann-Neudamm, 1932, 36 Seiten.

Vegetationskarte des Memeldeltas in Ostpreussen, Neumann-Neudamm, 1934, 67 Seiten.

Vorschläge zur Vegetationskartierung in Deutschland. Feddes Repertorium spec. nov. Berlin, 1932, 20 Seiten.

Mehr Waldschutzgebiete. Neumann-Neudamm, 1934, 36 Seiten.

Pflanzengeographische Anschauungstafeln. Feddes Repertorium spec. nov. Berlin, 1937 4 Hefte.

Die natürliche Vegetation Mitteleuropas. Karte im Atlas des Deutschen

- Lebensraums der Preussischen Akademie der Wissenschaften.
 Botanische Wanderungen im Riesengebirge. Fischer-Jena, 1939, 116 S.
 Die Pflanzenwelt der Krümmen Laake bei Berlin. 1942, 87 Seiten, 42
 Abbildungen.
 Vegetationskundliche Karte des Deutschen Reiches 1:1 Mill. Blatt 1:
 Berlin. Neumann-Neudamm 1943, 56 Seiten.
 Mapa Fitogeográfico de la República Argentina. Hoja 1: Salta-Jujuy,
 1:1 Mill. En la prenta. Aprox. 80 pp. (Lilloa)
 Investigaciones fitosociológicas en los médanos de Cafayate, Provincia
 de Salta. En la prenta. Aprox. 80 pp. (Lilloa)
 Die Wälder und die waldbaulichen Verhältnisse in Nordwestargentinien.
 Forstwissenschaftliches Centralblatt. München, 1950, S. 1 — 11.
 Dos problemas fitogeográficos de la cuenca de Andalgalá (Provincia de
 Catamarca). Bol. de la Soc. Argentina de Botanica, III, 4 224-234.
 Buenos Aires, 1951.
 Vegetationskarten aus Argentinien. Die Erde, Berlin, 1951, 145-154.
 Eine biologische Methode zum Messen der erodierenden Taetigkeit des
 Windes und des Wassers. Berichte der Deutschen Botanischen Ge-
 sellschaft, 1951, Band LXIV. S. 53-56.
 Wie schafft man eine Wüste? Revista Sudamérica, 1951, Buenos Aires.
 Forest-Trees and Forest-Types of NW-Argentina. About 400 pages (in
 preparation).
 La "Región del Parque" de Tucumán. En la prenta, aprox. 15 pp.
 Reiseeindrücke aus argentinischen Nationalparks. Zeitschrift Natur-
 schutz, Bonn, 1951, 6 Seiten.
 Eine forstbotanische Studienreise in die Araukarienwälder des nördlichen
 Patagoniens. Zeitschrift für Weltforst. Wirtschaft Hannover. Im Druck,
 etwa 10 Seiten.
 Die Südgrenze des "Tucumanisch-bolivianischen Waldgebiets" in NW-
 Argentinien. Erdkunde, Bonn. Im Druck, etwa 15 Seiten.
 Die wichtigsten Waldbäume und Waldtypen des nordwestlichen Argen-
 tinien. Zeitschrift für Weltforstwirtschaft, Hannover, etwa 50 Seiten,
 im Druck.

*

PROF. MARTIAL GUEROULT

Pela terceira vez, contou a Cadeira de História da Filosofia, em 1951, com a colaboração deste eminente Professor, que é um dos mais distintos historiadores da Filosofia Moderna em França. Sucessor de Léon Brunschvicg, na Cátedra de História da Filosofia Moderna, na Sorbonne, passou, recentemente, para o Colégio de França, a mais alta promoção a que se pode aspirar, no ensino superior francês.

Em 1948 e 1949, já aqui esteve o Prof. Gueroult, deixando, nesta Faculdade, as melhores impressões, pelas suas altas qualidades de Professor e homem de ciência.

Em 1951, durante sua permanência na Cadeira de História da Filosofia, o Prof. Gueroult ministrou duas séries de aulas: uma sôbre os pré-socráticos, para o 1.º ano do Curso de Filosofia; outra sôbre Leibniz, para o 2.º ano. Foi a primeira vez que, nesta Faculdade, se fêz um estudo monográfico sôbre êste filósofo.

Nasceu o Prof. Gueroult em 15 de dezembro de 1891.

Foi aluno da Escola Normal Superior. “Agregé” de Filosofia. Doutor em Letras. Professor de História da Filosofia, na Universidade de Estrasburgo (1929-1945). Professor honorário da mesma Universidade. Professor de História da Filosofia Moderna, na Sorbonne, desde outubro de 1945.

OBRAS PUBLICADAS

“L'Évolution et la Structure de la doctrine fichteenne de la Science”, 2 vols in-8.º, Paris (Belles-Lettres), 1930; obra coroada pelo Instituto de França.

“La Philosophie Transcendentale de Salomon Maïmon”, 1 vol. in 8.º, Paris, 1934.

“Dynamisme et Métaphysique leibniziennes”, 1 vol, in 8.º, Paris, 1934.

“Étendue et Psychologie chez Malebranche”, 1 vol, in 8.º, Paris, 1939.

Em preparo

“Philosophie et Histoire de la Philosophie”, 2 vol in-8.º,

a) “Histoire de l'Histoire de la Philosophie”,

b) “Philosophie de l'Histoire de la Philosophie”.

“La Métaphysique de Malebranche”, 1 vol., in-8.º.

“L'Analyse leibnizienne et les problèmes de Dieu, etc.”.

“Recherches sur la philosophie théorique de Kant”.

“Recherches sur la philosophie pratique de Kant”.

O Prof. Gueroult tem publicado, também, numerosos artigos sôbre assuntos de sua especialidade, in: “Revue des Études Grecques”, “Revue Philosophique, de la France et d'Etranger”, “Revue de Métaphysique et de Morale”, “*Bull. Fac. Lettres Universit. Strassbourg*”.

*

PROF. PHILIP K. HITTI

Sob os auspícios da Reitoria, esteve, na Faculdade, o Prof. Philip K. Hitti, grande especialista em assuntos arábicos.

Nascido em Shimlan, no Líbano, em 1886, o Prof. Hitti fêz seus estudos superiores na Universidade Americana de Beirute, pela qual se diplomou em 1908.

Transferiu-se para os Estados Unidos em 1913, ocupando, atualmente, o cargo de Professor de História e Literatura Semítica da Universidade de Princeton.

Entre suas obras, destacam-se: “Origem do Estado Islâmico” (1916), “Os idiomas semíticos falados na Síria e no Líbano” (1922), “Os sírios na América” (1924), “Características das seitas muçulmanas” (1924), “A Síria e os Sírios” (1926), e “História dos Árabes”.

Durante o mês de agosto, o Prof. Hitti realizou 8 conferências na Faculdade, subordinadas aos seguintes temas:

1. Contribuição árabe à civilização ocidental, mormente à Península Ibérica, na Literatura.
2. Contribuição científica árabe, para a cultura ocidental.
3. Contribuição filosófica árabe, para a cultura ocidental.
4. Contribuição da arte árabe, para a cultura ocidental.
5. O renascimento dos Estados Árabes contemporâneos.
6. Os Estados Árabes e o impacto ocidental.
7. Independências alcançadas com o desenvolvimento do nacionalismo.
8. Tendências modernas do Islão.

* *
*

PROFESSÔRES E OUTRAS PERSONALIDADES QUE COLABORARAM COM A FACULDADE EM 1951

A Faculdade recebeu, em 1951, a visita de diversos Professôres nacionais e estrangeiros, e de outras personalidades ilustres, no campo da Ciência e das Letras, muitas das quais colaboraram com os trabalhos de seminário, realizados pelos diversos Departamentos, ministraram cursos, ou proferiram conferências patrocinadas por esta Instituição, contando quase sempre com o apôio e a cooperação do Departamento de Cultura e Ação Social da Reitoria da Universidade.

A seguir são relacionados os nomes dos visitantes e o lugar de sua procedência:

Brasil — Adalberto Corrêa Sena, da Diretoria do Ensino Secundário, do Ministério da Educação.

Adolfo M. Rotschild, do Instituto Biológico de São Paulo.

A. Couceiro, do Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil.

L. Sollero, do Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil.

Carlos Chagas Filho, do Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil.

Comitiva do Conselho Nacional de Pesquisas, sob a presidência do Almirante Álvaro Alberto.

Comitiva do Seminário Evangélico de Teologia de Campinas, chefiada pelo Reitor, Rev. Júlio A. Ferreira.

Eline Santana Prado, da Escola Paulista de Medicina.

Giannino Carta, d'“O Estado de São Paulo”.

Hanna Rotschild, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Helena Brandão Lopes, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas.

Karl Slotta, da Endoquímica S/A, São Paulo.

Major Geraldo da Rocha Lima, da Fábrica Getúlio Vargas (Piquete).

Mario Meneghini, do Instituto Biológico de São Paulo.

Maurício Rocha e Silva, do Instituto Biológico de São Paulo.

Rebeca de Angelis, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Joaquim da Costa Ribeiro, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Estados Unidos — Frederick A. Wiggins, do IBEC Research Institute.

Harvey P. Newton, da Rutgers University, de New Brunswick.

James C. Medcalf, do IBEC Research Institute.

França — Gabriel Marcel, do Instituto de Filosofia de Paris.

Jean Colomès, da Universidade de Bordeaux.

Jean Lecomte, da Universidade de Paris.

Paul Rivet, do Museu do Homem, Paris.

René Würmser, da Universidade de Paris.

S. Würmser, doutora da Universidade de Paris.

Inglaterra — R. Keynes, da Universidade de Cambridge.

Watkins William, da Universidade de Durhan.

Itália — Giuseppe Tucci, da Universidade de Roma.

Marco Valsecchi, representante da Bienal de Veneza, na I Bienal de São Paulo.

Portugal — Celestino da Costa, da Universidade de Lisboa.

Embaixada Universitária de Coimbra, dirigida pelo Prof. Maximino Correia, Reitor da Universidade de Coimbra.

Suécia — Ulf von Euler, do Karolinska Institutet de Estocolmo.

Suiça — Paul Wenger, da Universidade de Genebra.

Turquia — F. L. Breusch, Diretor do II Instituto de Química, da Universidade de Istambul.

A realização de concursos e doutoramentos proporcionou excelente ocasião à Faculdade, para receber, também, a visita de figuras altamente representativas da cultura brasileira, cuja relação vem em seguida:

A. Lagden Cavalcanti, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia.

Abílio Martins de Castro, Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.

Adelino da Silva Azevedo, Professor da Faculdade de Filosofia “*Sedes Sapientiae*”.

Afonso d' Escragnolle Taunay, antigo Professor da Faculdade e antigo Diretor do Museu Paulista.

Afonso Penteado de Toledo Piza, Professor da Escola Politécnica, da Universidade de São Paulo.

Agesilau A. Bittancourt, do Instituto Biológico.

- Alberto de Mesquita Camargo, Professor da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- Alceu Fábio Barbosa, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Alexandre Corrêa, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
- Alice P. Canabrava, Professora da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Alípio Leme de Oliveira, Diretor do Instituto Astronômico e Geofísico do Estado.
- Américo Brasiliense Antunes de Moura, Professor das Faculdades de Filosofia de São Bento e "Sedes Sapientiae".
- Américo da Graça Martins, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Antoinette Terraguzzo, Professôra da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- Antônio Carlos Cardoso, Vice-Reitor da Universidade de São Paulo; Diretor da Escola Politécnica.
- Antônio Cesarino Júnior, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
- Antônio Ponzio Ipolito, Professor da Escola de Engenharia Mackenzie.
- Antônio de Paula Assis, Professor da Faculdade de Filosofia de São Bento.
- Ari B. Ferreira, Professor da Faculdade de Filosofia Mackenzie.
- Ari Tithbol Nunes, Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Pôrto Alegre.
- Aureliano Leite, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- Carlos Alberto Nunes, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- Carlos Arnaldo Krug, do Instituto Agrônômico de Campinas.
- Carlos Borges Schmidt, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.
- Carlos da Silveira, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- Cândido Gonçalves Gomide, Professor do Colégio Estadual Presidente Roosevelt.
- Celestino Bourroul, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Clemente Pereira, Livre-Docente da Faculdade de Medicina-Veterinária.
- Clodomiro Furquim de Almeida, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Cristóvão Colombo dos Santos, Professor da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais.

- Edgard Barroso do Amaral, Professor da Faculdade de Farmacia e Odontologia da Universidade de São Paulo.
- Edmundo Meneses Dantas, Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.
- Émile Schostal, Professor da Faculdade de Filosofia de São Bento.
- Eremildo Luís Viana, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Ernesto de Faria, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Ernesto de Sousa Campos, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Eurico Cerrutti, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Eurico Santos Abreu, Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.
- F. G. Brieger, Professor da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós, da Universidade de São Paulo.
- Fernando Flávio Marques de Almeida, Professor da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" e da Faculdade de Engenharia Industrial da Universidade Católica de São Paulo.
- Ferrucio Rubiani, Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas.
- Francis Ruellan, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Franklin de Moura Campos, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Francisco Isoldi, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e antigo Professor do Colégio Universitário.
- Fritz Ackermann, doutor em Filosofia.
- G. D. Leoni, Professor das Faculdades de Filosofia "Sedes Sapientiae" e Mackenzie.
- George Raeders, Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas.
- Henrique Tastaldi, Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.
- Herbert Baldus, do Museu Paulista.
- Homero Barbosa, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Idel Becker, Professor da Faculdade de Filosofia Mackenzie.
- J. F. de Almeida Prado, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- J. J. Cardoso de Melo Neto, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
- J. P. Leite Cordeiro, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- Jayme A. Cavalcanti, Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

- Jaime Coelho, Professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.
- Jayme Regalo Pereira, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Joaquim Alfredo Fonseca, Professor da Faculdade de Filosofia de São Bento.
- José Figueiredo Ferraz, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- José I. Benevides de Resende, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- José dos Santos Rodrigues, Professor da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- José Setzer, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.
- José Veríssimo da Costa Pereira, do Conselho Nacional de Geografia.
- Karl Silberschmidt, do Instituto Biológico.
- Lauro Monteiro da Cruz, Professor da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Filosofia Mackenzie.
- Leopoldo Nachbin, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia.
- Luís Berthet, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Luís Carlos Junqueira, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Luís Cintra do Prado, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo; antigo Professor da nossa Faculdade.
- Luís Freitas Bueno, Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Maria José de Moraes, Professora da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- Maria de Lourdes de Paula Martins, do Museu Paulista.
- Mário Wagner Vieira da Cunha, Diretor do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Maurício Rocha e Silva, do Instituto Biológico.
- Max de Barros Erhardt, Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.
- Milton Estanislau do Amaral, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Milton de Toledo Piza, Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.
- Murilo Mendes, Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Odorico Machado de Sousa, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Otacvio Barbosa, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

- Paul Silvestre, Professor da Faculdade de Filosofia Mackenzie e Adido Cultural do Consulado Geral da França, em São Paulo.
- Paulo Correia de Brito, Professor da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae".
- Paulo Guimarães Fonseca, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Paulo Ribeiro de Arruda, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Paulo de Toledo Artigas, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.
- Pedro Egídio de Carvalho, Professor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Quintino Mingoja, Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.
- Raul de Andrada e Silva, Professor da Faculdade de Filosofia Mackenzie.
- Raul Briquet, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Renato Fonseca Ribeiro, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Renato Locchi, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Richard Wasicky, Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.
- Rômulo de Almeida, do Ministério das Relações Exteriores.
- Roberto Fernandes Moreira, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Samuel Pessoa, Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- Sebastião Soares de Faria, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
- Serafim da Silva Neto, Professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Sérgio Buarque de Holanda, Diretor do Museu Paulista.
- Telêmaco A. de Macedo van Langendonck, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Teodoreto de Arruda Souto, Professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.
- Teotônio Monteiro de Barros Filho, Professor da Faculdade de Direito e diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo.
- Tito Lívio Ferreira, Professor da Faculdade de Filosofia de São Bento.
- Thomaz Oscar Marcondes de Sousa, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- Zeferino Vaz, Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.

W. Besnard, Diretor do Instituto Paulista de Oceanografia.

Walter Leser, Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.

Wilson Hohene, Professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.

* *

*

CONFERÊNCIAS E SEMINÁRIOS REALIZADOS PELOS VISITANTES, NA FACULDADE

- Março, 27 — Major Geraldo da Rocha Lima — “Explosivos antigos e modernos”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Março, 29 — Karl Silberschmidt — “Efeitos fitotóxicos de inseticidas”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Maio, 8 — Rebeca de Angelis — “Métodos microbiológicos para dosagem de vitaminas”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Maio, 17 — Jorge Helios Morello Wyler — “A vegetação das dunas do interior da Argentina”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Maio, 17 — Prof. Celestino da Costa — “Conceito de paragânglio”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Maio, 22 — Dra. Hanna Rotschild — “Catepsinas”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Maio, 31 — Mário Meneghini — “Multiplicação de virus de plantas”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Maio, 31, — Prof. Paul Wenger — “O desenvolvimento da Ciência na Suíça”, patrocinada pela Faculdade.
- Agosto, 4 — Prof. George A. Edwards — “Técnicas respiratórias volumétricas”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Agosto, 7 — Eline Santana Prado — “Novas pesquisas sobre a insulina”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Agosto, 8 — Prof. Paul Rivet — “A história cultural da Humanidade”, patrocinada pela Faculdade.
- Agosto, 9 — Prof. George A. Edwards — “Lei das superfícies”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal, com a colaboração da Associação dos Ex-alunos de História Natural.
- Agosto, 17 — Prof. George A. Edwards — “Morfologia do sistema traqueal”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Agosto, 20 — Gabriel Marcel — “Presença e Imortalidade”, patrocinada pela Faculdade.

- Agosto, 21 — Prof. F. L. Breusch — “Bioquímica da oxidação dos ácidos graxos no organismo animal”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Agosto, 24 — Prof. George A. Edwards — “Difusão e ventilação traqueal”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 4 — Dr. René Würmster — “Fotossíntese”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 4 — Dr. Karl Slotta — “Aspectos bioquímicos da pigmentação”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 4 — Dr. R. Keynes — “O papel do sódio na electrogênese”, Sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 4 — Dr. Carlos Chagas Filho — “Foto-reativação”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 5 — Dr. A. Couceiro — “Histoquímica dos órgãos elétricos”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 5 — Dr. L. Sollero — “Estado atual dos simpaticolíticos”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 5 — Dra. S. Würmser — “Diferenciação de isohemoaglutininas”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 5 — Dr. Maurício Rocha e Silva — “Efeitos nicotínicos da acetilcolina”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 5 — Prof. George A. Edwards — “Consumo de oxigênio pelos insetos, em relação com a temperatura”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 11 — Prof. Jean Colomès — “Balzac et Napoléon”, e “Baudelaire et Richard Wagner”, patrocinadas pela Faculdade.
- Setembro, 12 — Prof. Pereira Dias — “Três personagens do teatro português: o autor, o ator e o espectador”, patrocinada pela Faculdade.
- Setembro, 12 — Prof. Lópes de Almeida — “Um tratado inédito de Frei Gaspar”, patrocinada pela Faculdade.
- Setembro, 13 — Prof. George A. Edwards — “Aplicação de técnicas micro-volumétricas, em Botânica”, sob os auspícios do Departamento de Botânica.
- Setembro, 13 — Prof. George A. Edwards — “Respiração de insetos aquáticos”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.
- Setembro, 14 — Prof. Lópes de Almeida — “Um historiador da América Portuguesa: Brito Freire”, patrocinada pela Faculdade.
- Setembro, 25 — Adolfo M. Rotschild — “Descarboxilase do ácido oxalacético”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.
- Outubro, 1 — Prof. Jean Lecomte — “Aplicação analítica do espectro infra-vermelho”, sob os auspícios do Departamento de Química.

Outubro, 9 — Prof. Uulf von Euler — “Ncr-adrenalina e sua significação na fisiologia animal”, sob os auspícios da Cadeira de Química Orgânica e Biológica e do Departamento Fisiologia Geral e Animal.

Outubro, 22 — Prof. Giuseppe Tucci — “O Thibet de Hoje”, patrocinada pela Faculdade.

Dezembro, 22 — Dra. Helena Brandão Lópes — “Microscopia eletrônica”, sob os auspícios do Departamento de Fisiologia Geral e Animal.

* * *

*

BOLSISTAS

RELAÇÃO DOS PROFESSÔRES, ASSISTENTES E AUXILIARES DE ENSINO CONTEMPLADOS COM BÔLSAS DE ESTUDO E COMISSIONADOS EM UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS

SIMÃO MATHIAS

Professor contratado da Cadeira de Físico-química.

Bôlsa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation (1-3-51 a 21-2-52).

Trabalhos no Departamento de Química da Universidade de Michigan, em colaboração com o Prof. Kasimir Fajans.

AYLTHON BRANDÃO JOLY

Terceiro Assistente do Departamento de Botânica.

Bôlsa da Fundação Rockefeller (1-8-51 a 31-8-52).

Pesquisas sôbre algas marinhas, sob a orientação do especialista, Prof. Dr. William Randolph Taylor, na Universidade de Michigan.

JÛRN JACOB PHILIPSON

Auxiliar de Ensino da Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani.

Bôlsa do “Institute of International Education” para estudos de lingüística, na Universidade da Califórnia (10-6-51 a 10-6-52, prorrogada por mais 3 meses).

Convite para participar das sessões do Instituto de Lingüística, realizadas no *campus* de Berkeley, Universidade da Califórnia, entre 18 de junho a 28 de julho de 1951.

Certificado de aprovação em 3 cursos (máximo permitido), das Sessões de verão da Universidade da Califórnia.

Participação nas sessões do Instituto de Lingüística da Universidade de Indiana.

HANS ALBERT MEYER

Auxiliar de Ensino da Cadeira de Física Teórica e Matemática.

Bôlsa da *Unesco* (1-11-51 a 12-6-52, prorrogada por mais 6 meses).

Estágio no laboratório do Prof. Leprince Ringuet, para aperfeiçoamento no estudo de raios cósmicos.

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIRÓS

Auxiliar de Ensino da Cadeira de Sociologia (I).

Bôlsa do Govêrno Francês (1-10-51 a 1-10-52, prorrogada por mais 6 meses).

Especialização em Sociologia.

Trabalhos em andamento, na École Pratique de Hautes Études.

Cursos no "Institut de Sciences Politiques" da Universidade de Paris.

MARCELO DE MOURA CAMPOS

Segundo Assistente da Cadeira de Química Orgânica e Biológica.

Bôlsa da Fundação Rockefeller (1-8-51 a 30-7-52, prorrogada até 31-10-52).

Trabalhos na Universidade de Minneapolis, sob a direção do Prof. Dr. Richard T. Arnoldt.

PAULO SARAIVA DE TOLEDO

Terceiro Assistente da Cadeira de Física Teórica e Matemática.

Bôlsa da *Unesco*, por intermédio do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (15-9-51 a 3-11-52).

Estágio na Universidade de Manchester, Inglaterra, para trabalhar com o Prof. L. Rosenfeld.

MARLYSE MADELEINE MEYER

Primeira Assistente da Cadeira de Língua e Literatura Francesa.

O Govêrno Francês, através de sua Embaixada, na Capital Federal, a distinguiu com um convite para seguir, naquele país, cursos de sua especialidade, durante o período de novembro de 1951 a novembro de 1952.

*

* *

BOLSISTAS PELA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Durante o ano de 1951, freqüentaram os diversos Departamentos da Faculdade, os seguintes professôres contemplados com bôlsas de estudo da Reitoria:

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA:

Prof. Danko Brncic Jr., da Universidade de Santiago do Chile.

Dr. Francisco Mauro Salzano, da Universidade do Rio Grande do Sul. Ambos tomaram parte nos Cursos de Especialização, estudando

o polimorfismo cromosômico de várias espécies brasileiras de *Drosophila*.

Licenciado Juan Nacrur Pereira, da Universidade de Santiago do Chile. Teve sua bolsa prorrogada em 1951, para terminar seus trabalhos no Departamento.

DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA:

Dr. Jorge Helios Morello Wyler, do Instituto de Fisiografia e Geologia de Rosário, República Argentina.

Trabalhos realizados: estudo sobre os *Métodos para medir a transpiração de plantas*; comparação entre as vegetações dos cursos superior e inferior do rio Paraná; consumo e transpiração de água pela bananeira.

O Dr. Morello Wyler teve sua bolsa prorrogada para o ano de 1952.

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA GERAL E ANIMAL

Prof. Dr. George A. Edwards, do Departamento de Biologia do Tufts College, em Medford, Estados Unidos.

Atividades desenvolvidas:

1. Pesquisas: Tendo estagiado na Universidade do Recife, em junho de 1951, iniciou investigações sobre o caramujo vetor da Esquistossomose. Os resultados dessas pesquisas acham-se publicados no Boletim do Instituto Aggeu Magalhães. Continuadas as investigações em São Paulo, em colaboração com o Dr. Paulo Sawaya, constituíram os resultados obtidos objeto de comunicação à III Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Ao mesmo tempo, o Dr. Edwards dedicou-se ao estudo da biologia da broca do café, conseguindo, em curto tempo, uma série de informações importantes. Este trabalho foi feito em colaboração com a 3.ª Assistente do Departamento, Dra. Maria Dolores Pérez González. Dentre as informações colhidas ressalta a da grande resistência do inseto à influência dos inseticidas.

2. Cursos, Conferências e Demonstrações: A convite do Departamento, o Dr. Edwards deu um série de aulas sobre a biologia dos insetos; fez conferências na S.B.P.C., e no Instituto Biológico; participou ativamente da III Reunião Anual da S.B.P.C..

Terminado o seu estágio como bolsista, continuou o Dr. Edwards colaborando com o Departamento, na qualidade de Professor Contratado, a partir de agosto de 1952.

DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA:

Prof. Dr. Max Müller, da Universidade de Iena, Alemanha.

Realizou trabalhos sob a orientação do Prof. Viktor Leinz, Diretor do Departamento, e proferiu uma conferência na Sociedade Brasileira de Geologia.

ALUNOS VISITANTES

Nesta categoria, o Dr. W. H. Hawkins, dos Estados Unidos e Alfonso Trujillo Ferrari, bolsista do Perú, freqüentaram os cursos de Geografia e os de Etnografia e Língua Tupi-guarani, durante o ano de 1951.

* *

*

COLABORAÇÃO DA FACULDADE COM OUTRAS
INSTITUIÇÕES

COLABORAÇÃO COM INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS

A exemplo dos anos anteriores, diversos elementos de nossa Faculdade serviram em bancas examinadoras do Concurso de Habilitação, em outras Faculdades da Universidade de São Paulo.

Assim, para a Escola Politécnica e para a Faculdade de Medicina, que, no corrente ano, incluíram Português entre as matérias do concurso, teve a Faculdade oportunidade de indicar os seguintes Assistentes e Auxiliares de Ensino para as respectivas bancas examinadoras:

Escola Politécnica: Profs. Ênio Sandoval Peixoto, José Aderaldo Castello, Manoel Cerqueira Leite e Segismundo Spina.

Faculdade de Medicina: Profs. Aída Costa, Armando Tonioli, Edna Chagas Cruz e José Lazzarini Júnior.

Para a banca examinadora de Inglês, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, foram indicados os Profs. Edna Chagas Cruz e Higinio Aliandro.

Ainda na Faculdade de Medicina, especialmente convidados, colaboraram, nas diversas bancas examinadoras, os Profs. Paulo Sawaya (História Natural), Rômulo R. Pieroni (Física), Marco Antônio Cecchini (Química), Sérgio Estanislau do Amaral (História Natural), Astréia Giesbrecht (Química) e Elisa do Nascimento Pereira (História Natural).

Na Faculdade de Medicina de Sorocaba, atuou, como membro da banca examinadora de Química, o Prof. Ernesto Giesbrecht.

*

CURSO DE FISIOLOGIA COMPARADA, CURSO DE BIOLOGIA
DOS MOLUSCOS, CURSO DE MICROQUÍMICA PRÁTICA

Êstes cursos foram realizados, durante o mês de junho, no Instituto Álvaro Osório de Almeida e no Instituto Aggeu Magalhães, em Recife, atendendo ao convite oficial, feito pela Universidade do Recife, ao Prof. Paulo Sawaya.

Uma circunstância bastante feliz possibilitou a participação, nos trabalhos dêstes cursos, do Dr. George A. Edwards, professor do Tufts College de Medford, nos Estados Unidos, que conquistou uma bolsa de estudo para participar das pesquisas do Departamento de Fisiologia Geral e Animal. Tendo conseguido permissão de seus superiores para

vir ao Brasil, justamente em junho, julgou o Prof. Sawaya, de toda conveniência que primeiro aportasse a Recife, para ali iniciar as pesquisas.

Colaborou, também, nos trabalhos dos cursos, a Lic. Antonieta Bruno, pertencente ao corpo de colaboradores do Departamento.

Por avião, foi embarcado de São Paulo o material necessário às preleções. Antes de iniciados os cursos, foram visitados os arredores da cidade, a fim de verificar-se a possibilidade de colheita de animais marinhos adequados às demonstrações práticas.

O programa desenvolvido foi o seguinte, de acôrdo com relatório apresentado pelo Prof. Sawaya:

A — Fisiologia Comparada

Êste curso, ministrado pelo Prof. Sawaya, ocupou tôdas as manhãs de 12 a 26 de junho. As tardes foram utilizadas na colheita e no preparo do material para as demonstrações práticas, feitas, em geral, diante dos ouvintes. Para isso foi feita uma série de excursões aos recifes da praia da Piedade e uma visita à praia da Casa Caiada. Nessas excursões, observou-se uma série de fenômenos interessantes para os estudos da Fisiologia Geral e Animal, como seja, localização de animais nas reintrâncias dos recifes, variedade desses animais, sua distribuição, etc.. Neste particular, seja-nos permitido acentuar a inestimável cooperação do pessoal do Instituto Álvaro Osório de Almeida, do Instituto Aggeu Magalhães e de vários colegas, especialmente dos laboratórios de Histologia e Técnica Cirúrgica da Faculdade de Medicina, seja oferecendo a necessária condução para o local de colheita do material, seja mantendo êsse material no laboratório, ou, ainda, auxiliando-nos no preparo das demonstrações com material fotográfico. Para a excursão à praia da Casa Caiada, contamos com a boa vontade e o interêsse excepcionais do Dr. Luís Siqueira Carneiro, que pôs à nossa disposição os meios necessários para visitarmos essa praia, que oferece condições muito boas para os estudos de biologia marinha.

As aulas versaram sôbre três temas fundamentais:

- 1 — Fisiologia neuro-muscular;
- 2 — Fisiologia da respiração;
- 3 — Osmo-regulação nos animais.

Após as preleções, um sumário mimeografado das mesmas era distribuído aos interessados.

As demonstrações versaram sôbre: 1 — Estrutura das fibras estriadas de vertebrados e de invertebrados; 2 — Estrutura das fibras musculares lisas de vertebrados e de invertebrados; 3 — Contração do músculo radial da *Holothuria*; 4 — Influência da acetilcolina sôbre a contração do músculo radial da *Holothuria*; 5 — Contração do intestino de *Aplysia* sp.; 6 — Influência da acetilcolina sôbre a contração do intestino da *Aplysia* sp.; 7 — Digestão de músculo estriado pelo estômago do sapo; 8 — Contração dos músculos do estômago do sapo;

9 — Demonstração, pelo vermelho congo, da presença de ácido no estômago do rato; 10 — Preparação de pulmão de sapo, para demonstração de alvéolos pulmonares; 11 — Influência de substâncias hipertônicas, sobre a contração do músculo gastrocnêmio do sapo; 12 — Contração do tubo músculo-dermático da minhoca; 13 — Preparação do sistema nervoso da minhoca; 14 — Demonstração de fibras gigantes, na cadeia nervosa ventral da minhoca; 15 — Demonstração de fibras gigantes, no conectivo dos gânglios cerebróides de *Aplysia* sp.; 16 — Demonstração do aparelho mastigador do estômago de *Aplysia* sp.; 17 — Demonstração da contração isométrica do músculo gastrocnêmio; 18 — Demonstração do manejo dos micro-respirômetros de Scholander; 19 — Demonstração do manejo do micro-respirômetro de Edwards; 20 — Demonstração dos movimentos de *Actinia-Metridium* (filme).

B — Métodos microquímicos de dosagem de elementos minerais e orgânicos.

Pela Srta. Antonieta Bruno, foram feitas várias demonstrações dos métodos de dosagem de sódio, de cálcio, de potássio, de magnésio, de fósforo, de ferro e de proteínas, com a aplicação respectiva desses métodos em material biológico, como seja líquido purpúreo de *Aplysia*, coletado na praia de Piedade. As demonstrações foram realizadas no Instituto Aggeu Magalhães.

Além do almejado intercâmbio com os colegas de Pernambuco, estabelecido através dos cursos, outro objetivo pôde ser atingido. Pesquisas e investigações com material vivo, se bem que ainda preliminares, deram resultados animadores. Também, o local revelou-se excepcionalmente propício para êsses trabalhos.

C — Pesquisas

1 — Pesquisas sobre a Fisiologia Muscular

a) Neste setor, o interêsse voltou-se para o comportamento dos músculos radiais da *Holothuria nigra*, muito abundante nas praias de Piedade e de Casa Caiada. Verificou-se que os animais dessa região comportam-se como os do sul, confirmando, assim, os resultados já obtidos anteriormente.

b) Havendo uma excepcional abundância do molusco gastrópodo *Aplysia* sp., nas referidas praias, foi feita colheita desse material e encetado o estudo do sistema nervoso e do tracto intestinal. Coletou-se, de muitos animais, várias peças anatômicas providas do sistema nervoso, às quais foram devidamente fixadas para estudo no Departamento de Fisiologia da Faculdade.

Além disso, foi verificada a influência da acetilcolina sobre a musculatura intestinal deste gastrópodo. Os resultados preliminares desta investigação, feita em colaboração com o Prof. Nelson Chaves e com a assistência dos Drs. Valdir Pessoa, Dra. Naíde Teodósio e Dra. Míriam Kelner, serão comunicados à Sociedade de Biologia local.

2 — Pesquisa sôbre o peixe inquilino de *Holothuria nigra*

Durante as inúmeras colheitas de material, o Prof. Sawaya teve oportunidade de, em uma delas, em companhia do Dr. Hélio Mendonça, trazer para o laboratório uma série de Holothurias. No dia seguinte, verificaram que as mesmas haviam expulsado o curioso peixe denominado *Fierasfer*, que vive habitualmente dentro do intestino do animal. Supondo ser, o achado, novo para a região neotrópica, o mesmo foi objeto de uma breve comunicação à Sociedade de Biologia do Recife.

3 — O Dr. George Edwards, graças à aparelhagem trazida de São Paulo e dos Estados Unidos, pôde efetuar uma série de pesquisas em colaboração com os Drs. Frederico Simões Barbosa, Bento Magalhães Neto e Jaime Dobbins Jr., sôbre o consumo de oxigênio pelo *Australorbis*, em diversas condições experimentais. Os resultados destas pesquisas, que se tornaram muito interessantes, serão comunicados à Sociedade de Biologia do Recife.

Cumprе ressaltar que, para a realização destas pesquisas, foram muito úteis a aparelhagem trazida, e o auxílio prestado pela biblioteca do Prof. Mário Ramos e do Instituto de Pesquisas Agrônômicas, que nos foi franqueada pelo seu digno Diretor, Dr. Mário Bezerra de Carvalho.

Sôbre os resultados dêste curso, assim se expressou o Prof. Dr. Edgar Altino de Araújo, Vice-reitor da Universidade do Recife, em seu parecer ao relatório do Prof. Sawaya:

“O Prof. Paulo Sawaya, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, apresenta, ao M. Reitor desta Universidade, substancioso relatório sôbre o curso que teve ocasião de ministrar entre nós. Êsse relatório, além de conter a exposição minuciosa dos trabalhos realizados, estende-se em sugestões muito apreciáveis, no sentido do interêsse universitário máximo, que é a pesquisa. Verifica-se que foram, assim, efetuados cursos, com demonstrações práticas, quer no Instituto Álvaro Osório da nossa Faculdade de Medicina, quer no Instituto Aggeu Magalhães, de:

- a) fisiologia neuro-muscular, fisiologia da respiração e da osmoregulação, a cargo do Prof. Paulo Sawaya;
- b) biologia dos moluscos, a cargo do Dr. G. Edwards;
- c) microquímica prática, a cargo da Srta. A. Bruno.

Inscreveram-se 28 alunos, nos cursos de fisiologia comparada e 10, no de microquímica.

Além das demonstrações práticas, em número de 30, realizadas à vista dos alunos, foram levadas a efeito pesquisas do mais alto interêsse sôbre animais marinhos.

As condições encontradas, nas nossas praias, pelo Prof. Sawaya, dada a situação privilegiada da orla de recifes existentes, suscitaram, no ânimo do eminente pesquisador patricio, a idéia da criação, nesta Universidade, de um Instituto de Biologia Marinha.

Para isto sugere o autor do relatório a aquisição, em Boa-Viagem, na Piedade ou em Casa Caiada (onde há recifes), de uma área onde deverá ser construído o Instituto. Vaticina o Prof. Sawaya que tal casa de trabalho atrairá pesquisadores estrangeiros, sequiosos de estudar a nossa fauna tropical marinha, tão rica e exuberante, pela condição accidental do próprio recife.

Não se exime o autor em descer a minúcias, no tocante à oportunidade de se resolver quanto antes tão magno assunto, aproveitando-se o momento que há ainda terrenos não edificadas e de preço ainda acessível.

Alude, ainda, à necessidade da constituição de bibliotecas especializadas, sem o que não se poderá levar a cabo qualquer intento de pesquisa sistematizada. Para isso, põe o Prof. Sawaya à disposição da Universidade de Recife as indicações bibliográficas e fotocópias necessárias.

Lembra, ainda, o relatório, a montagem, junto ao local de pesquisa, de pequena oficina para reparo de peças e de instrumentos de trabalho.

Terminando, menciona, o relatório, a doação que o autor faz a esta Universidade de:

- a) Um micro-respirômetro de Scholander & Edwards, com uma série de câmaras respiratórias;
- b) Um micro-respirômetro de Scholander, com câmara de vidro plástico;
- c) Um aparêlho de Feldberg, para estudo da contração muscular.

Vê-se, assim, quão útil e proveitosa foi a presença desse pesquisador universitário brasileiro, não apenas na exposição e demonstração prática dos assuntos tratados, mas também na colaboração sugestiva que deixou, no sentido do nosso melhor e crescente aparelhamento. Sou de parecer que esta Universidade faça sentir ao Prof. Paulo Sawaya a satisfação que nos deixou sua eficiente atuação, bem como o nosso agradecimento pelo interesse demonstrado, no processo dos cometimentos desta Universidade”.

Sala das Secções do Conselho Universitário, 6-10-51.

(a) *Dr. Edgar Altino de Araújo.*

*

COLABORAÇÃO COM A SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Para as comissões examinadoras do Concurso de Ingresso ao Magistério Secundário e Normal do Estado, realizado em fevereiro de 1951, foram nomeados, pelo Secretário da Educação, os seguintes Professores desta Faculdade:

Abrahão de Morais — Física

Antônio Augusto Soares Amóra — Português

Édison Farah — Matemática

Félix Rawitscher — História Natural

Gilles Gaston Granger — Francês

Heinrich Hauptmann — Química

John Francis Tuohy — Inglês

João Dias da Silveira — Geografia

Onofre de Arruda Penteado Júnior — Educação

Paulo Sawaya — Ciências

Pedro Moacyr Campos e depois Astrogildo Rodrigues de Mello —
História.

Roger Bastide — Sociologia

Além destes Professôres, que figuraram, nas comissões, como representantes oficiais da Faculdade, os licenciados citados a seguir, também foram nomeados para as diversas comissões de concurso:

Adélia Ferri Sim

Antenor Romano Barreto

Geraldo Camargo de Carvalho

Hélio Ornelas Borges

Hermann Zion

Lineu Camargo Schützer

Lucy Ribeiro de Moura

Manuel Nunes Dias

Odete Lourenção

Rozendo Sampaio Garcia

Shigueo Watanabe

Simão Faiguemboin

*

CURSO DE FÉRIAS

Em cumprimento ao que fôra deliberado pela Congregação da Faculdade, na última sessão de 1950 (v. *Anuário* dêsse ano, p. 89-92), foram ministrados, na segunda quinzena de janeiro de 1951, os cursos de férias para professôres do ensino secundário e normal do Estado, realizados em colaboração com a Secretaria da Educação.

Inscreveram-se, nesses cursos, 416 professôres. Coube ao Prof. Antônio Augusto Soares Amóra proferir a aula inaugural, realizada na manhã do dia 22, no auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos.

Encarregaram-se dos cursos os seguintes Professôres e Assistentes da Faculdade: Antônio A. Soares Amóra (Português), Armando Tonioli (Latim), Theodoro Henrique Maurer Júnior e Isaac Nicolau Salum (Francês), Higino Aliandro (Inglês), Luís Amador Sánchez (Espanhol), Omar Catunda (Matemática), Paulo Sawaya (Ciências e História Natural), Walter C. Schützer (Física), Ernesto Giesbrecht e Jandira F. Barzaghi (Química), Alfredo Ellis Júnior (História Geral e do Brasil), Aroldo de Azevedo (Geografia Geral e do Brasil), Laerte Ramos de Carvalho (História e Filosofia da Educação), Arrigo Angelini (Psicologia Educacional), Rafael Grisi (Pedagogia), André Dreyfus (Biologia Educacional) e Antônio Cândido de Mello e Sousa (Sociologia Educacional).

Realizados os exames, nos termos do regulamento aprovado pela Congregação, foram aprovados 238 candidatos, que receberam os respectivos certificados, por intermédio do Serviço de Expansão Cultural da Secretaria da Educação.

Os certificados expedidos pela Faculdade assim se distribuem, pelas diferentes disciplinas do currículo secundário e normal: Biologia Educacional, 11; Ciências Físicas e Naturais, 4; Espanhol, 7; Filosofia, 3; Física, 7; Francês, 15; Geografia Geral e do Brasil, 9; História da Educação, 4; História Geral e do Brasil, 32; História Natural, 4; Inglês, 11; Latim, 7; Matemática, 16; Pedagogia, 6; Português, 43; Psicologia Educacional, 30; Química, 12; Sociologia, 17.

*

COLABORAÇÃO COM ASSOCIAÇÕES CULTURAIS

De ano para ano, intensifica-se a colaboração da Faculdade com as associações culturais do Brasil e do estrangeiro, em cujos quadros os seus Professores, Assistentes e Licenciados, têm procurado, com verdadeira dedicação, realizar trabalhos que representem algo de valioso para o desenvolvimento cultural de nosso País, nos mais variados domínios das suas muitas especialidades.

Entre outras, e restringindo-nos apenas ao âmbito nacional, destacam-se, neste setor, as seguintes associações:

- Academia Brasileira de Ciências
- Associação dos Geógrafos Brasileiros
- Associação Paulista de Educação
- Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
- Fundação Getúlio Vargas
- Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
- Sociedade Brasileira de Biologia
- Sociedade Brasileira de Botânica
- Sociedade Brasileira de Geologia
- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
- Sociedade Brasileira de Química
- Sociedade de Estudos Filológicos
- Sociedade de Estudos Históricos
- Sociedade de Psicologia de São Paulo
- Sociedade de Sociologia

*

FUNDAÇÃO ROCKEFELLER

Cumpra reconhecer a colaboração valiosa de outras instituições para o desenvolvimento dos trabalhos científicos que vêm sendo realizados nesta Faculdade. Entre estas, merece destaque especial a Fundação Rockefeller, através, principalmente, de subvenções, sem as quais teriam sido impossíveis diversas pesquisas, notadamente no campo das Ciências Físicas e Naturais, ou de bôlsas de estudo das quais se têm beneficiado muitos dos Professores e Assistentes dêste Instituto. Indicações, sôbre a distribuição das bôlsas e das subvenções, encontram-se nos relatórios dos Senhores Professores e no ítem sôbre os bolsistas do capítulo Intercâmbio Cultural.



XV - Cursos Livres



CURSO LIVRE DE LÍNGUA E LITERATURA HEBRAICA

No mês de março tiveram início as aulas dêste curso que, desde 1946, vem sendo ministrado pelo Prof. Dr. Fritz Pinkuss.

Seguindo o modelo das demais Cadeiras de Língua e Literatura da Faculdade, a de Hebraico tem por finalidade ensinar o idioma clássico e moderno, estudá-lo na sua base filológica, sua literatura de tôdas épocas e a cultura do hebraísmo. Estas matérias estão distribuídas em três anos, abrangendo o seguinte programa:

1.º ano: Curso elementar com textos escolhidos, fornecidos pelo professor. Criação de um tesouro de vocábulos. Explicação dos elementos de gramática.

2.º ano: Textos escolhidos da literatura clássica, explicação filológica e do seu valor para a cultura mundial. Gramática filológica. Exercícios de estilo e textos sem vocalização.

3.º ano: Literatura medieval e moderna, com as mesmas explicações. Exercícios de estilo. Noções de filologia semítica em relação ao hebraico. (Eventualmente, introdução ao aramaico bíblico e talmúdico).

Está previsto o funcionamento de um quarto ano (acompanhando a nova organização dos cursos normais da Faculdade), em que os estudos terão um caráter mais intensivo, compreendendo, principalmente, o estudo da História e da Literatura.

Em 1951, inscreveram-se 12 alunos, que freqüentaram regularmente os três anos do Curso.

A Cadeira está em contacto com apreciável número de entidades congêneres dos Estados Unidos e da Palestina, principalmente com a Cadeira de Hebraico Clássico da Universidade de Harvard, regida pelo Prof. Dr. Robert H. Pfeiffer.

Em dezembro de 1951, foi encaminhado à Assembléia Legislativa um ante-projeto de lei, já aprovado pelo Conselho Universitário, criando um novo Curso de Letras Orientais, que fará parte regular da Secção de Letras. O Curso Livre de Hebraico passará, com a efetivação dêste projeto, a curso regular, integrante das Letras Orientais.

Dados biográficos do Prof. Dr. Fritz Pinkuss

É doutor em Filosofia "Magna Cum Laude" pela Universidade de Würzburg, Alemanha, tendo obtido êsse grau, em 1929, com a dissertação "Moses Mendelssohn's Verhaeltnis zur Englischen Philosophie". Estudou, posteriormente, no Seminário Teológico de Bresslau e na Aca-

demia de Ciências Judaicas de Berlim, onde, em julho de 1931, obteve o “Diploma Rabínico”. Veio para o Brasil em 1936, fundando a primeira Congregação Israelita do País, da qual é rabino.

Estudioso da história e da literatura de Israel, o Prof. Dr. Pinkuss tem publicado diversos trabalhos, entre os quais: “O caminho de Israel através dos tempos”, “As línguas semíticas e o Hebraísmo”, “A religião israelita na sinagoga e no lar” (texto português e hebraico), “O que nos conta a nossa Bíblia” (1944), “Gramática Hebraica” (1948), “Machsor” livro de orações para as grandes festas israelitas (1949), em colaboração com o rabino H. Lemle, além de numerosos artigos em jornais e revistas do Brasil e dos Estados Unidos.

Tem em preparo uma História da Literatura Hebraica (a primeira em língua portuguesa) e um “Livro de orações” para todo o ano. Este trabalho representa a primeira publicação, em português, da liturgia hebraica.

*

CURSO LIVRE DE HISTÓRIA DA ARTE

A cargo do Prof. Giannino Carta, desenvolveu-se êste curso, de 18 de abril a meados de outubro, em 32 aulas. O número de inscritos elevou-se a 111. Entretanto, somente um número bastante reduzido terminou o curso.

Teve objetivo acentuadamente propedêutico, buscando salientar os laços que ligam a disciplina, no quadro dos conhecimentos humanos, e a sua posição nesse amplo conjunto, como se pode constatar através do programa apresentado pelo Prof. Carta.

- I — Introdução ao estudo da História da Arte — Conceito e significado de Arte — Arte e natureza — Arte como equivalente da Civilização e da História — Arte e “não arte” — Arte e técnica.
- II — Estética do “conteúdo” e estética da “forma” — Distinção entre estética e ética — Arte e religião — Arte e sentimento — A Arte como intuição — O “Belo”.
- III — Conceito de “artes figurativas” ou “plásticas” — Os ciclos da Arte Mediterrânea e Ocidental.
- IV — A Arte na Pré-história.
- V — A Arte egípcia e assírio-babilônica.
- VI — A Arte cretense-micênica e a Arte etrusca.
- VII — A Arte grega.
- VIII — Arte helenística e greco-romana.
- IX — O Cristianismo e a conclusão do ciclo clássico — A Arte paleocristã em Roma, Constantinopla e Ravenna.
- X — Separação entre a Arte ocidental e a oriental — A Arte bizantina — A Arte do Islão.

- XI — A transição e a Arte carolíngia.
- XII — A Arte na Itália até o século XIII — O estilo românico.
- XIII — A Arte na Europa setentrional nos séculos XI e XII — O estilo gótico. O estilo gótico na Península ibérica.
- XIV — A Renascença:
- XV — Desde a arte dos “mestres comacini” às esculturas de Nicolò, Giovanni e Andrea Pisano.
- XVI — A pintura nos séculos XIII e XIV em Roma, Veneza, Siena e Florença — Giotto.
- XVII — A Arte italiana no século XV — Brunelleschi e a arquitetura — Ghiberti, Donatello e Jacopo della Quercia e a escultura.
- XVIII — A pintura em Florença desde Masaccio até Ghirlandaio.
- XIX — A pintura na Itália central e setentrional — A escola de Veneza.
- XX — A arte italiana no século XVI — A arquitetura de Bramante a Michelangelo — A escultura de Sansovino a Michelangelo.
- XXI — A pintura italiana no século XVI — Leonardo, Rafael, Michelangelo, Ticiano, Giorgione, Tintoretto.
- XXII — A arte na Europa setentrional nos séculos XV e XVI — A pintura flamenga de Huybrecht van Eyck a Breughel, o Velho. A pintura alemã desde a escola romana até Duerer e Holbein.
- XXIII — A Renascença na França, na Alemanha e na Europa setentrional.
- XXIV — A Arte nos séculos XVII e XVIII — O Barroco — A arquitetura na Itália de Bernini ao Borromini — A pintura de Michelangelo de Caravaggio a Salvator Rosa.
- XXV — A Arte flamenga no século XVII — Rubens, Van Dick, Rembrandt e Franz Hals — As Escolas de Haarlem, Leida Delft e Amsterdã.
- XXVI — El Greco e a pintura espanhola no século.
- XXVII — Velasquez.
- XXVIII — A Arte francesa nos séculos XVII e XVIII — O estilo “rococó” — A pintura veneziana no século XVIII, de Tiepolo aos “Canaletto”.
- XXIX — Goya — A pintura inglesa de Hogarth a Guilherme Turner.
- XXX — A Arte neoclássica — Os Românticos.
- XXXI — A Arte moderna — O realismo na França — O impressionismo na França e na Itália — Os pré-rafaelistas — Os expressionistas.
- XXXII — Arte contemporânea.
- XXXIII — Conclusões.

Dados biográficos do Prof. Carta:

Nasceu a 9 de maio de 1905, na Itália. Estudou em Gênova e em Roma. Em 1926, diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Gênova. A seguir especializou-se em História Geral, História da Filosofia e História da Arte, na Faculdade de Filosofia da mesma Universidade.

De 1930 a 1940, lecionou História da Arte nos cursos clássicos superiores dos Colégios Nacionais Italianos.

Jornalista e crítico; redator-chefe do "Secolo XIX" de Gênova, de 1932 a 1943; diretor do "Corrieri del Mare", também de Gênova, de 1930 a 1942. Colaborou e colabora nas principais publicações periódicas e cotidianas da Itália, entre as quais: "Il Messaggero" de Roma, o "Secolo XIX" de Gênova, "Illustrazione Italiana" de Milão, "Settimana Incom" de Roma, etc.. Transferiu-se para o Brasil em 1946. Desde maio de 1948, é redator d'"O Estado de São Paulo".

XVI - Publicações



BOLETINS

A coleção de *Boletins*, iniciada em 1938, e da qual foram publicados 135 volumes até 1951, representa um dos mais importantes trabalhos realizados pela Faculdade, como publicação que é dos numerosos estudos e pesquisas que Professôres e Assistentes realizam em suas diversas Cadeiras e Departamentos.

Distribuídos às mais importantes instituições científicas do país e do estrangeiro, constituem os *Boletins* o mais valioso elemento para a projeção já internacional, da Faculdade. De sua distribuição tem resultado grande movimento de permuta com as mais renomadas publicações científicas da atualidade.

Em 1951, foram publicados 20 volumes dos *Boletins*, que aqui se relacionam, pela ordem alfabética das Cadeiras e com os respectivos sumários:

BOTÂNICA — n.º 9 (Boletim 117) — *Ferri, Mário Guimarães* — Fotodestruição do fito-hormônio ácido indolil-3-acético por compostos fluorescentes.

ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 20 (Boletim 123) — *Yapuguai, Nicolas* — Tábua dos graus de parentesco em guarani.

ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI — n.º 21 (Boletim 135) — Vocabulário português-brasílico (Mss. do século XVIII, transcritos e ordenados por Plínio Ayrosa).

FILOLOGIA ROMÂNICA — n.º 2 (Boletim 126) — *Maurer Júnior, Theodoro Henrique* — A unidade da România ocidental.

FILOLOGIA ROMÂNICA — n.º 3 (Boletim 128) — *Maurer Júnior, Theodoro Henrique* — Dois problemas da língua português: o infinito pessoal e o pronome SE.

FILOSOFIA — n.º 4 (Boletim 151) — *Carvalho, Laerte Ramos de* — A formação filosófica de Farias Brito.

GEOGRAFIA — n.º 5 (Boletim 116) — *Araújo Filho, J. R. de* — A baixada do Rio Itanhaem.

GEOGRAFIA — n.º 6 (Boletim 120) — *Azevedo, Aroldo de* — *Matos, Dirceu Lino de* — Viagem ao Maranhão.

GEOGRAFIA — n.º 7 (Boletim 132) — *Müller, N. L.* — Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo.

GEOLOGIA — n.º 6 (Boletim 130) — *Freitas, Ruy Osório de* — Ensaio sobre a tectônica moderna do Brasil.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — n.º 12 (Boletim 118) — *Zemella, Mafalda P.* — O abastecimento da capitania das Minas Gerais, no século XVIII.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — n.º 13 (Boletim 141) — *Ellis Júnior, Alfredo* — O Café e a Paulistânia.

LETRAS — n.º 7 (Boletim 122) — *Figueiredo, Fidelino de* — Estudos de Literatura (5.ª série).

LETRAS — n.º 8 (Boletim 124) — *Hankiss, Jean* — La littérature et la vie: problématique de la création littéraire.

LETRAS — n.º 9 (Boletim 125) — *Spina, Segismundo* — Fenômenos formais da poesia primitiva.

LÍNGUA E LITERATURA GREGA — n.º 3 (Boletim 113) — *Coimbra, Aluísio de Faria* — Algumas formas de diferenciação: estudo morfológico.

LÍNGUA E LITERATURA INGLÊSA — n.º 1 (Boletim 127) — *Aliandro, Higino* — John Donne no movimento literário metafísico.

QUÍMICA — n.º 3 (Boletim 129) — *Rheinboldt, H.* — Introdução. *Rheinboldt, H.* — *Berti, F.* — *Cilento, G.* — *Perrier, M.* — *Pregolato, W.* — *Nazário, G.* — Sistemas binários de monoderivados isômeros da naftalena. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — *Giesbrecht, E.* — *Levy, A.* — *Cecchini, M. A.* — *Campos, H.* — Inter-substituição isomorfogênea de cloro e bromo em compostos orgânicos. *Rheinboldt, H.* — *Levy, A.* — Sistemas binários de 4-fluoroanilidas com as cloro-, bromo-, e iodoanilidas correspondentes. *Rheinboldt, H.* — *Levy, A.* — *Cilento, G.* — *Cecchini, M. A.* — *Giesbrecht, E.* — Formação de cristais mistos entre compostos aromáticos halogenados e metilados. *Rheinboldt, H.* — *Levy, A.* — Substituição isomorfogênea de hidrogênio pelo fluor em núcleos aromáticos. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — Estudo sistemático sobre a inter-substituição isomorfogênea dos átomos e pseudo-átomos halogêneos na posição 1- da 2,4-dinitrobenzena. *Rheinboldt, H.* — *Nazário, G.* — A inter-substituição isomorfogênea dos halogêneos e pseudo-halogêneos na posição beta da naftalena. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — Sobre a possibilidade da substituição isomorfa do cianogruppo pelos halogêneos em compostos orgânicos. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — Sistemas binários de haletos orgânicos com os tiocianatos e selenocianatos correspondentes. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — Sistemas binários de 1-ciano-2,4-dinitrobenzena e os compostos ON, NH₂, OCH₃ e H correspondentes. *Rheinboldt, H.* — *Perrier, M.* — Sistemas binários de cianetos orgânicos com os tiocianatos e selenocianatos correspondentes. *Rheinboldt, H.* — *Giesbrecht, E.* — *Mathias, S.* — Sistemas binários de benzoatos e tio-benzoatos ali-

fáticos. *Rheinboldt, H.* — *Berti, F.* — *Cilento, G.* — Sistemas binários de ésteres e tioésteres aromáticos. — *Rheinboldt, H.* — *Giesbrecht, E.* — Sistemas binários de benzoato e tiobenzoato com selenobenzoato de fenilo. *Rheinboldt, H.* — *Berti, F.* — *Cilento, G.* — Sistemas binários de amidas e tioamidas. *Rheinboldt, H.* — *Cecchini, M. A.* — *Pregnotato, W.* — *Cilento, G.* — Sobre a possibilidade da substituição isomorfogênea de oxigênio ou enxofre pelo imino- ou metileno- grupo, como também dos dois últimos, em compostos orgânicos acíclicos. *Rheinboldt, H.* — *Giesbrecht, E.* — *Perrier, M.* — *Cecchini, M. A.* — Relações de isomorfia entre substâncias de dupla e diversa inter-substituição isomorfogênea.

SOCIOLOGIA — n.º 2 (Boletim 121) — *Bastide, Roger* — Estudos afro-brasileiros (2.ª série).

ZOOLOGIA — n.º 16 (Boletim 142) — *Marcus, E.* — Turbellaria brasileiros. *Marcus, E. du Bois-Reymond* — On South America Geoplanids. *Corrêa, D. D.* — Freshwater Neomertines from the Amazon Region and from South Africa. *Sawaya, M. P.* — *Achelia besnardi*, n. sp.. *Rosa, C. N.* — Notas sobre o desenvolvimento normal de um sapo. *Mendes, E. G.* — *Pérez González, M. D.* — *Coutinho, M. L.* — On the function of haemoglobin in limnic Oligochaeta. *Valente, D.* — *Bruno, A.* — Conteúdo mineral do sangue de invertebrados marinhos. *Sawaya, P.* — *Mendes, E. G.* — Cholinesterase activity of electric organ of *Narcine brasiliensis*.

*

OUTRAS PUBLICAÇÕES CULTURAIS

Além dos *Boletins*, foi programada para 1951 a edição de outras publicações de ordem cultural — as coleções *Textos e Documentos e Cursos e Conferências*, a primeira, destinada à divulgação dos inéditos e das obras raras de maior interesse para a cultura nacional, de preferência os existentes na Coleção Lamego, valioso acervo documental e bibliográfico, adquirido pelo Governo do Estado e incorporado à Biblioteca Central da Faculdade; e a segunda, destinada, como o próprio título indica, à divulgação dos trabalhos de extensão universitária, realizados na Faculdade.

A coleção *Textos e Documentos* foi iniciada com a reedição, apresentada e prefaciada pelo Prof. Carlos Drummond, da “Relação da conquista do gentio xavante”, raríssimo opúsculo de fins do século XVIII, atribuído a José Rodrigues Freire.

Para iniciar a coleção *Cursos e Conferências* foi escolhida a conferência realizada na Faculdade, pelo eminente filólogo J. Marouzeau, sobre o tema: “A Contribuição do Grego para o Latim”, traduzida, do francês, pelo Prof. Dr. Urbano Canuto Soares.

PUBLICAÇÕES INFORMATIVAS

Neste setor, cumpre salientar, em 1951, a publicação de um *Guia* informativo sôbre a organização e os cursos da Faculdade; a distribuição mensal do *Boletim de Informações* e, principalmente, o importante trabalho de atualização do *Anuário*, interrompido desde 1938.

*

MULTILITH

Finalmente, cumpre noticiar, a instalação de um aparelhamento completo de Multilith, o que vem abrir, neste setor, amplas possibilidades à Faculdade.

XVII - Bibliotecas



A Faculdade dispõe de uma Biblioteca Central, dirigida pelo Bibliotecário-chefe Dr. Aquiles Raspantini, e de várias Bibliotecas Departamentais, organizadas e dirigidas pelos chefes dos respectivos Departamentos e Cadeiras.

Quer pelo número de obras, quer pelo caráter de especialização que as distingue nitidamente, pode a Faculdade regozijar-se de ter a seu serviço um dos mais ricos e eficientes acervos de livros e revistas, dentre os existentes no Brasil.

Nas Bibliotecas Departamentais, as consultas são reguladas pelos próprios Professores das Cadeiras ou pelos dirigentes dos Departamentos. Dados sobre o movimento destas Bibliotecas encontram-se nos relatórios dos Senhores Professores, no capítulo Atividades das Cadeiras e Departamentos.

Na Biblioteca Central, porém, por ser procurada por grande número de alunos e por pessoas estranhas à Faculdade, as consultas obedecem a um Regimento Interno, aprovado pela Diretoria da Faculdade, em 1939, e que se encontra transcrito no Guia da Faculdade de 1951.

Sobre o movimento da Biblioteca Central, durante o ano de 1951, apresentou o Bibliotecário-chefe o relatório transcrito a seguir:

Número de volumes existentes (em 31-12-1951) 34.700

Número de consultas durante o ano

Na Biblioteca	2.571
Em domicílio	1.921
	<hr/>
Total	4.492

Requisições por assunto

Ciências matemáticas	10
Ciências físicas	11
Ciências biológicas	122
Filologia, Linguística	479
Literatura	1.701
Religiões	53
Filosofia	925
Geografia, História	760
Engenharia	1
Medicina	-
Agricultura, Ciências agrícolas, Indústria animal	3

Artes, Ofícios, Comércio, Indústria	-
Belas artes	15
Desportos	-
Arte e ciência militar	1
Educação, Ensino	117
Ciências jurídicas	4
Ciências econômicas, políticas e sociais	217
Bibliotecologia	2
Obras gerais	141

Requisições por idioma

Português	2.356
Francês	1.506
Inglês	66
Italiano	58
Espanhol	329
Alemão	10
Outros idiomas	167

Obras entradas durante o ano

Por compra	278
Por doação	736

Observação: As doações constam de obras completas e publicações periódicas

a) Aquiles Raspantini (Bibliotecário-chefe)
São Paulo, 1.º de agosto de 1952

XVIII - Associações de Alunos e Antigos Alunos



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DE QUÍMICA

Atividades do ano de 1951

REUNIÕES E CONFERÊNCIAS

- 16-2-51 — Sessão cinematográfica, com filmes cedidos pela Shell-Mex do Brasil.
- 19-2-1951 — Cocktail de despedida ao Prof. Dr. Simão Mathias, pela sua viagem aos Estados Unidos, contemplado com uma Bôlsa de Estudo pela Fundação Guggenheim.
- 12-6-1951 — Em conjunto com o Seminário de Química Orgânica e Biológica, foi realizada uma conferência pelo Prof. Dr. Malcolm Dole, da Northwestern University, sob o título "Origem do oxigênio atmosférico".
- 27-7-1951 — Chá de despedida ao Dr. Marcelo de Moura Campos, em virtude de sua partida para os Estados Unidos, contemplado com uma Bôlsa de Estudo pela Fundação Rockefeller.
- Dezembro — Em conjunto com a Sociedade Brasileira para o Progresso (1951) da Ciência, foi realizada uma conferência pelo Prof. Dr. T. Katsurai, da Universidade de Tóquio, sob o título "Alguns aspectos curiosos da sedimentação dos colóides".

NOVA DIRETORIA

Em 3-7-1951, foi eleita a nova Diretoria da Associação para o biênio 1952-53, tendo a seguinte constituição:

Presidente: Ernesto Giesbrecht
Secretário: Eurico de Carvalho Filho
Tesoureiro: Wolfgang Ferdinand Walter

"SELECTA CHIMICA"

Em 1951 foi publicado o n.º 9 da "Selecta Chimica", a qual contém os seguintes trabalhos:

H. Rheinboldt, A vida e a obra de Jöns Jacob Berzelius, I. a vida.
E. Bergmann, New Reactions in the Acetylene Series.
Simão Mathias, Sobre as Relações entre a Refractividade e a Estrutura Molecular.

De 5 a 10 de novembro de 1951, a Associação participou da III Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belo Horizonte. Foram apresentados, pelos seus Associados, os seguintes trabalhos:

H. Rheinboldt e E. Giesbrecht, Triselenetos aromáticos.

E. Giesbrecht, Sulfetos de selenenilo aromáticos.

M. Perrier, Condenação de tiocianatos de selenilo com fenóis.

B. Wladislaw, Novas experiências sobre a reação dos compostos de enxofre com metais de Raney.

M. A. Cecchini, Compostos de Adição de aril-carbinóis com fosfinóxidos e arsinóxidos.

W. Walter, Propriedades de metais de Raney e sua ação sobre compostos orgânicos do enxofre.

G. Cilento, Comportamento recíproco de alguns cancerígenos e esteróides biliares.

A P Ê N D I C E



ALUNOS MATRICULADOS EM 1951

CURSO DE FILOSOFIA

1.º ano

Albertina Pereira dos Santos	Iulo Brandão
Alfredo Augusto de Carvalho e Silva Carmo	Joselina De Feo
Amaury Moraes De Maria	Luiz Washington Vita
Américo João Vicente Cardinale	Leyde Hoelz
Angelo De Capua Neto	Maria do Carmo Guimarães Barros
Anoar Aiex	Maria da Penha Carvalho
Ayrton Gomes de Oliveira e Silva	Maria Julia Figueiredo Ramalho
Branca Goichberg	Maria Piedade Coutinho
Concetta Foschini	Moysés Krasnicovitch
Cynéa Pinto Tavares	Nadyr Antonieta Laguna
Eloy Franco Oliveira	Oscar Menezes Barbosa
Emiliano Gomes de Brito	Rogério Duprat
Esdras Borges Costa	Rolando de Magalhães Couto
Fabio Carlos Lorenzi	Suad Haddad
Fernando Heráclio Silva	Suzana de Oliveira Pinto Moreira
Hildéa Reinert	Samuel Martins Barbosa
Isanto Donatz Ribeiro da Silva	Walter Hugo Khouri

2.º ano

Ailton de Melo Brito	José Aluysio Reis de Andrade
Amélia Americano Franco D. de Castro	José Arthur Giannotti
Antonio Augusto de Aguiar Magano	José da Conceição Esteves
Celso Waack Bueno	Nilda Maria Macruz
Eunice Martins da Costa	Roberto Cardoso de Oliveira
Francisco Cimino	Rodolfo Azzi
Gilda Cardoso	Tristão Pereira da Fonseca Filho
Helena Jardim Moreira	Vilma Elias
Joaquim Guimarães Pedroso	Violanda Lomba Guimarães Corrêa
Joaquim Nobre Pinto Nazario	

3.º ano

Francisco Bueno da Costa	Mario Leonidas Soares Casanova
Ivone Tessin	Martha Camargo Schützer
João Eduardo Rodrigues Villalobos	Nites Therezinha Feres
Maria Alice Ferraz de Azevedo	Ruy Afonso da Costa Nunes
Maria Aparecida Blandy Neves	Ruy Mesquita
Maria Thereza Roubaud Dias	Virgilio Xavier

4.º ano

Adolpho Martinelli
 Albertino Piason
 Ary Ramos Vieira Bastos
 Beatriz Alexandrina Pires de Moura

José Gilberto de Almeida
 Leticia Folgori Carboni
 Rubens Nerval Barbosa

CURSO DE MATEMÁTICA

1.º ano

Acrisio Gonçalves Pacheco
 Albino Perez Rodriguez
 Alfredo Fernandes de Almeida
 Almerindo Marques Bastos
 Antonio Cesio de Melo Nogueira
 Antonio Marzzionna
 Antonio Rocha Amorim
 Carlos Funari Prospero
 Carlos de Oliveira Penteado
 Cecilia Pinto Amaro
 Ernst Wolfgang Hamburger
 Hans Peter Heilmann
 Helio Leite do Canto
 Iracema Martin

Ivan Herculino de Oliveira
 Liliana Marsicano
 Lourdes de la Rosa
 Milton Damato
 Onofre Teive Paoliello
 Paulo Onesimo Affini
 Plinio Benedito de Lauro Castrucci
 Roberto de Godoy Andrade
 Tufi Mamed Assy
 Ubiratan D'Ambrosio
 Valtercides da Cunha Barbosa
 Victor Chakur
 William Russo

2.º ano

Arnold Preser
 Augusto Alves
 Gita Kukavka
 Ieda Neta de Carvalho
 João Milton Ramos de Castro
 José Murillo Arruda
 Lissy Ephraim
 Luiz do Amaral
 Michal Lando

Nelson Pires
 Neydy de Campos Melges
 Octavio Tamandaré Uchôa
 Râmisa Jorge
 Ricardo Alfredo von Brewer Pereira
 Rubens Monteiro Lamparelli
 Scipione Di Pierro Netto
 Sylvio Andraus
 Waldyr Muniz Oliva

3.º ano

Alexandre Augusto Martins Rodrigues

Lajos Rimai

4.º ano

Antonio Morales

Flavio Fausto Manzoli

CURSO DE FÍSICA

1.º ano

Abraham Szule
 Aleardo Pastore
 Amélia Fausto Império
 Bruno Ulysses Mazza
 Clodoaldo Pette
 Ewa Wanda Cybulska

Fernando Ruiz Dondici
 Gerhard Wilhelm Bund
 José Pereira Lima
 Rubens Sewaybricker
 Wilson Cunha

2.º ano

Celso Maria de Queiroz Orsini
 Darwin Bassi
 Einih Leiderman
 Gianini Ascarelli
 João Martins
 José de Anchieta Brandão
 Luiza Curado

Mario Belbusti Filho
 Napolião Modesto Arraes
 Nelson Russo
 Nuncio Roberto Chieffi
 Ruth Pereira da Silva
 Suzana dos Santos Villaça
 Zenonas Staseweskas

3.º ano

Aron Kuppermann
 Issao Nishi
 Juraj Suszmann
 Ottavia Adelaide Borello

Newton Bernardes
 Nicolao Jannuzzi
 Paulo Roberto de Paula e Silva
 Waldir Carlipp

4.º ano

Abraham Hirszt Zimermann

Klaus Stefan Tausk

CURSO DE QUÍMICA**1.º ano**

Helga Windmüller
 Maria Cecilia Ferraz de Oliveira
 Mario Augusto de Andrade e Silva
 Mario Renato Krausz

Mina Fichman
 Petru Varnai
 Selma Josefina Woegerer
 Therezinha Brandão Machado
 Theresinha Aranha Pacheco

2.º ano

Abigail de Albuquerque Maranhão
 Adhemar de Barros Filho
 Angélica Ambrogi
 Carla Cremaschi
 Dorothy De Felice
 Francisca Augusta Pereira Lima
 Geraldo Vicentini
 Hans Hjalmar Paul Beugger
 Konrad Wolfram Werner Güth

Maria José Guedes
 Milton Moraes Campos
 Paolo Filippa
 Vicente Guilherme Toscano
 Wolfdietrich Ernst Erich Friedrich
 Wilhelm Borges
 Wolfdietrich Ernst Erich Friedrich-Wi-
 Yara Tavares

3.º ano

Adelaide Lopes de Faria
 Alexandra Popoff
 Cyro Marino
 Dario Moura de Araujo
 Francelina Martins Mirando Bouchet

Heloisa Pires Moreira
 Horst Berl
 Jeanne Hortense Villin
 Katsunori Wakisaka
 Wilson Fererira

4.º ano

Alcideo Abrão
 Aldo Perracini
 Armando Butrico
 Astréa Mennuci Giesbrecht

Blanka Wladislaw
 Constância Pagano
 Egle Amore
 Eline Michelet Sant'Anna

Ernesto Leo Mehlich
 Fajga Ruchla Mandelbaum
 Florinda Orsatti
 Gerson Rodrigues
 Lelia Menucci
 Luiz Roberto Moraes Pitombo
 Marco Antonio Guglielmo Cecchini

Mario Pena Rocha
 Nicola Petraghani
 Nivea de Barros Waack
 Paulo Anna Bobbio
 Koza Davidson Kuppermann
 Zuleika Broniscer
 Werner Germano Gallenkamp
 Wolfgang Ferdinand Walter

CURSO DE HISTÓRIA NATURAL

1.º ano

Abeylard de Queiroz Orsini
 Alberto Barbosa Pinto Dias
 Alberto Leão Fuerte
 Camilo Antonio Mourão
 Célia Almeida Cabral
 Celso Abbade Mourão
 Estela Aparecida Pasqualini
 Eugesse Cremonesi
 Eurico Coelho
 Faisal Cury
 Gabriella Tagliacozzo
 Geisa Gaudie Ley
 João Grecco
 José Conti da Silva

Leão João Pouza Machado
 Luiz Dino Vizotto
 Maria da Glória Blumer
 Maria José Martins
 Mariana Teixeira Mendes
 Marina Prata
 Miyoko Ishida
 Ottaviano Carlo De Fiore
 Reica Takeda
 Rita de Cassia Sampaio Scanelli
 Ruth de Azevedo Antunes
 Samuel Murgel Branco
 Terezinha de Castro
 Walter Narchi
 Wilma Bracher Scheiba Ribas

2.º ano

Bernardo Beiguelman
 Cleide Severina Mazzarollo
 Dalva Amorim Teixeira Coelho
 Dirce Brussi de Carvalho
 Edna Leoni Baptista
 Erika Schlenz
 Francisco Kazuhiko Takeda
 Leny Cecilia Ribeiro
 Luiza Salinas Castanho

Lydia Meneghini
 Maria Dolores Salinas
 Maria Nilze Cintra
 Maria Therezinha Duarte de Almeida
 Murillo Cabral Porto
 Myriam Krasilchik
 Orlando Gigliotti
 Reinholt Ellert
 Salette Maria Antonia Prado Moons
 Zélia Drumond, Ortiz

3.º ano

Alfredo José Simon Bjonberg
 Kaoru Hosoe
 Lélia Hoehne
 Luiz Edmundo de Magalhães

Maria Amélia Braga de Andrade
 Nícia Dulce Sayão Wendel
 Norma Maria Cleffi
 Walburgis Baptistella

4.º ano

Ana Amélia Ancona Lopez
 Antonia Ribeiro Franco
 Cecília Mattos Ulson
 Claudio Gilberto Froehlich

Eudoxia Maria de Oliveira Pinto
 Helena Villaça
 Liliana Forneris
 Neuza Guerreiro

CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA**1.º ano**

Alice José Alves	Irene Matioli
Alice Miguel Cury	Itália Massa
Benevenuto Italo Cirenza	Lamartine Cardoso
Carlos Aurélio Mota de Souza	Luiza Hosoe
Carlos José de Almeida	Maria Altair Gouvêa Prado
Dante Zanetel	Marília Barreira
Decio Matos Nogueira	Marília Soares Rezende
Dirce Virgínia Ferraresi	Martim Fernandes Bueno de Mesquita
Elisabeth Quadros Barros	Paulo Celestino Vatanabe
Georgina Del Bianco	Paulo Celso Castilho
Giannina Valério	Paulo Ribeiro Salles
Helcio Itaner Costa	Persio Freitas de Mello
Helena Cerilla Jucevicius	Roberto Schnörrenberg
Heliete Franceschini	Sarah Gordon
Ida Lorenzi	Vicente Morellato Neto
	Yone Rocco

2.º ano

Agostinho de Oliveira Falleiros	Lazara de Moraes
Ana Amélia Musa Pessoa	Luiz Lisanti Filho
Angelo de Francisco	Luiz Sacconi Filho
Benedicta Marques Pinho	Luiza Maria Lorena Barbosa
Claudio Monteiro	Maria Aparecida Ciampi
Clélia Dionísia Sansigolo	Maria Conceição Brandão
Daisy Ferreira Guimarães	Maria Francisca Thereza Toscano
Domingas Joana Donato	Vergara
Donald Erix Pereira	Maria Lellis de Souza
Dulcinéa Camargo	Maria Luiza Petrilli
Eloá Betet Furlan	Maria Thereza Schörer
Erothildes Millan	Marina Pina do Nascimento
Fausto Ribeiro de Barros	Nazima Buraad
Felícia Montemurro	Nilde de Andrade
Gerda Nunes Davanzo	Odete Elias
Cleidy Sabino Fernandes	Olga de Assumpção Flores
Helena Frade	Presciliana Rodrigues de Moraes
Helena Pignatari	Pereira
Ignácio Nobutaka Takeda	Salua Assad Abirad
Iraci Jordão Nogueira	Uaded Boraad Yunes
Jarbas Sales de Figueiredo	Vera de Oliveira Conde Sotto
José Benedito de Maio Oliveira	Zoé Mendonça Campanhã
Júlio Cesar da Silveira Neto	Walter José Faustini

3.º ano

Carlos Latorre	Maria da Glória Vieira Nascimento
Desna Celoria	Maria José Sampaio Costa
Eurydes Baptista	Maria Thereza Guglielmi
Heloisa Maria Estela Belfort	Neyde Macedo
Fúria	Nobue Myazaki
José Chalita	Raphael Caetano Sansevero
Laura Aparecida Borges Zanetti	Regina da Cunha Rodrigues
Lina Pereira	Therezinha Rocha Batalha
Maiah de Almeida Pinsard	

4.º ano

Alicia Massad
 Beatriz Rodrigues Lessa
 Dyrceu Teixeira
 Elza Mendonça Carrozza
 Emília da Costa Nogueira
 Francisca Marinho Nunes
 Francisco Ambrósio de Miranda
 Helena Mendes de Castro
 James Noronha de Souza

João Baptista de Macedo
 Maria Cecília França
 Maria das Dores Lopes
 Mariam Abu-Jamra
 Marina Dias de Carvalho
 Myriam Ellis
 Sophia Cardoso de Almeida
 Waldemar Panadés

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**1.º ano**

Alberto Milani
 Angelina Cabral de Teves
 Anna Maria Adamo
 Anna Mathilde Penteado Millan
 Arthur de Moraes Cesar
 Atsuko Haga
 Carmen Ferreira Kuchembuck
 Célia de Carvalho
 Célia Ribeiro Nunes Galvão
 Chulamit Roizen
 Dirce Lagana
 Eunice Todescan Ribeiro
 Genoveva Garcia de Oliveira
 Jair Russo Figueiredo

José Rotenberg
 Leda Eneida Banzato
 Leila Coury Athié
 Luiz Carlos Mesquita
 Maria Juvenil da Cunha
 Miguel Voigt
 Nelson Polo
 Nely Pereira Pinto
 Oscar Faria
 Regis Duprat
 Rosa Rosemberg
 Veridiana do Amaral
 Yolanda Schullier dos Santos
 Yukio Kitahara

2.º ano

Alfredo da Costa Pereira
 Helvio Meris Pinheiro Lima
 João da Luz Souza

José Tavares de Mello
 Maria Helena Braga de Andrade

3.º ano

Célia Coelho Pinto de Almeida
 Fernando Henrique Cardoso
 Gastão Thomaz de Almeida
 Helena Maria Panizza
 Marialice Mencarini

Maria Neusa Avenia
 Maria Sylvia de Carvalho Franco
 Octavio Ianni
 Ruth Villaça Corrêa Leite

4.º ano

Altair da Silva Macuco
 Alvaro Marchi
 Américo Marques Bronze

Glette de Alcantara
 Lolio Lourenço de Oliveira
 Renato Jardim Moreira

CURSO DE LETRAS CLÁSSICAS**1.º ano**

Aharon Sapsezian
 Antonio Silveira dos Reis
 Cecília Therezinha Pinto Monteiro

Celina Daruiz
 Diana Andraus
 Dino Fioravante Preti

Expedito Parise Correia
 Flávio Vespasiano Di Giorgi
 Jeannette Navajas Machado
 Jesus Geraldo de Andrade
 João Batista Bonetti
 João Muniz Rola
 Joaquim Rodrigues Lima
 José André Casas Garcia
 José Violante
 Laila Duoun
 Léa Leal Pacheco

Luis Fernandes da Cunha
 Milton Campana
 Nivaldo Ary Nogueira
 Orlando Bastos
 Paulo Barbosa Villaça
 Pedro Trabbold Junior
 Pitágoras de Almeida Camargo
 Sabino Stênico
 Sebastião Castro Santos
 Seika Mizaguti

2.º ano

Abner Lellis Corrêa Vicentini
 Alberto de Barros Rangel
 Antenor Piola
 Antonio Alves de Palma Guimarães
 Filho
 Arthur Cogan
 Daphne Cecília Pasotti
 Dermal de Camargo Monfré
 Dorival Soares Ramos
 Edmundo Benedito Alves de Mattos
 Gilberta Sampaio De Martino
 Haydée Kranbuhl
 Inah Maria Leoni

Jayme Gonçalves Salgado
 Léa Beatriz Insuela
 Leonor Bindo Gomes da Silva
 Luis Carlos Rodrigues da Silva
 Manoel dos Reis
 Maria Bacchetto
 Maria Lindomar Martins Vale
 Neuza Aparecida da Costa
 Ramiro Ucha Campos
 Renato Martins Mattosinho
 Reynaldo Canevari
 Zilah Assef
 Walter Lobo

3.º ano

Alfredo Augusto Rodrigues
 Antonio Martins Ferreira
 Antonio Poli Lacerda
 Dulce Tristão da Rocha
 Fernando Carvalho
 Jayme Kawas
 João de Andrade

José Benedito Chiaradia
 José Manuel Novaes Arruda
 Manuel Lazaro Pereira
 Maria Aparecida Gaeti
 Maria Edith do Amaral Carboggini
 Maria Nair Moreira Rebelo
 Moacyr Parize Correia
 Pio Rodrigues de Lima

4.º ano

Francisco Carlos Soderó
 Geraldo Tabarini dos Santos
 Luciana Orfei
 Maria Aparecida Genovez
 Maria Luiza Fernandez

Miguel Salles
 Nilo D. Scalzo
 Norma Di Grado
 Oclecio Renato Rogano

CURSO DE LETRAS NEOLATINAS

1.º ano

Américo Moraes
 Ana Maria Dias de Andrade
 Antonio de Lima Nepomuceno
 Aracy de Azevedo
 Bruna Anna Denti

Cecília Mello Mattos de Castro
 Cléa Baptista Gomes
 Domingos Golia
 Eduelpha Maria Noemi Taranto
 Eliane Lemos de Oliveira

José Alves de Mello
 José Schmitt Corrêa
 Joseita Maria Martins
 Lia Zanetti
 Lineihir Vallini
 Liselotte Loepert
 Lygia de Carvalho Gramani
 Magda Fenyves
 Maria Camilla Trentini
 Maria Emilia da Silva

Maria Tereza Frascino
 Myrian Magda Galante
 Naief Safady
 Orlando Dessordi
 Regina Helena Mendes Leite
 Romeu Ritter dos Reis
 Rosa Maria Gama Rodrigues
 Vilma Alves Cruz
 Vilma Machado Costa
 Wilma Pommé

2.º ano

Angela Gonçalves da Fonseca
 Celly Vieira da Costa
 Celso Guimarães da Fonseca
 Decio de Almeida Prado
 Dora Vitoria Galante
 Edna Silva
 Elza Monterroso Gonçalves
 Enid Cesar Marques
 Hilda Westin de Cerqueira
 Isabel Sadalla

Magali de Azevedo Nogueira
 Maria Lúcia de Souza Palma
 Maria Sabina Kundman
 Natália Ostolopoff
 Niobel Dönatz Ribeiro da Silva
 Oclair Rosa
 Olga Ramos Fernandes
 Rita Guilhem
 Vilma De Katinszky
 Virgínia Nice Villaça
 Wanda Pommé

3.º ano

Annapaola Ventura
 Ada Natal
 Altani Lara Nogueira
 America Moral
 Anezia Thereza Giachetto
 Anna Paola Ventura
 Antonio Lazaro de Almeida
 Archalus Tchalikian
 Cacilda de Oliveira Camargo
 Celina Pimentel Rizzo
 Fernando Willi Bastos Franco
 Genia Wajtman
 Getúlio Vita de Lacerda Abreu
 Helly Caserta
 João Roberto
 Leonor Lopes
 Lúcia Cotrim Cobra

Luiza Eneida Banzato
 Madelcine Thudichum
 Maria Alice de Oliveira Faria
 Maria Alice Leite Prado Pinto
 Maria Floriscena Tassara Giraldes
 Maria Lúcia Rodrigues de Mattos
 Maria Thereza Queiroz Guimarães
 Martha Maria Pacheco de Paula
 Leite
 Mirian Conceição Mattei
 Neusa dos Santos Alves
 Neyde Antunes de Mattos
 Neyde Gonçalves Rocha
 Sarah Ortiz
 Thereza Josephina dos Reis
 Walter Sergio de Castro
 Wilson Pereira Borges

4.º ano

Alice Trindade Pereira
 Aracy Minucci
 Carmella Barbagallo
 Carmen Therezinha dos Santos
 Célia Pereira Aranha Ricardo
 Clara Martins Laginha Reinez
 Decia Livia Teixeira
 Esther Guimarães Proença
 Eunice Navajas
 Flávia Therezinha de Almeida
 Carvalho
 Francisco Daniel Trivinho
 Ieda Santos Barcelos
 Jessy Cassiano Cabral

Maria Anarecida Coudry
 Maria Cândida Rezende
 Maria Dulce Castelli de Almeida
 Maria Helena Costa
 Maria Isabel Alves Ferreira
 Maria José Duarte
 Maria de Lourdes Bernardes da Silva
 Maria de Lourdes Rodrigues
 Maria Luiza Medeiros Pereira de
 Souza
 Maria Martins Laginha Reinez
 Marilda de Gouvêa Martins
 Mercedes Passarelli
 Nícia Maria Machado

Nilza Antunes de Lemos
 Nilza Pereira da Silva
 Olga Pigosso
 Paulo Monte Serrat Filho
 Perola de Carvalho
 Salime Kfourri
 Suaad Saad

Thereza Maria Rangel Pestana
 Uydad Nassar
 Vera Braga Franco
 Yvonne de Felice Gonçalves
 Zaé Mariano Carvalho do
 Nascimento Jr.
 Wilma Silveira de Assis

CURSO DE LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS

1.º ano

Alda Stella Gaspar da Silva
 Cassino Nunes Botica
 Carlocyllas Barros da Rocha
 Claudette Lelina Paccola
 Ede Dellier Gomes
 Eugenio Cezar Bertoncini
 Esperança Teixeira de Freitas
 Héilo Silveira
 Ione Benfatti
 Ivone Terezinha de Faria
 João Lellis Cardoso
 José Dourador
 José Rangel de Almeida

Maria Thereza Tomassini de Carvalho
 Maria Aparecida Jardim del Monaco
 Maria Paula Cassal
 Maria Vicentina Ramos de Faria
 Maria Yolanda Umburanas
 Olga Mussellam
 Renato Luis Pereira de Souza
 Rosa Chulman
 Sada Ocimoto
 Samira Samara
 Sylvia Rosalina Pinto Sampaio
 Thereza Christina da Rocha e Silva
 Walter Bazille

2.º ano

Amélia Kiyoko Suguimoto
 Cherubim Bueno de Camargo
 Chloris Casale de Arruda
 Daisy de Miranda Rosa
 Doralice Cristiani
 Emiko Sooma
 Eufélia de Camargo Pupo
 Eva Bella Zilber
 Florentina do Amaral
 Hermine Maria do Rosário Safranek
 Ivany Cleide Tognonato
 Jeannette Chedick
 Jenny Paulo Antonio
 Johannes Dietrich Hecht
 José Nelson Tavares de Carvalho
 Júlia Gonçalves Amaro

Linda Tonon
 Liselotte Richter
 Maria Cecilia de Oliva
 Maria Guilhermina Leme
 Maria José de Toledo Eiras
 Maria Laura de Alcantara Telles
 Maria Salomé Ferraz de Arruda
 Maria Therezinha Pinheiro Machado
 Mario Romano
 Myrian de Oliveira Freire
 Norman Maurice Potter
 Salma Ayres Hamze
 Therezinha Oneide Haddad
 Vera Baptista
 Zoé Finhame

3.º ano

Amin Aidar Filho
 Amira Kurban
 Ana Maria Zitti
 Anna Lucy Albuquerque Jorge
 Clarice Naufal
 Dirce Ferrari de Biasi
 Dorothea Teicholz
 Elza Dagmar Pinto
 Elide Salim Fersé Nassur
 Elza dos Santos Elias
 Elza Saraiva Monteiro

Gilda Camargo de Carvalho
 Herbert Hugo Lichtenthäler
 Jamile Abdalla
 José Resstel
 Lúcia de Souza Cambeses
 Lycia Höfling
 Margarida Lenzi Fonseca
 Maria Aparecida Morrone
 Maria de Lourdes Prado
 Maria Haydée Gomes
 Maria Sylvia Ley

Nair Carvalho Mattos
Nancy Zattarelli
Neusa Jorge Longo
Neuza Rodrigues
Ruth Arouca

Scheva Niski
Victória Bustamante Rangel de Freitas
Wangelita Santos Loureiro
Wilma Pereira Costa

4.º ano

Adelia Purgato Carelli
Anna Walderez Ayres Neves de Alencar
Anna Thereza Birkholz Correia
Carmen Heléne Hildegard Hölck
Clara Fuchs
Francisca Depari
Irene De Mori
Jairo Bueno

Lucy de Souza Gitahy Teixeira
Lys Casale de Aruda
Maria Aparecida Semeghini
Maria de Lourdes Gomes
Nara Monte
Nelly Requejo Hernandez
Nilza Norma Brandão
Perola Rodrigues
Wildo João Pinheiro

CURSO DE PEDAGOGIA

1.º ano

Anna Alice Brandão de Figueiredo
Basa Lerner
Beatriz Machado Sayeg
Casemiro dos Reis Filho
Celeste Monaco Prado
Célia Teixeira
Chloris Sampaio Simões
Cizue Nomura
Daniel Rosa de Lima
Déa Nunes da Silveira Doréa
Denise Mola
Ebe Aparecida Gianotti
Eda Flávia Lotufo Rodrigues Alves
Eneida Pimentel da Silveira
Hedina Medeiros Pereira de Souza
Hilda de Almeida Guedes
Hyppolito Gomes Neves Filho
Iria de Almeida Castilho
Jahel Delpy de Mattos
Joanna Mader Elazari
José Guilherme De Nardi

Liliam Moura Silva
Lucy Rocha
Maria Amélia de Campos Netto
Maria Aparecida Figueira de Mello
Maria Aparecida Santarém
Maria Aparecida Teixeira da Fonseca
Maria Helena Contreiras de Figueiredo Steiner
Maria Luiza Medeiros Pereira de Souza
Maria de Lourdes Ribeiro Galvão
Maria Yvonne de Jacobina Rebello
Nelson Brollo
Odila Ferraz
Pedro Jorge
Pedro Machado Teixeira
Raul Anacleto
Renato Fiuza Teles
Reny Reis Gattás
Sonia Pereira Leite
Wilson de Paula Guimarães

2.º ano

Alice Pedro
Altamira Passos
Angelina de Lima
Anna Maria Smith Pimentel
Carlos Gomes
Celeste Freire
Célia Rodrigues Pereira
Claudio Magnani
Dulce Ribeiro
Edson Freire
Enny Martins
Estevão Souza Barros
Guilhermina Tetralda de Lima

Ivete Tannus
José Augusto Dias
José Fernando Ré
Leda de Moura
Lilas Silva de Paula
Loyde Amalia Faustini
Lygia Tammone
Maria do Carmo Bertolazzo
Maria Elisa de Avila
Maria Enedina Corrêa da Silva
Maria Ignez Longhin
Maria de Lourdes Parente Costa
Maria Luiza Pontes Cardoso

Mina Bilinco
 Myriam Dias de Andrade
 Myrtes Alonso
 Nioma Pires Gavião
 Norma Aparecida Silveira Schiavone
 Romeu de Moraes Almeida
 Rosa Pavone

Sidronia Queirós Cerqueira
 Stella Moraes
 Vicente Marques Beato
 Vilma Coury Athié
 Zilda Augusto Anselmo
 Zuleika de Campos
 Wilma Colautti

3.º ano

Cecília Sincorá Orlandi
 Elza Corrêa da Silva
 Helena Santos Moraes
 Jorge Rodini Luiz
 Lux Saini
 Margarida Maria de Souza Campos
 Maria Antonietta Nicolai

Maria Helena Prestes Barra
 Maria Luiza Castanho
 Neyde Rolim de Oliveira Corrêa
 Noemia de Godoy Bueno
 Paulina Nemirovsky
 Ramzia Gattás
 Ruth Coelho de Souza
 Sarah Rottemberg

4.º ano

Abigail Alvarenga
 Aurora Celli
 Fernanda Maria Sacramento Perpetuo
 Helly Grillo
 Irene Cerqueira Cesar
 Lina Carolina Auriemo

Maria Thereza Moreira
 Myriam Bruck Lacerda
 Therezinha Ferreira de Camargo
 Yolanda Prado Alves Pinto
 Zulmira Vallim
 Wladimir Rehder

*

* *

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO**ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR**

Amélia Vellini
 Elmira Sanches
 Helena de Arruda Ramos
 Jandyra Viana

Maria José de Moraes Barros
 Maria de Jesus Carreira
 Maria Udler
 Moysés Brejon

BIOLOGIA

Neusa Guerreiro

BOTÂNICA

Helena Villaça

SOCIOLOGIA

Altair da Silva Macuco
 Azis Simão
 Duglas Teixeira Monteiro
 Carmen Sylvia Guedes
 Edna Beltramini
 Rene Cerqueira Cesar
 Hermelina Maria Pretto
 Irene Cerqueira Cesar
 Leila Montanari Ramos
 Lolio Lourenço de Oliveira
 Maria Alayde Trani

Maria Helena de Achôa
 Maria Candelária Teixeira
 Maria Cândida Sandoval de Camargo
 Pereira
 Muciano Quintães de Castro
 Nair de Jesus Victorello
 Nilza Yvonne de Oliveira
 Renato Jardim Moreira
 Rosa Tedeschi Viana Vieira
 Szmul Jakub Goldberg
 Walkyria Siqueira Mori

ESTATÍSTICA ANALÍTICA

Alvaro Marchi
 Antonio Morales
 Eneida Leme de Oliveira
 Flávio Fausto Manzoli

Iva Borsari
 Junia Borges Botelho
 Wilhelme Hoh

FÍSICA

Abraham Hirsz Zimmerman
 Klaus Stefan Tausk

Roberto Ignazio Maria Guglielmo Forneris
 Shigueo Watanabe

FISIOLOGIA GERAL E ANIMAL

Ana Amélia Ancona Lopez
 Antonia Ribeiro Franco

Chaim Nusyn Grinkraut
 Liliana Forneris

GEOGRAFIA

Beatriz Rodrigues Lessa
 Dyrceu Teixeira
 Elza de Abreu
 Francisca Marinho Nunes
 Maria Carneiro Borges

Maria Cecília França
 Maria das Dores Lopes
 Miguel Costa Junior
 Waldemar Panadés
 Wanda da Motta Silveira

GEOLOGIA

Armando Wohlers
 José Moacyr Viana Coutinho
 Sergio Mezzalira

HISTÓRIA

Ady Ciocci
 Aldo Janotti
 Alicia Massad
 Ancilla Edwiges Bannwart
 Dolores Finhane
 Emília da Costa Nogueira
 Helena Kohn
 Horacina Ramos
 Jeanne Berrance de Castro

João Batista de Macedo
 José Gori
 Maria Henriqueta da Fonseca França
 Maria do Carmo Vidal
 Maria de Lourdes Campos Freire
 Mariam Abu-Jamra
 Mercedes Aparecida Fabri
 Myriam Ellis
 Sophia Cardoso de Almeida

LETRAS

Adazir Almeida Carvalho
 Adelia Purgato Carelli
 Alice Trindade Pereira
 Almerinda Rastelli Montenegro de Menezes
 Ana Walderez Ayres Neves de Alencar
 Anna Thereza Birkholz Correia
 André Fernandes Romera
 Aracy Micucci
 Carmella Barbagallo

Carmen Helene Hildegard Hölck
 Carmen Therezinha dos Santos
 Clara Fuchs
 Clara Martins Laginha Reinez
 Ciemente Segundo Pinho
 Dante Tringali
 Decia Livia Teixeira
 Deomira Stefani
 Dilza Almeida Carvalho
 Edda Ilze Janotti

- Eliana Rosso
 Elza Accorsi
 Erwin Theodor Rosenthal
 Esther Guimarães Proença
 Eugênio Victorello
 Eunice Navajas
 Flávia Therezinha de Almeida Carvalho
 Flávio Traballi Camargo
 Francisca Depari
 Francisco Daniel Trivinho
 Francisco Roedas
 Geraldo Tabarani dos Santos
 Golda Armel
 Haydée Miguel Frayze
 Ieda Santos Barcelos
 Ilka Brunilda Gallo Laurito
 Iolanda Guimarães Barros
 Irene de Mori
 Isaura Cordioli
 Isabel Dantas
 Ivette Santinho
 Jairo Bueno
 Jessy Cassiano Cabral
 Lais Helena Fernandes Lencastre
 Laura Amélia Alves Vivona
 Laura Prestes
 Leonore Hanna Schömann
 Lilian Borges Cruz
 Lisette Beatriz Graziani
 Luciana Orfei
 Lucy de Souza Gitahy Teixeira
 Luiz Geraldo Toledo Machado
 Lys Casale de Arruda
 Maria Aparecida Coudry
 Maria Aparecida Genovez
 Maria Aparecida Semeghini
 Maria Cândida de Carvalho Rocha
 Maria Cândida Rezende
 Maria do Carmo Gregori
 Maria Cecília Abreu Cursino de Moura
 Maria Dulce Castelli de Almeida
 Maria Guimarães Creado
 Maria Helena Costa
 Maria Helena de Oliveira
 Maria Isabel Alves Ferreira
 Maria José Duarte
 Maria de Lourdes Bernardes da Silva
 Maria de Lourdes Rodrigues
 Maria Luiza Fernandez
 Maria Luiza Medeiros Pereira de Souza
 Maria Luiza Tross Braga
 Maria Martins Laginha Reines
 Maria Prudencia de Vasconcellos Resende
 Maria Stella Camargo Carvalho
 Maria Therezinha Croce
 Marilda de Gouvêa Martins
 Mario Franceschini
 Mathilde Pettine
 Mercedes Passarelli
 Miguel Salles
 Nelly Requejo Hernandez
 Nícia Maria Machado
 Nilo Domingos Scalzo
 Nilza Antunes de Lemos
 Nilza Pereira da Silva
 Norma Di Grado
 Oclecio Renato Rogano
 Olga Pigosso
 Paulo Monte Serrat Filho
 Perola de Carvalho
 Perola Rodrigues
 Ramon Marba Ruiz Filho
 Ruth Guimarães Botelho
 Salimi Kfourri
 Suaad Saad
 Szenjndla Armel
 Thereza Maria Rangel Pestana
 Therezinha Gomes d'Amorim
 Uydad Nassar
 Vera Braga Franco
 Wilma Silveira de Assis
 Yolanda Leite
 Yvone de Felice Gonçalves
 Zaé Mariano Carvalho do Nascimento Jr.

PEDAGOGIA

Helly Grillo

PSICOLOGIA

Anita Waingort Novinsky
 Elza Lima Gonçalves Antunha
 Heladio Oscar Gonçalves Antunha
 Herminia Scarati Marchi

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Ada Laloni de Oliveira
 Alba Carneiro Vidigal
 Alice Cruz
 Anna Thereza Guido Del Nero
 Arrigo Leonardo Angelini
 Carmela Pascarelli
 Célia Borges de Faula Ferreira

Diva Onofrillo
 Dina Salvatori
 Elza de Toledo Fonseca
 Fernanda Maria Sacramento Perpetuo
 Hebe Canu'ô da Boa Viagem
 Irene Cerqueira Cesar
 José Severo Camargo Pereira
 Lair Fontes Piedra
 Lúcia Vollet de Mello
 Lygia Garcia

Margarida Lisboa Vieira da Cunha
 Maria Thereza de Barros Santiago
 Maria Thereza Moreira
 Maria Thereza Welker de Azevedo
 Maria Udler
 Myrian Bruck Lacerda
 Nilce Mejias
 Ruth de Moraes Vasconcellos
 Vera Lagoa
 Yolanda Prado Alves Pinto

QUÍMICA

Alcidio Abrão
 Constância Pagano
 Ernesto Leo Mehlich
 Fajga Rucha Mandelbaum
 Gerson Rodrigues

Lelia Menucci
 Nivea de Barros Waack
 Nicola Petragani
 Roza Davidson Kuppermann
 Werner Germano Gallemkamp
 Zuleika Broniscer

ZOOLOGIA

Claudio Gilberto Fröhlich

Eudoxia Maria de Oliveira Pinto

MATRÍCULAS ESPECIAIS

ANTIGOS ALUNOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

3.º ano

Dinah Alves Coelho
 Eliza de Camargo
 Elza dos Reis Sampaio Nardelli
 Esther Ribeiro Bueno

Francisca Eugênia Brand Corrêa
 Judith Cössermelli
 Maria Silvana Teixeira
 Olga D. Cataldi

4.º ano

Cecília Maria Domenica Sanioto
 Maria Aparecida Barbosa

PORTADORES DO CERTIFICADO DE CAMBRIDGE

Arthur Kreitton
 Birute Irena Polisaitis
 Fernando Carneiro da Silva
 Hermann Stettiner
 Marina Breves Pinto Dias

Messias Freire
 Neusa Monte
 Noemia de Carvalho Aguiar
 Walter Baron

DIPLOMADOS PELA FACULDADE DE 1936 A 1951 (*)

F I L O S O F I A

TURMA DE 1936:

- 1 - ALVIM, Decio Ferraz
- 2 - ALVIM, Oswaldo Ferraz
- 3 - AMARAL, Breno Ferraz do
- 4 - ARANHA, João Barros de Souza
- 5 - COSTA, João Cruz
- 6 - DRANGER, Adelia
- 7 - GUARIENTO, Amelio
- 8 - LEITE, Francisco Rodrigues
- 9 - MESQUITA, Raul Ferraz de
- 10 - MIRANDA, Nicanor Teixeira de
- 11 - TEIXEIRA, Livio

TURMA DE 1937:

- 1 - ARAUJO, Zenaide Villalva de
- 2 - ARCHERO Junior, Achilles
- 3 - BRASILIENSE, Mathilde
- 4 - CABRAL, Corina de C. e Marcondes
- 5 - CATALDI, Olga D.
- 6 - DEFILIPPI, Nelda Thais Haydée
- 7 - GRISI, Raphael
- 8 - KUNTZ, Maria Levy
- 9 - MORAES, Raul de
- 10 - MOURA, Leonor Cataldi
- 11 - PEREIRA, Serafica Marcondes
- 12 - PINTO, Olga Leite
- 13 - SCHADEN, Egon
- 14 - VAMPRÉ, Cecília de Campos Pereira

TURMA DE 1938:

- 1 - CABRAL, Anita de C. e Marcondes
- 2 - DORIA, Herzo De Faria
- 3 - NISHIE, Yoneka
- 4 - PRADO, Decio de Almeida
- 5 - TEIXEIRA, Livio
- 6 - TEIXEIRA, Paulo Borges
- 7 - VAMPRÉ, Cecília de Campos Pereira

TURMA DE 1939:

- 1 - ALMEIDA, Benedicto Sotéro Dias e
- 2 - ARCHERO Junior, Achilles

- 3 - BARRETO, Antenor Romano
- 4 - CABRAL, Anita de C. e Marcondes
- 5 - CAMPELLO, Jorge Freire
- 6 - PRADO, Decio de Almeida
- 7 - ROCHA, Gilda de Moraes
- 8 - SOUSA, Cicero Christiano de
- 9 - TELLES, Luis Xavier
- 10 - YAZIGI Neto, Abrahão

TURMA DE 1940:

- 1 - ANDRADE, João Cunha
- 2 - COSTA, Luella Leonel
- 3 - PENHA, João Baptista Damasco
- 4 - ROCHA, Gilda de Moraes
- 5 - SOUSA, Cicero Christiano de
- 6 - XIDIEH, Oswaldo Elias

TURMA DE 1941:

- 1 - ABREU, Cecilia de
- 2 - ALOISI, Irene
- 3 - BONILHA, José Fernando Martins
- 4 - CABRAL, Danton Castilho
- 5 - CAMARGO, José Francisco de
- 6 - COELHO, Ruy Galvão de Andrada
- 7 - COUTINHO, Silas Gedeão
- 8 - FERRER, Manoel Cebrian
- 9 - LIMA, Geraldo Pereira
- 10 - LOBO Neto, Roberto J. Haddock
- 11 - LOPES, Paulo Fernando
- 12 - MARTIRANI, Stella Anita
- 13 - PENHA, João Baptista Damasco
- 14 - PINTO, José de Barros
- 15 - RANGEL, Wellman Galvão de Fran-
ça
- 16 - ROQUE, Maria Dulce
- 17 - SCHADEN, Egon
- 18 - TOLEDO, Olga Franco de

TURMA DE 1942:

- 1 - CARVALHO, Laerte Ramos de
- 2 - COELHO, Ruy Galvão de Andrada
- 3 - DUVA, Maria Aparecida
- 4 - FERRARI, Norma Electa

(*) — De acôrdo com a legislação em vigor os diplomados pela Faculdade podem receber os títulos de bacharel e licenciado e durante alguns anos receberam o de professor secundário. Isso explica as repetições de nomes que se notam em turmas sucessivas.

- 5 — LOPES, Cid
- 6 — MOREIRA, Gladys Abrantes
- 7 — STERMAN, Manoel

TURMA DE 1943:

- 1 — CARVALHO, Laerte Ramos de
- 2 — FERRARI, Norma Electa
- 3 — GAYOTTO, Adelaide Maria
- 4 — LOPES, Cid
- 5 — STERMAN, Manoel

TURMA DE 1944:

- 1 — BAZARIAN, Joacob Sagh
- 2 — BUCCO Neto, Miguel
- 3 — GOMES, Paulo Emilio de Salles

TURMA DE 1945:

- 1 — BARONI, Rubens
- 2 — BAZARIAN, Joacob Sagh
- 3 — BUCCO Neto, Miguel
- 4 — CURY, Nassib
- 5 — LEVY, Reine Ruth
- 6 — SCHÜTZER, Linneu Camargo

TURMA DE 1946:

- 1 — CURY, Nassib
- 2 — LEVY, Reine Ruth
- 3 — MARTINI, Antonio

TURMA DE 1947:

- 1 — ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçalves
- 2 — CINTRA, Isabel de Ulhoa
- 3 — FONSECA, Romulo
- 4 — MENDONÇA, Paulo Mesquita
- 5 — MORAL, Armando
- 6 — NUNES, Trajano
- 7 — PIZA, Domingos Palmeiro Toledo
- 8 — SCHÜTZER, Linneu Camargo
- 9 — VERGUEIRO, Carlos Pereira de Campos

TURMA DE 1948:

- 1 — ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçalves

- 2 — BARROS, Roque Spencer Maciel de
- 3 — CASELLA, Zelinda
- 4 — FONSECA, Romulo
- 5 — JUNQUEIRA Filho, Aguinaldo de Mello
- 6 — LIMA, Maria José Abbade Araujo
- 7 — MACHADO, Carmen Villas-Boas
- 8 — MARCHI, Herminia Scarati
- 9 — MESQUITA Neto, Julio de
- 10 — MIZUKI, João
- 11 — MORAL, Armando
- 12 — NUNES, Trajano
- 13 — PACHECO, José da Silva
- 14 — ROGANO, Orlando Severino
- 15 — SANTOS, Hebe Penteado
- 16 — SCHÖNFELDER, Edgard
- 17 — VOINOFF, Nathalia

TURMA DE 1949:

- 1 — ALVES, Evaldo
- 2 — BARROS, Roque Spencer Maciel de
- 3 — JUNQUEIRA Filho, Aguinaldo de Mello
- 4 — MARCHI, Herminia Scarati
- 5 — MIZUKI, João
- 6 — NOVINSKI, Anita Waingort
- 7 — PINHO, Clemente Segundo
- 8 — ROGANO, Orlando Severino
- 9 — SANTOS, Hebe Penteado
- 10 — SCHÖNFELDER, Edgard

TURMA DE 1950:

- 1 — ANTUNHA, Elza Lima Gonçalves
- 2 — DI DIO, Renato Alberto Teodoro
- 3 — LEITE, Dante Moreira
- 4 — LIMA, Ivo Escobar
- 5 — MEMIROVSKY, Paulina Pistrack
- 6 — PEREIRA, Ilza da Cunha
- 7 — RODRIGUES, Dinah

TURMA DE 1951:

- 1 — CARBONI, Leticia Folgori
- 2 — MARTINELLI, Adolpho
- 3 — MOURA, Beatriz Alexandrina Pires de
- 4 — PIASON, Albertino

M A T E M Á T I C A

TURMA DE 1936:

- 1 — ALMEIDA, Fernando Furquim de
- 2 — DAMATO, Carmello
- 3 — DIAS, Candido Lima da Silva
- 4 — LACAZ Netto, Francisco Antonio
- 5 — RABIN, Julio

- 6 — SCHENBERG, Mario

TURMA DE 1937:

- 1 — BREVES Filho, João Augusto
- 2 — CAMARGO, Maria Izabel Arruda
- 3 — MONTEUX, Yolanda

TURMA DE 1938:

- 1 - CAMARGO, Maria Izabel Arruda
- 2 - CASTRUCCI, Benedicto
- 3 - MORAES, Abrahão de

TURMA DE 1939:

- 1 - ABDELHAY, José
- 2 - MESQUITA, Zillah Barretto de

TURMA DE 1940:

- 1 - CORRÊA, Celia Alvares
- 2 - CRUZ, Lauro Monteiro da
- 3 - MAURER, Wille Alfredo
- 4 - SOUZA Filho, Arthur de
- 5 - ZION, Hermann

TURMA DE 1941:

- 1 - CASTANHO, João Baptista
- 2 - FARAH, Edison
- 3 - GOMES, Maria Izabel Fagundes
- 4 - MELLO, Alberto de
- 5 - MELLO, Benedicto Martins de
- 6 - SANGIORGI, Oswaldo

TURMA DE 1942:

- 1 - BLOH, Abrahão
- 2 - CARVALHO, Orlando Arantes de
- 3 - FEITOSA, Miguel Oliva
- 4 - KLEIN, Paulo
- 5 - LEITE, Antonio Guimarães
- 6 - MELLO, Benedicto Martins de
- 7 - NOGUEIRA, Maria Aparecida Camargo
- 8 - PEZZOLO, Antonio
- 9 - REGINATO, Jordão
- 10 - RODRIGUES, Antonio
- 11 - TIETBOHL, Ary Nunes

TURMA DE 1943:

- 1 - DAMATO, Dirce da Silva
- 2 - FEITOSA, Miguel Oliva
- 3 - MOLINA, João Trivino
- 4 - MONTEIRO, Luiz Henrique Jacy
- 5 - NOGUEIRA, Maria Aparecida Camargo
- 6 - PEZZOLO, Antonio
- 7 - REGINATO, Jordão
- 8 - RODRIGUES, Antonio
- 9 - SAMPAIO, Palmyra Amazonas
- 10 - SILVA, Ondina Conceição
- 11 - SILVA, Wanda

TURMA DE 1944:

- 1 - BAUR, Franz
- 2 - CARVALHO, Marina M. Rebouças de
- 3 - GALANTE, Carlos
- 4 - SANTOS, Oswaldo Marcondes dos
- 5 - SILVA, Ondina Conceição
- 6 - SILVA, Eunice Pinho de Castro
- 7 - SILVA, Wanda
- 8 - VENEZIANI, Oldarico

TURMA DE 1945:

- 1 - CARVALHO, Marina M. Rebouças de
- 2 - FRANCO, Lea de Vasconcellos
- 3 - FRISCH, Rodolpho Arnaldo
- 4 - GALANTE, Carlos
- 5 - GOMES, Ruth
- 6 - GOMIDE, Elza Furtado
- 7 - MAITINO, Cybelle
- 8 - OLIVEIRA, Eneida Leme de
- 9 - PIRES, Virgolina Murça
- 10 - PISANELLI, Domingos
- 11 - RIZZI, Maria Antonieta Belfort
- 12 - ROCHA, Luiz Mauro
- 13 - SANTOS, Oswaldo Marcondes dos
- 14 - SENNA, José Moreira
- 15 - SILVA, Eunice Pinho de Castro
- 16 - TAVARES, Arahly Baddini
- 17 - TEIXEIRA, Junior Antonio de Souza

TURMA DE 1946:

- 1 - CAMERINI, Hugo
- 2 - CAMPOS, Loseny da Rocha
- 3 - DAMATO, Dirce da Silva
- 4 - LIMA Filho, Geraldo dos Santos
- 5 - MAITINO, Cybelle
- 6 - MORAES, Guiomar Rodrigues de
- 7 - OLIVEIRA, Eneida Leme de
- 8 - PIRES, Virgolina Murça
- 9 - RESNIK, Esther
- 10 - RIZZI, Maria Antonieta Belfort
- 11 - ROCHA, Luiz Mauro
- 12 - TAVARES, Arahly Baddini
- 13 - Teixeira Jr., Antonio de Souza

TURMA DE 1947:

- 1 - CAMPOS, Loseny da Rocha
- 2 - CARVALHO, Zilah Schultz
- 3 - LIMA Filho, Geraldo dos Santos
- 4 - RESNIK, Esther
- 5 - SIQUEIRA Neto, Maria Lima de
- 6 - TABORDA, Clarisse Salgado

TURMA DE 1948:

- 1 - BOTELHO, Junia Borges
- 2 - CARVALHO, Antonio de Assiz

- 3 — CARVALHO, Zillah Schultz
- 4 — CASTELLANI, Olga Young
- 5 — FRANÇA, Marina
- 6 — GONÇALVES, Berenice Corrêa
- 7 — GORSKI, Nevil
- 8 — HONIG, Chaim Samuel
- 9 — OLIVEIRA, Maria Alves Barcelos de
- 10 — RITTER, Orlando Rubem

TURMA DE 1949:

- 1 — HONIG, Chaim Samuel
- 2 — PISANELLI, Domingos
- 3 — PORTO, Maria José

- 4 — RAWITSCHER, Georg Heinrich Ludwig
- 5 — REGO, Germano Braga

TURMA DE 1950:

- 1 — BARROS Neto, José
- 2 — LYRA, Carlos Benjamin de
- 3 — VIEIRA, Leo Roberto Borges

TURMA DE 1951:

- 1 — MORALES, Antonio

F I S I C A

TURMA DE 1936:

- 1 — SANTOS, Marcelo Damy de Souza

TURMA DE 1937:

- 1 — BREVES Filho, João Augusto
- 2 — MONTEUX, Yolanda

TURMA DE 1938:

- 1 — MORAES, Abrahão de

TURMA DE 1939:

- 1 — BITTENCOURT, Paulo Taques
- 2 — CAMPOS, Moacyr Santos de
- 3 — CASTRUCCI, Benedicto
- 4 — MESQUITA, Zillah Barreto de
- 5 — POMPEIA, Paulus Aulus

TURMA DE 1940:

- 1 — ANDRADE, João Velloso
- 2 — CRUZ, Lauro Monteiro da
- 3 — SABOYA, José Astrogildo Ribeiro

TURMA DE 1941:

- 1 — ALVES, Maria H. Gomes Rodrigues
- 2 — GOMES, Maria Izabel Fagundes
- 3 — GUIMARÃES, Mario Alves
- 4 — LAURINDO, Oswaldo
- 5 — OLIVEIRA, Roberto Xaxier de
- 6 — ROUBAUD, Paulo
- 7 — SILVA, Walter Cristalino Toledo

TURMA DE 1942:

- 1 — ASHAUER, Sonja
- 2 — ROUBAUD, Paulo
- 3 — SCHÜTZER, Walter de Camargo

TURMA DE 1943:

- 1 — ASHAUER, Sonja
- 2 — LATTES, Cesare Mansueto Giulio

TURMA DE 1944:

- 1 — GOMIDE, Elza Furtado
- 2 — SALA, Oscar
- 3 — SCHÜTZER, Walter de Camargo

TURMA DE 1945:

- 1 — FRISCH, Rololpho Arnaldo
- 2 — NEPOMUCENO, Paulo Xavier
- 3 — PIERONI, Romulo Ribeiro
- 4 — SALA, Oscar
- 5 — SAMPAIO, Palmyra Amazonas
- 6 — TOLEDO, Paulo Saraiva de

TURMA DE 1946:

- 1 — CAMERINI, Hugo
- 2 — FERREIRA, Paulo Leal
- 3 — WATANABE, Shiguelo

TURMA DE 1947:

- 1 — SCHWACHHEIM, Georges
- 2 — WATAGHIN, André Carlos Jorge
- 3 — WATANABE, Shiguelo

TURMA DE 1948:

- 1 — GONÇALVES, Berenice Corrêa
- 2 — HONIG, Chaim Samuel
- 3 — SALA, Oswaldo

TURMA DE 1949:

- 1 — CASTELLANI, Olga Young
- 2 — CEBRIAN, Amalia Ferrer
- 3 — HONIG, Chaim Samuel

- 4 - RAWITSCHER, Georg Heinrich Ludwig
5 - REGO, Germano Braga

TURMA DE 1950:

- 1 - FERREIRA, Jorge Leal
2 - FORNERIS, Roberto I. M. Guglielmo

- 3 - GOLDENBERG, José
4 - SILVA, Elly

TURMA DE 1951:

- 1 - TAUSK, Klaus Stefan
2 - ZIMERMAN, Abraham Hirszt

Q U Í M I C A

TURMA DE 1937:

- 1 - BARZAGHI, Luciano
2 - FRANÇA, Jandyra
3 - MATHIAS, Simão
4 - SENISE, Pasquale Ernesto Americo

TURMA DE 1938:

- 1 - BARSATTI, Rolando Humberto
2 - MICHELETTI, Emiliano J. Fortunato
3 - PEREIRA, Ruy da Cunha
4 - PUCCI, Flavio Aurelio José
5 - SANTINI, Pedro

TURMA DE 1939:

- 1 - BERTI, Francisco Antonio
2 - CAMPOS, Hercules Vieira de
3 - MARIUTTI, Domingos
4 - MAZZEI, Francisco Mattos
5 - MELLO, José Alves de
6 - PREGNOLATTO, Hugo

TURMA DE 1940:

- 1 - BOTELHO, Renato Cabral
2 - CASPARI, Frederico Luiz
3 - FREITAS Filho, Paulo A. de Almeida
4 - GUTIERREZ, Heitor
5 - KERTZER, Rosa
6 - LERNER, Leonidas
7 - PREGNOLATTO, Hugo
8 - ROTHSCHILD, Walter
9 - SILVA, Celio Doraldo
10 - VIEGAS, Olga de Campos
11 - WALTZBERG, Salomon
12 - WOHLERS, Maria Elisa

TURMA DE 1941:

- 1 - ANDRADE, Sylvia de Oliveira
2 - ANGULO, Iris
3 - FAIGUENBOIM, Simão
4 - FIKER, Leão

- 5 - GLASSER, Maria Carmelita
6 - JAROSLAVSKY, Salomão
7 - LACERDA, Lucy Bruck
8 - MARCHETTI, Francisca
9 - NAZARIO, Germinio
10 - NUNES Filho, Gualter
11 - PAVAN, Lauro
12 - PREGNOLATTO, Waldomiro
13 - SPIGUEL, Efraim Alfredo
14 - TAVARES, Yolanda

TURMA DE 1942:

- 1 - AISIC, Salamita
2 - AMARAL, Luciano Francisco Pacheco do
3 - CAMARGO, Paulo Ferreira
4 - CAMPOS, Marcello de Moura
5 - COSTANTINI, Roberto
6 - DIRICKSON, Thomaz Henrique
7 - GHERARDI, Irene Giordano
8 - KOGAN, Rosa
9 - LEVY, Alfredo
10 - MARCHETTI, Francisca
11 - MORS, Walter Baptist
12 - PERREIR, Madeleine
13 - PONTES, José Mauro
14 - ROTHSCHILD, Hanna Augusta
15 - SAFFIOTI, Waldemar
16 - SANT'ANNA, Eline Michelet
17 - SCHESTMANN, Fanny
18 - SCHVARTZAID, Bertha
19 - SCHOTT, Hans

TURMA DE 1943:

- 1 - AGOSTI, Geraldo
2 - BRUNO, Antonieta
3 - BURATTI, Ernando
4 - CILENTO, José
5 - GIESBRECHT, Ernesto
6 - GIULIANI, Giovanni
7 - KAGAN, Anatole
8 - LEVY, Alfredo
9 - LOEWENSTEIN, Walter
10 - MANGE, Gitla de Carvalho
11 - MANTCHOUK, Jorge

- 12 — PEREGO, Carlos
- 13 — PERRIER, Madeleine
- 14 — PONTES, José Mauro

TURMA DE 1944:

- 1 — ANDREATINI, Mario
- 2 — AMARAL, Helena Estanislau do
- 3 — AQUINO, Rubens Teixeira de
- 4 — BUENO, Anna Galvão
- 5 — CAMARGO, Paulo Ferreira
- 6 — CANCELLA, José Francisco
- 7 — CARVALHO, Geraldo Camargo de
- 8 — CORREIA, Edwane F. de França
- 9 — GIESBRECHT, Astréa Mennucci
- 10 — KUCZYNSKI, Simon
- 11 — LOEWENSTEIN, Walter
- 12 — NAZARETH, Elza de Oliveira
- 13 — PETRI, Milton Gustavo
- 14 — SANT'AGOSTINHO, Lilia Rosario
- 15 — SCHENKMAN, Regina
- 16 — SILVA, Darcy Machado
- 17 — SILVA, Ney Galvão da
- 18 — TEIXEIRA, Cecy Mello
- 19 — TEPERMAN, Mindel
- 20 — WENDEL, Lucy Sayão

TURMA DE 1945:

- 1 — ALMEIDA, Aldo Duarte de
- 2 — AZEVEDO, Dulce Soares d'
- 3 — BARROSO, Maria Stella
- 4 — CAMPOS, Marcello de Moura
- 5 — CANDIDO, Antonio Manoel da Silva
- 6 — CARDIA, Antonio Alberto
- 7 — FERRI, Rubens Guimarães
- 8 — FORNASARO, Eloy
- 9 — FRIED, Rainer
- 10 — LERNER, Walter
- 11 — MANGE, Gitla de Carvalho
- 12 — MUCHER, Iska
- 13 — NOGUEIRA, Celso Fleury
- 14 — OLIVEIRA, Myriam de Lourdes Vasconcellos de
- 15 — PADRON, Consuelo
- 16 — PINTO, Maria de Lourdes Pimentel
- 17 — RABINOWICZ, Debora
- 18 — REZENDE, Marina Soares
- 19 — ROBBA, Eduardo
- 20 — SANT'AGOSTINHO, Lilia Rosario
- 21 — SANTOS, José J. Imbassahy da Silva
- 22 — SILVA, Ana
- 23 — SILVA, Celia Machado
- 24 — TEPERMAN, Mindel
- 25 — ZNAIDE, Samuel

TURMA DE 1946:

- 1 — ALIBERTI, Lydia
- 2 — BARROSO, Maria Stella

- 3 — LANCMAN, Motula
- 4 — LERNER, Walter
- 5 — OLIVEIRA, Maria de Lourdes Vaz
- 6 — PADRON, Consuelo
- 7 — SAFFIOTI, Waldemar
- 8 — SILVA, Celia Machado

TURMA DE 1947:

- 1 — BOBBIO, Paulo Anna
- 2 — BOVINO, Aldo
- 3 — BUTRICO, Armando
- 4 — CARVALHO, Geraldo Camargo de
- 5 — CECCHINI, Marco Antonio Guglielmo
- 6 — FALZONI, Jandyr Guilherme João
- 7 — FORNASARO, Eloy
- 8 — GIESBRECHT, Guilherme
- 9 — HUNOLD, Adelaide Bertha Walkyria
- 10 — MAMMANA, Maria
- 11 — MELLO, Ary Ferraz de
- 12 — MUCHER, Iska
- 13 — OLIVEIRA, Myriam Lacerda V. de
- 14 — ORSATTI, Florinda
- 15 — PIMENTEL, Cicero de Barros
- 16 — PINHEIRO, Luiz de Souza
- 17 — RABINOWICZ, Debora
- 18 — RAHN, Erwin Paulo Günther
- 19 — REZENDE, Marina Soares
- 20 — ROTHSCHILD, Adolpho Max
- 21 — SEBASTIANY, Aloysio Taaffe

TURMA DE 1948:

- 1 — BOVINO, Aldo
- 2 — CESAR, Hermogenas O. de Jesus
- 3 — CIOLA, Remolo
- 4 — CARBOGGINI, Tharcisio do Amaral
- 5 — GIORA, Aurora Catharina
- 6 — MAMMANA, Maria
- 7 — MATTOS, Leda Ulson
- 8 — MELLO, Ary Ferraz de
- 9 — OLIVEIRA, Marilda Meirelles de
- 10 — OLIVEIRA, Ruth Leme de
- 11 — PERRACINI, Aldo
- 12 — PINHEIRO, Luiz de Souza
- 13 — SALOMÃO, Olga
- 14 — SANTOCHI, Adriana Abilio
- 15 — YAZAKI, Maria de Lourdes Lima

TURMA DE 1949:

- 1 — AMARAL, Luciano Francisco Pacheco
- 2 — ANGELIS, Rebeca Carlota de
- 3 — BRANDI, Catharina Maria Wilma
- 4 — CECCHINI, Renato Giovanni
- 5 — CESAR, Hermogenas O. de Jesus

- 6 - GHERARDI, Irene Giordano
- 7 - KUCZYNSKA, Myriam
- 8 - MATTOS, Leda Ulson
- 9 - PICARELLI, Zuleika Pentone
- 10 - PITOMBO, Luiz R. de Moraes
- 11 - VIANNA, Regina Carrão
- 12 - VILLAÇA, Celia Cappellini
- 13 - YAZAKI, Maria de Lourdes Lima

TURMA DE 1950:

- 1 - ANGELIS, Rebeca Carlota de
- 2 - CARVALHO Filho, Eurico de
- 3 - COHN, Herbert
- 4 - GIORA, Aurora Catharina
- 5 - JURIST, Haim
- 6 - ROCHA, Mario Peña
- 7 - WALTER, Wolfgang Ferdinand

TURMA DE 1951:

- 1 - ABRÃO, Alcidio
- 2 - BRONISCER, Zuleika

- 3 - BUTRICO, Armando
- 4 - CECCHINI, Egle Amore
- 5 - CECCHINI, Marco Antonio Guglielmo
- 6 - GALLEMKAMP, Werner Germano
- 7 - GIESBRECHT, Astréa Mennucci
- 8 - KUPPERMAN, Rosa Davidson
- 9 - MANDELBAUM, Fajga Ruchla
- 10 - MEHLICH, Ernesto Leo
- 11 - MENNUCCI, Lelia
- 12 - PAGANO, Costância
- 13 - PETRAGNANI, Nicola
- 14 - PITOMBO, Luiz R. de Moraes
- 15 - ROCHA, Mario Peña
- 16 - RODRIGUES, Gerson
- 17 - WAACK, Nivea de Barros
- 18 - WALTER, Wolfgang Ferdinand
- 19 - WLADISLAW, Blanka

HISTÓRIA NATURAL

TURMA DE 1937:

- 1 - BARROS, Rosina de
- 2 - CANTO, Maria de Lourdes
- 3 - PIOVESAN, João Baptista
- 4 - SAWAYA, Michel Pedro

TURMA DE 1938:

- 1 - FRANCO, Rui Ribeiro
- 2 - GALVÃO, Gilberto
- 3 - PIOVESAN, João Baptista
- 4 - WOHLERS, Armando

TURMA DE 1939:

- 1 - CAMPOS, João Ernesto de Souza
- 2 - MENDES, Erasmo Garcia

TURMA DE 1940:

- 1 - ANDERAOS, Annibal
- 2 - BARROS, Wilma de Toledo
- 3 - BORGES, Helio de Ornellas
- 4 - CAMARGO, William Gerson Rolim de
- 5 - FRANCO, Rui Ribeiro
- 6 - GRISI, Decio
- 7 - GUIMARÃES, Maria Stella Castro
- 8 - MENDES, Josué Camargo
- 9 - MORRETES, Bertha Lange
- 10 - MORRETES, Ruth Lange
- 11 - PEREIRA, Lucilla M. Ruy Barboza
- 12 - SIMI, Adelia Ferri

TURMA DE 1941:

- 1 - BASTOS, Dario de Oliveira
- 2 - CORRÊA, Gilda Alvares
- 3 - CORREIA, Diva Diniz
- 4 - GRISI, Decio
- 5 - MANIERO, Jordão
- 6 - MARQUES, João Queiroz
- 7 - MENDES, Josué Camargo
- 8 - MOREIRA, Maria Helena Matoso
- 9 - MORRETES, Bertha Lange
- 10 - MORRETES, Ruth Lange
- 11 - PAVAN, Crodovaldo
- 12 - PEREIRA, Lucilla M. Ruy Barboza
- 13 - RACHID, Mercedes
- 14 - SIMI, Adelia Ferri
- 15 - TEIXEIRA, Raquel Mello
- 16 - VALENTE, Domingos

TURMA DE 1942:

- 1 - ARAUJO, Heloisa de
- 2 - CASTRO, Maria Pereira de
- 3 - GEBARA, Rail
- 4 - MENDES, Erasmo Garcia
- 5 - MENDES, Martha Vannucci
- 6 - MORS, Haydée Machado
- 7 - NONATO, Edmundo Ferraz
- 8 - ULSON, Cecilia Mattos

TURMA DE 1943:

- 1 - ARAUJO, Heloisa de

- 2 — BORELLI, Nelly
- 3 — GEBARA, Rail
- 4 — MENDES, Mrtha Vannucci
- 5 — MOREIRA, Maria Helena Matoso
- 6 — MORS, Haydée Machado
- 7 — NONATO, Edmundo Ferraz
- 8 — TEIXEIRA, Raquel Mello

TURMA DE 1944:

- 1 — BELLUZZO, Dirce
- 2 — BORELLI, Nelly
- 3 — CUNHA, Antonio Brito da
- 4 — GOMIDE, Clotilde Isabel Furtado
- 5 — KUNTZ, Leomar Lima
- 6 — LARA, Francisco Jeronimo Sales
- 7 — LOPEZ, Ana Amelia Ancona
- 8 — PAVAN, Ida
- 9 — PETRI, Setembrino
- 10 — RAWITSCHER, Erika Anna Luise
- 11 — SILVA, Ruth, Chagas da
- 12 — UNGARETTI, Maria Dolores
- 13 — ZUCCARI, Gabriella

TURMA DE 1945:

- 1 — COUTINHO, José Moacyr Vianna
- 2 — CUNHA, Antonio Brito da
- 3 — FRANCO, Antonia Ribeiro
- 4 — GOMIDE, Clotilde Isabel Furtado
- 5 — JOLY, Aylthon Brandão
- 6 — KUNTZ, Leomar Lima
- 7 — LARA, Francisco Jeronimo Sales
- 8 — PAVAN, Ida
- 9 — PEREIRA, Elisa do Nascimento
- 10 — PETRECHEN, Maria Aparecida
- 11 — PONTES, Maria Aparecida
- 12 — RAWITSCHER, Erika Anna
- 13 — SILVA, Ruth Chagas da
- 14 — SIQUEIRA, Maria
- 15 — UNGARETTI, Maria Dolores
- 16 — ZUCCARI, Gabriella

TURMA DE 1946:

- 1 — GALEOTTI, Yole
- 2 — LEMKE, Gladys
- 3 — PEREIRA, Elisa do Nascimento

- 4 — PONTES, Maria Aparecida
- 5 — SIQUEIRA, Maria

TURMA DE 1947:

- 1 — BJORNERG, Tagea Kristina Simon
- 2 — GALEOTTI, Yole
- 3 — GASPAR, Lygia Freire
- 4 — GOMES, Odila Palomo
- 5 — MARTINS, Alda Torres
- 6 — PETRECHEN, Maria Aparecida
- 7 — SANTOS, Napoleão Nelson Salgado dos

TURMA DE 1948:

- 1 — CALEFFI, Maria Neves
- 2 — CAMPOS, Maria L. Bitancourt Martins
- 3 — CASTANHO, Maria do Carmo Pires
- 4 — DIERBEGGER, Renata
- 5 — GORDINHO, Maria de Lourdes F.
- 6 — GRINKRAUT, Chaim Nusyn
- 7 — OLIVEIRA, Lais
- 8 — SIQUEIRA Neto, Maria Lucia Lima

TURMA DE 1949:

- 1 — AMARAL, Sergio Estanislau do
- 2 — CAMARGO, Lucia Soares Vieira de
- 3 — CARVALHO, Anna Maria Vieira de
- 4 — LEX, Aurea

TURMA DE 1950:

- 1 — CASTRO, Martha de
- 2 — FUJITA, Toshico
- 3 — MARTINS, Elza Borges
- 4 — MONTES, Maria de Lourdes Homem
- 5 — NEVES, Wanda Eugenia
- 6 — PEREIRA, Flavio Augusto
- 7 — PEREIRA, Juan Nacur

TURMA DE 1951:

- 1 — FORNERIS, Liliana
- 2 — FRANCO, Antonia Ribeiro
- 3 — FROEHLICH, Eudoxia Maria
- 4 — FROEHLICH, Claudio Gilberto
- 5 — GUERREIRO, Neuza
- 6 — LOPEZ, Ana Amelia Ancona
- 7 — VILLAÇA, Helena

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

TURMA DE 1936:

- 1 — CAMARGO, Nelson
- 2 — GARCIA, Rozendo Sampaio
- 3 — MELLO, Astrogildo Rodrigues de

- 4 — ORLANDI, José
- 5 — PAULA, Euripedes Simões de
- 6 — ROCCO, Affonso Antonio
- 7 — SILVEIRA, João Dias

TURMA DE 1937:

- 1 - CALDEIRA, Branca da Cunha
- 2 - CANNABRAVA, Alice Piffer
- 3 - FÉO, José Alves de Almeida
- 4 - FERRANTE, Maria
- 5 - FIGUEIREDO, Salvio de
- 6 - FRANÇA, Eduardo D'Oliveira
- 7 - GONÇALVES, Maria de L. Duarte
- 8 - LEITÊ, Ubaldo da Costa
- 9 - MARINO, Aurelia
- 10 - PADILHA, Waldomiro de
- 11 - PENTEADO, Auralita de Oliveira
- 12 - PEREIRA, Risoleta Violante
- 13 - PINTO, Eunice Almeida
- 14 - SOUZA, Antonieta de Paula
- 15 - TORRES, Maria C. T. Mendes

TURMA DE 1938:

- 1 - ALCANTARA, Ruth
- 2 - CARVALHO, Maria C. Vicente de
- 3 - FEDERICI, Hilton
- 4 - FRANÇA, Ary
- 5 - FREITAS, Ruy Ozorio de
- 6 - MENDES, Renato da Silveira
- 7 - MORAES, Nelly
- 8 - PANTALEÃO, Olga
- 9 - RIBEIRO, Maria da Conceição

TURMA DE 1939:

- 1 - ALCANTARA, Ruth
- 2 - ASSIS, Antonio de Paula
- 3 - AZEVEDO, Aroldo Edgard de
- 4 - BUCHHOLZ, Bernardo
- 5 - CARVALHO, Maria C. Vicente de
- 6 - FAGUNDES, Yvonne
- 7 - FEDERICI, Hilton
- 8 - FONSECA, Joaquim Alfredo da
- 9 - GOMES, Alfredo
- 10 - MATTOS, Odilon Nogueira de
- 11 - MORAES, Nelly
- 12 - OLIVEIRA, Maria Edith Leme de
- 13 - RAMOS, Beatriz L. de Carvalho
- 14 - RIBEIRO, Maria da Conceição
- 15 - SOUZA, Cecy de

TURMA DE 1940:

- 1 - ARAUJO, Maria Lysia Rebouças de
- 2 - BARROS, Maria Aparecida de Oliveira
- 3 - BERNARDINI, Olga
- 4 - BROSCH, Maria José Dias
- 5 - CAMPOS, Pedro Moacyr
- 6 - CARONE, Maxim Tolstoi
- 7 - CASTRO, Amelia Americano Franco de

- 8 - CASTRO, Paulo Pereira de
- 9 - CESAR, Mozart
- 10 - FRANÇA, Eduardo D'Oliveira
- 11 - JUNQUEIRA, Lucilia
- 12 - MACHADO, Maria Eunice Rebello
- 13 - MALAMAN, Antonio de Freitas
- 14 - MORGADO, Maria Barros
- 15 - MULLER, Nice Lecocq
- 16 - PANTOJA, Maria Aparecida
- 17 - GASCHOALICK, Romeu
- 18 - PEREIRA, Vera Athayde
- 19 - PINTO, Maria Thereza Henriques
- 20 - SILVA, Raul de Andrade e
- 21 - SOUZA, Cinira Christiano de
- 22 - SOUZA, Maria de Lourdes Pereira
- 23 - TOLEDO, Lourdes de Andrade

TURMA DE 1941:

- 1 - ANDRADE, Maria Cecilia Ortiz de
- 2 - ARANHA, Maria Amelia de Campos
- 3 - ARAUJO, Dinah Villalva de
- 4 - ARAUJO Filho, José Ribeiro de
- 5 - BARROS, Maria Aparecida de Oliveira
- 6 - BERGO, Maria Stella de Abreu
- 7 - BERNARDINI, Olga
- 8 - BRANCO, Luiza Marcelina
- 9 - CESAR, Daphne
- 10 - CINTRA, Maria Alice
- 11 - COSTA, Antonieta
- 12 - DIAS, Octacilio
- 13 - DRUMOND, Carlos
- 14 - FREITAS, Zulena Ferreira de
- 15 - GOMES, Cecilia
- 16 - GONÇALVES, José Teixeira
- 17 - GONÇALVES, Lucila
- 18 - GUIMARÃES, Maria Stella
- 19 - LACERDA, Maria Angelica de
- 20 - LAVIERI, Maria Aparecida
- 21 - LIMA, Eunice de Oliveira
- 22 - MASELLA, Ophelia
- 23 - MULLER, Nice Lecocq
- 24 - NOVAES, Ruth Daraia
- 25 - PEREIRA, Ignez Fontes
- 26 - PEREIRA, Maria José Baptista
- 27 - PEREIRA, Vera Athayde
- 28 - PINTO, Maria Thereza Henriques
- 29 - ROSSI, Bruna
- 30 - SANTOS, Elina de Oliveira
- 31 - SILVA, José
- 32 - TAMARO, Adele Nicoló
- 33 - VIEIRA, Maria Aparecida

TURMA DE 1942:

- 1 - ARAUJO, Dinah Villalva de
- 2 - BATALHA, Jair Rocha

- 3 — BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis
- 4 — CECCONI, Marina Dora
- 5 — FÁVA, Tercilia
- 6 — FERREIRA, Athos da Silva
- 7 — LUZ, Nícia Villela
- 8 — MATTOS, Dirceu Lino de
- 9 — PINHO, Maria Luzia Pires do Rio
- 10 — ROSSI, Bruna
- 11 — STEIN, Lais de Camargo
- 12 — ZEMELLA, Mafalda

TURMA DE 1943:

- 1 — BUFFULIN, Waldemar
- 2 — CECCONI, Marina Dora
- 3 — CONSOLO, Roque
- 4 — FAVA, Helena
- 5 — FAVA, Tercilia
- 6 — FERREIRA, Helena F. de Queiroz
- 7 — FLESSATI, Maria Luiza
- 8 — LUZ, Nícia Villela
- 9 — MARTINEZ, Blás Berlanga
- 10 — OBERG, Renato Emir
- 11 — PANADES, Waldemar
- 12 — PINHO, Maria Luzia Pires do Rio
- 13 — ROSSI, Oswaldo
- 14 — SILVA, Wilma da
- 15 — SIQUEIRA, Inez Cunha de
- 16 — STEIN, Lais de Camargo
- 17 — XAVIER, Maria Galdina de Azevedo de
- 18 — ZANOTTI, Nelson
- 19 — ZEMELLA, Mafalda

TURMA DE 1944:

- 1 — AB-SABER, Aziz Nacib
- 2 — AMARAL, Maria Isabel
- 3 — AQUINO, Lucia Teixeira de
- 4 — CARVALHO, Maria José de
- 5 — CASTRO, Maria Aparecida de
- 6 — COSTA, Gerson
- 7 — CRISTOFARO, Helio Antonio
- 8 — DIAS, Manoel Nunes
- 9 — FAVA, Helena
- 10 — FERREIRA, Athos da Silva
- 11 — FERREIRA, Helena F. de Queiroz
- 12 — FONSECA, Joaquim Alfredo da
- 13 — GALENDER, Bertha
- 14 — HANZE, Latife
- 15 — MARIGO, Marise Marchione
- 16 — OBERG, Renato Emir
- 17 — OLIVEIRA, Wanda Matheus de
- 18 — ORIO, Edna Barison
- 19 — PENTEADO, Antonio Rocha
- 20 — PICCOLO, Eli
- 21 — PINHEIRO, Geny da Silva
- 22 — RAMIRES, Dalila Novaes
- 23 — SAAD, Evelina Marcella

- 24 — SANTOS, Alfredo Dias dos
- 25 — SHAMMAS, Alberto Adib
- 26 — SILVA, Antonio C. R. de Andrade
- 27 — SILVA, Wilma da
- 28 — SIQUEIRA, Inez Cunha de
- 29 — VILELA, Lucia Junqueira
- 30 — ZANOTTI, Nelson

TURMA DE 1945:

- 1 — AB-SABER, Aziz Nacib
- 2 — ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de
- 3 — AMARAL, Maria Isabel
- 4 — BONOLDI, Octavio
- 5 — CARVALHO, Maria José de
- 6 — CASTRO, Maria Aparecida de
- 7 — CASTRO, Paulo Pereira de
- 8 — CESAR, Daphne
- 9 — CONSOLO, Roque
- 10 — COSTA, Gerson
- 11 — CRISTOFARO, Helio Antonio
- 12 — DIAS, Manoel Nunes
- 13 — EUSTACHIO, Dirce Guimarães
- 14 — FINHAME, Dolores
- 15 — FREITAS, Ruy Ozorio de
- 16 — GALANDER, Bertha
- 17 — GIOSO, Alfredo
- 18 — HANZE, Latife
- 19 — LEGASPE, Ignez Moraes
- 20 — MACEDO, Cecilia Rodrigues
- 21 — MARÇAL, Haydée
- 22 — MARIGO, Marise Marchione
- 23 — MERICHI, Eda
- 24 — MOTA, Deusdá Magalhães
- 25 — OLIVEIRA, Wanda Matheus de
- 26 — ORIO, Edna Barison
- 27 — PENTEADO, Antonio Rocha
- 28 — PEREIRA, Ely Goulart
- 29 — PICCOLO, Eli
- 30 — PIMENTEL, Eloisa Rolim
- 31 — PINHEIRO, Geny da Silva
- 32 — RAMOS, Norberto Soares
- 33 — RAMOS, Wolny Carvalho
- 34 — RAMIRES, Dalila Novaes
- 35 — RIBI, Gracie'te
- 36 — SAAD, Evelina Marcella
- 37 — SANTOS, Alfredo Dias dos
- 38 — SHAMMAS, Alberto Adib
- 39 — SILVA, Antonio C. R. de Andrade
- 40 — SOARES, Maria José Santos
- 41 — STEMPNIEWSKI, Renato
- 42 — TOURINHO, Wanda da Silva
- 43 — WERNER, Wally Carmen Franco

TURMA DE 1946:

- 1 — ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de
- 2 — BONOLDI, Octavio

- 3 - CESAR, Daphne
- 4 - FRANÇA, Maria H. da Fonseca
- 5 - GATTAS, Lili
- 6 - GODOY, Daisy Lacerda de
- 7 - MACEDO, Cecília Rodrigues
- 8 - MOTA, Deusdâ Magalhães
- 9 - PADILHA, Paulo
- 10 - PEREIRA, Ely Goulart
- 11 - PIMENTEL, Eloisa Rolim
- 12 - RAMOS, Wolny Carvalho
- 13 - SANTIAGO, Olga
- 14 - TORRES, Maria C. T. Mendes
- 15 - WERNER, Wally Carmen Franco

TURMA DE 1947:

- 1 - ABRAHÃO, Martha
- 2 - ALVES, Elisa
- 3 - AQUINO, Zoheth de
- 4 - COCCARO, Celia
- 5 - GIAQUINTO, Ariosto
- 6 - GUIMARÃES, Lucy Lima
- 7 - LEONARDI, Irma
- 8 - MARCHETTI, Alfredo
- 9 - MESQUITA, Eunice
- 10 - OLIVEIRA, Nair Betti de
- 11 - PETRONE, Pasquale
- 12 - RAMOS, Horacina
- 13 - RANGEL, Jovira
- 14 - RUFINO, Julieta
- 15 - SAFADY, Jamil Selin
- 16 - SELLAN, Nirce
- 17 - SPICACCI, Victoria Leda
- 18 - VALENTINI, Yara

TURMA DE 1948:

- 1 - CELLI, Nereide Therezinha
- 2 - CUNHA, Pedro Ferreira da
- 3 - ESTEVES, Lourdes Guimarães
- 4 - ROCHA, Hoolt Gibson de Freitas
- 5 - SILVA, Margarida Amyr
- 6 - TADEI, Maria Antonieta

TURMA DE 1949:

- 1 - COSTA, Junior Miguel
- 2 - GARCIA, Emannel Soares Veiga
- 3 - JOYCE, Maria de Lourdes
- 4 - LACERDA, Ilka Bruck
- 5 - LEITE, Maria Helena Pereira
- 6 - MARIANO, Oswaldo
- 7 - VIDAL, Maria do Carmo

TURMA DE 1950:

- 1 - ABREU, Elza de
- 2 - BRITTO, Wanda da Silva
- 3 - CIOCCI, Ady
- 4 - ESTEVES, Vera Alice
- 5 - GORI, José
- 6 - JANOTTI, Aldo
- 7 - KOHN, Helena
- 8 - MENDES, Renato da Silveira
- 9 - MONTIANI, Elizabeth Maria
- 10 - PICENA, Maria Luiza
- 11 - RIONDET, Yvete Judith
- 12 - SALLES, Aparecida
- 13 - SANTOS, Daysi Nogueira
- 14 - SILVEIRA, Wanda da Motta
- 15 - ZAOROB, Aurora Fernandes Abreu

TURMA DE 1951:

- 1 - ABU-JAMRA, Mariam
- 2 - CARROZZA, Elza Mendonça
- 3 - CARVALHO, Marina Dias
- 4 - CASTRO, Helena Mendes de
- 5 - ELLIS, Myriam
- 6 - FRANÇA, Maria Cecilia
- 7 - LESSA, Beatriz Rodrigues
- 8 - LOPES, Maria das Dores
- 9 - MACEDO, João Baptista de
- 10 - MASSAD, Alicia
- 11 - MIRANDA, Francisco Ambrosio de
- 12 - NOGUEIRA, Emilia da Costa
- 13 - NUNES, Francisca Marinho
- 14 - PANADÉS, Waldemar
- 15 - SÓUZA, James Noronha de
- 16 - TEIXEIRA, Dirceu

C I Ê N C I A S S O C I A I S

TURMA DE 1936:

- 1 - AMARAL, Ophelia Ferraz do

TURMA DE 1937:

- 1 - ALBUQUERQUE, Benedicto F. de
- 2 - CAMARGO, Isabel Botelho de
- 3 - CONTI, Jair

- 4 - CUNHA, Mario Wagner Vieira de
- 5 - FALCO, Mario de
- 6 - FALCO, Seraphina de
- 7 - FREITAS, Rita
- 8 - HERMANN, Lucilla
- 9 - MASCARO, Carlos Correia
- 10 - MUSSOLINI, Gioconda
- 11 - OLIVEIRA, Milton Lourenço de
- 12 - PEIXOTO, Elisa Sandoval

- 13 — ROCHA, Euclides Pinto da
- 14 — SILVA, Geraldo Boaventura da
- 15 — SOUZA, Laura Nunes de
- 16 — SUZUKI, Teiiti
- 17 — VILLELA, Lavinia Costa

TURMA DE 1938:

- 1 — CABRAL, Annita de C. e Marcondes
- 2 — CAMPOS, Azer Martins de Souza
- 3 — GARRIDO, Ondina
- 4 — MACHADO, Lourival Gomes
- 5 — OLIVEIRA, Eduardo Alcantara de
- 6 — ORTIZ, Nair
- 7 — PAIVA, Cecilia P. de Castro
- 8 — SILVA, Cecilia Elisa de Castro
- 9 — SILVEIRA, Zenith Mendes da
- 10 — VILLELA, Lavinia Costa

TURMA DE 1939:

- 1 — CABRAL, Annita de C. e Marcondes
- 2 — MARCONDES, José V. de Freitas
- 3 — PAIVA, Cecilia P. de Castro
- 4 — PAIVA, Yolanda A. Cunha de
- 5 — RODRIGUES, Silvio
- 6 — SILVEIRA, Zenith Mendes da

TURMA DE 1940:

- 1 — ALMEIDA, Benedicto Sotero Dias
- 2 — ANDRADE, João Cunha
- 3 — ARRUDA, Maria do Carmo
- 4 — BUCK, Dirceu
- 5 — HERMANN, Lucilla
- 6 — ORTIZ, Nair
- 7 — RIBEIRO, José Querino

TURMA DE 1941:

- 1 — BONILHA, José Fernando Martins
- 2 — BRANDÃO, Geraldo I. de S. Placido
- 3 — CAMARGO, José Francisco de
- 4 — FAVA, Lindo
- 5 — FERRER, Manoel Cebrian
- 6 — FINEBERG, Dorothy
- 7 — PINTO, José de Barros
- 8 — RADESCA, Edgard
- 9 — SERRA, David Fonseca
- 10 — SOUZA, Antonio C. de Mello e
- 11 — SOUZA, Roberto Pinto de
- 12 — VIEIRA, Dorival Teixeira

TURMA DE 1942:

- 1 — ARRUDA, Democrito Cavalcanti
- 2 — ARRUDA, Lucia Mazzei
- 3 — AYROSA, Eduardo Marques da Silva
- 4 — BARROS, Benedito Ferri de

- 5 — BARROS, Maria S. Eliezer de
- 6 — COELHO, Ruy Galvão de Andrada
- 7 — FERES, Nagib Lima
- 8 — MICHALANY, Douglas
- 9 — MORAES, Sarah Escorel de
- 10 — MORI, Walkiria Siqueira
- 11 — NOGUEIRA, Yvette Carneiro
- 12 — OLIVEIRA, Nilza Yvonne de
- 13 — PEREIRA, Wladimir
- 14 — SILVA, Helio Schlittler
- 15 — TEIXEIRA, Maria Candelaria
- 16 — VIOTTI, Frederico P. de Abranches

TURMA DE 1943:

- 1 — ARRUDA, Lucia Mazzei
- 2 — BARROS, Benedito Ferri de
- 4 — CHAGAS, Maria de L. Rocha
- 3 — BARROS, Maria S. Eliezer de
- 5 — FERNANDES, Florestan
- 6 — MORI, Walkiria Siqueira
- 7 — OLIVEIRA, Nilza Yvonne de
- 8 — PRETTO, Hermelina Maria
- 9 — SILVA, Helio Schlittler
- 10 — SOUZA, Celina Christiano de
- 11 — VIOTTI, Frederico P. de Abranches

TURMA DE 1944:

- 1 — BARROS, Benedito Ferri de
- 2 — BEIGUELMAM, Paula
- 3 — CAMARGO, Lenita Corrêa
- 4 — CHAGAS, Maria de L. Rocha
- 5 — CRETELLA, Paulo Sobrinho
- 6 — FERNANDES, Florestan
- 7 — KLOVRZA, Francisca
- 8 — MONTEIRO, Lila Nogueira
- 9 — PEREIRA, Maria C. S. de Camargo
- 10 — PRETTO, Hermelina Maria
- 11 — QUAGLIA, Vicente Celso
- 12 — RAMOS, Leila Montanari
- 13 — SCHÜTZER, Yvonne de Camargo
- 14 — SETTI, Eva
- 15 — SILVA, Eddy de M. P. da Gama e
- 16 — SOUSA, Celina Christiano de
- 17 — TEIXEIRA, Maria Candelaria
- 18 — VIEIRA, Rosa Tedeschi V. Manso

TURMA DE 1945:

- 1 — ATZINGEM, Moema Quadros Von
- 2 — BEIGUELMAN, Paula
- 3 — BUCK, Dirceu
- 4 — CAMARGO, Lenita Corrêa
- 5 — CARETTE, Maria L. de A. Freire
- 6 — COUTO, Vivaldo Luiz Garcia de
- 7 — FANGANIELLO, Helena
- 8 — KLOVRZA, Francisca

- 9 – MACHADO, Guiomar Guaranha
- 10 – MARCHI, Wilson
- 11 – NOGUEIRA, Yvette Carneiro
- 12 – PEREIRA, Maria C. S. de Camargo
- 13 – QUAGLIA, Vicente Celso
- 14 – SILVA, Eddy de M. P. da Gama e
- 15 – VIEIRA, Rosa Tedeschi V. Manso
- 16 – VILLAÇA, Maria José

TURMA DE 1946:

- 1 – CARETTE, Maria L. de A. Freire
- 2 – FANGANIELLO, Helena
- 3 – MACHADO, Guiomar Guaranha
- 4 – MARCHI, Wilson
- 5 – VILLAÇA, Maria José

TURMA DE 1947:

- 1 – BECKER, Salomão
- 2 – BICHELS, Helio Oswaldo
- 3 – CRUZ, Leticia Sampaio
- 4 – DI DIO, Dulce Carmen Philomena
- 5 – FERRAUTO, Anna Lorelay
- 6 – LEITE, Miriam L. Moreira
- 7 – MASCARENHAS, Ireneu Grick
- 8 – RIBEIRO, Augusta B. de Carvalho
- 9 – WENDEL, Zilah Altair Sayão

TURMA DE 1948:

- 1 – JORGE, Edna Clemente
- 2 – MAGALHÃES, Lucia Pereira de

- 3 – VEIGA, Regina Helena de Graça
- 4 – VELLOSO, Cleuza Ferreira

TURMA DE 1949:

- 1 – BRILHANTE, Nida Thomé
- 2 – CANTONI, Wilson
- 3 – FERREZ, Nagib Lima
- 4 – PINHO, Diva Benevides
- 5 – QUEIROZ, Maria I. Ferreira de
- 6 – RAMOS, Leila Montanari
- 7 – TENORIO, Celisa de Ulhôa

TURMA DE 1950:

- 1 – AMARAL, Neusa
- 2 – BELTRAMINI, Edna
- 3 – CASTRO, Muciano Quintães de
- 4 – FERREIRA, Oliveiros da Silva
- 5 – GOLDBERG, Szmul Jakub
- 6 – HABER, Michel
- 7 – LISBOA, Adelaide
- 8 – MONTEIRO, Duglas Teixeira
- 9 – SIMÃO, Aziz
- 10 – TRANT, Maria Alayde

TURMA DE 1951:

- 1 – ALCANTARA, Glete
- 2 – BRONZE, Americo Marques
- 3 – MACUCO, Altair da Silva
- 4 – MARCHI, Alvaro
- 5 – MOREIRA, Renato Jardim
- 6 – OLIVEIRA, Lolio Lourenço de

L E T R A S C L Á S I C A S

TURMA DE 1936:

- 1 – PINTO, Antonio Henriques

TURMA DE 1937:

- 1 – ALENCAR, Anna de
- 2 – ANDRADE, Eugenia Moraes
- 3 – BARROS, Octacillio Silveira de
- 4 – CASELLA, Maria Antonieta
- 5 – CECCONI, Dina
- 6 – MARTINS, Maria de Lourdes Paula

TURMA DE 1938:

- 1 – BETTARELLO, Italo Bomfim
- 2 – LEITE, Manoel Cerqueira
- 3 – MARTINS, Maria de Lourdes Paula
- 4 – TURELLI, Philomena

TURMA DE 1939:

- 1 – AMORA, Antonio Augusto Soares

- 2 – BETTARELLO, Italo Bomfim
- 3 – IPPOLITO, Ernestina
- 4 – LOMBARDI, Adail
- 5 – PAULINO, Neto José
- 6 – RIBEIRO, Mercedes Leite
- 7 – SALUM, Isaac Nicolau
- 8 – SILVA, José Moura Leopoldo
- 9 – TURELLI, Philomena

TURMA DE 1940:

- 1 – AMARAL, Maria José Dantas do
- 2 – ARAUJO, Sarah Saboya de
- 3 – COIMBRA, Aluisio de Faria
- 4 – IPPOLITO, Ernestina
- 5 – LOURDES, Neusa Ribeiro
- 6 – MACEDO, Maria Pia Brito
- 7 – MAURER Junior, T. Henrique
- 8 – PINA, Celestino Correia
- 9 – REZENDE, Maria P. de Vasconcellos
- 10 – RIBEIRO, Mercedes Leite
- 11 – ROVNER, Moyses

TURMA DE 1941:

- 1 — ALIANDRO, Higino
- 2 — BAPTISTA Junior, Eurico Dias
- 3 — BRAGA, Luci de Melo
- 4 — CHEDICK, Janctte Miguel
- 5 — CRETELLA Junior, José
- 6 — FAGNANI, Virginia
- 7 — FERRAZ, Benedicta de Araujo
- 8 — FERRAZ, Giselda Stella Morelli
- 9 — FERREIRA, Herti Hoepner
- 10 — FREITAS, Manoel Luciano
- 11 — GONÇALVES, Maria R. Mendes
- 12 — GUIMARÃES, Luzia
- 13 — JORGE, Filippe
- 14 — LOURENÇO, José
- 15 — MACEDO, Maria Pia Brito
- 16 — MELCHERT, Maria Luiza Proost
- 17 — PAIVA, Dulce de Faria
- 18 — PEREIRA, Maria de Lourdes
- 19 — PINHO, Clemente Segundo
- 20 — RIBEIRO, Plinio
- 21 — SALUM, Isaac Nicolau
- 22 — SCHONMANN, Leonore Hanna
- 23 — SEIXAS, Teresa Alves de
- 24 — SOARES, Yvonne Galvão
- 25 — TUCUNDUVA, Maria S. C. de Mello
- 26 — VIDAL, Geraldo de Almeida
- 27 — VITA, Dante Alighieri
- 28 — WEY, Walter

TURMA DE 1942:

- 1 — AMADO, Maria do Carmo
- 2 — BRITO, Jacinto Elias Rocha
- 3 — CAIUBY, Caio Eduardo Brandão
- 4 — CARVALHO, Maria E. Camargo
- 5 — CHALUPPE Filho, Antonio
- 6 — COSTA, Hildegarda Fontoura
- 7 — CREADO, Maria Guimarães
- 8 — CUNHA, Elza Motta da
- 9 — DANTAS, Izabel
- 10 — DOLES, Deolindo Frattini
- 11 — FERRAZ, Julieta de Figueiredo
- 12 — GOLFARB, Mathilde
- 13 — HAWRYSZ, Waldomiro Constantino
- 14 — HENRIQUE, Mercedes
- 15 — IZAR, Louriz
- 16 — LAMBERT, Lucia de Almeida
- 17 — MALTA, Ivan Cardoso
- 18 — MORAES, Maria Lucia Lima
- 19 — PEDROSO, Maria Alves
- 20 — REALE, Gilda Maria
- 21 — REID, Helena Arluzia
- 22 — SODERO, Francisco Carlos

TURMA DE 1943:

- 1 — AMADO, Maria do Carmo

- 2 — BRITO, Jacintho Elias Rocha
- 3 — CAIUBY, Caio Eduardo Brandão
- 4 — CAMARGO, Daisy Santos Cruz
- 5 — CARDOSO, Candida de Itapema
- 6 — CARVALHO, Maria E. Camargo
- 7 — CASTELO, José Aderaldo
- 8 — COSTA, Aida
- 9 — COSTA, Hildegarda Fontoura
- 10 — CREADO, Maria Guimarães
- 11 — CUNHA, Elza Motta da
- 12 — DANTAS, Izabel
- 13 — DOLES, Deolindo Fratini
- 14 — FERREIRA, Ary Bonchristiani
- 15 — GILIOLI, Aldo
- 16 — GOLFARB, Mathilde
- 17 — IZAR, Louriz
- 18 — MARTINS, Celia de Paula
- 19 — OLIVEIRA, Nivaldo Candido
- 20 — PINTO, Edith Pimentel
- 21 — REALE, Gilda Maria
- 22 — ROSA, Araceli De La
- 23 — SANT'ANNA, Nilce Michelet
- 24 — TONIOLI, Armando

TURMA DE 1944:

- 1 — BARROS, Flavia de
- 2 — BUFARAH, Maria Elisa
- 3 — BUONADUCE, Fernando
- 4 — CAMARGO, Daisy Santos Cruz
- 5 — CAMARGO, Doracy
- 6 — CANEVARI, Lelio
- 7 — CARDOSO, Candida de Itapema
- 8 — CASTELO, José Aderaldo
- 9 — CESAR, Zina Machado
- 10 — CORRÊA, Lygia Alvares
- 11 — COSTA, Aida
- 12 — COSTA, Alcides Jorge
- 13 — COSTA, Elisa Jorge
- 14 — CRESSONI, Rosa Irma
- 15 — FERNANDES, Antonio Alberto
- 16 — FERREIRA, Ary Bonchristiani
- 17 — HAWRYSZ, Waldomiro Constantino
- 18 — LAMBERT, Lucia de Almeida
- 19 — MARTINS, Celia de Paula
- 20 — MELLI, Elisa Prestes de
- 21 — NOGUEIRA, Lucie de Marmontel
- 22 — OHNO, Fsuya
- 23 — FIANTINO, Mussolina de Araujo
- 24 — PINTO, Edith Pimentel
- 25 — PINTO, Rolando Morel
- 26 — REALE, Elvira Josephina
- 27 — RIBEIRO Filho, Nicolau
- 28 — ROSA, Araceli De La
- 29 — SALEM, Nazira
- 30 — SANT'ANNA, Nilce Michelet
- 31 — SANTOS, Cesar Lourenço dos
- 32 — SCAIRATO, João
- 33 — STIEGER, Rudolf

- 34 – TONIOLI, Armando
35 – TORCIONE, Luciana M. Josephina

TURMA DE 1945:

- 1 – BARROS, Daisy Tomaz de
2 – CAMARGO, Doracy
3 – CANEVARI, Lelio
4 – CHALUPPE, Filho Antonio
5 – CORRÊA, Lygia Alvares
6 – COSTA, Alcides Jorge
7 – COSTA, Elisa Jorge
8 – FERNANDES, Antonio Alberto
9 – FERRAZ, Julieta de Figueiredo
10 – LAZZARINI Junior, José
11 – MACEDO, Ruy
12 – MAIA, Braz Campos
13 – MELLO, Elisa Prestes de
14 – NAPOLES, Tancilla Ferraz
15 – OHNO, Fsuya
16 – FERREIRA Filho, Floriano
17 – PIANTINO, Mussolina de Araujo
18 – PINTO, Rolando Morel
19 – PRADO, Maria C. Azevedo
20 – REALE, Elvira Josephina
21 – SALEM, Nazira
22 – SANTOS, Cesar Lourenço dos
23 – TORCIONE, Luciana M. Josephina

TURMA DE 1946:

- 1 – BAPTISTA, Lucinda
2 – BARROS, Daisy Tomaz de
3 – CARVALHO, Heloisa M. Rebouças
4 – DIAS, Reynaldo
5 – FARAH, Alice
6 – FRANCINI, Walter Augusto
7 – LAZZARINI Junior, José
8 – MELLO, Norah Freitas de
9 – NAFOLES, Tancilla Ferraz
10 – NEVES, Graciema De Domenico
11 – OLIVEIRA, Florianete de
12 – OLIVEIRA, Florinda de
13 – SIQUEIRA, Ignez Trondi
14 – SOUZA, Clelia de
15 – SPINA, Segismundo
16 – TAVEIRA, Geraldo Alves
17 – TORTELLO, João
18 – VIANNA, Adyr Ferraz

TURMA DE 1947:

- 1 – BAPTISTA, Lucinda
2 – CASTILHO, Maria Nair de
3 – CIELO, Ondina Del
4 – CORRÊA, Sergio
5 – FRANCINI, Walter Augusto

- 6 – LEMOS, Seigné de Souza
7 – MARTINS, Lygia
8 – MELLO, Norah Freitas de
9 – NARDY, Maria Antonieta Pompe
10 – NASSAR, Roza
11 – NEVES, Graciema De Domenico
12 – PARREIRA Filho, Floriano
13 – ROSSI, Alzira
14 – SANT'ANNA, Luci Amaral
15 – SANTOS, Vera H. M. de Souza

TURMA DE 1948:

- 1 – CAPUTO, Lais de L. de Almeida
2 – DIAS, Reynaldo
3 – FIORENTINI, Vando
4 – PIASON, Albertino
5 – ROLLEMBERG, Daisy Valle
6 – SANTOS, Vera H. M. de Souza
7 – SCHWINDEN, Raul

TURMA DE 1949:

- 1 – APPOLINARIO, Pedro
2 – CARVALHO, Dilza Almeida
3 – MELLO, Maria Luiza Homem de
4 – MIRANDA Junior, Darcy Arruda de
5 – MIRANDA, Eduardo Regos Sá de
6 – TALLARICO, Mildred Bruno
7 – VIEIRA, Paulo

TURMA DE 1950:

- 1 – ARANHA, Maria Zilah Pereira
2 – BOTELHO, Ruth Guimarães
3 – CAMARGO, Flavio Traballi
4 – CASTRO, Antonio Fimentel de A.
5 – FIORENTINI, Vando
6 – FRANCESCHINI, Mario
7 – JANOTTI, Edda Ilze
8 – LEMOS, Vicente Paulo
9 – NOGUEIRA, Emir Macedo
10 – OLIVEIRA, Maria Helena de
11 – RIBEIRO, Maria Helena Marques
12 – ROEDAS, Francisco
13 – ROMERA, André Fernandes
14 – ROSSO, Eliana
15 – TRINGALI, Dante.

TURMA DE 1951:

- 1 – DI GRADO, Norma
2 – FERNANDEZ, Maria Luiza
3 – GENOVEZI, Maria Aparecida
4 – ROGANO, Oclecio Renato
5 – SALLES, Miguel
6 – SANTOS, Geraldo Tabarani dos

L E T R A S N E O - L A T I N A S

TURMA DE 1936:

- 1 — RAIA, Ada
- 2 — RAIA, Adriana

TURMA DE 1937:

- 1 — ANGELO, Ercilio
- 2 — BARROS, Francisca de
- 3 — BRIQUET, Marina Flavia
- 4 — CASTRO, Xenofonte Strabão de
- 5 — DEFILIPPI, Lia Pia Clarita
- 6 — DIEHL, Julio Soares
- 7 — GABBI, Odulia de Souza
- 8 — LEITE, Yolanda
- 9 — MEDEA, Lucila
- 10 — MENEZES, Maria José R. de
- 11 — PADIN, Mélida
- 12 — PINHEIRO, Irma de Souza
- 13 — PINHEIRO, Maria R. de Souza
- 14 — RIBEIRO, Dulce
- 15 — SANTOS, Iracema Rosa dos

TURMA DE 1938:

- 1 — BARROS, Francisca de
- 2 — COSTA, Jeannette Emboaba da
- 3 — DEFILIPPI, Lia Pia Clarita
- 4 — FOURNIOL, Jandyra de Barros
- 5 — MEDEA, Lucila
- 6 — MENEZES, Maria José R. de
- 7 — MOTTA, Cleonice C. Serôa da

TURMA DE 1939:

- 1 — IPPOLITO, Ernestina
- 2 — LOMBARDI, Denise
- 3 — PALERMO, Alfredo
- 4 — RIBEIRO, Mercedes Leite
- 5 — SALUM, Isaac Nicolau

TURMA DE 1940:

- 1 — PALERMO, Alfredo
- 2 — ROVNER, Moysés
- 3 — VASCONCELLOS, Maria P. de

TURMA DE 1941:

- 1 — ALBUQUERQUE, Maria A. Mesquita
- 2 — ALENCAR, Idê
- 3 — ALIANDRO, Higino
- 4 — BANWART, Frida
- 5 — CAIXE, Norma
- 6 — CAMARGO, Haydée Bueno de

- 7 — CAMARGO, Ismeria C. Ferreira de
- 8 — COSTA, Cecília Lobo da
- 9 — FERRAZ, Giselda Stella Morelli
- 10 — FITTIPALDI, Carmela Rosario
- 11 — FONSECA, João
- 12 — HUBBARD, Patience Stroud
- 13 — LEITE, Cid de Oliveira
- 14 — LOURENÇO, José
- 15 — MAC KNIGHT, Roberta E.
- 16 — MORAES, Ivone de T. Leite
- 17 — MOTTA, Maria R. de Oliveira
- 18 — PEREIRA, Maria de Lourdes
- 19 — PINTO, Lucia M. Gomes
- 20 — PIZA, Sonia M. Penteado
- 21 — PIZZOLI, Irene
- 22 — SCHONMANN, Leonore Hanna
- 23 — TANCREDI, José D. Antonio
- 24 — TARANTO, Margarida J. Rosa
- 25 — TEIXEIRA, Orminda Lopes
- 26 — VASCONCELLOS, Maria P. de
- 27 — VIDAL, Geraldo de Almeida
- 28 — VITA, Dante Alighieri

TURMA DE 1942:

- 1 — ALBUQUERQUE, Maria A. Mesquita
- 2 — AMBROSIS, Sylvia de
- 3 — ANDREUCCI, Amalia
- 4 — BANWART, Frida
- 5 — CABRAL, Maria A. Reck
- 6 — CAMARGO, Edith M. Cintra de
- 7 — CAMARGO, Haydée Bueno de
- 8 — CAMARGO, Ismeria C. Ferreira de
- 9 — CIOCCHI, Anna Quattro
- 10 — CUNHA, Olga Egh de Souza
- 11 — FIORONI, Lucia
- 12 — FITTIPALDI, Carmella Rosario
- 13 — FONSECA, João
- 14 — GIANNATTASIO, Wilda
- 15 — HELCER, Mira
- 16 — LEME, Suzana Dias
- 17 — MAC KNIGHT, Roberta E.
- 18 — NOGUEIRA, Decio Mattos
- 19 — OHNO, Toyoko
- 20 — OLIVEIRA, Maria Helena M. de
- 21 — PEIXOTO, Ennio Sandoval
- 22 — RASTELLI, Adriana
- 23 — TANCREDI, José D. Antonio
- 24 — TEIXEIRA, Orminda Lopes

TURMA DE 1943:

- 1 — AMBROSIS, Sylvia de
- 2 — ANDREUCCI, Amalia
- 3 — ANGERAMI, Maria A. Monaco

- 4 - ARRUDA, Ruth Monteiro de
- 5 - BERRETINI, Celia
- 6 - BRUNO, Julieta
- 7 - CABRAL, Maria A. Reck
- 8 - CAMPOS, Hamilton Oliveira
- 9 - CARDOSO, Maria Zilda Prado
- 10 - CUNHA, Olga Egh de Souza
- 11 - GIANNATTASIO, Wilda
- 12 - GUIMARO, Adelina
- 13 - HELCER, Mira
- 14 - LEÃO, Iacy Lopes de
- 15 - LEME, Suzana Dias
- 16 - LOEWEMBERG, Werner J.
- 17 - MARQUES, Olga Ribeiro
- 18 - MONTES, Maria de L. Danso
- 19 - NOGUEIRA, Decio Mattos
- 20 - PEIXOTO, Ennio Sandoval
- 21 - PETRELLIS, Maisa
- 22 - RASTELLI, Adriana
- 23 - SILVA, Yvette Hasselmann da
- 24 - SILVA, Zaide Hasselmann da
- 25 - TADA, Yoriko

TURMA DE 1944:

- 1 - ANGERAMI, Maria A. Monaco
- 2 - ARRUDA, Ruth Monteiro de
- 3 - BARBOSA, Luiz de Moura
- 4 - BARCELLOS, Maria Stella
- 5 - BERRETINI, Celia
- 6 - CAMPOS, Hamilton Oliveira
- 7 - CARAM, Guimar
- 8 - CARDOSO, Maria Zilda Prado
- 9 - CASSANHA, Leonette Barbuy
- 10 - CASELLA, Marina Julia
- 11 - CECCONI, Maria Viviana
- 12 - CIROTA, Carmella
- 13 - COSI, Dinorah Flavia
- 14 - ELLIS, Myriam B.
- 15 - GUIMARO, Adelina
- 16 - JABUR, Ignez
- 17 - KUHLMANN, Margarida
- 18 - LEÃO, Iacy Lopes de
- 19 - LEME, Eunice Prado
- 20 - MACEDO, Maria A. Nogueira
- 21 - MARCHETTI, Julia
- 22 - MARQUES, Olga Ribeiro
- 23 - MENEZES, Moyselina B. de
- 24 - MONTES, Maria de L. Danso
- 25 - OLIVEIRA, Aracy Camargo de
- 26 - OLIVEIRA, Maria Helena M. de
- 27 - PALERMO, Elza
- 28 - PEREIRA, Nelly Burgos
- 29 - PETRELLIS, Maisa
- 30 - PHILIPSON, Jurn Jacob
- 31 - PINTO, Maria José
- 32 - SILVA, Zaide Hasselmann da
- 33 - SOUSA, May Nunes de
- 34 - TADA, Yoriko

TURMA DE 1945:

- 1 - ACCORSI, Elza
- 2 - BARBOSA, Luiz de Moura
- 3 - BARCELLOS, Maria Stella
- 4 - CAPASSO, Clotilde Wanda
- 5 - CARAM, Guimar
- 6 - CARVALHO, Diva Camargo de
- 7 - CASELLA, Marina Julia
- 8 - CECCONI, Maria Viviana
- 9 - CIROTA, Carmella
- 10 - CORDIOLI, Isaura
- 11 - COSENZA, Olivia
- 12 - COSI, Dinorah Flavia
- 13 - FONSECA, Leonor Faiva de
- 14 - FOZ, Dirce Alvarenga
- 15 - GORI, Anna
- 16 - JABUR, Ignez
- 17 - KUHLMANN, Margarida
- 18 - LALONI, Yole
- 19 - LEME, Eunice Prado
- 20 - MARCHETTI, Julia
- 21 - MOURA, Maria C. A. Cursino de
- 22 - MUNHOZ, Esmeralda
- 23 - PALERMO, Elza
- 24 - PEREIRA, Nelly Burgos
- 25 - PINTO, Maria José
- 26 - RAMOS, Carmen Peres
- 27 - SAAD, Mercedes
- 28 - SOUSA, May Nunes de
- 29 - TONETTI, Vera

TURMA DE 1946:

- 1 - ACCORSI, Elza
- 2 - BERNARDI, Flora
- 3 - CAPASSO, Clotilde Wanda
- 4 - CANTO, Hilda
- 5 - COSENZA, Olivia
- 6 - DIX, Helena de Carvalho
- 7 - FONSECA, Leonor Paiva da
- 8 - FOZ, Dirce Alvarenga
- 9 - GOMES, Dinah Spinola
- 10 - GORI, Anna
- 11 - KAHN, Marlyse Madeleine
- 12 - LALONI, Yole
- 13 - MENEZES, Almerinda R. M. de
- 14 - MOURA, Maria C. A. Cursino de
- 15 - MUNHOZ, Esmeralda
- 16 - PAULA, Aparecida Ribeiro de
- 17 - PEREIRA, Maria C. de L. Nunes
- 18 - RAMOS, Carmen Peres
- 19 - TONETTI, Vera
- 20 - TRIVINHO, Francisco Daniel

TURMA DE 1947:

- 1 - BERNARDI, Flora

- 2 — CAGELLI, Josephina
- 3 — CAMAS, Luzia Zapata
- 4 — DELPECH, Ivana M. Trussardi
- 5 — FEDERICO, Licia
- 6 — FUSER, Liede
- 7 — GOMES, Dinah Spinola
- 8 — GRILLI, Helena Maria
- 9 — LAXE, Lais Cortines
- 10 — LAURITO, Ilka Brunilda Gallo
- 11 — MANTOVANINI, Wilna
- 12 — MARETTI, Vilma
- 13 — MIRAGLIA, Ermelinda
- 14 — MOURA, Clarise de
- 15 — MOURA, Lucy Ribeiro de
- 16 — FERREIRA, Maria C. de L. Nunes
- 17 — PICCHI, Zelinda A. Maria
- 18 — SALINAS, Luzia
- 19 — SANT'ANNA, Carmen Michelet
- 20 — SIMONE, Celia Virginia de
- 21 — VELOSO, Tereza de Oliveira

TURMA DE 1948:

- 1 — ANAWATE, Norman
- 2 — CASSANHA, Leonette Barbuy
- 3 — COSTA, Leda Gaya
- 4 — MOURA, Clarise de
- 5 — NOVAZZI Junior, José
- 6 — PAULA, Aparecida Ribeiro de
- 7 — SIQUEIRA, Maria V. Lombardi

TURMA DE 1949:

- 1 — ALBERTINI, Helena
- 2 — AMORIM, Consuelo Banducci de
- 3 — ANAWATE, Norman
- 4 — ANTONACCI, Maria Laetitia
- 5 — BELMONTE, Euridice
- 6 — BRAGA, Maria Luiza Tross
- 7 — COSTA, Dora Ignez Anna
- 8 — MAGNOLI, Lydia
- 9 — MAIA, Alza
- 10 — MAROTE, João Theodoro D'Olim
- 11 — MINGUINI, Maria Odette
- 12 — MORAES, Edith Rodrigues de
- 13 — NOGUEIRA, Neyde Povóia
- 14 — SILVA, Nilza Coelho da
- 15 — TUNDISI, Carmine Biagio
- 16 — VIANNA, Celina Gorga
- 17 — ZUIANI, Candida

TURMA DE 1950:

- 1 — ARMEL, Golda
- 2 — ARMEL, Szejndla
- 3 — CAMPOS, Adolphina Pereira de

- 4 — CAMPOS, Isabel de M. Oliveira
- 5 — CORRÊA, Nelly
- 6 — COSTA, Maria T. Emboaba da
- 7 — FIALHO, Iria Borges
- 8 — FRANCO, Alcidema
- 9 — FRAYZE, Haydée Miguel
- 10 — FREITAS, Norma de
- 11 — INAMA, Carla
- 12 — MACHADO, Luiz G. Toledo
- 13 — MARTINO, Maria Felicia
- 14 — PRESTES, Laura
- 15 — SANTINHO, Ivette
- 16 — SANTOS, Alzira dos
- 17 — VIVONA, Laura Amelia Alves

TURMA DE 1951:

- 1 — ALMEIDA, Maria Dulce Castelli de
- 2 — ASSIS, Wilma Silveira de
- 3 — BARBAGALLO, Carnela
- 4 — BARCELOS, Ieda Santos
- 5 — CABRAL, Jessy Cassiano
- 6 — CARVALHO, Perola de
- 7 — COSTA, Maria Helena
- 8 — COUDRY, Maria Aparecida
- 9 — DUARTE, Maria José
- 10 — FERREIRA, Maria Isabel Alves
- 11 — FRANCO, Vera Braga
- 12 — GONÇALVES, Yvonne Felice
- 13 — KFOURI, Salimi
- 14 — LEMOS, Nilza Antunes de
- 15 — MACHADO, Nicia Maria
- 16 — MICUCCI, Aracy
- 17 — MONTEIRO, Marilda Martins
- 18 — NASCIMENTO Junior, Zaé Mariano
Carvalho do
- 19 — NASSAR, Uydad
- 20 — NAVAJAS, Eunice
- 21 — PASSARELLI, Mercedes
- 22 — PEREIRA, Alice Trindade
- 23 — PESTANA, Thereza Maria Rangel
- 24 — PIGOSSO, Olga
- 25 — IROENÇA, Esther Guimarães
- 26 — REINEZ, Clara M. Laginha
- 27 — REINEZ, Maria Martins Laginha
- 28 — RICARDO, Celia P. Aranha
- 29 — RODRIGUES, Maria de Lourdes
- 30 — SAAD, Suaad
- 31 — SANTOS, Carmen Therezinha dos
- 32 — SERRAT Filho, Paulo Monte
- 33 — SILVA, Maria de L. Bernardes
- 34 — SILVA, Nilza Pereira da
- 35 — SOUZA, Maria Luiza Medeiros Pe-
reira
- 36 — TEIXEIRA, Decia Livia
- 37 — TRIVINHO, Francisco Daniel

LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS

TURMA DE 1941:

- 1 - SCHONMANN, Leonore Hanna

TURMA DE 1942:

- 1 - ALBUQUERQUE, João Ferreira de
2 - KAIRALLA, Waldomiro
3 - KULING, Elza
4 - LAGE, Cecília

TURMA DE 1943:

- 1 - COGAN, Francisca
2 - KAIRALLA, Waldomiro
3 - KULING, Elza
4 - OLIVEIRA, Beatriz de
5 - PIEDADE, Niobe
6 - RIBEIRO, Maria H. de Barros
7 - ZAMBIANCHI, Gladys

TURMA DE 1944:

- 1 - BAMBINI, Norma
2 - BARROS, Lília de
3 - CAMPOS, Leda Machado de
4 - CANTO, Yolanda de Ulhôa
5 - COGAN, Francisca
6 - COIFMAN, Malca
7 - CUNHA, Maria de C. W. Vieira da
8 - FAVERO, Percy Ferraz
9 - FERRAZ, Sílvia Barbosa
10 - GALVÃO, Sílvia
11 - LEGASPE, Carmen
12 - MARTINS, Nise Corrêa
13 - OLIVEIRA, Beatriz de
14 - PAULA, Camilo Marques
15 - PEIXOTO, Maria José
16 - PERES, Maria H. Figueiredo
17 - PIEDADE, Niobe
18 - PIMENTEL, Maria I. C. Sacramento
19 - PINTO, Gilda Cesar
20 - RIBEIRO, Maria H. de Barros
21 - ROSSI, Maria Ophelia
22 - SAMPAIO, Vera P. A. Ferraz
23 - SCALA, Serena
24 - VAL, Nilce Borges do
25 - ZAMBIANCHI, Gladys

TURMA DE 1945:

- 1 - BAMBINI, Norma
2 - BARROS, Lília de
3 - CARVALHO, Adazir Almeida
4 - CARVALHO, Izabel Barros de

- 5 - COIFMAN, Malca
6 - FAVERO, Percy Ferraz
7 - FERRAZ, Sílvia Barbosa
8 - FERRARI, Maria Chechetti
9 - GALVÃO, Sílvia
10 - GOMES, Helena Lourenço
11 - LEGASPE, Carmen
12 - MARQUES, Maria
13 - MARTINS, Elvira do Céu
14 - PERES, Maria H. Figueiredo
15 - PINTO, Gilda Cesar
16 - ROSSI, Maria Ophelia
17 - SALLES, Maria Lygia
18 - SCALA, Serena
19 - SCHECHTER, Geny Chansky
20 - THUT, Gilberta da Costa e S.
21 - VAL, Nilce Borges do
22 - VIEIRA, Stella

TURMA DE 1946:

- 1 - BRANDO, Maria A. de Campos
2 - CARVALHO, Adazir Almeida
3 - CARVALHO, Izabel Barros de
4 - CERQUEIRA, Leda Leite
5 - FELINTO, Celia Brando
6 - GOMES, Helena Lourenço
7 - MACUCO, Maria A. Salles
8 - MOREIRA, Maria F. da Rocha
9 - NOGUEIRA, Priscilla Kerr
10 - PAULA, Camilo Marques
11 - REIS, Clestenes de
12 - SALES, Celia M. Saboya
13 - SALLES, Maria Lygia
14 - VIEIRA, Stella

TURMA DE 1947:

- 1 - ALBUQUERQUE, João Ferreira de
2 - ANDRADE, Judith F. de
3 - BARBOSA, Onedia C. de Carvalho
4 - CRUZ, Edna Chagas
5 - FRANÇA, Leda
6 - HEINRICH, Sonia Orietta
7 - MONTE, Nara
8 - NOGUEIRA, Priscilla Kerr
9 - NOGUEIRA, Branca Cesar
10 - OLIVEIRA, Norma Machado
11 - REIS, Clestenes de
12 - SALES, Celia M. Saboya
13 - SCHECHTER, Geny Chansky
14 - SOUZA, Célia Luiz de
15 - SOUZA, Myriam D. Villela de
16 - YARED, Iolanda

TURMA DE 1948:

- 1 — CERQUEIRA, Leda Leite
- 2 — DUARTE, Zuma de Carvalho
- 3 — FADUL, Ivette
- 4 — FERREIRA, Therezinha F. Queiroz
- 5 — FROHELICH, Paulo A. Adalberto
- 6 — LANDHAL, Beatriz Lobo da Costa
- 7 — MOTTA, Dione Lemke
- 8 — RAMEH, Cléa Abdon Salomão

TURMA DE 1949:

- 1 — FALZONI, Yedda Borges
- 2 — FONSECA, Ida de Souza
- 3 — GDANSKI, Mary
- 4 — GUGLIELMO, Giselda P. Di
- 5 — LAMBERTI, Thereza
- 6 — PINTO, Lucia P. da Costa
- 7 — PINTO, Nadyr Pereira
- 8 — ROSEMBERG, Freda Perla
- 9 — TEANI, Maria Florinda Justo

TURMA DE 1950:

- 1 — AFLALO, Maria T. Croce
- 2 — AMORIM, Therezinha Gomes de
- 3 — BARROS, Yolanda Guimarães
- 4 — BARROSO, Mariana Cabral
- 5 — BRAGA, Maria Helena Ferraz

- 6 — FOCHI, Eidaldea Neomizia M.
- 7 — GALLÃO, Maria N. Gouveia
- 8 — GRAZIANI, Lisette Beatriz
- 9 — GREGORI, Maria do Carmo
- 10 — KOBAL, Suzana C. B. de Souza
- 11 — LENCASTRE, Lais Helena F.
- 12 — MAZZA, Cyra Lygia
- 13 — ROSENTHAL, Erwin Theodor
- 14 — RUIZ Filho, Ramon Marba
- 15 — SCHONMANN, Leonore Hanna

TURMA DE 1951:

- 1 — ALENCAR, Ana W. Ayres Neves
- 2 — ARRUDA, Lys Casale de
- 3 — BRANDÃO, Nilza Norma
- 4 — CAMARGO, Perola Rodrigues
- 5 — CARELLI, Adelia Purgato
- 6 — CORREIA, Anna T. Birkholz
- 7 — DEPARI, Francisca
- 8 — FUCHS, Clara
- 9 — GOMES, Maria de Lourdes
- 10 — HERNANDEZ, Nelly Requejo
- 11 — HOLCK, Carmen H. Hildegard
- 12 — MORI, Irene de
- 13 — MONTE, Nara
- 14 — PINHEIRO, Wildo João
- 15 — SEMEGHINI, Maria Aparecida
- 16 — TEIXEIRA, Lucy de S. Gitahy

P E D A G O G I A

TURMA DE 1942:

- 1 — BUCHALA, Anita
- 2 — FORNARI, Maria José de Barros
- 3 — PEREIRA, José Severo de C.
- 4 — VERDERESE, Maria de Lourdes

TURMA DE 1943:

- 1 — CAMARGO, Hebe Rolim de
- 2 — FORNARI, Maria José de Barros
- 3 — MARTINS, Enid Castello
- 4 — PELLEGRINI, Norah Joanna
- 5 — PEREIRA, José Severo de C.
- 6 — SILVA, Yvonne Camargo

TURMA DE 1944:

- 1 — ANGELINI, Arrigo Leonardo
- 2 — BARIONI, Nice Camargo
- 3 — BUCHALA, Anita
- 4 — CARCHEDI, Delma da Conceição
- 5 — CHAVES, Aretusa
- 6 — CORBERTT, Elisa Macedo
- 7 — GALEOTTI, Yone
- 8 — LOPES, Ilza Silva

- 9 — LOURENÇÃO, Odette
- 10 — MAGDALENA, Norma Rocha
- 11 — MARTINS, Joel
- 12 — PELLEGRINI, Norah Joanna
- 13 — ROGICH, Constância
- 14 — SILVA, Celia Paes Fernandes
- 15 — SILVA, Yvonne Camargo
- 16 — VIEIRA, José A. do Amaral

TURMA DE 1945:

- 1 — ACHÔA, Helena Rocha de
- 2 — ALVAREZ, Daisy
- 3 — BARIONI, Nice Camargo
- 4 — CAMARGO, Hebe Rolim de
- 5 — CARCHEDI, Delma da Conceição
- 6 — CHAVES, Aretusa
- 7 — CORBERTT, Elisa Macedo
- 8 — ESPINOLA, Ivonne
- 9 — FALLEIROS, Benedito de Sousa
- 10 — GALEOTTI, Yone
- 11 — LOFES, Ilza Silva
- 12 — LOURENÇÃO, Odette
- 13 — MAGDALENA, Norma Rocha
- 14 — MARTINS, Joel
- 15 — MOTTA, Flavio

- 16 – NEDER, Mathilde
- 17 – OLIVEIRA, Ada Laloni de
- 18 – PEREIRA, José Severo de C.
- 19 – PINHO, Carlos Marques
- 20 – PIRES, Nelson de Campos
- 21 – POLLASTRINI, Ilda
- 22 – PONTUAL, Marcos
- 23 – QUEIROZ, Aidyl Macedo
- 24 – ROGICH, Constância
- 25 – SILVA, Celia Paes Fernandes
- 26 – VAL, Maria Aparecida do
- 27 – VERGUEIRO, Maria T. Teixeira
- 28 – VIEIRA, José A. do Amaral
- 29 – VIEIRA, Maria Luiza

TURMA DE 1946:

- 1 – ACHÔA, Helena Rocha de
- 2 – ALVARENGA, Carlos
- 3 – AMARAL, Maria Bordini do
- 4 – ANDERI, Daisy
- 5 – ANDREUCCI, Rosiris Maria
- 6 – ANGELINI, Arrigo Leonardo
- 7 – BAPTISTA, Idalina
- 8 – BELTRÃO, Vera M. Fontana
- 9 – BERTUCCELLI, Dalva
- 10 – COUTO, Maria Celisa Costa
- 11 – CUNHA, Antonieta de Araujo
- 12 – FALLEIROS, Benedito de Souza
- 13 – LESSA, Adelaide Petters
- 14 – MIRANDA, Maud Regos Sá de
- 15 – NASCIMENTO, José Camarinha do
- 16 – NASCIMENTO, Maria L. Aranha
- 17 – NEDER, Mathilde
- 18 – PEREIRA, Eliana A. de França
- 19 – PINHO, Carlos Marques
- 20 – PIRES, Nelson de Campos
- 21 – POLLASTRINI, Ilda
- 22 – PONTUAL, Marcos
- 23 – QUEIROZ, Aidyl Macedo
- 24 – SECCHI, Renata
- 25 – SECCHI, Yvonne
- 26 – TOLEDO, Vera C. Viotti Campos
- 27 – VAL, Maria Aparecida do
- 28 – VERGUEIRO, Maria T. Teixeira

TURMA DE 1947:

- 1 – ALMEIDA, Lavinia
- 2 – CASELLA, Iracema Judith
- 3 – COUTO, Maria Celisa Costa
- 4 – CUNHA, Antonieta de Araujo
- 5 – GALVÃO, Yolanda
- 6 – GARCIA, Maria José
- 7 – LESSA, Adelaide Petters
- 8 – MARTUSCELLI, Carolina
- 9 – MIRANDA, Maud Regos Sá de
- 10 – MOTTA, Flavio

- 11 – NASCIMENTO, José Camarinha do
- 12 – OLIVEIRA, Maria M. Antunes de
- 13 – PORTO, Maria José Alves
- 14 – SANTOS, Celia Hummel
- 15 – TOLEDO, Vera C. Viotti Campos

TURMA DE 1948:

- 1 – BUENO, Leticia de Godoy
- 2 – OLIVEIRA, Maria M. Antunes de
- 3 – SANTOS, Celia Hummel
- 4 – SIQUEIRA, Maria A. Flaquer de

TURMA DE 1949:

- 1 – ARRUDA, Dirce Ribeiro de
- 2 – BARBANTE, Odila
- 3 – BARROS, Maria José de M.
- 4 – BRAGA, Maria Eunice Tross
- 5 – BREJON, Moysés
- 6 – BUENO, Leticia de Godoy
- 7 – CARREIRA, Maria de Jesus
- 8 – CUNHA, Margarida L. Vieira
- 9 – FERREIRA, Francisco de P.
- 10 – FLETCHER, Maria José
- 11 – FRANCO, Angelica
- 12 – KUCHENBUCK, Carmen Ferreira
- 13 – MEDEIROS, Francisca
- 14 – POMPEIA, Stella Marinho
- 15 – SALVATORI, Dina
- 16 – SANIOTO, Cecilia M. Domenica
- 17 – SANTIAGO, Maria Thereza B.
- 18 – SANTOS, Oswaldo de Barros
- 19 – VEIGA, Maria Ferri Soares
- 20 – VIAGEM, Hebe Canuto da Boa
- 21 – VIANNA, Jandyra

TURMA DE 1950:

- 1 – ARRUDA, Dirce Ribeiro de
- 2 – BARROS, Maria José de M.
- 3 – CARREIRA, Maria de Jesus
- 4 – CASTRO, Lourdes Carvalho de
- 5 – CUNHA, Margarida L. Vieira
- 6 – FERREIRA, Francisco de P.
- 7 – FRANCO, Angelica
- 8 – GONÇALVES, Neusa Ferreira
- 9 – KUCHENBUCK, Carmen Ferreira
- 10 – MARTINS, Enid Castello
- 11 – MATTAR, Ruth Dib
- 12 – MEDEIROS, Francisca
- 13 – MEJIAS, Nilce
- 14 – MELLO, Lucia Wollet de
- 15 – PASCARELLI, Carmela
- 16 – PIEDRA, Lair Fontes
- 17 – POMPEIA, Stella Marinho
- 18 – RAMOS, Helena de Arruda
- 19 – SALVATORI, Dina

- 20 — SANCHES, Elmira
- 21 — SANTIAGO, Maria Thereza B.
- 22 — SANTOS, Oswaldo de Barros
- 23 — SILOS, Therezinha de Carvalho
- 24 — TALLIA, Vera
- 25 — TOLEDO, Hilda de Arruda
- 26 — UDLER, Maria
- 27 — VASCONCELLOS, Ruth Moraes
- 28 — VEIGA, Maria Ferri Soares
- 29 — VELLINI, Amelia
- 30 — VIDIGAL, Alba Carneiro

TURMA DE 1951:

- 1 — ALVARENGA, Abigail
- 2 — CELLI, Aurora
- 3 — CESAR, Irene Cerqueira
- 4 — GRILLO, Helly
- 5 — LACERDA, Myriam Bruck
- 6 — MOREIRA, Maria Thereza
- 7 — PERPETUO, Fernanda M. S.
- 8 — REHDER, Wladimir
- 9 — VALLIM, Zulmira

CERTIFICADO DE CAMBRIDGE

TURMA DE 1949:

- 1 — TEALDI, Jacob

TURMA de 1950:

- 1 — FAVERO, Josephina Fazio

- 2 — MALZONI, Haydée de Azevedo
- 3 — PACHECO, Maria da Conceição

TURMA DE 1951:

- 1 — AGUIAR, Noemia de Carvalho
- 2 — SILVA, Fernando Carneiro da

R E S U M O	LIC. BACH. PROF. SEC.		1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	Total	
FILOSOFIA	99	45	29	11	14	7	10	6	18	7	5	3	6	3	9	17	10	7	4	137
MATEMÁTICA	70	55	9	6	3	3	2	5	6	11	11	8	17	13	6	10	5	3	1	110
FÍSICA	36	28	5	1	2	1	5	3	7	3	2	3	6	3	3	3	5	4	2	53
QUÍMICA	93	124	17	-	4	5	6	12	14	19	14	20	25	8	21	15	13	7	19	202
HISTÓRIA NATURAL	79	59	19	-	4	4	2	12	16	8	8	13	16	5	7	8	4	7	7	121
GEOGRAFIA E HISTÓRIA	209	118	61	7	15	9	15	23	33	12	19	30	43	15	18	6	7	15	16	283
CIÊNCIAS SOCIAIS	107	63	21	1	17	10	6	7	12	16	11	18	16	5	9	4	7	10	6	155
LETRAS CLÁSSICAS	157	102	37	1	6	4	9	11	28	22	24	35	23	18	15	7	7	15	6	231
LETRAS NEO-LATINAS	207	149	28	2	15	7	5	3	28	24	25	34	29	20	21	7	17	17	37	291
LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS ..	91	101	1	-	-	-	-	-	1	4	7	25	22	14	16	8	9	15	16	137
PEDAGOGIA	102	92	-	-	-	-	-	-	-	4	6	16	29	28	15	4	21	30	9	162
T O T A L	1250	939	227	29	80	50	60	82	163	130	132	205	132	132	140	89	105	130	123	



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

ORÇAMENTO DO EXERCÍCIO DE 1951
DECRETO ORIGINAL E REAJUSTAMENTOS

ANEXO 1

CONSIGNAÇÕES	Dotações orçamentárias, Decreto n.º 20.199 de 10-1-1951	1.º Reajustamento, Decreto n.º 20.377 de 14-3-1951	2.º Reajustamento, Decreto n.º 20.523 de 23-5-1951	3.º Reajustamento, Decreto n.º 20.566 de 12-6-1951	4.º Reajustamento, Decreto n.º 20.625 de 17-7-1951	5.º Reajustamento, Decreto n.º 20.747 de 5-9-1951	6.º Reajustamento, Decreto n.º 20.810-B de 2-10-1951	7.º Reajustamento, Decreto n.º 20.921 de 7-11-1951	8.º Reajustamento, Decreto n.º 21.024 de 11-12-1951	SITUAÇÃO FINAL
PESSOAL:										
Fixo	25.044.696,80	+ 100.000,00	- 836.700,00	+ 90.000,00	- 1.944.711,80	- 347.000,00	+ 1.961.800,00	- 397.867,00	+ 4.798.087,20	27.901.305,20
Variável	4.747.600,00	+ 490.000,00	+ 200.000,00	+ 30.000,00	- 0	+ 35.000,00	- 0	+ 422.000,00	+ 18.000,00	5.023.400,00
S O M A S	29.792.296,80	+ 590.000,00	- 636.700,00	+ 120.000,00	- 1.944.711,80	- 312.000,00	+ 1.961.800,00	+ 12.300,00	+ 4.816.087,20	32.924.705,20
MATERIAL E SERVIÇOS:										
Permanente	3.786.975,00	+ 873.000,00	+ 400.000,00	- 325.000,00	+ 1.410.000,00	+ 190.000,00	- 0	- 0	- 331.476,90	5.074.998,10
Consumo	1.732.400,00	+ 132.000,00	+ 208.000,00	- 0	+ 331.000,00	+ 27.000,00	- 0	+ 132.532,00	- 164.641,80	2.376.226,20
Despesas diversas	1.286.400,00	+ 354.000,00	+ 28.700,00	+ 108.000,00	+ 215.000,00	+ 162.000,00	+ 35.000,00	+ 471.700,00	- 155.568,50	1.951.842,30
S O M A S	6.805.775,00	+ 1.242.500,00	+ 636.700,00	+ 433.000,00	+ 1.956.000,00	+ 379.000,00	+ 35.000,00	+ 981.700,00	- 651.687,20	9.403.066,60
TOTAL DO ORÇAMENTO	36.598.071,80	+ 1.832.500,00	- 836.700,00	+ 553.000,00	+ 1.956.000,00	- 414.000,00	+ 1.996.800,00	+ 994.000,00	+ 4.816.087,20	42.627.771,80
CRÉDITO ESPECIAL — FLURIENAL:										
Decreto n.º 18.573-A de 13-4-1949 — Saldo para 1951	650.000,00	- 0	- 0	- 0	- 0	- 0	- 0	- 0	- 0	650.000,00
TOTAL GERAL	37.248.071,80	+ 1.832.500,00	- 836.700,00	+ 553.000,00	+ 1.956.000,00	+ 414.000,00	+ 1.996.800,00	+ 994.000,00	+ 4.816.087,20	43.277.771,80

NOTA: Os sinais + correspondem a suplementações.
Os sinais - correspondem a reduções.

Visto
E. Simões de Paula
Diretor

Contabilidade
Fevereiro de 1952

Jack Frederick Gebara
Chefe



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

QUADRO DA EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA DO EXERCÍCIO DE 1951

ANEXO 2

CONSIGNAÇÕES	Orçamento previsto, situação final quadro anexo n.º 1	Execução orçamentária	Saldos não utilizados
PESSOAL			
Fixo	27.901.305,20	27.706.335,10	21.256,50
Variável	5.023.400,00	5.002.143,50	194.970,10
Soma do pessoal ...	32.924.705,20	32.708.478,60	216.226,60
MATERIAL E SERVIÇOS			
Permanente	5.374.998,10	4.660.551,80	714.446,30
Consumo	2.374.612,70	2.366.634,30	7.978,40
Despesas Diversas	1.953.455,80	1.631.181,70	322.274,10
Soma do material e serviços	9.703.066,60	8.658.367,80	1.044.698,80
TOTAL DO ORÇAMENTO	42.627.771,80	41.366.846,40	1.260.925,40
Crédito especial pluriental — Decreto 18.573A, de 13-4-949 — Saldo para 1951 — Departamento de Física	650.000,00	650.000,00	—
TOTAL GERAL CR\$..	43.277.771,80	42.016.846,40	1.260.925,40

Visto
E. Simões de Paula
Diretor

Contabilidade
Fevereiro de 1952

Jack Frederick Gebara
Chefe

1870

1871

1872

1873

[Faint, illegible text in the main body of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

[Faint, illegible text at the bottom of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

APLICAÇÃO DAS DESPESAS DE PESSOAL PELA SUA NATUREZA

Exercício de 1951.

ANEXO 3

<u>PESSOAL FIXO</u>	
1 — Vencimentos do quadro, funções gratificadas, tempo integral, quartas e sextas partes, diferença de vencimentos, substituições e outras vantagens	23.729.900,00
2 — Gratificações	
serviços extraordinários	225.694,80
curso noturno	3.750.740,30
	<hr/>
Soma do Pessoal Fixo	27.706.335,10
	<hr/>
<u>PESSOAL VARIÁVEL</u>	
1 — Vencimentos de extranumerários (contratados, mensalistas e diaristas)	4.338.715,30
2 — Gratificações	
serviços extraordinários	89.757,60
curso noturno	511.670,60
3 — Honorários	62.000,00
	<hr/>
Soma do Pessoal Variável	5.002.143,50
	<hr/>
TOTAL GERAL CR\$	32.708.478,60
	<hr/>

Visto
E. Simões de Paula
Diretor

Contabilidade
Fevereiro de 1952

Jack Frederick Gebara
Chefe



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
APLICAÇÃO DAS DESPESAS COM MATERIAL E SERVIÇOS PELA SUA NATUREZA

ANEXO N.º 4

NATUREZA	VALOR
MATERIAL PERMANENTE	
1 — Móveis, utensílios, máquinas de escrever, calcular etc.	486.133,40
2 — Instalações e equipamentos de laboratórios, de oficinas, de observatórios, aparelhos e instrumentos físicos, de engenharia, ferramentas etc.	483.519,50
3 — Máquinas, p. oficinas, motores elétricos, maq. agrícolas, fotográficas, cinematográficas e de projeção, Refrigeradores e Aquecedores.	265.543,00
4 — Veículos adquiridos e acessórios.	114.150,00
5 — Livros revistas, encadernações, discos e coleções em geral.	873.396,50
6 — Construções, reformas e adaptações.	896.241,90
7 — Material didático e obras de arte.	103.000,00
8 — Instalações de interphones.	35.579,80
	3.257.564,10
MATERIAL DE CONSUMO	
1 — Impressos e papelaria, artigos de escritório e de desenho.	200.403,90
2 — Material de limpeza em geral, tolete e uso pessoal.	36.994,90
3 — Material elétrico, material de copa e cozinha, custeio de veículos, alimentação de animais p. laboratório, conservação de prédios e biblioteca.	149.217,20
4 — Alimentação: compra de café e açúcar.	86.889,40
5 — Medicamentos, artigos de farmácia.	—
6 — Mat. de laboratório, laboratório de pesquisas e fotografias.	450.937,50
7 — Compra de aventais.	37.939,00
8 — Publicação de boletim, mapas e cartas.	317.521,50
9 — Mat. para custeio de oficinas.	5.978,10
	1.285.881,50
DESPESAS DIVERSAS	
1 — Despesas miúdas por adiantamentos.	93.341,80
2 — Serviços de limpeza e lavagem de roupas.	33.000,00
3 — Desp. com recortes de jornais e encadernação de material de Expediente.	8.250,00
4 — Despesas com importações.	13.648,10
5 — Aluguéis.	120.000,00
6 — Prêmios de seguros.	63.919,80
7 — Despesas com bancas examinadoras.	42.000,00
8 — Despesas com serviços funerais e encargos legais.	12.850,00
9 — Serviços de conservação de bibliotecas veículos, moveis, máq. aparelhos e instrumentos técnicos.	107.196,10
10 — Serviços de conservação de prédios (tinturas, reformas e adaptações).	154.731,90
11 — Despesas com correspondência taxada e transporte em geral.	84.747,00
12 — Bolsas de estudos.	—
13 — Custeio de viagens e excursões técnicas ou científicas.	519.395,00
14 — Custeio de cursos especializados, conferências, concursos e serviços de taquígrafia.	43.996,40
15 — Subvenção ao Grêmio.	28.000,00
16 — Água, gás, telefone e energia elétrica.	199.914,80
17 — Despesas com café e açúcar.	9.778,50
18 — Crédito especial — Decreto n.º 21.440 de 4-6-52.	250.000,00
	1.784.769,40
TOTAL GERAL, Cr\$	6.328.215,00

Visto
E. Simões de Paula
 Diretor

Contabilidade
 Fevereiro de 1952

Francisco P. T. Parente
 Contador

Jack Fredrick Gebara
 Chefe da Div. Contabilidade



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

APLICAÇÃO DAS VERBAS SEGUNDO A SUA NATUREZA, UTILIZADAS PELAS CADEIRAS, DEPARTAMENTOS E SECÇÕES ADMINISTRATIVAS

ANEJO 5

MATERIAL PERMANENTE

	Móveis, utensílios, máquinas de escrever, calcular e etc.	Instalações e equipamentos de laboratórios de observação, aparelhos e instrumentos físicos, de engenharia e etc.	Máquinas p/ oficinas, motores elétricos, máquinas fotográficas, cinematográficas e de projeção, refrigeradores e aquecedores	Instalações de interfontes	Veículos adquiridos	Livros, revistas, encadernações, discos e coleções em geral	Armas portáteis	Construções, reformas e adaptações	TOTAL
1	14.150,00	—	—	—	—	4.785,50	—	—	18.935,50
2	6.300,00	1.200,00	—	—	—	6.101,50	—	—	13.601,50
3	1.900,00	111.405,00	—	—	—	11.674,00	—	—	124.140,00
4	25.376,00	27.805,20	7.150,00	—	—	7.513,20	—	64.950,00	132.794,40
5	—	—	—	—	—	—	—	—	—
6	24.433,60	—	—	—	—	10.476,50	—	—	34.910,10
7	28.680,00	—	—	—	—	447,50	—	—	29.127,50
8	—	—	—	—	—	2.165,00	—	—	2.165,00
9	23.715,60	1.405,00	8.430,00	—	—	8.874,00	—	—	42.424,60
10	24.086,00	92.275,00	—	—	—	2.560,00	7.230,00	—	125.751,00
11	—	—	—	—	—	13.729,50	—	—	13.729,50
12	7.000,00	—	—	—	—	0.004,80	—	—	16.004,80
13	123.654,00	176.020,50	5.200,00	—	—	67.857,50	—	—	371.932,00
14	40.949,50	63.710,00	36.020,00	—	—	98.920,00	—	—	232.599,90
15	41.245,00	11.050,00	—	—	—	18.170,30	—	—	67.465,30
16	63.967,00	191.470,00	46.060,00	—	125.000,00	48.523,00	3.000,00	—	606.410,00
17	22.350,00	—	—	—	—	24.663,00	—	—	47.013,00
18	13.257,50	—	5.400,00	—	—	56.338,90	—	—	75.030,40
19	11.150,00	—	—	—	—	9.727,00	—	—	21.877,00
20	6.300,00	10.000,00	—	—	—	11.371,00	—	—	14.671,00
21	1.400,00	—	—	—	—	8.379,00	—	—	9.779,00
22	9.610,00	—	—	—	—	1.371,00	—	—	11.981,00
23	—	—	—	—	—	11.371,00	—	—	12.742,00
24	1.380,00	4.000,00	2.600,00	—	—	2.751,00	—	—	12.859,00
25	6.300,00	—	14.645,00	—	—	57.026,00	—	—	77.836,00
26	3.260,00	—	2.700,00	—	—	1.160,00	—	—	25.805,00
27	3.260,00	—	6.800,00	—	—	10.832,50	—	—	20.912,50
28	37.073,40	7.590,00	—	—	—	20.582,50	—	—	33.000,00
29	5.737,50	—	—	—	—	2.581,00	—	—	3.161,00
30	—	—	—	—	—	5.924,90	—	—	3.700,00
31	9.845,00	—	—	—	—	6.500,00	—	—	57.388,30
32	23.352,00	161.803,00	15.670,00	—	—	—	—	—	12.237,50
33	—	—	—	—	—	—	—	—	9.845,00
34	—	—	—	—	—	63.113,50	—	—	263.938,50
35	21.095,00	—	—	—	—	8.015,00	—	—	8.015,00
36	8.350,00	—	—	—	—	6.644,00	—	—	28.639,00
37	44.243,30	111.995,00	37.000,00	—	—	97.048,30	—	—	133.698,30
38	14.307,50	—	—	—	—	103.672,30	—	—	296.910,60
39	—	—	—	—	—	5.385,00	—	—	19.692,50
40	18.946,00	21.880,90	2.800,00	—	—	14.802,00	—	—	14.802,00
41	—	—	—	—	—	4.094,00	—	—	47.720,90
42	39.084,50	(*)18.225,00	(*)2)55.600,00	52.068,80	—	648,00	—	(*)3)340.000,00	505.626,30
43	305.612,00	—	—	—	—	—	—	61.057,20	366.669,20
44	38.385,00	—	—	—	—	—	—	—	38.385,00
45	78.228,70	3.710,50	47.368,40	—	—	—	—	—	81.939,20
46	68.586,00	325,00	—	—	—	—	—	—	312.162,60
47	68.975,00	—	—	—	—	197.883,20	—	—	65.875,00
48	87.069,00	—	—	—	—	—	3.000,00	—	90.069,00
49	27.090,00	—	—	—	—	—	—	—	27.090,00
50	19.950,00	—	—	—	—	—	—	—	19.950,00
51	20.420,50	—	—	—	—	—	—	—	20.420,50
52	18.800,00	—	—	—	—	—	—	—	23.397,90
53	78.918,00	—	—	—	—	—	—	—	76.278,00
S O M A S									4.660.551,80

NOTAS — (*) a importância de Cr\$ 18.225,00 corresponde a compra de gravadores e fitas para gravação de conferências, solenidades, etc.
 (*) a importância de Cr\$ 55.600,00 corresponde a compra de bebedouros para os prédios da Rua Maria Antônia e Alameda Glette.
 (*) a importância de Cr\$ 340.000,00 corresponde a reformas e adaptações nos Departamentos de Biologia, Zoologia, Química, Fisiologia e Mineralogia.

Visto
 E. Simões de Paula
 Diretor

Contabilidade
 Fevereiro de 1952

Jack Frederick Gebara
 Chefe

15
23
10

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

APLICAÇÃO DAS VERBAS SEGUNDO A SUA NATUREZA, UTILIZADAS PELAS CADEIRAS, DEPARTAMENTOS E SEÇÕES ADMINISTRATIVAS

MATERIAL DE CONSUMO

ANEXO 6

	CADEIRAS, DEPARTAMENTOS E SEÇÕES ADMINISTRATIVAS	Impressos e papeleria, artigos de escritório e de desenho	Material de limpeza geral, toilette e uso pessoal	Material elétrico, material de copa e cozinha, material para custeio de veículos, alimentação de animais, labor., conservação móveis e biblio.	Alimentação, compra de café e açúcar	Medicamentos, artigos de farmácia	Material de laboratório, laboratórios e laboratórios gráficos	Vestimentas, bécas e aventais	Publicações de boletins, mapas e cartas	T O T A L
C A D E I R A S										
1	Administração Escolar e Educação Comparada	2.380,00	—	—	—	—	2.750,00	1.024,00	—	3.404,00
2	Antropologia	2.530,00	—	11.170,00	—	—	91.929,20	—	—	2.750,00
3	Botânica	1.800,00	—	13.176,20	—	—	19.528,00	—	—	105.629,20
4	Didática Geral e Experimental	—	—	—	—	—	—	—	5.976,00	40.480,20
5	Economia Política	—	—	—	—	—	—	—	16.952,00	16.952,00
6	Estatística I.	—	—	—	—	—	—	—	92.440,00	92.440,00
7	Estatística II.	—	—	—	—	—	—	—	—	—
8	Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani	—	—	—	—	—	—	—	—	—
9	Filologia Portuguesa	—	—	450,00	—	—	2.886,00	1.530,00	38.160,00	42.576,00
10	Filologia Românica	—	—	—	—	—	—	—	—	450,00
11	Filosofia	—	—	—	—	—	—	—	5.850,00	5.850,00
12	Física (4 cadeiras)	325,00	—	58.582,00	—	—	93.213,00	256,00	12.880,00	13.136,00
13	Fisiologia Geral e Animal	—	—	2.339,00	—	—	36.523,40	3.056,00	—	155.176,00
14	Geografia (3 cadeiras)	—	—	11.480,00	—	—	57,92	5,12	—	44.656,40
15	Geologia e Paleontologia	—	—	—	—	—	—	—	—	—
16	História da Civilização Americana	5.528,00	—	11.851,80	—	—	48.692,40	1.968,00	115.765,50	127.757,50
17	História da Civilização Antiga e Medieval	—	—	—	—	—	—	—	64.818,00	132.858,20
18	História da Civilização Brasileira	—	—	—	—	—	5.000,00	768,00	—	256,00
19	História da Civilização Moderna e Contemporânea	—	—	—	—	—	—	—	75.752,00	5.768,00
20	História da Filosofia	—	—	—	—	—	—	—	30.940,00	30.940,00
21	História e Filosofia da Educação	—	—	—	—	—	2.125,00	256,00	—	2.381,00
22	Língua e Literatura Alemã	—	—	—	—	—	2.788,50	744,00	—	744,00
23	Língua e Literatura Brasileira	—	—	—	—	—	—	—	—	2.788,50
24	Língua e Literatura Espanhola	—	—	—	—	—	—	—	—	—
25	Língua e Literatura Espanhola	—	—	—	—	—	—	—	—	—
26	Língua e Literatura Francesa	—	—	—	—	—	—	—	—	—
27	Língua e Literatura Grega	—	—	—	—	—	—	—	—	—
28	Língua e Literatura Inglesa	—	—	—	—	—	—	—	—	—
29	Língua e Literatura Italiana	—	—	—	—	—	—	—	—	—
30	Língua e Literatura Latina	—	—	—	—	—	2.840,00	512,00	8.000,00	12.606,00
31	Língua e Literatura Portuguesa	—	—	—	—	—	—	—	6.426,00	9.778,00
32	Matemática (5 cadeiras)	—	—	—	—	—	—	—	—	—
33	Mineralogia e Petrografia	2.900,00	—	5.917,00	—	—	24.148,70	256,00	70.644,00	70.644,00
34	Política	—	—	—	—	—	—	—	—	—
35	Psicologia Educacional	—	—	—	—	—	—	—	—	—
36	Psicologia	—	—	—	—	—	—	—	—	—
37	Química (3 cadeiras)	—	—	5.863,00	—	—	253.645,40	6.224,00	63.380,00	63.380,00
38	Sociologia I	—	—	—	—	—	—	—	—	—
39	Sociologia II	—	—	—	—	—	—	—	—	—
40	Zoologia	—	—	68,00	—	—	33.947,30	256,00	70.377,00	256,00
SEÇÕES ADMINISTRATIVAS										
41	Diretoria, Administração Geral	180,00	—	5.939,40	—	—	—	—	—	226.371,70
42	Multith	—	—	319,00	—	—	—	—	—	5.939,40
43	Contabilidade	15.552,00	—	32.329,10	—	—	—	—	—	17.535,00
44	Almoxarifado	398.246,10	120.522,10	168,00	2.999,20	—	—	—	—	555.180,50
45	Biblioteca Central	—	—	—	—	—	—	—	—	3.768,00
46	Expediente	—	—	—	—	—	—	—	—	2.560,00
47	Portaria	—	—	—	—	—	—	—	—	2.560,00
48	Protocolo	—	—	1.500,00	—	—	—	—	—	9.702,00
49	Seção do Pessoal	—	—	4.195,30	—	—	—	—	—	4.951,30
50	Publicações	—	—	—	—	—	—	—	—	512,00
51	Secretaria	—	—	—	—	—	—	—	—	512,00
52	Tesouraria	—	—	—	—	—	—	—	—	256,00
53	Grêmios	—	—	—	—	—	—	—	—	420,00
S O M A S		429.441,10	120.522,10	165.347,80	63.101,70	2.999,20	620.045,90	208.790,00	756.386,50	2.366.634,30

NOTAS — (*) A importância, na Diretoria, corresponde à compra de 150 becas para alunos e 5 para Professores-Visitantes.
 (**) A importância, na Diretoria, corresponde à compra de café e açúcar, assim distribuída: Prédio da Al. Glette, Cr\$ 23.400,00 - Prédios da R. Maria Antônia, Cr\$ 39.701,70.

Diretor
E. Simões de Paula
Visto

Contabilidade

Jack Frederick Gebara



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

APLICAÇÃO DAS VERBAS SEGUNDO A SUA NATUREZA, UTILIZADAS PELAS CADEIRAS, DEPARTAMENTOS E SEÇÕES ADMINISTRATIVAS

DESPESAS DIVERSAS

	Despesas com material e instrumentos	Despesas com café e lanches	Serviços de limpeza e lavagem de roupas	Despesas com jornais e encadernações de documentos de expediente	Despesas com temporizações	Aluguéis	Prêmios de seguros	Despesas com bancas examinadoras	Despesas com serviços funerários e legats	Serviço de biótipos, viduários, móveis, aparelhos, materiais e máquinas	Serviços de conservação de prédios (pinturas, reparos, adaptações)	Despesas com correspondência, transportes, com geral	Bolsas de estudos	Custos de viagens e excursões científicas	Custos de cursos especializados, concursos e serviços de taquigrafia	Subvenção ao Grêmios	Crédito especial	Água, gás, energia elétrica	TOTAL																
C A D E I R A S																																			
1	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	5.000,00																
2	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	17.553,00																
3	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	51.350,00																
4	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	50.600,00																
5	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
6	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
7	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
8	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
9	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
10	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
11	7.200,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
12	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
13	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
14	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
15	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
16	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
17	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
18	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
19	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
20	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
21	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
22	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
23	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
24	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
25	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
26	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
27	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
28	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
29	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
30	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
31	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
32	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
33	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
34	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
35	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
36	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
37	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
38	7.200,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
39	3.600,00	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
40	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
SEÇÕES ADMINISTRATIVAS																																			
41	---	6.328,40	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
42	14.584,00	---	18.700,00	---	11.737,50	---	47.711,80	75.000,00	15.769,60	53.432,00	136.347,80	---	104.000,00	---	20.300,00	---	---	---	692.145,70																
43	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
44	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
45	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
46	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
47	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
48	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
49	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
50	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
51	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
52	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
53	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---																
S O M A S																	50.584,00	6.328,40	21.100,00	4.400,00	11.737,50	120.000,00	47.711,80	75.000,00	15.769,60	95.714,00	136.347,80	45.519,00	104.000,00	671.650,00	21.115,00	16.000,00	650.000,00	188.234,60	2.281.181,70

Visto
E. Simões de Paula
Diretor

Contabilidade, fevereiro de 1952

Jack Frederick Gebara
Chefe



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
I - SECÇÕES E CURSOS	9
II - CORPO DOCENTE	15
Professôres	17
Livre-docentes	21
Assistentes	21
Assistentes efetivos oriundos do antigo Instituto de Educação	26
Auxiliares de ensino	27
III - ABERTURA DOS CURSOS	31
Saudação ao Prof. Dr. João Dias da Silveira, por ocasião de sua recepção pela Congregação como catedrático, pelo Prof. Dr. Aroldo de Azevedo	33
Aula inaugural do Prof. Dr. João Dias da Silveira ...	35
IV - ENCERRAMENTO DOS CURSOS	45
Relação dos diplomados	47
Discurso do paraninfo, Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula	50
Discurso do orador da turma, Lic. Renato Jardim Mo- reira	56
V - MOVIMENTO ESCOLAR	61
Concurso de habilitação	63
Alunos matriculados	64
Cursos noturnos	67
Comissionamentos	67

VI - CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO E CONGREGAÇÃO	69
Curso de Letras Orientais	72
Projeto de um Centro Internacional de Estudos Urbanos	74
Resolução sobre normas a serem adotadas quanto aos professôres estrangeiros e ao intercâmbio cultural..	79
VII - CONCURSOS	83
Concurso de História da Civilização Moderna e Contemporânea	86
Concursos de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva; Complementos de Geometria e Geometria Superior; e Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática	91
Concurso de Filologia Românica	100
Concurso de Geografia Humana	104
Concurso de Livre-docência de Botânica	113
Concurso de Livre-docência de Biologia Geral	115
VIII - DOUTORAMENTOS	123
Mafalda Zemella	125
José Moacir Viana Coutinho	127
Luiz Henrique Jacy Monterio	130
Elina de Oliveira Santos	131
Maria José de Barros Fornari Aguirre	133
José Francisco de Camargo	134
Hélio Schlittler Silva	135
Florestan Fernandes	138
Laerte Ramos de Carvalho	145
IX - IN MEMORIAN DOS PROFS. ALUÍSIO DE FARIA COIMBRA, ROLDÃO LOPES DE BARROS E OTONIEL MOTA	149
Prof. Aluísio de Faria Coimbra	151
Discurso do Prof. Pedro de Almeida Moura	151
Discurso do Ass. José Lazzarini Junior	153
Oração em Congregação pelo Prof. Mário Pereira de Sousa Lima	154
Prof. Roldão Lopes de Barros	163
Discurso do Prof. J. Querino Ribeiro	164
Oração em Congregação pelo Prof. Milton da Silva Rodrigues	165
Prof. Otoniel Mota	169

X - "CURRICULA VITAE" DOS NOVOS PROFESSORES	173
Prof. Ary França	175
Prof. Benedito Castrucci	176
Prof. Cândido Lima da Silva Dias	177
Prof. Eduardo d'Oliveira França	178
Prof. Fernando Furquim de Almeida	179
Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior	180
Prof. David Bohm	181
Prof. Pierre Hawelka	182
XI - CONCESSÃO DO TÍTULO DE DOUTOR "HONORIS CAUSA" AO PROF. ROGER BASTIDE	185
Discurso do Prof. Antônio Carlos Cardoso, Vice-Reitor da Universidade de São Paulo	189
Discurso do Prof. Fernando de Azevedo	191
Discurso do Prof. Roger Bastide	199
XII - ATIVIDADES DAS CADEIRAS E DEPARTAMENTOS	205
Administração Escolar e Educação Comparada	207
Didática Geral e Especial	210
Economia Política e História das Doutrinas Econômicas	212
Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani	214
Filologia e Língua Portuguesa	217
Filologia Românica	219
Filosofia	220
História da Civilização Americana	222
História da Civilização Antiga e Medieval	224
História da Civilização Brasileira	226
História da Civilização Moderna e Contemporânea ..	228
História da Filosofia	232
História e Filosofia da Educação	233
Língua e Literatura Alemã	235
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	239
Língua e Literatura Francesa	243
Língua e Literatura Grega	248
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana	251
Língua e Literatura Italiana	253
Língua e Literatura Latina	257
Literatura Brasileira	257
Literatura Brasileira	259
Literatura Portuguesa	261
Psicologia	264
Psicologia Educacional	266
Departamento de Biologia Geral	270

Departamento de Botânica	273
Departamento de Estatística	277
Departamento de Física	281
Departamento de Fisiologia Geral e Animal	287
Departamento de Geografia	299
Departamento de Geologia e Paleontologia	303
Departamento de Matemática	307
Departamento de Mineralogia e Petrografia	310
Departamento de Química	314
Departamento de Sociologia e Antropologia	325
Departamento de Zoologia	332
XIII - CONGRESSOS CIENTÍFICOS	335
VI Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros	337
I Congresso Sul-Americano de Petróleo	338
I Conferência Nacional de Estudos sôbre a articulação do Ensino Médio e Superior	343
I Congresso Brasileiro de Folclore	343
XVI Congresso da União Internacional de Química, Congresso da "American Chemical Society", "Conference on Organic Sulfur Chemistry"	345
V Congresso Brasileiro de Geologia	348
IV Congresso Normalista de Educação	350
III Congresso Pan-Americano de Geologia	351
III Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência	352
XIV - INTERCÂMBIO CULTURAL	355
Professôres e assistentes em missão cultural	357
Professôres visitantes	361
Professôres e outras personalidades que colaboraram com a Faculdade em 1951	370
Conferências e Seminários	376
Bolsistas da Faculdade	378
Bolsistas da Reitoria	379
Alunos visitantes	381
Colaboração da Faculdade com outras instituições	381
Com outros Institutos Universitários	381
Curso de Fisiologia Comparada, de Biologia dos Moluscos e de Microquímica prática	381
Colaboração com a Secretaria da Educação	385
Curso de Férias	386
Colaboração com Associações Culturais	388
Fundação Rockefeller	388

XV - CURSOS LIVRES	389
Curso livre de Língua e Literatura Hebraica	391
Curso livre de História da Arte	392
XVI - PUBLICAÇÕES	395
Boletins	397
Outras publicações culturais	399
Publicações informativas	400
Multilith	400
XVII - BIBLIOTECAS	401
XVIII - ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS E ANTIGOS ALUNOS.	405
Associação dos ex-alunos de Química	407
APÊNDICE	409
Alunos matriculados em 1951	411
Diplomados pela Faculdade, de 1936 a 1951	425
Dotação orçamentária	448



Esta edição de dois mil exemplares, do Anuário de 1951 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi feita pela Secção de Publicações da mesma Faculdade, composta e impressa pela Indústria Gráfica José Magalhães Ltda., Rua Spartaco, 215, São Paulo, e teve sua impressão terminada a 24 de março de 1953

° Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Indústria Gráfica José Magalhães Ltda., à rua Spartaco, 215, São Paulo



